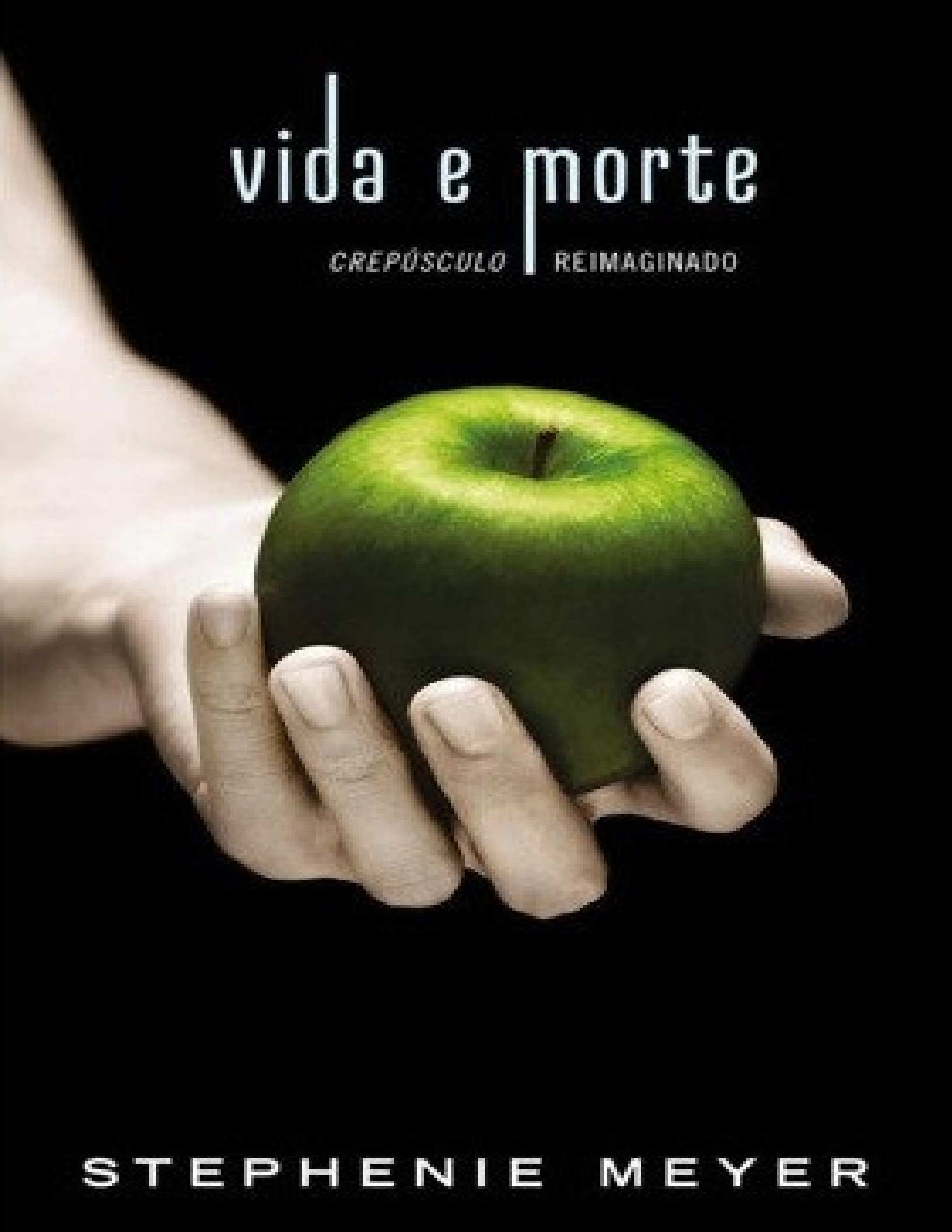
vida e morte

CREPÚSCULO REIMAGINADO



STEPHENIE MEYER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

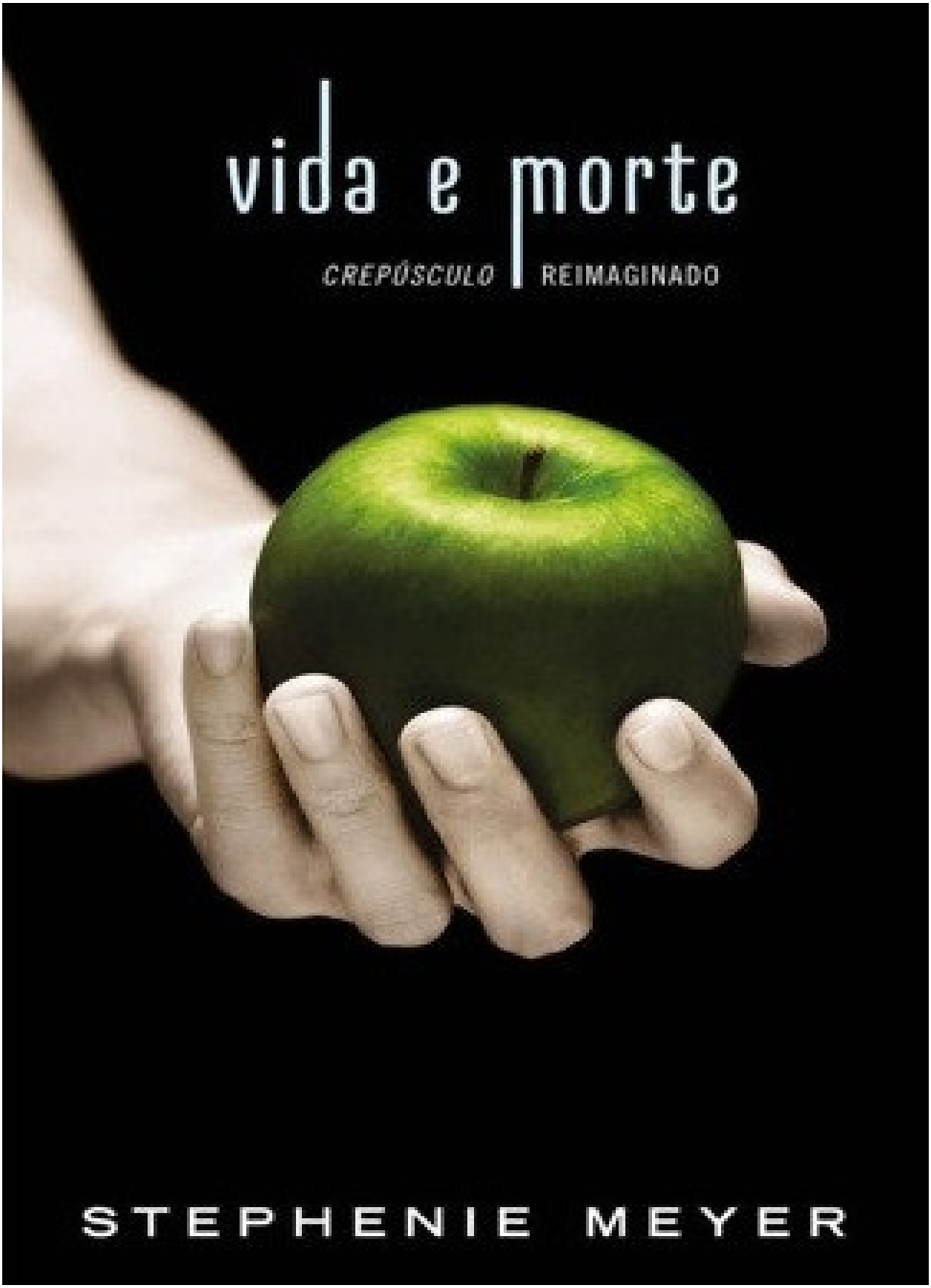
Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

vida e morte

Crepúsculo Reimaginado



STEPHENIE MEYER

Vida e Morte

Stephenie Meyer

2015

A todos os meus maravilhosos amigos e leitores:
Feliz aniversário de 10 anos! É difícil acreditar que faz tanto tempo que tudo começou. Mas meus filhos, que eram bebês, hoje são adolescentes enormes, então não dá para escapar da verdade.
Obrigada pelos dez anos de aventuras que superaram até as maiores expectativas que eu poderia ter para minha vida. Eu sou uma pessoa extremamente comum, mas minha experiência com vocês, fãs, me fez acreditar – pelo menos um pouquinho – em magia.
Para celebrar esse marco, inseri um bônus para que vocês possam aproveitar ainda mais o universo de Crepúsculo *(e, no típico jeito Stephenie Meyer de ser, o bônus é maior que o original). Vocês encontrarão* Vida e morte. *Eu adorei revisitar Forks e espero que com vocês aconteça o mesmo.*
Vocês são fantásticos, amo vocês.

Obrigada!

Stephenie

Para meus garotos, Gabe, Seth e Eli,
por me deixarem participar da experiência de ser um garoto adolescente.
Eu não teria conseguido escrever este livro sem vocês.

PREFÁCIO

Oi, Querido Leitor!

Mais uma vez, feliz aniversário, e bem-vindo ao novo extra em comemoração aos dez anos da primeira edição original de *Crepúsculo*!

Mas uma coisa de cada vez:

SINTO MUITÍSSIMO.

Sei que vai haver muito choro e ranger de dentes porque este novo material adicional (A) não é totalmente novo e, principalmente, porque (B) não é *Midnight Sun*. (Se você está achando que eu não entendo sua dor, garanto que minha mãe já deixou isso bem claro para mim.) Vou explicar como este extra surgiu e espero que a explicação torne as coisas, se não melhores, ao menos compreensíveis.

Pouco tempo atrás, minha agente me procurou e perguntou se havia alguma coisa que eu pudesse fazer para o relançamento em homenagem ao aniversário de dez anos de *Crepúsculo*. A editora estava querendo algum tipo de prefácio ou uma carta de "feliz aniversário". Eu achei… Bom, para ser sincera, achei bem sem graça. O que eu poderia escrever que fosse divertido e empolgante? Nada. Então, pensei em outras possibilidades, e, se faz você se sentir melhor, eu até pensei em *Midnight Sun*. O problema era o tempo: não havia tempo. Sem dúvida, não o bastante para escrever um livro, nem mesmo meio livro.

Enquanto eu refletia sobre *Crepúsculo* depois de tanto tempo longe da história e discutia o problema do aniversário com amigos, comecei a pensar em algo que eu falava antigamente, em sessões de autógrafo e entrevistas. Bella sempre foi muito censurada por ser salva em várias ocasiões, e as pessoas a acusavam de ser a típica *donzela em apuros*. A isso, sempre respondi que Bella é uma *humana em apuros*, um ser humano normal cercado de todos os lados por pessoas que são basicamente super-heróis ou supervilões. Ela também foi criticada por se deixar consumir demais pelo interesse amoroso, como se isso fosse exclusividade de meninas. Mas sempre defendi que não teria feito diferença se o humano fosse homem e o vampiro fosse mulher; ainda seria a mesma história. Deixando o gênero e a espécie de lado, *Crepúsculo* sempre foi uma história sobre a magia, a obsessão e o frenesi do primeiro amor.

Então pensei: *E se eu testasse essa teoria? Poderia ser divertido.* Como costuma acontecer comigo, comecei acreditando que faria um ou dois capítulos. (É engraçado/triste o fato de que ainda não me conheço bem.) Lembra que falei que não havia tempo? Felizmente, este projeto, além de ser divertido, foi rápido e fácil. Acontece que não tem tanta diferença entre uma humana apaixonada por

um vampiro e um humano apaixonado por uma vampira. E foi assim que Beau e Edythe nasceram.

Algumas observações sobre a adaptação:

1. Inverti o gênero de todos os personagens de *Crepúsculo*, mas há duas exceções.

• A maior é com Charles e Renée, que continuaram sendo Charles e Renée. O motivo é o seguinte: Beau nasceu em 1987. Era raro um pai ganhar a guarda de uma criança na época, mais raro ainda se fosse de um bebê. Seria necessário provar que a mãe era incapaz de alguma forma. Tenho dificuldade de acreditar que algum juiz da época (ou mesmo de agora) confiaria a criança a um pai ausente e desempregado, em vez de a uma mãe com emprego fixo e fortes laços comunitários. Claro, atualmente, se Charlie lutasse por Bella, talvez conseguisse tirá-la de Renée. Assim, o cenário menos improvável é o que acontece em *Crepúsculo*. O fato de que, algumas décadas atrás, os direitos da mãe eram considerados mais importantes que os do pai, assim como o fato de que Charlie não é do tipo vingativo, tornaram possível que Renée criasse Bella… e, nesse caso, agora, Beau.

• A segunda exceção é muito pequena, referente a alguns poucos personagens secundários mencionados apenas duas vezes. O motivo é meu equivocado senso de justiça por pessoas fictícias. Houve dois personagens no universo de *Crepúsculo* tratados injustamente ao longo da história. Então, em vez de mexer nesses personagens, dei a eles uma *virada*. Nada que acrescente à trama. Foi só uma questão minha, eu sendo estranha e cedendo à minha neurose.

2. Há bem mais mudanças no texto do que o fato de Beau ser homem tornaria necessário, então pensei em detalhá-las para vocês. As estimativas a seguir são aproximadas, é claro. Não contei todas as palavras que mudei e nem fiz nenhum cálculo de verdade.

• 5% das mudanças foram feitas porque Beau é um garoto.

• 5% das mudanças foram feitas porque a personalidade de Beau se desenvolveu de forma um pouco diferente da de Bella. As maiores diferenças são que ele tem mais TOC, não se expressa nem pensa com tantos floreios e não é tão irritado; ele não tem a raiva do mundo que Bella sente o tempo todo.

• 70% das mudanças ocorreram porque me deixaram mexer no texto dez anos depois. Pude consertar quase todas as palavras que me incomodavam desde que o livro foi impresso, *e isso foi glorioso*.

• 10% foram coisas que desejei ter feito da primeira vez, mas que não me ocorreram na época. Pode parecer a mesma justificativa do item anterior, mas é ligeiramente diferente. Não é o caso de uma palavra que pareça errada ou fora do lugar, e sim de uma ideia que eu queria ter explorado antes ou de conversas que

deviam ter acontecido, mas não aconteceram.
• 5% foram questões de mitologia (erros, na verdade), a maioria relacionada a visões. Quando fui trabalhar nas sequências de *Crepúsculo* e até em *Midnight Sun*, em que pude olhar dentro da cabeça de Alice a partir da perspectiva de Edward, a forma como as visões de Alice funcionavam foi refinada. Elas eram mais místicas em *Crepúsculo*, e, ao avaliar isso agora, vi que Alice poderia ter sido envolvida em situações nas quais não foi. Ops.
• Isso deixa uma sobra de 5% de miscelânea, para mudanças variadas, cada uma por um motivo diferente e, sem dúvida, egoísta.
Espero que você se divirta com a história de Beau e Edythe, apesar de não ser o que estava esperando. Eu me *diverti muito* criando esta nova versão. Amo Beau e Edythe loucamente. Não previ isso, e a história deles, para mim, renovou o mundo fictício de Forks e o deixou feliz de novo. Espero que também seja assim para você. Se você tiver um décimo do prazer que tive com esta história, vai ter valido a pena.
Obrigada por ler. Obrigada por fazer parte desse mundo, e obrigada por ser uma fonte tão incrível e inesperada de alegria na minha vida nessa última década.

Com amor,

Stephenie

Se o destino dele é estranho, também é sublime.
Júlio Verne,
Vinte mil léguas submarinas

PRÓLOGO

NUNCA PENSEI MUITO em como morreria — embora nos últimos meses tivesse motivos suficientes para isso —, mas, mesmo que tivesse pensado, não teria imaginado que seria assim.

Olhei fixamente através do grande salão, dentro dos olhos escuros da caçadora, e ela retribuiu satisfeita o meu olhar.

Sem dúvida era uma boa forma de morrer, no lugar de outra pessoa, de alguém que eu amava. Nobre, até. Isso devia contar para alguma coisa.

Eu sabia que, se nunca tivesse ido a Forks, agora não estaria prestes a morrer. Mas, embora estivesse apavorado, não conseguia me arrepender da decisão. Quando a vida lhe oferece um sonho muito além de todas as suas expectativas, é irracional se lamentar quando isso chega ao fim.

A caçadora sorriu de um jeito simpático enquanto avançava para me matar.

1. À PRIMEIRA VISTA

17DE JANEIRO DE2005

Minha mãe me levou ao aeroporto com as janelas do carro abertas. Apesar de ser janeiro em todos os lugares, fazia 24 graus em Phoenix, e o céu era de um azul intenso. Eu estava usando minha camiseta preferida — a do Monty Python, com as andorinhas e o coco, que minha mãe me deu dois Natais antes. Não cabia mais direito, mas isso não importava. Eu não precisaria mais de camisetas em pouco tempo.

Na península Olympic, no noroeste do estado de Washington, há uma cidadezinha chamada Forks, quase constantemente debaixo de uma cobertura de nuvens. Chove mais nessa cidade insignificante do que em qualquer outro lugar dos Estados Unidos. Foi desse lugar e de suas sombras melancólicas que minha mãe fugiu comigo quando eu tinha apenas alguns meses de idade. Nessa cidade, eu fui obrigado a passar um mês a cada verão até ter 14 anos. Foi então que finalmente dei um ultimato. Nos últimos três verões, meu pai, Charlie, passou duas semanas de férias comigo na Califórnia.

Mas, de alguma forma, acabei exilado em Forks pelo resto dos meus dias de escola. Um ano e meio. Dezoito meses. Parecia uma sentença de prisão. Dezoito meses, em um presídio de segurança máxima. Quando bati a porta do carro ao sair, o barulho foi como o das grades sendo trancadas.

Eu sei, estou sendo meio melodramático. Tenho imaginação hiperativa, como minha mãe gostava de dizer. E, claro, a escolha foi minha. Exílio autoimposto.

O que não tornava as coisas mais fáceis.

Eu adorava Phoenix. Adorava o sol, o calor seco e a cidade grande e esparramada. E adorava morar com minha mãe, onde eu era necessário.

— Você não precisa fazer isso — disse ela pela centésima vez antes de eu chegar ao posto de segurança.

Minha mãe diz que somos tão parecidos que eu poderia usá-la como espelho para me barbear. Não é totalmente verdade, apesar de eu não me parecer em nada com meu pai. O queixo dela é pontudo e os lábios são grossos, bem diferente dos meus, mas temos exatamente os mesmos olhos. Nela, são infantis, grandes e azul-claros, o que a faz parecer minha irmã, em vez de mãe. Ouvimos isso o tempo todo e, apesar de fingir não gostar, ela adora. Em mim, o azul-claro fica menos juvenil e mais… indeciso.

Ao olhar para aqueles olhos grandes e preocupados, tão parecidos com os meus,

senti pânico. Eu cuidava da minha mãe desde sempre. Ah, claro que deve ter havido uma época, provavelmente quando eu ainda usava fralda, em que eu não era responsável pelas contas e nem pela papelada e nem pela cozinha e nem pelo equilíbrio de um modo geral, mas eu não conseguia me lembrar desse tempo.
Abandonar minha mãe cuidando de si mesma sozinha era mesmo a coisa certa a fazer? Pareceu ser, ao menos durante os meses em que lutei para chegar a essa decisão. Mas agora parecia completamente errado.
É claro que de uns tempos para cá ela tem o Phil, então as contas provavelmente serão pagas na data de vencimento, haverá comida na geladeira, gasolina no carro e alguém para quem ela vai poder ligar quando se perder… Ela não precisa mais tanto de mim.
— Eu *quero* ir — menti. Nunca menti bem, mas vinha contando essa mesma mentira com tanta frequência ultimamente que agora parecia quase convincente.
— Diga a Charlie que mandei lembranças.
— Vou dizer.
— Verei você em breve — prometeu ela. — Pode vir para casa quando quiser… Eu volto assim que você precisar de mim.
Mas eu sabia o quanto lhe custaria fazer isso.
— Não se preocupe comigo — insisti. — Vai ser ótimo. Eu te amo, mãe.
Ela me abraçou com força por um minuto, depois passei pelos detectores de metal e ela se foi.
De Phoenix até Seattle são três horas de voo, mais uma hora em um pequeno avião até Port Angeles, e depois uma hora de carro até Forks. Voar nunca me incomodou; a hora no carro com Charlie, porém, era meio preocupante.
Charlie foi bem legal com tudo. Parecia realmente satisfeito que eu, pela primeira vez, fosse morar com ele por um período mais longo. Já tinha feito minha matrícula na escola e ia me ajudar a comprar um carro.
Mas ia ser estranho. Não éramos o que se chamaria de extrovertidos — talvez essa seja uma característica necessária para alguém conviver com minha mãe. Além do mais, o que havia para ser dito? Eu nunca escondi o que achava de Forks.
Quando pousei em Port Angeles, estava chovendo. Não foi um presságio, só era inevitável. Eu já tinha dado adeus ao sol.
Charlie me aguardava na radiopatrulha. Eu também esperava por isso. Charlie é o chefe de polícia Swan para o bom povo de Forks. Minha principal motivação por trás da compra de um carro, apesar da verba extremamente escassa, era que eu odiava andar pela cidade em um carro com luzes vermelhas e azuis no teto. Nada deixa o trânsito mais lento do que um policial.
Saí cambaleando do avião direto para Charlie e um desajeitado abraço de um

braço só.
— É bom ver você, Beau — disse ele, sorrindo enquanto automaticamente me ajudava a me firmar. Demos tapinhas nas costas um do outro, constrangidos, depois demos um passo para trás. — Você não mudou muito. Como está a Renée?
— Mamãe está ótima. É bom ver você também, pai. — Eu não podia chamá-lo de Charlie na frente dele.
— Você está bem mesmo com a ideia de deixá-la?
Nós dois entendíamos que essa pergunta não era sobre minha felicidade pessoal. Era para saber se eu estava desviando da responsabilidade de cuidar dela. Foi por esse motivo que Charlie nunca brigou com minha mãe pela minha guarda; ele sabia que ela precisava de mim.
— Estou. Eu não estaria aqui se não tivesse certeza.
— Tudo bem.
Eu tinha só duas bolsas esportivas. A maior parte das minhas roupas do Arizona era leve demais para o clima de Washington. Minha mãe e eu havíamos juntado nossos recursos para complementar meu guarda-roupa de inverno, mas ainda não era muita coisa. Eu podia carregar as duas bolsas, mas Charlie insistiu em levar uma.
Isso tirou um pouco meu equilíbrio; não que eu tivesse muito, principalmente depois do pico de crescimento. Meu pé se prendeu na beirada da porta de saída, e a bolsa acertou o cara que estava tentando entrar.
— Ah, desculpe.
O cara não era muito mais velho do que eu e era bem mais baixo, mas veio para cima de mim com o queixo erguido. Consegui ver tatuagens nos dois lados do pescoço. Uma mulher pequena com o cabelo tingido de preto olhou para mim de forma ameaçadora ao lado dele.
— *Desculpe?* — repetiu ela, como se meu pedido de desculpas tivesse sido ofensivo.
— Hã, é.
E então, a mulher reparou em Charlie, que estava de uniforme. Charlie não precisou nem dizer nada. Ele só olhou para o sujeito, que deu meio passo para trás e de repente pareceu bem mais jovem, e depois para a garota, cujos lábios vermelhos grudentos faziam beicinho. Sem dizer uma palavra, eles desviaram de mim e entraram no pequeno terminal.
Charlie e eu demos de ombros ao mesmo tempo. Era engraçado como tínhamos alguns maneirismos iguais mesmo não passando muito tempo juntos. Talvez fosse genético.
— Achei um bom carro para você, baratinho — anunciou Charlie quando já

estávamos de cinto e a caminho de casa.
— Que tipo de carro? — perguntei, desconfiado do modo como ele disse “um bom carro para *você*” em vez de simplesmente “um bom carro”.
— Bom, na verdade é uma picape, um Chevy.
— Onde o achou?
— Se lembra da Bonnie Black, de La Push? — La Push é a pequena reserva indígena no litoral próximo.
— Não.
— Ela e o marido costumavam pescar com a gente no verão — incentivou Charlie.
Isso explicava por que eu não me lembrava dela. Eu era bastante competente em bloquear da minha memória coisas dolorosas.
— Ela agora está numa cadeira de rodas — continuou Charlie quando eu não respondi —, não pode mais dirigir, e ofereceu a picape por um preço baixo.
— De que ano é? — Pude ver, pela mudança na expressão dele, que era a pergunta que ele esperava que eu não fizesse.
— Bom, a Bonnie mandou fazer muita coisa no motor… Na realidade, só tem alguns anos.
Ele achava que eu desistiria com tanta facilidade?
— Quando foi que ela comprou?
— Comprou em 1984, eu acho.
— Ela a comprou nova?
— Bom, não. Acho que era nova no início dos anos 60… Ou final dos anos 50, no máximo — admitiu ele timidamente.
— Cha… Pai, eu não entendo nada de carros. Não conseguiria consertar nada que quebrasse, e não posso pagar um mecânico…
— Falando sério, Beau, o troço funciona muito bem. Não fazem mais carros assim.
O troço, pensei comigo mesmo… A palavra vinha carregada de possibilidades, como apelido, na melhor das hipóteses.
— É barata, barata mesmo? — Afinal, essa era a parte determinante.
— Bom, filho, já está meio que comprado para você. Como um presente de boas-vindas. — Charlie me olhou de lado com uma expressão esperançosa.
Caramba. De graça.
— Não precisava fazer isso, pai. Eu mesmo ia comprar um carro.
— Tudo bem. Quero que você seja feliz aqui.
Ele estava olhando para a estrada à frente ao dizer isso. Charlie nunca ficava à vontade quando se tratava de externar as emoções em voz alta. Mais uma coisa que tínhamos em comum. Então fiquei olhando para a frente quando respondi.

— Isso é demais, pai. Eu agradeço muito. — Não era necessário acrescentar que ele estava falando sobre impossibilidades. Não ajudaria em nada fazê-lo sofrer junto comigo. E a picape dada não se olham os dentes, nem o motor.
— Não foi nada — murmurou ele, constrangido com minha gratidão.
Trocamos mais alguns comentários sobre o clima, que estava úmido, e a maior parte da conversa não passou disso. Ficamos olhando pela janela.
Acho que o lugar devia ser lindo. Tudo era verde: as árvores cobertas de musgo, tanto os troncos quanto os galhos, a terra coberta de samambaias. Até o ar ficava verde ao ser filtrado pelas folhas.
Era verde demais — um planeta alienígena.
Por fim chegamos à casa de Charlie. Ele ainda morava na casinha de dois quartos que comprara com minha mãe nos primeiros tempos de seu casamento. Aqueles foram os únicos tempos que o casamento teve — os primeiros. Ali, estacionada na rua na frente da casa que nunca mudava, estava minha nova — bom, nova para mim — picape. Era de um vermelho desbotado, com para-lamas grandes e arredondados e uma cabine bulbosa.
E eu adorei. Eu não era o tipo de cara que curtia carros, então fiquei meio surpreso com minha própria reação. Eu nem sabia se ia funcionar, mas podia me ver nela. Além disso, era um daqueles monstros sólidos que não quebram nunca — do tipo que se vê na cena de um acidente, a pintura sem um arranhão, cercado pelas peças do carro importado que foi destruído.
— Caramba, pai, é incrível! Obrigado! — Entusiasmo de verdade agora. Além de a picape ser estranhamente legal, eu agora não teria que andar três quilômetros na chuva até a escola de manhã. Nem teria que aceitar uma carona na radiopatrulha, que era a pior perspectiva de todas.
— Que bom que você gostou — disse Charlie rudemente, de novo sem graça.
Apenas uma viagem foi necessária para levar minhas coisas para cima. Fiquei com o quarto do lado oeste, que dava para o jardim da frente. O quarto era familiar; me pertencia desde que nasci. O piso de madeira, as paredes azul-claras, o teto pontiagudo, as cortinas surradas quadriculadas azuis e brancas na janela — tudo isso fazia parte da minha infância. As únicas mudanças que Charlie fizera foram trocar o berço por uma cama e acrescentar uma escrivaninha, à medida que eu crescia. A mesa agora tinha um computador de segunda mão, com a linha telefônica para o modem grampeada pelo chão até a tomada de telefone mais próxima. Isso foi uma das exigências da minha mãe, assim poderíamos manter contato facilmente. A cadeira de balanço de meus tempos de bebê ainda estava no canto.
Só havia um banheiro pequeno no segundo andar, que eu teria que dividir com Charlie, mas eu já dividia com minha mãe antes, e sem dúvida era pior. Ela tinha

bem mais coisas, e resistia bravamente às minhas tentativas de organizar tudo.
Uma das melhores coisas em Charlie é que ele não fica rondando a gente. Deixou-me sozinho para desfazer as malas e me acomodar, o que teria sido impossível para minha mãe. Era legal ficar sozinho, sem ter que sorrir e parecer à vontade; um alívio olhar pela janela para a chuva forte e deixar os pensamentos ficarem sombrios.
A Forks High School tinha apenas 357 — agora 358 — alunos; em Phoenix, havia mais de setecentas pessoas só do meu ano. Todos os jovens daqui foram criados juntos — seus avós engatinharam juntos. Eu seria o garoto novo da cidade grande, para quem todos olhariam fixamente e sobre quem cochichariam.
Talvez, se fosse um garoto descolado, eu pudesse fazer com que isso funcionasse a meu favor. Se chegasse com jeitão popular, de rei do baile. Mas não dava para esconder o fato de que eu não era *esse cara*, nem o astro do futebol americano, nem o presidente da turma, nem o *bad boy* de moto. Eu era o garoto com cara de que devia ser bom no basquete, mas só até eu começar a andar. O garoto que era empurrado em armários até crescer vinte centímetros de repente no primeiro ano. O garoto que era quieto demais e branco demais, que não sabia nada sobre videogames e sobre carros e nem estatísticas de beisebol e nem nada que deveria conhecer.
Diferentemente dos outros caras, eu não tinha um monte de tempo livre para hobbies. Eu tinha um orçamento para controlar, um ralo entupido para desbloquear e compras da semana para fazer.
Ou costumava ter.
Por isso, não me relacionava bem com as pessoas da minha idade. Talvez a verdade fosse que eu não me relacionava bem com as pessoas, ponto final. Até a minha mãe, de quem eu era mais próximo do que de qualquer outra pessoa do planeta, nunca me entendeu de verdade. Às vezes eu me perguntava se via as mesmas coisas que o resto do mundo. Se o que eu via como verde era o que todo mundo via como vermelho. Talvez eu sentisse cheiro de vinagre quando as pessoas estivessem sentindo cheiro de coco. Talvez houvesse um problema no meu cérebro.
Mas não importava a causa. Só o que importava era o efeito. E amanhã seria só o começo.

***

Não dormi bem naquela noite, mesmo depois de conseguir fazer a cabeça parar de trabalhar. Ao fundo o ruído constante da chuva e do vento no telhado não desaparecia. Puxei o velho cobertor sobre a cabeça e mais tarde coloquei

também o travesseiro. Mas só consegui dormir depois da meia-noite, quando a chuva finalmente se aquietou num chuvisco mais silencioso.
Só o que eu conseguia ver pela minha janela de manhã era uma neblina densa, e sentia a claustrofobia rastejando em minha direção. Nunca dava para ver o céu aqui; era como a cela de prisão que imaginei.
O café da manhã com Charlie foi silencioso. Ele me desejou boa sorte na escola. Agradeci, sabendo que as esperanças dele eram perda de tempo. A boa sorte geralmente me evitava. Charlie saiu primeiro para a delegacia, que era sua esposa e sua família. Depois que ele partiu, fiquei sentado à velha mesa quadrada de carvalho, em uma das três cadeiras que não combinavam, e observei a pequena cozinha, com as paredes escuras revestidas de madeira, armários de um amarelo vivo e piso de linóleo branco. Nada havia mudado. Minha mãe tinha pintado os armários dezoito anos antes numa tentativa de colocar algum raio de sol na casa. Acima da pequena lareira na microscópica sala adjacente, havia uma fileira de fotos. Primeiro, uma foto do casamento de Charlie e minha mãe em Las Vegas; depois, uma de nós três no hospital em que nasci, tirada por uma enfermeira prestativa, seguida pela procissão das minhas fotos de escola até aquele ano. Era constrangedor olhar aquilo: os cortes feios de cabelo, os anos de aparelho, a acne que finalmente sumiu. Eu teria de pensar no que poderia fazer para que Charlie as colocasse em outro lugar, pelo menos enquanto eu morasse aqui.
Ao observar a casa, era impossível não perceber que Charlie jamais superou a perda da minha mãe. Isso me deixou pouco à vontade.
Eu não queria chegar cedo demais na escola, mas não conseguia mais ficar ali. Vesti meu casaco — de plástico grosso e não respirável, como um traje de biossegurança — e saí para a chuva.
Ainda estava chuviscando, não o suficiente para me ensopar, enquanto peguei a chave da casa, sempre escondida debaixo do beiral, e tranquei a porta. O chapinhar das minhas novas botas impermeáveis era estranho. Senti falta do habitual esmagar de cascalho enquanto andava.
Dentro da picape estava agradável e seco. Bonnie, ou Charlie, obviamente tinha feito uma limpeza, mas os bancos com estofado caramelo ainda cheiravam levemente a tabaco, gasolina e hortelã. Para meu alívio o motor pegou rapidamente, mas era barulhento, rugindo para a vida e depois rodando em um volume alto. Bom, uma picape daquela idade teria suas falhas.
O rádio antigo funcionava, um bônus que eu não esperava.
Não foi difícil encontrar a escola; como a maioria dos lugares, ficava perto da rodovia. De cara, não pareceu que era uma escola; o que me deu a dica foi a placa, que dizia Forks High School. Era um conjunto de casas iguais, construídas

com tijolos marrons. Havia tantas árvores e arbustos que no início não consegui calcular seu tamanho. Onde estava o espírito da instituição?, eu pensei. Onde estavam as cercas de tela, os detectores de metal?
Estacionei perto do primeiro prédio, que tinha uma plaquinha acima da porta dizendo SECRETARIA. Ninguém mais havia estacionado ali, então eu certamente estava em local proibido, mas decidi me informar lá dentro em vez de ficar dando voltas na chuva feito um idiota.
Lá dentro, o ambiente era bem iluminado e mais quente do que eu imaginava. O escritório era pequeno; com uma salinha de espera com cadeiras dobráveis acolchoadas, carpete laranja manchado, recados e prêmios atravancando as paredes, um relógio grande tiquetaqueando alto. Havia plantas por toda parte em vasos grandes de plástico, como se não houvesse verde suficiente do lado de fora. A sala era dividida ao meio por um balcão comprido, abarrotado de cestos de arame cheios de papéis e folhetos de cores vivas colados na frente. Havia três mesas atrás do balcão; um homem redondo e careca de óculos estava sentado atrás de uma. Ele vestia uma camiseta, o que de imediato fez com que eu me sentisse vestido demais para aquele tempo.
O homem careca olhou para mim.
— Posso ajudá-lo?
— Sou Beau Swan — informei-lhe, e vi o reconhecimento imediato nos olhos dele. Eu era esperado, já assunto de fofoca. O filho do chefe de polícia, que tinha uma mãe desequilibrada, finalmente voltava para casa.
— É claro — disse ele. E cavucou uma pilha instável de documentos na mesa até encontrar o que procurava. — Seu horário está bem aqui, Beaufort, e há um mapa da escola. — Ele trouxe várias folhas ao balcão para me mostrar.
— Hã, só Beau, por favor.
— Ah, claro. Beau.
Ele indicou minhas salas de aula, destacando no mapa a melhor rota para cada uma delas, e me deu uma caderneta que cada professor teria que assinar e que eu teria que levar de volta no final do dia. Sorriu para mim e disse, como Charlie, que desejava que eu gostasse de Forks. Sorri também, da maneira mais convincente que pude.
Quando voltei à picape, outros alunos começavam a chegar. Dirigi pela escola, seguindo o trânsito. A maioria dos carros eram mais velhos que o meu, nada chamativos. Em Phoenix, eu morava em um dos poucos bairros de baixa renda incluídos no distrito de Paradise Valley. Era comum ver um Mercedes ou um Porsche novo no estacionamento dos alunos. O carro mais legal aqui era um Volvo prateado novinho, que se destacava. Ainda assim, desliguei o motor logo que cheguei a uma vaga, para que o barulho estrondoso não chamasse a atenção

para mim.
Olhei o mapa na picape, tentando agora memorizá-lo; esperava não ter que andar com ele diante do nariz o dia todo. Enfiei tudo na mochila, passei a alça no ombro e respirei bem fundo. *Não vai ser tão ruim*, menti para mim mesmo. Mas, falando sério, nem era uma situação de vida ou morte, era só a escola. Ninguém ia me morder. Por fim, soltei o ar e saí da picape.
Puxei o capuz por cima do rosto ao andar para a calçada, apinhada de adolescentes. Meu casaco preto e simples não chamava a atenção, como percebi com alívio, embora não houvesse muito que eu pudesse fazer em relação à minha altura. Encolhi os ombros e mantive a cabeça baixa.
Depois de chegar ao refeitório, foi fácil localizar o prédio três. Um grande "3" estava pintado em preto num quadrado branco no canto leste. Segui duas capas de chuva unissex pela porta.
A sala de aula era pequena. As pessoas na minha frente pararam junto à porta para pendurar os casacos em uma longa fileira de ganchos. Imitei-as. Havia duas meninas, uma loura com a pele cor de porcelana, a outra igualmente pálida, com cabelo castanho-claro. Pelo menos minha pele não se destacaria aqui.
Entreguei a caderneta à professora, uma mulher magra com pouco cabelo cuja mesa tinha uma placa identificando-a pelo nome, "Sra. Mason". Ela me encarou com surpresa quando viu meu nome — não foi uma reação que me encorajasse —, e consegui sentir o fluxo sanguíneo subir todo para o rosto, sem dúvida formando manchas horríveis nas minhas bochechas e no meu pescoço. Mas pelo menos ela me mandou sentar numa carteira vazia no fundo da sala, sem me apresentar à turma. Tentei me encolher atrás da mesinha da forma mais discreta possível.
Era mais difícil meus novos colegas ficarem me encarando lá atrás, mas de algum jeito eles conseguiram. Mantive os olhos baixos na bibliografia que a professora me dera. Era bem básica: Brontë, Shakespeare, Chaucer, Faulkner. Eu já tinha lido tudo. Isso era reconfortante… e entediante. Imaginei se minha mãe me mandaria minha pasta com os trabalhos antigos, ou se ela pensaria que isso era cola. Tive várias discussões com ela em minha cabeça enquanto a professora falava monotonamente.
Quando tocou o sinal, uma garota magricela com problemas de pele e cabelo preto feito uma mancha de óleo se inclinou para falar comigo.
— Você é Beaufort Swan, não é? — Ela parecia direitinho o tipo prestativo de clube de xadrez.
— Beau — corrigi. Todo mundo num raio de três carteiras se virou para me olhar.
— Qual é a sua próxima aula? — perguntou ela.

Tive que olhar na mochila.
— Hmmm, educação cívica, com Jefferson, no prédio seis.
Para onde quer que eu me virasse, encontrava olhos curiosos.
— Vou para o prédio quatro, posso mostrar o caminho. — Sem dúvida, superprestativa. — Meu nome é Erica — acrescentou ela.
Eu forcei um sorriso.
— Obrigado.
Pegamos nossos casacos e fomos para a chuva, que tinha aumentado. Eu podia jurar que várias pessoas atrás de nós se aproximavam o bastante para ouvir o que dizíamos. Esperava não estar ficando paranoico.
— E aí, aqui é bem diferente de Phoenix, não é? — perguntou ela.
— Muito.
— Não chove muito lá, não é?
— Três ou quatro vezes por ano.
— Puxa, como deve ser isso? — comentou ela, maravilhada.
— Ensolarado — retruquei.
— Você não é muito bronzeado.
— Minha mãe é meio albina.
Apreensiva, ela examinou meu rosto, e eu sufoquei um grunhido. Parecia que nuvens e senso de humor não se misturavam. Alguns meses disso e eu esqueceria como usar o sarcasmo.
Voltamos pelo refeitório até os prédios do sul, perto do ginásio. Erica me levou à porta, embora tivesse uma placa bem evidente.
— Então, boa sorte — disse ela enquanto eu pegava a maçaneta. — Talvez a gente tenha mais alguma aula juntos. — Ela parecia esperançosa.
Sorri para ela de um jeito que torci para que não parecesse encorajador e entrei.
O resto da manhã se passou do mesmo jeito. Minha professora de trigonometria, a Sra. Varner, que de qualquer forma eu teria odiado por causa da matéria que ensinava, foi a única que me fez parar diante da turma para me apresentar. Eu gaguejei, fiquei cheio de manchas vermelhas e tropecei em minhas próprias botas ao seguir para a carteira.
Depois de duas aulas, comecei a reconhecer alguns rostos em cada turma. Sempre havia alguém mais corajoso do que os outros, que se apresentava e me perguntava se eu estava gostando de Forks. Tentei ser diplomático, mas na maioria das vezes apenas menti. Pelo menos não precisei do mapa.
Em todas as aulas, os professores começavam me chamando de Beaufort, e apesar de eu corrigi-los na mesma hora, era deprimente. Demorei anos para superar Beaufort; muito obrigado, vovô, por morrer meses antes de eu nascer e fazer minha mãe se sentir obrigada a homenageá-lo. Ninguém em casa lembrava

mais que Beau era apelido. Agora, eu tinha que começar tudo de novo.
Um garoto se sentou ao meu lado nas aulas de trigonometria e espanhol e me acompanhou até o refeitório na hora do almoço. Era baixinho, não chegava nem ao meu ombro, mas o cabelo escuro, rebelde e cacheado compensava um pouco a diferença de altura entre nós. Não conseguia me lembrar do nome dele, então eu sorria e assentia enquanto ele tagarelava sobre professores e aulas. Não tentei acompanhar a falação.
Sentamos à ponta de uma mesa cheia de vários de seus amigos, que ele me apresentou; eu não podia reclamar da educação ali. Esqueci o nome de todos assim que ele os enunciou. Eles pareceram achar legal ele ter me convidado. A menina da aula de inglês, Erica, acenou para mim do outro lado do salão, e todo mundo riu. Eu já era motivo de piada. Devia ser um novo recorde para mim. Mas ninguém pareceu estar rindo com crueldade.
Foi ali, tentando conversar com sete estranhos curiosos, que eu os vi pela primeira vez.
Estavam sentados no canto do refeitório, à maior distância possível de onde eu me encontrava no salão comprido. Eram cinco. Não estavam conversando e nem comendo, embora cada um deles tivesse uma bandeja de comida diante de si. Não me encaravam, ao contrário da maioria dos outros alunos, por isso era seguro observá-los. Mas não foi nada disso que atraiu minha atenção.
Eles não eram nada parecidos.
Havia três garotas; dava para ver que uma era superalta, até mesmo sentada, talvez da minha altura, com pernas que não acabavam nunca. Ela provavelmente poderia ser capitã do time de vôlei, e eu tinha certeza de que ninguém gostaria de ficar no caminho de uma cortada dela. Tinha cabelo escuro e ondulado, preso em um rabo de cavalo descuidado.
Outra tinha cabelo cor de mel na altura dos ombros; não era tão alta quanto a morena, mas devia ser mais alta do que a maioria dos outros garotos da minha mesa. Havia algo de intenso nela, de ousado. Era meio estranho, mas, por algum motivo, ela me fez pensar em uma atriz que vi em um filme de ação algumas semanas antes, que matou mais de dez caras com uma machete. Eu me lembrava de ter pensado que não acreditava, que não havia como a atriz encarar tantos caras maus e vencer. Mas agora estava começando a achar que talvez tivesse acreditado, se a personagem tivesse sido interpretada por *aquela* garota.
A última garota era menor, o cabelo um meio termo entre ruivo e castanho, mas diferente dessas duas cores, meio metálico, tipo cor de bronze. Ela parecia mais nova do que as outras duas, que podiam facilmente estar na faculdade.
Os dois garotos eram opostos. O mais alto, que era mais alto do que eu, eu diria que com um metro e noventa e cinco ou até mais, era o atleta da escola. E rei do

baile. E o cara que tinha prioridade no aparelho que quisesse na sala de musculação. O cabelo louro e liso estava preso em um coque na nuca, mas não havia nada de feminino no penteado; de alguma forma, fazia com que parecesse mais homem. Ele era descolado demais para aquela escola e qualquer outra que eu pudesse imaginar.

O cara mais baixo era magro, com cabelo escuro cortado tão curto que não passava de uma sombra no couro cabeludo.

Eram totalmente diferentes, mas, ao mesmo tempo, eram todos tão parecidos. Cada um deles era pálido como giz, os alunos mais brancos que viviam nesta cidade sem sol. Mais brancos do que eu, o albino. Todos tinham olhos muito escuros (de onde eu estava, pareciam pretos), apesar da variação de cor dos cabelos. Também tinham olheiras — arroxeadas, em tons de hematoma. Talvez os cinco estivessem chegando de uma noitada. Ou estivessem se recuperando de um nariz quebrado. Mas os narizes, todos os seus traços, eram retos, angulosos.

Só que não era por isso que eu não conseguia desgrudar os olhos.

Fiquei olhando porque seus rostos, tão diferentes, tão parecidos, eram completa, arrasadora e inumanamente lindos. As garotas e os garotos, lindos. Eram rostos que não se via na vida real, só em páginas de revista ou outdoors. Ou em um museu, pintados por um antigo mestre como a face de um anjo. Era difícil acreditar que eles eram de verdade.

Concluí que a mais bonita de todas era a garota menor com o cabelo cor de bronze, embora eu presumisse que a metade feminina do corpo estudantil votaria no sujeito louro com cara de ator de cinema. Mas elas estariam enganadas. Todos eram lindos, mas a garota era mais do que bonita. Ela era simplesmente perfeita. Era um tipo de perfeição perturbadora e incômoda. Deixou meu estômago embrulhado.

Todos estavam olhando para longe; para longe uns dos outros, para longe do resto dos alunos, para longe de qualquer coisa em particular, pelo que eu podia notar. Pensei em modelos posando de forma muito artística para propagandas, em tédio estético. Enquanto eu observava, o garoto magro e quase careca se levantou com a bandeja — o refrigerante fechado, a maçã sem nenhuma dentada — e se afastou com passos longos, rápidos e graciosos apropriados para uma passarela. Fiquei olhando, me perguntando se havia uma companhia de dança na cidade, até que ele largou a bandeja no lixo e seguiu para a porta dos fundos, mais rápido do que eu teria considerado possível. Meus olhos dispararam de volta aos outros, que não tinham se mexido.

— Quem são *eles*? — perguntei ao cara da minha turma de espanhol, cujo nome eu esquecera.

Enquanto ele olhava para verificar de quem eu estava falando — embora já

soubesse, provavelmente, pelo meu tom de voz —, de repente ela olhou para nós, a garota perfeita. Ela olhou para o meu vizinho só por uma fração de segundo, e depois seus olhos escuros fulguraram para mim. Eram olhos longos, curvados nos cantos, com cílios grossos.
Ela desviou os olhos rapidamente, mais rápido do que eu, que baixei o olhar assim que ela se virou para nós. Consegui sentir as manchas vermelhas surgindo no meu rosto. Naquele breve instante, seu rosto não transmitiu nenhum interesse — era como se ele tivesse chamado o nome dela, e ela olhasse numa reação involuntária, já tendo decidido não responder.
Meu vizinho riu uma vez, sem graça, olhando a mesa como eu.
Ele murmurou a resposta bem baixinho.
— São os Cullen e os Hale. Edith e Eleanor Cullen, Jessamine e Royal Hale. O que saiu é Archie Cullen. Todos moram com a Dra. Cullen e o marido.
Olhei de lado para a garota perfeita, que agora fitava a própria bandeja, desfazendo um pãozinho em pedaços com os dedos pálidos e finos. Sua boca se movia muito rapidamente, os lábios carnudos mal se abrindo. Os outros três continuavam olhando para longe, mas eu ainda achava que ela estava falando em voz baixa com eles.
Nomes estranhos. Antigos. O tipo de nome que têm os avós, como o meu nome. Mas talvez fosse moda por aqui? Nomes de cidade pequena? Finalmente me lembrei de que meu vizinho se chamava Jeremy. Era um nome perfeitamente comum. Havia dois meninos que se chamavam Jeremy na minha turma de história, na minha cidade.
— Eles são todos… muito bonitos. — Que minimização da verdade.
— É — concordou Jeremy com outra risada. — Mas todos estão *juntos*… Royal e Eleanor, Archie e Jessamine. Tipo namorando, sabe? E eles *moram* juntos. — Ele deu uma risadinha e balançou as sobrancelhas de forma sugestiva.
Eu não sabia por quê, mas essa reação me deu vontade de defendê-los. Talvez só por ele ter falado com um tom tão crítico. Mas o que eu podia dizer? Eu não sabia nada sobre eles.
— Quem são os Cullen? — perguntei, querendo mudar o tom, mas não o assunto. — Eles não parecem parentes… quer dizer, mais ou menos…
— Ah, eles não são. A Dra. Cullen é muito nova. Tem trinta e poucos anos. Os filhos Cullen são todos adotados. Os Hale, os louros, *são* mesmo irmãos, gêmeos, eu acho, e são filhos de criação.
— Parecem meio velhos para filhos de criação.
— Agora, são. Royal e Jessamine têm 18 anos, mas estão com o Sr. Cullen desde que eram pequenos. Ele é tio dos dois, eu acho.
— Isso é bem legal… eles cuidarem de todas essas crianças, quando eram tão

novos e tudo isso.
— Acho que sim — disse Jeremy, apesar de parecer que ele preferia não dizer nada positivo. Como se não gostasse da médica e do marido por algum motivo… e, pelo jeito como olhava para os filhos adotivos, eu imaginava que podia haver certa inveja. — Mas acho que a Dra. Cullen não pode ter filhos — acrescentou ele, como se isso tornasse menos admirável o que eles faziam.
Durante toda essa conversa, não consegui afastar os olhos da estranha família por mais de poucos segundos. Eles continuavam a olhar para as paredes e não comiam.
— Eles sempre moraram em Forks? — perguntei. Como eu podia não os ter notado em um dos meus verões aqui?
— Não. Só se mudaram há dois anos, vieram de algum lugar do Alasca.
Senti uma onda estranha de pena e também alívio. Pena porque, apesar de lindos, eles ainda eram de fora, não eram aceitos. Alívio por eu não ser o único recém-chegado por aqui, e certamente não o mais interessante, por qualquer padrão.
Enquanto eu os examinava, a garota perfeita, uma dos Cullen, virou-se e encontrou meu olhar, dessa vez com uma expressão de evidente curiosidade. Quando desviei os olhos rapidamente, me pareceu que o olhar dela trazia uma espécie de expectativa frustrada.
— Quem é a garota de cabelo avermelhado? — perguntei.
Tentei olhar casualmente na direção dela, como se estivesse dando uma avaliada no refeitório; ela ainda estava me encarando, mas não com cara espantada, como os outros alunos hoje. Ela tinha uma expressão meio frustrada, que não entendi. Olhei para baixo novamente.
— É Edith. Ela é gata, é claro, mas não perca seu tempo. Ela não sai com ninguém. Ao que parece, nenhum dos caras daqui é bom o bastante para ela. — Jeremy falou com amargura, depois grunhiu. Eu me perguntei quantas vezes ela o tinha rejeitado.
Apertei os lábios para esconder um sorriso. Depois, olhei para ela de novo. Edith. Seu rosto estava virado para o outro lado, mas achei, pelo formato do pescoço, que ela também podia estar sorrindo.
Depois de mais alguns minutos, os quatro saíram da mesa juntos. Todos eram muito elegantes — até o rei do baile dourado. Era estranho vê-los juntos em movimento. Edith não voltou a olhar para mim.
Fiquei sentado à mesa com Jeremy e os amigos dele por mais tempo do que teria ficado se eu estivesse sozinho. Eu não queria me atrasar para as aulas no meu primeiro dia. Um de meus novos conhecidos, que me lembrou educadamente de que seu nome era Allen, tinha biologia II comigo no próximo tempo. Seguimos juntos em silêncio para a sala. Ele devia ser tímido como eu.

Quando entramos na sala, Allen foi se sentar em uma carteira de tampo preto de laboratório exatamente como as que eu costumava usar. Ele já tinha parceiro. Na verdade, todas as cadeiras estavam ocupadas, exceto uma. Ao lado do corredor central, reconheci Edith Cullen, por seu cabelo metálico incomum, sentada ao lado daquele único lugar vago.

Meu coração começou a bater um pouco mais rápido do que o normal.

Enquanto eu andava pelo corredor para me apresentar ao professor e conseguir que assinasse minha caderneta, eu a observava, tentando disfarçar. Assim que passei, ela de repente ficou rígida em seu lugar. Ela me olhou tão rápido que fui pego de surpresa, encontrando meus olhos com a expressão mais estranha do mundo — era mais do que zangada, era furiosa, hostil. Desviei o olhar, chocado, ruborizando de novo. Tropecei em um livro no caminho e tive que me apoiar na beira de uma mesa. A menina sentada ali riu.

Eu estava certo sobre os olhos. Eram pretos — pretos como carvão.

A Sra. Banner assinou minha caderneta e me passou um livro, sem nenhum dos absurdos das apresentações e sem mencionar meu nome completo. Consegui perceber que íamos nos dar bem. É claro que ela não teve alternativa a não ser me mandar para o lugar vago no meio da sala. Mantive os olhos baixos enquanto fui me sentar ao lado *dela*, querendo saber o que podia ter feito para ganhar o olhar hostil que ela me lançara.

Não olhei para cima ao colocar os livros na carteira e tomar meu lugar, mas, pelo canto do olho, vi sua postura mudar. Ela estava inclinada para longe de mim, sentada na ponta da cadeira, e desviava o rosto como se sentisse algum fedor. Discretamente, dei uma fungada. Minha camisa estava com cheiro de sabão em pó. Como isso podia ser ofensivo? Puxei a cadeira para a direita, dando o máximo de espaço possível a ela, e tentei prestar atenção à professora.

A aula era sobre anatomia celular, uma coisa que eu já estudara. De qualquer modo, tomei notas cuidadosamente, sempre olhando para baixo.

Eu não conseguia deixar de espiar a garota estranha ao meu lado de vez em quando. Durante toda a aula, ela não relaxou um minuto da postura rígida na ponta da cadeira, sentando-se o mais distante possível de mim. A mão estava fechada em punho em cima da coxa esquerda, os tendões sobressaindo por baixo da pele clara. Isso também ela não relaxou. Estava com as mangas compridas da blusa branca puxadas até os cotovelos, e os antebraços eram surpreendentemente rijos e musculosos sob a pele clara. Não consegui deixar de reparar no quanto a pele era perfeita. Não havia nenhuma sarda, nenhuma cicatriz.

A aula parecia se arrastar mais do que as outras. Seria porque o dia finalmente estava chegando ao fim, ou porque eu esperava que o punho dela relaxasse? Não aconteceu: ela continuou sentada tão imóvel que nem parecia respirar. Qual era o

problema dela? Será que era seu comportamento normal? Questionei a avaliação que fiz da amargura de Jeremy no almoço. Talvez não fosse só ressentimento.
Isso não podia ter nada a ver comigo. Ela nunca tinha me visto na vida.
A Sra. Banner devolveu alguns testes quando a aula estava quase acabando. Entregou um para mim, para eu passar para a garota. Olhei para o alto automaticamente, cem por cento… e eu estava soletrando o nome dela errado em pensamento. Era Edythe, não Edith. Eu nunca tinha visto aquele nome escrito daquele jeito, mas combinava mais com ela.
Olhei para ela quando fui entregar o teste e me arrependi na mesma hora. Ela estava me olhando de cara feia, os olhos pretos e longos cheios de repugnância. Enquanto eu me encolhia para longe do ódio que irradiava dela, a expressão *se um olhar matasse* passou pela minha cabeça.
Naquele momento, o sinal tocou alto, fazendo-me pular, e Edythe Cullen saiu da carteira. Ela se movia como uma dançarina, com cada linha perfeita do corpo magro em harmonia com o resto, de costas para mim, e saiu pela porta antes que qualquer outro tivesse saído da carteira.
Fiquei paralisado no meu lugar, com um olhar vazio voltado para o local por onde ela saiu. Ela era tão grosseira. Comecei a pegar minhas coisas devagar, tentando bloquear a confusão e a culpa que se espalhavam em mim. Por que eu devia sentir culpa? Não fiz nada de errado. Como poderia? Eu nem fui apresentado a ela.
— Você não é Beaufort Swan? — perguntou uma voz de mulher.
Olhei para cima e vi uma garota bonitinha com cara de bebê, o cabelo cuidadosamente alisado em uma cortina louro-clara, sorrindo para mim de maneira simpática. Ela obviamente não achava que eu cheirava mal.
— Beau — corrigi com um sorriso.
— Meu nome é McKayla.
— Oi, McKayla.
— Precisa de ajuda para encontrar sua próxima aula?
— Vou para a educação física. Acho que consigo encontrar o caminho.
— É minha próxima aula também. — Ela pareceu animada, mas não era uma coincidência assim tão grande numa escola tão pequena.
Fomos para a aula juntos; ela era muito falante, alimentou a maior parte da conversa, o que facilitou minha vida. Tinha morado na Califórnia até os 10 anos, então sabia como eu me sentia com relação ao sol. Por acaso, também era minha colega na aula de inglês. Foi a pessoa mais legal que conheci nesse dia.
Mas, quando estávamos entrando no ginásio, ela perguntou:
— E aí, você furou a Edythe Cullen com um lápis ou o quê? Nunca a vi agir daquele jeito.

Eu me encolhi. Então não fui o único a perceber. E, ao que parecia, aquele *não era* o comportamento habitual de Edythe Cullen. Decidi me fazer de burro.
— Era a garota do meu lado na aula de biologia?
— Era — disse ela. — Parecia que estava sentindo alguma dor, sei lá.
— Não sei — respondi. — Nunca falei com ela.
— Ela é estranha. — McKayla se demorou ao meu lado em vez de ir para o vestiário. — Se eu tivesse a sorte de me sentar do seu lado, conversaria com você.
Eu sorri para ela antes de ir para a porta do vestiário masculino. Ela era simpática e parecia gostar de mim. Mas não foi suficiente para me fazer esquecer aquela hora estranha.
A professora de educação física, treinadora Clapp, encontrou um uniforme para mim, mas não me fez vesti-lo para aquela aula. Em Phoenix, só exigiam dois anos de educação física. Aqui, a matéria era obrigatória nos quatro anos. Minha versão particular do inferno.
Fiquei assistindo a quatro partidas de vôlei que aconteciam simultaneamente. Lembrando quantas lesões eu sofri — e infligi — jogando vôlei, e me senti meio nauseado.
O último sinal finalmente tocou. Andei devagar para a secretaria para entregar minha caderneta. A chuva tinha ido embora, mas o vento estava forte e mais frio. Fechei o casaco e enfiei a mão livre em um bolso.
Quando entrei no escritório aquecido, quase me virei e saí.
Edythe Cullen estava parada junto à mesa na minha frente. Era impossível não reconhecer o cabelo bronze revolto. Ela não pareceu reparar no som da minha entrada. Fiquei encostado na parede de trás, torcendo para que o recepcionista ficasse livre.
Ela estava discutindo com ele numa voz baixa e aveludada. Logo peguei a essência da discussão. Ela tentava trocar a aula de biologia para qualquer outro horário – qualquer outro.
Não *podia* ser por minha causa. Tinha de ser outra coisa, algo que acontecera antes de eu entrar na sala. A expressão dela devia ter sido por outro problema. Era impossível que uma estranha pudesse ter uma repulsa tão súbita e intensa por mim. Eu não era interessante o bastante para provocar uma reação tão forte.
A porta se abriu de novo, e o vento frio soprou pela sala, balançando os papéis na mesa, balançando meu cabelo. A menina que entrou limitou-se a ir até a mesa, colocou um bilhete na cesta de arame e saiu novamente. Mas Edythe Cullen enrijeceu as costas e se virou lentamente para olhar para mim — o rosto era ridiculamente perfeito, sem nenhuma marca que a fizesse parecer humana — com olhos penetrantes e cheios de ódio. Por um momento, senti um arrepio de

medo *genuíno*, que eriçou os pelos dos meus braços. Como se ela fosse puxar uma arma e atirar em mim. O olhar só durou um segundo, mas foi mais gelado do que o vento frio. Ela se virou para o recepcionista.

— Então deixa pra lá — disse, rapidamente, numa voz de seda. — Estou vendo que é impossível. Muito obrigada pela ajuda. — Então, virou-se sem olhar para mim, e desapareceu porta afora.

Fui roboticamente até a mesa, minha cara pela primeira vez branca no lugar de vermelha, e entreguei a caderneta assinada.

— Como foi seu primeiro dia, filho? — perguntou o recepcionista.

— Bom — menti, a voz falhando. Consegui ver que não o convenci.

Quando fui para a picape, era quase o último carro no estacionamento. Parecia um abrigo, a coisa mais próxima de uma casa que eu tinha nesse buraco verde e úmido. Fiquei sentado lá dentro por um tempo, olhando sem enxergar pelo para-brisa. Mas logo fiquei com bastante frio, a ponto de precisar do aquecedor, então virei a chave e o motor rugiu. Voltei para a casa de Charlie, tentando não pensar em nada.

2. LIVRO ABERTO

O DIA SEGUINTE foi melhor… e pior.

Foi melhor porque ainda não estava chovendo, apesar de as nuvens estarem densas e pretas. Foi mais fácil porque eu sabia o que esperar do meu dia. McKayla veio se sentar comigo na aula de inglês e me acompanhou até a aula seguinte, com a Erica Clube de Xadrez olhando de cara feia o tempo todo; isso foi meio lisonjeiro. As pessoas não ficaram me encarando tanto como no dia anterior. No almoço, fiquei com um grupo grande que incluía McKayla, Erica, Jeremy, Allen e várias outras pessoas de cujos nomes e rostos agora eu me lembrava. Comecei a sentir que estava boiando na água, e não me afogando nela.

Foi pior porque eu estava cansado; ainda não tinha conseguido dormir com a chuva caindo na casa. Foi pior porque a Sra. Varner chamou meu nome na aula de trigonometria quando não levantei a mão, e acabei dando a resposta errada. Foi lamentável porque tive que jogar vôlei e, na única vez que não me abaixei para escapar da bola, acertei dois colegas de equipe na cabeça com uma jogada ruim. E foi pior porque Edythe Cullen não foi à escola.

Durante toda a manhã, tentei não pensar no almoço, sem querer me lembrar dos olhares cheios de ódio. Parte de mim queria confrontá-la e exigir que me dissesse qual era o problema. Enquanto estava deitado insone na cama, cheguei a imaginar o que diria. Mas eu me conhecia bem demais para pensar que realmente teria coragem de fazer isso. Talvez se ela não fosse tão linda.

Mas, quando entrei no refeitório com Jeremy, tentando evitar que meus olhos vasculhassem o lugar à procura dela e fracassando completamente, vi que seus quatro irmãos adotivos estavam sentados juntos à mesma mesa, e ela não estava com eles.

McKayla nos interceptou e nos conduziu à mesa dela. Jeremy pareceu empolgado pela atenção, e os amigos dele logo se juntaram a nós. Tentei prestar atenção nas conversas ao meu redor, mas continuei pouco à vontade, esperando a chegada de Edythe. Eu esperava que ela simplesmente me ignorasse quando chegasse e provasse que eu estava fazendo tempestade em copo de água.

Ela não apareceu, e fui ficando cada vez mais tenso.

Segui para a aula de biologia mais confiante quando, lá pelo final do almoço, ela ainda não tinha aparecido. McKayla, que estava começando a parecer estranhamente, sei lá, *possessiva* em relação a mim, andou ao meu lado até a sala de aula. Hesitei por um segundo na porta, mas Edythe Cullen também não estava lá. Soltei o ar e fui para o meu lugar. McKayla me seguiu, falando da futura viagem que faria à praia. Ela se demorou na minha carteira até o sinal tocar,

depois sorriu para mim de um jeito tristonho e foi se sentar ao lado de um menino de aparelho e um corte de cabelo meio cuia.
Eu não queria ser arrogante, mas tinha quase certeza de que McKayla estava a fim de mim, o que era uma sensação estranha. As garotas não prestavam muita atenção em mim em Phoenix. Eu me perguntei se queria que ela gostasse de mim. Ela era bonitinha, mas a atenção que me dava me deixava pouco à vontade. Por quê? Porque ela me escolheu, em vez de eu escolhê-la? Era um motivo idiota. Era meu ego enlouquecido, como se a decisão tivesse que ser minha primeiro. Mas essa possibilidade não era tão idiota quanto a outra em que pensei: eu torcia para que não fosse pelo tempo que passei olhando para Edythe Cullen no dia anterior, mas estava com medo de ser. E essa era a coisa mais idiota do mundo, na verdade. Se eu baseasse minha reação à aparência de uma garota num rosto como o de Edythe, eu estava ferrado. Aquilo era fantasia, não realidade.
Fiquei feliz por ter a carteira só para mim, por Edythe estar ausente. Disse isso a mim mesmo várias vezes. Mas não conseguia me livrar da sensação irritante de que eu era o motivo da ausência dela. Era ridículo e egoísta pensar que eu podia afetar tanto uma pessoa. Era impossível. Mas eu não conseguia deixar de me preocupar.
Quando o dia de aula enfim terminou e o rubor pelo incidente no vôlei desapareceu do meu rosto, vesti rapidamente a calça jeans e o suéter pesado. Saí correndo do vestiário, satisfeito por descobrir que tinha conseguido escapar de McKayla por um tempo. Andei rapidamente para o estacionamento. Estava abarrotado de alunos indo embora. Entrei na minha picape e vasculhei a mochila para ter certeza de que tinha o que precisava.
Não era segredo que Charlie não sabia cozinhar grande coisa além de ovos fritos e bacon. Na noite anterior, pedi para cuidar da cozinha enquanto estivesse ali. Ele estava disposto a me deixar assumir. Uma busca rápida revelou que ele não tinha comida em casa. Então, fiz minha lista de compras, peguei o dinheiro no pote do armário rotulado DINHEIRO DA COMIDA e fui para o Thriftway.
Disparei meu motor ensurdecedor, ignorando as cabeças que se viravam na minha direção, e dei a ré para entrar na fila de carros que esperavam para sair do estacionamento. Enquanto aguardava, tentando fingir que o estrondo de furar os tímpanos vinha de outro carro, vi os dois Cullen e os gêmeos Hale entrando no carro deles. Era o Volvo novinho. Claro. Eu ainda não tinha percebido as roupas que usavam — fiquei hipnotizado demais pelos rostos. Agora que olhei, ficou óbvio que todos usavam roupas que deviam custar mais do que meu guarda-roupa inteiro. Com sua beleza extraordinária, eles podiam vestir sacos de lixo e ainda assim lançar moda. Parecia um exagero que fossem bonitos e também tivessem dinheiro. Mas, pelo que eu sabia, na maior parte do tempo a vida era

assim. E aparentemente isso não lhes trazia aceitação por aqui.
Não, eu não acreditava plenamente nisso. O isolamento devia ser escolha deles; eu não conseguia imaginar nenhuma porta que não se abrisse para aquele grau de beleza.
Eles olharam para minha picape barulhenta quando passei, como todo mundo fez. Só que eles não eram como todo mundo. Vi o cara louro grande, devia ser Royal. Fazia sentido. Enfim, Royal estava casualmente com a mão no quadril da garota alta com cabelo escuro e ondulado, que parecia capaz de ficar tão à vontade na sala de musculação quanto ele. Ele devia ser uns cinco centímetros mais alto do que eu, mas só um centímetro maior do que ela. Apesar de ele ser um cara bem seguro, ainda fiquei meio surpreso de ele se sentir à vontade para fazer aquilo. Não que ela não fosse gata (ela era super-mega-gata), mas não era… abordável. Tipo, nem The Rock ousaria assobiar para ela, se é que você me entende. A garota loura me viu olhando, e a forma como apertou os olhos para mim me fez virar para a frente e pisar no acelerador. A picape não foi mais rápido, o motor só roncou mais alto.
O Thriftway não ficava longe da escola, só algumas ruas ao sul, junto à rodovia. Foi bom estar dentro do supermercado. Parecia normal. Sempre fiz as compras da casa, e me voltei com facilidade à rotina do trabalho familiar. O mercado era bem grande por dentro, e não consegui ouvir o bater da chuva no telhado para me lembrar de onde estava.
Quando cheguei em casa, guardei todos os mantimentos e rearrumei os armários até tudo estar organizado de um jeito que fizesse sentido. O sistema de Charlie era meio caótico. Eu esperava que ele não se importasse, que não tivesse TOC em relação à cozinha como eu. Quando fiquei satisfeito com a organização, comecei a preparar o jantar.
Tenho uma espécie de sexto sentido no que diz respeito à minha mãe. Percebi quando estava colocando a carne marinada na geladeira que não avisei para ela quando cheguei. Ela devia estar surtando.
Subi a escada dois degraus de cada vez e liguei o velho computador no quarto. Demorou um minuto para ganhar vida, e precisei esperar a conexão. Quando fiquei online, três mensagens apareceram na minha caixa de entrada. A primeira era do dia anterior, enquanto eu ainda estava viajando.
“Beau”, escrevera minha mãe.
Escreva assim que chegar. Conte como foi seu voo. Está chovendo? Já estou com saudade. Estou quase terminando as malas para a Flórida, mas não consigo encontrar minha blusa rosa. Sabe onde eu a coloquei? Phil manda lembranças. Mamãe.
Eu suspirei e passei à mensagem seguinte. Foi enviada seis horas depois da

primeira.

Beau,

Por que você não me escreveu ainda? O que está esperando? Mamãe.

A última era daquela manhã.

Beaufort Swan,

Se eu não tiver notícias suas até as cinco e meia da tarde de hoje, vou ligar para Charlie.

Olhei o relógio. Ainda tinha uma hora, mas minha mãe era famosa pela precipitação.

Mãe,

Calma. Estou escrevendo agora. Não faça nenhuma bobagem.

Beau.

Mandei essa e comecei a seguinte, com uma mentira logo de cara.

Está tudo ótimo. É claro que está chovendo. Eu estava esperando ter algo para escrever. A escola não é ruim, só meio repetitiva. Conheci umas pessoas legais que almoçam comigo.

Sua blusa está na lavanderia — você devia ter pego na sexta-feira.

Charlie comprou uma picape para mim, dá para acreditar? É demais. É velha, mas bem forte, o que é bom, sabe como é, para mim.

Também estou com saudades. Vou escrever novamente logo, mas não vou ficar verificando meus e-mails a cada cinco minutos. Relaxe, respire fundo. Eu te amo.

Beau.

Ouvi a porta da frente ser aberta e corri para baixo para tirar as batatas e colocar os bifes para grelhar.

— Beau, é você? — perguntou meu pai quando me ouviu na escada.

Quem mais seria?, pensei comigo mesmo.

— Oi, pai, bem-vindo.

— Obrigado.

Ele pendurou o cinturão da arma e tirou as botas enquanto eu estava atarefado na cozinha. Pelo que eu sabia, ele nunca disparou a arma no trabalho. Mas a mantinha preparada. Quando eu era criança e vinha aqui, ele sempre retirava as balas assim que passava pela porta. Acho que agora me considerava velho o bastante para não atirar em mim mesmo por acidente, nem deprimido o bastante para atirar em mim mesmo de propósito.

— O que temos para o jantar? — perguntou ele, cheio de cautela.

Minha mãe era uma cozinheira com muita imaginação quando queria, e as experiências dela nem sempre eram comestíveis. Fiquei surpreso e triste por ele parecer se lembrar de um fato tão remoto.

— Bife com batata — respondi. Charlie pareceu aliviado.
Ele ficou constrangido de ficar ali na cozinha sem fazer nada, e arrastou-se para ver TV na sala enquanto eu trabalhava. Acho que nós dois ficávamos mais à vontade desse jeito. Fiz uma salada enquanto os bifes grelhavam e arrumei a mesa.
Eu o chamei quando o jantar estava pronto, e ele gostou do cheiro ao passar pela porta.
— Que cheiro bom, Beau.
— Obrigado.
Comemos sem dizer nada por alguns minutos. Não foi desagradável. Nós dois gostávamos do silêncio. De certa forma, éramos bem adequados para morar juntos.
— E então, como foi na escola? Fez algum amigo? — perguntou ele ao se servir pela segunda vez.
— Bom, tive algumas aulas com um cara chamado Jeremy. Sentei para almoçar com os amigos dele. E tem uma garota, McKayla, que é muito simpática. Todo mundo parece bem legal. — Com uma notável exceção.
— Deve ser McKayla Newton. É uma boa garota… de uma boa família. O pai é dono da loja de produtos esportivos perto do centro. Ele ganha um bom dinheiro com todos os mochileiros que passam por aqui.
— Conhece a família Cullen? — perguntei, hesitante.
— A família da Dra. Cullen? Claro. Ela é uma grande mulher.
— Eles… os filhos… são meio… diferentes. Não parecem se adaptar muito bem à escola.
Fiquei surpreso ao ver o rosto de Charlie ficar vermelho, como sempre fica quando ele está com raiva.
— As pessoas desta cidade — murmurou ele. — A Dra. Cullen é uma cirurgiã brilhante que provavelmente podia trabalhar em qualquer hospital do mundo, ganhando dez vezes o salário que ganha aqui — continuou ele, falando mais alto. — Temos sorte por tê-la aqui… Sorte pelo marido dela querer morar numa cidade pequena. Ela é um grande acréscimo à comunidade, e todos os filhos são bem-comportados e educados. Tive minhas dúvidas quando se mudaram para cá, com todos aqueles adolescentes adotivos. Pensei que podíamos ter alguns problemas com eles. Mas todos são muito maduros… Não tive um pingo de problema com nenhum deles. Não posso dizer o mesmo dos filhos de algumas pessoas que moram nesta cidade há gerações. E eles são unidos, como deve ser uma família… Viajam para acampar em fins de semana alternados… Só porque são novos aqui, as pessoas ficam falando.
Foi o discurso mais longo que já ouvi de Charlie. Ele devia se aborrecer muito

com o que as pessoas diziam.
Recuei um pouco.
— Eles pareceram legais. Só percebi que são muito reservados. São todos muito bonitos — acrescentei, tentando ser mais elogioso.
— Você devia ver a médica — disse Charlie, rindo. — Ainda bem que é casada. Muita gente do hospital tem dificuldade para se concentrar no trabalho quando ela está por perto.
Voltamos a ficar em silêncio enquanto terminávamos de comer. Ele tirou a mesa enquanto eu começava a lavar a louça. Ele voltou à TV, e eu, depois de terminar com os pratos — lavados à mão, e não na máquina —, subi sem nenhuma vontade de fazer o dever de matemática. Deu para sentir um costume se formando.
Enfim aquela noite foi silenciosa. Adormeci rapidamente, exausto.
O resto da semana foi calmo. Eu me acostumei com a rotina das aulas. Na sexta-feira, já conseguia reconhecer e me lembrar do nome de quase todos os alunos da escola. Na educação física, as pessoas do meu time aprenderam a não jogar a bola na minha direção. Eu ficava fora do caminho de todo mundo.
Edythe Cullen não voltou à escola.
Todo dia, eu observava, fingindo não estar olhando, até os demais Cullen entrarem no refeitório sem ela. Depois, conseguia relaxar e participar da conversa. Centrava-se principalmente numa viagem ao La Push Ocean Park dali a duas semanas, que McKayla estava organizando. Fui convidado e aceitei ir, mais por educação do que por vontade de ir à praia. Eu achava que as praias devem ser quentes e, fora o mar, secas.
Na sexta-feira, eu estava perfeitamente à vontade na hora de entrar na aula de biologia; sem me preocupar mais se Edythe apareceria. Pelo que eu sabia, ela tinha saído da escola. Tentei não pensar nela, mas não conseguia reprimir completamente a preocupação de que eu fosse o responsável por sua ausência contínua, embora isso fosse ridículo.
Meu primeiro fim de semana em Forks prosseguiu sem incidentes. Charlie trabalhou na maior parte do tempo. Escrevi mais e-mails falsamente animados para minha mãe, adiantei o dever e arrumei a casa; obviamente, Charlie não tinha problema de TOC. Fui à biblioteca no sábado, mas nem me dei o trabalho de fazer um cartão de inscrição; não havia nada de interessante que eu já não tivesse lido. Eu teria de ir a Olympia ou a Seattle em breve e encontrar uma boa livraria. Imaginei qual seria o consumo de combustível da picape… e estremeci ao pensar nisso.
A chuva continuou branda pelo fim de semana, tranquila, então consegui dormir.
As pessoas me cumprimentaram no estacionamento na segunda-feira de manhã.

Eu não sabia o nome de todos, mas sorri para todo mundo. Estava mais frio naquela manhã, mas pelo menos não estava chovendo. Na aula de inglês, McKayla tomou seu lugar de costume ao meu lado. Teve um teste relâmpago sobre *O morro dos ventos uivantes*. Foi simples, muito fácil.

No geral, eu estava me sentindo muito mais à vontade do que pensava que estaria àquela altura. Mais à vontade do que esperava me sentir ali um dia.

Quando saímos da sala de aula, o ar estava cheio de pontinhos brancos rodopiando. Eu podia ouvir as pessoas gritando animadas umas com as outras. O vento congelava meu rosto, meu nariz.

— Puxa — disse McKayla. — Está nevando.

Olhei para os pequenos tufos de algodão que se acumulavam pelas calçadas e giravam erraticamente por meu rosto.

— Ugh. — Neve. Lá se foi meu dia bom.

Ela pareceu surpresa.

— Não gosta da neve?

— Neve significa que está frio demais para chover. — Obviamente. — Além disso, pensei que devia cair em flocos… Sabe como é, cada um é único e essas coisas. Isso aqui só parece ponta de cotonete.

— Você nunca viu neve cair? — perguntou ela, incrédula.

— Claro que vi. — Eu hesitei. — Na TV.

McKayla riu. E aí, uma bola grande e molhada de neve gotejante bateu na cabeça dela. Nós dois nos viramos para ver de onde tinha vindo. Eu tinha minhas desconfianças de Erica, que estava se afastando, de costas para nós — na direção contrária a da primeira aula dela. McKayla teve a mesma ideia. Ela se curvou e começou a formar um morro de papa branca.

— A gente se vê no almoço, está bem? — Continuei andando enquanto falava. A última coisa que queria era uma bolota de gelo sujo derretendo pelo meu pescoço durante o resto do dia.

Ela só assentiu, o olhar nas costas de Erica.

Segui em estado de alerta para o refeitório com Jeremy, depois da aula de espanhol. Voavam bolas empapadas por todo lado. Fiquei com o fichário na mão, pronto para usá-lo como escudo, se necessário. Jeremy me achou hilário, mas alguma coisa na minha expressão impediu que ele me lançasse uma bola de neve.

McKayla nos encontrou quando passávamos pela porta, rindo, com o cabelo normalmente liso ficando ondulado por causa do gelo. Ela e Jeremy conversaram animadamente sobre a guerra de neve enquanto entrávamos na fila para comprar comida. Olhei a mesa do canto, mais por hábito. E gelei. Havia cinco pessoas à mesa.

Jeremy puxou meu braço.
— Ei! Beau! O que você quer?
Baixei a cabeça; minhas orelhas estavam quentes. Eu não tinha motivo para me sentir constrangido, lembrei a mim mesmo. Não tinha feito nada de errado.
— O que há com Beau? — perguntou McKayla a Jeremy.
— Nada — respondi.
Peguei uma garrafa de refrigerante quando cheguei no fim da fila.
— Não está com fome? — perguntou Jeremy.
— Na verdade, estou meio enjoado — falei.
Ele se afastou um pouco de mim.
Esperei que eles pegassem a comida e os segui até a mesa, com olhos em qualquer lugar, menos no fundo do refeitório.
Bebi o refrigerante lentamente, o estômago agitado. Por duas vezes, McKayla perguntou, com uma preocupação que pareceu desnecessária, como eu estava me sentindo. Disse a ela que não era nada, mas fiquei me perguntando se eu *devia* fingir e escapulir para a enfermaria pela próxima hora.
Ridículo. Eu não precisava fugir. Por que estava sendo tão covarde? O que havia de tão ruim em ser olhado de cara feia? Ela não ia me enfiar uma faca nem nada.
Decidi me permitir dar uma olhada na mesa da família Cullen. Só para sentir o clima.
Mantive a cabeça baixa e espiei de rabo de olho. Nenhum deles olhava na minha direção. Ergui um pouco a cabeça.
Eles estavam rindo. Edythe, Jessamine e Eleanor estavam com os cabelos totalmente encharcados de neve derretendo. Archie e Royal se curvavam, tentando se afastar, enquanto Eleanor sacudia o cabelo molhado na direção deles, deixando a marca dos pingos na parte da frente dos casacos. Eles estavam curtindo o dia de neve, como todo mundo — só que pareciam estar numa cena de filme, mais do que o resto de nós.
Mas, além dos risos e das brincadeiras, havia algo diferente, e eu não conseguia perceber o que era. Examinei Edythe e a comparei com a lembrança que tinha da semana anterior. A pele estava menos pálida, concluí — corada da guerra de neve, talvez —, os círculos em torno dos olhos, bem menos perceptíveis. O cabelo estava mais escuro, molhado e grudado na cabeça. Mas havia mais alguma coisa. Esqueci-me de fingir que não estava olhando enquanto tentava identificar a mudança
— O que você está olhando, Beau? — perguntou Jeremy.
Naquele exato momento, os olhos de Edythe lampejaram e encontraram os meus.
Virei a cabeça toda para Jeremy e também mexi os ombros na direção dele.

Jeremy se inclinou para trás, surpreso pela minha invasão repentina do espaço pessoal dele.
Mas eu tinha certeza de que, no instante em que nossos olhos se encontraram, ela não estava com raiva e nem nojo, como na última vez que a vi. Só parecia curiosa novamente, e de certa forma insatisfeita.
— Edythe Cullen está olhando para você — disse Jeremy, olhando por cima do meu ombro.
— Ela não parece estar com raiva, parece? — Não pude deixar de perguntar.
— Não. — Jeremy pareceu confuso, mas sorriu de repente. — O que você fez, chamou ela pra sair?
— Não! Eu nunca nem falei com ela. Eu só… acho que ela não gosta muito de mim — admiti.
Mantive o corpo inclinado na direção de Jeremy, mas minha nuca ficou arrepiada, como se eu conseguisse sentir os olhos dela em mim.
— Os Cullen não gostam de ninguém… Bom, eles não percebem a presença de ninguém para gostar. Mas ela ainda está olhando para você.
— Pare de olhar para ela — insisti.
Ele deu uma risadinha, mas desviou os olhos.
McKayla nos interrompeu nesse momento; estava planejando uma batalha épica de neve no estacionamento depois da aula e queria que fôssemos também. Jeremy concordou com entusiasmo. Pelo modo como olhou para McKayla, havia poucas dúvidas de que ele concordaria com qualquer coisa que ela sugerisse. Eu me mantive calado. Fiquei pensando em quantos anos teria que morar em Forks para chegar ao ponto de tédio que me faria achar água congelada empolgante. Provavelmente bem mais tempo do que eu planejava ficar.
Pelo resto da hora de almoço, mantive os olhos voltados para a mesa. Edythe não parecia mais estar planejando me matar, então não foi nada de mais ir para a aula de biologia. Meu estômago deu um nó com a ideia de me sentar ao lado dela de novo.
Na verdade, eu não queria ir para a aula com McKayla, como sempre fazia — ela parecia ser um alvo popular dos atiradores de bola de neve —, mas, quando chegamos à porta, todo mundo do meu lado gemeu em uníssono. Estava chovendo, e a água lavava todos os vestígios de neve em faixas claras e geladas pelo canto do meio-fio. Puxei o capuz para esconder o sorriso. Eu ficaria livre para ir para casa depois da educação física.
McKayla desfiou um rosário de queixas no caminho para o prédio quatro.
Depois de entrar na sala de aula, vi com alívio que a cadeira de Edythe ainda estava vazia. Isso me dava um minuto para me acomodar. A Sra. Banner andava pela sala, distribuindo um microscópio e uma caixa de lâminas para cada

carteira. A aula só começaria alguns minutos depois, e a sala zumbia com as conversas. Mantive os olhos afastados da porta, rabiscando preguiçosamente na capa de meu caderno.
Ouvi com muita clareza quando a cadeira ao lado da minha se mexeu, mas meus olhos continuaram voltados para o que eu desenhava.
— Oi — disse uma voz baixa e melodiosa.
Olhei para cima, atordoado por ela estar falando comigo. Estava sentada o mais distante de mim que a carteira permitia, mas a cadeira estava inclinada na minha direção. O cabelo gotejava, despenteado. Mesmo assim, ela parecia ter acabado de gravar um comercial. O rosto perfeito estava simpático, franco, um leve sorriso nos lábios carnudos e rosados. Mas os olhos longos estavam cautelosos.
— Meu nome é Edythe Cullen — continuou ela. — Não tive a oportunidade de me apresentar na semana passada. Você deve ser Beau Swan.
Minha mente girava de tanta confusão. Aquilo tudo teria sido fruto da minha imaginação? Ela agora estava sendo perfeitamente educada. Eu precisava falar; ela estava esperando. Mas não consegui pensar em nada de normal para dizer.
— Co-como você sabe meu nome? — gaguejei.
Ela riu baixinho.
— Ah, acho que todo mundo sabe seu nome. A cidade toda estava esperando você chegar.
Eu franzi a testa, embora já soubesse que era algo desse tipo.
— Não — insisti, feito um idiota. — Quer dizer, por que me chamou de Beau?
Ela pareceu confusa.
— Prefere Beaufort?
— De jeito *nenhum* — falei. — Mas acho que Charlie… quer dizer, meu pai… deve me chamar assim nas minhas costas. É como todo mundo aqui parece me conhecer — Quanto mais eu tentava explicar, mais idiota a explicação parecia.
— Ah. — Ela deixou o assunto de lado. Eu desviei os olhos, sem graça.
Felizmente, a Sra. Banner começou a aula naquele momento. Tentei me concentrar enquanto ela explicava a prática de laboratório que íamos fazer hoje. As lâminas na caixa estavam fora de ordem. Trabalhando em equipe, teríamos que separar as lâminas de células de ponta de raiz de cebola nas fases de mitose que representavam e rotulá-las corretamente. Não devíamos usar os livros. Em vinte minutos, ela voltaria para ver o que tínhamos conseguido.
— Podem começar — ordenou ela.
— Primeiro as damas? — perguntou Edythe.
Olhei para ela e a vi dando um sorriso com covinhas tão perfeito que só pude ficar olhando como um idiota.
Ela ergueu as sobrancelhas.

— Ah, claro, pode começar — falei
Vi o olhar dela se dirigir para os pontos vermelhos surgindo nas minhas bochechas. Por que meu sangue não podia ficar nas veias, onde era o lugar dele?
Ela desviou o olhar rapidamente e puxou o microscópio para o lado dela da mesa.
Ela observou a primeira lâmina por um quarto de segundo, talvez até menos.
— Prófase.
Ela botou a lâmina seguinte no microscópio, mas parou e olhou para mim.
— Ou você queria verificar? — desafiou ela.
— Ah, não, tudo bem — falei.
Ela escreveu a palavra *prófase* com capricho na primeira linha da folha de papel. Até a letra dela era perfeita, como se ela tivesse feito aulas de caligrafia ou alguma coisa assim. Alguém ainda fazia essas aulas?
Ela mal olhou o microscópio com a segunda lâmina, depois escreveu *anáfase* na linha de baixo, fazendo uma curva no A, como se estivesse escrevendo um envelope de convite de casamento. Eu precisei fazer os convites do casamento da minha mãe. Imprimi etiquetas com uma fonte elegante que não chegava nem perto da letra de Edythe.
Ela colocou a terceira lâmina no lugar. Eu aproveitei que sua atenção estava voltada para isso e fiquei olhando para ela. Tão de perto, era de se pensar que daria para ver alguma coisa errada, uma sombra de espinha, um fio torto na sobrancelha, um poro, *alguma coisa*. Mas não havia nada.
De repente, ela se voltou para a frente da sala, logo antes de a Sra. Banner chamar:
— Srta. Cullen.
— Sim, Sra. Banner.
Edythe empurrou o microscópio para mim quando falou.
— Que tal deixar o Sr. Swan ter a oportunidade de aprender?
— Claro, Sra. Banner.
Edythe se virou e me lançou um olhar de *muito bem, vá em frente.*
Eu me inclinei para olhar. Consegui sentir que ela estava me observando, e era justo, considerando que antes eu não tirava os olhos dela, mas me senti constrangido, como se o mero movimento de inclinar a cabeça fosse desajeitado.
Pelo menos, a lâmina não era difícil.
— Metáfase — falei.
— Você se importa se eu olhar? — perguntou ela quando comecei a tirar a lâmina. Ela segurou minha mão para me impedir enquanto falava. Os dedos estavam frios como gelo, como se ela os estivesse enfiado na neve antes da aula. Mas não foi por isso que puxei a mão tão rápido. Quando ela tocou em mim,

senti uma dor que pareceu um choque elétrico de baixa voltagem.
— Me desculpe — murmurou ela, puxando a mão rapidamente, embora continuasse querendo pegar o microscópio.
Eu a observei, um pouco atordoado, enquanto ela examinava a lâmina por mais uma fração de segundo.
— Metáfase — concordou ela, e empurrou o microscópio na minha direção.
Tentei trocar as lâminas, mas eram pequenas demais, ou meus dedos que eram grandes demais, e acabei deixando as duas cair. Uma caiu na mesa e a outra pela beirada, mas Edythe a pegou antes que caísse no chão.
— Ugh. — Eu expirei, morrendo de vergonha. — Desculpa.
— Bom, a última não é mistério nenhum, de qualquer jeito — disse ela. O tom era quase uma gargalhada. Alvo de piadas de novo.
Edythe escreveu as palavras *metáfase* e *telófase* nas duas últimas linhas da folha de papel.
Terminamos bem antes de todo mundo. Consegui ver McKayla e o parceiro comparando duas lâminas repetidas vezes, e outra dupla estava com o livro aberto embaixo da carteira.
Fiquei sem nada para fazer além de tentar olhar para ela… sem sucesso. Olhei para baixo, e ela estava me encarando, com aquela mesma expressão estranha de frustração nos olhos. De repente, identifiquei a diferença sutil no rosto dela.
— Você usa lentes de contato? — perguntei de repente.
Ela pareceu intrigada pela minha pergunta sem propósito.
— Não.
— Ah — murmurei. — Achei que tinha alguma coisa diferente nos seus olhos.
Ela deu de ombros e afastou o rosto.
Na verdade, eu *sabia* que havia algo diferente. Não me esqueci de nenhum detalhe daquela primeira vez que ela olhou para mim com raiva, como se me quisesse morto. Eu ainda conseguia ver o preto chapado dos olhos dela, tão contrastante com a pele clara ao fundo. Hoje, os olhos estavam com uma cor completamente diferente: um dourado estranho, mais escuro do que caramelo, mas com o mesmo tom quente. Eu não entendia como podia ser assim, a não ser que, por algum motivo, ela estivesse mentindo sobre as lentes de contato. Ou talvez Forks estivesse me deixando louco, no sentido literal da palavra.
Olhei para baixo. As mãos dela estavam fechadas com força de novo.
A Sra. Banner foi à nossa mesa, olhou por sobre nossos ombros para ver o trabalho concluído, depois foi verificar as respostas.
— Então, Edythe… — A Sra. Banner começou a dizer.
— Beau identificou metade das lâminas — disse Edythe antes que a Sra. Banner pudesse terminar.

A Sra. Banner olhou para mim; sua expressão era cética.
— Já fez essa experiência de laboratório antes? — perguntou ela.
Eu encolhi os ombros.
— Não com raiz de cebola.
— Blástula de linguado?
— Isso.
A Sra. Banner assentiu.
— Você estava em algum curso avançado em Phoenix?
— Estava.
— Bem — disse ela depois de um momento. — Acho que é bom que os dois sejam parceiros de laboratório. — Ela murmurou mais alguma coisa ao se afastar. Depois que saiu, comecei a rabiscar de novo no meu caderno.
— Que chato que não tenha neve, não é? — perguntou Edythe.
Tive a sensação estranha de que ela estava se obrigando a bater um papinho comigo. Era como se ela tivesse ouvido minha conversa com Jeremy no almoço e estivesse tentando provar que eu estava errado. Mas isso era impossível. Eu estava ficando paranoico.
— Na verdade, não — respondi com sinceridade, em vez de fingir ser normal como todos os outros. Eu ainda tentava me livrar da sensação idiota de desconfiança e não conseguia me concentrar em montar uma fachada socialmente aceitável.
— Você não gosta do frio. — Não era uma pergunta.
— Nem da umidade.
— Forks deve ser um lugar difícil para você morar — refletiu ela.
— Você nem faz ideia — murmurei, melancolicamente.
Ela pareceu fascinada com a minha resposta, por algum motivo que eu não conseguia entender. Seu rosto era uma distração tal que tentei não olhar para ela mais do que a cortesia me exigia.
— Então por que veio para cá?
Ninguém tinha me perguntado isso, não da forma direta como ela fez, querendo mesmo saber.
— É… complicado.
— Acho que consigo acompanhar — pressionou ela.
Fiquei mudo por um longo momento, e depois cometi o erro de encontrar o olhar dela. Seus olhos dourado-escuros me confundiam, e respondi sem pensar.
— Minha mãe se casou de novo — eu disse.
— Isso não parece tão complexo — discordou ela, mas o tom de voz ficou mais suave de repente. — Quando foi que aconteceu?
— Em setembro. — Não consegui afastar a tristeza de minha voz.

— E você não gosta dele — supôs Edythe, o tom de voz ainda gentil.
— Não, o Phil é legal. Novo demais, talvez, mas é bem legal.
— Por que você não ficou com eles?
Eu não conseguia entender o interesse dela, mas ela continuava a me fitar com os olhos penetrantes, como se a história insípida da minha vida fosse algo de importância crucial.
— Phil viaja muito. Ganha a vida jogando bola. — Dei um meio sorriso.
— Eu conheço? — perguntou ela, sorrindo em resposta, só o suficiente para uma sombra das covinhas aparecer.
— Provavelmente não. Ele não joga *bem*. É da segunda divisão. Ele se muda muito.
— E sua mãe mandou você para cá para poder viajar com ele. — Ela disse isso como uma suposição de novo, e não como uma pergunta.
Meus ombros se empertigaram automaticamente.
— Não, ela não me mandou para cá. Eu quis vir.
As sobrancelhas dela se uniram.
— Não entendi — admitiu ela, e parecia mais frustrada com isso do que deveria.
Eu suspirei. Por que eu estava explicando isso? Ela continuava a me encarar, esperando.
— Ela ficou comigo no começo, mas sentia falta dele. Isso a deixava infeliz… Então, cheguei à conclusão de que estava na hora de passar algum tempo de verdade com Charlie. — Eu soava mal-humorado quando terminei.
— Mas agora é você que está infeliz — observou ela.
— E? — questionei em desafio.
— Isso não parece justo. — Ela deu de ombros, mas seus olhos ainda estavam intensos.
Eu dei uma gargalhada.
— Ninguém te contou ainda? A vida não é justa.
— Acho que *já ouvi* isso em algum lugar — concordou ela secamente.
— E então, é isso — insisti, perguntando-me por que ela ainda me encarava daquele jeito.
Ela inclinou a cabeça para o lado, e os olhos dourados pareciam perfurar a superfície da minha pele.
— Você está fingindo bem — disse ela devagar. — Mas aposto que está sofrendo mais do que deixa transparecer.
Eu dei de ombros.
— Eu repito: e?
— Não entendo você direito, só isso.
Franzi a testa.

— Por que você quereria entender?
— É uma ótima pergunta — murmurou ela, tão baixinho que me perguntei se estava falando consigo mesma. Mas depois de alguns segundos de silêncio, concluí que era a única resposta que eu teria.
Era constrangedor ficarmos nos encarando, mas ela não afastou o olhar. Eu queria ficar olhando para o rosto dela, mas tive medo de ela estar se perguntando qual era meu problema e acabei me virando para o quadro-negro. Ela suspirou.
Olhei novamente, e ela ainda estava me observando, mas a expressão estava diferente… meio frustrada ou irritada.
— Me desculpe — pedi, rapidamente. — Eu… estou irritando você?
Ela balançou a cabeça e sorriu com metade da boca, de forma que só uma covinha apareceu.
— Não, acho que estou mais irritada é comigo mesma.
— Por quê?
Ela inclinou a cabeça para o lado.
— Decifrar as pessoas… costuma ser fácil para mim. Mas não consigo… Acho que não sei como interpretar você. Isso é engraçado?
Escondi o sorriso.
— É… inesperado. Minha mãe sempre me chama de livro aberto. De acordo com ela, dá para praticamente ler meus pensamentos impressos na minha testa.
O sorriso dela sumiu, e ela olhou com intensidade nos meus olhos, mas não com a raiva de antes. Como se estivesse tentando muito ler a minha testa, como minha mãe fazia. E então, mudando de marcha de forma abrupta, ela sorriu novamente.
— Acho que sou confiante demais.
Eu não sabia o que dizer.
— Hã, desculpa?
Ela riu, e o som foi como música, embora eu não conseguisse pensar em nenhum instrumento com o qual comparar. Os dentes dela eram perfeitos, o que não era surpresa, e brancos e brilhantes.
A Sra. Banner então chamou a turma, e eu fiquei aliviado de voltar a atenção para ela. Essa conversinha trivial com Edythe foi intensa demais. Eu me sentia tonto, de um jeito estranho. Eu tinha mesmo acabado de explicar minha vida chata para aquela garota bizarra e linda que podia ou não me odiar? Ela parecia quase interessada demais no que eu tinha para dizer, mas agora eu podia ver, pelo canto do olho, que ela estava se afastando de mim de novo, as mãos agarradas na beira da mesa com uma tensão evidente.
Tentei prestar atenção enquanto a Sra. Banner repassava a experiência com transparências do retroprojetor, mas meus pensamentos estavam longe da aula.

Quando o sinal tocou, Edythe correu da sala de maneira tão rápida e elegante quanto na segunda-feira anterior. E, como naquela segunda, fiquei olhando para ela de queixo caído.
McKayla chegou à minha carteira quase com a mesma rapidez.
— Foi horrível — disse ela. — Todas elas pareciam iguais. Você tem sorte por ter a Edythe como parceira.
— É, ela parecia conhecer bem uma raiz de cebola.
— Ela pareceu bem simpática hoje — comentou McKayla enquanto vestíamos as capas de chuva. Não aparentava estar feliz com isso.
Tentei falar com casualidade na voz.
— Nem imagino o que aconteceu com ela na segunda passada.
Eu não consegui me concentrar na tagarelice de McKayla enquanto íamos para o ginásio, e a aula de educação física também não conseguiu prender minha atenção. McKayla era do meu time dessa vez. Ela cobriu minhas posições e as dela, então só precisei prestar atenção quando era minha vez de sacar. O time se abaixava cautelosamente sempre que eu dava o saque.
A chuva era apenas uma névoa quando fui para o estacionamento, mas eu ainda estava bem úmido quando cheguei à picape. Coloquei o aquecedor na temperatura mais alta possível, pela primeira vez sem me importar com o rugido enlouquecedor do motor.
Quando olhei em volta para me certificar de que o caminho estava livre, percebi a figura imóvel e branca. Edythe Cullen estava encostada na porta da frente do Volvo, a três carros de mim, e olhava intensamente na minha direção. O sorriso tinha sumido, mas pelo menos a fúria assassina também, ao menos por enquanto. Desviei os olhos e engatei a ré, quase batendo num Toyota Corolla enferrujado na pressa. Para sorte do Toyota, pisei no freio a tempo. Era o tipo de carro que minha picape transformaria em sucata. Respirei fundo, ainda olhando para o outro lado, e dei ré de novo, com cuidado. Dessa vez, consegui. Fiquei olhando para a frente ao passar pelo Volvo, mas, pela visão periférica, consegui ver o bastante para saber que ela estava rindo.

3. FENÔMENO

QUANDO ABRI OS olhos de manhã, havia algo diferente.

Era a luz. Ainda era a luz sombria de um dia nublado na floresta, mas de certa forma estava mais claro. Percebi que não havia neblina obscurecendo a minha janela.

Pulei da cama para olhar para fora e gemi.

Uma fina camada de neve cobria o jardim, acumulava-se no alto de minha picape e deixava a rua branca. Mas essa não era a pior parte. Toda a chuva da véspera havia se solidificado — cobrindo as agulhas das árvores de formas malucas e fazendo da entrada de carros uma pista de gelo liso e mortal. Para mim, já era difícil não cair quando o chão estava seco; devia ser mais seguro voltar para a cama imediatamente.

Charlie saíra para o trabalho antes que eu descesse ao primeiro andar. De muitas maneiras, morar com ele era como ter minha própria casa, e percebi que estava gostando do espaço em vez de me sentir solitário.

Engoli rápido uma tigela de cereal e um pouco de suco de laranja direto da caixa. Eu estava empolgado para ir para a escola, e isso me preocupava. Eu sabia que não era pelo ambiente estimulante de aprendizado, nem por meu novo grupo de amigos. Para ser sincero comigo mesmo, eu sabia que estava ansioso para ir para a escola porque veria Edythe Cullen. E isso era uma grande estupidez.

Talvez algumas garotas estivessem curiosas com o fato de eu ser o cara novo, mas Edythe não era uma McKayla nem uma Erica. Eu estava ciente de que meu mundo e o dela eram esferas que não se tocavam. Eu já estava com medo de que olhar para o rosto dela estivesse me dando expectativas irreais que me perseguiriam pelo resto da vida. Passar mais tempo olhando para ela, observando os lábios se moverem, admirando a pele dela, ouvindo a voz, não ajudaria em nada. Eu não confiava nela… por que mentir sobre a cor dos olhos? E, claro, havia a história de ela ter desejado me ver morto em algum momento. Então, eu não devia ficar empolgado em vê-la de novo.

Precisei de toda a minha concentração para descer vivo a entrada de carros de tijolos congelados. Quase perdi o equilíbrio quando finalmente cheguei à picape, mas consegui segurar no retrovisor e me salvar. Os deslocamentos na escola seriam complicados hoje… com grande potencial para humilhação.

Minha picape não parecia ter problemas com o gelo escuro que cobria as ruas. Mas dirigi bem devagar, sem querer traçar uma rota de destruição pela rua principal.

Quando saí do carro na escola, vi por que tive tão poucos problemas. Uma coisa

prateada atraiu meus olhos, e andei até a traseira da picape — apoiando-me com cuidado na lateral — para examinar os pneus. Havia neles correntes finas formando losangos. Charlie se levantara cedo, sabe-se lá a que horas, para colocar correntes de neve no meu carro.

Franzi a testa, surpreso de ficar com a garganta apertada de repente. Não era para ser assim. Devia ter sido eu a pensar em botar correntes nos pneus dele, se eu soubesse fazer isso. Ou, pelo menos, eu devia tê-lo ajudado. Não era trabalho dele…

Só que, na verdade, era sim. Ele era o pai. Estava cuidando de mim, do filho dele. Era assim que funcionava nos livros e nos programas de TV, mas me fez sentir meio errado de alguma forma.

Eu estava parado junto ao canto traseiro da picape, lutando para reprimir a onda de emoção repentina que as correntes de neve me provocaram, quando ouvi um som estranho.

Foi um guincho agudo, e, quase na mesma hora que percebi, o som já estava dolorosamente alto. Olhei para cima, sobressaltado.

Vi várias coisas ao mesmo tempo. Nada estava se movendo em câmera lenta, como acontece nos filmes. Em vez disso, o jato de adrenalina parecia fazer com que meu cérebro trabalhasse muito mais rápido, e pude absorver simultaneamente várias coisas em detalhes nítidos.

Edythe Cullen estava parada a quatro carros de mim, com a boca aberta horrorizada. O rosto dela se destacava em um mar de rostos, todos paralisados na mesma máscara de choque. Mais adiante, uma van azul-escura estava derrapando, com os pneus travados e guinchado com os freios, rodando como louca pelo gelo do estacionamento. Ia bater na traseira da minha picape, e eu estava parado entre os dois carros. Não tive tempo nem de fechar os olhos.

Pouco antes de ouvir o esmagar da van sendo amassada na caçamba da picape, alguma coisa me atingiu com força, mas não da direção que eu esperava. Minha cabeça bateu no asfalto gelado, e senti uma coisa sólida e fria me prendendo no chão. Percebi que estava deitado atrás do carro caramelo estacionado ao lado do meu. Mas não pude perceber mais nada, porque a van ainda vinha. Raspara com um rangido na traseira da picape e, ainda girando e derrapando, estava prestes a bater em mim *de novo*.

— Caramba!

Ela disse a palavra com tanta rapidez que quase não ouvi, mas era impossível não reconhecer a voz.

Duas mãos longas e brancas se estenderam na minha frente, e a van estremeceu até parar a trinta centímetros do meu rosto, as mãos pálidas dela criando um amassado profundo na lateral da van.

Depois as mãos mexeram-se com tal rapidez que pareciam um vulto. Uma segurou de repente embaixo da van, e alguma coisa me arrastava, balançando minhas pernas como as de uma boneca de trapos, até que elas atingiram o pneu do carro caramelo. Houve um baque metálico tão alto que feriu meus ouvidos, e a van parou, estourando o vidro, no asfalto — exatamente onde, um segundo antes, minhas pernas estiveram.

Por um segundo, o silêncio foi absoluto. E então, a gritaria começou. No caos repentino, eu conseguia ouvir mais de uma pessoa gritando meu nome. Mas, com mais clareza ainda, podia ouvir a voz baixa e frenética de Edythe Cullen no meu ouvido.

— Beau! Está tudo bem?

— Estou bem. — Minha voz parecia estranha. Tentei me sentar e percebi que ela me segurava junto à lateral do corpo. Eu devia estar mais traumatizado do que percebia, porque não conseguia nem me mexer no aperto do braço dela. Estaria fraco de choque?

— Cuidado — alertou ela enquanto eu tentava me soltar. — Acho que você bateu a cabeça com força.

Percebi uma dor latejante acima da orelha esquerda.

— Ai — exclamei, surpreso.

— Foi o que eu pensei. — Não era engraçado, mas, pela voz dela, parecia que ela estava tentando não rir.

— Como foi que… — Eu parei de falar e tentei clarear a mente, procurando me orientar. — Como você chegou aqui tão rápido?

— Eu estava bem do seu lado, Beau — disse ela, o tom sério novamente.

Eu me virei para me sentar, e, dessa vez, ela me ajudou, mas logo deslizou para o mais longe possível no espaço limitado. Olhei para a expressão preocupada e inocente dela e de novo fiquei desorientado pelos olhos cor de ouro. O que foi mesmo que perguntei a ela?

E depois eles nos acharam, uma multidão de gente com lágrimas descendo pelo rosto, gritando umas com as outras, gritando para nós.

— Não se mexa — instruiu alguém.

— Tirem a Taylor da van! — gritou outra pessoa. Houve um alvoroço com a atividade em nossa volta. Tentei me levantar, mas a mão de Edythe empurrou meu ombro para baixo.

— Fique quieto por enquanto.

— Mas está frio — reclamei.

Fiquei surpreso quando ela riu baixinho. Havia uma aspereza naquele som.

— Você estava lá — falei, lembrando de repente, e o riso dela parou num instante. — Você estava perto do seu carro.

A expressão dela ficou séria.
— Não estava, não.
— Eu vi você.
Tudo à nossa volta era um caos. Eu podia ouvir as vozes mais graves de adultos que chegavam na cena. Mas, obstinadamente, me prendi a nossa discussão; eu estava certo e ela tinha que admitir isso.
— Beau, eu estava parada do seu lado e tirei você do caminho.
Ela ficou me olhando, e uma coisa estranha aconteceu. O dourado dos olhos pareceu aumentar, como se os olhos dela estivessem me drogando, me hipnotizando. Foi arrasador, só que de um jeito esquisito e incrível. Mas a expressão dela estava ansiosa. Achei que ela estava tentando me passar alguma informação crucial.
— Mas não foi isso que aconteceu — falei, com voz fraca.
O ouro em seus olhos se inflamou de novo.
— Por favor, Beau.
— Por quê? — perguntei.
— Confie em mim — suplicou ela.
Consegui ouvir as sirenes agora.
— Promete que vai me explicar tudo depois?
— Tudo bem — rebateu ela, repentinamente exasperada.
— Tudo bem — murmurei, sem conseguir entender as variações de humor dela junto com todo o resto que estava tentando absorver. O que eu devia pensar quando o que lembrava era impossível?
Foram necessários seis paramédicos e duas professoras — a Sra. Varner e a treinadora Clapp — para afastar a van de nós o bastante para que as macas entrassem. Edythe insistiu que nada a havia atingido, e tentei fazer o mesmo, mas ela logo me contradisse. Ela contou que eu bati a cabeça e fez parecer pior do que era, usando palavras como *concussão* e *hemorragia*. Eu quis morrer quando me colocaram o protetor de pescoço. Parecia que toda a escola estava ali, olhando sobriamente enquanto me levavam para a traseira da ambulância. Edythe foi na frente. Foi mil vezes mais humilhante do que imaginei que o dia seria, e eu não tinha nem chegado à calçada.
Para piorar as coisas, o chefe Swan chegou antes que pudessem me tirar dali em segurança.
— Beau! — gritou ele, em pânico, quando me reconheceu na maca.
— Eu estou bem, Char… pai. — Eu suspirei. — Não há nada de errado comigo.
Ele se virou para o paramédico mais próximo, pedindo uma segunda opinião. Enquanto o paramédico tentava acalmá-lo, desliguei-me dele para refletir sobre a confusão de imagens inexplicáveis que se agitavam caoticamente em minha

cabeça, imagens que não eram possíveis. Quando me levantaram do carro, eu vi o amassado fundo no para-choque do carro caramelo — um amassado muito distinto, que combinava com os contornos dos ombros estreitos de Edythe… Como se ela tivesse se jogado no carro com força suficiente para amassar a estrutura de metal…

E depois, apareceu a família dela, olhando a distância, com expressões que iam de reprovação (Eleanor) a fúria (Royal), mas sem a menor sugestão de preocupação pela segurança da irmãzinha.

Lembrei-me da sensação de quase sair voando… daquele peso rígido que me prendeu ao chão… da mão de Edythe debaixo da van, como se a estivesse levantando…

Tentei pensar numa explicação lógica para o que eu acabara de ver. Eu só conseguia pensar que estava tendo um episódio psicótico. Eu não me sentia louco, mas talvez as pessoas loucas sempre se sentissem sãs.

Naturalmente, a ambulância teve escolta policial até o hospital do condado. Eu me senti ridículo quando foram me tirar da ambulância. O que piorava tudo era que Edythe simplesmente passou pelas portas do hospital andando com os próprios pés.

Eles me colocaram na emergência, uma sala comprida com uma fila de leitos separados por cortinas em tom pastel. Uma enfermeira pôs um aparelho de pressão no meu braço e um termômetro debaixo da minha língua. Como ninguém se incomodou em puxar a cortina para me dar um pouco de privacidade, decidi que não era mais obrigado a usar o protetor de pescoço ridículo. Quando a enfermeira se afastou, abri o velcro rapidamente e o atirei debaixo da cama.

Houve outra agitação dos funcionários do hospital, outra maca trazida para o leito ao lado do meu. Reconheci Taylor Crowley, da minha turma de educação cívica, atrás das ataduras sujas de sangue que envolviam firmemente sua cabeça. Taylor parecia cem vezes pior do que eu. Mas olhava angustiada para mim.

— Beau, me desculpe!

— Eu estou bem, Taylor… Você parece péssima, está tudo bem?

Enquanto falávamos, enfermeiras começaram a desfazer sua atadura encharcada, expondo uma miríade de cortes superficiais em toda a testa e na bochecha esquerda.

Ela me ignorou.

— Achei que fosse matar você! Eu estava indo rápido demais e derrapei no gelo… — Ela fez uma careta quando uma das enfermeiras começou a limpar seu rosto.

— Não se preocupe com isso; você não me acertou.

— Como foi que saiu do caminho tão rápido? Você estava lá e de repente sumiu…
— Hmmm… Edythe me puxou de lá.
Ela pareceu confusa.
— Quem?
— Edythe Cullen. Ela estava do meu lado. — Como sempre, não pareci nada convincente.
— Edythe? Não a vi… Caramba, acho que foi tudo tão rápido. Ela está bem?
— Acho que sim. Está em algum lugar por aqui, mas ninguém a obrigou a vir de maca.
Eu sabia que não era louco. O que tinha acontecido? Não havia como explicar o que eu vi.
Eles me levaram de novo na maca, para uma radiografia da cabeça. Eu disse que não havia nada de errado e tinha razão. Nem mesmo uma concussão. Perguntei se podia ir embora, mas a enfermeira disse que primeiro eu teria que falar com um médico. Então, fiquei preso na emergência, esperando, incomodado pelas desculpas constantes de Taylor e suas promessas de que iria me compensar. Não importava quantas vezes eu tentasse convencê-la de que estava bem, ela continuava a implorar por perdão. Por fim, fechei os olhos e tentei ignorá-la.
— Ele está dormindo? — perguntou uma voz musical. Meus olhos se abriram.
Edythe estava parada ao pé do meu leito, com uma expressão que parecia mais de deboche do que um sorriso. Fiquei olhando para ela, tentando juntar as peças na minha cabeça. Ela não *parecia* uma pessoa capaz de atacar veículos com as próprias mãos. Mas, por outro lado, ela também não era parecida com ninguém que eu já tivesse visto.
— Oi, hã, Edythe, me desculpe… — Taylor começou a dizer.
Edythe ergueu a mão para detê-la.
— Sem sangue, sem crime — disse ela, mostrando os dentes brilhantes. Ela foi se sentar na beira do leito de Taylor, virada para mim. Deu aquele sorrisinho debochado de novo.
— E então, qual é o veredito? — perguntou-me.
— Não há nada de errado comigo, mas não me deixam ir embora — respondi.
— Por que você não foi amarrada a uma maca como nós?
— Tem a ver com quem você conhece — respondeu ela. — Mas não se preocupe, eu vim libertá-lo.
Uma médica apareceu, e minha boca se abriu. Ela era jovem, era loura… e era mais linda do que qualquer estrela de cinema que eu já tivesse visto. Como se alguém tivesse esquartejado Audrey Hepburn, Grace Kelly e Marilyn Monroe, depois pegou as melhores partes e colou tudo para formar uma deusa. Mas era

pálida e parecia cansada, com olheiras debaixo dos olhos escuros. Pela descrição de Charlie, tinha que ser a mãe de Edythe.
— Então, Sr. Swan — disse a Dra. Cullen numa voz gentil —, como está se sentindo?
— Estou bem — respondi. Esperava que pela última vez.
Ela foi até o quadro de luz na parede acima da minha cabeça e o ligou.
— Sua radiografia parece boa — disse ela. — Está com dor de cabeça? Edythe disse que você bateu com muita força.
— Eu estou bem — repeti com um suspiro, lançando um breve olhar zangado para Edythe. Ela evitou meu olhar.
Os dedos frios da médica sondaram de leve meu crânio. Ela percebeu quando estremeci.
— Dolorido? — perguntou.
— Na verdade, não. — Já senti coisas piores.
Ouvi uma risadinha, olhei e vi Edythe sorrindo.
— Bem, seu pai está na sala de espera. Pode ir para casa com ele agora. Mas volte se sentir vertigem ou tiver qualquer problema de visão.
— Não posso voltar para a escola? — perguntei, imaginando Charlie tentando bancar o enfermeiro.
— Talvez fosse melhor você descansar hoje.
Olhei para Edythe.
— Ela vai para a escola?
— Alguém tem que espalhar a boa notícia de que sobrevivemos — disse Edythe, presunçosa.
— Na verdade — corrigiu a Dra. Cullen —, a maior parte da escola parece estar na sala de espera.
— Ugh — gemi.
A Dra. Cullen ergueu as sobrancelhas.
— Quer ficar aqui?
— Não, não! — insisti, atirando as pernas pelo lado do leito e pulando para o chão rapidamente.
Foi rápido demais. Eu cambaleei, e a Dra. Cullen me segurou. Ela era mais forte do que parecia.
— Estou bem — garanti de novo. Não havia necessidade de dizer a ela que meus problemas de equilíbrio não tinham nada a ver com a pancada na cabeça.
— Tome um Tylenol para a dor — sugeriu ela enquanto me equilibrava.
— Não está doendo tanto assim — insisti.
— Parece que vocês tiveram muita sorte — disse a Dra. Cullen, sorrindo ao assinar meu prontuário com um floreio.

— A sorte foi Edythe por acaso estar parada do meu lado — corrigi com um olhar duro para o objeto de minha declaração.
— Ah, bem, sim — concordou a Dra. Cullen, repentinamente ocupada com a papelada diante dela. Depois, desviou os olhos para Taylor e foi até o leito seguinte. Tive certeza de que a médica sabia de tudo.
— Mas acho que *você* terá que ficar conosco por mais um tempinho — disse ela a Taylor, e começou a examinar os cortes.
Assim que a médica se virou, fui para o lado de Edythe.
— Posso conversar com você um minuto? — sibilei. Ela recuou um passo, o queixo de repente trincado.
— Seu pai está esperando você — disse ela, entredentes.
Eu olhei para a Dra. Cullen e para Taylor.
— Preciso falar com você a sós — pressionei.
Ela fez cara feia, mas não foi como no primeiro dia, nem um pouco homicida, então esperei. Depois de um segundo, ela deu as costas e andou rapidamente pela sala comprida. Mesmo com minhas pernas longas, quase tive que correr para acompanhá-la. Assim que viramos para um corredor pequeno, ela girou o corpo e me encarou.
— O que você quer? — perguntou, parecendo irritada. Seus olhos estavam frios.
A animosidade dela me intimidou. Minhas palavras saíram com menos segurança do que eu pretendia.
— Você me deve uma explicação — lembrei a ela.
— Eu salvei a sua vida. Não lhe devo nada.
Eu me encolhi ao ouvir o ressentimento na voz dela.
— Por que você está agindo assim?
— Beau, você bateu a cabeça, não sabe do que está falando. — O tom de voz era cortante.
Mas a raiva dela só me deu mais certeza de que eu estava certo.
— Não há nada de errado com a minha cabeça.
Ela me olhou com mais irritação ainda.
— O que você quer de mim, Beau?
— Quero saber a verdade — respondi. — Quero saber por que estou mentindo por você.
— O que você *acha* que aconteceu? — rebateu ela.
Foi mais difícil dizer as palavras em voz alta, pois dava para ouvir a loucura. Abalou minha convicção, mas tentei manter a voz firme e calma.
— Sei é que você não estava em nenhum lugar perto de mim. Taylor também não a viu, então não venha me dizer que bati a cabeça com força. Aquela van ia esmagar nós dois… E não esmagou. Pareceu que suas mãos deixaram um

amassado na lateral dela, e seu ombro deixou um amassado no outro carro, mas você não está nada machucada. A van devia ter esmagado minhas pernas, mas você a levantou… — Foi ficando cada vez pior. Não consegui continuar.
Ela estava me encarando, os olhos arregalados e incrédulos. Mas não conseguia esconder totalmente a tensão, a postura defensiva.
— Você acha que eu levantei a van de cima de você? — O tom de voz questionava minha sanidade, mas havia algo de estranho. Era como uma fala dita com perfeição por uma atriz habilidosa, tão difícil de se duvidar, mas, ao mesmo tempo, a tela do cinema fazia você perceber que nada era real.
Eu apenas concordei uma vez.
Ela deu um sorriso frio e debochado.
— Ninguém vai acreditar nisso, você sabe.
— Não vou contar a ninguém.
A surpresa passou rapidamente pelo rosto dela, e o sorriso sumiu.
— Então por que importa?
— Importa para mim — falei. — Não gosto de mentir. Então, é melhor haver uma boa razão para que eu faça isso.
— Não dá só pra me agradecer e acabar com isso?
— Obrigado — eu disse, e cruzei os braços. Esperando.
— Você não vai deixar pra lá, não é?
— Não.
— Neste caso… Espero que goste de se decepcionar.
Ela me olhou com irritação, e eu olhei para ela, com os pensamentos abalados pelo quanto ela ficava linda com raiva. Fui o primeiro a falar, tentando me manter concentrado. Corria o risco de me distrair completamente. Era como tentar encarar um anjo exterminador.
— Se era para agir assim, por que você se deu o trabalho? — perguntei.
Ela parou, e, por um breve momento, seu rosto perfeito ficou inesperadamente vulnerável.
— Não sei — sussurrou ela.
E deu as costas para mim e se afastou.
Demorei alguns minutos para conseguir me mexer. Quando consegui andar, segui lentamente para a saída no final do corredor.
A sala de espera foi desagradável, como eu temia. Parecia que cada rosto que eu conhecia em Forks estava lá, me encarando. Charlie correu para mim; eu levantei as mãos.
— Não há nada de errado comigo — garanti a ele, exasperado de repente pela situação louca.
— O que o médico disse?

— A Dra. Cullen me examinou e disse que eu estava bem e que podia ir para casa. — McKayla, Jeremy e Erica estavam ali, começando a convergir para nós.
— Vamos — pedi.
Charlie esticou o braço para mim, como se achasse que eu precisava me apoiar. Segui depressa para a porta da saída, acenando timidamente para meus amigos. Eu torcia para eles já terem se esquecido de tudo no dia seguinte.
Era improvável.
Foi um grande alívio (a primeira vez que senti isso) entrar na radiopatrulha.
Seguimos no carro em silêncio. Eu estava tão imerso em meus pensamentos que mal percebia a presença de Charlie. Tinha certeza absoluta de que o comportamento defensivo de Edythe no corredor fora uma confirmação das coisas estranhas que eu ainda não conseguia acreditar ter testemunhado.
Quando chegamos em casa, Charlie finalmente falou.
— Hmmm… Você vai precisar ligar para Renée. — Ele inclinou a cabeça com culpa.
Fiquei estupefato.
— Você contou à *mamãe*?
— Desculpe.
Bati a porta da viatura com uma força um pouco maior do que a necessária ao sair do carro.
É claro que a minha mãe estava histérica. Tive que dizer a ela que eu me sentia bem pelo menos umas trinta vezes, até ela se acalmar. Ela me implorou para ir para casa — esquecendo-se do fato de que a casa naquele momento estava vazia —, mas foi mais fácil resistir às súplicas do que eu teria imaginado. Eu estava consumido pelo mistério representado por Edythe. E um pouco mais do que obcecado pela própria Edythe. Idiota, idiota, idiota. Eu não estava tão ansioso para escapar de Forks como deveria, como qualquer pessoa normal e sã teria feito.
Decidi que podia muito bem ir para a cama mais cedo naquela noite. Charlie continuou a me observar ansiosamente, e aquilo estava me dando nos nervos. Parei a caminho do quarto para pegar três comprimidos de Tylenol no banheiro. Eles ajudaram e, à medida que a dor cedia, caí no sono.
Essa foi a primeira noite em que sonhei com Edythe Cullen.

4. CONVITES

EM MEU SONHO, estava muito escuro, e a luz fraca que havia parecia irradiar da pele de Edythe. Eu não conseguia ver seu rosto, só suas costas enquanto ela se afastava de mim, deixando-me na escuridão. Por mais rápido que eu corresse, não conseguia alcançá-la; por mais alto que gritasse, ela não se virava. Fui ficando mais e mais desesperado para chegar até ela, até que a ansiedade me acordou. Era o meio da noite, mas não consegui dormir de novo pelo que pareceu um longo tempo. Depois disso, ela entrou em meus sonhos quase todas as noites, mas sempre fora da cena, nunca ao meu alcance.

O mês seguinte ao acidente foi inquietante, tenso e, no início, constrangedor.

Virei o centro das atenções pelo resto da semana, o que achei um saco. Taylor Crowley ficou superchata, seguindo-me por toda parte, inventando jeitos hipotéticos de se redimir. Tentei convencê-la de que o que eu mais queria dela era que esquecesse tudo aquilo — em especial porque não tinha acontecido nada comigo —, mas ela não desistia. Seguia-me entre as aulas e se sentava à nossa mesa, agora abarrotada. McKayla e Erica não pareciam estar gostando; olharam mais torto para ela do que olhavam uma para a outra, o que me deixou preocupado com a possibilidade de ter ganhado outra fã indesejada. Como se gostar do garoto novo fosse a nova moda.

Ninguém estava preocupado com Edythe; ninguém a seguia e nem pedia o relato dela de testemunha ocular. Eu sempre a incluía na minha versão; ela era a heroína, ela havia me tirado do caminho e quase fora atropelada também. Mas o que todo mundo dizia era que não tinham percebido que ela estava ali até a van ser afastada.

Eu refleti muito sobre o motivo de ninguém mais tê-la visto parada tão longe, encostada no carro, antes de salvar a minha vida de forma tão repentina e impossível. Eu só conseguia pensar em uma solução, e não gostei nada dela. Tinha que ser porque mais ninguém prestava tanta atenção em Edythe. Ninguém a observava da forma como eu fazia. Era patético e meio apavorante.

As pessoas continuaram evitando Edythe do mesmo jeito de sempre. Os Cullen e os Hale sentavam-se à mesma mesa de sempre, sem comer, conversando entre si. Nenhum deles voltou a olhar na minha direção.

Quando Edythe se sentou ao meu lado na aula, o mais distante possível, como sempre, pareceu totalmente inconsciente da minha presença. Como se minha cadeira estivesse vazia. Só vez ou outra, quando seus punhos de repente se fechavam — a pele esticada ainda mais branca sobre os ossos — é que eu me perguntava se ela estava tão distraída como parecia.

Eu queria muito continuar nossa conversa do corredor do hospital, e, no dia seguinte ao acidente, tentei. Ela estava furiosa quando conversamos da primeira vez. E, apesar de eu querer muito saber o que aconteceu e de achar que eu merecia a verdade, eu também sabia que fui bem insistente, considerando que ela tinha acabado de salvar minha vida e tudo o mais. Eu achava que não tinha agradecido direito.

Ela já estava na cadeira quando cheguei à aula de biologia. Nem se virou quando me sentei, continuou olhando para a frente. Não deu sinais de ter percebido minha presença.

— Oi, Edythe — falei.

Ela virou a cabeça um centímetro na minha direção, mas os olhos continuaram grudados no quadro. Balançou a cabeça uma vez e depois desviou o rosto.

E esse foi o último contato que tive com ela, apesar de ela estar ali, a trinta centímetros de distância, todos os dias. Eu a olhava às vezes, incapaz de me conter — mas sempre de longe, no refeitório ou no estacionamento. Eu vi os olhos dourados ficarem perceptivelmente mais escuros dia após dia (e depois dourados de novo, de repente. Aí, a progressão lenta começava de novo). Mas, na aula, eu não conseguia ter mais acesso a ela do que ela permitia. Foi horrível. E os sonhos continuaram.

Ela desejava não ter me tirado do caminho da van de Taylor. Eu não conseguia pensar em nenhuma outra explicação. Como ela me preferia morto, estava fingindo que eu estava morto.

Apesar das minhas mentiras cabais, o tom de meus e-mails deixou minha mãe preocupada. Ela ligou algumas vezes, querendo saber se eu estava bem. Tentei convencê-la de que era só a chuva que me deixava desanimado.

McKayla, pelo menos, ficou satisfeita com a frieza evidente entre mim e minha parceira de laboratório. Eu achava que ela estava com medo de o trauma compartilhado nos ter aproximado, talvez. Ela foi ficando mais confiante, sentando-se na beirada da minha mesa para conversar antes que começasse a aula de biologia, ignorando Edythe completamente, como ela nos ignorava.

A neve desapareceu de vez depois daquele dia perigosamente gelado. McKayla reclamou por não ter podido armar a grande guerra de bolas de neve, mas ficou satisfeita porque logo seria possível fazer a viagem à praia. Porém, a chuva continuava pesada, e as semanas se passaram.

Eu não percebi que tanto tempo tinha se passado. A maioria dos dias era igual, cinza, verde e mais cinza. Meu padrasto sempre reclamava que Phoenix não tinha estações, mas, pelo que eu conseguia perceber, Forks era bem pior. Eu não fazia ideia de que a primavera estivesse perto de aparecer até estar indo para o refeitório com Jeremy em uma manhã chuvosa.

— Ei, Beau — disse ele.
Eu queria sair logo da chuva, mas Jeremy estava andando bem devagar. Fui mais devagar também, para acompanhá-lo.
— O que está rolando, Jeremy?
— Eu queria saber se alguém já convidou você para o baile de primavera. É a garota que convida.
— Ah. Hã, não.
— Ué. Você quer… Quer dizer, você acha que a McKayla vai te convidar?
— Espero que não — falei, talvez um pouco rápido demais.
Ele me olhou com surpresa.
— Por quê?
— Eu não vou a bailes.
— Ah.
Andamos mais um pouco em silêncio. Ele estava pensativo. Eu estava impaciente para sair da chuva.
— Você se importa se eu disser isso a ela? — perguntou ele.
— Não. Acho que é uma boa ideia. Não quero ter que dizer não para ninguém.
— Tudo bem.
— Quando é mesmo o baile?
Estávamos perto do refeitório agora. Ele apontou para um pôster amarelo berrante anunciando o baile. Eu nunca tinha reparado, mas estava meio enrugado nas beiradas e apagado, como se estivesse ali havia muito tempo.
— No outro sábado — disse ele.
Eu tinha certeza de que Jeremy já tinha falado alguma coisa quando, na manhã seguinte, McKayla não estava com o humor esfuziante de sempre na aula de inglês. No almoço, ela se sentou longe de Jeremy e de mim, e não falou quase nada com ninguém. Ficou em silêncio ao andar ao meu lado para a aula de biologia, mas foi se sentar como sempre na beirada da minha mesa no laboratório. Como sempre, fiquei ciente demais de Edythe sentada perto, ao alcance da minha mão, mas ainda tão distante que podia muito bem ser produto da minha imaginação.
— Então — disse McKayla, olhando para o chão e não para mim —, o Jeremy me disse que você nunca vai a bailes.
— É verdade.
Ela olhou para mim, com expressão magoada e meio zangada. Eu ainda nem tinha dito não para ela, mas já me sentia culpado.
— Ah — disse ela. — Achei que ele podia ter inventado.
— Ah, desculpa, não. Por que ele inventaria uma história assim?
Ela franziu a testa.

— Acho que ele quer que eu o chame.
Eu forcei um sorriso.
— E você devia. Jeremy é gente boa.
Ela deu de ombros.
— Acho que é. — Em seguida, respirou fundo e me olhou nos olhos com um sorriso rápido e nervoso. — Esse negócio de "não vou a bailes" não mudaria se eu convidasse você para ir?
Com o canto do olho, vi a cabeça de Edythe se virar de repente na minha direção. Como se ela também estivesse prestando atenção à minha resposta.
Demorei tempo demais para responder. Eu ainda me sentia culpado, mas estava mais distraído. Por que Edythe estava prestando atenção?
— Ah, peço desculpas de novo.
O rosto de McKayla se transformou.
— Seria diferente se outra pessoa convidasse?
Edythe teria visto como McKayla desviou os olhos na direção dela?
— Não. E não adianta, de qualquer jeito. Vou estar em Seattle nesse dia.
Eu precisava sair da cidade. Dali a dois sábados era o momento perfeito para eu ir.
— Tem que ser *naquele* fim de semana? — perguntou McKayla.
— Tem. Mas não se preocupe comigo. Você devia chamar Jeremy. Ele é bem mais divertido do que eu.
— É, tem razão — murmurou ela, e se virou para voltar ao lugar dela.
Vi os ombros dela penderem para a frente e me senti péssimo. Fechei os olhos e apertei os dedos nas têmporas, tentando expulsar a postura derrotada de McKayla da minha cabeça. A Sra. Banner começou a falar. Suspirei e abri os olhos.
Edythe estava me encarando abertamente, com aquela expressão familiar de frustração ainda mais evidente nos olhos escuros.
Sustentei o olhar, surpreso, esperando que ela desviasse o rosto. Mas ela não desviou. Os olhos continuaram grudados nos meus, como se estivesse tentando encontrar alguma coisa importante ali. Também continuei olhando, incapaz de romper a ligação, mesmo que quisesse. Minhas mãos começaram a tremer.
— Srta. Cullen — chamou a professora, esperando pela resposta a uma pergunta que eu não ouvira.
— O ciclo de Krebs — respondeu Edythe, parecendo relutante ao se virar para a Sra. Banner.
Baixei a cabeça e fingi ler o livro assim que os olhos dela desgrudaram de mim. Fiquei incomodado com a onda de emoção que pulsou por mim, só porque ela por acaso olhou para mim pela primeira vez em seis semanas. Não era normal.

Era bem patético, provavelmente mais do que isso. Doentio.
Eu me esforcei muito para não ficar atento a ela pelo resto da aula ou, como era impossível, pelo menos não deixar que ela soubesse que eu estava atento a ela. Quando o sinal finalmente tocou, dei as costas para ela para guardar os livros, esperando que ela saísse de imediato, como sempre.
— Beau.
A voz dela não devia ser tão familiar para mim, como se a ouvisse por toda a vida e não um pouco aqui e um pouco ali havia algumas semanas.
Eu me virei devagar na direção dela, sem querer sentir o que sabia que *sentiria* quando olhasse para aquele rosto perfeito demais. Tenho certeza de que minha expressão era de cautela; a dela estava ilegível. Ela não disse nada.
— O quê? — perguntei.
Ela só olhou para mim.
— Então… hã, você… está falando comigo ou não?
— Não — disse ela, mas os lábios se curvaram em um sorriso, exibindo as covinhas.
— Tudo bem…
Eu afastei o olhar, para as mãos e depois para o quadro. Era difícil me concentrar quando eu olhava para ela, e aquela conversa não estava fazendo muito sentido.
— Desculpe — disse ela, e não havia humor em sua voz agora. — Tenho sido muito rude, eu sei. Mas é melhor assim, pode acreditar.
Olhei para ela de novo. Seu rosto estava muito sério.
— Não sei o que você quer dizer.
— É melhor não sermos amigos — explicou ela. — Confie em mim.
Meus olhos se estreitaram. Eu já ouvira isso antes.
Ela pareceu surpresa com a minha reação.
— O que você está pensando? — perguntou ela.
— Acho… que é uma pena você não ter chegado a essa conclusão antes. Teria poupado o arrependimento.
— Arrependimento? — Minha resposta pareceu pegá-la de surpresa. — Arrependimento do quê?
— De não ter deixado a van da Taylor me esmagar quando houve a oportunidade.
Ela pareceu chocada. Ficou me olhando por um minuto, com olhos arregalados, e quando finalmente falou, parecia quase furiosa.
— Você acha que me arrependo de ter salvado sua vida? — As palavras saíram baixas, sussurradas, mas bem intensas.
Olhei rapidamente para a frente da sala, onde duas pessoas ainda estavam. Vi uma olhando para nós. Ela afastou o olhar e eu me virei para Edythe.

— Acho — respondi, a voz tão baixa quanto a dela. — O que mais pode ser? Parece meio óbvio.
Ela fez um som estranho: expirou pelos dentes e pareceu um *sibilar*. Continuava com cara de raiva.
— Você é um idiota — disse ela.
Aquele foi meu limite.
Já era bem ruim eu estar tão obcecado por aquela garota, bem ruim eu pensar nela o tempo todo, sonhar com ela todas as noites. Eu não precisava ficar ali como o cretino que ela achava que eu era, olhando enquanto ela me insultava. Peguei meus livros e pulei da cadeira, sabendo o tempo todo que ela estava certa, eu *era* um idiota, porque queria ficar, mesmo que tivesse que ouvir mais agressões vindas dela. Eu tinha que sair da sala o mais rápido possível, então, claro, tropecei na entrada e quase caí pela porta, deixando os livros se espalharem pelo chão. Fiquei parado por um momento, de olhos fechados, pensando em deixá-los para trás. Depois, suspirei e me abaixei para pegá-los.
Edythe estava ali; já empilhara meus livros e os entregou a mim.
Peguei-os sem olhar para ela.
— Obrigado — murmurei.
— Não há de quê — retrucou ela. Ainda com raiva, ao que parecia.
Eu me endireitei rapidamente e corri para o ginásio sem olhar para trás.
A aula de educação física não deixou meu dia melhor. Agora, estávamos jogando basquete. No primeiro dia, apesar de todo mundo ter me *visto* jogando vôlei, meus colegas ainda pareciam achar que eu devia ser bom. Não demorou para eles perceberem. Nunca me passavam a bola agora, o que era bom, mas, com tanta corrida, eu ainda conseguia causar alguns acidentes a cada jogo. Aquele dia foi pior do que o anterior porque eu não conseguia me concentrar nos meus pés. Eu só conseguia pensar em Edythe.
Como sempre, foi um alívio poder ir embora. Eu mal conseguia esperar para voltar para dentro da picape, sozinho. O carro sofrera danos mínimos com o acidente. Tive que substituir as luzes de ré, mas só isso. Se a tinta já não estivesse horrível, talvez eu precisasse fazer alguma coisa nos aranhões novos. Os pais de Taylor tiveram que vender a van para o desmanche.
Meu coração quase parou quando virei a esquina. Uma figura pequena e magra estava encostada na lateral da minha picape. Parei de repente e respirei fundo. Era só Erica. Comecei a andar novamente.
— Oi, Erica — falei.
— Oi, Beau.
— E aí? — perguntei enquanto ia abrir a porta.
Olhei para ela e me enrolei com a chave. Ela parecia pouco à vontade.

— Hã, eu queria saber se você gostaria de ir ao baile de primavera comigo.
Enfiei a chave na fechadura com cuidado.
— Me desculpe, Erica, eu não vou ao baile.
Precisei olhar para ela nessa hora. O rosto dela estava virado para baixo e o cabelo preto escondia os olhos.
— Ah, tá.
— Porque vou para Seattle — acrescentei rapidamente, tentando fazê-la se sentir melhor. — É o único dia em que posso ir. Então, você sabe, né. Espero que seja divertido e tudo.
Ela ergueu o rosto.
— Tudo bem — disse ela, mas a voz estava um pouco mais alegre agora. — Quem sabe no próximo.
— Claro — concordei, mas me arrependi na mesma hora. Eu esperava que ela não entendesse isso tão literalmente.
— Tchau — disse ela por cima do ombro. Ela já estava fugindo. Eu acenei, mas ela não viu.
Ouvi um risinho baixo.
Edythe estava passando pela minha picape, olhando para a frente, e a boca não dava nem sinal de sorriso.
Parei por um segundo. Eu não estava preparado para ficar tão perto dela. Estava acostumado a me preparar antes da aula de biologia, mas aquilo foi inesperado. Ela continuou andando. Abri o carro num rompante e pulei para dentro, batendo a porta ruidosamente. Acelerei o motor ensurdecedor duas vezes e dei a ré para a rua. Edythe já estava no carro dela, a duas vagas de distância, passando suavemente por mim, me dando uma fechada. Ela parou ali — para esperar pela família, eu supus. Pude ver os quatro se aproximando, mas ainda perto do refeitório. Olhei pelo retrovisor. Vi que começava a se formar uma fila. Bem atrás de mim, Taylor Crowley estava no Sentra usado recém-adquirido, acenando. Eu baixei a cabeça e fingi não a ver.
Enquanto eu estava sentado ali, concentrando todos os meus esforços em *não* olhar para a motorista na minha frente, ouvi uma batida na janela do carona. Era Taylor. Olhei novamente pelo retrovisor, confuso. O carro dela ainda estava ligado, a porta, aberta. Inclinei-me na cabine para abrir a janela. Estava dura. Consegui abrir pela metade, depois desisti.
— Desculpe, Taylor, não posso andar. Estou preso. — Eu indiquei o Volvo. Era óbvio que não havia nada que eu pudesse fazer.
— Ah, eu sei. Eu só queria perguntar uma coisa enquanto estamos atolados aqui. — Ela sorriu.
Qual era o problema daquela escola? Era algum tipo de pegadinha? Confundir o

cara novo?
— Quer ir ao baile de primavera comigo? — continuou ela.
— Eu não estarei na cidade, Taylor. — Percebi que fui meio ríspido. Tive que me lembrar de que não era culpa de Taylor que McKayla e Erica já tivessem gasto minha quota de paciência.
— É, McKayla me contou — admitiu ela.
— Então por quê…?
Ela deu de ombros.
— Eu esperava que você só estivesse se livrando dela do jeito mais fácil.
Tudo bem, a culpa era toda dela.
— Desculpe, Taylor — pedi, não me sentindo tão mal quanto fiquei quando recusei McKayla e Erica. — Eu não vou ao baile.
— Tudo bem — disse ela, sem se deixar afetar. — Ainda temos o baile dos estudantes.
Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela estava voltando para o carro. Pude sentir os pontos vermelhos surgindo na minha cara. À frente, Archie, Royal, Eleanor e Jessamine estavam entrando no Volvo. Pelo retrovisor, vi os olhos de Edythe me encarando. Estavam enrugados nos cantos, e os ombros dela tremiam de tanto rir. Era como se ela tivesse ouvido tudo que Taylor disse e achasse minhas reações hilárias. Apertei mais o acelerador, pensando no tamanho do dano que o Volvo e o carro preto ao lado dele sofreriam se eu abrisse caminho para fugir dali. Eu tinha certeza de que minha picape podia vencer aquela briga.
Mas todos estavam dentro do carro, e Edythe saiu em disparada com o motor quase silencioso.
Tentei me concentrar em alguma coisa, qualquer coisa, enquanto dirigia. McKayla convidaria Jeremy para o baile? Ele me culparia se ela não convidasse? Taylor estava falando sério sobre o baile dos estudantes? Qual seria minha desculpa quando o dia dele chegasse? Talvez eu pudesse planejar uma visita à minha mãe, ou talvez ela pudesse vir. O que eu faria de jantar? Não comíamos frango já tinha um tempo.
Mas, cada vez que eu terminava de responder às minhas próprias perguntas, minha mente voltava a Edythe.
Quando cheguei em casa, eu já não tinha mais perguntas, então desisti de tentar pensar em outra coisa. Decidi fazer enchiladas de frango, porque isso me deixaria ocupado por um tempo, e eu não tinha tanto dever assim. Eu tinha que me concentrar em tudo que precisava cortar, o frango, a cebola e a pimenta. Mas, o tempo todo, eu ficava repensando a aula de biologia, tentando analisar todas as palavras que ela disse para mim. O que ela quis dizer com era melhor se não

fôssemos amigos?
Meu estômago se revirou quando entendi o que ela devia estar querendo dizer. Ela devia ter percebido como eu estava obcecado por ela; eu não devia estar disfarçando muito bem. Ela não queria dar a entender que eu tinha chance… então não podíamos nem ser amigos… porque ela não queria ferir meus sentimentos do jeito que feri os de McKayla e Erica hoje. (Taylor pareceu bem.) Edythe não queria ter que sentir essa culpa. Porque não estava interessada em mim.
E isso fazia sentido, obviamente, porque eu não era *interessante*.
Meus olhos estavam começando a arder e lacrimejar por causa da cebola. Peguei um pano de prato, botei embaixo da torneira e esfreguei nos olhos. Não ajudou muito.
Eu era sem graça e sabia que era assim. E Edythe era o oposto de sem graça. Isso não tinha nada a ver com o segredo dela, fosse qual fosse, se é que eu me lembrava daquele momento insano com clareza. A essa altura, eu já estava quase acreditando na história que contei para todo mundo. Fazia bem mais sentido do que o que pensei ter visto.
Mas ela não precisava de um segredo para ser areia demais para o meu caminhãozinho. Ela também era brilhante e misteriosa e linda e completamente perfeita. Se era mesmo capaz de levantar uma van com a mão, não importava. De qualquer forma, ela era uma fantasia e eu era o tipo mais mundano de realidade.
E não tinha problema nisso. Eu podia deixá-la em paz. Eu a *deixaria* em paz. Passaria por minha sentença autoimposta aqui no purgatório e depois, com sorte, uma universidade no sudoeste, ou possivelmente no Havaí, me ofereceria uma bolsa de estudos.
Tentei pensar em palmeiras e no sol enquanto terminava o jantar.
Charlie pareceu preocupado quando chegou em casa e sentiu o cheiro de pimentão, mas relaxou depois da primeira dentada. Foi uma sensação estranha, mas também foi bom vê-lo começar a confiar em mim na cozinha.
— Pai — falei quando ele quase havia acabado.
— O quê, Beau?
— Hã, eu só queria avisar que vou a Seattle no sábado que vem. Para passar o dia. — Eu não queria pedir permissão, isso estabeleceria um precedente ruim, mas pareci grosseiro, então acrescentei: — Tudo bem?
— Por quê? — Ele pareceu surpreso, como se fosse incapaz de imaginar qualquer motivo que fosse fazer alguém querer sair de Forks.
— Bom, eu queria comprar alguns livros, a biblioteca daqui é muito limitada. E talvez algumas roupas mais quentes. — Eu tinha um dinheiro guardado, uma vez

que, graças a Charlie, não tive que pagar pelo carro, apesar de a picape exigir um gasto maior de gasolina do que eu esperava, e as roupas de frio que comprei em Phoenix pareciam feitas por pessoas que nunca passaram por temperaturas menores que vinte graus e só ouviram uma descrição de como devia ser.
— Essa picape não deve ter um consumo de gasolina muito bom — disse ele, ecoando meus pensamentos.
— Eu sei, vou parar em Montessano e em Olympia. E em Tacoma, se for preciso.
— Você vai sozinho?
— Vou.
— Seattle é uma cidade grande. Você pode se perder — avisou ele.
— Pai, Phoenix é cinco vezes maior do que Seattle. E sei usar um mapa, não se preocupe.
— Quer que eu vá com você?
Eu me perguntei se ele estava mesmo tão preocupado comigo ou se só achava que todos os sábados que tinha me deixado sozinho eram atos de negligência. Mas devia ser preocupação. Eu tinha certeza de que, na cabeça dele, ele ainda me via como um garotinho de cinco anos na maior parte do tempo.
— Está tudo bem. Não vai ser um dia muito interessante.
— Você vai voltar a tempo para o baile?
Só fiquei olhando para ele até ele entender.
Não demorou muito.
— Ah, certo.
— É — eu disse. Não herdei meus problemas de equilíbrio da minha mãe.
Na manhã seguinte, na escola, estacionei o mais distante possível do Volvo prata. Eu ficaria longe. Não prestaria mais atenção nela. Ela não teria reclamação nenhuma de mim de agora em diante.
Quando bati a porta da picape, soltei a chave, e ela caiu numa poça a meus pés. Enquanto me abaixava para pegar, uma pequena mão branca apareceu de repente e pegou a chave antes de mim. Endireitei o corpo rapidamente e quase bati a cabeça na dela. Edythe Cullen estava bem ali, encostada casualmente no meu carro.
— Como é que você *faz isso*? — perguntei com surpresa.
— Faço o quê? — Ela esticou a mão com a minha chave ao falar. Quando fiz menção de pegá-la, ela a largou na palma da minha mão.
— Aparecer do nada desse jeito.
— Beau, não é culpa minha se você é excepcionalmente distraído. — A voz dela era só um murmúrio aveludado, e os lábios seguravam um sorriso. Como se ela me achasse hilário.

Como eu poderia ignorá-la se ela não me ignorava? Era o que ela queria, não era? Eu, longe do cabelo comprido de bronze dela? Não foi o que ela disse ontem? Nós não podíamos ser amigos. Então por que ela estava falando comigo? Era sádica? Era essa a ideia dela de diversão, torturar o garoto idiota com o qual ela não tinha como se importar?

Fiquei olhando para ela, frustrado. Os olhos estavam claros de novo hoje, uma cor de mel dourada. Meus pensamentos ficaram confusos e tive que olhar para baixo. Os pés dela estavam a quinze centímetros dos meus, virados para mim, imóveis. Como se estivesse esperando uma resposta.

Olhei para trás dela, para a escola, e disse a primeira coisa idiota que me passou pela cabeça.

— Por que o engarrafamento de ontem? Pensei que você estivesse fingindo que eu não existo.

— Ah. Foi por causa da Taylor. Ela estava meio que morrendo para ter uma chance com você.

Eu fiquei olhando para ela.

— O quê? — A irritação pela lembrança do dia anterior apareceu na minha voz. Eu não achava que Edythe e Taylor eram amigas. Taylor tinha pedido…? Não parecia provável.

— E não estou fingindo que você não existe — continuou ela, como se eu não tivesse falado.

Olhei nos olhos dela de novo, me esforçando para manter a concentração, independente do quanto pareciam dourados, do quanto os cílios eram longos nas pálpebras violeta.

— Não sei o que você quer de mim — eu disse para ela.

Era irritante como meus pensamentos pareciam explodir pelos lábios quando eu estava perto dela, como se eu não tivesse filtro nenhum. Eu jamais teria falado assim com qualquer outra garota.

O meio sorriso divertido desapareceu, e o rosto dela ficou na defensiva de repente.

— Nada — disse ela, rápido demais, quase como se estivesse mentindo.

— Então você devia ter deixado a van acabar comigo. Teria sido mais fácil assim.

Ela ficou me olhando por um segundo, e, quando respondeu, a voz saiu fria.

— Beau, você só fala besteira.

Eu devia estar certo sobre a ideia de tortura. Eu era um jeito de ela passar o tempo naquela cidade chata. Um alvo fácil.

Passei por ela com uma passada larga.

— Espere — disse ela, mas eu me obriguei a seguir em frente, a não olhar para

trás.
— Desculpe, foi grosseria minha — disse ela ao meu lado, acompanhando meus passos apesar de minhas pernas terem provavelmente o dobro do tamanho das dela. — Não estou dizendo que não é verdade, mas foi uma grosseria dizer aquilo.
— Por que não me deixa em paz?
— Eu queria perguntar uma coisa, mas você está me evitando.
Suspirei e andei mais devagar, apesar de ela não parecer estar com dificuldade para acompanhar.
— Tudo bem. — Eu era um imbecil. — O que você quer?
— Eu queria saber se, no outro sábado… Sabe, o dia do baile de primavera…
Eu parei e me virei para ela.
— Você acha isso *engraçado*?
Ela ficou me olhando, parecendo indiferente ao chuvisco que caía. Parecia não estar usando maquiagem nenhuma, nada estava escorrendo e nem manchado. Claro, o rosto dela era perfeito daquele jeito, naturalmente. Por um segundo, senti raiva, raiva de ela ter que ser tão linda. Raiva porque a beleza dela a tornou tão cruel. Raiva de ser objeto da crueldade dela, e apesar de saber disso, não consegui sair andando para longe dela.
A expressão divertida voltou, com a sugestão de covinhas ameaçando surgir nas bochechas.
— Quer por favor me deixar terminar? — pediu ela.
Vá embora, eu disse para mim mesmo.
Mas não me mexi.
— Eu soube que você vai a Seattle nesse dia e estava pensando se queria uma carona.
Por essa eu não esperava.
— Hã?
— Quer uma carona para Seattle?
Eu não sabia qual seria o final da piada dela.
— Com quem?
— Comigo, é claro. — Ela enunciou cada sílaba, como se achasse que eu não falava a mesma língua que ela.
— Por quê?
Qual era a pegadinha?
— Bom, eu pretendia ir a Seattle nas próximas semanas e, para ser sincera, não tenho certeza se sua picape vai aguentar.
Eu finalmente consegui voltar a andar, motivado pelo insulto à minha picape.
— Pode rir de mim o quanto quiser, mas deixe minha picape fora disso — falei.

Mais uma vez, ela me acompanhou com facilidade.
— Por que você acharia que estou rindo de você? — perguntou ela. — O convite é genuíno.
— Minha picape é ótima, obrigado.
— Sua picape consegue chegar a Seattle com um tanque de gasolina?
Antes da picape, eu não ligava para nenhum carro, mas conseguia sentir um preconceito contra Volvos se formando.
— Não entendo como isso pode ser problema seu.
— O desperdício de recursos não renováveis é problema de todo mundo — disse ela com afetação.
— Francamente, Edythe. — Senti um arrepio subir pelo corpo ao dizer o nome dela em voz alta, e odiei isso. — Eu não consigo entender você. Pensei que não quisesse ser minha amiga.
— Eu disse que seria melhor se não fôssemos amigos, e não que eu não queria ser.
— Ah, uau, que legal, agora está *tudo* muito claro. — Sarcasmo pesado. Percebi que tinha parado de andar de novo. Olhei para o rosto dela, molhado de chuva, limpo e perfeito, e meus pensamentos tremeram e sumiram.
— Seria mais… *prudente* para você não ser meu amigo — explicou ela. — Mas estou cansada de tentar ficar longe de você, Beau.
Não havia humor na voz dela agora. Os olhos estavam intensos, apertados, com as longas linhas dos cílios negras sobre a pele. A voz tinha um calor estranho. Eu não conseguia me lembrar de como se respirava.
— Você vai aceitar minha carona para Seattle? — perguntou ela, a voz ainda ardente.
Eu não consegui falar, então só balancei a cabeça.
Um breve sorriso modificou o rosto dela, mas logo ela ficou séria de novo.
— Você devia *mesmo* ficar longe de mim — alertou ela. — Vejo você na aula.
Ela se virou abruptamente e voltou pelo caminho de onde viemos.

5. TIPO SANGUÍNEO

FUI PARA A aula de inglês entorpecido. Nem percebi que, quando entrei na sala, a aula já havia começado.

A voz irritada da Sra. Mason foi minha primeira dica.

— Obrigada por se juntar a nós, Sr. Swan.

Manchas vermelhas se formaram no meu rosto, e corri para me sentar.

Foi só quando a aula terminou que percebi que McKayla não estava no lugar de sempre, ao meu lado, e lembrei que feri os sentimentos dela. Mas ela e Erica me esperaram na porta, e torci para isso significar que eu seria perdoado um dia. À medida que seguíamos, McKayla pareceu voltar a agir como sempre agia, seu entusiasmo aumentando enquanto falava da previsão do tempo para o fim de semana. A chuva devia dar uma trégua curta, então talvez fosse possível fazer a viagem à praia que ela planejava. Tentei parecer entusiasmado como ela para compensar a decepção do dia anterior, mas consegui perceber que não estava enganando ninguém. Com ou sem chuva, teríamos sorte se a temperatura chegasse a dez graus. Não era meu ideal de um dia na praia.

O resto da manhã passou indistintamente. Era difícil acreditar que eu não estava imaginando coisas de novo, que Edythe tinha mesmo dito aquelas coisas, e que os olhos dela ficaram daquele jeito quando ela falou. Alguma coisa nela confundia minha realidade. Primeiro, achei que a tivesse visto parar uma van com a mão, e agora, isso. A fantasia original parecia mais provável do que a segunda, que eu a atraía de alguma forma. Mas aqui estava eu, entrando nisso de olhos bem abertos, sem nem me importar com a pegadinha no final. No momento, parecia uma troca justa, a gargalhada dela mais tarde por aquela expressão dos olhos agora.

Fiquei ansioso e também nervoso quando cheguei no refeitório no almoço. Ela me ignoraria, como sempre? Haveria algum sinal por parte dela de que a conversa da manhã tinha mesmo acontecido? Com uma pequena parte do cérebro, ouvi Jeremy. McKayla o convidara para o baile, e eles iam junto com algumas outras pessoas: Allen e Erica, Logan e Taylor. Acho que grunhi nas horas certas, porque ele não pareceu perceber a pouca atenção que eu estava dando a ele.

Meus olhos se viraram direto para a mesa dela assim que passei pela porta, mas fui tomado pela decepção, como se tivesse levado um soco no estômago. Só havia quatro pessoas ali, e Edythe não era uma delas. Ela ia desaparecer toda vez que alguma coisa significativa acontecesse?

Claro que a conversa da manhã só foi significativa para mim, eu tinha certeza.

Perdi o apetite. Peguei uma garrafa de limonada para ter alguma coisa para segurar e segui Jeremy roboticamente até a fila, desejando ser o tipo de pessoa que pode ir cedo para casa, o tipo que não se preocupa com faltas não justificadas e detenção e figuras paternas decepcionadas.
— Edythe Cullen está olhando para você de novo — disse Jeremy. Passei a prestar cem por cento de atenção quando ele disse o nome dela. — Por que será que está sentada sozinha hoje?
Minha cabeça se levantou de repente e segui o olhar dele. Edythe estava sentada a uma mesa vazia do lado oposto de onde costumava ficar no refeitório. As covinhas surgiram assim que ela soube que a vi. Ela levantou a mão e gesticulou com o indicador para que eu me juntasse a ela. Enquanto eu a encarava, sem acreditar totalmente nos meus olhos, ela deu uma piscadela.
— Ela quer dizer *você*? — perguntou Jeremy. A surpresa dele era meio insultante, mas eu não me importava.
— Hã, talvez ela precise de ajuda com o dever de biologia — murmurei. — Acho melhor ver o que ela quer.
Consegui sentir Jeremy me olhando conforme eu me afastava. Também conseguia sentir as manchas vermelhas horríveis subindo pelo meu pescoço e tentei me acalmar.
Quando cheguei à mesa dela, fiquei de pé atrás da cadeira na frente dela, constrangido.
— Por que você não senta comigo hoje? — sugeriu ela, dando um sorriso largo.
Eu me sentei automaticamente, observando a expressão dela. Era assim que a piada terminava? Ela não tinha parado de sorrir. Concluí que ainda não me importava. Eu topava qualquer coisa que me levasse mais uma vez para perto dela assim.
Ela ficou me olhando, ainda sorrindo. Queria que eu dissesse alguma coisa?
— Isso é, hã, diferente — consegui falar, por fim.
— Bom — disse ela, e parou. Consegui sentir que havia mais, então esperei. O resto das palavras saiu em avalanche, se embolando tanto que demorei um minuto para decifrar o significado. — Concluí que, já que vou para o inferno, posso muito bem fazer o serviço completo.
Fiquei esperando, achando que ela explicaria, mas ela não disse nada. O silêncio foi ficando mais desconfortável conforme os segundos se passaram.
— Você sabe que não entendi o que você quer dizer, né? — perguntei.
— Estou contando com isso — disse ela, e desviou os olhos para trás de mim. — Acho que seus amigos estão chateados porque roubei você.
De repente, consegui sentir os olhos de todos eles nas minhas costas. Pela primeira vez, não me incomodou em nada.

— Eles vão sobreviver.
Ela sorriu.
— Mas é possível que eu não devolva.
Engoli em seco, e ela riu.
— Você parece preocupado.
— Não. — Parei para engolir em seco de novo, por ouvir minha voz começar a falhar. — Mas estou surpreso. Qual é o motivo disso tudo?
Fiz um sinal para ela e para a mesa vazia.
— Eu falei, estou cansada de tentar ficar longe de você. Então, estou desistindo. — O sorriso estava sumindo, e os olhos ficaram sérios no final.
— Desistindo? — repeti.
— Sim. Desistindo de tentar ser boa. Agora só vou fazer o que eu quiser e deixar os dados rolarem. — O sorriso desapareceu completamente, e um tom ríspido surgiu na voz sedosa.
— Está me confundindo de novo.
Pareceu que ela achou isso engraçado.
— Eu sempre falo demais quando converso com você. Esse é um dos problemas.
— Não se preocupe. Eu não entendo nada do que você diz.
— Como falei, estou contando com isso.
Ficamos nos olhando por alguns segundos, mas o silêncio não foi constrangedor dessa vez. Foi mais… carregado. Meu rosto começou a ficar quente de novo.
— Então — falei, afastando o olhar para recuperar o fôlego. — Numa linguagem clara, agora somos amigos?
— Amigos… — murmurou ela. Pareceu não ser sua palavra favorita.
— Ou não — murmurei.
— Bom, acho que podemos tentar. Mas estou avisando de novo que não sou uma boa amiga. — O sorriso estava duro agora, o alerta era real.
— Você diz isso muitas vezes.
Era engraçado como meu estômago estava embrulhado. Seria por eu estar com fome, afinal? Por ela estar sorrindo para mim? Ou porque, de repente, eu quase acreditava nela? Percebi que *ela* acreditava no que estava dizendo.
— Sim, porque você não está me ouvindo. Ainda estou esperando que acredite nisso. Se for inteligente, vai me evitar.
Eu tive que sorrir, e vi o sorriso dela ficar maior automaticamente em resposta.
— Achei que tínhamos chegado à conclusão de que sou imbecil. Ou idiota, sei lá.
— Eu pedi desculpas, ao menos na segunda vez. Você pode me perdoar? Eu falei sem pensar.
— Ah, claro. Você não precisa me pedir desculpas.

Ela suspirou.
— Não?
Eu não sabia como responder; pareceu uma pergunta retórica, de qualquer modo. Olhei para minhas mãos ao redor da garrafa de limonada, sem saber o que fazer. Era tão estranho estar ali com ela, como pessoas normais. Eu tinha certeza de que só um de nós era normal.
— No que está pensando? — perguntou ela.
Eu levantei o olhar. Ela estava me encarando de novo, com os olhos dourados curiosos e, como na primeira vez que a vi, frustrados. Mais uma vez, meus pensamentos se recusaram a passar pelo filtro apropriado.
— Estou tentando entender o que você é.
O sorriso ficou tenso, como se os dentes tivessem ficado grudados de repente, mas ela o sustentou com cautela.
— Está tendo sorte com isso? — A voz dela soou casual, como se ela não se importasse com a minha resposta.
Meu pescoço ficou quente e, eu supus, horrivelmente manchado de vermelho. Durante aquele último mês, eu pensei um pouco no assunto, mas as únicas soluções em que consegui pensar eram totalmente ridículas. O nível de besteira de Clark Kent e Peter Parker.
Ela inclinou a cabeça para o lado e olhou nos meus olhos como se tentando ver *através* deles, direto no meu cérebro. Ela sorriu, de forma convidativa dessa vez, impossível de resistir.
— Você não vai me contar?
Mas eu tinha que resistir. Ela já me achava um idiota. Balancei a cabeça.
— É constrangedor demais.
— Isso é *muito* frustrante — reclamou ela.
— É mesmo? — Eu levantei as sobrancelhas. — Tipo… alguém se recusando a dizer para você o que está pensando, mesmo fazendo o tempo todo comentários enigmáticos sob medida para deixar você acordado a noite inteira se perguntando o que ela podia querer dizer… Frustrante assim?
Ela franziu a testa e projetou os lábios de um jeito perturbador. Eu me esforcei para manter a concentração.
— Ou é frustrante, digamos, como se ela tivesse feito um monte de outras coisas estranhas, como salvar sua vida em circunstâncias impossíveis um dia, depois tratar você como um pária no dia seguinte, sem nunca explicar nada disso, mesmo depois de prometer? Frustrante assim?
A testa se franziu ainda mais, depois virou uma expressão de mau humor.
— Você ainda não esqueceu isso?
— Ainda não.

— Outro pedido de desculpas ajudaria?
— Uma explicação seria melhor.
Ela repuxou os lábios, olhou para além do meu braço esquerdo e riu.
— O quê?
— Sua namorada acha que estou sendo cruel com você. Está decidindo se deve vir interromper nossa briga ou não.
— Eu não tenho namorada e você está tentando mudar de assunto.
Ela ignorou a segunda parte da minha frase.
— Você pode não pensar nela assim, mas é assim que ela pensa em você.
— Não tem como isso ser verdade.
— Mas é. Eu já disse, é fácil interpretar a maioria das pessoas.
— Menos eu.
— É. Menos você. — Ela voltou o olhar para mim e me examinou, parecendo perfurar os meus olhos. — Fico me perguntando o porquê disso.
Eu precisei desviar os olhos. Concentrei-me em abrir a tampa da limonada. Tomei um gole e fiquei olhando a mesa sem ver.
— Não está com fome? — perguntou ela.
Vi com alívio que o olhar dela estava menos penetrante agora.
— Não. — Não achei necessário mencionar que meu estômago não estava em boas condições para receber comida. — E você? — Olhei para a mesa vazia diante dela.
— Não, não estou com fome. — Ela sorriu como se eu não tivesse captado uma piada particular.
— Pode me fazer um favor? — perguntei, com palavras que fugiram antes de eu dar permissão para que saíssem.
Ela ficou séria com rapidez.
— Depende do que você quer.
— Não é grande coisa — garanti.
Ela esperou, alerta, mas claramente curiosa.
— Você pode me avisar com antecedência? Na próxima vez que decidir me ignorar? Para o meu próprio bem, eu acho. Para que eu fique preparado. — Olhei a garrafa de limonada enquanto falava, desenhando o anel da abertura com um dedo.
— Parece justo.
Ela parecia estar tentando não rir quando eu olhei.
— Obrigado.
— Posso pedir um favor em troca? — perguntou ela.
— Claro. — Foi minha vez de ficar curioso. O que ela quereria de mim?
— Me conte uma de suas teorias.

Ops.
— De jeito nenhum.
— Você me prometeu um favor.
— E você já quebrou promessas — lembrei-lhe.
— Só uma teoria… Eu não vou rir.
— Vai, sim. — Eu não tinha dúvida disso.
Ela olhou para baixo, depois para mim através dos cílios longos, os olhos dourados abrasadores.
— Por favor? — sussurrou ela, inclinando-se para mim.
Sem permissão, meu corpo se inclinou para perto dela, como se ela fosse um ímã e eu fosse um clipe de papel, até o rosto dela estar a menos de trinta centímetros do meu. Minha mente ficou totalmente vazia.
Balancei a cabeça para tentar pensar com clareza e me obriguei a endireitar o corpo.
— Hã… o quê?
— Só uma teoriazinha. — ronronou ela. — Por favor.
— Bom, hã, você foi picada por uma aranha radioativa? — Ela também sabia hipnotizar? Ou eu é que era um fraco irremediável?
Ela revirou os olhos.
— Isso não é muito criativo.
— Desculpe, é só o que eu tenho.
— Nem chegou perto.
— Nada de aranhas?
— Nada de aranhas.
— Nada de radioatividade?
— Nadinha.
— Ah — murmurei.
Ela riu.
— A criptonita também não me incomoda.
— Você não podia rir, lembra?
Ela apertou os lábios, mas os ombros tremeram do esforço para segurar a gargalhada.
— Um dia eu vou descobrir — murmurei.
O senso de humor dela sumiu como se alguém tivesse desligado um interruptor.
— Eu gostaria que você não tentasse.
— Como posso não questionar? Quer dizer… você é impossível.
Eu não falei como crítica, só como afirmação. *Você não é possível. É mais do que é possível.*
Ela entendeu.

— Mas e se eu não for uma super-heroína? E se eu for a vilã? — Ela sorriu ao falar isso, com expressão brincalhona, mas os olhos estavam pesados com algum fardo que eu não conseguia imaginar.
— Ah — eu disse, surpreso. As muitas dicas que ela deu começaram a surgir até fazerem sentido. — Ah, tudo bem.
Ela esperou, rígida de estresse de repente. Naquele segundo, todos os muros dela pareceram desaparecer.
— O que exatamente *tudo bem* quer dizer? — perguntou ela, tão baixo que foi quase um sussurro.
Tentei organizar os pensamentos, mas a ansiedade dela me obrigou a responder mais rápido. Eu falei as palavras sem prepará-las primeiro.
— Você é perigosa?
Saiu como uma pergunta, e havia dúvida na minha voz. Ela era menor do que eu, da mesma idade e com corpo delicado. Em circunstâncias normais, eu teria rido por usar a palavra *perigosa* para me referir a alguém como ela. Mas ela não era normal, e não *havia* ninguém como ela. Eu me lembrei da primeira vez que ela me olhou com ódio nos olhos, quando senti um medo genuíno, apesar de não entender a reação dela no momento e achar que foi tolice segundos depois. Agora eu entendia. Por baixo da dúvida, fora da incongruência da palavra *perigosa* aplicada ao corpo magro e perfeito, eu conseguia sentir a verdade. O perigo era real, embora minha mente lógica não conseguisse absorver. E ela estava tentando me dizer isso o tempo todo.
— Perigosa — murmurei de novo, tentando fazer a palavra se encaixar na pessoa à minha frente. O rosto de porcelana ainda estava vulnerável sem muros e sem segredos. Os olhos estavam arregalados agora, na expectativa da minha reação. Ela parecia estar se preparando para algum tipo de impacto. — Mas não a vilã — sussurrei. — Não, eu não acredito nisso.
— Você está enganado. — A voz dela era quase inaudível. Ela olhou para baixo, roubando minha tampa de garrafa e girando-a de lado entre os dedos. Tirei vantagem da falta de atenção dela para olhar mais. Ela foi sincera no que disse, isso era óbvio. Queria que eu sentisse medo dela.
O que eu mais sentia era… fascinação. Havia um certo nervosismo, claro, por estar tão perto dela. Por medo de fazer papel de bobo. Mas eu só queria ficar sentado aqui para sempre, ouvir a voz dela e ver as expressões surgirem no rosto dela, bem mais rápido do que eu era capaz de perceber. Então, é claro que foi nessa hora que percebi que o refeitório estava quase vazio.
Afastei minha cadeira da mesa, e ela levantou o rosto. Ela parecia… triste. Mas resignada. Como se essa fosse a reação que estava esperando.
— Vamos chegar atrasados — disse para ela, me levantando.

Ela ficou surpresa por um segundo, mas a expressão divertida já familiar estava de volta em seguida.
— Eu não vou à aula hoje. — Os dedos dela giravam a tampa com tanta rapidez que se tornou apenas só uma mancha.
— Por que não?
Ela sorriu para mim, mas os olhos não estavam totalmente disfarçados. Eu ainda conseguia ver o estresse por trás da fachada.
— É saudável matar aula de vez em quando — disse ela.
— Ah. Bom, então… estou indo? — Havia outra opção? Eu não era de matar aula, mas se ela me pedisse…
Ela voltou a atenção para a tampa.
— A gente se vê depois, então.
Aquilo parecia uma dispensa, e eu não era totalmente contra ser dispensado. Havia muito em que pensar, e eu não pensava muito bem com ela perto. O primeiro sinal tocou, e eu saí correndo pela porta. Olhei para trás uma vez e vi que ela não tinha saído do lugar e a tampinha da garrafa continuava girando em círculo, como se nunca fosse parar.
Enquanto eu quase corria para a aula, minha cabeça girava mais rápido do que a tampinha da garrafa. Tão poucas perguntas foram respondidas, nenhuma, na verdade, pensando melhor, mas muitas perguntas novas surgiram.
Tive sorte; a professora ainda não estava na sala quando cheguei atrasado, com o rosto quente. Allen e McKayla estavam me olhando: Allen com surpresa, quase assombro, e McKayla com ressentimento.
A Sra. Banner entrou na sala nessa hora, mandando a turma fazer silêncio enquanto equilibrava caixas de papelão nos braços. Deixou as caixas caírem na mesa de McKayla e pediu que ela começasse a passá-las pela turma.
— Muito bem, pessoal, quero que todos tirem um objeto de cada caixa — disse ela enquanto pegava um par de luvas de látex do bolso do casaco e as vestia. O som áspero das luvas sendo puxadas nos pulsos me pareceu agourento. — O primeiro deve ser um cartão indicador — prosseguiu ela, pegando um cartão branco do tamanho de uma ficha e exibindo-o. Tinha quatro quadrados em vez de linhas. — O segundo é um aplicador de quatro dentes… — Ela ergueu uma coisa que parecia um prendedor de cabelos sem dentes. — E o terceiro é uma microagulha estéril. — Ela levantou um pedacinho de plástico azul e o abriu em dois. A ponta era invisível dessa distância, mas meu estômago revirou.
— Vou andar pela sala com um conta-gotas com água para preparar seus cartões, então só comecem quando eu chegar até vocês.
De novo, ela começou pela mesa de McKayla, colocando cuidadosamente uma gota de água em cada um dos quatro quadrados do cartão dela.

— Depois, quero que furem o dedo com a agulha, cuidadosamente… — Ela pegou a mão de McKayla e deu uma estocada com a agulha na ponta do dedo médio dela.
— Ai — reclamou McKayla.
Um suor grudento surgiu na minha testa, e meus ouvidos começaram a apitar de leve.
— Coloquem uma gotinha de sangue em cada um dos dentes.
Ela demonstrou, espremendo o dedo de McKayla até que o sangue fluiu. Engoli em seco convulsivamente, meu estômago palpitando.
— E depois, apliquem no cartão — concluiu ela, segurando o cartão com as gotas vermelhas para que víssemos.
Fechei os olhos, tentando ouvir através do zumbido nos meus ouvidos.
— A Cruz Vermelha vai fazer coleta de doação de sangue em Port Angeles no fim de semana que vem, então pensei que todos vocês deviam conhecer seu tipo sanguíneo. — Ela parecia orgulhosa de si mesma. — Os alunos que ainda não têm dezoito anos vão precisar de permissão dos pais. Tenho formulários na minha mesa.
Ela continuou pela sala com as gotas de água. Encostei o rosto no tampo de mesa frio e preto e tentei me manter consciente enquanto tudo parecia ficar distante, sumindo em um túnel comprido. Os gritinhos, queixas e risinhos que meus colegas de turma faziam enquanto espetavam os dedos pareciam distantes. Respirei lentamente pela boca.
— Beau, está tudo bem? — perguntou a Sra. Banner. A voz dela estava perto da minha cabeça, mas ainda soava distante, e parecia alarmada.
— Eu já sei meu tipo sanguíneo, Sra. Banner. Sou O negativo.
Eu não conseguia abrir os olhos.
— Acha que vai desmaiar?
— Sim, senhora — murmurei, xingando-me por dentro por não matar a aula quando tive a chance.
— Alguém pode levar Beau à enfermaria, por favor? — pediu ela.
— Eu levo.
Apesar de distante, reconheci a voz de McKayla.
— Consegue andar? — perguntou a Sra. Banner.
— Consigo — sussurrei. *Só me deixe sair daqui*, pensei. *Nem que seja engatinhando.*
Senti McKayla segurar minha mão (eu tinha certeza de que estava suada e nojenta, mas não me importei com isso) e me esforcei para abrir os olhos enquanto ela me puxava. Eu tinha que sair daquela sala antes que tudo ficasse preto. Cambaleei na direção da porta enquanto McKayla passava o braço pela

minha cintura, tentando me firmar. Passei o braço pelos ombros dela, mas ela era baixa demais para ajudar no meu equilíbrio. Tentei carregar o máximo possível do meu próprio peso.
McKayla e eu seguimos pelo campus. Quando estávamos perto do refeitório, fora de vista do prédio quatro, para o caso da Sra. Banner estar olhando, eu parei de lutar.
— Posso me sentar um minuto, por favor? — pedi.
McKayla deu um suspiro de alívio enquanto eu me sentava desajeitadamente na beirada da calçada.
— E, o que quer que você faça, não tire a mão do bolso — pedi.
Tudo parecia estar girando, mesmo com meus olhos fechados. Tombei para o lado, colocando o rosto no cimento enregelante e molhado da calçada. Isso ajudou.
— Puxa, você está verde, Beau — disse McKayla, nervosa.
— Me dá… um minuto…
— Beau? — Uma voz diferente chamou à distância.
Ah, não! Isso não. Que eu esteja imaginando essa voz horrivelmente familiar.
— Qual é o problema? Ele se machucou? — A voz estava mais perto agora, e parecia estranhamente perturbada. Fechei os olhos com força, torcendo para morrer. Ou, no mínimo, para não vomitar.
McKayla pareceu estressada.
— Acho que está desmaiando. Não sei o que aconteceu, ele nem furou o dedo.
— Beau, está me ouvindo? — A voz de Edythe estava bem do meu lado, agora aliviada.
— Não — gemi.
Ela riu.
— Eu estava tentando ajudar, levando-o à enfermaria — explicou McKayla, num tom defensivo — Mas ele parou aqui.
— Eu cuido dele — disse Edythe, com o sorriso ainda na voz. — Pode voltar para a aula.
— O quê? Não, eu tenho que…
De repente, um braço fino e forte estava embaixo dos meus, e eu estava de pé sem nem perceber como cheguei lá. O braço forte, frio como a calçada, me segurou com força contra um corpo magro, quase como uma muleta. Meus olhos se abriram de surpresa, mas só consegui ver o cabelo bronze no meu peito. Ela começou a andar, e meus pés se embolaram tentando acompanhar. Eu esperava cair, mas ela de alguma forma me sustentou. Ela nem cambaleou quando meu peso puxou nós dois para a frente.
Pensando bem, eu não pesava tanto quanto uma van.

— Estou bem, eu juro — murmurei. Por favor, por favor, que eu não vomite nela.
— Ei! — gritou McKayla, já dez passos atrás.
Edythe a ignorou.
— Você está horrível — disse ela. Consegui ouvir o sorriso na voz.
— Me coloque na calçada de novo — gemi. — Vou ficar bem em poucos minutos.
Ela nos levou rapidamente em frente enquanto eu tentava fazer meus pés se moverem do jeito certo para acompanhar a velocidade dela. Algumas vezes, pude jurar que meus pés foram arrastados pelo chão, mas eu não conseguia sentilos muito bem, então não tinha como ter certeza.
— Então você desmaia quando vê sangue? — perguntou ela. Isso parecia divertila.
Não respondi. Fechei os olhos de novo e reprimi a náusea, cerrando os lábios. O mais importante era não vomitar nela. Eu seria capaz de sobreviver a qualquer outra coisa.
— E não era nem seu próprio sangue! — Ela riu. Parecia o som de um sino tocando.
— Tenho sistema vasovagal fraco — murmurei. — É só uma síncope neuromediada.
Ela riu de novo. Aparentemente, as palavras grandes que aprendi para explicar essas situações não a impressionaram como deveriam.
Não sei como ela abriu a porta enquanto me carregava, mas de repente ficou quente; tudo, exceto o corpo dela encostado no meu. Desejei me sentir normal para aproveitar mais isso, a sensação do corpo dela tocando no meu. E sabia que, em circunstâncias normais, eu estaria apreciando o momento.
— Ah, meu Deus — ouvi uma voz de homem arfar.
— É só um desmaio — murmurei.
Um homem com aparência de avô, o enfermeiro da escola, ergueu o rosto de um livro, chocado, enquanto Edythe me levava para dentro do aposento. Ele reparou que, quando ela foi me botar na maca, meio que me levantou? O papel estalou e reclamou quando ela me empurrou com uma das mãos no peito, depois se virou e colocou meus pés no colchão de vinil.
Isso me lembrou de quando ela puxou meus pés para fora do caminho da van, e a lembrança me deixou tonto.
— Estão fazendo tipagem sanguínea na aula de biologia — explicou Edythe para o enfermeiro.
Vi o senhor idoso assentir com conhecimento.
— Sempre acontece com alguém.

Edythe cobriu a boca e fingiu que a gargalhada era uma tosse. Ela foi para o outro lado da sala. Os olhos estavam acesos, empolgados.
— Só fique deitado um minuto, filho — disse o enfermeiro. — Vai passar.
— Eu sei — murmurei. Na verdade, a tontura estava começando a passar. Em pouco tempo, o túnel sumiria e o mundo ficaria normal de novo.
— Isso acontece muito? — perguntou ele.
Eu suspirei.
— Tenho sistema vasovagal fraco.
O enfermeiro pareceu confuso.
— Às vezes — acrescentei.
Edythe riu de novo, sem se dar o trabalho de disfarçar.
— Pode voltar para a aula agora — disse o enfermeiro para ela.
— Eu tenho que ficar com ele — respondeu Edythe. Ela falou com tanta confiança que, apesar de repuxar os lábios, o enfermeiro não discutiu.
— Vou pegar um pouco de gelo para colocar na sua testa — disse ele, e depois irrompeu porta afora.
Fechei as pálpebras de novo.
— Você tinha razão.
— Em geral, eu tenho. Mas sobre o que especificamente desta vez?
— Matar aula *é* mesmo saudável. — Tentei respirar de um jeito uniforme.
— Por um momento, você me assustou lá fora — admitiu ela, depois de uma pausa. Seu tom de voz dava a impressão de que ela confessava uma fraqueza, algo de que sentia vergonha. — Pensei que aquela garota Newton tivesse envenenado você.
— Hilário. — Eu ainda estava de olhos fechados, mas me sentia mais normal a cada minuto.
— Sinceramente — disse ela —, já vi cadáveres com uma cor melhor. Fiquei preocupada se teria que vingar seu assassinato.
— Aposto que McKayla ficou irritada.
— Ela me odeia — disse Edythe, de um jeito animado.
— Você não tem como saber — argumentei, mas depois me questionei…
— Você devia ter visto a cara dela. Ficou óbvio.
— Como foi que você nos viu? Pensei que estivesse matando aula.
Agora eu estava quase bem, embora o mal-estar provavelmente tivesse passado mais rápido se eu tivesse comido alguma coisa no almoço. Por outro lado, talvez fosse uma sorte que meu estômago estivesse vazio.
— Eu estava no carro, ouvindo um CD. — Uma resposta tão normal. Isso me surpreendeu.
Ouvi a porta, abri os olhos e vi o enfermeiro com uma compressa fria na mão.

— Aqui está, filho. — Ele a colocou na minha testa. — Parece melhor — acrescentou.
— Acho que estou bem — eu disse, sentando-me. Só com um pequeno zumbido nos ouvidos, mas nada girava. As paredes verde-menta ficaram onde deveriam estar.
Pude ver que ele estava prestes a me fazer deitar de novo, mas a porta se abriu exatamente naquele momento e o Sr. Cope colocou a cabeça para dentro.
— Temos mais um — alertou ele.
Desci da maca para liberá-la para a próxima vítima e devolvi a compressa ao enfermeiro.
— Aqui, não preciso disso.
Nesse momento, McKayla cambaleou pela porta, agora apoiando Leann Stephens, outra garota da aula de biologia. Ela estava verde. Edythe e eu nos encostamos na parede para deixar que passassem.
— Ah, não — murmurou Edythe. — Saia da enfermaria, Beau.
Olhei para ela, confuso.
— Acredite em mim. Vá.
Girei o corpo e segurei a porta antes que se fechasse, disparando para fora da enfermaria. Pude sentir Edythe bem atrás de mim.
— Desta vez você me deu ouvidos — disse ela, surpresa.
— Senti o cheiro de sangue.
Leann não estava enjoada só de ver outras pessoas. Bem menos constrangedor, pensei.
— As pessoas não conseguem sentir cheiro de sangue — contestou ela.
— Eu consigo. É isso que me deixa enjoado. Tem cheiro de ferrugem… e sal.
Ela me olhou com uma expressão cautelosa.
— Que foi? — perguntei.
— Nada.
McKayla saiu pela porta, olhou para Edythe, para mim e depois para ela de novo.
— Muito obrigada pela ajuda, Edythe — disse ela, com o tom doce demais, uma boa indicação de que Edythe estava certa sobre aquela história de ser odiada. — Não sei o que o Beau teria feito sem você.
— Não foi nada — respondeu Edythe, com um sorriso divertido.
— Você parece melhor — disse McKayla para mim com o mesmo tom. — Fico feliz.
— Não tire a mão do bolso — alertei novamente.
— Não está mais sangrando — disse ela, com a voz voltando ao normal. — Você vai voltar à aula?

— Não, obrigado. Eu teria que dar meia-volta e voltar para cá.
— É, acho que sim… Então, você vai nesse fim de semana? À praia? — Enquanto falava, ela disparou um olhar sombrio para Edythe, que estava encostada no balcão atravancado, imóvel como uma escultura, fitando o vazio.
Eu não queria chateá-la ainda mais.
— Claro, eu disse que iria.
— Vamos nos reunir na loja dos meus pais, às dez. — Os olhos dela dispararam para Edythe de novo, e consegui perceber que ela estava com medo de estar deixando escapar muita informação. Sua linguagem corporal deixava claro que não era um convite aberto.
— Estarei lá — prometi.
— A gente se vê no ginásio, então — disse ela, andando insegura para a porta.
— A gente se vê — respondi.
Ela olhou para mim mais uma vez, o rosto redondo fazendo beicinho, e, ao passar pela porta, seus ombros arriaram. A culpa tomou conta de mim de novo. Eu não *queria* ferir os sentimentos dela, mas parecia acontecer sem parar. Pensei que teria que ficar olhando a expressão decepcionada por toda a aula de educação física.
— Ugh, educação física — murmurei.
— Posso cuidar disso. — Eu não tinha ouvido Edythe se aproximar, mas agora ela falava bem do meu lado, o que me fez pular. — Sente-se e pareça pálido — instruiu ela, em um sussurro.
Não era nenhum desafio; eu era sempre pálido, e minha recente vertigem deixara um leve brilho de suor no meu rosto. Sentei em uma das cadeiras dobráveis que rangiam e encostei a cabeça na parede, com os olhos fechados. Desmaiar era exaustivo.
Ouvi Edythe falar baixinho no balcão.
— Sr. Cope.
Eu não tinha ouvido o sujeito voltar para a mesa, mas ele respondeu:
— Sim?
— Beau tem educação física no próximo tempo, mas acho que ele não está se sentindo muito bem. Na verdade, eu estava pensando que devia levá-lo para casa. Você pode dispensá-lo da aula? — A voz dela era derretida como mel. Eu podia imaginar como os olhos deviam estar intensos.
— Vai precisar de uma dispensa também, Edythe? — A voz do Sr. Cope falhou.
Por que eu não conseguia fazer isso com as pessoas?
— Não, tenho o Sr. Goff — disse Edythe. — Ele não vai se importar.
— Muito bem, está tudo resolvido. Melhoras, Beau — disse o Sr. Cope para mim.

Assenti levemente, exagerando um pouco na cena.
— Consegue andar ou quer que eu ajude você novamente? — De costas para o recepcionista, a expressão dela tornou-se sarcástica.
— Vou andando.
Levantei-me com cuidado, e ainda estava bem. Ela abriu a porta para mim, seu sorriso educado, mas os olhos debochados. Senti-me idiota ao passar pela porta, para o chuvisco frio e fino que começara a cair. Mas era bom, a primeira vez que eu gostava da umidade constante que caía do céu. Lavava o suor do meu rosto.
— Obrigado por aquilo — falei enquanto ela me seguia para fora. — Quase vale a pena passar mal para faltar à educação física.
— Disponha — respondeu ela. E olhou para além de mim, para a chuva.
— Então você vai? No sábado, para a praia? — Eu torcia para que ela fosse, mas parecia improvável. Não conseguia imaginá-la pegando carona com o resto do pessoal da escola; ela não pertencia ao mesmo mundo. Mas só o desejo de que ela fosse provocou a primeira onda de entusiasmo que senti pelo passeio.
— Aonde vocês vão? — Ela ainda olhava para a frente, sem expressão, mas a pergunta me deu esperança de ela estar pensando no assunto.
— La Push, à primeira praia.
Analisei seu rosto, tentando interpretá-lo. Seus olhos pareceram se estreitar minimamente.
Ela olhou para mim e sorriu.
— Acho que não fui convidada.
— Eu acabei de convidar.
— Não vamos, você e eu, antagonizar mais a coitada da McKayla esta semana. Não queremos que ela surte.
Os olhos dela dançavam, como se estivesse gostando da ideia mais do que devia.
— Tá, tudo bem — murmurei, preocupado com o modo como ela disse “você e eu”. Gostei mais do que *eu* devia.
Agora, estávamos no estacionamento, então virei para minha picape. Algo pegou meu casaco, puxando-me para trás.
— Aonde você vai? — perguntou ela, surpresa.
A mão segurava meu casaco. Ela não parecia nem ter firmado os pés. Por um segundo, não consegui responder. Ela negava ser uma super-heroína, mas minha mente não conseguia processar de outra forma. Era como se a Supergirl tivesse deixado a capa em casa.
Eu me perguntei se devia ficar incomodado por ela ser tão mais forte do que eu, mas eu não ficava inseguro por coisas assim havia muito tempo. Desde que fiquei maior do que os garotos que me intimidavam, eu andava bem satisfeito. Claro, gostaria de ter um pouco mais de coordenação, mas não me incomodava

não ser bom em esportes. Eu não tinha tempo mesmo para isso, e sempre me pareceu uma coisa infantil. Por que ficar tão agitado com um bando de gente correndo atrás de uma bola? Eu era forte o bastante para que as pessoas me deixassem em paz, e isso era tudo que eu queria.
E então, aquela garota pequena era mais forte do que eu. Muito. Mas eu estava disposto a apostar que ela era mais forte do que todo mundo que eu conhecia, adolescentes e adultos. Ela acabaria com Schwarzenegger nos dias de ouro. Eu não podia competir com isso, e nem precisava. Ela era especial.
— Beau — chamou ela, e percebi que não tinha respondido a pergunta.
— Hã, o quê?
— Eu perguntei aonde você vai.
— Para casa. Não vou? — A expressão dela me confundiu.
Ela sorriu.
— Não me ouviu prometer que levaria você para casa em segurança? Você acha que vou deixar você dirigir nas suas condições?
— Que condições?
— Odeio ser a portadora de más notícias, mas você tem sistema vasovagal fraco.
— Acho que vou sobreviver.
Tentei dar outro passo na direção da minha picape, mas a mão dela não soltou meu casaco.
Eu parei e olhei para ela de novo.
— Tudo bem, então por que você não me diz o que quer que eu faça?
O sorriso dela se alargou.
— Muito sensato. Você vai entrar no meu carro e eu vou levar você para casa.
— Tenho dois problemas com isso. Um, não é necessário, e dois, e a minha picape?
— Um, *necessário* é uma palavra subjetiva, e dois, vou pedir a Archie para levar depois da aula.
Fui distraído pelo lembrete casual que ela tinha irmãos, estranhos, pálidos e lindos. Irmãos especiais? Especiais como ela?
— Você vai criar caso? — perguntou ela, porque não falei nada.
— Adianta resistir?
Tentei decifrar todas as camadas do sorriso dela, mas não fui muito longe.
— Meu coração gelado se aquece de ver que você está aprendendo tão rápido. Por aqui.
Ela soltou meu casaco e se virou. Fui atrás dela com boa vontade. O movimento suave dos quadris dela era tão hipnótico quando os olhos. E não havia lado ruim em poder passar mais tempo com ela.
O interior do Volvo era tão imaculado quanto a parte de fora. Em vez do cheiro

de gasolina e tabaco, havia só um perfume suave. Era quase familiar, mas não consegui identificar. O que quer que fosse, tinha um cheiro delicioso.
Quando o motor ganhou vida, ela mexeu em alguns botões, aumentou o aquecimento e baixou a música.
— É “Clair de Lune”? — perguntei.
Ela olhou para mim, surpresa.
— Você é fã de Debussy?
Eu dei de ombros.
— Minha mãe ouve muita música clássica em casa. Só conheço minhas favoritas.
— Também é uma das minhas favoritas.
— Olha só — eu disse. — Temos alguma coisa em comum.
Eu esperava que ela risse, mas ela só ficou olhando para a chuva.
Relaxei no banco cinza-claro, reagindo na mesma hora à melodia familiar. Como eu só a via pelo canto do olho, a chuva borrava tudo fora da minha janela em manchas cinza e verdes. Demorei um minuto para perceber que estávamos indo muito rápido; mas o carro se movia tão suavemente, que não senti a velocidade. Só a cidade passando rápido foi que deixou evidente.
— Como é a sua mãe? — perguntou ela de repente.
Os olhos cor de caramelo me observaram com curiosidade quando respondi.
— Ela é meio parecida comigo, com os mesmos olhos e a mesma cor de cabelo, mas é baixa. É extrovertida e bem corajosa. Também é meio excêntrica, meio irresponsável e uma cozinheira imprevisível. Ela era minha melhor amiga. — Eu parei. Era deprimente falar dela no passado.
— Quantos anos você tem, Beau? — A voz dela parecia frustrada por algum motivo que não consegui imaginar.
O carro parou, e percebi que já estávamos na casa de Charlie. A chuva estava tão forte que eu mal conseguia ver a casa. Era como se o carro estivesse submerso em um rio.
— Tenho 17 anos — respondi, meio confuso pelo tom dela.
— Você não parece ter 17 — disse ela. Como se fosse uma acusação.
Eu ri.
— Que foi? — perguntou ela.
— Minha mãe sempre diz que eu nasci com 35 anos e que entro mais na meia-idade a cada ano que passa. — Eu ri de novo, depois suspirei. — Bom, alguém tem que ser o adulto. — Parei por um segundo. — Você mesma não parece aluna do segundo ano — observei.
Ela fez uma careta e mudou de assunto.
— Por que sua mãe se casou com Phil?

Fiquei surpreso de ela se lembrar do nome; eu só falei nele uma vez, quase dois meses atrás. Precisei de um momento para responder.
— Minha mãe… é muito jovem para a idade dela. Acho que Phil a faz se sentir ainda mais nova. De qualquer forma, ela é louca por ele. — Eu não entendia, mas alguém por acaso acha que algum cara é bom o bastante para sua mãe?
— Você aprova? — perguntou ela
Dei de ombros.
— Quero que ela seja feliz, e é ele quem ela quer.
— Isso é muito generoso… Eu me pergunto…
— O quê?
— Acha que ela teria a mesma consideração com você? Independentemente de quem você escolhesse? — Os olhos dela ficaram atentos de repente, observando os meus.
— A-acho que sim — gaguejei. — Mas ela é a adulta, ao menos no papel. É meio diferente.
O rosto dela relaxou.
— Ninguém assustador demais, então — zombou ela.
Dei um sorriso para ela.
— O que quer dizer com assustador? Com tatuagens e piercings na cara toda?
— Acho que essa é uma definição.
— Qual é a sua definição?
Ela me ignorou e fez outra pergunta.
— Você acha que eu posso ser assustadora? — Ela ergueu uma sobrancelha.
Fingi examinar o rosto dela por um minuto, só como desculpa para ficar olhando para ela, meu passatempo favorito.
As feições dela eram tão delicadas, tão simétricas. O rosto faria qualquer pessoa parar, mas não sair correndo na direção oposta. O contrário, até.
— É meio difícil imaginar isso — admiti.
Ela franziu a testa.
— Mas tenho certeza de que poderia ser se quisesse.
Ela inclinou a cabeça e me deu um sorriso exasperado, mas não disse mais nada.
— E você, vai me contar da sua família? — perguntei. — Deve ser uma história muito mais interessante do que a minha.
Ela ficou cautelosa imediatamente.
— O que você quer saber?
— Os Cullen adotaram você?
— Sim.
Hesitei por um momento.
— O que aconteceu com os seus pais?

— Eles morreram há muitos anos. — Seu tom era categórico.
— Eu sinto muito.
— Eu não me lembro deles com muita clareza. Carine e Earnest são meus pais há bastante tempo.
— E você os ama. — Não foi uma pergunta. Ficou óbvio pelo modo como ela falou os nomes deles.
— Sim. — Ela sorriu. — Não consigo pensar em duas pessoas melhores.
— Então você tem muita sorte.
— Eu sei.
— E seu irmão e sua irmã?
Ela olhou o relógio do painel.
— Meu irmão e minha irmã, e Jessamine e Royal também, vão se irritar muito se tiverem que ficar na chuva me esperando.
— Ah, desculpe, acho que você tem que ir.
Era idiotice, mas eu não queria sair do carro.
— E você deve querer sua picape de volta antes que o chefe Swan chegue em casa, assim não precisa contar a ele sobre a síncope vasovagal. — Ela era boa com o jargão médico, mas a mãe dela era médica.
— Tenho certeza de que ele já sabe. Não há segredos em Forks — resmunguei.
Aparentemente, falei alguma coisa engraçada, mas não consegui saber o quê, e nem por que havia uma intensidade na gargalhada dela.
— Divirta-se na praia — disse ela quando parou de rir. — O clima está bom para pegar sol. — Ela indicou a chuva torrencial.
— Não vou ver você amanhã?
— Não. Eleanor e eu vamos sair cedo para o fim de semana.
— O que vão fazer? — Um amigo pode perguntar essas coisas, não? Eu esperava que ela não conseguisse ouvir a decepção na minha voz.
— Vamos subir a Goat Rocks Wilderness, ao sul de Rainier.
— Ah, parece divertido.
Ela sorriu.
— Você pode fazer uma coisa por mim nesse fim de semana? — Ela se virou para me olhar nos olhos, com os dela ardendo daquele jeito hipnótico.
Concordei, impotente. *Qualquer coisa*, eu poderia ter dito, e seria verdade.
— Não se ofenda, mas você parece ser uma daquelas pessoas que atrai acidentes feito um ímã. Procure não cair no mar e nem ser atropelado por nada, tá?
Ela mostrou as covinhas para mim, o que tirou um pouco da mágoa de ser chamado de incompetente.
— Verei o que posso fazer — prometi.
Saí no rio vertical e corri até a varanda. Quando me virei, o Volvo já tinha

sumido.
— Ah!
Botei a mão no bolso do casaco, lembrando que esqueci de dar a ela a chave do meu carro
O bolso estava vazio.

6. HISTÓRIAS DE TERROR

ENQUANTO TENTAVA ME concentrar no terceiro ato de *Macbeth*, eu tentava ouvir minha picape. Achava que, mesmo com o martelar da chuva, poderia ouvir o rugido do motor. Mas, quando olhei pela janela de novo, de repente ela estava ali.

Eu não estava animado para acordar na sexta-feira, e ela mais do que cumpriu minhas expectativas negativas. É claro que houve comentários sobre o desmaio. Jeremy parecia se divertir com a história. Ele riu até engasgar quando Logan fingiu desmaiar na mesa do almoço. Por sorte, McKayla manteve a boca fechada, e ninguém parecia saber do envolvimento de Edythe. Mas Jeremy tinha muitas perguntas sobre o almoço do dia anterior.

— O que Edythe Cullen queria? — perguntou ele na aula de trigonometria.

— Não sei. — Era a verdade. — Ela não chegou a dizer.

— Ela parecia meio zangada.

Eu dei de ombros.

— Parecia?

— Nunca a vi se sentar com ninguém a não ser a família. Aquilo foi esquisito.

— É, foi esquisito — concordei.

Ele pareceu meio irritado por eu não ter respostas melhores.

A pior parte da sexta-feira foi que, embora soubesse que ela não estaria lá, eu ainda esperava. Quando fui para o refeitório com Jeremy e McKayla, não consegui deixar de olhar a mesa dela, onde Royal, Archie e Jessamine estavam conversando com as cabeças próximas. Perguntei-me se foi Archie que levou minha picape para casa ontem e o que achou da tarefa.

À minha mesa de sempre, todos estavam cheios de planos para o dia seguinte. McKayla estava animada de novo, confiando muito mais no meteorologista local do que eu achava que ele merecia. Eu teria que ver o prometido sol para acreditar. Pelo menos, estava mais quente, quase quinze graus. Talvez o passeio não fosse completamente infeliz.

Interceptei alguns olhares não amistosos de Logan durante o almoço, que não entendi. Assim como todo mundo, eu ri do desmaio falso dele. Mas fui entender quando todos fomos para a aula juntos. Acho que ele não percebeu como eu estava perto dele, logo atrás.

Ele passou a mão pelo cabelo louro platinado penteado para trás com gel.

— Não sei por que *Beaufort* — disse meu nome com desprezo — não se senta logo com os Cullen agora — eu o ouvi murmurar para McKayla.

Eu nunca havia percebido que a voz dele era anasalada, e fiquei surpreso pela

malícia implícita. Eu não o conhecia bem, não o suficiente para que ele não gostasse de mim. Ou assim eu pensei.
— Ele é meu amigo, ele senta com a gente — respondeu McKayla. Leal, mas possessiva. Parei para deixar que Jeremy e Allen passassem. Não queria ouvir mais nada.

***

No jantar, Charlie parecia entusiasmado com minha viagem a La Push de manhã. Acho que ele se sentia culpado por me deixar em casa sozinho nos fins de semana, mas passara tempo demais formando seus hábitos para abandoná-los agora. E eu não me importava de ficar sozinho.
É claro que sabia os nomes de todos os adolescentes que iam, e dos pais deles, e dos bisavós também, provavelmente. Ele aprovava, claro. Eu me perguntei se ele aprovaria meu plano de pegar uma carona para Seattle com Edythe Cullen. Ele parecia gostar muito dos Cullen. Mas não havia motivo para contar a ele.
— Pai, você conhece um lugar chamado Goat Rocks ou coisa assim? Acho que fica ao sul de Mount Rainier.
— Conheço, por quê?
Dei de ombros.
— Um pessoal estava falando de acampar lá.
— Não é um lugar muito bom para acampar. — Ele pareceu surpreso. — Tem ursos demais. A maioria das pessoas vai lá na temporada de caça.
— Ah. Talvez eu tenha entendido errado.
Eu queria dormir um pouco mais, mas a claridade me acordou. Em vez da meia-luz sombria que me acordou todos os dias nos últimos dois meses, havia uma luz amarela intensa jorrando pela minha janela. Eu nem acreditei, mas ali estava, finalmente, o sol. Estava no lugar errado, baixo demais e não tão perto quanto deveria, mas definitivamente era o sol. Nuvens ainda tingiam o horizonte, mas um grande trecho de azul ocupava boa parte do céu. Coloquei as roupas rapidamente, com medo de o azul sumir assim que eu desse as costas.
A loja Olympic Outfitters, dos Newton, ficava no norte da cidade. Eu já tinha visto a loja, mas nunca parei ali, pois não tinha muita vontade de comprar os equipamentos necessários para ficar ao ar livre intencionalmente por um longo período de tempo. No estacionamento, vi o Suburban de McKayla e o Sentra de Taylor. Quando estacionei perto dos carros delas, vi o grupo parado na frente do Suburban. Erica estava lá, junto com outras duas meninas que reconheci da minha turma. Eu tinha quase certeza de que os nomes eram Becca e Colleen. Jeremy estava ali, ladeado por Allen e Logan. Outros três caras estavam junto

deles, inclusive um que eu me lembrava de ter derrubado na educação física na sexta-feira. Esse me lançou um olhar de raiva quando eu saí do meu carro e disse alguma coisa para Logan. Eles riram alto, e Logan fingiu estar desmaiando. O outro cara o segurou primeiro, depois deixou cair. Os dois caíram na gargalhada de novo, com Logan ainda deitado no chão com as mãos atrás da cabeça.
Então seria assim.
Pelo menos McKayla ficou feliz em me ver.
— Você veio! — gritou ela, parecendo animada. — E prometi que hoje ia fazer sol, não foi?
— Eu falei que viria.
— Só estamos esperando Leann e Sean… a não ser que você tenha convidado alguém — acrescentou ela.
— Não, sou só eu — menti de leve, esperando não ser pego. Mas valeria a pena ser pego se quisesse dizer passar o dia com Edythe.
McKayla sorriu.
— Quer ir no meu carro? É nele ou na minivan da mãe de Leah.
— Claro.
O sorriso dela foi enorme. Era tão fácil deixar McKayla feliz.
— Pode sentar na frente — prometeu ela, e vi Jeremy olhar para nós e fazer cara feia. Não era tão simples assim fazer McKayla e Jeremy felizes ao mesmo tempo.
Mas os números deram certo. Leah trouxe mais duas pessoas, e cada espaço no carro era necessário. Fiz Jeremy entrar antes de mim, então ele ficou entre mim e McKayla no banco da frente do Suburban. McKayla podia ter disfarçado melhor, mas pelo menos Jeremy parecia satisfeito.
Eram só 24 quilômetros de Forks a La Push, com florestas verdes, densas e lindas margeando a estrada na maior parte do caminho, e o amplo rio Quillayute serpenteando embaixo. Fiquei feliz por me sentar junto à janela. Baixamos os vidros — o Suburban era meio claustrofóbico com nove pessoas lá dentro — e tentei absorver o máximo de sol que pude.
Eu já tinha ido muitas vezes às praias de La Push durante meus verões em Forks com Charlie e já conhecia a curva de oitocentos metros da primeira praia. Mas ainda era de tirar o fôlego. A água era cinza-escura, mesmo ao sol, com cristas brancas, e quebrava na praia rochosa. As ilhas surgiam das águas em escarpas empinadas, coroadas por abetos austeros e elevados. A praia só tinha uma lasca de areia na beira da água; depois disso, se alargava em milhões de pedras grandes e lisas que pareciam uniformemente cinzentas à distância, mas, de perto, tinham todos os tons que uma pedra podia ter. A linha da maré era tomada de enormes troncos trazidos pelo mar, embranquecidos pelas ondas salgadas, alguns

em pilhas na beira da floresta, outros deitados solitários, fora do alcance das ondas.
Havia um vento fresco vindo das ondas, frio e salgado. Pelicanos flutuavam nas ondas enquanto gaivotas e uma águia solitária rodavam acima deles. As nuvens ainda circundavam o céu, ameaçando invadir a qualquer momento, mas por enquanto o sol brilhava corajosamente em seu halo de céu azul.
Pegamos o caminho pela areia densa para a praia, McKayla na frente, até um anel de troncos que obviamente tinham sido usados para festas como a nossa. Já havia um círculo de fogueira montado, cheio de cinzas escuras. Erica e a garota que eu achava que se chamava Becca juntaram galhos quebrados das pilhas mais secas junto à floresta, e logo havia uma construção no formato de uma tenda indígena no alto das cinzas antigas.
— Já viu uma fogueira de madeira de praia? — perguntou McKayla.
Eu estava sentado em um dos bancos desbotados; Jeremy e Allen estavam sentados dos meus dois lados, mas a maior parte do resto do pessoal estava sentada do outro lado do círculo. McKayla se ajoelhou junto à fogueira, acendendo um dos gravetos menores com um isqueiro.
— Não — eu disse enquanto ela colocava o graveto aceso cuidadosamente na tenda.
— Então vai gostar dessa. Olhe só as cores. — Ela acendeu outro galho e o colocou junto do primeiro. As chamas começaram a lamber rapidamente a madeira seca.
— É azul — falei, surpreso.
— É por causa do sal. Legal, né?
Ela acendeu mais um galho, colocou onde a fogueira ainda não tinha pegado, e depois veio se sentar do meu lado. Felizmente, Jeremy estava do outro lado dela. Ela se virou para McKayla e começou a fazer perguntas sobre o planejamento do dia. Fiquei olhando as estranhas chamas azuis e verdes estalarem para o céu.
Depois de meia hora de bate-papo, algumas meninas queriam andar até as piscinas da maré baixa próximas, mas a maioria dos garotos queria ir até a única loja do vilarejo para comprar comida.
Eu não sabia a quem me juntar. Não estava com fome e adorava as piscinas de maré baixa, e isso desde que eu era criança; era uma das poucas coisas que queria ver quando tinha que vir a Forks. Por outro lado, também já caí muito nelas. Não é grande coisa quando se tem sete anos e está com seu pai. Isso me lembrou de repente de Edythe (não que ela não estivesse sempre em algum lugar dos meus pensamentos) e do pedido dela para que eu não caísse no mar.
Foi Logan quem decidiu por mim. Ele tinha a voz mais alta na discussão e queria comer. O grupo se dividiu em três partes, os que iam comer, os que iam

caminhar e os que iam ficar ali, sendo que a maioria foi com Logan. Esperei até que Taylor e Erica decidissem ir com ele para me levantar em silêncio e me juntar ao grupo da caminhada. McKayla sorriu quando viu que eu ia com eles.

A caminhada era curta, mas detestei perder o sol nas árvores. A luz verde da floresta era um ambiente estranho para o riso adolescente, obscura e agourenta demais para se harmonizar com as brincadeiras ao meu redor. Tive que me concentrar nos pés e na cabeça, evitando raízes embaixo e galhos em cima, e logo fiquei para trás. Quando atravessei o limite escuro da floresta e reencontrei a praia rochosa, fui o último. A maré estava baixa, e um rio passava por nós a caminho do mar. Junto a suas margens seixosas, piscinas rasas que nunca eram completamente drenadas fervilhavam de vida marinha.

Tive o máximo cuidado para não me inclinar demais na beira das piscinas. Os outros não tinham medo, pulavam nas pedras, empoleiravam-se precariamente na beira. Achei uma pedra que parecia muito estável na margem de uma das maiores piscinas e me sentei ali com cautela, fascinado com o aquário natural abaixo de mim. Os buquês de anêmonas ondulavam na correnteza invisível, caranguejos eremitas corriam pelas margens dentro das conchas espiraladas, estrelas-do-mar prendiam-se imóveis nas rochas e em outras estrelas, enquanto uma pequena enguia preta de listras brancas ondulava pelas algas verde-claras, esperando o retorno do mar. Fiquei completamente absorto, a não ser por uma pequena parte da minha mente que imaginava o que Edythe estaria fazendo agora e tentando adivinhar o que ela diria se estivesse aqui comigo.

De repente, todo mundo ficou com fome, e eu me levantei, rígido, para segui-los de volta. Dessa vez, tentei acompanhar o ritmo pela floresta, então, naturalmente, caí algumas vezes. Fiquei com alguns arranhões leves nas palmas das mãos, mas não saiu muito sangue.

Quando voltamos para a primeira praia, o grupo que deixamos tinha se multiplicado. À medida que nos aproximávamos, pude ver o cabelo preto, liso e reluzente e a pele acobreada dos adolescentes recém-chegados da reserva que apareceram para fazer uma social. A comida já estava sendo distribuída, e todo mundo que estava na caminhada correu para reivindicar uma parte. Erica nos apresentava à medida que cada um de nós entrava na roda da fogueira. Allen e eu fomos os últimos a chegar, e, quando Erica disse nossos nomes, vi uma menina mais nova sentada nas pedras perto da fogueira olhar para mim com interesse. Sentei ao lado de Allen, e McKayla nos trouxe sanduíches e refrigerantes. A garota que parecia ser a mais velha dos visitantes falou o nome dos sete que estavam com ela. Só o que captei foi que um dos meninos também se chamava Jeremy, e a menina que notou minha presença se chamava Julie.

Foi relaxante ficar sentado ali com Allen; ele era o tipo de pessoa sossegada, que

não sentia a necessidade de preencher cada silêncio com tagarelice e me deixava livre para pensar enquanto comíamos. E eu estava pensando em como o tempo parecia fluir de forma estranha em Forks, às vezes passando indistintamente, com algumas imagens se destacando de forma mais clara do que outras. Mas, em outras ocasiões, cada segundo era significativo, grudado em minha mente. Eu sabia exatamente o que provocava a diferença e isso me perturbava.

Durante o almoço, as nuvens começaram a avançar, disparando por um momento na frente do sol, lançando sombras compridas pela praia e escurecendo as ondas. Enquanto terminavam de comer, as pessoas começaram a se afastar em grupos de dois ou três. Algumas desceram para a beira da praia, tentando jogar pedras pela superfície agitada. Outras se reuniram numa segunda expedição às piscinas da maré baixa. McKayla, com Jeremy como uma sombra, seguiu para a lojinha. Alguns garotos do lugar foram com eles; outros acompanharam a caminhada. Depois que todos se espalharam, fiquei sentado sozinho em meu tronco na praia, com Logan e Taylor conversando ao lado do CD player que alguém pensara em trazer, e três adolescentes da reserva, inclusive a menina chamada Julie e a garota mais velha, que tinha agido como porta-voz.

Alguns minutos depois de Allen sair com os andarilhos, Julie veio sentar-se ao meu lado. Parecia ter 14 anos, talvez 15, e tinha cabelos pretos brilhantes e compridos, presos com elástico num rabo de cavalo na nuca. Sua pele era linda, com seda acobreada, os olhos eram escuros e amplos sobre as maçãs altas do rosto e os lábios se curvavam como um arco. Era um rosto muito bonito. Mas minha opinião foi prejudicada pelas primeiras palavras que saíram de sua boca.

— Você é Beaufort Swan, não é?

Foi como se o primeiro dia de aula estivesse se repetindo.

— Beau. — Eu suspirei.

— Certo — disse ela, como se já soubesse. — Meu nome é Julie Black. — Ela estendeu a mão. — Você comprou a picape da minha mãe.

— Ah — eu disse, aliviado, apertando sua mão quente. — Você é filha da Bonnie. Eu devia me lembrar de você.

— Não, eu sou a mais nova da família. Você deve se lembrar dos meus irmãos mais velhos.

De repente, me lembrei.

— Adam e Aaron.

Charlie e Bonnie e o marido dela — George, eu lembrava agora; ele tinha morrido alguns anos antes, de acidente de carro ou alguma coisa assim, e Charlie ficou muito triste — nos reuniam muitas vezes durante minhas visitas, para nos manter ocupados enquanto eles pescavam. Nunca fizemos muito progresso na amizade. É claro que eu tive acessos de raiva suficientes para dar um fim às

viagens de pescaria quando tinha 11 anos.
— Adam e Aaron e… Jules, não era?
Ela sorriu.
— Você lembra. Ninguém me chama assim desde que meus irmãos saíram de casa.
— Eles não estão aqui? — Examinei os garotos na beira do mar, perguntando-me se os reconheceria agora.
— Não. Adam conseguiu uma bolsa de estudos na Washington State University, e Aaron se casou com uma surfista samoana. Agora mora no Havaí.
— Casou. Caramba. — Eu estava pasmo. Os gêmeos só eram um pouco mais de um ano mais velhos do que eu.
— E aí, gostou da picape? — perguntou ela.
— Adorei. Funciona maravilhosamente.
— É, mas é bem lenta. — Ela riu. — Fiquei *tão* aliviada quando Charlie a comprou. Minha mãe não queria me deixar trabalhar na montagem de outro carro quando tínhamos um veículo em perfeito funcionamento ali.
— Não é tão lenta assim — objetei.
— Já tentou passar de noventa por hora?
— Não — admiti.
— Ainda bem. Não tente. — Ela sorriu.
Não consegui deixar de sorrir também.
— Ela é ótima em batidas — propus, em defesa de minha picape.
— Acho que nem um tanque poderia derrubar aquele monstro velho — concordou ela com outra risada.
— Então você monta carros? — perguntei, impressionado.
— Quando tenho tempo e peças. Por acaso você sabe onde posso conseguir um cilindro mestre de um Volkswagen Rabbit 1986? — perguntou ela, de brincadeira. Tinha uma voz interessante, calorosa e meio rouca.
— Não, desculpe. — Eu ri. — Não vi nenhum ultimamente, mas vou ficar de olho para você. — Como se eu soubesse o que era aquilo. Era muito fácil conversar com ela.
Ela abriu um sorriso brilhante e olhou para mim de um jeito que eu estava aprendendo a reconhecer. E eu não fui o único a perceber.
— Você conhece o Beaufort, Julie? — perguntou Logan. Eu devia saber que alguém como Logan repararia no quanto não gosto do meu nome.
— Beau e eu nos conhecemos praticamente desde que eu nasci — disse Jules, sorrindo para mim de novo.
— Que legal — retrucou Logan. Eu não tinha reparado antes em como os olhos verde-claros dele eram frios.

Jules ergueu as sobrancelhas ao perceber o tom dele.
— Não é maravilhoso?
O sarcasmo dela pareceu abalar Logan, mas ele ainda não tinha acabado de implicar comigo.
— Beau, Taylor e eu estávamos falando que foi uma pena nenhum dos Cullen ter podido vir aqui hoje. Ninguém pensou em convidá-los?
Ele olhou para mim como se *soubesse* que eu tinha chamado Edythe e achasse hilário ela ter recusado. Só que não pareceu rejeição no momento, pareceu que ela queria ter vindo comigo, mas não podia. Eu interpretei errado?
Minhas preocupações foram interrompidas por uma voz forte e clara.
— Quer dizer a família da Dra. Carine Cullen?
Era a garota mais velha que antes apresentou o pessoal da reserva. Ela era mais velha do que eu pensava, agora que estava olhando melhor. Não mais uma garota, mas uma mulher. Diferentemente de Julie, o cabelo dela estava cortado curto, como o de um garoto. Ela estava de pé agora, e vi que era quase tão alta quanto eu.
Logan olhou para ela, olhou para *cima*, porque ela era mais alta do que ele, irritado por ela ter falado antes de eu poder responder.
— É, você conhece? — perguntou ele de um jeito condescendente, virando- se um pouco para ela.
— Os Cullen não vêm aqui — disse ela, e, no tom de voz claro e forçado, pareceu menos uma observação e mais uma… ordem. Ela ignorou a pergunta dele, mas a conversa estava encerrada.
Taylor, tentando recuperar a atenção de Logan, pediu a opinião dele sobre um CD que estava segurando. Ele estava distraído.
Olhei para a mulher, que estava de pé com postura confiante e ereta, olhando na direção da floresta escura. Ela disse que os Cullen não iam ali, mas o tom implicava mais alguma coisa; que eles não tinham permissão para isso, eram proibidos de ir. Suas maneiras deixaram uma estranha impressão em mim e tentei ignorá-las, sem sucesso.
Jules interrompeu minhas reflexões.
— E aí, Forks já está te deixando louco?
Eu franzi a testa. Possivelmente, eu já estava louco naquele momento.
— Ah, eu diria que este é um jeito suave de dizer a verdade.
Ela sorriu com solidariedade.
Eu ainda estava repensando o breve comentário da mulher sobre os Cullen e comparando com o que interpretei da reação de Edythe no outro dia. Olhei para Jules com especulação.
— O quê? — perguntou ela.

— Quer ir até a praia comigo?
Ela olhou para Logan, depois para mim e deu um sorriso rápido.
— Quero. Vamos sair daqui.
Enquanto seguíamos para o norte até o quebra-mar de troncos, as nuvens finalmente venceram. O sol desapareceu, o mar ficou negro e a temperatura começou a cair. Enfiei as mãos nos bolsos do casaco.
Enquanto andávamos, pensei no jeito como Edythe sempre me fazia falar, quando ela me olhava por baixo dos cílios compridos e o dourado dos olhos ardia, e eu esquecia tudo: meu nome, como respirar, tudo, menos ela. Olhei para a garota andando ao meu lado agora. Jules só estava usando uma blusa de manga comprida, mas balançava os braços enquanto andava, sem se incomodar com o frio. O vento soprava o cabelo preto e sedoso em curvas e nós nas costas dela. Havia algo muito natural e aberto no rosto dela. Mesmo que eu soubesse fazer aquela coisa ardente que Edythe fazia, aquela garota provavelmente só riria de mim. Mas não com crueldade, eu achava. Com Jules, você sempre estaria por dentro da piada.
— Amigos legais — comentou ela quando estávamos longe o bastante da fogueira para o barulho das pedras debaixo dos nossos pés ser o suficiente para afogar nossas vozes.
— Não são meus amigos.
Ela riu.
— Deu para perceber.
— Aquelas outras pessoas eram seus amigos? Aquela que estava falando parecia meio que… mais velha.
— É a Samantha. Sam. Ela tem 19 anos, eu acho. Não ando muito com ela. Uma das minhas amigas estava lá antes, a Quil. Acho que ela foi até a loja.
— Não lembro quem ela era.
Ela deu de ombros.
— Eu também não guardei muitos nomes. Só me lembrei do seu porque você puxava meu cabelo.
— Puxava? Desculpa!
Ela riu.
— Olha só a sua cara. Não, só os meus irmãos puxavam. Mas eu podia ter convencido você de que era culpado.
Era fácil rir com ela.
— Acho que podia. Ei, posso perguntar uma coisa?
— Manda.
— O que aquela garota, Sam, o que ela quis dizer sobre a família da médica?
Jules fez uma careta e afastou o olhar, na direção do oceano. Ela não disse nada.

Isso tinha que querer dizer que eu estava certo. Havia mais alguma coisa por trás do que Sam disse. E Julie sabia o que era.
— Olha, eu não queria ser grosseiro nem nada.
Julie se virou com outro sorriso, meio que pedindo desculpas.
— Não se preocupe. É que… não posso falar sobre isso.
— É segredo?
Ela repuxou os lábios curvos.
— Mais ou menos.
Eu levantei as mãos.
— Esqueça que perguntei.
— Mas já estraguei tudo, não foi?
— Eu não diria que foi *você*. Aquela garota, Sam, foi meio… intensa.
Ela riu.
— Legal. A culpa é de Sam então.
Eu também ri.
— Não de verdade. Estou muito confuso.
Ela olhou para mim e sorriu como se já tivéssemos um segredo só nosso.
— Posso confiar em você?
— Claro.
— Você não vai sair correndo para contar para o seu amigo louro?
— Logan? Ah, claro, não consigo esconder nada daquele cara. Somos como irmãos.
Ela gostou disso. Quando riu, me fez parecer que eu fui mais engraçado do que realmente fui.
A voz rouca ficou um pouco mais baixa.
— Gosta de histórias de terror, Beau?
Por um segundo, consegui ouvir a voz de Edythe com clareza na mente. *Você acha que eu posso ser assustadora?*
— De que tipo de terror estamos falando?
— Você nunca mais vai dormir — prometeu ela.
— Ah, agora eu tenho que ouvir.
Ela riu e olhou para baixo, com um sorriso brincando nos cantos dos lábios. Consegui perceber que ela tentaria fazer a história ser boa.
Estávamos perto de um dos troncos na praia, um esqueleto branco enorme com raízes viradas e todas emaranhadas, como cem pernas de aranha. Jules foi se sentar em uma das raízes mais grossas enquanto eu me sentava abaixo dela, no tronco da árvore. Tentei parecer apenas interessado enquanto olhava para ela, e não como se estivesse levando aquilo a sério.
— Estou pronto para ficar apavorado.

— Conhece alguma das nossas histórias antigas, sobre de onde viemos… quer dizer, dos quileutes? — começou ela.
— Na verdade não — admiti.
— Há muitas lendas, e dizem que algumas datam da grande inundação. Ao que parece, os antigos quileutes amarraram as canoas no topo das árvores mais altas da montanha para sobreviver, como Noé e a arca. — Ela sorriu, para me mostrar que também não estava levando a sério. — Outra lenda diz que descendemos de lobos, e que as lobas ainda são nossas irmãs. É contra a lei da tribo matá-los. E há histórias sobre os *frios*. — A voz dela ficou um pouco mais baixa.
— Os frios? — perguntei. Eu parecia interessado demais agora? Ela conseguia adivinhar que a palavra *frio* teria algum significado para mim?
— É. Há histórias dos frios tão antigas quanto as lendas dos lobos, e algumas são mais recentes. De acordo com a lenda, minha bisavó conheceu alguns. Foi ela quem fez o acordo que os manteve longe de nossas terras. — Ela revirou os olhos.
— Sua bisavó? — Eu a estimulei.
— Ela era uma anciã da tribo, feito minha mãe. Olhe só, os frios são os inimigos naturais do lobo. Bom, não do lobo, mas dos lobos que se transformam em mulheres, como nossas ancestrais. Você pode chamar de lobisomens.
— As lobisomens têm inimigos?
— Só um.
Fiquei olhando para ela com ansiedade, tentando disfarçar minha impaciência como se fosse interesse.
— Então, veja você — continuou Jules —, por tradição, os frios são nossos inimigos. Mas aquele bando que veio para o nosso território na época da minha bisavó era diferente. Eles não caçavam como os outros da espécie deles. Não deviam ser perigosos para a tribo. Então, minha bisavó fez uma trégua com eles. Se prometessem ficar longe de nossas terras, nós não os revelaríamos aos caras-pálidas. — Ela deu uma piscadela para mim.
— Se eles não eram perigosos, então por quê…?
— Sempre há um risco para os seres humanos que ficam perto dos frios, mesmo que eles sejam civilizados, como este clã alegava que era. Nunca se sabe quando podem ficar famintos demais para resistir. — Ela deliberadamente assumiu um tom de ameaça.
— Como assim, “civilizados”?
— Eles diziam que não caçavam seres humanos. Supostamente, de algum modo, conseguiam caçar só animais.
Tentei manter minha voz casual, mas tenho certeza de que falhei.
— E o que é que isso tem a ver com os Cullen? Eles são iguais aos frios que sua

bisavó conheceu?
— Não… — Ela fez uma pausa dramática. — Eles são os *mesmos*.
Ela deve ter pensado que a expressão no meu rosto significava que eu estava absorto com a história. Ela sorriu, satisfeita, e continuou.
— Agora há mais deles, têm uma fêmea nova e um macho novo, mas os outros são os mesmos. Na época da minha bisavó, já conheciam a líder, Carine. Ela esteve aqui e se foi antes que o *seu* povo tivesse chegado. — Ela reprimia outro sorriso e tentava manter o tom sério.
— E o que eles são? — perguntei, por fim. — O que *são* os frios?
— Bebedores de sangue — respondeu ela numa voz de dar calafrios. — O seu povo os chama de vampiros.
Olhei a arrebentação agitada depois que ela respondeu, sem ter certeza do que minha expressão demonstrava. *Você acha que posso ser assustadora?*, a voz de Edythe ficava repetindo na minha cabeça.
— Você está arrepiado. — Jules riu, satisfeita.
— Você sabe contar uma história — comentei, ainda olhando as ondas.
— Obrigada, mas você só está é com frio. É muito louco, né? Não surpreende que minha mãe não queira que a gente fale sobre isso com ninguém.
Não consegui controlar minha expressão o suficiente para olhar para ela.
— Não se preocupe, não vou falar nada.
— Acho que acabo de violar o trato. — Ela virou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.
— Vou levar isso para o túmulo — prometi, e depois estremeci.
— Mas, sério, não conte nada ao Charlie. Ele ficou muito chateado com minha mãe quando soube que alguns de nós deixaram de ir ao hospital desde que a Dra. Cullen começou a trabalhar lá.
— Não vou dizer nada para Charlie, claro que não.
— Então, você acha que somos um bando de nativos supersticiosos ou o quê? — perguntou ela, num tom de brincadeira, mas com um toque de preocupação. Eu ainda não havia tirado os olhos do mar.
Eu me virei e sorri para ela com a maior naturalidade que pude.
— Não. Mas acho que você conta histórias de terror muito bem. Ainda estou arrepiado, está vendo? — Ergui o braço.
— Legal. — Ela sorriu.
E depois, ouvimos o som de pedras se chocando na praia. Nossas cabeças se viraram ao mesmo tempo e vimos McKayla e Jeremy a uns cinquenta metros de distância, andando na nossa direção.
— Aí está você, Beau — gritou McKayla, aliviada, acenando o braço acima da cabeça.

— Essa é sua namorada? — perguntou Jules, alertada pela pontada de ciúme na voz de McKayla. Fiquei surpreso por ficar tão óbvio.
— Não. *Por que* todo mundo acha isso?
Jules riu com deboche.
— Talvez por ela querer que todo mundo pense.
Eu suspirei.
— Se precisar de um tempo desses seus amigos, me avise.
— Ótima ideia — eu disse, e estava falando sério.
Eu não sabia se era por nos conhecermos havia mais tempo, ainda que não muito bem, ou se porque Jules era tão simpática, mas eu já estava mais à vontade com ela do que com qualquer outra pessoa com quem voltaria para casa.
McKayla nos alcançou, e Jeremy ainda estava alguns passos atrás, se esforçando para acompanhar. McKayla olhou Julie de cima a baixo uma vez, depois se virou para mim com um jeito que pareceu estranhamente alheio à presença dela. Jules deu outra gargalhada debochada e baixa.
— Onde você estava? — perguntou McKayla, embora a resposta estivesse bem diante dela.
— A Jules estava me mostrando a praia. — Eu sorri para Jules, e ela sorriu para mim. Mais uma vez, foi como se a gente compartilhasse um segredo. Claro que agora era verdade.
— Bom — disse McKayla, olhando para Jules de novo. — Estamos indo embora. Parece que vai chover.
Todos olhamos para o céu. As nuvens estavam pesadas e pretas e com aparência muito úmida.
— Tudo bem — falei. — Estou indo.
— Foi bom ver você *de novo* — disse Julie, com ênfase no final, e eu sabia que ela estava provocando McKayla.
— Foi mesmo. Da próxima vez que Charlie vier ver Bonnie, eu também venho.
Ela sorriu de orelha a orelha e mostrou os dentes brancos e retos.
— Isso seria legal.
— E obrigado — acrescentei com voz baixa, de forma não muito casual.
Ela piscou para mim.
Puxei o capuz enquanto andávamos sobre as pedras para o estacionamento. Algumas gotas começavam a cair, criando manchas escuras nas pedras em que pousavam. Quando chegamos ao Suburban, os outros já estavam guardando tudo nos carros. Entrei no banco traseiro ao lado de Allen e Taylor, anunciando que já havia tido minha oportunidade de sentar na frente. Allen ficou olhando pela janela a tempestade que se formava, e Logan se contorcia no meio do banco para ocupar a atenção de Taylor, então fiquei livre para recostar a cabeça, fechar os

olhos e me esforçar muito para não pensar.

7. PESADELO

EU DISSE A Charlie que tinha muito dever de casa para fazer e que tinha comido muito em La Push, por isso não ia querer jantar. Havia um jogo de basquete que o estava empolgando, embora, é claro, eu não fizesse ideia do que existia de especial nisso, então ele não percebeu nada incomum no meu rosto.

No meu quarto, tranquei a porta. Vasculhei minha mesa até encontrar meus velhos fones de ouvido e os conectei no pequeno CD player. Escolhi um CD que Phil me dera de Natal. Era de uma das bandas preferidas dele, mas era um pouco pesada demais para o meu gosto. Coloquei o CD no lugar e me deitei na cama. Pus os fones, apertei play e aumentei o volume até machucar meus ouvidos. Fechei os olhos e coloquei um travesseiro na parte de cima do rosto.

Eu me concentrei só na música, tentando entender a letra, desvendar o padrão complicado da bateria. Na terceira vez que ouvi todo o CD, eu sabia pelo menos toda a letra dos refrãos. Fiquei surpreso em descobrir que eu afinal de contas gostava da banda, depois de conseguir passar pelo barulho ensurdecedor. Eu teria que agradecer a Phil novamente.

E deu certo: graças à batida de rachar os tímpanos, foi impossível pensar — e era esse o propósito do exercício. Ouvi o CD repetidas vezes, até que estava cantando todas as músicas e até que, finalmente, dormi.

Abri os olhos em um lugar familiar. Apesar de parte da minha mente parecer saber que eu estava sonhando, a maior parte de mim estava apenas presente na luz verde da floresta. Eu podia ouvir as ondas quebrando nas pedras em algum lugar por perto e sabia que, se achasse o mar, poderia ver o sol. Tentava seguir o som, mas então Jules estava ali, puxando minha mão, arrastando-me para a parte mais escura da floresta.

— Julie? Qual é o problema? — perguntei.

O rosto dela estava assustado enquanto ela me puxava com toda a força, tentando me levar para a escuridão.

— Corre, Beau, você tem que correr! — sussurrou ela, apavorada.

— Por aqui, Beau! — Era a voz de McKayla que eu ouvia agora, gritando do meio das árvores, mas não consegui vê-la.

— Por quê? — perguntei, ainda tentando me libertar de Jules. Encontrar o sol era muito importante para o eu do sonho. Era a única coisa em que eu conseguia me concentrar.

Nessa hora, Jules soltou minha mão; ela deu um gritinho estranho e, tremendo de repente, caiu no chão e começou a se contorcer. Olhei com pavor, sem conseguir me mexer.

— Jules! — gritei, mas ela tinha sumido. Em seu lugar havia uma loba grande e castanho-avermelhada de olhos negros. A loba desviou os olhos de mim, apontando o focinho para a praia, o pelo eriçado nos ombros, emitindo rosnados baixos por entre as presas à mostra.
— Corre, Beau! — gritou McKayla novamente de trás de mim. Mas não me virei. Eu estava vendo uma luz que vinha da praia na minha direção.
E aí, Edythe apareceu no meio das árvores.
Ela estava com um vestido preto. Ia até o chão, mas deixava os braços os ombros à mostra e tinha um decote profundo em V. A pele brilhando um pouco, os olhos negros. Ergueu uma das mãos e acenou para que eu fosse até ela. As unhas estavam lixadas com pontas afiadas e pintadas de um vermelho tão escuro que pareciam quase tão pretas quanto o vestido. Os lábios estavam da mesma cor.
A loba entre nós rosnou.
Dei um passo à frente, na direção de Edythe. Ela sorriu e, entre os lábios escuros, os dentes eram afiados e pontudos como as unhas.
— Confie em mim — sussurrou ela.
Dei outro passo.
A loba se atirou no espaço entre mim e a vampira, as presas mirando a jugular dela.
— Não! — gritei, erguendo-me da cama.
Meu movimento súbito fez os fones puxarem o CD player da mesa de cabeceira, e ele caiu no chão de madeira.
Minha luz ainda estava acesa e eu estava sentado todo vestido na cama, ainda de sapatos. Olhei, desorientado, o relógio na cômoda. Eram cinco e meia da manhã.
Gemi, caí de costas e me virei de bruços, tirando as botas. Mas estava desconfortável demais para conseguir dormir. Rolei na cama e desabotoei a calça jeans, arrancando-a desajeitado ao tentar continuar na horizontal. Puxei o travesseiro para cima dos olhos.
É claro que foi inútil. Meu subconsciente tinha decidido se concentrar na palavra que tentei tanto evitar. Eu teria que lidar com ela agora.
Uma coisa de cada vez, pensei, feliz por adiar o máximo possível. Peguei minhas coisas de higiene.
O banho não durou tanto. Eu não sabia se Charlie ainda estava dormindo ou se já tinha saído. Fui olhar pela minha janela e a radiopatrulha não estava lá. Pescaria de novo.
Vesti-me lentamente com a calça jeans do dia anterior e um moletom velho e depois fiz minha cama — só para protelar.
Mas eu não podia mais adiar. Fui para minha escrivaninha e liguei o velho computador.

Eu odiava usar a internet aqui. Meu modem era artigo de museu e meu provedor gratuito mostrava que a qualidade do serviço depende mesmo do quanto se paga. Só a discagem levava tanto tempo que decidi preparar uma tigela de cereal enquanto esperava.

Comi devagar, e o finalzinho ficou mole demais para eu querer comer. Lavei a tigela e a colher e guardei. Meus pés se arrastavam ao subir a escada. Fui primeiro pegar meu CD player, enrolei o fio dos fones de ouvido e guardei na gaveta da escrivaninha. Toquei o mesmo CD, mas baixinho, até ficar como ruído de fundo.

Com um suspiro, me virei para o computador, já me sentindo idiota antes mesmo de terminar de digitar a palavra.

Vampiro.

Senti-me ainda mais idiota ao olhar para ela.

Os resultados foram difíceis de avaliar. A maioria era de entretenimento: filmes, programas de TV, RPG, bandas de heavy metal… Havia roupas e maquiagem gótica, fantasias de Halloween e programações de convenções.

Acabei encontrando um site promissor — Vampiros de A-Z — e esperei impacientemente que carregasse. A página era simples e com aparência acadêmica, texto preto em um fundo branco. Duas citações me receberam na home page:

Em todo o vasto mundo das sombras de fantasmas e demônios, não há figura tão terrível, nenhum personagem tão medonho e abominado, e no entanto travestido de tal fascínio temeroso, como o vampiro, que não é nem fantasma nem demônio, mas participa da natureza das sombras e possui as qualidades misteriosas e terríveis de ambos. — Rev. Montague Summers

Se há neste mundo um relato bem documentado, é o dos vampiros. Nada falta ali: relatórios oficiais, atestados de pessoas reputadas, de médicos, de padres, de magistrados; a prova judicial é a mais completa. E com tudo isso, quem há que acredite em vampiros? — Rousseau

O resto do site era uma lista em ordem alfabética de todos os diferentes mitos de vampiros que existem no mundo. O primeiro em que cliquei, o *Danag*, era um vampiro filipino supostamente responsável pelo cultivo de inhame nas ilhas havia muito tempo. Dizia o mito que o *Danag* trabalhou com seres humanos por muitos anos, mas um dia a parceria terminou, quando uma mulher cortou o dedo e um *Danag* chupou sua ferida, desfrutando tanto do sabor que drenou totalmente o sangue de seu corpo.

Li atentamente as descrições, procurando alguma coisa que parecesse familiar, sem mencionar plausível. Parecia que a maioria dos mitos de vampiros tinha mulheres bonitas como demônios e crianças como vítimas; também pareciam

conceitos criados para explicar o alto índice de mortalidade de crianças novas e dar aos homens uma desculpa para a infidelidade. Muitas histórias envolviam espíritos incorpóreos e alertas contra enterros inadequados. Não havia muito que se parecesse com os filmes que eu vira, e só alguns, como o *Estrie* hebraico e o *Upier* polonês, ainda se preocupavam em beber sangue.

Só três verbetes realmente prenderam minha atenção: o romeno *Varacolaci*, um morto-vivo poderoso que podia aparecer como um ser humano bonito de pele clara; o eslovaco *Nelapsi*, uma criatura tão forte e tão rápida que podia massacrar uma aldeia inteira na primeira hora depois da meia-noite; e outro, chamado *Stregoni benefici*.

Sobre este último, só havia uma frase curta.

Stregoni benefici: vampiro italiano que se diz estar do lado do bem e é inimigo mortal de todos os vampiros do mal.

Foi um alívio estranho, aquele pequeno verbete, o único mito entre centenas que afirmava a existência de vampiros do bem.

Entretanto, no geral, pouco havia que coincidisse com as histórias de Jules ou minhas próprias observações. Fiz um pequeno catálogo em minha mente enquanto lia e o comparei cuidadosamente com cada mito. Beleza, velocidade, força, pele clara, olhos que mudavam de cor; e depois, os critérios de Jules: bebedores de sangue, inimigos de lobisomem, pele fria e imortais. Havia poucos mitos que combinassem ao menos com um dos fatores.

E depois, outro problema, uma questão de que eu me lembrava do pequeno número de filmes de terror que vira e era sustentada pela leitura de hoje: os vampiros não podiam sair à luz do dia, o sol os queimava até que virassem cinzas. Eles dormiam em caixões o dia todo e só saíam à noite.

Exasperado, apertei o botão para desligar o computador, sem esperar para desligar tudo adequadamente. Em minha irritação, senti um constrangimento dominador. Era tudo tão idiota. Eu estava sentado no meu quarto, pesquisando vampiros. O que havia de errado comigo?

Precisava sair de casa, mas não havia aonde eu quisesse ir que não envolvesse uma viagem de três dias. Calcei as botas assim mesmo, sem ter certeza do meu destino, e desci a escada. Vesti a capa de chuva sem olhar o tempo e disparei porta afora.

Estava nublado, mas ainda não chovia. Ignorei meu carro e parti para o leste a pé, atravessando na diagonal o jardim de Charlie em direção à floresta. Pouco tempo depois, eu havia avançado bastante, a casa e a rua estavam invisíveis e o único som era o esmagar da terra molhada debaixo dos meus pés.

Havia ali uma trilha estreita que levava para o interior da floresta. A trilha entrava cada vez mais fundo na floresta, principalmente para o leste, pelo que eu

podia perceber. Serpenteava pelos espruces e as cicutas, os teixos e bordos. Só conhecia vagamente os nomes das árvores em volta de mim, e tudo o que eu sabia se devia ao fato de Charlie apontá-las da janela da viatura na minha infância. Havia muitas que eu não conhecia e outras sobre as quais não podia ter certeza porque estavam cobertas demais de parasitas verdes.

Segui a trilha pelo tempo que a raiva me impeliu. Quando começou a amainar, diminuí o passo. Algumas gotas de água escorriam do dossel verde acima de mim, mas eu não podia ter certeza se estava começando a chover ou se eram simplesmente gotas que restaram de ontem, presas nas folhas no alto, caindo devagar na terra. Uma árvore recém-caída — eu sabia que era recente porque não estava totalmente atapetada de musgo — pousava no tronco de uma de suas irmãs, criando um pequeno banco abrigado a uma distância segura da trilha. Passei por cima das samambaias, me sentei e encostei a cabeça coberta pelo capuz na árvore viva.

Era o lugar errado para ir. Eu devia saber, mas para onde mais iria? A floresta era de um verde intenso e parecida demais com a cena do sonho da noite passada para que eu ficasse tranquilo. Agora que não havia mais o som dos meus passos ensopados, o silêncio era penetrante. As aves também estavam quietas, a frequência das gotas aumentava, então devia estar chovendo no alto. As samambaias eram quase da altura da minha cabeça agora que eu estava sentado, e eu sabia que alguém podia andar pela trilha, a um metro de distância, e não me ver.

Aqui, nas árvores, era muito mais fácil acreditar nas palavras absurdas que me constrangiam entre quatro paredes. Nada mudara nessa floresta havia milhares de anos, e todos os mitos e lendas de cem terras diferentes pareciam muito mais prováveis nessa névoa verde do que em meu quarto claro.

Obriguei-me a me concentrar nas duas questões mais importantes que eu precisava responder.

Primeiro, eu tinha de decidir se era possível que aquilo que Jules dissera sobre os Cullen fosse verdade.

Minha mente reagiu imediatamente com uma negativa retumbante. Era tolice considerar essa ideia. Eram histórias bobas. Só lendas velhas e mórbidas.

Mas o quê, então?, perguntei a mim mesmo. Não havia explicação racional para o modo como sobrevivi à van. Relacionei novamente em minha cabeça as coisas que observei: a beleza inumana, a velocidade e a força impossíveis, a cor dos olhos mudando do preto para o dourado e voltando ao preto, a pele branca e gélida. E mais, coisinhas que entraram na minha cabeça aos poucos: eles nunca pareciam comer, e havia a elegância perturbadora com que cada um se movimentava. E o modo como *ela* falava às vezes, com uma cadência

desconhecida e expressões mais adequadas a um romance histórico do tipo que minha mãe amava do que a uma sala de aula do século XXI. Ela matou aula naquele dia em que fizemos a tipagem sanguínea. Não disse não para a viagem à praia até saber aonde iríamos. Parecia saber o que todos por perto dela estavam pensando… a não ser eu. Ela me dissera que era a vilã, perigosa…

Poderiam os Cullen serem vampiros?

Bom, eles eram *alguma coisa*. Algo fora dos limites do normal e são estava acontecendo naquela cidadezinha insignificante. Fossem os *frios* de Jules ou minha teoria do super-heróis, Edythe Cullen não era… humana. Era algo mais.

Então — talvez. Essa teria que ser minha resposta por enquanto.

E havia a questão mais importante de todas. O que eu ia fazer?

Se Edythe fosse uma vampira (eu mal conseguia pensar na palavra), o que eu deveria fazer? Definitivamente estava fora de cogitação envolver outra pessoa. Eu nem conseguia acreditar; qualquer um com quem eu tentasse falar sobre o assunto me internaria.

Apenas duas opções pareciam práticas. A primeira era aceitar o conselho dela: ser inteligente e evitá-la ao máximo. Cancelar nossos planos, voltar a ignorá-la da melhor maneira que eu pudesse. Fingir que havia um vidro grosso e impenetrável entre nós em uma aula onde éramos obrigados a sentar juntos. Dizer a ela que ela estava certa e nunca mais voltar a falar com ela.

E doeu, a mera ideia, mais do que deveria. Mais do que eu achava que conseguiria aguentar. Mudei de direção e pulei para a opção seguinte.

Eu não podia fazer nada diferente. Afinal, se ela era uma coisa… sinistra, até agora não tinha feito nada de ruim. Na verdade, eu seria um amassado no para-lama do carro de Taylor se ela não tivesse agido com tanta rapidez. Tão rápido, argumentei comigo mesmo, que podia ter sido por mero reflexo. Mas, se foi um reflexo para salvar uma vida, como ela poderia ser má? Minha cabeça girava sem respostas.

Havia algo de que eu tinha certeza, se é que tinha certeza de alguma coisa. A Edythe de vestido preto com dentes e unhas afiados era só a encarnação das palavras de Jules, não a verdadeira Edythe. Mesmo assim, quando ela gritou de horror na hora que a lobisomem atacou, não foi medo da loba que me fez gritar. *Não*. Foi medo de que *ela* fosse ferida. Mesmo com ela me chamando com presas afiadas, eu temia por *ela*.

E eu sabia que havia uma resposta aí. Não sabia se havia alternativa. Eu já mergulhara fundo demais. Agora que eu sabia — *se é* que sabia —, o que eu podia fazer? Porque, ao pensar nela, na voz, nos olhos hipnóticos, na força magnética com a qual o corpo dela atraía o meu, eu só queria estar com ela agora. Mesmo que… Mas eu não queria pensar na palavra de novo. Não aqui, na

floresta silenciosa. Não enquanto a chuva a tornava sombria como um crepúsculo sob as árvores e tamborilava como passos no chão de terra lamacenta. Eu tremi e me levantei, preocupada que de algum modo a trilha sumisse com a chuva.
Mas estava ali, sinuosa na sombra verde gotejante. Dei passos maiores agora, e fiquei surpresa, à medida que quase corria pelas árvores, com o quanto fui longe. Comecei a me perguntar se estava saindo da floresta ou se seguiria a trilha ainda mais para os confins dela. Mas, antes que o pânico fosse demasiado, comecei a vislumbrar alguns espaços abertos pela teia de galhos. Depois, pude ouvir um carro passando na rua, e eu estava livre, o gramado de Charlie debaixo dos meus pés.
Era meio-dia quando entrei em casa. Fui para o segundo andar e me troquei, jeans e uma camiseta, uma vez que ia ficar em casa. Não precisei de muito esforço para me concentrar na tarefa do dia, um trabalho sobre *Macbeth* que devia entregar na quarta. Comecei a escrever um rascunho, mais sereno do que me sentia desde… Bom, desde a tarde de quinta-feira, para ser franco.
Mas esse sempre foi o meu jeito. Tomar decisões era a parte dolorosa para mim, a parte que me angustiava. Mas, depois que a decisão era tomada, eu simplesmente seguia em frente, aliviado por ter decidido. Às vezes o alívio era tingido de desespero, como minha resolução de vir para Forks. Mas ainda era melhor do que lutar com as alternativas.
Era quase fácil demais conviver com aquela decisão. Perigosamente fácil.
O resto do dia foi tranquilo e produtivo; terminei o trabalho antes das oito. Charlie chegou em casa com muitos peixes, e fiz uma nota mental para comprar um livro de receitas de peixe quando estivesse em Seattle na semana seguinte. Os arrepios de adrenalina que sentia sempre que pensava nessa viagem não eram diferentes daqueles que senti antes de dar o passeio com Jules. Deviam ser diferentes, mas eu não sabia como me fazer sentir o tipo certo de medo.
Naquela noite, dormi sem sonhos, exausto por ter começado o dia tão cedo. Acordei, pela segunda vez desde que cheguei a Forks, com a luz amarela de um dia de sol. Cambaleei até a janela, atordoado ao ver que quase não havia uma nuvem no céu. Abri a janela, surpreso quando esta se moveu em silêncio, sem agarrar, pois não a abria desde quem sabe quantos anos antes, e respirei o ar relativamente seco. Estava quase quente e praticamente não ventava. Meu sangue vibrou nas veias.
Charlie estava terminando o café da manhã quando eu desci e percebeu meu estado de espírito de imediato.
— Está um lindo dia — comentou.
— É — concordei com um sorriso.

Quando ele dava um sorriso assim tão grande, era mais fácil imaginá-lo como o homem que se casou impulsivamente com uma garota bonita que mal conhecia quando só tinha três anos a mais do que eu agora. Não havia sobrado muito daquele homem. Ele foi se apagando com os anos, como o cabelo castanho encaracolado que foi se afastando da testa.

Tomei o café da manhã com um sorriso no rosto, vendo a poeira se agitar na luz do sol que jorrava pela janela dos fundos. Charlie gritou um até logo, e ouvi a radiopatrulha sair da casa. Hesitei a caminho da porta, a mão na capa de chuva. Seria uma provocação com o destino deixá-la em casa. Dobrei-a sobre o braço e saí para a luz mais brilhante que eu via em meses.

Depois de uma batalha curta, consegui que as duas janelas da picape ficassem quase completamente abertas. Fui um dos primeiros a chegar na escola; nem mesmo olhei o relógio, na pressa que tive de sair. Estacionei e segui para os bancos de piquenique no lado sul do refeitório. Os bancos ainda estavam meio molhados, então eu me sentei em cima da capa de chuva, feliz por encontrar utilidade para ela. Meu dever de casa estava pronto, mas havia alguns problemas de trigonometria que eu não tinha certeza de que estavam certos. Abri o livro, mas, na metade da revisão do primeiro problema, minha mente já estava longe, vendo o sol brincar nas árvores de tronco vermelho. Rabisquei sem atenção nas margens do meu dever de casa. Depois de alguns minutos, de repente percebi que tinha desenhado cinco pares de olhos escuros me encarando da página. Passei a borracha neles.

— Beau! — ouvi alguém gritar, e parecia McKayla. Olhei em volta e percebi que a escola tinha se povoado enquanto eu estava sentado ali. Todos estavam de camiseta, alguns até de short, apesar de a temperatura não poder ser de mais do que quinze graus. McKayla vinha na minha direção com uma saia que chegava na metade das coxas e uma camiseta regata.

— Oi, McKayla — respondi.

Ela veio se sentar ao meu lado, o sol cintilando no cabelo recém-alisado, um sorriso se espalhando pelo rosto. Estava tão contente em me ver que não pude deixar de retribuir.

— Lindo dia, não é?

— Do jeito que eu gosto — concordei.

— O que você fez ontem? — O tom de voz era um tanto possessivo, e lembrei o que Jules disse. As pessoas achavam que eu era namorado dela porque McKayla queria que achassem isso.

Mas eu estava com o humor bom demais para me deixar afetar.

— Trabalhei no dever sobre *Macbeth*.

— Ah, é. É para a quinta, não é?

— Hmmm, para quarta, eu acho.
— Quarta? — O sorriso dela desapareceu. — Isso não é bom. Acho que vou ter que fazer hoje. — Ela franziu a testa. — Eu ia perguntar se você queria sair.
— Ah. — Fiquei abalado. Por que eu não podia mais ter uma conversa com McKayla sem que ficasse constrangedor?
— Bom, a gente podia sair para jantar ou coisa assim… e eu podia fazer o trabalho depois. — Ela sorriu para mim, cheia de esperança.
— McKayla… — *Aí vem a culpa*, eu pensei. — Não acho que seria uma boa ideia.
Ela ficou com a cara no chão.
— Por quê? — perguntou, os olhos na defensiva. Meus pensamentos se voltaram para Edythe, e eu me perguntei se McKayla estava pensando a mesma coisa.
— Olha, estou violando todos os códigos masculinos ao dizer isso, então não me dedure, tá?
— Códigos masculinos?
— Jeremy é meu amigo, e, se eu saísse com você, ele ficaria chateado.
Ela ficou me olhando.
— Eu nunca falei nada disso, tá? É sua palavra contra a minha.
— Jeremy? — perguntou ela, a voz tomada de surpresa.
— Falando sério, você é cega?
— Ah. — Ela expirou, parecendo atordoada. Hora de fugir.
Enfiei o livro na mochila.
— Não quero me atrasar de novo. Já estou na lista de Mason.
Andamos em silêncio para o prédio três, e ela tinha uma expressão desligada. Eu esperava que os pensamentos em que estivesse imersa a levassem na direção correta.
Quando vi Jeremy na aula de trigonometria, ele estava tão animado pelo dia de sol quanto eu. Ele, Allen e Logan iam a Port Angeles ver um filme e encomendar flores para o baile, e fui convidado. Fiquei indeciso. Seria legal sair da cidade, mas Logan estaria lá. E quem sabia o que eu podia estar fazendo à noite… Mas essa era a coisa errada em que pensar. É claro que eu estava feliz de ver o sol de novo. Mas isso não era totalmente responsável pelo meu estado de espírito, nem chegava perto.
Então respondi com um talvez, mentindo sobre deveres de casa atrasados.
Finalmente fomos almoçar. Eu estava tão ansioso para ver não só Edythe, mas todos os Cullen, que foi quase doloroso. Precisava compará-los com as desconfianças que me assombravam. Talvez, com todos juntos em um mesmo lugar, eu conseguisse ter certeza de que estava errado, de que não havia nada de sinistro neles. Assim que passei pela soleira da porta do refeitório, senti o

primeiro tremor de medo latejar no meu estômago. Eles conseguiriam saber o que eu estava pensando? E depois, uma sensação diferente me abalou: Edythe estaria me esperando de novo?
Como era minha rotina, olhei primeiro para a mesa dos Cullen. Senti uma pequena onda de pânico quando vi que estava vazia. Com esperança cada vez menor, meus olhos varreram o resto do refeitório, torcendo para encontrá-la sozinha. O local estava quase lotado, a aula de espanhol nos atrasara, mas não havia sinal de Edythe nem de ninguém da família dela. De uma hora para outra, meu bom humor desapareceu.
Estávamos tão atrasados que todos já estavam em nossa mesa. Evitei a cadeira vazia ao lado de McKayla e fui para outra perto de Allen. Percebi vagamente que McKayla tinha guardado uma cadeira para Jeremy, cujo rosto se iluminou com isso.
Allen fez algumas perguntas em voz baixa sobre o trabalho de *Macbeth*, que respondi com a maior naturalidade possível enquanto caía numa espiral de infelicidade. Ele também me convidou para ir com eles à noite, e dessa vez eu concordei, procurando uma distração.
E se Edythe soubesse o que fiz no fim de semana? E se mergulhar mais fundo nos segredos tivesse levado ao desaparecimento dela? E se eu tivesse provocado aquilo?
Percebi que me agarrava ao último fiapo de esperança quando entrei na aula de biologia, vi o lugar dela vazio e senti uma nova onda de decepção.
O resto do dia se arrastou. Não consegui acompanhar a discussão da aula de biologia, e nem tentei prestar atenção na aula da treinadora Clapp sobre as regras de badminton. Fiquei feliz por sair do campus, assim eu poderia parar de fingir que estava bem até a hora de ir a Port Angeles. Mas, logo depois de entrar pela porta de casa, o telefone tocou. Era Jeremy, para cancelar nossos planos. Tentei parecer feliz com o fato de McKayla tê-lo convidado para jantar, mas acho que só pareci irritado. Ele reprogramou o cinema para terça.
Isso me deixou sem distrações. Temperei o peixe para o jantar e terminei meu dever, mas só levei meia hora. Chequei meu e-mail e percebi que vinha ignorando minha mãe. Ela não estava muito feliz.

Mãe,

Desculpe. Estive fora. Fui à praia com alguns amigos. E precisei escrever um trabalho.

Minhas desculpas eram muito patéticas, então desisti delas.

Hoje fez sol — eu sei, estou chocado também —, então vou ficar lá fora e me encharcar do máximo de vitamina D que eu puder. Eu te amo,

Beau.

Eu tinha uma pequena coleção de livros favoritos que vieram comigo para Forks, e agora peguei *Vinte mil léguas submarinas* e uma colcha velha do armário de roupas de cama no alto da escada.

Lá fora, coloquei a colcha no meio do ponto mais ensolarado do pequeno quintal quadrado de Charlie e me joguei em cima. Folheei o livro, esperando que uma palavra ou frase captasse meu interesse, normalmente uma lula gigante ou uma narwhal eram adequadas, mas dessa vez folheei o livro todo duas vezes sem encontrar nada de intrigante o bastante para me fazer começar a ler. Fechei o livro. Tudo bem, tanto faz. Eu me bronzearia, então. Deitei de costas e fechei os olhos.

Tentei argumentar comigo mesmo. Não havia motivo para surtar. Edythe disse que ia acampar. Talvez os outros planejassem se juntar a ela. Talvez todos tivessem decidido ficar mais um dia porque o tempo estava tão bom. Faltar alguns dias não afetaria as notas perfeitas dela. Eu podia relaxar. Amanhã eu a veria novamente, sem dúvida.

Mesmo se ela ou algum dos outros *conseguisse* saber o que eu estava pensando, isso não era motivo para sumirem. Eu não acreditava em nada daquilo, e eu não ia mesmo dizer nada para ninguém. Era burrice. Eu sabia que a ideia toda era ridícula. Obviamente, não havia nenhum motivo para ninguém, vampiro ou não, reagir com exagero.

Era igualmente ridículo imaginar que alguém era capaz de ler meus pensamentos. Eu precisava parar de ser tão paranoico. Edythe voltaria amanhã. Ninguém achava neurose uma coisa atraente, e eu duvidava de que ela fosse a primeira.

Tranquilo. Relaxado. Normal. Eu conseguia lidar com isso. Era só inspirar e expirar.

Quando dei por mim, percebi o som da viatura de Charlie virando no piso da entrada de carros. Sentei-me, surpreso de ver que a luz sumiu e eu estava nas sombras das árvores agora. Eu devia ter adormecido. Olhei em volta, ainda desnorteado, com a sensação repentina de que não estava só.

— Charlie? — perguntei. Mas consegui ouvir a porta batendo na frente da casa.

Fiquei de pé num pulo, tenso e me sentindo idiota por me sentir assim, e peguei a colcha e meu livro. Corri para dentro a fim de colocar o óleo para esquentar no fogão; graças ao meu cochilo, o jantar sairia atrasado. Charlie estava pendurando o cinto da arma e tirando as botas quando entrei.

— Desculpe, o jantar ainda não está pronto. Eu dormi lá fora. — Dei um bocejo enorme.

— Não se preocupe com isso — disse ele. — Eu queria pegar o placar do jogo, de qualquer forma.

Para ter alguma coisa para fazer, vi TV com Charlie depois do jantar. Não havia nada a que eu quisesse assistir, mas ele sabia que eu não gostava de basquete, então colocou numa série estúpida de que nenhum de nós gostou. Mas ele parecia feliz por fazermos alguma coisa juntos. E foi bom, apesar da minha depressão idiota, fazê-lo feliz.
— Só pra você saber, pai — falei durante um intervalo —, vou ao cinema com uns caras da escola amanhã à noite, então você vai estar por sua conta.
— Alguém que conheço? — perguntou ele.
Quem ele não conhecia na cidade?
— Jeremy Stanley, Allen Weber e Logan sei lá qual é o sobrenome dele.
— Mallory — disse ele.
— Se você diz.
— Tudo bem, mas tem aula no dia seguinte, então não exagere.
— Vamos logo depois da aula para não voltarmos tarde. Quer que eu deixe alguma coisa para o seu jantar?
— Beau, eu me alimentei por dezessete anos antes de você vir para cá — lembrou ele.
— Não sei como sobreviveu — murmurei.
Tudo pareceu menos horrível de manhã, estava sol de novo, mas tentei não me encher de esperanças. Vesti um suéter mais fino, para tempo mais quente, uma peça que eu usava no auge do inverno em Phoenix.
Eu tinha planejado minha chegada à escola de modo que mal tivesse tempo para entrar na sala. Meu humor despencou rapidamente enquanto eu circulava pelo estacionamento cheio, procurando por uma vaga… e também procurando o Volvo prata que claramente não estava ali.
Foi igual ao dia anterior: eu não conseguia evitar que as sementes da esperança brotassem na minha mente, para depois vê-las sendo esmagadas sem dó enquanto eu procurava em vão pelo refeitório e me sentava no lugar vazio na carteira de biologia. E se ela nunca mais voltasse? E se eu nunca mais a visse?
A ida a Port Angeles seria aquela noite, e ficou mais interessante pelo fato de que Logan não poderia ir. Eu mal podia esperar para sair da cidade, para que pudesse parar de olhar por sobre o ombro, na esperança de vê-la aparecer do nada, como sempre fazia. Jurei ficar de bom humor para não irritar Jeremy e Allen. Talvez eu conseguisse encontrar uma boa livraria lá. Eu não queria pensar que podia ter que ir sozinho a Seattle no fim de semana. Ela não cancelaria sem me avisar, não é? Mas quem sabia que tipos de regras sociais os vampiros sentiam que tinham que seguir?
Depois da aula, Jeremy me acompanhou até em casa com seu velho Mercury branco para que eu pudesse deixar a picape e fomos para a casa de Allen. Ele

estava nos esperando. Minha empolgação foi aumentando à medida que saíamos dos limites da cidade.

8. PORT ANGELES

JEREMY DIRIGIA MAIS rápido do que Charlie, então chegamos a Port Angeles às quatro horas. Fomos ao florista primeiro, onde a mulher atrás da bancada logo convenceu Allen a mudar de rosas para orquídeas. Allen tomava decisões rápido, mas Jeremy demorou bem mais tempo para decidir o que queria. A vendedora fez parecer que todos os detalhes seriam muito importantes para as garotas, mas eu tinha dificuldade em acreditar que alguém se importaria muito.

Enquanto Jeremy discutia cores de fita com a mulher, Allen e eu nos sentamos em um banco perto da vitrine.

— Ei, Allen…

Ele ergueu o rosto, provavelmente por notar a tensão na minha voz.

— O quê?

Tentei falar mais como uma pessoa aleatoriamente curiosa, como se não ligasse para qual seria a resposta.

— Hã, os Cullen faltam muita aula? Esse é o comportamento normal deles?

Allen olhou por cima do ombro, pela vitrine, quando respondeu, e tive certeza de que ele estava sendo legal. Sem dúvida conseguia ver o quanto eu me sentia constrangido de perguntar, apesar do meu esforço para parecer descolado.

— Faltam. Quando o tempo está bom, eles saem para acampar sempre, até a doutora. Eles adoram a natureza, eu acho.

Ele não fez nenhuma pergunta e nem comentário malicioso sobre minha paixonite óbvia e patética. Allen devia ser o garoto mais legal da Forks High School.

— Ah — eu disse, e deixei o assunto de lado.

Depois do que pareceu ser muito tempo, Jeremy finalmente decidiu comprar flores brancas e um laço branco, o que foi meio anticlimático. Mas, quando os pedidos foram assinados e pagos, ainda tínhamos tempo antes de o filme começar.

Jeremy queria ver se havia alguma coisa nova na loja de videogames algumas quadras a leste.

— Vocês se importam se eu for fazer uma coisa? Encontro vocês no cinema.

— Tudo bem.

Jeremy já estava arrastando Allen rua acima.

Foi um alívio ficar sozinho de novo. O passeio estava dando errado. Claro, a resposta de Allen foi encorajadora, mas eu não conseguia me obrigar a ficar de bom humor. Nada me ajudava a pensar menos em Edythe. Talvez um livro *muito*

bom.
Segui na direção oposta a deles, querendo ficar sozinho. Encontrei uma livraria algumas quadras ao sul do florista, mas não era o que eu estava procurando. As vitrines estavam cheias de cristais, apanhadores de sonhos e livros sobre cura espiritual. Pensei em entrar para perguntar onde havia alguma outra livraria, mas uma olhada no hippie cinquentão com sorriso sonhador atrás da bancada me convenceu de que eu não precisava ter aquela conversa. Eu encontraria uma livraria normal sozinho.
Andei por outra rua e fui parar em uma ruazinha menor que me confundiu. Eu esperava estar indo na direção do centro de novo, mas não tinha certeza de que a rua faria uma curva na direção que eu queria. Eu sabia que devia estar prestando mais atenção, mas não consegui parar de pensar no que Allen disse e no sábado e no que eu devia fazer se ela não voltasse, e olhei para a frente e vi um Volvo prata estacionado na rua. Não era um sedã, era um utilitário, mas mesmo assim fiquei zangado de repente. Seriam todos os vampiros tão traiçoeiros?
Segui numa direção que *achei* que fosse nordeste, a caminho de uns prédios de frente de vidro que pareciam promissores, mas, quando cheguei lá, eram só uma loja de conserto de aspiradores e outra loja vazia. Dobrei a esquina da loja de consertos de aspiradores para ver se havia mais ali.
Era o caminho errado, só levava a um beco lateral onde ficavam os lixões. Mas não estava vazio. Ao olhar para o círculo de pessoas, tropecei no meio-fio e cambaleei para a frente, fazendo barulho.
Seis rostos se viraram na minha direção. Havia quatro homens e duas mulheres. Uma das mulheres e dois homens se viraram rapidamente de costas para mim e enfiaram as mãos nos bolsos, e tive a impressão que estavam escondendo aquilo que estavam segurando. A outra mulher tinha cabelo preto e pareceu estranhamente familiar ao olhar na minha direção. Mas não parei para pensar de onde a conhecia. Quando um dos homens se virou, eu tive o vislumbre de uma coisa que parecia uma arma enfiada na parte de trás da calça jeans.
Comecei a andar para atravessar o beco e ir para a rua seguinte, como se não os tivesse reparado ali. Assim que saí de vista, ouvi uma voz sussurrar atrás de mim:
— *É um policial.*
Olhei para trás, na esperança de ver alguém de uniforme, mas não havia mais ninguém na rua vazia. Eu estava mais longe da rua principal do que tinha percebido. Apertei o passo e olhei para o chão para não tropeçar de novo.
Fui parar em uma calçada que levava por vários armazéns cinza, cada um com portas amplas para carga e descarga de caminhões, presas com cadeados durante a noite. O lado sul da rua não tinha calçada, só uma cerca com arame farpado em

cima para proteger um terreno de armazenamento de partes de motor. Eu já tinha passado da parte de Port Angeles que os visitantes deviam ver. Estava escurecendo agora, as nuvens tinham voltado e se acumulavam no horizonte, criando um crepúsculo adiantado. Eu tinha deixado o casaco no carro de Jeremy, e um vento frio me fez enfiar as mãos nos bolsos. Uma van passou por mim, e a rua ficou vazia.

— Ei, porco — chamou uma voz de mulher atrás de mim.

Olhei para trás, e ali estava a mulher que vi antes, a familiar. Atrás dela estavam dois dos homens do beco, um cara alto e careca e o mais baixo que eu achava que era o que tinha uma arma.

— O quê? — perguntei, indo automaticamente mais devagar. Ela estava olhando diretamente para mim. — Me desculpe, você está falando comigo?

— *Me desculpe?* — repetiu ela. Eles ainda estavam andando na minha direção, e eu recuei para o lado sul da rua. — Essa é sua palavra favorita, por acaso?

— Eu… Me desculpe. Não sei do que você está falando.

Ela repuxou os lábios, que estavam pintados de um vermelho escuro e grudento, e de repente eu soube onde a tinha visto. Ela estava com o cara em quem acertei a bolsa quando cheguei em Port Angeles. Olhei para o cara mais baixo e vi na mesma hora partes das tatuagens dos dois lados do pescoço dele.

— Você não vai pedir reforço, *policial*?

Tive que olhar para trás de novo. Eu estava sozinho.

— Acho que vocês estão falando com o cara errado.

— Claro que estamos — disse a mulher. — E você também não viu nada lá atrás, viu?

— Ver? Não. Não, eu não vi nada.

Meu calcanhar bateu em alguma coisa enquanto eu recuava, e comecei a oscilar. Estiquei os braços para tentar me equilibrar, e o homem mais alto, o que eu nunca tinha visto, reagiu.

Ele apontou uma arma para mim.

Eu achava que era o cara mais baixo que estava com uma arma. Talvez todos estivessem.

— Ei, ei — falei, levantando as mãos ainda mais para ele ver que estavam vazias. — Não sou policial. Ainda estou no colégio.

Fui recuando até encostar na cerca.

— Você me acha burra? — perguntou a mulher. — Acha que seu disfarce à paisana me engana? Vi você com seu parceiro.

— O quê? Não, era o meu pai — eu disse, e minha voz falhou.

Ela riu.

— Então você é só um porquinho?

— Sim, claro. Então isso está esclarecido. Vou parar de atrapalhar vocês agora…
— Eu comecei a chegar para o lado na cerca.
— Pare.
Era o homem careca, ainda apontando a arma. Eu congelei.
— O que você está fazendo? — indagou o homem baixo. A voz estava baixa, mas a rua estava muito silenciosa, e consegui ouvi-lo claramente.
— Não acredito nele — disse o alto.
A mulher sorriu.
— Como é aquela música pirata? Os mortos não contam histórias.
— O quê? — gemi. — Não, olha, isso… Isso não é necessário. Não vou contar nada. Não tem nada para contar.
— Isso mesmo — concordou ela. Olhou para o homem alto e assentiu.
— Minha carteira está aqui no meu bolso — ofereci. — Não tem muita coisa dentro, mas podem ficar com tudo…
Comecei a mover a mão na direção do bolso, mas foi o gesto errado. A arma se levantou dois centímetros. Levantei as mãos de novo.
— Precisamos ser silenciosos — disse o mais baixo, e se inclinou para pegar um pedaço de cano na vala. — Guarde a arma.
Assim que a arma fosse abaixada, eu ia correr, e o careca parecia saber disso. Ele hesitou na hora que o tatuado partiu para cima de mim.
Zigue-zague, foi o que meu pai me disse uma vez. Era difícil acertar um alvo em movimento, principalmente se não estivesse se movendo em linha reta. Ajudaria se eu não estivesse fadado a tropeçar em alguma coisa. Só uma vez, que eu conseguisse correr com pés firmes. Eu podia fazer isso uma vez, não podia? Só uma vez, quando minha vida dependia disso?
O quanto um ferimento não fatal de bala doeria? Eu conseguiria continuar correndo com a dor? Eu esperava que sim.
Tentei destravar os joelhos. O homem com o cano estava a poucos passos de mim agora.
Um cantar de pneus o fez parar. Todos olhamos quando o barulho ficou mais agudo.
Faróis apareceram na esquina e seguiu na minha direção. O carro ficou a centímetros de bater no tatuado, obrigando-o a pular para sair do caminho. A cerca tremeu quando ele se chocou nela. Eu me virei para correr, mas o carro sambou inesperadamente e derrapou até parar com a porta do passageiro se abrindo a uma pequena distância de mim.
— Entra — sibilou uma voz furiosa.
Pulei para o interior escuro do Volvo, sem nem questionar como ela havia ido parar ali, com o alívio e o pânico tomando conta de mim ao mesmo tempo. E se

ela se machucasse? Puxei a porta e gritei:
— Dirija, Edythe, saia daqui. Ele tem uma arma.
Mas o carro não se mexeu.
— Fique com a cabeça *abaixada* — ordenou ela, e ouvi a porta do motorista se abrir.
Estiquei a mão cegamente na direção do som da voz dela, e minha mão segurou o braço fino e frio. Ela parou quando toquei nela. Nada cedeu sob a pressão dos meus dedos, embora eu estivesse segurando com força o couro da jaqueta dela.
— O que você está *fazendo*? — perguntei. — Dirija!
Meus olhos estavam se ajustando, e consegui identificar os olhos dela no brilho refletido dos faróis. Primeiro, olharam para a minha mão segurando o braço dela, depois se apertaram e olharam pelo para-brisa para o lugar onde o homem e a mulher deviam estar olhando, avaliando. Eles podiam atirar a qualquer momento.
— Me dê só um minuto, Beau. — Consegui perceber que os dentes dela estavam trincados.
Eu sabia que ela não teria problema para se soltar de mim, mas parecia estar esperando que eu soltasse. Isso não aconteceria.
— Se você for lá para fora, eu vou com você — falei baixinho. — Não vou deixar você levar um tiro.
Os olhos dela observaram a rua por mais meio segundo, então a porta dela se fechou e demos ré numa velocidade que parecia ser de noventa por hora.
— Tudo bem — bufou ela.
O carro girou em um arco fechado quando disparamos de ré por uma esquina, e de repente seguimos em frente.
— Coloque o cinto de segurança — disse ela.
Tive que soltar o braço dela para obedecer, mas devia ser mesmo uma boa ideia. Não era uma coisa normal ficar segurando uma garota daquele jeito. Ainda assim… fiquei triste de soltar.
O estalo do cinto de segurança soou alto na escuridão.
Ela virou para a esquerda, depois passou por várias placas de pare sem parar.
Mas eu me sentia estranhamente tranquilo e nada preocupado com nosso destino. Olhei o rosto dela, iluminado só pelas luzes do painel, e senti um profundo alívio que ia além da minha fuga afortunada.
Ela estava aqui. Era real.
Demorei mais do que alguns minutos olhando o rosto perfeito para perceber mais do que isso. Para perceber que ela estava absurdamente furiosa.
— Você está bem? — perguntei, surpreso ao constatar como minha voz estava rouca.

— Não — disse ela rispidamente.
Esperei em silêncio, observando seu rosto enquanto os olhos em brasa olhavam para a frente.
O carro parou de repente, com os freios gritando. Olhei em volta, mas estava escuro demais para ver alguma coisa além do contorno vago de árvores nas laterais da rua. Não estávamos mais na cidade.
— Você está machucado, Beau? — perguntou ela, a voz dura.
— Não. — Minha voz ainda estava rouca. Tentei dar um pigarro baixo. — Você está?
Ela olhou para mim nessa hora, com uma espécie de descrença irritada.
— É claro que não estou machucada.
— Que bom — eu disse. — Hã, posso perguntar por que você está tão furiosa? Eu fiz alguma coisa?
Ela expirou repentinamente.
— Não seja burro, Beau.
— Desculpe.
Ela lançou outro olhar de descrença e balançou a cabeça.
— Você acha que ficaria bem se eu deixasse você aqui no carro só por alguns…
Antes que ela pudesse terminar, eu estiquei o braço e segurei a mão dela, apoiada no câmbio. Ela reagiu ficando paralisada de novo; mas não afastou a mão.
Era a primeira vez que eu tocava na pele dela, sem ser acidental e nem por uma fração de segundo. Apesar de a mão dela estar tão fria quanto eu esperava, a minha pareceu queimar com o contato. A pele dela era tão macia.
— Você não vai a lugar nenhum sem mim.
Ela me olhou com irritação, e, como antes, parecia que estava esperando que eu soltasse em vez de se soltar, como poderia ter feito com facilidade.
Depois de um momento, ela fechou os olhos.
— Tudo bem — disse ela de novo. — Me dê um momento.
Eu não tinha problema com isso. Fiquei com a mão de leve onde estava, tirando vantagem dos olhos fechados dela para encarar abertamente. Lentamente, a tensão no rosto dela começou a sumir, até a pele ficar lisa e a expressão, vazia como a de uma estátua. Uma bela estátua, entalhada por um gênio artístico. Afrodite, talvez. Era ela a deusa da beleza?
Havia aquela leve fragrância no carro de novo, uma coisa que eu não conseguia identificar.
E então, ela abriu os olhos e olhou lentamente para a minha mão.
— Você… quer que eu solte? — perguntei.
A voz dela foi cuidadosa.
— Acho que seria melhor.

— Você não vai a lugar nenhum? — perguntei.
— Acho que não, se você se opõe tanto.
Contrariado, tirei a mão da dela. Parecia que eu tinha segurado cubos de gelo.
— Melhor? — perguntei.
Ela respirou fundo.
— Não exatamente.
— O que foi, Edythe? Qual é o problema?
Ela quase sorriu, mas não havia humor nos olhos dela.
— Pode ser surpresa para você, Beau, mas tenho problemas com meu gênio. Às vezes, tenho dificuldade de perdoar facilmente quando alguém… me ofende.
— Eu…?
— Pare, Beau — disse ela antes que eu pudesse dizer a segunda palavra. — Não estou falando de você. — Ela me olhou com olhos arregalados. — Você percebeu que eles estavam falando sério? Que iam mesmo *matar* você?
— É, eu meio que entendi que eles iam tentar.
— É totalmente ridículo! — Parecia que ela estava se irritando de novo. — Quem é assassinado em *Port Angeles*? Qual *é* seu problema, Beau? Por que tudo que é mortal parece procurar *você*?
Eu pisquei.
— Eu… não tenho resposta para isso.
Ela inclinou a cabeça para o lado e repuxou os lábios, expirando pelo nariz.
— Então não posso dar uma lição de boas maneiras naqueles bandidos?
— Hã, não. Por favor?
Ela deu um suspiro longo e lento, com os olhos fechados de novo.
— Que desagradável.
Ficamos em silêncio por um momento enquanto eu tentava pensar em alguma coisa para dizer que compensasse… acho que a decepção que dei a ela? Era o que parecia, que ela estava decepcionada de eu ter pedido que ela não fosse atrás de gangsteres com armas que a tinham… *ofendido* ao me ameaçar. Não fazia muito sentido, e menos ainda quando você contava que ela me pediu para ficar no carro. Ela planejava ir a pé? Tínhamos nos afastado quilômetros do local.
Pela primeira vez desde que a encontrei hoje, as palavras de Jules surgiram na minha mente.
— Seus amigos devem estar preocupados com você — disse ela.
Passava das seis e meia. Eu tinha certeza de que ela estava certa.
Sem dizer mais nada, ela ligou o motor e deu meia-volta. Voltamos rapidamente para a cidade. De repente, estávamos debaixo dos postes de rua, ainda seguindo rápido demais, costurando com facilidade os carros que passeavam lentamente junto ao calçadão. Ela estacionou paralelamente ao meio-fio em uma vaga que

eu teria achado pequena demais para o Volvo, mas deslizou para o local sem esforço na primeira tentativa. Olhei pela janela e vi a marquise iluminada do cinema. Jeremy e Allen estavam saindo, se afastando de nós.
— Como você sabia onde…? — comecei a dizer, mas depois só balancei a cabeça.
— Faça os dois pararem antes que eu tenha que segui-los também. Não vou conseguir me controlar se me deparar com seus outros amigos de novo.
Era estranho como a voz sedosa podia soar tão… ameaçadora.
Pulei para fora do carro, mas mantive a mão na porta. Como antes, segurando-a ali.
— Jer! Allen! — gritei.
Eles não estavam longe. Os dois se viraram, e acenei com o braço livre acima da cabeça. Eles correram até mim, o alívio no rosto dos dois passando a surpresa ao verem o carro ao lado do qual eu estava. Allen olhou para dentro do carro e seus olhos saltaram de reconhecimento.
— O que aconteceu com você? — perguntou Jeremy. — Achamos que você tinha ido embora.
— Não, eu só me perdi. E depois, encontrei Edythe.
Ela se inclinou para a frente e sorriu pelo para-brisa. Agora, os olhos de Jeremy saltaram.
— Ah, oi… Edythe — disse Allen.
Ela acenou para ele com dois dedos, e ele engoliu em seco.
— Hã, oi — disse Jeremy na direção dela; em seguida, olhou para mim. Eu devia estar estranho, com a mão segurando a porta aberta, mas sem soltar. — É que… o filme já começou, eu acho.
— Desculpe por isso.
Ele olhou no relógio.
— Ainda deve estar nos trailers. Você… — Ele olhou para minha mão no carro.
— Você ainda quer ir?
Eu hesitei e olhei para Edythe.
— Você também gostaria de ir… Edythe? — perguntou Allen com educação, embora com um pouco de dificuldade de enunciar o nome dela.
Edythe abriu a porta do carro e saiu, balançando o cabelo comprido para afastar do rosto. Ela se inclinou sobre o capô e mostrou as covinhas num sorriso. O queixo de Jeremy caiu.
— Já vi esse filme, mas obrigada, Allen — disse ela.
Allen piscou várias vezes e pareceu esquecer como falar. Fez com que eu me sentisse um pouco melhor por sempre agir como idiota perto dela. Quem conseguia evitar?

Edythe olhou para mim.
— Em uma escala de um a dez, quanto você quer ver esse filme agora? — murmurou ela.
Cinco mil negativos, eu pensei.
— Hã, nem tanto assim — sussurrei para ela.
Ela sorriu diretamente para Jeremy.
— Vou estragar a noite de vocês se eu fizer Beau me levar para jantar? — perguntou ela.
Jeremy só balançou a cabeça. Ele ainda não tinha se lembrado de fechar a boca.
— Obrigada — disse ela para ele. — Dou carona para Beau até em casa.
Ela voltou para o carro.
— Entre no carro, Beau — disse ela.
Allen e Jeremy ficaram me olhando. Dei de ombros rapidamente e entrei no banco do passageiro.
— Mas que *diabos*? — eu ouvi Jeremy murmurar quando bati a porta.
Não pude olhar melhor a reação deles. Ela já estava se afastando em disparada.
— Você quer mesmo jantar? — perguntei a ela.
Ela me olhou com dúvida nos olhos. Estaria pensando o mesmo que eu estava pensando, que nunca a vi comer nada?
— Achei que você talvez quisesse — disse ela.
— Estou bem — falei.
— Se você preferir ir para casa…
— Não, não — acrescentei, rápido demais. — Podemos jantar. Eu só quis dizer que não precisa ser isso. O que você quiser.
Ela sorriu e parou o carro. Estávamos estacionados na frente de um restaurante italiano.
As palmas das minhas mãos começaram a suar quando saí do carro, me apressando para segurar a porta do restaurante para ela. Eu nunca tinha saído em um encontro assim, um encontro de *verdade*. Já tinha saído em grupo em Phoenix, mas podia dizer com sinceridade que não me importava se voltasse ou não a ver aquelas garotas. Isso era diferente. Eu quase tinha um ataque de pânico cada vez que achava que aquela garota podia desaparecer.
Ela sorriu para mim quando passou, e meu coração saltou em um batimento duplo.
O restaurante não estava cheio; era a baixa temporada em Port Angeles. Fomos recebidos por um homem bem arrumado alguns anos mais velho do que eu, da minha altura, mas com ombros mais largos. Os olhos fizeram a mesma coisa que os de Allen e Jeremy, se esbugalharam por um segundo antes de ele controlar a expressão. Mas ele logo deu o sorriso mais caloroso que tinha e fez uma

reverência profunda, tudo para ela. Eu tinha certeza de que ele nem sabia que eu estava ao lado dela.
— O que posso fazer por vocês? — perguntou ele enquanto se empertigava, ainda olhando só para ela.
— Mesa para dois, por favor.
Pela primeira vez, ele pareceu perceber que eu estava ali. O olhar que me lançou foi rápido e desinteressado. Seus olhos voltaram para ela imediatamente, não que eu pudesse culpá-lo por isso.
— Claro, er, *mademoiselle*. — Ele pegou dois cardápios de couro e fez sinal para Edythe segui-lo. Eu revirei os olhos. *Signorina* devia ser a palavra que ele procurava.
Ele nos levou para uma mesa de quatro lugares no meio da parte mais movimentada da sala de jantar. Estiquei a mão para uma cadeira, mas Edythe balançou a cabeça para mim.
— Quem sabe um lugar mais reservado? — sugeriu ela, em voz baixa para o *host*. Pareceu que ela passou os dedos pela mão dele, coisa que eu já sabia que não era típica de Edythe, mas então o vi colocar a mão no bolso de dentro do paletó e percebi que ela devia ter dado uma gorjeta. Eu nunca tinha visto alguém recusar uma mesa assim, a não ser nos filmes antigos.
— Claro — disse o *host*, parecendo tão surpreso quanto eu. Ela nos levou por uma divisória até uma área com mesas em compartimentos, todas vazias. — Que tal aqui?
— Perfeito — disse ela, e abriu seu sorriso para ele.
Como um cervo pego por faróis de carro, ele parou por um longo segundo, depois se virou lentamente e cambaleou na direção do salão principal, com os cardápios ainda no braço.
Edythe se sentou em um dos lados do compartimento, perto da beirada, de forma que minha única opção era me sentar de frente para ela, com a mesa entre nós. Depois de um segundo de hesitação, eu também me sentei.
Um barulho soou do outro lado da divisória, como o som de alguém tropeçando nos próprios pés e se levantando. Era um som familiar para mim.
— Isso não foi muito legal.
Ela olhou para mim com surpresa.
— O que você quer dizer?
— Essa coisa que você faz, com as covinhas e a hipnose, sei lá. Aquele cara podia ter se machucado ao tentar voltar até a porta.
Ele deu um meio sorriso.
— Eu faço uma *coisa*?
— Como se você não soubesse o efeito que tem nas pessoas.

— Acho que consigo pensar em alguns efeitos… — A expressão dela ficou sombria por um segundo, mas se abriu, e ela sorriu. — Mas ninguém nunca tinha me acusado de hipnose por covinhas.
— Você acha que as outras pessoas conseguem o que querem com tanta facilidade?
Ela inclinou a cabeça para o lado e ignorou minha pergunta.
— Funciona em você, essa *coisa* que você acha que eu faço?
Eu suspirei.
— Sempre.
E depois, nosso garçom chegou com expressão de expectativa, que logo virou de assombro. O que quer que o *host* tenha dito, foi pouco.
— Oi — disse ele, com a surpresa deixando seu tom monótono enquanto ele recitava as falas mecanicamente. — Meu nome é Sal e serei seu garçom esta noite. O que vocês querem beber?
Assim como aconteceu com o *host*, os olhos dele não saíram do rosto dela.
— Beau? — perguntou ela.
— Hã, uma Coca?
Parecia que eu não tinha dito nada. O garçom só ficou olhando para Edythe. Ela deu um sorriso para mim antes de se virar para ele.
— Duas Cocas — disse ela, e, quase como um experimento, deu um sorriso largo e cheio de covinhas bem na cara dele.
Ele chegou a oscilar, como se fosse cair.
Ela apertou os lábios para não rir. O garçom balançou a cabeça e piscou, tentando se reorientar. Olhei com solidariedade. Eu sabia como ele estava se sentindo.
— E um cardápio também — acrescentou ela quando ele não se mexeu.
— Sim, claro. Volto logo com as duas coisas. — Ele ainda estava balançando a cabeça quando se afastou.
— Você nunca tinha reparado mesmo? — perguntei.
— Faz um tempo que não me importo com o que pensam de mim — disse ela. — E não costumo sorrir tanto.
— Acho mais seguro assim. Para todo mundo.
— Todo mundo, menos você. Vamos falar sobre o que aconteceu hoje?
— Hã?
— Sua experiência de quase morte? Ou você já esqueceu?
— Ah. — Na verdade, eu tinha esquecido.
Ela franziu a testa.
— Como está se sentindo?
— O que você quer dizer?

Torci para ela não ligar os olhos de hipnose e me obrigar a falar a verdade, porque o que eu sentia no momento era… euforia. Ela estava bem aqui, comigo, espontaneamente, consegui tocar na mão dela e devia ter algumas horas à frente junto com ela, pois ela prometeu me levar para casa. Eu nunca me senti tão feliz e perdido ao mesmo tempo.
— Está com frio, tonto, enjoado…?
O jeito como ela listou as palavras me fez pensar em um exame médico. E eu não sentia frio nem enjoo… nem tontura de um ponto de vista médico.
— Deveria?
Ela riu.
— Estou me perguntando se você vai entrar em choque — admitiu ela. — Já vi acontecer com menos provocação.
— Ah. Não, acho que estou bem, obrigado. — Sinceramente, quase ser assassinado não era a coisa mais interessante que tinha me acontecido naquela noite, e eu não tinha pensado muito naquilo.
— Mesmo assim, vou me sentir melhor quando você colocar alguma comida para dentro.
Bem na deixa, o garçom apareceu com nossas bebidas e um cesto de pãezinhos. Ele ficou de costas para mim enquanto os colocava na mesa, depois entregou um cardápio para Edythe. Tendo concluído seus experimentos, ela nem olhou para ele dessa vez. Só empurrou o cardápio para mim por cima da mesa.
Ele limpou a garganta com nervosismo.
— Temos alguns pratos especiais. Hã, temos um ravióli de cogumelos e…
— Parece ótimo — interrompi. Eu não me importava com o que pediria, comida era a última coisa que eu tinha na cabeça. — Quero isso. — Falei um pouco mais alto do que o necessário, mas não sabia se ele percebeu que eu estava sentado ali.
Ele olhou para mim com surpresa e voltou a atenção para ela.
— E você…?
— Vai ser só isso. Obrigada.
Claro.
Ele aguardou por um segundo, na esperança de ganhar outro sorriso, eu achava. Ávido por punição. Quando Edythe ficou com os olhos grudados em mim, ele desistiu e saiu andando.
— Beba — disse Edythe. Pareceu uma ordem.
Beberiquei, obediente, e depois tomei um gole maior, surpreso por descobrir que estava com sede. Percebi que tinha terminado tudo quando ela empurrou o copo dela para mim.
— Não, não precisa — falei.

— Eu *não* vou beber — disse ela, e o tom acrescentava um *dã*.
— Certo — retruquei, e, porque *ainda* estava com sede, tomei o copo dela também. — Obrigado — murmurei enquanto a palavra na qual eu não queria pensar girava pela minha mente de novo.
O frio do refrigerante se irradiava pelo meu peito, e precisei afastar um tremor.
— Está com frio? — perguntou ela, agora séria. Como uma médica de novo.
— É só a Coca — expliquei, lutando contra outro tremor.
— Não trouxe casaco?
— Trouxe. — Automaticamente, levei a mão ao banco vazio ao lado do meu. — Ah, deixei no carro de Jeremy — percebi. Dei de ombros e tremi.
Edythe começou a desenrolar um cachecol creme do pescoço. Percebi que nunca tinha prestado atenção ao que ela estava vestindo — não só hoje, mas sempre. A única coisa de que eu conseguia lembrar era o vestido preto do meu pesadelo… Mas apesar de não ter registrado os detalhes, eu sabia que na verdade ela só usava cores claras. Como hoje: por baixo do cachecol, ela estava usando uma jaqueta de couro cinza-clara, curta como as de motociclista, e uma blusa branca fina de gola alta por baixo. Eu tinha certeza de que ela sempre cobria a pele, o que me fez pensar de novo no decote em V do vestido preto do sonho, e isso foi um erro. Uma área de calor começou a surgir na lateral do meu pescoço.
— Aqui — disse ela, me jogando o cachecol.
Eu devolvi para ela.
— Estou bem mesmo.
Ela inclinou a cabeça para o lado.
— Os pelos da sua nuca estão eriçados, Beau — declarou ela. — Não é cachecol de mulher, se é isso que incomoda você. Roubei de Archie.
— Não estou precisando — insisti.
— Tudo bem, tem uma jaqueta de Royal no porta-malas, eu volto logo…
Ela começou a se levantar, e eu estiquei a mão, tentando segurar a dela, fazer com que ficasse ali. Ela fugiu do meu toque e dobrou as mãos debaixo da mesa, mas não se levantou.
— Não vá — pedi baixinho. Eu sabia que minha voz estava intensa demais; ela estava só indo até o carro, não sumindo para sempre. Mas não consegui falar normalmente. — Vou usar o cachecol. Está vendo?
Peguei o cachecol na mesa (era muito macio e não estava quente como deveria estar por ter acabado de sair do contato com o corpo de outra pessoa) e comecei a enrolar no pescoço. Eu não conseguia me lembrar de já ter usado cachecol, então só fui enrolando em círculo até o tecido acabar. Pelo menos, cobriria o ponto vermelho no meu pescoço. Talvez eu *devesse* ter um cachecol.
O cheiro do cachecol dela era delicioso e familiar. Percebi que era o mesmo

perfume do carro. Devia ser dela.
— Fiz direito? — perguntei a ela. O tricô macio já estava aquecendo minha pele e ajudou a me esquentar.
— Fica bem em você — disse ela, mas riu, então achei que isso queria dizer que a resposta era não.
— Você rouba muitas coisas de, hã, Archie?
Ela deu de ombros.
— Ele é quem tem o melhor gosto.
— Você nunca me falou sobre sua família. Ficamos sem tempo no outro dia. — Foi na quinta anterior? Parecia bem mais.
Ela empurrou o cesto de pão para mim.
— Não vou entrar em choque — falei para ela.
— Só para me agradar? — disse ela, e fez aquela coisa com o sorriso e o olhar que sempre funcionava.
— Ugh — resmunguei enquanto pegava um pãozinho.
— Bom menino — disse ela, rindo.
Só olhei para ela de cara feia enquanto mastigava.
— Não sei como você pode agir com tanta indiferença — disse ela. — Nem parece abalado. Uma pessoa normal… — Ela balançou a cabeça. — Mas você não é muito normal, é?
Eu balancei a cabeça e engoli.
— Sou a pessoa mais normal que eu conheço.
— Todo mundo acha isso sobre si mesmo.
— Você acha isso de *você*? — perguntei, em desafio.
Ela repuxou os lábios.
— Certo — falei. — Você alguma vez pensa em responder minhas perguntas ou isso está fora de questão?
— Depende da pergunta.
— Me diga uma que posso perguntar.
Ela ainda estava pensando nisso quando o garçom passou pela divisória com meu prato. Percebi que, inconscientemente, tínhamos nos inclinado na direção um do outro sobre a mesa, porque nós dois nos endireitamos quando ele se aproximou. Ele colocou o prato diante de mim — parecia muito bom — e se virou rapidamente para Edythe.
— Mudou de ideia? — perguntou ele. — Não há nada que eu possa trazer para você? — Eu achava que não estava imaginando o duplo sentido da proposta.
— Outro refrigerante seria bom — disse ela, indicando os copos vazios sem afastar o olhar de mim.
O garçom olhou para mim agora, e consegui perceber que ele estava se

perguntando por que uma pessoa como Edythe estava olhando para alguém como eu daquele jeito. Ah, também era um mistério para mim.
Ele pegou os copos e saiu andando.
— Imagino que você tenha muitas perguntas para mim — murmurou Edythe.
— Só umas duas mil.
— Tenho certeza de que sim… Posso fazer uma primeiro? É injusto?
Isso queria dizer que ela ia responder as minhas? Assenti com ansiedade.
— O que você quer saber?
Ela olhou para a mesa agora, com os olhos escondidos atrás dos cílios. O cabelo caiu para a frente e escondeu mais o rosto.
As palavras não passaram de um sussurro.
— Nós conversamos antes que você estava… tentando entender o que eu sou. Eu queria saber se você fez algum progresso com isso.
Eu não respondi, e ela levantou o rosto. Fiquei feliz pelo cachecol de novo, embora não pudesse esconder o vermelho que eu conseguia sentir subindo pelo meu rosto agora.
O que eu podia dizer? Fiz algum progresso? Ou só tropecei em outra teoria ainda mais imbecil do que aranhas radioativas? Como eu poderia dizer aquela palavra em voz alta, aquela na qual vinha tentando não pensar a noite toda?
Não sei como minha expressão devia estar, mas a dela se suavizou de repente.
— É ruim assim? — perguntou ela.
— Posso… podemos não falar sobre isso aqui? — Olhei para a divisória fina que nos separava do resto do restaurante.
— É muito ruim — murmurou ela, em parte para si mesma. Havia alguma coisa muito triste e… quase *velha* nos olhos dela. Cansaço, derrota. Doeu de um jeito estranho vê-la infeliz.
— Bem — falei, tentando deixar minha voz mais leve. — Na verdade, se eu responder a sua pergunta primeiro, você não vai responder a minha. Você nunca responde. Então… você primeiro.
O rosto dela relaxou.
— Uma troca, então?
— Isso.
O garçom voltou com as Cocas. Dessa vez colocou-as na mesa sem dizer nada e saiu novamente. Eu me perguntei se ele conseguia sentir a tensão tanto quanto eu.
— Podemos tentar — murmurou Edythe. — Mas sem promessas.
— Tudo bem… — Comecei com a pergunta fácil. — Por que você está em Port Angeles hoje?
Ela olhou para baixo e cruzou as mãos lentamente sobre a mesa vazia à frente

dela. Olhou para mim por baixo dos cílios longos, e havia sugestão de sorriso no rosto.
— Próxima — disse ela.
— Mas essa foi a mais fácil!
Ela deu de ombros.
— Próxima?
Olhei para baixo, frustrado. Tirei os talheres do guardanapo, peguei o garfo e espetei com cuidado um ravióli. Coloquei-o na boca devagar, ainda de olhos baixos, mastigando enquanto pensava. Os cogumelos estavam bons. Engoli e tomei outro gole da Coca antes de olhar para ela.
— Tudo bem, então. — Eu a fitei e continuei devagar. — Digamos, hipoteticamente, que… alguém… pudesse saber o que as pessoas estão pensando, ler a mente delas, sabe como é… com algumas exceções. — Parecia idiotice. Não tinha como, se ela não ia responder a primeira…
Mas ela olhou para mim com calma e disse.
— Só *uma* exceção. Hipoteticamente.
Ah, caramba.
Demorei um minuto para me recuperar. Ela esperou com paciência.
— Tudo bem. — Tentei parecer casual. — Só uma exceção, então. Como uma coisa assim funcionaria? Quais são as limitações? Como… esse alguém… acharia outra pessoa exatamente na hora certa? Como poderia saber que eu estava numa encrenca? — Minhas perguntas convolutas não faziam nenhum sentido no final.
— Hipoteticamente? — perguntou ela.
— Claro.
— Bom, se… esse alguém…
— Vamos chamá-la de *Jane* — sugeri.
Ele deu um sorriso torto.
— Se sua Jane Hipotética estivesse prestando mais atenção, o momento não teria que ter sido tão preciso. — Ela revirou os olhos. — Ainda não entendo como isso pode acontecer. Como alguém se mete tanto em confusão, de forma tão consistente e em lugares tão improváveis? Você teria acabado com as estatísticas de criminalidade de Port Angeles por uma década, sabe.
— Não entendo como isso pode ser minha culpa.
Ela ficou me olhando com a frustração familiar nos olhos.
— Eu também não. Mas não sei quem culpar.
— Como você soube?
Ela olhou nos meus olhos, dividida, e achei que estava lutando contra o desejo de simplesmente me contar a verdade.

— Pode confiar em mim, sabe — murmurei. Estendi a mão lentamente para colocar em cima das dela, mas ela puxou as dela dois centímetros, e deixei a minha pousar na mesa.
— É o que eu *quero* fazer — admitiu ela, a voz ainda mais baixa do que a minha.
— Mas isso não quer dizer que esteja certo.
— Por favor — pedi.
Ela hesitou mais um segundo, e tudo saiu em um jorro.
— Eu o segui até Port Angeles. Nunca tentei manter uma determinada pessoa viva, e é muito mais problemático do que eu acreditava. Mas deve ser assim porque é você. As pessoas comuns parecem passar o dia todo sem muitas catástrofes. Eu me enganei, quando disse que você era um ímã para acidentes. Essa classificação não é ampla o bastante. Você é um ímã para *confusão*. Se existir alguma coisa perigosa em um raio de quinze quilômetros, vai chegar a você, invariavelmente.
Não me incomodei de ela estar me seguindo; na verdade, senti uma onda estranha de prazer. Ela estava ali atrás de *mim*. Ela ficou olhando, esperando que eu reagisse.
Pensei no que ela disse, hoje e antes… *Você acha que eu posso ser assustadora?*
— Você se coloca nessa categoria, não é? — Tentei adivinhar.
O rosto dela ficou duro, sem expressão.
— Sem dúvida.
Estiquei minha mão por cima da mesa de novo e a ignorei quando ela puxou a dela um pouco mais para trás, colocando a minha em cima da dela mesmo assim. Ela ficou muito parada. Fez com que as mãos parecessem pedra: frias, duras e agora, imóveis. Pensei na estátua de novo.
— Foram duas vezes agora — eu disse. — Obrigado.
Ela só ficou me olhando com um tremor nos lábios e a testa franzida.
Tentei aliviar a tensão com uma piada.
— Já pensou que talvez minha hora tivesse chegado naquela primeira vez, com a van, e que talvez você esteja interferindo no meu destino? Como naqueles filmes tipo *A premonição*?
Minha piada não gerou reação. Ela franziu mais a testa.
— Edythe.
Ela virou o rosto para baixo de novo, com o cabelo caindo sobre as bochechas, e mal consegui ouvir a resposta.
— Aquela não foi a primeira vez — disse ela. — Sua hora chegou no dia que eu o conheci. Não foram duas vezes que você quase morreu. Foram três. A primeira vez que salvei você… foi de mim mesma.
Tão claramente como se estivesse de volta na primeira aula de biologia,

consegui ver o olhar assassino de Edythe. Ouvi de novo a frase que passou pela minha cabeça naquela hora: *Se um olhar matasse…*
— Você lembra? — perguntou ela. Estava me olhando agora, com o rosto perfeito muito sério. — Entendeu?
— Sim.
Ela esperou mais um pouco, outra reação. Como não falei nada, as sobrancelhas se juntaram.
— Pode ir embora agora — disse ela para mim. — Seus amigos ainda estão no cinema.
— Eu não quero ir embora.
Ela ficou irritada de repente.
— Como você pode dizer isso?
Dei um tapinha nas mãos dela, totalmente calmo. Era uma coisa que eu já tinha decidido. Não importava para mim se ela era… uma coisa perigosa. Mas *ela* importava. Onde ela estivesse era onde eu queria estar.
— Você não terminou de responder a minha pergunta — eu disse, ignorando a raiva. — Como você me encontrou?
Ela me olhou com irritação por um momento, como se estivesse desejando que eu também ficasse irritado. Como isso não funcionou, ela balançou a cabeça e deu um suspiro.
— Eu estava vigiando os pensamentos de Jeremy — disse ela, como se fosse a coisa mais normal. — Sem cuidado nenhum… Como eu disse, só você pode ser ameaçado de assassinato em Port Angeles. No início, não percebi quando você saiu sozinho. Depois, quando notei que não estava mais com ele, saí dirigindo em busca de alguém que tivesse visto você. Encontrei a livraria até a qual você andou, mas percebi que você não tinha entrado. Você foi para o sul, e eu sabia que teria que dar meia-volta logo. Só estava esperando você, procurando ao acaso pelos pensamentos de todo mundo que conseguisse ouvir, para ver se alguém tinha reparado em você, e assim eu saberia onde estava. Não tinha motivos para ficar preocupada… mas comecei a ficar ansiosa… — Ela estava perdida em pensamentos agora, olhando para além de mim. — Comecei a dirigir em círculos, ainda… escutando. O sol finalmente estava se pondo e eu estava prestes a sair do carro e procurá-lo a pé. E então… — Ela parou de repente, trincando os dentes com um estalo alto.
— Então o quê?
Ela voltou a se concentrar no meu rosto.
— Eu ouvi o que ela estava pensando. Vi seu rosto na mente dela e soube o que ela estava planejando fazer.
— Mas você chegou lá a tempo.

Ela inclinou a cabeça de leve.
— Foi mais difícil do que você pode imaginar sair dirigindo, deixar que eles se safassem. Sei que foi a coisa certa, mas, ainda assim… muito difícil.
Tentei não imaginar o que ela teria feito se eu não tivesse pedido que ela se afastasse. Não queria deixar minha imaginação correr solta por aquele caminho em particular.
— Esse foi um dos motivos para eu ter feito você vir jantar comigo — admitiu ela. — Eu podia ter deixado você ir ao cinema com Jeremy e Allen, mas temia procurar aquelas pessoas se não estivesse com você.
Minha mão ainda estava sobre a dela. Meus dedos estavam começando a ficar dormentes, mas não me importei. Se ela não protestasse, eu jamais voltaria a me mexer. Ela ficou me olhando, esperando uma reação que não veio.
Eu sabia que ela estava tentando me dar um aviso com toda essa sinceridade, mas estava desperdiçando o esforço.
Ela respirou fundo.
— Vai comer mais alguma coisa? — perguntou ela.
Eu olhei para a comida.
— Não, estou satisfeito.
— Quer ir para casa agora?
Fiz uma pausa.
— Não estou com pressa nenhuma.
Ela franziu a testa, como se minha resposta incomodasse.
— Posso puxar minhas mãos agora? — perguntou ela.
Eu puxei a minha.
— Claro. Desculpe.
Ela me lançou um olhar enquanto tirava alguma coisa do bolso.
— Dá para passarmos 15 minutos sem um pedido de desculpas desnecessário?
Se era desnecessário que eu pedisse desculpas por tocar nela, isso queria dizer que ela gostava? Ou só que não se ofendia com o gesto?
— Hã, provavelmente não — admiti.
Ela riu uma vez, e o garçom apareceu.
— Como estamos? — perguntou ele.
Ela o interrompeu.
— Nós já terminamos, obrigado, e isso deve cobrir a conta, não precisa do troco, obrigada.
Ela já estava fora da cadeira.
Tentei pegar minha carteira.
— Hã, me deixe… você nem comeu nada…
— É por minha conta, Beau.

— Mas…
— Tente não se prender a papéis antiquados de gênero.
Ela saiu andando, e fui logo atrás, deixando o garçom atônito atrás de mim com o que parecia uma nota de cem dólares na mesa à frente dele.
Passei por ela e corri para abrir a porta, ignorando o que ela tinha dito sobre papéis antiquados. Eu sabia que ela era mais rápida do que eu podia imaginar, mas a sala com um monte de gente dentro olhando a obrigou a agir como se fosse uma semelhante. Ela me lançou um olhar estranho quando segurei a porta, como se estivesse tocada pelo gesto, mas irritada ao mesmo tempo. Decidi ignorar a parte irritada e passei correndo por ela para também segurar a porta do carro. Abriu-se com facilidade, ela não tinha trancado. A expressão dela foi mais de diversão do que qualquer outra coisa, e encarei como um bom sinal.
Quase corri para o lado do passageiro, passando a mão no capô no caminho. Eu tinha a sensação enlouquecedora de que ela estava lamentando ter me contado tanto e que era capaz de sair dirigindo sem mim e desaparecer na noite. Quando entrei, ela olhou diretamente para meu cinto de segurança até eu colocá-lo. Eu me perguntei por um segundo se ela era algum tipo de maníaca da segurança, até reparar que não tinha se dado o trabalho de colocar o dela e de que estávamos disparados pelo transito leve sem nem sinal de cautela da parte dela.
— Agora — disse ela com um sorriso sinistro — é a sua vez.

9. TEORIA

— POSSO… POSSO FAZER só mais uma pergunta? — gaguejei depressa enquanto ela acelerava rápido demais na rua silenciosa.
Eu não estava com pressa de responder à pergunta dela.
Ela balançou a cabeça.
— Nós tínhamos um acordo.
— Não é exatamente uma pergunta — argumentei. — Só um esclarecimento de uma coisa que você disse antes.
Ela revirou os olhos.
— Que seja rápido.
— Bom… Você disse que sabia que eu não tinha entrado na livraria e que fui para o sul. Estou aqui me perguntando como sabia disso.
Ela refletiu por um momento.
— Pensei que tínhamos deixado as evasivas para trás — murmurei.
Ela me lançou um olhar de *foi você que pediu*.
— Tudo bem, então. Eu segui o seu cheiro.
Não tive resposta para isso. Fiquei olhando pela janela, tentando absorver a informação.
— Sua vez, Beau.
— Mas você não respondeu a minhas outras perguntas.
— Ah, pare com isso.
— Estou falando sério. Você não me falou como é que isso funciona, esse negócio de ler a mente. Você consegue ler a mente de qualquer um, em qualquer lugar? Como faz isso? Toda a sua família é capaz de fazer a mesma coisa?
Era mais fácil falar disso no carro escuro. As luzes dos postes já tinham ficado para trás, e, no brilho fraco do painel, todas as coisas malucas pareciam um pouco mais possíveis.
Parecia que ela tinha a mesma sensação de não realidade, como se a normalidade estivesse pausada enquanto estivéssemos naquele espaço juntos. A voz saiu casual quando ela respondeu.
— Não, só eu. E não consigo ouvir todo mundo, em qualquer lugar. Tenho que estar bem perto. Quanto mais conhecida for a… “voz” da pessoa, maior a distância em que posso ouvi-la. Mas ainda assim, só a poucos quilômetros. — Ela parou pensativamente. — É meio como estar em uma sala enorme cheia de gente, todas falando ao mesmo tempo. É como um zumbido, um murmúrio de vozes ao fundo. Até que me concentro em uma só voz, e depois o que ela está pensando fica claro.

“Na maior parte do tempo, fico fora de sintonia. Isso tudo pode ser muito incômodo. E é mais fácil parecer *normal* — ela franziu a testa quando disse a palavra — quando não estou respondendo sem querer aos pensamentos de alguém, em vez de às palavras.

— Por que acha que não consegue me ouvir? — perguntei, curioso.

Ela olhou para mim, os olhos parecendo perfurar os meus, com aquela expressão frustrada que eu conhecia bem. Percebi agora que cada vez que ela me olhava daquele jeito, ela devia estar tentando ouvir meus pensamentos e fracassando. A expressão relaxou quando ela desistiu.

— Não sei — murmurou. — Talvez sua mente não funcione da mesma maneira que a mente dos outros. Como se seus pensamentos estivessem na frequência AM e eu só pegasse FM. — Ela deu um sorriso para mim, divertindo-se de repente.

— Minha mente não funciona bem? Eu sou alguma aberração? — A especulação dela ficou clara. Eu sempre suspeitei disso e me constrangi com a confirmação.

— Eu ouço vozes na cabeça e *você* está com medo de ser a aberração. — Ela riu.

— Não se preocupe, é só uma teoria… — O rosto dela se enrijeceu. — O que nos leva de volta a você.

Franzi a testa. Como diria isso em voz alta?

— Pensei que tivéssemos deixado as evasivas para trás — lembrou ela delicadamente.

Desviei os olhos de seu rosto, tentando reunir os pensamentos em palavras, passei os olhos pelo painel… e vi o velocímetro.

— Caramba! — gritei.

— Qual é o problema? — perguntou ela, olhando para a direita e para a esquerda em vez de para a frente, para onde devia estar olhando. O carro não desacelerou.

— Está indo a 180 por hora! — Eu ainda estava gritando.

Lancei um olhar de pânico pela janela, mas estava escuro demais para ver grande coisa. O caminho só era visível no longo trecho de luz azulada dos faróis. A floresta junto às margens da estrada era como um muro preto: duro feito uma barreira de aço se derrapássemos na estrada nesta velocidade.

— Relaxe, Beau. — Ela revirou os olhos, ainda sem reduzir.

— Está tentando nos matar? — perguntei.

— Não vamos bater.

Tentei modular a voz.

— Por que estamos com tanta pressa, Edythe?

— Eu sempre dirijo assim. — Ela se virou para me dar um sorriso.

— Não tire os olhos da estrada!

— Nunca sofri um acidente, Beau. Nunca fui nem multada. — Ela sorriu e deu

um tapinha na testa. — Detector embutido de radar.
— Mãos no volante, Edythe!
Ela suspirou, e vi com alívio o ponteiro aos poucos cair para os 130.
— Satisfeito?
— Quase.
— Odeio dirigir devagar — resmungou ela.
— Isso é devagar?
— Chega de comentários sobre como eu dirijo — rebateu ela. — Ainda estou esperando sua resposta.
Forcei os olhos para longe da estrada à frente, mas não sabia para onde olhar. Era difícil olhar para o rosto dela sabendo a palavra que eu teria que dizer agora. Minha ansiedade deve ter ficado óbvia.
— Prometo que não vou rir desta vez — disse ela delicadamente.
— Não estou preocupado com isso.
— Com o quê, então?
— Se você vai ficar… chateada. Infeliz.
Ela tirou a mão do cambio e esticou na minha direção, só alguns centímetros. Uma oferta. Olhei para ela rapidamente, para ter certeza de que tinha entendido, e os olhos dela estavam suaves.
— Não se preocupe comigo — disse ela. — Consigo aguentar.
Segurei a mão dela, e ela envolveu meus dedos com os dela com delicadeza por um breve segundo, depois baixou de novo até o câmbio. Com cuidado, coloquei a mão em cima da dela de novo. Passei o polegar pela parte externa da mão, do pulso até a ponta do mindinho. A pele era tão *macia*, ainda que não cedesse. Mas macia como cetim. Ainda mais, até.
— O suspense está me matando, Beau — sussurrou ela.
— Desculpe. Não sei como começar.
Houve outro longo momento de silêncio, só com o zumbido do motor e o som da minha respiração pesada. Eu não conseguia ouvir a dela. Acompanhei novamente a lateral da mão perfeita dela.
— Por que você não começa do início? — sugeriu ela, a voz mais normal agora. Prática. — É uma coisa que você pensou sozinho ou alguma coisa levou você a essa conclusão, como um gibi ou um filme?
— Nada assim — falei. — Mas não pensei sozinho.
Ela esperou.
— Foi no sábado. Na praia.
Arrisquei uma olhada para a cara dela, que parecia confusa.
— Encontrei uma velha amiga da família, Jules. Julie Black. A mãe dela, Bonnie, e Charlie são amigos desde que eu era bebê.

Ela ainda parecia confusa.
— Bonnie é uma das líderes dos quileutes…
A expressão de confusão pareceu congelar no rosto dela. Era como se todas as partes planas do rosto tivessem virado gelo. Estranhamente, ela ficou ainda mais linda assim, uma deusa de novo na luz do painel. Mas não parecia muito humana.
Ela ficou parada, e senti que devia explicar o resto.
— Tinha uma mulher quileute na praia, Sam alguma coisa. Logan fez um comentário sobre você, tentando tirar sarro com a minha cara. E essa Sam disse que sua família não ia à reserva, só que pareceu que ela queria dizer mais do que isso. Jules pareceu saber do que a mulher estava falando, então fiquei sozinho com ela e enchi o saco dela até ela me contar… as lendas antigas dos quileutes.
Fiquei surpreso quando ela falou. O rosto dela estava muito parado e os lábios quase não se moveram.
— E que lendas eram essas? O que Jules Black disse que eu era?
Abri um pouco a boca, mas voltei a fechar.
— O quê?
— Não quero dizer — admiti.
— Também não é minha palavra favorita. — O rosto dela se aqueceu um pouco; ela parecia humana de novo. — Mas não dizer não faz com que suma. Às vezes… acho que *não* dizer torna a palavra mais poderosa.
Eu me perguntei se ela estava certa.
— Vampira? — sussurrei.
Ela se encolheu.
Não. Dizer em voz alta não tornava a palavra menos poderosa.
Engraçado como não parecia mais idiotice, como pareceu no meu quarto. Não parecia que estávamos falando sobre coisas impossíveis, sobre lendas antigas ou filmes e livros de terror imbecis. Pareceu real.
E muito poderoso.
Seguimos em silêncio por mais um minuto, e a palavra *vampira* pareceu ficar cada vez maior dentro do carro. Não parecia pertencer a ela, na verdade, era mais como se tivesse o poder de machucá-la. Tentei pensar em alguma coisa, qualquer coisa que apagasse o som da palavra.
Antes que eu pudesse pensar em alguma coisa, ela falou.
— O que você fez depois?
— Ah. Hã, eu pesquisei um pouco na internet.
— E isso o convenceu? — Ela foi bem objetiva.
— Não. Nada se encaixava. A maior parte das coisas era meio boba. Mas eu…
Parei abruptamente. Ela esperou, depois olhou para mim, quando não terminei.

— Você o quê? — insistiu ela.
— Ah, não importa, não é? Então eu deixei pra lá.
Ela arregalou os olhos, mas de repente os apertou bem na minha direção. Eu não queria ter que dizer de novo que ela devia olhar para onde estava indo, mas a velocidade passou de 150 agora, e ela parecia totalmente alheia à estrada curva à nossa frente.
— Hã, Edythe…
— Não *importa*? — Ela meio falou, meio gritou, com a voz aguda e quase… metálica. — *Não importa?*
— Não. Não para mim, pelo menos.
— Você não liga que eu seja um monstro? Que eu não seja *humana*?
— Não.
Ela voltou a olhar para a estrada, com os olhos ainda apertados de raiva. Consegui sentir o carro acelerando embaixo de mim.
— Você está chateada. Está vendo, eu não devia ter dito nada — murmurei.
Ela balançou a cabeça e respondeu por entre dentes.
— Não, eu prefiro saber o que você está pensando, mesmo que seja loucura.
— Desculpe.
Ela deu um suspiro exasperado, depois ficou em silêncio de novo por alguns minutos. Passei o polegar lentamente pela mão dela.
— Em que você está pensando agora? — perguntou ela. A voz estava mais calma.
— Hã… em nada, na verdade.
— Fico louca de não saber.
— Não quero… sei lá, ofender você.
— Bota pra fora, Beau.
— Tenho muitas perguntas. Mas você não precisa responder. Só estou curioso.
— Sobre o quê?
— Quantos anos você tem.
— Dezessete.
Fiquei olhando para ela por um minuto, até parte dos lábios dela se erguerem em um sorriso.
— Há quanto tempo você tem 17 anos? — perguntei.
— Há algum tempo — admitiu ela.
Eu sorri.
— Tudo bem.
Ela me olhou como se eu tivesse perdido a cabeça.
Mas isso era melhor. Mais fácil, com ela sendo ela mesma, sem se preocupar em me deixar no escuro. Eu gostava de saber das coisas. O mundo dela era onde eu

queria estar.
— Não ria… mas como você pode sair durante o dia?
Ela riu mesmo assim.
— Mito.
O som da gargalhada dela foi caloroso. Senti como se tivesse engolido um raio de sol. Meu sorriso ficou maior.
— Queimada pelo sol?
— Mito.
— Dormir em caixões?
— Mito. — Ela hesitou por um momento e acrescentou, baixinho: — Eu não durmo.
Levei um minuto para absorver essa informação.
— Nunca?
— Nunca — murmurou ela. E se virou para me olhar com uma expressão pensativa. Sustentei o olhar e me perdi no tom dourado. Depois de alguns segundos, perdi completamente a linha de pensamento.
De repente, ela virou o rosto e apertou os olhos de novo.
— Você ainda não me fez a pergunta mais importante.
— A pergunta mais importante? — repeti. Não consegui pensar no que ela queria dizer.
— Não está *curioso* com a minha dieta? — perguntou ela com tom debochado.
— Ah. Isso.
— É. Isso — disse ela friamente. — Você não quer saber se bebo sangue?
Eu fiz uma careta.
— Bom, Jules disse alguma coisa sobre isso.
— Disse?
— Ela disse que vocês não… caçam pessoas. Disse que sua família não devia ser perigosa porque vocês só caçavam animais.
— Ela disse que não éramos perigosos? — A voz dela estava profundamente cética.
— Não exatamente. Jules disse que vocês não *deviam* ser perigosos. Mas os quileutes não querem vocês nas terras deles mesmo assim, por segurança.
Ela olhou para a frente, mas eu não sabia se estava vendo a estrada.
— E aí, ela estava certa? Sobre não caçar pessoas? — Tentei manter minha voz o mais estável possível.
— Os quileutes têm boa memória — sussurrou ela.
Tomei isso como confirmação.
— Mas não permita que isso o deixe complacente — alertou ela. — Eles têm razão em manter distância de nós. Ainda somos perigosos.

— Não entendi.
— Nós… tentamos — explicou ela. A voz foi ficando mais pesada e mais lenta. — Em geral, somos muito bons no que fazemos. Às vezes, cometemos… erros. Eu, por exemplo, me permitindo ficar sozinha com você.
— Isso é um erro? — Ouvi a tristeza em minha voz, mas não sabia se ela também tinha percebido.
— Um erro muito perigoso — murmurou ela.
Nós dois ficamos em silêncio. Olhei os faróis girando com as curvas da estrada. Andavam rápido demais; não parecia real, parecia um videogame. Eu estava ciente de que o tempo passava rapidamente, como a estrada escura diante de nós, e senti um medo pavoroso de nunca ter outra oportunidade de estar com ela assim de novo, abertamente, sem os muros entre nós, pelo menos uma vez. O que ela estava dizendo parecia… uma despedida. Apertei a mão sobre a dela. Eu não podia perder um minuto que fosse com ela.
— Me conte mais. — Eu não me importava com o que ela diria, só queria ouvir sua voz.
Ela me olhou rapidamente, sobressaltada com a mudança em meu tom de voz.
— O que mais quer saber?
— Me conte por que vocês caçam animais em vez de gente — falei. Foi a primeira pergunta em que consegui pensar. Minha voz soou rouca. Pisquei duas vezes para afastar a umidade dos olhos.
A resposta dela foi em voz baixa.
— Eu não *quero* ser um monstro.
— Mas os animais não bastam?
Ela fez uma pausa.
— Não posso ter certeza, mas eu compararia a viver de tofu e leite de soja; nós nos dizemos vegetarianos, nossa piadinha particular. Não sacia completamente a fome, ou melhor, a sede. Mas nos deixa fortes o suficiente para resistir. Na maior parte do tempo. — Sua voz ficou agourenta. — Às vezes, é mais difícil.
— Está muito difícil para você agora? — perguntei.
Ela suspirou.
— Está.
— Mas agora você não está com fome — eu disse, afirmando e não perguntando.
— Por que pensa assim?
— Seus olhos. Tenho uma teoria sobre isso. Parece que a cor está ligada ao seu humor, e as pessoas costumam ficar mais mal-humoradas quando estão com fome, não é?
Ela riu.

— Você é mais observador do que eu achava.
Ouvi o som da risada dela para guardar na memória.
— Então tudo que eu pensei que vi naquele dia da van. Tudo aquilo aconteceu de verdade. Você *segurou* a van.
Ela deu de ombros.
— Foi.
— O quanto você é forte?
Ela olhou para mim de rabo de olho.
— Bem forte.
— Tipo, conseguiria levantar duas toneladas?
Ela pareceu meio abalada com meu entusiasmo.
— Se eu precisasse. Mas não sou de demonstrações de força. Isso deixa Eleanor competitiva, e nunca vou ser *tão* forte assim.
— Quanto?
— Sinceramente, se ela quisesse, acho que conseguiria levantar uma montanha sobre a cabeça. Mas eu jamais diria isso perto dela, porque aí ela teria que tentar.
— Ela riu, e foi um som relaxado. Carinhoso.
— Você foi caçar no fim de semana com Eleanor? — perguntei quando ela ficou em silêncio de novo.
— Fui. — Ela parou por um segundo, como se decidindo se diria ou não alguma coisa. — Eu não queria ir, mas era necessário. É um pouco mais fácil ficar perto de você quando não estou com sede.
— Por que não queria ir?
— Me deixa… angustiada… ficar longe de você. — Seus olhos eram gentis, mas intensos, e pareciam dificultar minha respiração. — Eu não estava brincando quando lhe pedi para tentar não cair no mar nem ser atropelado na quinta passada. Fiquei dispersa o fim de semana todo, preocupada com você. E depois do que aconteceu esta noite, é uma surpresa que você tenha passado por todo o fim de semana incólume. — Ela balançou a cabeça, depois pareceu se lembrar de alguma coisa. — Bom, não totalmente incólume.
— Como é?
— Suas mãos — lembrou ela. Olhei para as palmas das mãos, para os arranhões quase curados. Ela não perdia nada.
— Eu caí.
— Foi o que pensei. — Seus lábios se curvaram nos cantos. — Imagino que, sendo você, podia ter sido muito pior. E essa possibilidade me atormentou o tempo todo em que estive fora. Foram três dias muito longos. Eu dei nos nervos de Eleanor.
— Três dias? Você não voltou hoje?

— Não, voltamos no domingo.
— Então por que não foram à escola? — Eu estava frustrado, quase com raiva ao pensar no quanto a ausência dela me afetou.
— Bom, você perguntou se o sol me machucava, e não machuca. Mas não posso sair na luz do sol. Pelo menos, não onde todo mundo possa ver.
— Por quê?
— Um dia eu mostro — prometeu ela.
Pensei nisso por um momento.
— Você podia ter me telefonado.
Ela ficou confusa.
— Mas eu sabia que você estava bem.
— É, mas *eu* não sabia onde *você* estava. Eu… — Hesitei, baixando os olhos.
— O quê? — A voz sedosa era tão hipnótica quanto os olhos.
— Vai parecer besteira… mas, bem, eu meio que surtei. Achei que você talvez não voltasse. Que sabia que eu sabia e… fiquei com medo de você desaparecer. Eu não sabia o que ia fazer. Eu *tinha* que ver você de novo. — Minhas bochechas começaram a ficar quentes.
Ela ficou em silêncio. Olhei para ela, que parecia abalada, como se alguma coisa a estivesse machucando.
— Edythe, você está bem?
— Ah — gemeu ela, baixinho. — Isso é um erro.
Não consegui entender a resposta dela.
— O que eu disse?
— Não vê, Beau? Uma coisa é eu ficar infeliz, outra bem diferente é você se envolver tanto. — Ela virou os olhos angustiados para a estrada, suas palavras fluindo quase rápidas demais para que eu entendesse. — Não quero ouvir que você se sente assim. É errado. Não é seguro. Vou machucar você, Beau. Você vai ter sorte se sair vivo.
— Não ligo.
— É uma coisa muito idiota de se dizer.
— Pode ser, mas é verdade. Já falei, não importa o que você é. É tarde demais.
A voz dela soou baixa e ríspida.
— Nunca diga isso. *Não* é tarde demais. Posso fazer as coisas voltarem a ser como eram. *Vou* fazer isso.
Fiquei olhando para a frente, feliz de novo pelo cachecol. Meu pescoço era um amontoado de manchas vermelhas, eu tinha certeza.
— Não quero que as coisas voltem a ser como eram — murmurei.
Eu me perguntei se devia afastar a mão. Mas fiquei parado. Talvez ela esquecesse que estava ali.

— Me desculpe por ter feito isso com você. — A voz dela ardia de arrependimento.
A escuridão deslizava por nós em silêncio. Percebi que o carro estava indo mais devagar, e mesmo no escuro reconheci alguns lugares. Estávamos passando pelos limites de Forks. Demorou menos de vinte minutos.
— Vou ver você amanhã?
— Você quer? — sussurrou ela.
— Mais do que qualquer outra coisa que já quis.
Era patético o quanto as palavras eram verdadeiras. Seria impossível eu bancar o difícil.
Ela fechou os olhos. O carro não se desviou nem um centímetro do centro da pista.
— Então, eu estarei lá — disse ela. — Tenho que entregar um trabalho.
Ela olhou para mim, e o rosto estava mais calmo, mas os olhos estavam perturbados.
De repente, estávamos diante da casa de Charlie. As luzes estavam acesas, minha picape no lugar dela, tudo completamente normal. Era como acordar de um sonho, o tipo de sonho que você não quer que escape, o tipo pelo qual você ficava de olhos apertados, rolava e cobria a cabeça com um travesseiro, tentando encontrar um jeito de voltar para ele. Ela parou o carro, mas eu não me mexi.
— Você guarda meu lugar no almoço? — perguntei com hesitação.
Fui recompensado com um sorriso largo.
— Isso é fácil.
— Promete? — Não consegui deixar meu tom leve o bastante.
— Prometo.
Olhei nos olhos dela, e foi como se ela fosse um ímã de novo, como se estivesse me puxando para ela e eu não tivesse força para resistir. Eu não queria tentar. A palavra *vampira* ainda estava entre nós, mas era mais fácil ignorar do que eu acharia possível. O rosto dela era tão insuportavelmente perfeito que doía de um jeito estranho olhar para ela. Ao mesmo tempo, eu nunca quis afastar o olhar. Eu queria saber se os lábios dela eram tão macios e sedosos como a pele da mão…
De repente, a mão esquerda dela estava ali, com a palma para fora, a dois centímetros do meu rosto, me avisando para recuar, e ela estava encolhida contra a porta do carro, os olhos arregalados e assustados e os dentes trincados.
Eu pulei para longe dela.
— Desculpe!
Ela ficou me olhando por um longo momento, e eu podia jurar que não estava respirando. Depois de um tempo, ela relaxou um pouco.
— Você tem que tomar mais cuidado, Beau — disse ela com a voz seca.

Com cautela, como se fosse feita de vidro, a mão esquerda tirou a minha de cima da direita dela e soltou. Eu cruzei os braços sobre o peito.
— Talvez… — começou ela.
— Posso fazer ainda melhor — falei, interrompendo-a. — Me diga quais são as regras e eu as sigo. O que você quiser de mim.
Ela suspirou.
— É sério. Me mande fazer alguma coisa e eu vou fazer.
Arrependi-me das palavras assim que saíram da minha boca. E se ela me pedisse para esquecê-la? Havia algumas coisas que eu não tinha como fazer.
Mas ela sorriu.
— Tudo bem, tem uma coisa.
— Tem? — perguntei, cauteloso.
— Não vá à floresta sozinho.
Consegui sentir a surpresa no meu rosto.
— Como você sabia disso?
Ela tocou a ponta do nariz.
— É sério? Você deve ter um sentido *incrível*…
— Você vai concordar com o que pedi ou não? — interrompeu ela.
— Claro, isso é fácil. Posso perguntar por quê?
Ela franziu o cenho, e seus olhos estavam semicerrados ao fitar pela janela atrás de mim.
— Nem sempre eu sou a coisa mais perigosa por lá. E vamos parar por aqui.
A súbita frieza na voz dela me deu um ímpeto de estremecer, mas também fiquei aliviado. Ela poderia ter pedido uma coisa bem mais difícil.
— Como quiser.
Ela suspirou.
— Vejo você amanhã, Beau.
Eu sabia que ela queria que eu fosse agora. Abri a porta sem vontade.
— Amanhã — eu disse, com ênfase na palavra. Comecei a sair.
— Beau?
Eu me virei e me inclinei, desajeitado, e ela estava inclinada na minha direção, o rosto pálido de deusa a centímetros do meu. Meu coração parou de bater.
— Durma bem — disse ela. Seu hálito soprou em meu rosto; era o mesmo aroma atraente que assombrava o carro, mas de forma mais concentrada. Eu pisquei, totalmente perplexo. Ela se afastou.
Demorei alguns segundos até meu cérebro se estabilizar e eu conseguir voltar a me mexer. Saí do carro, mas precisei me apoiar na porta. Pensei ter ouvido Edythe rir, mas o som foi baixo demais para que eu tivesse certeza.
Ela esperou até que eu cambaleasse para a porta da frente e depois ouvi o motor

acelerar baixinho. Eu me virei e vi o carro prata desaparecer na esquina. Percebi que estava muito frio.
Peguei a chave mecanicamente e destranquei a porta.
— Beau? — chamou meu pai da sala.
— É, pai, sou eu. — Tranquei a porta e fui até lá para vê-lo. Ele estava no sofá favorito, com um jogo de basquete na TV.
— O filme acabou cedo?
— Está cedo? — Parecia que eu tinha ficado dias com ela… ou talvez só alguns segundos. Não tempo suficiente.
— Ainda não são nem oito horas — disse ele. — O filme foi bom?
— Hã, não muito, na verdade.
— O que é isso no seu pescoço?
Peguei o cachecol que tinha esquecido e tentei arrancar fora, mas estava enrolado demais no meu pescoço e só me enforquei.
— Hã, eu esqueci de levar casaco e me emprestaram um cachecol.
— Ficou esquisito.
— É, imaginei. Mas esquenta.
— Está tudo bem? Você está meio pálido.
— Não estou sempre meio pálido?
— Acho que sim.
Na verdade, minha cabeça estava girando, e eu ainda estava com frio, apesar de saber que a sala estava quente.
Não seria a minha cara acabar entrando em choque? *Controle-se.*
— Eu, hã, não dormi muito bem ontem — falei para Charlie. — Acho que vou cair na cama cedo.
— Boa noite, garoto.
Subi a escada devagar, um estupor pesado nublando minha mente. Eu não tinha motivo para estar tão exausto e nem com tanto frio. Escovei os dentes e joguei água quente no rosto; isso me fez tremer. Não me dei nem ao trabalho de mudar de roupa, só tirei os sapatos e subi na cama de roupa, a segunda vez em uma semana. Enrolei-me no cobertor e lutei contra uma série de pequenos tremores.
Minha mente girava como se eu estivesse tonto. Estava cheia de impressões e imagens, algumas que eu queria ver melhor, algumas que não queria recordar. A estrada passando rápido demais, a luz amarela e fraca do restaurante cintilando no cabelo metálico dela, a forma dos lábios quando ela sorria… quando franzia a testa… Os olhos de Jeremy se esbugalhando, os faróis vindo na minha direção, a arma apontada para o meu rosto enquanto o suor frio cobria minha testa. Minha cama tremeu junto comigo.
Não, havia coisas demais que eu queria lembrar, queria cimentar na mente, para

perder tempo com as coisas desagradáveis. Tirei o cachecol que ainda estava usando e inspirei o aroma dela. Quase imediatamente, meu corpo relaxou e os tremores pararam. Imaginei o rosto dela, cada ângulo, cada expressão, cada humor.

Eu tinha certeza de algumas coisas. Primeiro, Edythe era uma vampira de verdade. Segundo, havia uma parte dela que me via como alimento. Mas, no final, nada disso importava. A única coisa que importava era que eu a amava, mais do que imaginei que fosse possível amar alguma coisa. Ela era tudo que eu queria, a única coisa que eu quereria na vida.

10. INTERROGAÇÕES

FOI DIFERENTE DE manhã.

Todas as coisas que pareceram possíveis na noite anterior, no escuro, pareciam piadas ruins com o sol no céu, mesmo dentro da minha cabeça.

Aquilo aconteceu mesmo? Eu me lembrava das palavras direito? Ela tinha mesmo dito aquelas coisas para mim? Eu fui mesmo corajoso o bastante para dizer as coisas que achei que tinha dito?

O cachecol dela, roubado do irmão, estava dobrado em cima da minha mochila, e tive que ir até ali para tocar nele. Aquela parte era real, pelo menos.

Do lado de fora da minha janela, havia neblina e estava escuro, absolutamente perfeito. Ela não tinha motivos para não ir à escola hoje. Coloquei camadas de roupas, lembrando que não estava com o casaco e torcendo para não ficar encharcado até conseguir recuperá-lo.

Quando desci, Charlie já havia saído; eu estava mais atrasado do que tinha percebido. Engoli uma barra de cereal em três dentadas, empurrei para dentro com leite bebido direto da caixa e corri porta afora. Com sorte, a chuva daria um tempo até eu poder encontrar Jeremy. Com sorte, meu casaco ainda estaria no carro dele.

A neblina estava muito densa; o ar era quase fumarento. A bruma era gelada onde tocava no meu rosto, e eu mal podia esperar para ligar o aquecimento da minha picape. Era uma neblina tão densa que eu estava a pouca distância da entrada de veículos antes de reparar que havia outro carro ali; um carro prata familiar. Meu coração deu aquele salto duplo esquisito, e torci para não estar desenvolvendo nenhum problema na aorta.

A janela do passageiro estava abaixada, e ela estava inclinada na minha direção, tentando não rir da minha cara de *posso estar tendo um ataque cardíaco*.

— Quer uma carona para a escola? — perguntou ela.

Apesar de estar sorrindo, havia incerteza na voz dela. Ela não queria que eu fizesse nada por ímpeto, queria que eu pensasse no que estava fazendo. Talvez até quisesse que eu dissesse não. Mas isso não ia acontecer.

— Quero, obrigado — eu disse, tentando parecer casual. Quando entrei no carro, percebi uma jaqueta caramelo pendurada no banco do carona.

— O que é isso?

— A jaqueta de Royal. Eu não queria que você pegasse um resfriado nem nada.

Coloquei a jaqueta com cuidado no banco de trás. Ela não parecia se importar de pegar as coisas dos irmãos, mas quem sabia o que *eles* achavam? Uma das imagens confusas que eu lembrava do acidente de carro, mesmo tendo sido

semanas antes, era dos rostos dos irmãos olhando de longe. A palavra que melhor resumia a expressão de Royal era *fúria*.
Eu podia ter dificuldade de ter medo de Edythe, mas achava que não teria o mesmo problema com Royal.
Peguei o cachecol na mochila e coloquei em cima da jaqueta.
— Estou bem — falei, e bati com o punho no peito duas vezes. — Meu sistema imunológico está em ótima forma.
Ela riu, mas eu não sabia se por me achar engraçado ou ridículo. Ah, tudo bem. Desde que eu a fizesse rir.
Ela dirigiu pelas ruas envoltas de névoa, sempre rápido demais, mal olhando para a pista. Também não estava de casaco, só com um suéter lilás com as mangas puxadas. O suéter era grudado no corpo, e tentei não ficar olhando. O cabelo estava preso em um nó na base da nuca, desgrenhado, com mechas caídas para todo lado, e a forma como exibia o pescoço esguio também era uma distração. Senti vontade de passar os dedos por aquele pescoço…
Mas eu tinha que tomar mais cuidado, como ela me avisou na noite anterior. Eu não sabia direito o que ela quis dizer, mas faria o melhor que pudesse, porque era uma coisa que ela precisava de mim. Eu não faria nada que fosse assustá-la.
— E aí, não tem jogo das vinte perguntas hoje? — perguntou ela.
— Foi incômodo ontem à noite?
— Não incômodo, só… confuso.
Fiquei surpreso de ela achar isso. Parecia que a pessoa no escuro era ela.
— O que isso quer dizer?
— Suas reações. Eu não entendo.
— Minhas reações?
Ela me olhou e ergueu uma sobrancelha.
— É, Beau. Quando alguém conta que bebe sangue, você tem que ficar nervoso. Fazer uma cruz com os dedos, jogar água benta, sair correndo e gritando, esse tipo de coisa.
— Ah. Hã… vou me esforçar da próxima vez, que tal?
— Por favor, melhore suas expressões de pavor.
— Pavor não está na minha descrição de ontem à noite.
Ela expirou pelo nariz, irritada. Eu não sabia o que dizer. Nada poderia me fazer vê-la como algo de que fugir.
— E onde está a sua família?
Eu não queria pensar na família dela. Não queria lidar com a ideia de *mais* vampiros, vampiros que não eram Edythe. Vampiros que pudessem inspirar pavor de verdade.
Mas o fato era que normalmente o carro dela estava cheio, e hoje não estava.

Claro que fiquei grato. Era difícil imaginar uma coisa que me deixaria fora de um carro se Edythe me convidasse, mas um bando de vampiros furiosos no banco de trás podiam complicar as coisas.
Ela estava entrando no estacionamento da escola. Já.
— Eles usaram o carro de Royal. — Ela indicou um conversível vermelho com a capota suspensa ao parar ao lado. — Chamativo, não é?
— Se ele tem *isso*, por que pega carona com você?
— Como eu disse, é chamativo. Nós *tentamos* nos misturar.
Eu ri e abri a porta do carro.
— Sem querer ofender, mas vocês estão fazendo isso muito errado.
Ela revirou os olhos.
Eu não estava mais atrasado. O jeito lunático dela de dirigir me levou à escola com tempo de folga.
— Por que Royal dirigiu hoje se chama mais atenção?
— Minha culpa. Como sempre, Royal diria. Você não percebeu, Beau? Estou violando *todas* as regras agora.
Ela se juntou a mim na frente do carro, ficando bem perto, ao meu lado, ao andarmos para o campus. Eu queria estreitar essa pequena distância, estender a mão e tocar na dela, passar o braço pelos ombros dela, mas tive medo de isso não ser *cuidadoso* o bastante para ela.
— Por que vocês têm carros assim, então? — perguntei a mim mesmo em voz alta. — Se procuram ter privacidade, há muitos Hondas usados disponíveis.
— É um prazer — admitiu ela com um sorrisinho. — Todos gostamos de correr.
— Claro — murmurei.
Sob o abrigo da marquise do refeitório, Jeremy esperava, os olhos quase saltando da cara de novo. No braço estava meu casaco.
— Oi, Jer — falei quando estávamos a alguns metros de distância. — Obrigado por trazer isso.
Ele me passou o casaco sem dizer nada.
— Bom dia, Jeremy — disse Edythe educadamente. Consegui perceber que ela não estava *tentando* sufocá-lo, mas mesmo o menor dos seus sorrisos era difícil de encarar.
— É… oi. — Jeremy desviou os olhos arregalados para mim, tentando organizar os pensamentos confusos. — Acho que vejo você na trigonometria.
— É, a gente se vê lá.
Ele se afastou, parando duas vezes para nos espiar por sobre o ombro.
— O que vai dizer a ele? — murmurou ela.
— Hã? — Olhei para ela e para as costas de Jeremy. — Ah. O que ele está pensando?

Ela repuxou a boca para o lado.
— Não sei se é ético da minha parte contar isso…
— O que não é *ético* é você usar suas vantagens injustas só a seu favor.
Ela deu um sorriso malicioso.
— Ele quer saber se estamos namorando escondido. E até onde você foi comigo.
O sangue subiu ao meu rosto tão rápido que tive certeza de estar vermelho-beterraba depois de um segundo.
Ela afastou o olhar, de repente com o rosto tão desconfortável quanto o meu. Deu um pequeno passo para longe de mim e trincou os dentes.
Demorei um minuto para perceber que a vermelhidão que me constrangia tanto devia ser uma coisa bem diferente para ela.
Isso me ajudou a me acalmar.
— Hã. O que devo dizer?
Ela começou a andar, e fui atrás, sem prestar atenção em para onde ela estava indo.
Depois de um segundo, ela olhou para mim, com o rosto relaxado e sorrindo de novo.
— Boa pergunta. Mal posso *esperar* para ouvir o que você vai inventar.
— *Edythe.*…
Ela sorriu, e a mãozinha dela voou e afastou uma mecha de cabelo da minha testa. Com a mesma rapidez, a mão voltou para o lado do corpo. Meu coração pulou como se eu tivesse levado um susto.
— A gente se vê no almoço — disse ela, mostrando as covinhas.
Fiquei parado ali, como se tivesse levado um choque, enquanto ela girava e saía andando na outra direção.
Depois de um segundo, me recuperei o bastante para ver que estava em frente à sala de aula de inglês. Três pessoas tinham parado na porta e ficaram olhando para mim com graus variados de surpresa e assombro. Baixei a cabeça e passei por elas para entrar na sala.
Jeremy ia mesmo me perguntar aquilo? Edythe realmente ficaria prestando atenção a como eu reagiria?
— Bom dia, Beau.
McKayla já estava na carteira de sempre. O cumprimento não foi tão entusiasmado quanto costumava ser. Ela estava sorrindo, mas parecia por educação, não que ela estivesse feliz em me ver.
— Oi, McKayla. Como está?
— Bem. Como foi o filme ontem?
— Ah, sim, é. Eu não vi o filme. Me perdi e…
— É, eu soube — disse ela.

Eu pisquei, sem entender.
— Como?
— Encontrei Jeremy antes da aula.
— Ah.
— Ele disse que você não perdeu muita coisa. O filme era ruim.
— Que bom, eu acho.
De repente, ela ficou interessada nas próprias unhas. Começou a descascar o esmalte roxo.
— Você tinha planos antes de ir? Jeremy achou que talvez tivesse, e me perguntei… pra que fingir tudo, sabe?
— Não, não, eu estava planejando ver o filme. Eu não esperava que… fosse me perder e… essas coisas.
McKayla fungou uma vez, como se não acreditasse em mim, e olhou para o relógio. A Sra. Mason estava fazendo alguma coisa na mesa e não pareceu com pressa para começar a aula.
— Foi legal você ter saído com Jeremy na segunda — falei, mudando de assunto. — Ele disse que foi ótimo.
Ou eu tinha certeza que teria dito se eu tivesse perguntado.
Ela olhou para as unhas de novo, mas as orelhas começaram a ficar cor-de-rosa.
— É mesmo? — perguntou ela, em um tom totalmente diferente.
— Com certeza. — Baixei a voz a um sussurro. — Lembre-se, eu não disse nada. Tipo, não contei que ele acha você a garota mais legal que ele conhece.
As orelhas dela ficaram mais cor-de-rosa ainda.
— Código masculino. Certo.
— Eu não falei nada.
Ela finalmente deu um sorriso de verdade.
A Sra. Mason se levantou e pediu que abríssemos nossos livros.
Achei que estava bem com McKayla agora, mas, quando a aula acabou, eu a vi trocar um olhar com Erica, e McKayla começou a futucar as unhas de novo quando saímos da sala.
— Então — disse ela.
— O quê?
— Eu só fiquei curiosa para saber se, você sabe, vamos ver você no baile, afinal. Você pode ficar com nosso grupo se quiser.
— No baile? — Olhei para ela sem entender. — Não. Não, ainda vou a Seattle.
Ela pareceu surpresa, mas relaxou.
— Tudo bem. Então tá. Talvez a gente possa se juntar para o baile. Dividir uma limusine.
Eu parei de andar.

— Eu não estava mesmo planejando ir ao baile…
— É mesmo? Que chocante! — McKayla riu. — Mas acho que você devia contar para Taylor. Ela disse que você vai levá-la.
Senti meu queixo cair. McKayla morreu de rir.
— Foi o que pensei — disse ela.
— Você está falando sério? — perguntei quando recuperei o controle do rosto.
— Ela devia estar brincando.
— Logan e Jeremy estavam conversando sobre se arrumarem cedo e fazer alguma coisa legal pro baile, e Taylor disse que estava fora porque já tinha planos. Com você. É por isso que Logan está sento tão… você sabe… com você. Ele tem uma queda pela Taylor. Acho que você merecia saber. Afinal, violou o código masculino por mim.
— O que devo fazer?
— Diga que não vai levá-la.
— Não posso… O que eu diria?
Ela sorriu como se estivesse se divertindo.
— Seja homem, Beau. Ou alugue um smoking. A escolha é sua.
Não prestei muita atenção à aula depois disso. Era mesmo minha responsabilidade desconvidar Taylor para o baile? Tentei me lembrar do que disse para ela no estacionamento quando ela me convidou. Eu tinha quase certeza de que não tinha concordado com nada.
O céu parecia chumbo quando fui para a aula de trigonometria, tão cinza e pesado. Na semana anterior, eu teria achado deprimente. Hoje, sorri. Havia alguma coisa melhor do que o sol.
Quando vi Jeremy sentado ao lado de uma cadeira vazia na fileira de trás, observando a porta e me esperando, lembrei que Taylor não era o único problema que eu tinha no momento. Meu pescoço começou a ficar quente, e desejei ter ficado com o cachecol.
Havia outra cadeira vazia duas fileiras na frente… mas devia ser melhor acabar logo com aquilo e pronto.
A Sra. Varner ainda não estava na sala. Por que tantos professores estavam atrasados hoje? Parecia que ninguém ligava se aprendíamos alguma coisa ou não.
Eu me sentei ao lado de Jeremy. Ele nem me deixou esperar.
— *Caramba,* filho — disse ele. — Quem imaginaria que você jogava tão alto.
Eu revirei os olhos.
— Eu não jogo.
— Por favor. — Ele deu um soco no meu braço. — *Edythe Cullen.* Caramba. Como você conseguiu *isso*?

— Eu não fiz nada.
— Há quanto tempo está rolando? É segredo? Ela não quer que a família saiba? Foi por isso que você fingiu que ia ao cinema com a gente?
— Eu não fingi nada. Eu não fazia ideia de que ela estava em Port Angeles ontem à noite. Ela era a *última* pessoa que eu esperava ver.
Ele pareceu murchar com minha sinceridade óbvia.
— Você tinha saído com ela antes da noite de ontem?
— Nunca.
— Hã. Foi pura coincidência?
— Foi.
Era óbvio quando eu estava falando a verdade. E óbvio quando estava tentando desviar dela. O olhar desconfiado e esperto voltou ao rosto dele.
— Porque, você sabe, não é segredo que você anda obcecado por ela desde que chegou aqui.
Eu fiz uma careta.
— Não é?
— Eu tive que questionar como você virou o jogo. Você tem um gênio da lâmpada? Encontrou alguma coisa pra fazer chantagem com ela? Ou vendeu a alma para o diabo?
— Sei lá, cara.
— O que você ganhou na troca? Aposto que foi uma noite muito louca, hein?
Eu estava começando a ficar aborrecido, mas sabia que ele distorceria qualquer reação que eu tivesse para fazer parecer outra coisa.
Eu respondi calmamente:
— Encerramos cedo. Voltei às oito.
— É sério?
— Foi só um jantar e uma carona para casa, Jeremy.
— Mas e hoje de manhã? Você ainda estava com ela.
— *Ainda?* Não! O que… você achou que ela ficou comigo a noite toda?
— Não ficou?
— Não.
— Mas você estava no carro dela…
— Ela me pegou antes da escola hoje cedo.
— Por quê?
— Não faço ideia. Me ofereceu carona. Eu não ia dizer não.
— E só isso?
Eu dei de ombros.
— É sério? Me diga que você ao menos deu uns amassos nela. Qualquer coisa.
Olhei de cara feia.

— Não é assim.
Ele fez cara de nojo.
— Essa é de longe a história mais decepcionante que já ouvi na minha vida toda. Retiro tudo que disse sobre como você joga. Obviamente, ela só deve sentir pena.
— É, deve ser.
— Acho que vou tentar parecer mais patético. Se é disso que Edythe gosta.
— Manda ver.
— Não vai demorar para ela cansar de você, aposto.
Minha fachada desmoronou por um segundo. Ele percebeu a mudança e sorriu com certa arrogância.
— É — falei. — Acho que você deve estar mesmo certo.
A Sra. Varner chegou nessa hora, e a falação geral começou a morrer quando ela começou a escrever equações no quadro.
— Mas quer saber? — disse Jeremy baixinho. — Acho que prefiro ficar com uma garota normal.
Eu já estava irritado. Não gostei do jeito como ele falava de Edythe em geral, e a forma como ele disse *normal* me aborreceu. Não, Edythe não era normal, mas isso não era porque, como o tom dele parecia insinuar, ela era alguma coisa… de errado. Ela era acima do normal, além. Passava tanto disso que normal e Edythe não estavam nem na mesma esfera de existência.
— Acho melhor assim — murmurei com a voz dura. — Mantenha suas expectativas baixas.
Ele me lançou um olhar de susto, mas me virei para olhar para a professora. Eu conseguia senti-lo me olhando novamente com desconfiança, até a Sra. Varner reparar e chamá-lo para dar uma resposta. Ele começou a folhear o livro com desespero para tentar descobrir o que ela tinha perguntado.
Jeremy foi andando na minha frente a caminho da aula de espanhol, mas não me importei. Eu ainda estava irritado. Ele só falou comigo no final da aula, quando comecei a guardar os livros na mochila com um pouco de entusiasmo demais.
— Você não vai se sentar com a gente no almoço, vai?
O rosto dele estava desconfiado de novo e mais defensivo agora. Obviamente, ele achou que eu estaria ansioso para me exibir, para contar tudo sobre Edythe e bancar o descolado. Afinal, Jeremy e eu éramos amigos havia um tempo. Os homens contavam essas coisas uns para os outros. Devia ser parte do tal código masculino que inventei. Ele supôs que minha lealdade seria com ele… mas agora, sabia que estava enganado.
— Hã, não sei — falei.
Não havia sentido em ser confiante demais. Eu lembrava claramente como era

quando ela desaparecia. Eu não queria atrair mau agouro.
Ele saiu andando sem me esperar, mas deu uma paradinha na porta da sala.
— Falando sério, *que ridículo* — disse Jeremy, alto o bastante para que eu pudesse ouvi-lo, além de todo mundo em um raio de três metros.
Ele olhou para mim, balançou a cabeça e saiu andando.
Eu estava com pressa para sair pela porta, para ver do que ele estava falando, mas todo mundo também. Um a um, todos pararam para olhar para mim antes de sair. Quando saí, eu não sabia o que esperar. Irracionalmente, eu estava esperando ver Taylor de vestido cintilante de baile e tiara na cabeça.
Mas, do lado de fora de nossa sala de espanhol, encostada na parede, mil vezes mais linda do que qualquer um teria direito, Edythe me esperava. Os olhos grandes e dourados pareciam achar graça, e os cantos dos lábios estavam a ponto de sorrir. O cabelo ainda estava preso naquele coque desgrenhado, e tive uma estranha vontade de esticar a mão e soltar o que o prendia.
— Oi, Beau.
— Oi.
Parte de mim estava ciente de que tínhamos plateia, mas eu não estava me importando.
— Com fome? — perguntou ela.
— Claro.
Na verdade, eu não fazia ideia se estava com fome. Meu corpo todo parecia estar sendo eletrocutado de um jeito muito estranho e prazeroso. Meus nervos não conseguiam absorver mais do que aquilo.
Ela se virou na direção do refeitório, colocando a bolsa no lugar.
— Me deixe levar isso para você — ofereci.
Ela me olhou com olhos de gazela.
— Parece pesada demais para mim?
— Bem, quer dizer…
— Claro — disse ela.
Deslizou a bolsa pelo braço e entregou para mim, usando deliberadamente apenas o dedo mindinho.
— Er, obrigado — falei, e ela deixou a tira cair na minha mão.
Acho que eu devia saber que estaria pesando o dobro da minha. Peguei-a antes que pudesse bater na calçada, depois coloquei no meu ombro livre.
— Você sempre traz seus blocos de concreto para a escola?
Ela riu.
— Archie me pediu para trazer umas coisas para ele hoje de manhã.
— Archie é seu irmão favorito?
Ela olhou para mim.

— Não é legal ter favoritos.
— Filho único — falei. — Sou o favorito de todo mundo.
— Dá para ver. Mas por que você acha isso?
— Parece que você fala dele com mais facilidade.
Ela pensou sobre isso por um momento, mas não comentou.
Quando chegamos no refeitório, eu a segui até a fila da comida. Não consegui deixar de olhar para o canto do refeitório, como fazia todos os dias. A família dela estava toda presente, prestando atenção só uns nos outros. Ou eles não repararam em Edythe comigo ou não ligavam. Pensei na ideia que Jeremy teve, que Edythe e eu estávamos namorando em segredo para que a família não soubesse. Não parecia que ela estava escondendo nada deles, mas não consegui deixar de imaginar o que eles pensavam de mim.
Eu me perguntei o que eu pensava deles.
Nesse momento, Archie ergueu o olhar e sorriu para mim. Automaticamente, sorri para ele, depois olhei para baixo para ver se o sorriso era dirigido a Edythe. Ela estava ciente dele, mas não respondeu do mesmo jeito. Parecia meio zangada. Fiquei olhando de um para o outro enquanto eles tinham um tipo de conversa silenciosa. Primeiro, Archie abriu um grande sorriso, mostrando dentes tão brancos que brilhavam mesmo do outro lado do salão. Edythe ergueu as sobrancelhas em uma espécie de desafio, o lábio superior se curvando só um pouco. Ele revirou os olhos para o teto e levantou as mãos como se dissesse *eu me rendo*. Edythe deu as costas para ele e andou na fila. Ela pegou uma bandeja e começou a encher de comida.
— Sou bem próxima de toda a minha família, mas Archie e eu temos mais coisas em comum — disse ela, finalmente respondendo em voz baixa. Precisei baixar a cabeça para ouvir. — Mas às vezes ele é muito irritante.
Olhei para ele; ele estava rindo agora. Apesar de não estar olhando para nós, achei que podia estar rindo dela.
Eu estava prestando tanta atenção a essa interação que só reparei no que ela tinha colocado na bandeja quando nossa soma estava sendo feita.
— São vinte e quatro dólares e trinta e três centavos — disse a funcionária.
— O quê? — Olhei para a bandeja e levei um susto.
Edythe já estava pagando, depois saiu andando na direção da mesa onde nos sentamos juntos na semana anterior.
— Ei — falei, correndo alguns passos para alcançá-la. — Não consigo comer tudo isso.
— Metade é para mim, claro.
Ela se sentou e empurrou a bandeja lotada para o centro da mesa.
Eu levantei as sobrancelhas.

— Sério.
— Pegue o que quiser.
Eu me sentei na cadeira em frente à dela, deixando que o peso morto da bolsa deslizasse até o chão com a minha mochila.
— Estou curioso. O que você faria se alguém a desafiasse a comer comida?
— Você está sempre curioso.
Ela fez uma careta pegou com ousadia um pedacinho de fatia de pizza, colocou na boca e começou a mastigar com expressão martirizada. Depois de um segundo, engoliu e me olhou com superioridade.
— Se alguém desafiasse você a comer terra, você comeria, não é? — perguntou ela.
Eu sorri para ela.
— Eu comi uma vez… num desafio. Não foi tão ruim.
— Por acaso, não estou surpresa. Aqui. — Ela empurrou o resto da pizza na minha direção.
Dei uma mordida. Perguntei-me se tinha mesmo gosto de terra para ela. Não era a melhor pizza que já comi, mas era boa. Enquanto eu mastigava, ela olhou por cima do meu ombro e riu.
Eu engoli rápido.
— O quê?
— Você deixou Jeremy *tão* confuso.
— É difícil.
— Ele imaginou mil coisas quando viu você sair do meu carro.
Eu dei de ombros e dei outra mordida.
Ela inclinou a cabeça para o lado.
— Você concorda com ele?
Precisei engolir rápido de novo e quase engasguei. Ela começou a se levantar, mas ergui a mão e me recuperei.
— Estou bem. Concordo sobre o quê?
— Sobre o motivo de eu estar aqui com você.
Demorei um minuto para repensar a conversa. Eu me lembrava de coisas que torcia para que ela não tivesse prestado atenção, como o fato de que, aparentemente, todo mundo sabia que eu estava obcecado por ela desde o primeiro dia.
— Não sei o que você quer dizer.
Ela franziu a testa.
— *Obviamente, ela só deve sentir pena*? — citou ela.
Fiquei surpreso por ela parecer irritada.
— É uma explicação tão boa quanto qualquer outra.

— E vou me cansar de você logo, é?
Isso magoou um pouco, pois era meu maior medo e parecia provável demais, mas tentei esconder com outro movimento de ombros.
— Beau, você está sendo idiota de novo.
— Estou?
Ela deu um meio sorriso de testa franzida que foi engraçado.
— Tem várias coisas com que estou preocupada. O tédio não é uma delas. — Ela inclinou a cabeça para o lado e olhou bem nos meus olhos. — Você não acredita em mim?
— Hã, claro, eu acho. Se você diz isso.
Ela apertou os olhos.
— Nossa, que afirmativa sufocante.
Dei outra mordida na pizza e mastiguei lenta e deliberadamente dessa vez. Ela esperou e ficou me olhando com aquela expressão intensa que eu sabia que queria dizer que estava tentando entrar na minha mente. Quando dei uma segunda mordida sem falar, ela bufou com irritação.
— Odeio quando você faz isso.
Demorei um segundo para engolir.
— O quê? Não conto cada pensamento idiota que passa pela minha cabeça?
Consegui perceber que ela ficou com vontade de sorrir, mas não cedeu.
— Precisamente.
— Não sei o que dizer. Se eu acho que você vai ficar entediada comigo? Acho. Sinceramente, não sei por que você ainda está aqui. Mas estava tentando *não* dizer isso em voz alta, porque não queria chamar atenção para uma coisa na qual você podia não ter pensado.
O sorriso se alargou.
— É muito verdade. Eu jamais teria percebido sozinha, mas, agora que você mencionou, acho que devo mesmo seguir em frente. Aquele Jeremy de repente parece atraentemente patético… — Ela parou de falar e o sorriso sumiu. — Beau, você sabe que estou brincando.
Eu me perguntei o que meu rosto estava demonstrando. E assenti.
A testa dela se enrugou. Depois de um segundo, ela esticou o braço com hesitação na minha direção, deixando a mão ao meu alcance.
Eu a cobri com a minha.
Ela sorriu, mas fez uma careta.
— Desculpe — falei, afastando o braço.
— Não — protestou ela. — Não foi você. Aqui.
Com o cuidado que teria se minha mão fosse feita do cristal mais fino, ela colocou os dedos na minha palma. Imitando a cautela dela, dobrei a mão

delicadamente ao redor.
— O que acabou de acontecer? — Eu meio que sussurrei.
— Muitas reações diferentes. — A testa dela se franziu de novo. — Royal tem uma voz mental muito estridente.
Não consegui evitar; olhei automaticamente para o outro lado do salão, mas lamentei ter feito isso.
Royal estava disparando facas com o olhar para as costas desprotegidas de Edythe, e Eleanor, na frente dele, estava virada para olhar de cara feia para ela. Quando o encarei, Royal desviou o olhar furioso para mim.
Olhei para Edythe, com os pelos dos braços eriçados, mas ela estava olhando com raiva para Royal agora, o lábio superior repuxado sobre os dentes em uma expressão ameaçadora. Para minha surpresa, Eleanor se virou na mesma hora, e Royal abandonou a expressão ameaçadora. Ele olhou para a mesa com uma expressão emburrada de repente.
Archie parecia estar se divertindo com tudo. Jessamine nem se mexeu.
— Eu acabei de irritar… — Engoli antes que pudesse terminar. *Um bando de vampiros?*
— Não — disse ela com intensidade, e suspirou. — Mas eu, sim.
Olhei para Royal de novo por uma fração de segundo. Ele não tinha se mexido.
— Olha, você está encrencada por minha causa? O que eu posso fazer?
A lembrança dos olhos lívidos dele apontados para o corpo pequeno dela fez uma onda de pânico me percorrer.
Ela balançou a cabeça e sorriu.
— Não precisa se preocupar comigo — garantiu ela com certa arrogância. — Não estou dizendo que Royal não poderia me vencer em uma luta justa, mas *estou* dizendo que eu *nunca* lutei de forma justa e não pretendo começar agora. Ele sabe que não deve se meter comigo.
— Edythe…
Ela riu.
— É piada. Não é nada, Beau. Coisa normal entre irmãos. Um filho único não teria como entender.
— Se você diz.
— Digo.
Olhei para nossas mãos, ainda unidas. Foi a primeira vez que segurei a mão dela de verdade, mas junto com a maravilha disso estava a lembrança de por que ela me ofereceu a mão.
— Voltando ao que você estava pensando — disse ela, como se pudesse ler meus pensamentos.
Eu suspirei.

— Ajudaria se você soubesse que não foi o único acusado de obsessão?
Eu grunhi.
— Você ouviu isso também. Que ótimo.
Ela riu.
— Fiquei hipnotizada do começo ao fim.
— Me desculpe.
— Por que você está pedindo desculpas? Me sinto melhor de saber que não sou a única.
Fiquei olhando para ela com ceticismo.
— Me deixe elaborar assim. — Ela repuxou os lábios, pensativa. — Apesar de você ser a única pessoa sobre quem não posso ter *certeza*, eu ainda estaria disposta a apostar alto que passo mais tempo pensando em você do que você em mim.
— Hã. — Eu ri, assustado. — Você perderia essa aposta.
Ela ergueu uma sobrancelha e falou tão baixo que precisei me inclinar para ouvir.
— Ah, mas você só fica consciente umas dezesseis horas a cada período de vinte e quatro. Isso me dá uma boa vantagem, você não acha?
— Mas você não está contando sonhos.
Ela suspirou.
— Pesadelos contam como sonhos?
Meu pescoço começou a ficar vermelho.
— Quando sonho com você… não é pesadelo.
Ela abriu a boca um pouco surpresa, e seu rosto ficou vulnerável de repente.
— É mesmo? — perguntou ela.
Ficou claro que ela estava satisfeita, então falei:
— Todas as noites
Ela fechou os olhos por um minuto, mas, quando voltou a abri-los, o sorriso estava provocador de novo.
— Os ciclos REM são os mais curtos do sono profundo. Ainda estou horas à frente.
Eu franzi a testa. Aquilo era difícil de absorver.
— Você pensa mesmo em *mim*?
— Por que é tão difícil de acreditar?
— Ah, olhe para mim — falei desnecessariamente, pois ela já estava olhando. — Sou totalmente comum… bem, exceto pelas coisas ruins, como todas as experiências de quase morte e por eu ser tão descoordenado que mal consigo andar. E olhe para você. — Eu apontei a mão livre para ela e para a perfeição perturbadora dela.

Ela deu um sorriso lento. Começou pequeno, mas terminou com uma série completa de covinhas, como o *grand finale* em um show de fogos do Quatro de Julho.
— Não posso discutir com você sobre as coisas ruins.
— Está vendo.
— Mas você é a pessoa menos comum que já conheci.
Nossos olhares se sustentaram por um longo momento. O meu examinava o dela enquanto eu tentava acreditar que ela podia ver alguma coisa importante o bastante para ficar comigo. Sempre pareceu que ela estava prestes a sumir, desaparecer, como se fosse apenas um mito.
— Mas por que… — Eu não sabia como formular.
Ela inclinou a cabeça para o lado, esperando.
— Ontem à noite… — Eu parei e balancei a cabeça.
Ela franziu a testa.
— Você faz isso de propósito? O pensamento não terminado é uma forma de me enlouquecer?
— Não sei se consigo explicar direito.
— Tente, por favor.
Eu respirei fundo.
— Tudo bem. Você está alegando que não entendo você e que não pensa em partir para cima de Jeremy tão cedo.
Ela assentiu enquanto lutava contra um sorriso.
— Mas ontem à noite… foi como… — Ela estava ansiosa agora. O resto saiu de uma vez. — Como se você já estivesse procurando um jeito de dizer adeus.
— Perceptivo — sussurrou ela. E lá estava a angústia de novo, vindo à tona com a confirmação dela do meu maior medo.
Os dedos dela apertaram o meu delicadamente.
— Mas as duas coisas não estão relacionadas.
— Que duas coisas?
— A profundeza dos meus sentimentos por você e a necessidade de me afastar. Bem, *estão* relacionadas, mas inversamente.
A necessidade de me afastar. Meu estômago despencou.
— Não entendi.
Ela olhou nos meus olhos de novo, com os dela ardendo, hipnotizantes. A voz estava quase inaudível.
— Quanto mais eu gosto de você, mais crucial é encontrar um jeito de… manter você em segurança. De mim. Me afastar seria a coisa certa a fazer.
Eu balancei a cabeça.
— *Não.*

Ela respirou fundo, e os olhos pareceram escurecer de um jeito estranho.
— Bem, não fui muito boa em deixar você sozinho quando tentei. Não sei *como* fazer isso.
— Quer me fazer um favor? Pare de tentar descobrir como fazer isso.
Ela deu um meio sorriso.
— Acho que, considerando a frequência das suas experiências de quase morte, acaba sendo mais seguro eu ficar por perto.
— Verdade. Nunca se sabe quando outra van desgovernada pode atacar.
Ela franziu a testa.
— Você ainda vai a Seattle comigo, né? Tem muitas vans em Seattle. Esperando em emboscada a cada esquina.
— Na verdade, tenho uma pergunta para você sobre isso. Você precisava mesmo ir a Seattle neste sábado ou era só uma desculpa para não ter que dizer não a todas as suas admiradoras?
— Ah.
— Foi o que pensei.
— Sabe, você me deixou em posição difícil com Taylor com aquela história toda do estacionamento.
— Você está falando porque vai ter que levá-la ao baile agora?
Meu queixo caiu, mas depois eu trinquei os dentes.
Ela estava tentando não rir.
— Ah, Beau.
Consegui ver que havia mais.
— O quê?
— Ela já tem vestido.
Eu não tive palavras para isso.
Ela deve ter lido o pânico nos meus olhos.
— Podia ser pior. Ela o comprou antes de convidá-lo para ir com ela. Era usado e não foi caro. Ela não podia perder a oportunidade.
Continuei sem conseguir falar. Ela apertou minha mão de novo.
— Você vai resolver.
— Eu não vou a bailes — falei, com tristeza.
— Se *eu* tivesse convidado você para ir ao baile de primavera, você teria dito não?
Olhei para os olhos dourados e tentei me imaginar recusando qualquer coisa que ela quisesse.
— Provavelmente não, mas encontraria um motivo para cancelar depois. Eu quebraria a perna se precisasse.
Ela pareceu intrigada.

— Por que você faria isso?
Sacudi a cabeça com tristeza.
— Pelo visto, você nunca me viu na educação física, mas eu achava que entenderia.
— Está se referindo ao fato de que você não consegue andar numa superfície plana e estável sem encontrar alguma coisa em que tropeçar?
— É óbvio.
— Sou ótima professora, Beau.
— Acho que coordenação não é uma habilidade que se aprende.
Ela balançou a cabeça.
— Voltando à pergunta. Você tem que ir a Seattle ou se importaria se fizéssemos alguma coisa diferente?
Enquanto a parte do *nós* ainda estivesse ali, eu não me importava com mais nada.
— Estou aberto a alternativas — cedi. — Mas tenho outro favor a pedir.
Ela me olhou cautelosa, como sempre acontecia quando eu fazia uma pergunta aberta.
— O que é?
— Posso dirigir?
Ela franziu a testa.
— E por quê?
— Bom, principalmente porque você é uma motorista apavorante. Mas também porque eu disse a Charlie que ia sozinho, e não quero que ele fique curioso.
Ela revirou os olhos.
— De todas as coisas sobre mim que podem assustá-lo, você se preocupa com meu jeito de dirigir. — Ela balançou a cabeça de desgosto, mas depois seus olhos estavam sérios de novo. — Não quer contar a seu pai que vai passar o dia comigo? — Havia alguma coisa por trás da pergunta dela que eu não entendi.
— Com Charlie, menos é sempre mais. — Eu sabia muito bem disso. — Aonde vamos, aliás?
— Archie diz que o tempo estará bom, então vou ficar longe dos olhares públicos… e você pode ficar comigo, se quiser. — Novamente, ela estava deixando a decisão nas minhas mãos.
— E você vai me mostrar o que quis dizer sobre o sol? — perguntei, animado com a ideia de descobrir outro de seus aspectos desconhecidos.
— Vou. — Ela sorriu, depois hesitou. — Mas, se você não quiser ficar… sozinho comigo, ainda prefiro que não vá a Seattle sem companhia. Eu tremo só de pensar em todas aquelas vans.
— Por acaso, não me importo de ficar sozinho com você.

— Eu sei — disse ela, suspirando. — Mas você devia contar ao Charlie.
Eu balancei a cabeça perante a ideia de explicar minha vida pessoal para Charlie.
— Por que diabos eu faria isso?
Seus olhos ficaram de repente ameaçadores.
— Para me dar um pequeno incentivo para trazê-lo de volta.
Esperei que ela relaxasse. Como ela não relaxou, eu disse:
— Vou correr o risco.
Ela expirou com raiva e desviou os olhos.
— Então está resolvido. Novo assunto?
Minha tentativa de mudar de assunto não ajudou muito.
— Sobre o que você quer falar? — perguntou ela, entredentes, ainda irritada.
Olhei em volta de nós, certificando-me de que estávamos fora do alcance de ouvidos alheios. No canto, Archie estava inclinado para a frente, falando com Jessamine. Eleanor estava ao lado dela, mas Royal tinha sumido.
— Por que você foi àquele tal de Goat Rocks no fim de semana passado… para caçar? Charlie disse que não era um bom lugar para caminhadas por causa dos ursos.
Ela me encarou como se eu tivesse deixado escapar alguma coisa muito óbvia.
— Ursos? — arfei
Ela sorriu com malícia.
— Sabe de uma coisa, não é temporada de ursos — acrescentei, com austeridade, para esconder meu choque.
— Se ler com cuidado, vai ver que a lei só diz respeito a caça com armas — informou ela.
Ela observou meu rosto com prazer enquanto a ficha caía.
— Ursos? — repeti com dificuldade.
— Os pardos são os preferidos de Eleanor. — Sua voz ainda era descuidada, mas os olhos analisavam minha reação. Tentei me recompor.
— Hmmm — falei, dando outra dentada na pizza como desculpa para olhar para baixo. Mastiguei devagar e engoli. — E aí — continuei, depois de um momento. — Qual é o seu preferido?
Ela ergueu uma sobrancelha e os cantos da boca se viraram para baixo em desaprovação.
— O leão da montanha.
— Claro, faz sentido. — Eu assenti como se ela tivesse dito uma coisa totalmente normal.
— É claro — o tom dela espelhava o meu, nada fora do comum — que precisamos ter o cuidado de não causar impacto ambiental com uma caçada imprudente. Tentamos nos concentrar em áreas com uma superpopulação de

predadores, na maior extensão que precisarmos. Sempre há muitos cervos e veados por aqui, e eles servem, mas que diversão há nisso?
Ela sorriu.
— Então não é divertido — murmurei com outra dentada na pizza.
— O início da primavera é a temporada de ursos preferida de El, eles estão saindo da hibernação, então são mais irritadiços. — Ela sorriu de alguma piada que lembrou.
— Não há nada melhor do que um urso pardo irritado — concordei, assentindo.
Ela riu baixinho, sacudindo a cabeça.
— Me diga o que realmente está pensando, por favor.
— Estou tentando imaginar, mas não consigo — admiti. — Como vocês caçam um urso sem armas?
— Ah, nós temos armas. — Ela faiscou os dentes brilhantes em um sorriso largo que não era realmente *sorriso*. — Mas não do tipo que consideram quando redigem as leis de caça. Se já viu um ataque de urso pela televisão, deve poder visualizar Eleanor caçando.
Espiei pelo refeitório na direção de Eleanor, grato por ela não estar olhando para mim. As faixas largas de músculos que envolviam seus braços e pernas ficaram bem mais intimidantes. Imaginei-a segurando a base de uma montanha e levantando…
Edythe acompanhou meu olhar e riu. Eu olhei para ela, temeroso.
— É perigoso? — perguntei em voz baixa. — Vocês se machucam?
A gargalhada dela soou como um sino.
— Ah, Beau. Tão perigoso quanto sua pizza.
Olhei para a casca da pizza e disse:
— Eca. Então… você é… como um ataque de urso?
— Mais como o leão, é o que me dizem — disse ela levemente. — Talvez nossas preferências sejam indicativas.
— Talvez — repeti. Tentei sorrir, mas minha mente estava lutando para juntar as imagens paradoxais e falhando. — É uma coisa que eu poderia ver?
— Nunca! — sussurrou ela. Seu rosto ficou ainda mais branco do que o de costume, e seus olhos de repente estavam horrorizados. Ela afastou a mão da minha e abraçou o corpo.
Minha mão ficou sozinha na mesa, dormente por causa do frio.
— O que eu disse? — perguntei.
Ela fechou os olhos por um momento e recuperou o controle. Quando olhou nos meus olhos, parecia zangada.
— Eu quase queria que fosse possível. Você parece não compreender as realidades do momento. Poderia ser benéfico você ver exatamente o quanto sou

perigosa.
— Tudo bem, então, por que não? — insisti, tentando ignorar a expressão rígida dela.
Ela me olhou por um bom tempo.
— Depois — disse ela, por fim. Ela ficou de pé em um movimento leve. — Vamos nos atrasar.
Olhei em volta, sobressaltada ao ver que ela tinha razão e o refeitório estava quase vazio. Quando eu estava com ela, o tempo e o lugar eram detalhes tão pequenos que eu perdia a noção dos dois. Pulei de pé e peguei minha mochila e a bolsa no chão.
— Depois, então — concordei. Eu não ia me esquecer.

11. COMPLICAÇÕES

TODO MUNDO NOS viu andando juntos para nosso lugar no laboratório. Percebi que ela não virou a cadeira para se sentar o mais distante possível de mim. Em vez disso, sentou-se bem ao meu lado, nossos braços quase se tocando. O cabelo dela roçava na minha pele.

A Sra. Banner entrou na sala naquele momento, puxando uma TV e um videocassete ultrapassados, apoiados em um carrinho. Pareceu que todo mundo na sala relaxou ao mesmo tempo. Também fiquei aliviado. Eu sabia que não conseguia prestar atenção à aula hoje. Eu já tinha muito em que pensar.

A Sra. Banner enfiou a fita velha no videocassete e foi até a parede para apagar a luz. E então, assim que a sala escureceu, as coisas ficaram estranhas.

Eu já estava hiperconsciente de que Edythe estava bem ali, a menos de três centímetros de mim. Eu não achava que podia ficar mais consciente disso. Mas, no escuro, de alguma forma… Parecia que uma corrente elétrica fluía do corpo dela para o meu, como se os relâmpagos em miniatura que pulam entre circuitos estivessem dançando pela distância curta entre nossos corpos. Quando o braço dela tocava no meu braço, eu sentia quase dor.

Um impulso forte e louco de esticar a mão e tocar nela, de acariciar o rosto perfeito uma vez na escuridão, quase me sufocou. Qual era o meu problema? Não se podia sair por aí tocando nas pessoas porque as luzes estavam apagadas. Cruzei os braços com força sobre as costelas e apertei bem as mãos.

Começaram os créditos de abertura, iluminando a sala um pouquinho. Não consegui me impedir de dar uma espiada nela.

Ela estava sentada exatamente como eu, com os braços cruzados, as mãos fechadas, olhando para mim. Quando me viu olhando também, ela sorriu quase com constrangimento. Mesmo no escuro, os olhos dela ainda ardiam. Precisei afastar o olhar antes de fazer alguma besteira, uma coisa que não se conformaria à ideia dela de *cuidado*.

A hora pareceu muito longa. Não consegui me concentrar no filme. Eu nem fazia ideia de qual era o tema. Tentei agir normalmente, fazer meus músculos relaxarem, mas a corrente elétrica não se atenuou. De vez em quando, eu me permitia uma olhada rápida na direção dela, que também não parecia relaxar. A sensação de que eu *tinha* que tocar no rosto dela também se recusava a diminuir. Mantive os punhos apertados nas costelas até que meus dedos doeram do esforço.

Soltei um suspiro de alívio quando a Sra. Banner acendeu a luz no fundo da sala e estiquei os braços nas laterais do corpo e flexionei os dedos enrijecidos. Edythe

deu uma gargalhada.
— Bom, isso foi… interessante — murmurou ela. Sua voz estava baixa e os olhos, cautelosos.
— Hmmm — foi só o que consegui responder.
— Vamos? — perguntou ela, levantando-se facilmente. Ela pegou a bolsa com um dedo.
Eu me levantei com cuidado, com medo de não conseguir andar direito depois disso tudo.
Ela me acompanhou em silêncio até a aula de educação física e parou na porta. Olhei para baixo para me despedir, mas engasguei com as palavras. Seu rosto… estava abalado, quase de dor, e tão terrivelmente lindo que a dor para tocá-la voltou mais intensamente do que antes. Tive que me controlar para não ficar encarando.
Ela ergueu a mão, hesitante, o conflito evidente no olhar, e afagou rapidamente meu maxilar com a ponta dos dedos. A pele estava gelada, como sempre, mas o rastro que deixou na minha foi quase como uma queimadura que ainda não estava doendo.
Ela se virou sem dizer nada e se afastou depressa de mim.
Entrei no ginásio, tonto e instável, e troquei de roupa em transe, quase sem perceber as pessoas em volta de mim. Só caí na realidade quando me deram uma raquete.
Não era pesada, mas eu sabia que não importava. Nas minhas mãos, era perigosa. Consegui ver alguns alunos olhando para mim e para a raquete. E então, a treinadora Clapp nos mandou formar duplas, e concluí que seria o último cara a ser escolhido.
Mas subestimei a lealdade de McKayla. Ela veio se postar ao meu lado na mesma hora.
— Você não precisa fazer isso, sabe — falei.
Ela sorriu.
— Não se preocupe, vou me manter fora de seu alcance.
Às vezes era tão fácil gostar de McKayla.
Não foi assim tão tranquilo. Não sei como, mas consegui bater a raquete na minha própria cabeça e golpear o ombro de McKayla num mesmo movimento. Passei o resto do tempo no fundo da quadra, a raquete colocada com segurança às minhas costas. Apesar de levar desvantagem por minha causa, McKayla era muito boa; venceu três jogos de quatro jogando sozinha, depois deu um tapa na minha mão quando a treinadora finalmente tocou o apito, encerrando a aula.
— E aí — disse ela enquanto saíamos da quadra.
— E aí o quê?

— Você e Edythe Cullen, hein? — O tom dela foi ligeiramente hostil.
— É, eu e Edythe Cullen — respondi. Tive certeza de que ela ouviu bem o tom impressionado na minha voz.
— Não gosto disso — murmurou ela.
— Ah, você não precisa gostar.
— Então ela estala os dedos e você vai correndo atrás?
— Acho que é.
Ela fez cara feia para mim. Dei as costas para ela e saí andando. Eu sabia que seria o único a sobrar amanhã, mas não me importei. Quando estava vestido, já tinha esquecido McKayla. Edythe estaria esperando lá fora ou eu devia esperá-la no carro? E se a família dela estivesse lá? Ela tinha estacionado ao lado do carro de Royal. Só de pensar no rosto de Royal no refeitório, me perguntei se devia ir andando para casa. Ela teria contado que eu sabia? Eu devia saber que eles sabiam que eu sabia? Qual era a etiqueta para cumprimentos vampiros? Um aceno funcionaria?
Mas, quando saí do ginásio, Edythe estava lá. Estava nas sombras do prédio, apesar de as nuvens ainda estarem pretas, com as mãos entrelaçadas na frente do corpo. O rosto estava pacífico agora, com um pequeno sorriso erguendo os cantos dos lábios. O suéter fino não parecia suficiente, e apesar de eu saber que era burrice, senti vontade de tirar o casaco e envolvê-la com ele. Quando andei para perto dela, senti uma harmonia estranha, como se tudo estivesse certo no mundo enquanto eu estivesse perto dela.
— Oi. — Consegui sentir o sorriso enorme e bobo na minha cara.
— Olá. — Seu sorriso de resposta foi reluzente. — Como foi na educação física?
Fiquei desconfiado de repente.
— Bem.
— É mesmo? — Ela levantou as sobrancelhas. — Como está sua cabeça.
— Você não fez isso.
Ela saiu andando devagar na direção do estacionamento. Acompanhei o passo dela automaticamente.
— Foi você que disse que eu nunca o vi na educação física. Fiquei curiosa.
— Que ótimo — falei. — Fantástico. Bem, lamento por isso. Não me importo de ir andando para casa se você não quiser ser vista comigo.
Ela deu uma risada musical.
— Foi divertido. Mas eu não teria me importado se você tivesse batido com mais força naquela garota.
— O quê?
Quando ela olhou para trás, a boca formou uma linha fina. Eu me virei para ver o que ela estava olhando: era o cabelo louro de McKayla balançando conforme ela

se afastava.
— Faz um tempo que alguém além da minha família não pensa palavras desse tipo sobre mim. Acho que não gostei.
Senti uma pontada de ansiedade por McKayla.
Edythe leu minha expressão e riu de novo.
— Não se preocupe, eu não machucaria sua amiga. Se machucasse, quem aceitaria ser sua parceira de badminton?
Foi difícil raciocinar. Edythe era tão… delicada. Mas, quando disse isso, ficou claro que confiava e muito nas próprias habilidades. Se ela quisesse McKayla ou qualquer outra pessoa ferida, a coisa ficaria feia para essa pessoa. Ela era perigosa, eu sabia, mas ficava dando de cara em um muro cada vez que tentava acreditar. Mudei de assunto.
— Que tipos de palavras sua família anda pensando sobre você?
Ela balançou a cabeça.
— Não é justo julgar as pessoas pelos pensamentos que têm. Eles foram feitos para serem particulares. São as ações que contam.
— Não sei… Se você sabe que alguém está ouvindo, não é a mesma coisa que falar em voz alta?
— É fácil para você dizer. — Ela sorriu. — Controlar os pensamentos é muito difícil. Quando Royal e eu brigamos, penso coisas bem piores sobre ele, e *digo* essas palavras em voz alta.
Ela deu a gargalhada ressonante de novo.
Eu não estava olhando para onde estávamos indo, então levei um susto quando tivemos que ir mais devagar por estarmos bloqueados do carro de Edythe por alguns alunos. Havia um círculo em volta do conversível vermelho de Royal, uma fila dupla e quase toda de meninos. Alguns pareciam quase estar babando. Ninguém da família dela estava ali, e me perguntei se ela tinha pedido para eles darem espaço.
Nenhum dos admiradores do carro olhou quando passei por eles para chegar à porta do carro de Edythe.
— Chamativo — murmurou ela ao passar por mim.
Dei a volta correndo até o lado do passageiro e entrei.
— Que carro é esse?
— Um M3 — disse ela enquanto tentava sair da vaga sem acertar ninguém.
— Eu não falo a língua dos carros.
Ela fez uma manobra cuidadosa para sair.
— É um BMW.
— Tudo bem, isso eu conheço.
Saímos da escola e ficamos só nós dois. A privacidade tinha gosto de liberdade.

Não havia ninguém olhando e nem ouvindo.
— Já é depois? — perguntei.
Ela não deixou de perceber meu tom. E franziu a testa.
— Acho que é.
Fiquei com expressão neutra enquanto esperava que ela explicasse. Ela olhou para a estrada, fingindo que precisava, e eu observei o rosto dela. Algumas expressões diferentes surgiram ali, mas mudaram tão rápido que não consegui interpretar. Eu estava começando a me perguntar se ela ia ignorar minha pergunta quando ela parou o carro. Olhei para a frente, surpreso. Já estávamos na casa de Charlie, parados atrás da minha picape. Concluí que era mais fácil andar com ela quando eu só olhava no final.
Ela estava me olhando quando olhei para ela, parecendo me medir com os olhos.
— E você quer saber por que não pode me ver caçar? — perguntou ela. A voz estava séria, mas a expressão era meio divertida. Nem um pouco como ficou no refeitório antes.
— Quero. E por que você pareceu tão… zangada quando perguntei.
Ela levantou as sobrancelhas.
— Assustei você? — A pergunta pareceu cheia de esperanças.
— Você queria?
Ela inclinou a cabeça para o lado.
— Talvez.
— Tudo bem, então é claro que fiquei apavorado.
Ela sorriu, balançou a cabeça e ficou séria de novo.
— Peço desculpas por ter reagido daquele jeito. Foi a ideia de que você estivesse lá… enquanto nós caçávamos. — Seu maxilar se contraiu.
— Seria ruim?
Ela falou entredentes.
— Extremamente.
— Por quê…?
Ela respirou fundo e olhou pela janela para as nuvens carregadas que rolavam e pareciam pesar, quase ao alcance da mão.
— Quando caçamos — disse ela lentamente, sem nenhuma vontade —, nós nos entregamos aos nossos sentidos… funcionamos menos com a mente. Em especial o olfato. Se você estivesse perto de mim quando eu perdesse o controle desse jeito… — Ela balançou a cabeça, ainda encarando sombriamente as nuvens pesadas.
Mantive a expressão vazia, esperando pelo rápido lampejo em seus olhos que avaliaria minha reação e que veio logo em seguida. Mas sustentamos o olhar e o silêncio se aprofundou, mudou. As ondas de eletricidade que senti naquela tarde

começaram a carregar a atmosfera enquanto ela fitava insistentemente meus olhos. Foi só quando minha cabeça começou a girar que percebi que eu não estava respirando. Quando puxei o ar numa respiração entrecortada, quebrando o silêncio, ela fechou os olhos.
— Beau, acho que devia entrar agora. — Sua voz baixa não estava mais suave, parecia seda áspera agora, e os olhos estavam nas nuvens de novo.
Abri a porta, e a lufada ártica que irrompeu para dentro do carro ajudou a clarear minha mente. Com medo de tropeçar com minha vertigem, saí do carro com cuidado e fechei a porta, sem olhar para trás. O zumbido do vidro elétrico baixando fez com que eu me virasse.
— Ah, Beau — chamou ela. Estava inclinada para a janela aberta com um sorrisinho nos lábios.
— O quê?
— Amanhã é a minha vez.
— Sua vez de quê?
Ela abriu um sorriso largo, os dentes reluzentes faiscando.
— De fazer as perguntas.
E foi embora, o carro veloz pela rua, desaparecendo na esquina antes que eu pudesse organizar os pensamentos. Eu sorri ao andar até em casa. Estava claro que ela pretendia me ver amanhã, no mínimo.
Naquela noite, Edythe apareceu em meus sonhos, como sempre. Mas o clima da minha inconsciência mudara. Fiquei arrepiado com a mesma eletricidade que senti naquela tarde e me virei na cama sem parar, acordando com frequência. Eram as primeiras horas da manhã quando finalmente afundei em um sono exausto e sem sonhos.
Quando meu despertador tocou, eu ainda estava cansado, mas também animado. Depois do banho, me olhei no espelho do banheiro enquanto penteava o cabelo molhado. Eu estava com a mesma aparência de sempre, mas havia alguma coisa diferente. Meu cabelo estava escuro e grosso demais, minha pele, pálida demais, e meus ossos estavam com a mesma forma dentro do corpo, sem terem mudado nada. Meus olhos continuavam azul-claros olhando para mim… mas percebi que eram os culpados. Eu sempre achei que era a cor que os faziam, e, por extensão, todo o meu rosto, parecerem tão inseguros, mas apesar de a cor não ter mudado, a falta de segurança, sim. O garoto que estava me olhando agora estava determinado, seguro de suas ações. Eu me perguntei o que tinha acontecido. Eu achava que tinha um palpite.
O café da manhã foi o de sempre, silencioso, como eu esperava. Charlie fritou ovos para si mesmo; eu comi uma tigela de cereal. Perguntei-me se ele tinha se esquecido do sábado.

— Sobre este sábado… — começou ele, como se pudesse ler meus pensamentos. Eu estava ficando paranoico sobre esse assunto.
— Sim, pai?
Ele atravessou a cozinha e abriu a torneira.
— Ainda está determinado a ir a Seattle?
— O plano era esse. — Fiz uma careta, querendo que ele não tivesse levantado o assunto para eu não ter que compor cuidadosas meias verdades.
Ele espremeu um pouco de detergente no prato e o esfregou com uma esponja.
— E tem certeza de que não pode voltar a tempo para o baile?
— Eu não vou ao baile, pai.
— Ninguém convidou você? — perguntou ele, com os olhos concentrados no prato.
— Não é o tipo de coisa de que eu gosto — lembrei a ele.
— Ah. — Ele franziu a testa enquanto secava o prato.
Eu me perguntei se ele estava com medo de eu ser um pária social. Talvez eu devesse ter contado sobre os convites. Mas isso sairia pela culatra. Ele não ficaria muito feliz se soubesse que recusei todos. Aí, eu teria que contar para ele que havia uma garota… que não me convidou… e eu não queria ter que falar disso.
Isso me fez pensar no baile e em Taylor e no vestido que ela já tinha e na atitude de Logan comigo e toda aquela confusão. Eu não sabia o que devia fazer. Em qualquer universo, eu não ia ao baile. Em um universo em que Edythe Cullen existia, eu não me interessaria por nenhuma outra garota. Não era justo seguir de acordo com os planos de Taylor se meu coração não queria isso. O problema era decidir como…
Charlie então saiu, com um aceno de despedida, e eu subi para escovar os dentes e pegar meus livros. Quando ouvi a radiopatrulha arrancar, só precisei esperar alguns segundos para olhar por minha janela. O carro prata já estava ali, esperando na vaga de Charlie, na entrada de carros. Desci a escada três degraus de cada vez e saí pela porta da frente, perguntando-me quanto tempo mais duraria essa rotina estranha. Eu não queria que tivesse um fim.
Ela estava esperando no carro e não pareceu ver quando fechei a porta sem me incomodar em passar a chave. Andei até o carro e hesitei por um segundo, antes de abrir a porta e entrar. Ela estava sorrindo, relaxada — e, como sempre, tão perfeita que chegava a doer.
— Bom dia. Como está hoje? — Seus olhos vagaram por meu rosto, como se a pergunta fosse algo mais do que mera cortesia.
— Bem, obrigado. — Eu estava sempre bem, muito mais do que bem, quando estava perto dela.

Seu olhar se demorou nas minhas olheiras.
— Parece cansado.
— Não consegui dormir — admiti.
Ela riu.
— Nem eu.
O motor ganhou vida. Eu estava me acostumando com o som. O rugido de minha picape provavelmente me assustaria quando eu voltasse a dirigi-la.
— Acho que tem razão — falei. — Devo ter dormido mais do que você.
— Posso apostar que dormiu.
— E o que você fez na noite passada?
Ela riu.
— Sem chances. É meu dia de fazer perguntas.
— Ah, é verdade. — Eu franzi a testa. Não conseguia imaginar nada sobre mim que pudesse ser de algum interesse para ela. — O que quer saber?
— Qual é a sua cor preferida? — perguntou ela, a cara séria.
Eu dei de ombros.
— Vive mudando.
— Qual é a de hoje?
— Hã, acho que… dourado.
— Tem alguma coisa material por trás da sua escolha ou é aleatória?
Limpei a garganta, sem jeito.
— É a cor dos seus olhos hoje. Se você me perguntasse em uma semana, eu provavelmente diria preto.
Ela me olhou de um jeito que não entendi, mas, antes que eu pudesse perguntar, ela seguiu para a próxima pergunta.
— Que música está em seu CD player agora?
Precisei pensar por um segundo, mas lembrei que a última coisa que ouvi foi o CD que Phil me dera. Quando disse o nome da banda, ela deu um sorriso e abriu um compartimento sob o CD player do carro. Tirou um das dezenas de CDs enfiados no pequeno espaço e passou a mim. Era o mesmo CD.
— De Debussy a isto? — perguntou ela, erguendo uma sobrancelha.
Continuou assim pelo resto do dia. Enquanto caminhávamos de uma aula para a outra e durante a hora do almoço, ela me fez perguntas sem parar. Queria saber cada detalhe insignificante da minha existência. Os filmes de que gostei e os que odiei, os poucos lugares em que estive e os muitos lugares aonde queria ir, e livros — muitas perguntas sobre livros.
Não conseguia me lembrar da última vez que falei tanto. Fiquei sem graça o tempo todo, certo de que só podia estar sendo entediante. Mas ela sempre parecia ansiosa enquanto esperava minhas respostas, sempre tinha uma pergunta

seguinte e sempre queria mais. Portanto, deixei a psicanálise seguir em frente, pois parecia importante para ela.
Quando o primeiro sinal tocou, dei um suspiro profundo. Estava na hora.
— Tem uma pergunta que você ainda não fez.
— Mais do que uma, na verdade, mas de que pergunta específica você está falando?
— A coisa mais constrangedora que já fiz.
Ela sorriu.
— É uma história espetacular?
— Ainda não sei. Conto em cinco minutos.
Eu me afastei da mesa. Os olhos dela cintilavam de curiosidade.
Na minha mesa de sempre, meus amigos estavam se levantando. Eu andei até eles.
Pontos vermelhos surgiram nas minhas bochechas, mas não tinha problema. Eu tinha que parecer envolvido. Ao menos, o cara bonitão da novela melodramática que minha mãe via religiosamente sempre parecia agitado quando fazia essa cena. Graças a ele, eu ao menos tinha um contorno geral para o meu roteiro, incrementado por uma coisa que pensei uma vez sobre Edythe; eu queria que tudo fosse lisonjeiro.
Jeremy reparou em mim primeiro, e seus olhos estavam especulativos. Avaliou meu rosto vermelho, depois Edythe. E olhou para mim de novo.
— Taylor, posso falar com você? — pedi enquanto andava até ela. Eu não falei baixo.
Ela estava no meio de todo mundo. Logan se virou para olhar para mim de cara feia com os olhos verdes e frios.
— Claro, Beau — disse Taylor, parecendo confusa.
— Olhe — falei —, não posso mais fazer isso.
Todo mundo ficou em silêncio. Jeremy olhou ao redor. Allen pareceu constrangida. McKayla me lançou um olhar crítico, como se não conseguisse acreditar que eu estava fazendo daquele jeito. Mas ela não sabia exatamente o que eu estava fazendo, nem por que precisava daquela plateia.
Taylor estava chocada.
— O quê?
Eu fiz cara feia. Era fácil; eu estava com raiva no momento por não ter me convencido de não fazer aquilo ou por não ter pensado em um jeito melhor. Mas era tarde demais para improvisar agora.
— Estou cansado de ser peão do seu jogo, Taylor. Sabia que tenho sentimentos? E a única coisa que posso fazer é olhar enquanto você me usa para deixar outra pessoa com ciúmes. — Meus olhos se viraram rapidamente para Logan, cuja

boca estava boquiaberta, e para Taylor de novo. — Você não liga se parte meu coração. Foi a beleza que tornou você tão cruel?
Taylor estava com os olhos arregalados e a boca aberta em um pequeno O.
— Não vou mais brincar. Sabe a palhaçada toda do baile? Estou fora. Vá com a pessoa com quem quer realmente ir.
Lancei um olhar mais longo para Logan agora.
Saí andando e bati a porta do refeitório de um jeito que esperava ter sido dramático.
Isso jamais seria esquecido.
Mas, pelo menos, eu estava livre. Provavelmente valeria a pena.
De repente, Edythe estava ao meu lado, acompanhando o passo como se estivéssemos andando juntos o tempo todo.
— Aquilo foi espetacular — disse ela.
Eu respirei fundo.
— Talvez um pouco exagerado. Deu certo?
— Perfeitamente. Taylor está se sentindo a *femme fatale* e nem sabe por quê. Se Logan não a convidar para o baile até segunda, vou ficar surpresa.
— Que bom — grunhi.
— Agora, voltando a você…
Edythe continuou com o interrogatório até estarmos na aula de biologia e a Sra. Banner entrar na sala, arrastando de novo o rack audiovisual. Quando terminou a preparação e se virou para o interruptor de luz, percebi que Edythe deslizou a cadeira um pouco para longe de mim. Isso não ajudou. Assim que a sala ficou escura, houve a mesma tensão elétrica, o mesmo desejo impaciente de estender a mão pelo curto espaço e tocar sua pele fria e macia.
Parecia uma coceira que ia ficando mais e mais intensa. Eu não conseguia prestar atenção a mais nada. Eu torcia para o filme exibido não estar nas provas finais.
Depois de um tempo, talvez quinze minutos (ou talvez fossem só dois, mas a sensação era de mais tempo por causa da eletricidade), eu mexi a cadeira e me inclinei lentamente para o lado até meu braço estar tocando no ombro dela. Ela não se afastou.
Achei que o pequeno contato ajudaria, que acabaria com a *vontade* irritante, mas deu errado. O pequeno frisson de eletricidade ficou mais forte, virou raios maiores. De repente, fiquei doido para botar o braço ao redor dela, puxá-la para o meu lado e abraçá-la. Eu queria passar os dedos pelo cabelo dela, enfiar o rosto ali. Queria acompanhar o contorno dos lábios, a linha do maxilar, o pescoço…
Nada apropriado para uma sala cheia de gente.
Inclinei-me para a frente, cruzei os braços sobre a mesa e me segurei na beirada

com os dedos escondidos, tentando me segurar no lugar. Não olhei para ela, com medo de que, se ela estivesse olhando para mim, fosse muito mais difícil manter o autocontrole. Tentei ver o filme, mas as manchas coloridas não se definiam em forma de imagens coerentes.

Suspirei de alívio de novo quando a Sra. Banner acendeu as luzes e eu finalmente olhei para Edythe; ela estava me olhando com olhos ambivalentes.

Como ontem, fomos para o ginásio em silêncio. E, também como ontem, ela tocou meu rosto sem dizer nada, dessa vez com as costas da mão fria, da têmpora até o queixo, antes de se virar e se afastar.

A aula de educação física passou rapidamente. Para poupar tempo, a treinadora Clapp nos mandou ficar com os mesmos parceiros, então McKayla foi obrigada a ser minha companheira de time de novo. Assisti ao show de badminton solitário dela sem participar, para a segurança de nós dois. Ela não falou comigo, mas eu não sabia se foi por causa da cena no refeitório, da nossa confusão de ontem ou porque minha expressão estava tão vazia. Em algum lugar, em um canto da minha mente, eu me senti mal por isso. Mas não consegui me concentrar nela tanto quanto não consegui entender o filme de biologia.

Tive a mesma sensação de harmonia quando passei pela porta do ginásio e vi Edythe na sombra. Tudo estava certo no meu mundo. Um sorriso largo se espalhou automaticamente por meu rosto. Ela reagiu com um sorriso antes de se atirar a outro interrogatório.

Mas agora suas perguntas foram diferentes, não eram de resposta tão fácil. Ela queria saber do que eu sentia falta em minha cidade, insistindo nas descrições de qualquer coisa que não conhecesse. Ficamos sentados em frente à casa de Charlie por horas, à medida que o céu escurecia e a chuva descia em volta de nós num dilúvio repentino.

Tentei descrever coisas impossíveis, como o cheiro de creosoto — amargo, meio resinoso, mas ainda agradável —, o som alto e agudo das cigarras em julho, as árvores murchas e secas, o céu enorme, estendendo-se azul-esbranquiçado de um canto a outro do horizonte. A coisa mais difícil de explicar era por que aquilo era tão bonito para mim — justificar a beleza que não dependia da vegetação esparsa e espinhosa que sempre parecia meio morta, uma beleza que tinha mais a ver com o formato exposto da terra, com as bacias rasas de vales entre as colinas escarpadas e o modo como resistiam ao sol. Eu me vi usando as mãos ao tentar descrever isso para ela.

Suas perguntas em voz baixa me mantiveram falando livremente, esquecendo-me de ficar constrangido por monopolizar a conversa. Por fim, quando tinha terminado de detalhar meu quarto abarrotado em casa, ela parou em vez de responder com outra pergunta.

— Terminou? — perguntei com alívio.
— Nem cheguei perto… mas seu pai vai chegar logo.
— Que horas são? — perguntei em voz alta ao olhar o relógio. Fiquei surpreso ao ver a hora.
— É a hora do crepúsculo — murmurou Edythe, olhando o horizonte a oeste, obscurecido pelas nuvens. Sua voz estava pensativa, como se sua mente estivesse em um lugar distante. Olhei para ela enquanto ela fitava sem ver pelo para-brisa.
Eu ainda a estava encarando quando seus olhos de repente se voltaram para os meus.
— É a hora do dia mais segura para nós — disse ela, respondendo à pergunta em meus olhos. — A hora mais fácil. Mas também a mais triste, de certa forma… O fim de outro dia, a volta da noite. A escuridão é tão previsível, não acha? — Ela deu um sorriso tristonho.
— Eu *gosto* da noite. Sem o escuro, nunca veríamos as estrelas. — Franzi a testa. — Não que a gente veja muitas por aqui.
Ela riu, e o clima ficou mais leve de repente.
— Charlie chegará daqui a alguns minutos. Então, a não ser que queira dizer a ele que vai sair comigo no sábado… — Ela me olhou com esperança.
— Ah, não, obrigado. — Peguei meus livros, percebendo que estava duro de ficar sentado por tanto tempo. — Então amanhã é a minha vez?
— Claro que não! — Ela fingiu estar ultrajada. — Não falei que não tinha acabado?
— O que mais pode haver?
Ela mostrou as covinhas.
— Você vai descobrir amanhã.
Fiquei olhando para ela, meio atordoado, como sempre.
Eu sempre achei que não tinha um tipo meu; o pessoal de Phoenix todo tinha preferências: um gostava de louras e outro só ligava para pernas, e um exigia garotas de olhos azuis. Eu achava que era menos seletivo; uma garota bonita era uma garota bonita. Mas percebi agora que eu devia ser o mais difícil de agradar. Aparentemente, meu tipo era extremamente específico, eu só não sabia. Eu não sabia que minha cor favorita de cabelo era aquele tom metálico de bronze porque nunca o tinha visto antes. Não sabia que estava procurando olhos da cor de mel, porque também nunca tinha visto. Eu não sabia que os lábios de uma garota tinham que fazer uma curva assim e que as maçãs do rosto tinham que ser altas sob uma fileira longa de cílios pretos. O tempo todo, só havia uma forma, um rosto que mexia comigo.
Como um idiota, esquecendo os avisos, estiquei a mão para o rosto dela e me

inclinei.
Ela se encolheu.
— Descul… — comecei a dizer quando baixei a mão.
Mas ela virou a cabeça para a frente e olhou para a chuva de novo.
— Ah, não — disse ela.
— Que foi?
O maxilar estava contraído, as sobrancelhas baixadas em uma linha sobre os olhos. Ela olhou para mim por um breve segundo.
— Outra complicação — disse, mal-humorada.
Ela se inclinou na minha frente e abriu a porta num movimento rápido (a proximidade deixou meu coração disparado em um galope irregular) e depois se afastou de mim, quase encolhida.
Faróis brilharam na chuva. Ergui o rosto esperando ver Charlie e ter que dar um monte de explicações, mas era um sedã escuro que não reconheci.
— Vá logo — disse ela.
Ela estava olhando pelo temporal para o outro veículo.
Saltei para fora rapidamente, apesar de não entender. A chuva bateu no meu rosto e eu puxei o capuz.
Tentei identificar as formas no banco da frente do outro carro, mas estava escuro demais. Pude ver Edythe iluminada pelo brilho dos faróis do novo carro; ainda olhava à frente, seu olhar preso em alguma coisa ou alguém que eu não conseguia ver. Sua expressão era uma mistura estranha de frustração e desafio.
Ela acelerou o motor, e os pneus cantaram no asfalto molhado. O Volvo sumiu de vista em segundos.
— Ei, Beau — gritou uma voz conhecida e rouca do lado do motorista no carro preto.
— Jules? — perguntei, semicerrando os olhos com a chuva. Nesse exato momento, a radiopatrulha de Charlie virou a esquina, os faróis iluminando os ocupantes do carro diante de mim.
Jules já estava saindo, o sorriso largo visível apesar da escuridão. No banco do carona havia uma mulher muito mais velha, uma figura imponente com um rosto incomum, severo e estoico, com rugas que percorriam a pele curtida como uma jaqueta velha de couro. E os olhos eram surpreendentemente familiares, fundos sob sobrancelhas pesadas, olhos pretos que pareciam ao mesmo tempo jovens e antigos demais para combinar com o rosto. A mãe de Jules, Bonnie Black. Eu a reconheci de imediato, embora, nos mais de cinco anos em que não a via, tivesse esquecido seu nome quando Charlie falou dela em meu primeiro dia aqui. Ela me encarava, analisando meu rosto, então eu sorri, inseguro. Percebi mais um pouco, seus olhos estavam arregalados, como se de choque ou medo e as narinas

se dilataram. Meu sorriso esmaeceu.
Outra complicação, dissera Edythe.
Bonnie ainda me fitava com olhos intensos e angustiados. Teria Bonnie reconhecido Edythe com tanta facilidade? Ela realmente podia acreditar nas lendas impossíveis que a filha ridicularizava?
A resposta estava cl**ara nos olhos de Bonnie. Sim. Sim, ela acreditava.**

12. OSCILANDO

— BONNIE! — GRITOU CHARLIE assim que saiu do carro.
Eu me virei para a casa, acenando para Jules ir comigo enquanto corria para a varanda. Ouvi Charlie cumprimentá-la ruidosamente atrás de mim.
— Vou fingir que não a vi ao volante, mocinha.
— Conseguimos a habilitação mais cedo na reserva — disse Jules enquanto eu destrancava a porta e acendia a luz da varanda.
Charlie riu.
— Sei, claro.
— Eu tenho que me locomover de algum jeito. — Reconheci com facilidade a voz ressoante de Bonnie, apesar dos anos. O som fez com que de repente eu me sentisse mais novo, uma criança.
Entrei, deixando a porta aberta e acendendo as luzes antes de pendurar o casaco. Depois, fiquei parado à porta, olhando ansiosamente enquanto Charlie e Jules ajudavam Bonnie a sair do carro e sentar em sua cadeira de rodas.
Saí do caminho quando os três entraram às pressas, sacudindo a água da chuva.
— Que surpresa — disse Charlie.
— Faz muito tempo — respondeu Bonnie. — Espero que não seja uma hora ruim. — Seus olhos escuros lampejaram para mim de novo, a expressão indecifrável.
— Não, está ótimo. Espero que possa ficar para o jogo.
Jules sorriu.
— A ideia é essa. Nossa TV quebrou na semana passada.
Bonnie fez uma careta para a filha.
— E é claro que Jules estava ansiosa para ver Beau novamente — acrescentou ela. Jules também fez uma careta para a mãe.
— Estão com fome? — perguntei, virando-me para a cozinha. O olhar perscrutador de Bonnie me deixou pouco à vontade.
— Não, comemos antes de vir para cá — respondeu Jules.
— E você, Charlie? — gritei por sobre o ombro enquanto fugia para o outro aposento.
— Claro — respondeu ele, a voz na direção da sala e da TV. Consegui ouvir a cadeira de Bonnie o seguindo.
Os queijos-quentes já estavam na frigideira e eu estava cortando um tomate quando senti alguém atrás de mim.
— E aí, como vão as coisas? — perguntou Jules.
— Muito bem. — Eu sorri. Era difícil resistir ao entusiasmo dela. — E você?

Terminou seu carro?
— Não. — Ela franziu a testa. — Ainda preciso de peças. Pegamos esse emprestado. — Ele apontou com o polegar na direção do jardim.
— Lamento. Não vi nenhum… O que estava procurando mesmo?
— Um cilindro mestre. — Ela sorriu. — Alguma coisa errada com a picape? — perguntou ela de repente.
— Não.
— Ah. Eu estranhei porque você não a estava dirigindo.
Olhei para a frigideira e levantei a beirada de um sanduíche para verificar o lado de baixo.
— Peguei carona com uma amiga.
— Carona, legal. — A voz de Jules era de admiração. — Mas não reconheci a motorista. Pensei que eu conhecesse a maior parte do pessoal daqui.
Assenti, sem querer me comprometer, mantendo os olhos baixos ao virar os sanduíches.
— Minha mãe parecia conhecê-la de algum lugar.
— Jules, pode me passar uns pratos? Estão no armário em cima da pia.
— Claro.
Ela pegou os pratos em silêncio. Eu esperava que desistisse do assunto.
— E aí, quem era? — perguntou ela, colocando dois pratos na bancada ao meu lado.
Suspirei, derrotado.
— Edythe Cullen.
Para minha surpresa, ela riu. Olhei para ela. Jules parecia meio constrangida.
— Acho que isso explica, então — disse ela. — Estava me perguntando por que minha mãe agiu de um jeito tão estranho.
Fingi uma expressão inocente.
— É verdade. Ela não gosta dos Cullen.
— Velha supersticiosa — murmurou Jules.
— Você acha que ela vai dizer alguma coisa a Charlie? — Não consegui deixar de perguntar, as palavras saíram num fluxo baixo.
Jules olhou para mim por um momento, e não consegui interpretar a expressão em seus olhos escuros.
— Duvido — respondeu, por fim. — Acho que o Charlie lhe passou um belo sermão da última vez. Eles não se falaram muito desde então. Hoje é meio que um reencontro, pelo que sei. Não acredito que ela vá levantar o assunto novamente.
— Ah — eu disse, tentando parecer indiferente.
Fiquei na sala depois de levar a comida para Charlie, fingindo ver o jogo

enquanto conversava distraidamente com Jules. Na verdade, eu ouvia a conversa dos adultos, procurando qualquer sinal de que Bonnie ia me entregar, tentando pensar em maneiras de impedi-la se ela começasse.
Foi uma longa noite. Eu tinha um monte de dever de casa atrasado, mas tinha medo de deixar Bonnie sozinha com Charlie. Por fim, o jogo terminou.
— Você e seus amigos vão voltar à praia logo? — perguntou Jules enquanto empurrava a mãe pela soleira da porta.
— Hã, não sei — falei, tentando desconversar.
— Foi divertido, Charlie — disse Bonnie.
— Venha para o próximo jogo — encorajou Charlie.
— Claro, claro — respondeu Bonnie. — Nós viremos. Boa noite para vocês. — Seus olhos voltaram-se para os meus e seu sorriso desapareceu. — Cuide-se, Beau — acrescentou, seriamente.
— Obrigado — murmurei, desviando os olhos.
Fui para a escada enquanto Charlie acenava da porta.
— Espere, Beau — disse ele.
Eu me encolhi. Será que Bonnie conseguira de algum jeito falar antes que eu me juntasse a eles na sala?
Mas Charlie estava relaxado, ainda sorrindo por causa da visita inesperada.
— Não tive a chance de conversar com você esta noite. Como foi seu dia?
— Foi bom. — Hesitei com um pé no primeiro degrau, procurando detalhes que pudesse partilhar com segurança. — Meu time de badminton venceu todos os jogos.
— Uau, eu não sabia que você jogava badminton.
— Bom, na verdade, não jogo, mas minha parceira é muito boa — admiti.
— Quem é ela? — perguntou Charlie, demonstrando interesse.
— Hã… McKayla Newton.
— Ah, é, você disse que era amiga da garota dos Newton. — Ele se animou. — Boa família. — Ele refletiu por um minuto. — Ela não quis ir com você ao baile no fim de semana?
— Pai! — resmunguei. — Ela está namorando meu amigo Jeremy. Além disso, você sabe que não sei dançar.
— Ah, sim — murmurou ele. Depois, sorriu para mim, desculpando-se. — Então acho que é bom que esteja fora no sábado… Marquei de pescar com os rapazes da delegacia. O clima deve estar bem quente. Mas, se quiser adiar a viagem até que alguém possa ir com você, eu fico em casa. Sei que deixo você muito sozinho aqui.
— Pai, você está se saindo muito bem — falei, torcendo para que meu alívio não transparecesse. — Nunca me importei de ficar sozinho. Sou muito parecido com

você. — Sorri para ele, que também abriu um sorriso cheio de pés de galinha.

***

Naquela noite dormi melhor, cansado demais para sonhar de novo. Quando acordei na manhã cinza-pérola, estava quase eufórico de tão otimista que era meu estado de espírito. A noite tensa com Bonnie e Jules parecia bem inofensiva; decidi me esquecer completamente dela. Eu me peguei assoviando enquanto passava um pente pelo cabelo e de novo ao descer a escada aos saltos. Charlie percebeu.
— Está animado esta manhã — comentou ele no café.
Dei de ombros.
— É sexta-feira.
Corri para ficar pronto para sair logo depois de Charlie. Minha mochila estava preparada, os sapatos, calçados, os dentes, escovados, mas embora eu tivesse corrido para a porta assim que me certifiquei de que Charlie estava fora de vista, Edythe foi mais rápida. Ela estava esperando com as janelas abertas e o motor desligado.
Dessa vez, não hesitei ao me sentar no banco do carona. Ela sorriu e mostrou as covinhas, e meu coração teve aquele miniataque cardíaco. Não consegui imaginar nada mais bonito: anjo, deusa ou anjo. Não havia nada nela que pudesse ser melhorado.
— Como você dormiu? — perguntou ela. Imaginei se ela tinha alguma ideia de como sua voz era irresistível e se ela falava assim de propósito.
— Bem. Como foi sua noite?
— Agradável.
— Posso perguntar o que você fez?
— Não. — Ela sorriu. — Ainda é a *minha* vez.
Ela hoje queria saber das pessoas: mais sobre minha mãe, seus passatempos, o que fazíamos juntos em nosso tempo livre. E depois sobre a única avó que conheci, meus poucos amigos da escola, e fiquei vermelho quando perguntou sobre as meninas que namorei. Fiquei aliviado de não ter namorado sério ninguém, então essa conversa específica não podia durar muito. Ela ficou surpresa com minha falta de história romântica.
— Então nunca conheceu ninguém que quisesse? — perguntou ela, num tom sério que me fez indagar o que ela estava pensando.
— Não em Phoenix.
Seus lábios se comprimiram num traço fino.
A essa altura, estávamos no refeitório. O dia voou, num padrão que estava

rapidamente se tornando rotina. Aproveitei a breve pausa para dar uma mordida no meu sanduíche.
— Eu devia ter deixado você vir de carro hoje — disse ela de repente.
Eu engoli.
— Por quê?
— Vou embora com Archie depois do almoço.
— Ah. — Pisquei com decepção. — Está tudo bem, não é uma caminhada tão longa.
Ela franziu o cenho para mim com impaciência.
— Não vou deixar você ir a pé para casa. Vamos lá pegar sua picape e deixar aqui para você.
— Não trouxe a chave. — Eu suspirei. — Não me importo mesmo de ir andando. — O que me importava era não ter meu tempo com ela.
Ela balançou a cabeça.
— Seu carro estará aqui e a chave estará na ignição, a não ser que tenha medo de que alguém possa roubar. — Ela riu da ideia.
— Tudo bem — concordei.
Eu tinha certeza absoluta de que a chave estava no bolso de uma calça jeans que usei na quarta-feira, debaixo de uma pilha no cesto de roupa suja. Mesmo que ela invadisse minha casa, ou o que quer que estivesse planejando, nunca a encontraria. Ela pareceu sentir o desafio em meu consentimento. E sorriu com malícia e um excesso de confiança.
— E aí, aonde vocês vão? — perguntei com a maior despreocupação que pude.
— Caçar — respondeu ela, sombriamente. — Se vou ficar sozinha com você amanhã, preciso tomar todas as precauções. — Seu rosto ficou triste… e suplicante. — Sabe que pode cancelar a hora que quiser.
Olhei para baixo, com medo do poder persuasivo de seus olhos. Eu me recusava a ser convencido a dispensar nosso dia juntos, mesmo que o perigo fosse real. *Não importa*, repeti em minha cabeça.
— Não — sussurrei, olhando novamente seu rosto. — Não posso.
— Talvez tenha razão — murmurou ela. Seus olhos pareceram escurecer enquanto eu olhava.
Mudei de assunto.
— A que horas amanhã? — perguntei, já deprimido com a ideia de que ela fosse embora agora.
— Isso depende… É sábado, não quer dormir mais um pouco? — propôs ela.
— Não — respondi, rápido demais, o que a fez sorrir.
— A mesma hora de sempre, então?
Eu assenti.

— Onde devo pegar você?
— Eu vou passar na sua casa, também como sempre.
— Hã, não ajudaria na situação com Charlie se um Volvo inexplicável ficasse parado na porta de casa.
O sorriso dela estava superior gora.
— Eu não pretendia ir de carro.
— Como…?
Ela me interrompeu.
— Não se preocupe. Vou estar lá sem carro. Não há chance de Charlie ver nada fora do normal. — A voz dela ficou dura. — E aí, se você não voltar para casa, o mistério vai ser completo, não vai?
— Acho que vai — respondi, dando de ombros. — Talvez apareça no noticiário e tudo.
Ela fechou a cara para mim e eu a ignorei e comi mais um pouco do meu almoço.
Quando o rosto dela relaxou, mesmo que ela não parecesse feliz, eu perguntei:
— O que vocês vão caçar hoje?
— O que encontrarmos no parque. Não vamos muito longe. — Ela olhou para mim, meio frustrada e achando um pouco de graça por minha referência casual à vida incomum dela.
— Por que você vai com Archie? Você não disse que ele estava sendo irritante?
Ela franziu a testa.
— Ele ainda é o mais… favorável.
— E os outros? — perguntei, com hesitação, sem ter certeza de que queria saber.
— São o quê?
Sua testa se enrugou.
— Incrédulos, na maior parte do tempo.
Olhei na direção deles. Estavam olhando em direções diferentes, exatamente como na primeira vez que os vi. Só que agora eram quatro; a irmã perfeita de cabelo cor de bronze era minha, ao menos naquela hora.
— Eles não gostam de mim — conjecturei.
— Não é isso — discordou ela, mas seus olhos estavam inocentes demais. — Eles não entendem por que não posso deixar você sozinho.
Eu franzi a testa.
— Nem eu.
Ela sorriu.
— Você não é como ninguém que eu conheça. Você me fascina.
Parte de mim teve certeza de que ela estava zombando de mim, a parte que não conseguia fugir do fato de que eu era a pessoa mais entediante que eu conhecia.

— Não consigo entender isso — falei.
— Com as vantagens que tenho — murmurou ela, tocando a testa com o dedo —, tenho uma apreensão da natureza humana maior do que a média. As pessoas são previsíveis. Mas você… você nunca faz o que espero. Sempre me pega de surpresa.
Virei a cara, e olhei na direção de sempre, para o canto dos fundos do refeitório, onde a família dela se sentava. Suas palavras fizeram com que eu me sentisse um experimento científico. Eu queria rir de mim mesmo por esperar outra coisa.
— Essa parte é bem fácil de explicar. — Senti seu olhar em meu rosto, mas ainda não consegui encará-la. Eu tinha certeza de que ela veria o autodesprezo em meus olhos. — Só que tem mais — prosseguiu ela —, e não é tão fácil de colocar em palavras…
Eu ainda olhava distraidamente os Cullen enquanto ela falava. De repente, Royal se virou para me olhar. Não olhar, encarar, com os olhos escuros e frios. Eu queria virar a cara, mas fiquei paralisado por conta do antagonismo aberto até Edythe interromper sua frase no meio e soltar um barulho de raiva baixinho, quase um sibilar.
Royal virou a cabeça, e fiquei aliviado por estar livre. Olhei novamente para Edythe, de olhos arregalados.
— Aquilo era aversão — murmurei.
A expressão dela era de sofrimento.
— Desculpe por isso. Ele só está preocupado. Entenda… não é perigoso só para mim se, depois de passar tanto tempo com você tão publicamente… — Ela olhou para baixo.
— Se?
— Se isto terminar… mal.
Ela apoiou a cabeça nas mãos, claramente sofrendo. Senti vontade de reconfortá-la, de dizer que nada de ruim aconteceria a ela, mas não sabia que palavras usar. Automaticamente, estiquei a mão para tocar o cotovelo dela, que estava usando só uma camiseta de manga comprida. Na mesma hora o frio passou para a minha mão. Ela não se mexeu, e, enquanto eu estava ali parado, comecei a perceber que o que ela disse deveria me dar medo. Esperei que o medo viesse, mas só o que senti foi mágoa pela dor dela.
Ela ainda estava com a cabeça apoiada entre as mãos.
Tentei falar num tom de voz normal.
— E você tem que ir embora agora?
— Tenho. — Ela baixou as mãos. Fiquei com a minha no antebraço dela. Ela olhou para o ponto onde nos tocávamos e suspirou. De repente, seu humor mudou e ela sorriu. — Deve ser melhor assim. Ainda teremos que aguentar

quinze minutos daquele filme horrível na aula de biologia. Acho que não suporto mais.
Dei um pulo e puxei a mão. Archie, mais alto do que pensei, o cabelo só uma sombra no couro cabeludo, os olhos escuros como tinta, apareceu de repente atrás do ombro de Edythe.
Edythe o cumprimentou sem tirar os olhos de mim.
— Archie.
— Edythe — respondeu ele, imitando-a com um tom de deboche. A voz dela era um tenor suave, aveludada como a dela.
— Archie, Beau. Beau, Archie. — Ela nos apresentou, um sorriso torto na cara.
— Oi, Beau. — Seus olhos brilharam como diamantes negros, mas o sorriso era simpático. — Que bom finalmente conhecer você. — Com uma leve ênfase no *finalmente*.
Edythe disparou um olhar sombrio para ele.
Não foi difícil acreditar que Archie era um vampiro. A sessenta centímetros de mim. Com olhos escuros e famintos. Senti uma gota de suor escorrer pela minha nuca.
— Ah, oi, Archie.
— Está pronta? — perguntou ele.
A voz dela estava fria.
— Quase. Encontro você no carro.
Ele saiu sem dizer mais nada; seu andar era tão fluido, tão sinuoso, que pensei em dançarinos de novo, embora não fosse tão humano assim.
Engoli em seco.
— Devo dizer “divirtam-se” ou é o sentimento errado?
— “Divirtam-se” serve tão bem quanto qualquer outra coisa. — Ela sorriu.
— Então, divirtam-se. — Tentei parecer animado, mas é claro que não a enganei.
— Vou tentar. E você, fique bem, por favor.
Eu suspirei.
— Ficar bem em Forks, que desafio.
O maxilar dela se contraiu.
— Para você, *é* um desafio. Prometa.
— Prometo tentar ficar bem — recitei. — Eu pretendia lavar roupa… ou é uma tarefa perigosa demais? Eu posso cair dentro da máquina, sei lá.
Ela apertou os olhos.
— Tudo bem, tudo bem. Vou me esforçar.
Ela se levantou, e eu também.
— A gente se vê amanhã. — Eu suspirei.
Ela deu um sorriso melancólico.

— Parece muito tempo para você, não é?
Eu assenti mal-humorado.
— Estarei lá de manhã — prometeu ela, e andou até o meu lado, tocou de leve nas costas da minha mão e se virou para ir embora. Fiquei olhando até ela desaparecer.
Eu não queria mesmo ir à aula e pensei em ser saudável e matar, mas decidi que seria irresponsabilidade. Eu sabia que, se desaparecesse agora, McKayla e os outros iam concluir que fui com Edythe. E Edythe estava preocupada com o tempo que passamos juntos publicamente… se as coisas dessem errado. Eu me recusei a pensar no que isso podia querer dizer e no quanto seria doloroso. Só pensei nas formas pelas quais podia tornar as coisas mais seguras para ela. O que queria dizer ir à aula.
Eu tinha certeza — e achava que ela também — que o dia seguinte mudaria tudo para nós. Ela e eu… se íamos ficar juntos, tínhamos que enfrentar isso. Não podíamos ficar tentando nos equilibrar na beirada precária desse "quase juntos". Cairíamos para um lado ou para o outro, e tudo dependia dela. Eu queria mergulhar de cabeça, antes mesmo que tivesse escolhido conscientemente, e estava determinado a ir até o fim. Porque não havia nada mais apavorante para mim, mais excruciante, do que a ideia de nunca mais vê-la.
Não tê-la ao meu lado na aula de biologia não ajudou muito minha concentração. A tensão e a eletricidade não estavam presentes, mas minha mente estava mergulhada demais no dia seguinte para eu prestar atenção.
Na educação física, McKayla pareceu ter me perdoado. Disse que esperava que eu me divertisse em Seattle. Expliquei cuidadosamente que tinha cancelado a viagem por problemas na picape.
Ela ficou mal-humorada de repente de novo.
— Vai levar Edythe ao baile?
— Não. Eu falei que não vou ao baile.
— O que vai fazer então?
Menti, alegremente.
— Lavar roupa, e depois tenho que estudar para a prova de trigonometria, senão vou tomar bomba.
Ela franziu a testa.
— Edythe vai ajudar você a "estudar"?
Consegui ouvir as aspas que ela colocou na última palavra.
— Quem dera — falei, sorrindo. — Ela é muito mais inteligente que eu. Mas foi passar o fim de semana fora com o irmão. — Era engraçado como as mentiras estavam vindo com mais naturalidade do que de costume. Talvez porque eu estivesse mentindo por outra pessoa, não por mim.

McKayla se animou.
— Ah. Sabe de uma coisa, você ainda pode ir ao baile com nosso grupo. Seria legal. Vamos todos dançar com você — prometeu ela.
A imagem mental da cara de Jeremy deixou meu tom mais cortante do que o necessário.
— Eu não vou ao baile, McKayla, está bem?
— Tudo bem — disse ela com rispidez. — Foi só uma proposta.
Quando a aula de educação física terminou, fui para o estacionamento sem entusiasmo nenhum. Não queria ir para casa a pé na chuva, só que também não conseguia imaginar como Edythe teria pegado minha picape. Mas havia alguma coisa impossível para ela?
E ali estava, na mesma vaga em que ela estacionara o Volvo de manhã. Balancei a cabeça, incrédulo, enquanto abria a porta e via a chave na ignição.
Havia uma folha de papel branco dobrada no banco. Eu a peguei e fechei a porta antes de ler. Duas palavras estavam escritas em sua caligrafia elegante.
Tome cuidado.
O rugido da picape me assustou, e eu ri de mim mesmo.
Quando cheguei em casa, a porta estava trancada, o cadeado, aberto, como eu deixara pela manhã. Lá dentro, fui direto para a lavanderia. Estava exatamente como eu a deixara também. Procurei minha calça jeans e, depois de encontrá-la, verifiquei os bolsos. Vazios. Talvez afinal eu tivesse pendurado a chave, pensei, balançando a cabeça.
Charlie estava distraído no jantar, preocupado com alguma coisa do trabalho, imaginei, ou talvez com um jogo de basquete, ou talvez só estivesse curtindo a lasanha. Era difícil adivinhar com Charlie.
— Sabe de uma coisa, pai… — comecei, interrompendo seus devaneios.
— Que foi, Beau?
— Acho que tem razão sobre Seattle. Acho que vou esperar até que Jeremy ou outra pessoa possa ir comigo.
— Ah — disse ele, surpreso. — Ah, tudo bem. Então, quer que eu fique em casa?
— Não, pai, não mude seus planos. Tenho umas cem coisas para fazer… dever de casa, lavar a roupa… Preciso ir à biblioteca e ao mercado. Vou entrar e sair o dia todo… Vá e divirta-se.
— Tem certeza?
— Absoluta, pai. Além disso, o freezer está ficando perigosamente sem peixe. Estamos com quantidade pra só dois ou três anos.
Ele sorriu.
— É fácil conviver com você, Beau.

— Posso dizer o mesmo de você — falei, rindo. O som da minha gargalhada foi estranho, mas ele não pareceu perceber. Senti-me tão culpado por enganá-lo que quase aceitei o conselho de Edythe e disse a ele onde estaria. Quase.

Enquanto executava a tarefa fácil de dobrar as roupas, me perguntei se, com essa mentira, eu estava escolhendo Edythe em detrimento do meu pai. Afinal, eu a estava protegendo e deixando que ele enfrentasse… exatamente o quê, eu não sabia. Eu desapareceria? A polícia encontraria algum… pedaço de mim? Eu sabia que não conseguia avaliar o quanto isso seria arrasador para ele, que perder um filho, mesmo um que ele não viu muito na última década, era uma tragédia maior do que eu conseguia entender.

Mas, se eu contasse que estaria com Edythe, se a implicasse no que viesse em seguida, como isso ajudaria Charlie? A perda ficaria mais suportável se ele tivesse alguém para culpar? Ou só o colocaria em mais perigo? Eu me lembrei da raiva no olhar que Royal lançou para mim hoje. Lembrei-me dos olhos pretos cintilantes de Archie, dos braços de Eleanor, como linhas longas de aço, e de Jessamine, que, por um motivo que eu não conseguia definir, era a mais assustadora de todos. Eu queria mesmo que meu pai soubesse de alguma coisa que fosse fazer com que eles se sentissem ameaçados?

A única coisa que realmente poderia ajudar Charlie seria se eu grudasse um bilhete na porta amanhã dizendo *Mudei de ideia*, depois entrasse no carro e fosse para Seattle. Eu sabia que Edythe não ficaria com raiva, que parte dela torcia exatamente para isso.

Mas também sabia que eu não escreveria esse bilhete. Não conseguia nem me imaginar fazendo isso. Quando ela chegasse, eu estaria esperando.

Acho que eu estava sim escolhendo-a. E apesar de saber que devia me sentir mal, errado, culpado, arrependido, não era assim que eu me sentia. Talvez porque não parecesse uma escolha.

Mas tudo isso seria para o caso de as coisas irem mal, e eu tinha quase noventa por cento de certeza de que não iriam. Parte da certeza era por eu ainda não conseguir sentir medo de Edythe, nem quando tentava imaginá-la como a Edythe com dentes compridos e afiados do meu pesadelo. Eu estava com o bilhete no bolso, e fiquei pegando-o para reler repetidas vezes. Ela queria que eu tomasse cuidado. Dedicou bastante esforço pessoal ultimamente para garantir minha sobrevivência. Não era assim que ela era? Quando todas as medidas de segurança estivessem fora da jogada, não era essa parte dela que venceria?

A roupa não era o melhor trabalho para manter minha mente ocupada. Por mais que eu tentasse me concentrar na Edythe que conhecia, na que amava, eu não conseguia deixar de imaginar como *acabar mal* podia ser. Eu já tinha visto muitos filmes de terror e tinha noções preconcebidas, e não parecia o pior jeito

de as coisas acontecerem. A maioria das vítimas parecia inerte e inconsciente enquanto era… sugada. Mas aí, me lembrei do que Edythe disse sobre ursos, e acho que a realidade de ataques vampiros não era muito parecida com a versão de Hollywood.
Mas era *Edythe*.
Fiquei aliviado quando ficou tarde o bastante para ser admissível ir para a cama. Eu sabia que não conseguiria dormir com tanta loucura na cabeça, então fiz uma coisa que nunca fizera. Deliberadamente tomei remédio para gripe, sem necessidade — do tipo que me nocauteava por umas boas oito horas. Eu sabia que não era a escolha mais responsável, mas o dia seguinte já seria bem complicado sem que eu estivesse exausto por não ter dormido além de todo o resto. Enquanto esperava que o remédio fizesse efeito, ouvi o CD de Phil de novo. Os gritos familiares foram estranhamente reconfortantes, e, em algum momento no meio, eu apaguei.

***

Acordei cedo, tendo dormido profundamente e sem sonhar graças a meu uso desnecessário do remédio. Embora estivesse descansado, fiquei agitado e nervoso, e quase entrei em pânico em alguns momentos. Tomei banho e me vesti em camadas de roupa por puro hábito, apesar de Edythe ter prometido sol. Dei uma olhada rápida pela janela; Charlie já havia saído e uma camada fina de nuvens brancas como algodão cobria o céu, mas parecia ser temporário. Comi sem sentir o gosto, limpei tudo correndo depois que terminei. Eu tinha acabado de escovar os dentes quando uma batida baixinha me fez voar escada abaixo.
Minhas mãos pareceram de repente grandes demais para a tranca simples, e demorei um segundo, mas finalmente abri a porta, e ali estava ela.
Respirei fundo. Todo o nervosismo sumiu e fiquei totalmente calmo.
Ela no início não sorriu; seu rosto estava sério, até cauteloso. Mas ela me olhou de cima a baixo e sua expressão se aliviou. Ela riu e disse:
— Bom dia!
— Qual é o problema? — Olhei para baixo para me certificar de que não tinha esquecido nada de importante, como os sapatos ou a calça.
— Nós combinamos. — Ela riu de novo.
Ela estava com um suéter caramelo com decote profundo, uma camiseta branca por baixo e calça jeans. Meu suéter era exatamente do mesmo tom, apesar de ter gola careca, assim como minha camiseta branca. Minha calça jeans também era do mesmo tom de azul. Só que ela parecia uma modelo, e eu sabia que eu não.
Tranquei a porta de casa enquanto ela seguia para a picape. Ela esperou ao lado

da porta do carona com uma expressão de martírio que era fácil entender.
— Fizemos um acordo — lembrei-lhe enquanto destrancava a porta e abria para ela.
Ela me lançou um olhar sombrio ao entrar.
Eu também entrei e tentei não fazer uma careta quando liguei o motor, que ganhou vida com muito barulho.
— Para onde? — perguntei.
— Coloque o cinto. Já estou nervosa.
Revirei os olhos, mas fiz o que ela pediu.
— Para onde? — repeti.
— Pegue a um-zero-um norte.
Foi surpreendentemente difícil me concentrar na estrada ao sentir o olhar dela em meu rosto. Compensei dirigindo com mais cautela do que de costume pela cidade ainda adormecida.
— Você pretende deixar Forks antes do anoitecer?
— Esta picape é velha o bastante para ser avó do Volvo. Tenha respeito.
Apesar do pessimismo dela, logo estávamos fora dos limites da cidade. Uma grossa vegetação rasteira e a floresta densa substituíram os gramados e casas.
— Vire à direita na um-um-zero — instruiu ela assim que eu estava prestes a perguntar. Obedeci em silêncio. — Agora vamos seguir até o final da estrada asfaltada.
Pude ouvir um sorriso em sua voz, mas estava com medo demais de sair da estrada e provar que ela tinha razão para olhar e me certificar.
— E o que tem lá, no final do asfalto? — perguntei.
— Uma trilha.
— Vamos andar?
— Isso é um problema? — Ele deu a impressão de que esperava mais.
— Não. — Tentei parecer confiante. Mas, se ela achava que minha picape era lenta…
— Não se preocupe, são só uns oito quilômetros e não estamos com pressa.
Oito quilômetros. Não respondi, para que ela não ouvisse o pânico na minha voz. Quanto eu andei no sábado anterior? Um quilômetro e meio? E quantas vezes consegui tropeçar naquela distância? Isso seria humilhante.
Seguimos em silêncio por algum tempo. Eu estava imaginando qual seria a expressão dela na vigésima vez que eu caísse de cara no chão.
— No que está pensando? — perguntou ela, com impaciência depois de alguns minutos.
Menti de novo.
— Só me perguntando aonde estamos indo.

— É um lugar aonde gosto de ir quando o tempo está bom. — Nós dois olhamos pela janela para as nuvens finas.
— Charlie disse que hoje faria calor.
— E você disse a Charlie o que ia fazer? — perguntou ela.
— Não.
— Mas deve ter dito alguma coisa para Jeremy sobre irmos juntos no meu carro a Seattle — disse ela, pensativa.
— Não.
— Ninguém sabe que você está comigo? — Agora ela estava com raiva.
— Isso depende… Imagino que você tenha contado a Archie, não?
— Isso é muito útil, Beau — rebateu ela.
Fingi não ter ouvido.
— É por causa do tempo? É transtorno afetivo sazonal? Forks deixou você tão deprimido que ficou suicida?
— Você disse que podia causar problemas para você… se nós estivéssemos juntos publicamente — expliquei.
— Então você estava preocupado com os problemas que pode causar a *mim*… se *você* não voltar para *casa*? — A voz dela ainda estava irritada, com um sarcasmo amargo.
Assenti, mantendo os olhos na estrada.
Ela murmurou alguma coisa baixinho, falando tão rápido que não consegui entender.
Fiquei em silêncio pelo resto da viagem. Eu conseguia sentir as ondas de fúria e reprovação vindas dela e não consegui pensar no jeito certo de pedir desculpas quando não tinha nada a lamentar.
A estrada terminou em uma pequena placa de madeira. Consegui ver a trilha estreita que entrava na floresta. Estacionei no acostamento e saí, sem saber o que fazer porque ela estava irritada e eu não tinha mais a direção como desculpa para não olhar para ela.
Agora estava quente, o dia mais quente desde que eu chegara a Forks, era quase sufocante sob as nuvens. Tirei o suéter e joguei dentro do carro, feliz por ter vestido a camiseta por baixo — em especial se eu ainda tinha oito quilômetros de caminhada pela frente.
Ouvi a porta dela bater e vi que ela também tinha tirado o suéter e prendido o cabelo em um coque desgrenhado. Ela agora só estava com uma blusa fina. Estava de frente para mim, olhando a floresta, e consegui ver as formas delicadas das omoplatas dela quase curvadas como asas sob a pele pálida. Os braços eram tão finos; era difícil acreditar que continham a força que eu sabia que havia ali.

— Por aqui — disse, olhando para mim por sobre o ombro, os olhos ainda irritados. Ela entrou na floresta escura diretamente a leste da picape.
— A trilha? — perguntei, tentando esconder o pânico na minha voz enquanto contornava correndo a picape para acompanhá-la.
— Eu disse que havia uma trilha no final da estrada, e não que íamos pegá-la.
— Não vamos pela trilha? É sério?
— Não vou deixar você se perder.
Ela se virou então, com um sorriso debochado, e não consegui respirar.
Eu nunca tinha visto tanta pele dela. Os braços pálidos, os ombros estreitos, as clavículas com aparência frágil, os vazios vulneráveis acima, o pescoço de cisne, a curva gentil dos seios (*não fique olhando, não fique olhando*) e as costelas que eu quase conseguia contar debaixo do algodão fino. Ela era perfeita demais, percebi com uma onda esmagadora de desespero. Não havia como essa deusa pertencer a mim.
Ela me encarou, chocada com minha expressão torturada.
— Quer ir para casa? — perguntou, falando mais baixo, uma dor diferente da minha saturando sua voz.
— Não.
Avancei até estar bem a seu lado, ansioso para não perder um segundo sequer das horas contadas que tinha com ela.
— Qual é o problema? — perguntou ela, a voz gentil.
— Não sou bom de caminhada — respondi. — Você vai precisar de muita paciência.
— Sei ser paciente… se me esforçar muito. — Ela sorriu, sustentando meu olhar, tentando quebrar meu humor pessimista repentino.
Tentei sorrir também, mas consegui sentir que o sorriso não foi convincente. Ela analisou meu rosto.
— Vou levar você para casa — prometeu, mas não consegui entender se a promessa era incondicional ou restrita a uma partida imediata. Obviamente, ela achava que era medo da minha morte iminente que me incomodava, e fiquei feliz por ser a única pessoa cuja mente ela não conseguia ouvir.
— Se quiser que eu atravesse os oito quilômetros pela selva antes do pôr do sol, é melhor começar a andar — falei, com azedume. Ela franziu o cenho para mim, lutando para entender meu tom e minha expressão.
Desistiu depois de um momento e seguiu para a floresta.
Não foi tão difícil quanto eu temia. A maior parte do caminho era plana, e ela pareceu satisfeita de seguir meu ritmo. Duas vezes, tropecei em raízes, mas em cada uma ela esticou a mão e segurou meu cotovelo antes que eu caísse. Quando ela me tocava, meu coração disparava, como sempre. Vi a expressão dela na

segunda vez que aconteceu e tive certeza de que ela conseguia ouvir.
Tentei não olhar para ela; cada vez que eu olhava, sua beleza me enchia de tristeza. Na maior parte do tempo, andamos em silêncio. De vez em quando, ela me fazia uma pergunta qualquer que não incluíra nos dois últimos dias de interrogatório. Perguntou-me sobre meus aniversários, meus professores na escola, meus animais de estimação da infância — e tive que admitir que depois de matar três peixes seguidos, desisti de criá-los. Ela riu disso, mais alto do que eu estava acostumado, e os ecos tilintados voltavam em meio às árvores.
A caminhada tomou boa parte da manhã, mas ela não demonstrou impaciência. A floresta se espalhava à nossa volta em um labirinto de árvores idênticas, e comecei a ficar com medo de não encontrarmos o caminho de volta. Ela estava perfeitamente à vontade no labirinto verde, sem jamais aparentar dúvida quanto à direção que tomávamos.
Depois de várias horas, a luz verde que se infiltrava pelas copas das árvores ficou amarela. O dia ficou ensolarado, como prometido. Pela primeira vez desde que começamos, senti empolgação de novo.
— Ainda não chegamos? — perguntei.
Ela sorriu por causa da mudança no meu humor.
— Quase. Está vendo aquela claridade ali?
Olhei a floresta densa.
— Hmmm, deveria?
— Talvez seja cedo demais para os *seus* olhos.
— Hora de ir ao oftalmologista. — Eu suspirei e ela sorriu.
Mas então, depois de mais uns cem metros, pude ver nitidamente um clarão nas árvores adiante, um brilho que era esbranquiçado e não esverdeado. Acelerei o ritmo, e ela me deixou seguir na frente e foi atrás sem fazer barulho.
Cheguei à beira da fonte de luz e passei por cima da última franja de samambaias, entrando no lugar mais lindo que já vira.
A campina era pequena, perfeitamente redonda e cheia de flores silvestres — violetas, amarelas e brancas. Em algum lugar perto dali, pude ouvir o som borbulhante de um riacho. O sol estava a pino, enchendo o círculo de uma névoa de luz cor de manteiga. Andei devagar pela relva macia, pelas flores e pelo ar quente e encantador. Depois daquele primeiro minuto de espanto, eu me virei, querendo partilhar isso com ela, mas Edythe não estava atrás de mim, onde pensei que estivesse. Girei o corpo, procurando com um súbito sobressalto. Por fim, encontrei-a, ainda sob a sombra densa da floresta, na margem da clareira, observando-me com olhos cautelosos, e me lembrei do motivo de estarmos ali. O mistério de Edythe e o sol, que ela prometeu explicar para mim hoje.
Dei um passo para trás com a mão esticada na direção dela. Seus olhos estavam

cautelosos, relutantes; estranhamente, me fizeram pensar em medo de palco. Sorri para encorajá-la e comecei a andar na direção dela. Ela ergueu a mão num alerta e eu parei, oscilando sobre os calcanhares.
Edythe respirou fundo, fechou os olhos e caminhou em direção ao brilho intenso do sol do meio-dia.

13. CONFISSÕES

DE OLHOS FECHADOS, Edythe andou cegamente para a luz.
Meu coração pulou na garganta e saí correndo na direção dela.
— *Edythe!*
Só quando os olhos dela se abriram e cheguei perto o bastante para começar a entender o que estava vendo foi que percebi que ela não estava pegando fogo. Ela levantou a mão de novo, com a palma voltada para mim, e eu parei cambaleando, quase caindo de joelhos.
A luz ardia na pele dela, dançava em arco-íris prismáticos pelo rosto e pescoço, pelos braços. Ela brilhava tanto que precisei apertar os olhos, como se estivesse tentando olhar para o sol.
Pensei em cair de joelhos de propósito. Esse era o tipo de beleza que se venerava. O tipo pela qual templos eram construídos e sacrifícios eram oferecidos. Desejei ter alguma coisa nas mãos vazias para dar para ela, mas o que uma deusa queria de um mortal medíocre feito eu?
Demorei um tempo para ver além da incandescência e enxergar a expressão no rosto dela. Ela estava me observando com olhos arregalados; quase parecia que estava com medo de alguma coisa. Dei um passo na direção dela, que se encolheu de leve.
— Isso machuca você? — sussurrei.
— Não — sussurrou ela, em resposta.
Dei outro passo em sua direção; ela era o ímã de novo, e eu era só um pedaço inerte de metal. Ela baixou a mão ao lado do corpo. Enquanto ela se mexia, o brilho cintilou pelo braço. Lentamente, andei ao redor dela, mantendo certa distância, só precisando absorver isso, vê-la de todos os ângulos. O sol brincava na pele dela, refletia e ampliava cada cor que a luz podia abrigar. Meus olhos estavam se ajustando e se arregalaram, maravilhados.
Eu sabia que ela tinha escolhido as roupas com cautela, que estava determinada a me mostrar isso, mas a forma como ela estava agora, com os ombros tensos, as pernas firmes, fez com que eu me perguntasse se ela não estava em dúvida da decisão agora.
Terminei meu círculo e atravessei os poucos metros entre nós. Não conseguia parar de olhar, não conseguia nem piscar.
— Edythe — murmurei.
— Está com medo agora? — sussurrou ela.
— *Não*.
Ela olhou com curiosidade nos meus olhos, tentando ouvir o que eu estava

pensando.
Estiquei a mão para ela, deliberadamente devagar, observando o rosto dela em busca de permissão. Seus olhos se abriram ainda mais, e ela ficou paralisada. Cuidadosa e lentamente, rocei os dedos na pele cintilante do braço dela. Fiquei surpreso de ver que continuava fria, como sempre. Enquanto meus dedos tocavam nela, os reflexos brilharam na minha pele, e, de repente, minha mão não era mais medíocre. Ela era tão impressionante que conseguia até me deixar menos comum.
— O que você está pensando? — sussurrou ela.
Eu me esforcei para encontrar palavras.
— Estou… Eu não sabia… — Respirei fundo, e as palavras finalmente saíram. — Nunca vi nada tão bonito, nunca imaginei que uma coisa tão bonita pudesse existir.
Seus olhos ainda estavam cautelosos. Como se ela achasse que eu estava dizendo o que achava que ela queria ouvir. Mas era a pura verdade, talvez a coisa mais verdadeira e não censurada que já disse na vida. Eu estava impressionado demais para filtrar ou fingir.
Ela começou a levantar a mão, mas a baixou. O brilho tremeu.
— Mas é muito estranho — murmurou ela.
— Incrível — sussurrei.
— Você não sente repulsa por minha evidente falta de humanidade?
Eu balancei a cabeça.
— Repulsa, não.
Ela apertou os olhos.
— Mas deveria.
— Estou achando que a humanidade é valorizada demais.
Ela puxou o braço de debaixo dos meus dedos e o levou às costas. Em vez de seguir a dica, dei meio passo para mais perto dela, consegui sentir o brilho refletido no meu rosto.
De repente, ela estava a três metros de mim, com a mão de alerta levantada de novo e o maxilar trincado.
— Desculpe — falei.
— Preciso de um tempo — disse ela.
— Vou tomar mais cuidado.
Ela assentiu, andou para o meio da campina, fazendo um pequeno arco quando passou por mim, mantendo os três metros entre nós. Sentou-se de costas para mim, com a luz do sol incandescente nas omoplatas, me fazendo pensar em asas de novo. Cheguei mais perto lentamente, depois me sentei de frente para ela a um metro e meio de distância.

— Assim está bom?
Ela assentiu, mas não pareceu ter certeza.
— Só me deixe… me concentrar.
Fiquei em silêncio, e, depois de alguns segundos, ela fechou os olhos de novo. Não me incomodei com isso. Vê-la assim não era algo de que eu podia me cansar. Eu a observei, tentando entender o fenômeno, e ela me ignorou.
Meia hora depois, ela se deitou de repente na grama com a mão atrás da cabeça. A grama estava longa o bastante para obscurecer minha vista parcialmente.
— Posso…? — perguntei.
Ela bateu no chão ao lado do corpo.
Cheguei um pouco mais perto, e, como ela não protestou, cheguei ainda mais alguns centímetros.
Os olhos dela ainda estavam fechados, as pálpebras cintilando em um lilás pálido sobre os cílios escuros. O peito subia e descia regularmente, quase como se ela estivesse dormindo, só que havia uma certa ideia de esforço e controle no movimento. Ela parecia muito *ciente* do processo de inspirar e expirar.
Sentei-me com as pernas cruzadas, os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos. Estava muito quente, a sensação do sol na minha pele estava estranha agora que eu estava tão acostumado com a chuva, e a campina continuava linda, mas era só pano de fundo agora. Não se destacava. Eu tinha uma nova definição de beleza.
Os lábios dela se mexeram, e a luz cintilou neles enquanto quase… tremiam. Achei que ela estava falando, mas as palavras estavam baixas e rápidas demais.
— Você… disse alguma coisa? — sussurrei.
Ficar sentado ao lado dela assim, vendo-a brilhar, me fez sentir necessidade de silêncio. De reverência até.
— Só estou cantando sozinha — murmurou ela. — Me acalma.
Não nos movemos por muito tempo, exceto pelos lábios dela, de vez em quando cantando baixo demais para que eu ouvisse. Uma hora se passou, talvez mais. Gradualmente, a tensão que não percebi totalmente no começo foi sumindo, até que tudo ficou tão pacífico que quase senti sono. Cada vez que eu mexia o corpo, acabava um centímetro mais próximo dela.
Eu me inclinei para perto, observei a mão dela e tentei encontrar as facetas na pele lisa. Sem nem pensar, estiquei um dedo e acariciei as costas da mão, impressionado de novo com a textura lisa de cetim, fria como pedra. Senti os olhos dela em mim e ergui o rosto, o dedo congelado.
Os olhos dela estavam pacíficos e ela ainda estava sorrindo.
— Continuo não assustando você, não é?
— Não. Desculpe.

Ela abriu o sorriso ainda maior. Os dentes brilharam no sol.
Cheguei mais perto ainda, estiquei a mão inteira e acompanhei a forma do antebraço com as pontas dos dedos. Vi que meus dedos estavam tremendo. Os olhos dela se fecharam de novo.
— Você se importa? — perguntei.
— Não. Você não pode imaginar qual é a sensação.
Passei a mão de leve na estrutura delicada do braço dela, seguindo o padrão claro de veias azuladas dentro da dobra do cotovelo. Fui virar a mão dela, e quando ela percebeu o que eu queria, virou a palma para cima em um movimento tão rápido que não existiu. Meus dedos pararam.
— Desculpe — murmurou ela, e sorriu porque a fala era minha. Suas pálpebras se fecharam de novo. — É fácil demais ser eu mesma com você.
Eu levantei a mão dela, virei de um lado para o outro enquanto olhava o sol cintilar na palma. Levantei bem perto do rosto, tentando de novo encontrar as facetas.
— Me conte o que está pensando — sussurrou ela. Estava me olhando de novo, os olhos mais claros do que eu já tinha visto. Cor de mel pálido. — Ainda é estranho para mim essa coisa de não saber.
— O resto de nós sente isso o tempo todo, sabe.
— Que vida difícil — disse ela, e havia uma nota de desamparo no tom dela. — Mas você não me contou.
— Eu estava desejando saber o que *você* estava pensando…
— E?
— E desejando conseguir acreditar que você é real. Tenho medo…
— Não quero que você tenha medo. — A voz dela foi um murmúrio. Nós dois ouvimos o que ela não disse, que eu não precisava ter medo, que não havia nada a temer.
— Não é desse tipo de medo que estou falando.
Tão rápido que não vi o movimento, ela se apoiou no braço direito, ainda com a palma esquerda nas minhas mãos. O rosto de anjo estava a poucos centímetros do meu. Eu devia ter me inclinado para longe. Era para eu tomar cuidado.
Os olhos de mel ardiam.
— Então de que você tem medo? — sussurrou ela.
Não consegui responder. Senti o hálito doce e frio no rosto, como só tinha sentido uma vez antes. Sem pensar, me inclinei para mais perto e inspirei.
E ela sumiu, arrancando a mão das minhas tão rápido que ardeu. No tempo que meus olhos levaram para focalizar, ela estava a seis metros de distância, na beirada da pequena campina, à sombra de um pinheiro. Ficou me olhando com os olhos escuros nas sombras, a expressão ilegível.

Consegui sentir o choque no meu rosto e minhas mãos ardendo.
— Edythe. Me… desculpe. — Minha voz saiu só um sussurro, mas eu sabia que ela conseguia me ouvir.
— Me dê um momento — pediu ela, alto o bastante para meus ouvidos menos sensíveis.
Fiquei bem parado.
Depois de dez longos segundos, ela voltou, bem devagar para os padrões dela. Parou quando ainda estava a alguns metros e se sentou graciosamente no chão, cruzando as pernas. Os olhos não desviaram dos meus. Ela respirou fundo duas vezes e sorriu em um pedido de desculpas.
— Lamento muito. — Ela hesitou. — Você entenderia o que quero dizer se eu dissesse que fui apenas humana?
Assenti uma vez, sem conseguir sorrir com a piada dela. A adrenalina pulsava em minhas veias enquanto eu me dava conta do que tinha acabado de acontecer. Ela era capaz de sentir o cheiro de onde estava sentada. Seu sorriso ficou debochado.
— Sou o melhor predador do mundo, não sou? Tudo em mim é convidativo para você… minha voz, meu rosto, até meu *cheiro*. Como se eu precisasse de qualquer uma dessas coisas!
De repente, ela não passava de uma mancha. Eu pisquei e ela sumiu; em seguida, estava debaixo da mesma árvore de antes, depois de contornar a campina toda em uma fração de segundo.
— Como se pudesse correr mais rápido do que eu — disse ela, amargamente.
Pulou três metros e meio de altura, pegou um galho de sessenta centímetros de espessura e arrancou do tronco sem sinal de esforço. Estava de volta ao chão no mesmo instante, balançando a lança enorme e retorcida na mão por um momento. Depois, com velocidade cegante, o girou com uma das mãos, como um taco, acertando a árvore da qual o tinha arrancado.
Com um bum explosivo, o galho e a árvore se partiram ao meio.
Antes mesmo que eu tivesse tempo de me encolher por causa do barulho, antes mesmo de a árvore cair no chão, ela estava na minha frente de novo, parada a meio metro, imóvel como uma escultura.
— Como se pudesse lutar comigo — disse ela delicadamente. Atrás dela, o som da árvore caindo no chão ecoou pela floresta.
Eu nunca a tinha visto tão completamente livre da cuidadosa fachada humana. Ela nunca esteve menos humana… nem mais linda. Não consegui me mexer, como uma ave presa pelos olhos de uma serpente.
Seus olhos pareciam brilhar de empolgação. Depois, com o passar dos segundos, o brilho diminuiu. Sua expressão aos poucos se transformou em uma máscara de

tristeza. Ela parecia prestes a chorar, e me esforcei para ficar de joelhos e esticar uma das mãos para ela.
Ela esticou a mão em sinal de alerta.
— Espere.
Eu parei de novo.
Ela deu um passo na minha direção.
— Não tenha medo — murmurou, a voz de veludo involuntariamente sedutora.
— Eu prometo… — Ela hesitou. — Eu *juro* que não vou machucar você.
Ela parecia mais preocupada em convencer a si mesma do que a mim.
— Não precisa ter medo — sussurrou ela novamente enquanto se aproximava, com uma lentidão exagerada.
Ela parou a trinta centímetros e tocou delicadamente a minha mão que ainda estava esticada. Envolvi a dela, com firmeza.
— Perdoe-me, por favor — pediu, formalmente. — Eu consigo me controlar. Você me pegou desprevenida. Mas agora estou me comportando melhor.
Ela esperou que eu respondesse, mas só fiquei ajoelhado na frente dela, olhando, com o cérebro totalmente confuso.
— Hoje não estou com sede, é sério. — Ela piscou.
Com essa, eu tive que rir, embora o som saísse meio ofegante.
— Você está bem? — perguntou ela, estendendo o braço lenta e cuidadosamente para colocar a outra mão em cima da minha.
Olhei a mão macia de mármore e depois os olhos dela. Estavam suaves e arrependidos, mas ainda consegui ver tristeza neles.
Abri um sorriso tão largo que minhas bochechas doeram. Seu sorriso em resposta foi estonteante.
Com um movimento deliberadamente lento e sinuoso, ela se sentou no chão e cruzou as pernas. Desajeitado, eu a imitei, até estarmos de frente um para o outro, os joelhos se tocando e as mãos ainda unidas entre nós.
— Então onde estávamos mesmo, antes de eu me comportar de forma tão rude?
— Sinceramente, não faço ideia.
Ela sorriu, mas sua expressão era de vergonha.
— Acho que estávamos falando sobre por que você tinha medo, além do motivo óbvio.
— Ah, sim.
— E então?
Olhei para nossas mãos e virei a minha para que a luz brilhasse pela dela.
— Como me frustro com facilidade. — Ela suspirou.
Olhei em seus olhos, de repente entendendo que tudo isso era tão novo para ela como era para mim. Mesmo com os muitos anos de experiência que ela teve

antes de nos conhecermos, também era difícil para ela. Isso me deu coragem.
— Eu estava com medo… porque, bom, por motivos óbvios, não posso *ficar* com você, posso? E é o que quero, muito mais do que deveria.
— Sim — concordou ela lentamente. — Ficar comigo não é vantajoso para você.
Franzi a testa.
— Eu devia ter ido embora naquele primeiro dia e não ter voltado. Devia ir embora agora. — Ela balançou a cabeça. — Eu talvez conseguisse naquele momento. Não sei como conseguir agora.
— Não vá. Por favor.
O rosto dela se crispou.
— Não se preocupe. Sou essencialmente uma criatura egoísta. Desejo demais sua companhia para fazer o que deveria.
— Que bom!
Ela fez uma expressão irritada, soltou minhas mãos com cuidado e cruzou os braços. A voz soou mais áspera quando ela voltou a falar.
— Nunca esqueça que não é só sua companhia que eu desejo. Jamais esqueça que sou mais perigosa para você do que para qualquer outra pessoa. — Ela ficou com um olhar perdido voltado para a floresta.
Pensei por um momento.
— Acho que não entendo exatamente o que você quer dizer com essa última parte.
Ela olhou para mim e sorriu, seu humor imprevisível mudando novamente.
— Como posso explicar? E sem horrorizar você?
Sem parecer pensar, ela pegou minha mão novamente. Eu a segurei com força. Ela olhou nossas mãos.
— É incrivelmente agradável, o calor.
Passou-se um minuto enquanto ela parecia estar organizando os pensamentos.
— Todo mundo gosta de sabores diferentes, certo? — começou ela. — Algumas pessoas adoram sorvete de chocolate, outras preferem morango.
Eu assenti.
— Desculpe pela analogia com comida. Não consegui pensar em outra forma de explicar.
Eu sorri. Ela também sorriu, mas com tristeza.
— Veja bem, cada pessoa tem um cheiro próprio, tem uma essência própria… Se você trancar uma alcoólatra em uma sala cheia de cerveja choca, ela beberia. Mas poderia resistir, se quisesse, se fosse uma alcoólatra em recuperação. Agora digamos que você colocasse naquela sala uma taça de conhaque de cem anos, o conhaque mais raro e mais refinado, e enchido a sala com seu aroma quente.

Como pensa que nossa alcoólatra se comportaria?
Ficamos sentados em silêncio por um minuto, nos encarando, tentando ler os pensamentos um do outro.
Ela foi a primeira a romper o silêncio.
— Talvez essa não seja a comparação correta. Talvez seja fácil demais rejeitar o conhaque. Talvez eu deva fazer de nossa alcoólatra uma viciada em heroína.
— Então o que está dizendo é que sou seu tipo preferido de heroína? — questionei num tom de brincadeira, tentando deixar o clima mais leve.
Ela sorriu rapidamente, parecendo gostar do meu esforço.
— Sim, você é *exatamente* meu tipo preferido de heroína.
— Isso acontece com frequência? — perguntei.
Ela olhou para a copa das árvores, pensando na resposta.
— Falei com minhas irmãs sobre isso. — Ele ainda olhava fixamente a distância. — Para Jessamine, todos vocês são a mesma coisa. Ela é a mais nova em nossa família. É uma luta para ela se privar de tudo isso. Não teve tempo para desenvolver a sensibilidade às diferenças de cheiro, de sabor. — Ela olhou rapidamente para mim. — Desculpe.
— Tudo bem. Olhe, não tenha medo de me ofender, nem de me horrorizar, o que for. É assim que você pensa. Consigo entender, ou pelo menos posso tentar. Só explique da forma que faz sentido para você.
Ela respirou fundo e olhou para trás de mim.
— Então Jessamine não tem certeza se já se deparou com alguém que fosse tão… — Ela hesitou, procurando a palavra certa — *Atraente* como você é para mim. O que me faz pensar que não. — Ela olhou para mim. — Ela se lembraria *disso*.
Ela afastou o olhar de novo.
— Eleanor está na estrada há mais tempo, por assim dizer, e entendeu o que eu quis dizer. Disse que foram duas vezes com ela, uma mais forte do que a outra.
— E com você?
— Nunca até agora.
Ficamos nos olhando de novo. Dessa vez, eu quebrei o silêncio.
— O que Eleanor fez?
Foi a pergunta errada. Ela se encolheu, e seu rosto pareceu torturado de repente. Esperei, mas ela não acrescentou nada.
— Tudo bem, acho que foi uma pergunta idiota.
Ela ficou me olhando de um jeito que suplicava por compreensão.
— Até o mais forte de nós fraqueja, não é?
— Você… está pedindo minha permissão? — sussurrei. Um arrepio percorreu minha espinha, e não teve nada a ver com minhas mãos geladas.

Ela arregalou os olhos em choque.
— Não!
— Mas você está dizendo que não há esperança, certo?
Eu sabia que não era normal encarar a morte assim sem nenhum sentimento de medo. Não que eu fosse supercorajoso, eu sabia que não era. Mas minha escolha não seria diferente, mesmo sabendo que terminaria assim.
Ela fez cara de raiva de novo, mas eu achava que não era comigo.
— Claro que há esperança. Claro que não vou… — Ela deixou a frase no ar. Os olhos pareciam estar queimando os meus fisicamente. — É diferente para nós. Eleanor… foram estranhos que ela encontrou por acaso. Foi há muito tempo. Ela não tinha tanta prática, tanto cuidado, como tem agora. E ela nunca foi tão boa nisso quanto eu sou.
Ela fez silêncio e me observou intensamente enquanto eu pensava.
— Então, se tivéssemos nos encontrado… hã, em um beco escuro ou coisa parecida…
— Precisei de tudo que eu tinha, de todos os anos de prática e sacrifício e esforço, para não pular no meio daquela sala cheia de jovens e… — Ela parou de falar, desviando os olhos. — Quando você passou por mim, eu podia ter estragado tudo o que Carine construiu para nós naquele exato momento. Se não tivesse renegado minha sede pelos últimos… muitos anos, eu não teria sido capaz de me refrear.
Ela olhou para mim melancolicamente, nós dois nos lembrando.
— Você deve ter pensado que eu estava possuída.
— Eu não entendi o motivo. Como você podia me odiar, do nada…
— Para mim, foi como se você fosse uma espécie de demônio, conjurado de meu inferno pessoal para me arruinar. A fragrância que vinha de sua pele… Pensei que me enlouqueceria naquele primeiro dia. Naquela hora, pensei em cem maneiras diferentes de atrair você para fora da sala comigo, para ficar sozinha com você. E combati cada uma delas, pensando em minha família, no que eu estaria fazendo a eles. Tive que fugir, sair dali antes que pudesse pronunciar as palavras que o fariam me seguir…
Ela olhou para mim, seus olhos dourados ardendo sob os cílios, hipnótica e mortal.
— Você teria ido — garantiu ela.
Tentei falar calmamente.
— Sem dúvida nenhuma.
Ela olhou com a testa franzida para as nossas mãos.
— E depois, enquanto eu tentava reorganizar meu horário numa tentativa insensata de evitá-lo, você apareceu ali. Naquela sala quente e apertada, o cheiro

foi enlouquecedor. Foi por muito pouco que não o peguei ali mesmo. Só havia outro ser humano frágil na sala. Teria sido tão fácil.
Foi tão estranho ver minhas lembranças novamente, mas dessa vez com legendas. Compreendendo pela primeira vez o que tudo queria dizer, compreendendo o perigo. Coitado do Sr. Cope. Tremi novamente ao pensar em como estive perto de ser inadvertidamente responsável por sua morte.
— Mas resisti. Não sei como. E me obriguei a *não* esperar você, *não* o seguir na saída da escola. Era mais fácil do lado de fora, quando não conseguia mais sentir seu cheiro, pensar com clareza, tomar a decisão certa. Deixei os outros perto de casa. Senti vergonha demais para dizer a eles como eu era fraca, eles só souberam que alguma coisa estava errada. E fui direto procurar Carine no hospital, para lhe dizer que iria embora.
Eu a encarei, surpreso.
— Troquei de carro com ela. Ela estava com o tanque cheio de gasolina e eu estava com medo de parar. Não ousei ir para casa e enfrentar Earnest. Ele não me deixaria ir sem brigar. Tentaria me convencer de que não era necessário…
"Na manhã seguinte, eu estava no Alasca."
Ela pareceu envergonhada, como se estivesse admitindo uma grande covardia.
— Passei dois dias lá, com alguns velhos conhecidos… mas fiquei com saudade de casa. Odiava saber que tinha aborrecido Earnest, e o resto deles, minha família adotiva. No ar puro das montanhas era difícil acreditar que você fosse tão irresistível. Convenci a mim mesma de que era fraqueza fugir. Eu havia lidado com tentações antes, não dessa magnitude, nem perto disso, mas eu era forte. Quem era você, um garoto humano insignificante — ela sorriu de repente —, para me tirar do lugar em que eu queria estar? Ah, o pecado mortal do orgulho. — Ela balançou a cabeça. — Então, eu voltei…
Eu não consegui falar.
— Tomei precauções, caçando, me alimentando mais do que de costume antes de ver você de novo. Tinha certeza de que era forte o bastante para tratá-lo como trataria qualquer outro ser humano. Fui arrogante com relação a isso.
"Foi uma complicação inquestionável eu não conseguir simplesmente ler seus pensamentos para saber qual era sua reação a mim. Não estava acostumada a ter que chegar a medidas tão tortuosas, ouvir suas palavras na mente de Jeremy… A mente dele não é muito original, e era irritante ter que condescender com isso. E eu não tinha como saber se você realmente queria dizer o que dizia ou se estava dizendo o que achava que a plateia queria ouvir. Era tudo extremamente irritante."
Ela franziu o cenho ao se lembrar disso.
— Eu queria que você esquecesse meu comportamento naquele primeiro dia, se

possível, então tentei falar com você como falaria com qualquer pessoa. Estava ansiosa, na verdade, esperando decifrar parte de seus pensamentos. Mas você era interessante demais. Eu me vi vítima de suas expressões… e, de vez em quando, você se mexia, e o ar se agitava ao seu redor… O aroma me atordoava de novo…

"É claro que depois você quase morreu esmagado diante de meus olhos. Mais tarde, pensei em uma desculpa perfeita para eu ter agido naquele momento; porque, se eu não tivesse salvado você, se seu sangue fosse derramado na minha frente, acho que eu não conseguiria me impedir de expor o que nós somos. Mas só pensei nessa desculpa depois. Na hora, só no que eu pensava era: *Ele não.*"

Ela fechou os olhos, com expressão angustiada. Por bastante tempo, ficou em silêncio. Esperei com ansiedade, o que não devia ser a reação mais inteligente. Mas foi um alívio finalmente entender a outra metade da história.

— No hospital? — perguntei.

Seus olhos lampejaram para os meus.

— Eu fiquei atordoada. Não conseguia acreditar que afinal havia nos colocado em risco, havia colocado a mim mesma em seu poder… Justo *você*. Como se eu precisasse de outro motivo para matá-lo. — Nós dois nos encolhemos à menção da palavra, e ela continuou rapidamente. — Mas o desastre teve o efeito contrário. Eu briguei com Royal, Eleanor e Jessamine quando eles sugeriram que estava na hora… a pior briga que tivemos. Carine ficou do meu lado, e Archie também. — Ela franziu a testa quando disse o nome dele. Não consegui entender por quê. — Earnest me disse para fazer o que fosse preciso para ficar.

Ela sacudiu a cabeça com condescendência.

— Por todo o dia seguinte, ouvi a mente de todos que falaram com você, chocada por você ter cumprido sua palavra. Eu não o entendia. Mas sabia que não podia me envolver mais com você. Fiz o máximo que pude para ficar o mais longe possível. E, todo dia, o perfume de sua pele, de seu hálito… me atingia com a mesma intensidade do primeiro dia.

Ela encontrou meus olhos de novo, e os dela estavam surpreendentemente ternos.

— E, por tudo isso — continuou ela —, eu teria feito melhor se *tivesse* mesmo exposto a nós todos naquele primeiro momento, do que se agora, aqui, sem testemunhas nem nada que me impeça, eu viesse a machucar você.

— Por quê?

— Ah, Beau. — Ela tocou na minha bochecha de leve com as pontas dos dedos. Um choque percorreu meu corpo com esse toque despreocupado. — Beau, eu não sobreviveria se o ferisse. Você não sabe como isso me tortura. — Ela baixou os olhos, novamente envergonhada. — Pensar em você, imóvel, lívido, frio…

nunca mais vê-lo corar de novo, nunca mais ver esse lampejo de intuição em seus olhos quando você enxerga através de meus fingimentos… Seria insuportável. — Ela ergueu os gloriosos olhos angustiados para os meus. — Você é, agora, a coisa mais importante do mundo para mim. A mais importante de toda a minha vida.
Minha cabeça girava com a mudança rápida de direção. Minutos antes, eu achava que estávamos falando sobre minha morte iminente. Agora, de repente, estávamos nos declarando.
Segurei a mão dela com mais força e olhei nos olhos dourados.
— Você já sabe o que eu sinto. Estou aqui porque prefiro morrer com você a viver sem você. — Percebi o quanto isso soava melodramático. — Me desculpe, sou um idiota.
— Você é mesmo um idiota — concordou ela com uma risada, e ri junto. A situação toda era idiotice. E impossibilidade e magia.
— E então, o leão se apaixonou pelo cordeiro — murmurou ela. A palavra foi como outro choque elétrico no meu corpo.
Tentei disfarçar minha reação.
— Que cordeiro imbecil.
Ela suspirou.
— Que leão masoquista e doentio.
Ela olhou a floresta por um longo momento e eu me perguntei o que estava pensando.
— Por quê…? — comecei, mas parei, sem ter certeza de como continuar.
Ela olhou para mim e sorriu; o sol reluzia em seu rosto, em seus dentes.
— Sim?
— Diga por que fugiu de mim antes.
O sorriso dela desapareceu.
— Você sabe por quê.
— Não, quer dizer, *exatamente* o que eu fiz de errado? Preciso aprender a tornar isso mais fácil para você, tenho que saber o que devo e o que não devo fazer. Isto, por exemplo — eu afaguei o pulso dela com o polegar — parece não fazer mal nenhum.
— Você não fez nada de errado, Beau. A culpa foi minha.
— Mas eu quero ajudar.
— Bom… — Ela pensou por um momento. — Foi a proximidade. A maioria dos humanos se afasta por instinto, se sente repelida por nossa estranheza… Eu não esperava que você chegasse tão perto. E o cheiro de seu *pescoço*… — Ela parou de repente, olhando para verificar se tinha me perturbado.
— Tudo bem. — Eu baixei o queixo. — Nada de exposição de pescoço.

Ela sorriu.
— Não, é sério, foi mais a surpresa do que qualquer outra coisa.
Ela ergueu a mão livre e a colocou delicadamente em meu pescoço. Fiquei imóvel, reconhecendo que o arrepio de seu toque era para ser um alerta natural e me perguntando por que não conseguia sentir isso. O que eu sentia era bem diferente.
— Está vendo? — disse ela. — Tudo está perfeitamente bem.
Meu sangue estava disparado, e eu queria poder reduzir a velocidade. Devia tornar tudo muito mais difícil para ela, o martelar de minha pulsação nas veias.
— Adoro isso — murmurou ela.
Ela soltou gentilmente a outra mão. Minhas mãos caíram inertes no colo. Suavemente, ela passou a mão no ponto quente na minha bochecha, depois segurou meu rosto entre as mãos pequenas e frias.
— Fique completamente parado — sussurrou ela.
Fiquei paralisado quando ela se inclinou para cima de mim de repente, encostou a bochecha no meu peito e ouviu meu coração. Consegui sentir o gelo da pele dela pela camiseta fina. Com lentidão deliberada, as mãos dela foram até meus ombros e seus braços envolveram meu pescoço, me segurando com firmeza. Escutei o som da respiração cuidadosa e regular, que parecia estar acompanhando meus batimentos. Uma inspiração para cada três batidas, uma expiração para cada outras três.
— Ah — disse ela.
Não sei quanto tempo ficamos sentados sem nos mexer. Podiam ter sido horas. Por fim, o latejar da minha pulsação se aquietou. Eu sabia que a qualquer momento isso podia ser demais e minha vida chegaria ao fim, tão rapidamente que eu talvez nem sequer percebesse. Mas ainda não sentia medo. Não conseguia pensar em nada, a não ser que ela estava me tocando.
E então, cedo demais, ela soltou os braços do meu pescoço e se afastou. Seus olhos estavam tranquilos de novo.
— Não vai ser mais tão difícil — disse ela com satisfação.
— Foi muito difícil para você?
— Não tanto quanto eu imaginei. E para você?
— Não, não foi… ruim para mim.
Nós sorrimos um para o outro.
— Aqui. — Ela pegou minha mão, com facilidade, como se não precisasse nem pensar, e a colocou em seu rosto. — Sente como me deixou quente?
E estava quase quente, sua pele normalmente gélida. Mas mal percebi, porque tocava seu rosto, algo com que sonhava e fantasiava constantemente desde o primeiro dia que a vi.

— Não se mexa — sussurrei.
Ninguém ficava parado como um vampiro. Ela fechou os olhos e virou uma estátua.
Eu me mexi ainda mais lentamente do que ela, com o cuidado de não fazer nenhum movimento inesperado. Acariciei sua bochecha, passei com as pontas dos dedos pelas pálpebras lilás, nas sombras na cavidade debaixo dos olhos. Acompanhei o formato do nariz perfeito e depois, com muito cuidado, seus lábios perfeitos. Os lábios se separaram e pude sentir o hálito frio na ponta dos dedos. Eu queria me inclinar, inspirar o cheiro dela, mas sabia que talvez fosse demais. Se ela podia se controlar, eu também podia, ainda que numa escala bem menor.
Tentei me mover em câmera lenta para que ela pudesse adivinhar tudo que eu ia fazer antes que eu fizesse. Passei a palma da mão pelas laterais do pescoço fino, apoiei-a nos ombros enquanto meus polegares seguiam a curva impossivelmente frágil das clavículas.
Ela era tão mais forte do que eu, de tantas formas. Eu pareci perder o controle das mãos enquanto passavam pelas pontas dos ombros e pelas omoplatas afiadas. Não consegui me segurar quando a envolvi com os braços e a puxei contra o peito de novo. Cruzei as mãos atrás dela e envolvi a cintura dela pelos dois lados.
Ela se inclinou para mim, mas foi o único movimento. Não estava respirando.
Isso me dava um limite de tempo.
Eu me inclinei para encostar o rosto no cabelo dela por um longo segundo, inspirando profundamente o aroma dela. Em seguida, me obriguei a tirar as mãos dela e me afastar. Uma das minhas mãos não quis obedecer completamente; desceu pelo braço dela e pousou no pulso.
— Desculpe — murmurei.
Ela abriu os olhos, e estavam famintos. Não de uma forma que me desse medo, mas de modo a estreitar os músculos na boca do estômago e fazer minha pulsação martelar nas veias de novo.
— Eu queria… — sussurrou ela —, queria que você pudesse sentir a… complexidade… a confusão… que eu sinto. Que você pudesse entender.
Ela levantou a mão até meu rosto, depois passou os dedos rapidamente pelo meu cabelo.
— Me conte — sussurrei.
— Não sei se consigo. Sabe, por um lado, tem a fome, a sede que, sendo o que sou, eu sinto por você. E penso que você pode entender isso, até certo ponto. Mas — ela deu um meio sorriso —, como você não é viciado em nenhuma substância ilícita, provavelmente não pode ter uma empatia completa. Mas… —

Seus dedos tocaram meus lábios de leve, e meu coração disparou. — Existem outras coisas que quero, outras fomes. Fomes que eu não entendo.
— Posso entender isso melhor do que você pensa.
— Não estou acostumada a me sentir tão humana. É sempre assim?
— Para mim? — Hesitei. — Não, nunca. Pelo menos, até agora.
Ela colocou as mãos dos dois lados do meu rosto.
— Não sei como ficar perto de você. Não sei se consigo.
Coloquei as mãos sobre as dela e me inclinei lentamente para a frente, até nossas testas se tocarem.
— Isso basta. — Eu suspirei, fechando os olhos.
Ficamos sentados assim por um momento, e ela colocou os dedos no meu cabelo. Virou o rosto e encostou os lábios na minha testa. O ritmo da minha pulsação explodiu, ficando disparado e irregular.
— Você é muito melhor nisso do que acha — eu disse quando consegui falar de novo.
Ela se inclinou para longe e segurou minhas mãos de novo.
— Nasci com instintos humanos. Podem estar enterrados lá no fundo, mas existem.
Ficamos nos olhando por mais um momento imensurável; eu me perguntei se ela estava tão sem vontade de se mexer quanto eu. Mas a luz desaparecia, as sombras da floresta estavam quase nos tocando.
— Você tem que ir.
— Achei que não pudesse ler minha mente.
Ela sorriu.
— Está ficando mais clara.
Uma empolgação repentina surgiu nos olhos dela.
— Posso lhe mostrar uma coisa?
— O que quiser.
Ela sorriu.
— Que tal voltarmos mais rápido até a picape?
Olhei para ela com cautela.
— Você não quer ver como *eu* ando pela floresta? — insistiu ela. — Juro que é seguro.
— Você vai… se transformar em morcego?
Ela caiu na gargalhada.
— Como se eu não tivesse ouvido *essa* antes!
— Tudo bem, tenho certeza de que ouve o tempo todo.
Ela se levantou em outro movimento veloz invisível. Estendeu a mão para mim, e pulei ao lado dela. Ela se virou e olhou para mim por cima do ombro.

— Suba nas minhas costas.
Eu fiquei olhando para ela.
— Hã?
— Não seja covarde, Beau. Prometo que não vai machucar.
Ela ficou ali, esperando, de costas para mim, totalmente séria.
— Edythe, eu não… quer dizer, *como*?
Ela se virou para mim com uma sobrancelha levantada.
— Você deve conhecer o conceito de montar nas costas.
Eu dei de ombros.
— Claro, mas…
— Qual é o problema, então?
— Bem… você é tão *pequena*.
Ela expirou com exasperação e sumiu. Dessa vez, senti o vento da passagem dela. Um segundo depois, ela estava de volta com uma rocha na mão.
Uma rocha de verdade. Que deve ter arrancado do chão, porque a parte de baixo estava coberta de terra e raízes. Seria da altura da cintura dela se ela a colocasse no chão. Ela inclinou a cabeça para um lado.
— Não foi isso o que eu quis dizer. Não estou dizendo que você não é *forte* o bastante…
Ela jogou a rocha com leveza por cima do ombro, que voou para além da beirada da floresta e caiu na terra com o som de madeira e pedra se estilhaçando.
— Obviamente — prossegui. — Mas eu… Como eu caberia? — Olhei para minhas pernas longas demais e para o corpo delicado.
Ela se virou de costas para mim de novo.
— Confie em mim.
Sentindo-se a pessoa mais idiota e mais desajeitada da história, passei os braços com hesitação pelo pescoço dela.
— Ande — disse ela com impaciência.
Ela esticou uma das mãos para trás e segurou minha perna, puxando meu joelho para cima do quadril dela.
— Opa!
Mas ela já estava com minha outra perna, e em vez de cair para trás, aguentou meu peso com facilidade. Ajeitou minhas pernas ao redor da cintura. Meu rosto estava quente, e eu sabia que devia parecer um gorila montado em um galgo.
— Estou machucando você?
— *Por favor*, Beau.
Ainda que constrangido, eu estava bem ciente de que meus braços e pernas estavam bem apertados no corpo magro dela.
De repente, ela segurou minha mão e apertou a palma no rosto. E inspirou

profundamente.
— Fica cada vez mais fácil — murmurou ela.
E então, saiu correndo.
Pela primeira vez, senti medo pela minha vida. Pavor.
Ela disparou pela floresta como uma bala, como um fantasma. Não havia nenhum som, nenhuma prova de que seus pés tocavam o chão. Sua respiração não mudou, não indicou esforço nenhum. Mas as árvores voavam a uma velocidade mortal, passando a centímetros de nós.
Fiquei chocado demais para fechar os olhos, embora o ar frio batesse no meu rosto e os fizesse arder. Senti como se estivesse colocando a cabeça para fora da janela de um avião em pleno voo.
De repente, acabou. Tínhamos andado por horas esta manhã até a campina de Edythe, e agora, em questão de minutos (nem mesmo minutos, *segundos*), estávamos de volta ao carro.
— Extasiante, não? — Sua voz estava alta e animada.
Ela ficou imóvel, esperando que eu soltasse as pernas e me afastasse dela. Eu tentei, mas não consegui fazer meus músculos descongelarem. Meus braços e pernas ficaram travados enquanto a cabeça girava de um jeito desagradável.
— Beau? — chamou ela, agora ansiosa.
— Acho que preciso me deitar — revelei, arfando.
— Ah, me desculpe.
Demorei alguns segundos para lembrar como abria os dedos. E então, tudo pareceu se soltar ao mesmo tempo, e meio que caí dela e cambaleei para trás, até perder o equilíbrio e terminar a queda.
Ela esticou a mão e tentou não rir, mas recusei a ajuda. Fiquei no chão e coloquei a cabeça entre os joelhos. Meus ouvidos estavam apitando e minha cabeça girava em círculos irregulares.
Senti um toque frio na nuca. Ajudou.
— Acho que não foi a melhor ideia — refletiu ela.
Tentei ser positivo, mas minha voz saiu vazia.
— Não, foi muito interessante.
— Rá! Você está branco feito um fantasma. Não, pior, está branco feito *eu*!
— Acho que devia ter fechado os olhos.
— Lembre-se disso da próxima vez.
Olhei para ela, assustado.
— Próxima vez?
Ela riu, o humor ainda radiante.
— Exibida — murmurei e baixei a cabeça de novo.
Depois de meio minuto, minha cabeça quase havia parado de girar.

— Olhe para mim, Beau.
Levantei a cabeça, e ela estava bem ali, o rosto a centímetros do meu. Sua beleza foi como um soco que me deixou atordoado. Eu não conseguia me acostumar.
— Fiquei pensando, enquanto estava correndo…
— Em não bater nas árvores, espero — interrompi, sem fôlego.
— Beau bobinho. Correr faz parte da minha natureza. Não é uma coisa na qual tenha que pensar.
— Exibida — murmurei de novo.
Ela sorriu.
— Não, eu estava pensando que há uma coisa que quero experimentar. — Ela colocou as mãos no meu rosto de novo.
Eu não consegui respirar.
Ela hesitou. Parecia um teste, para ter certeza de que era seguro, de que ela ainda estava sob controle.
E então seus lábios frios e perfeitos se encostaram bem levemente nos meus.
Nenhum de nós estava preparado para minha reação.
O sangue ferveu sob minha pele, ardendo em meus lábios. Minha respiração assumiu um ofegar louco. Meus dedos se emaranharam em seu cabelo, puxando-a para mim. Meus lábios se separaram enquanto eu respirava seu cheiro inebriante.
Imediatamente, ela se transformou numa pedra inanimada sob meus lábios. Suas mãos empurraram meu rosto para trás delicadamente, mas com firmeza. Abri os olhos e vi a expressão de cautela.
— Ops — falei.
— Ops é pouco.
Seus olhos estavam arredios, o queixo trincado. Meu rosto estava a centímetros do dela, os dedos entrelaçados no cabelo.
— Devo…? — Tentei me soltar, dar algum espaço.
Suas mãos não me soltaram.
— Não, é tolerável. Espere um momento, por favor. — A voz saiu educada e controlada.
Mantive os olhos nela, assistindo neles à excitação que diminuía e se suavizava.
Ela deu um sorriso, satisfeita consigo mesma.
— Pronto.
— Tolerável? — perguntei.
Ela riu.
— Sou mais forte do que eu pensava. É bom saber disso.
— E eu, não. Desculpe.
— Você *é* apenas humano, afinal de contas.

Eu suspirei.
— É.
Ela soltou o cabelo dos meus dedos e se levantou em um dos movimentos leves e quase invisíveis. Ela estendeu a mão de novo, e dessa vez a peguei para me levantar. Eu precisava da ajuda; meu equilíbrio ainda não tinha voltado. Oscilei de leve ao dar um passo para longe dela.
— Ainda está tonto por causa da corrida ou foi minha perícia no beijo? — Ela pareceu muito humana enquanto ria agora, relaxada e tranquila. Era uma nova Edythe, diferente daquela que conheci, e fiquei ainda mais inebriado por ela. Eu sentiria dor física de ter que me separar dela.
— Os dois.
— Talvez deva me deixar dirigir.
— Hã, acho que já vivenciei sua necessidade de velocidade além da conta hoje…
— Posso dirigir melhor do que você em seu melhor dia — disse ela. — Você tem reflexos muito mais lentos.
— Acredito em você, mas não acho que minha picape possa aguentar você na direção.
— Um pouco de confiança, por favor, Beau.
Minha mão se fechou ao redor da chave no bolso. Repuxei os lábios, como se estivesse pensando, depois balancei a cabeça com um sorriso apertado.
— Nada disso. Nem pensar.
Ela ergueu as sobrancelhas, segurou minha camiseta e puxou. Eu quase tropecei nela, mas me apoiei com a mão no ombro dela.
— Beau, já gastei muito esforço pessoal a essa altura para manter você vivo. Não vou deixar você se sentar ao volante de um carro quando nem consegue andar direito. Amigos não deixam amigos dirigirem bêbados.
— Bêbado? — objetei.
Ela ficou nas pontas dos pés para que o rosto ficasse perto do meu. Consegui sentir a fragrância insuportavelmente doce do hálito dela.
— Está embriagado com minha presença.
— Não posso contestar isso. — Suspirei. Não havia como escapar; não podia resistir a ela em nada. Ergui a chave e a larguei, para ver sua mão voar como um raio para pegá-la sem fazer nenhum som. — Vá com calma. Meu carro é um cidadão idoso.
— Muito prudente.
Ela soltou minha camisa e tirou minha mão de seu ombro.
— E você não está nada afetada? Com minha presença?
Ela se virou e esticou a mão para pegar a minha, levando-a ao rosto de novo.

Apoiou-se na palma e fechou os olhos. Inspirou lenta e profundamente.
— Não importa… — murmurou ela. Seus olhos se abriram e ela deu um sorriso.
— Tenho reflexos melhores.

14. A MENTE DOMINA A MATÉRIA

EU TINHA QUE admitir que ela dirigia bem, quando mantinha a velocidade razoável. Como em muitas coisas, parecia não exigir esforço nenhum. Ela mal olhava a estrada, e, no entanto, a picape sempre ficava perfeitamente centralizada na pista. Ela dirigia com uma só mão, porque eu estava segurando a outra dela entre nós. Às vezes, ela olhava o sol poente, que cintilava na pele dela em brilhos de tom de rubi. Às vezes, olhava para mim, olhava nos meus olhos ou para nossas mãos entrelaçadas.

Ela ligara o rádio em uma estação de música antiga e cantava uma canção que eu nunca tinha ouvido. A voz era perfeita, como tudo nela, indo um oitavo acima da melodia. Ela sabia toda a letra.

— Gosta de música dos anos 1950? — perguntei.

— A música dos anos 1950 era boa. Muito melhor do que a dos anos 1960, ou dos 1970, ugh! — Ela estremeceu. — A dos anos 1980 era suportável.

— Vai me dizer um dia qual é a sua idade?

Eu me perguntei se minha pergunta atrapalharia o bom humor dela, mas ela só sorriu.

— Isso importa muito?

— Não, mas quero saber tudo sobre você.

— Eu me pergunto se vai perturbar você. — Ela refletiu para si mesmo. Ficou olhando diretamente para o sol; um minuto se passou.

— Experimente — sugeri, por fim.

Ela olhou nos meus olhos, parecendo se esquecer completamente da estrada por um tempo. O que quer que tenha visto a encorajou. Ela se virou para olhar os últimos raios vermelho-sangue do sol poente e suspirou.

— Nasci em Chicago em 1901. — Ela parou e olhou para mim pelo canto do olho. Meu rosto estava cuidadosamente composto, sem surpresa, esperando pacientemente pelo resto. Ela deu um sorrisinho e continuou. — Carine me encontrou em um hospital no verão de 1918. Eu tinha 17 anos e estava morrendo de gripe espanhola.

Ela ouviu meu arfar e olhou nos meus olhos de novo.

— Não lembro muito bem. Foi há muito tempo, e a memória humana vai acabando. — Ela pareceu perdida em pensamentos por um minuto, mas, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, prosseguiu. — Mas lembro como foi quando Carine me salvou. Não é fácil, não é uma coisa de que se possa esquecer.

— E seus pais?

— Eles já haviam morrido da doença. Eu estava sozinha. Foi por isso que ela me

escolheu. Em todo o caos da epidemia, ninguém perceberia que eu tinha desaparecido.
— Como foi que ela… salvou você?
Alguns segundos se passaram, e, quando ela falou de novo, parecia escolher as palavras com cuidado.
— Foi difícil. Não há muitos de nós com o controle necessário para conseguir isso. Mas Carine sempre foi a mais humana, a mais compassiva de todos nós… Não acredito que se possa encontrar alguém igual a ela em toda a história. — Ela hesitou. — Para mim, foi apenas muito, muito doloroso.
Ela firmou o maxilar, e consegui perceber que não falaria mais nada sobre o assunto. Guardei para depois. Minha curiosidade não era pouca. Havia muitos ângulos pelos quais eu precisava pensar sobre aquela questão em particular, coisas que só agora começavam a me ocorrer.
Sua voz suave interrompeu meus pensamentos.
— Ela agiu por solidão. Este em geral é o motivo por trás da decisão. Fui a primeira da família de Carine, embora ela tenha encontrado Earnest logo depois. Ele havia caído de um penhasco. Levaram-no diretamente para o necrotério do hospital mas, de alguma forma, seu coração ainda batia.
— Então você precisa estar morrendo…
— Não, Carine que é assim. Ela nunca faria isso com alguém que tivesse alternativas, qualquer alternativa. — O respeito em sua voz era profundo sempre que falava da mãe adotiva. — Diz ela que é mais fácil, porém, se o coração estiver fraco. — Ela olhou a estrada agora escura, e pude sentir que o assunto se encerrava de novo.
— E Eleanor e Royal?
— Carine trouxe Royal à nossa família em seguida. Só bem mais tarde percebi que esperava que ele fosse para mim o que Earnest é para ela. Ela era cautelosa com os pensamentos perto de mim. — Ela revirou os olhos. — Mas ele nunca foi mais do que um irmão. Apenas dois anos depois ele encontrou Eleanor. Ele estava caçando, estávamos nos Apalaches naquela época, e encontramos um urso prestes a acabar com a vida dela. Ele a levou para Carine, mais de 150 quilômetros de distância, com medo de não conseguir fazer. Mal consigo imaginar como a viagem deve ter sido difícil para ele.
Ela me lançou um olhar penetrante e ergueu nossas mãos, ainda entrelaçadas, para afagar meu rosto.
— Mas ele conseguiu.
— Conseguiu. Ele viu alguma coisa no rosto dela que lhe deu forças. E eles estão juntos desde então. Às vezes, eles moram separados de nós, como um casal. Mas, quanto mais jovens fingimos ser, mais tempo podemos ficar em um

determinado lugar. Forks é perfeita de muitas formas, então todos nos matriculamos no colégio. — Ela riu. — Imagino que tenhamos que ir ao casamento deles daqui a alguns anos, de novo.
— Archie e Jessamine?
— Archie e Jessamine são duas criaturas muito raras. Os dois desenvolveram uma *consciência*, como dizemos, sem nenhuma orientação externa. Jessamine pertencia a outra… família, um tipo muito diferente de família. Estava deprimida e começou a vagar sozinha. Archie a encontrou. Como eu, ele tem certos dons.
— É mesmo? — interrompi, fascinado. — Mas você disse que era a única que podia ouvir os pensamentos das pessoas.
— E é verdade. Ele sabe outras coisas. Ele *vê* coisas, coisas que podem acontecer, coisas que estão chegando. Mas é muito subjetivo. O futuro não está gravado em pedra. As coisas mudam.
Seu queixo travou quando ela disse isso, e os olhos dispararam para meu rosto e se desviaram tão rapidamente que não tive certeza se havia só imaginado.
— Que tipo de coisas ele vê?
— Ele viu Jessamine e entendeu que ele a procurava antes de saber de sua existência. Ele viu Carine e nossa família, e eles se uniram para nos encontrar. Ele é mais sensível a não humanos. Sempre vê, por exemplo, quando outro grupo de nossa espécie está se aproximando. E qualquer ameaça que possam representar.
— E existem muitos de… sua espécie? — Fiquei surpreso. Quantos deles podiam estar andando entre nós sem ser detectados?
Minha mente travou em uma palavra que ela disse. *Ameaça.* Era a primeira vez que ela dizia qualquer coisa que indicasse que o mundo dela era perigoso não só para humanos. Isso me deixou nervoso, e eu estava prestes a fazer uma nova pergunta, mas ela já estava respondendo minha primeira.
— Não, não são muitos. Mas a maioria não se acomoda em um lugar. Só os que são como nós, que desistiram de caçar pessoas — um olhar malicioso em minha direção —, podem viver junto dos humanos por um determinado tempo. Só descobrimos uma família como a nossa em uma pequena aldeia do Alasca. Moramos juntos por um tempo, mas éramos tantos que ficamos visíveis demais. Aqueles de nós que vivem… de forma diferente tendem a ficar juntos.
— E os outros?
— Nômades, em sua maioria. Todos nós vivemos desse jeito por alguns períodos. Fica tedioso, como qualquer outra coisa. Mas nos deparamos uns com os outros de vez em quando, porque a maioria de nós prefere o norte.
— Por que isso?
Agora, estávamos estacionados na frente da minha casa, e ela desligou o motor.

Estava muito silencioso e escuro; não havia luar. A luz da varanda estava apagada, então eu sabia que meu pai ainda não chegara.
— Você estava de olhos abertos esta tarde? — zombou ela. — Acha que eu poderia andar pela rua à luz do sol sem provocar acidentes de trânsito?
Pensei que ela era capaz de parar o trânsito mesmo sem toda a pirotecnia.
— Há um motivo para que tenhamos escolhido a península de Olympic, um dos lugares mais desprovidos de sol do mundo. É bom poder sair à luz do dia. Você não acreditaria em como pode ser cansativo viver à noite por oitenta anos.
— Então é daí que vêm as lendas?
— Provavelmente.
— E Archie veio de outra família, como Jessamine?
— Não, e isso é *mesmo* um mistério. Archie não se lembra de nada da vida humana. E não sabe quem o criou. Ele despertou sozinho. Quem o criou desapareceu, e nenhum de nós entende por quê, ou como, ele pôde fazer isso. Se Archie não tivesse aquele outro sentido, se não tivesse visto Jessamine e Carine e soubesse que um dia se tornaria um de nós, provavelmente teria se transformado num completo selvagem.
Havia tanta coisa em que pensar, tanto que eu ainda queria perguntar. Mas meu estômago roncou. Eu estava tão interessado que nem havia notado que estava com fome. Percebi então que estava faminto.
— Desculpe, estou impedindo você de jantar.
— Eu estou bem, verdade.
— Nunca passo tanto tempo com alguém que se alimenta de comida. Eu esqueço.
— Quero ficar com você. — Era mais fácil dizer isso no escuro, sabendo que minha voz me trairia, trairia meu vício irremediável nela.
— Não posso entrar? — perguntou ela.
— Gostaria de entrar? — Eu não conseguia imaginar isso, uma deusa sentada na cadeira velha de cozinha do meu pai.
— Sim, se você não se importar.
Eu sorri.
— Não me importo.
Saí da picape e ela já estava lá, mas saiu correndo e desapareceu. As luzes se acenderam lá dentro.
Ela me encontrou na porta. Era tão surreal vê-la dentro da minha casa, emoldurada pelos detalhes físicos chatos da minha vida prosaica. Lembrei-me de um jogo que minha mãe fazia comigo quando eu tinha uns quatro ou cinco anos. *Uma dessas coisas não é como as outras.*
— Deixei a porta destrancada?

— Não, usei a chave que estava embaixo da calha.
Eu achava que não tinha usado aquela chave na frente dela. Lembrei que ela encontrou a chave da minha picape e dei de ombros.
— Você está com fome, certo?
E foi na frente para a cozinha, como se tivesse frequentado minha casa um milhão de vezes antes. Acendeu a luz da cozinha e se sentou na mesma cadeira onde tentei imaginá-la. A cozinha não parecia mais tão sem graça. Mas talvez fosse porque eu não conseguia olhar para mais nada além dela. Fiquei ali por um momento, tentando absorver a presença dela no meio do mundo comum.
— Coma alguma coisa, Beau.
Eu assenti e fui procurar. Havia sobra de lasanha da noite anterior. Coloquei um quadrado no prato, mudei de ideia e acrescentei o resto que estava na forma, depois coloquei o prato no micro-ondas. Lavei a travessa enquanto o micro-ondas girava, enchendo a cozinha com o aroma de tomate e orégano. Meu estômago roncou de novo.
— Hummm — disse ela.
— O que foi?
— Vou ter que me sair melhor no futuro.
Eu ri.
— O que você poderia fazer melhor do que já faz?
— Lembrar que você é humano. Eu devia ter levado alguma coisa para um piquenique hoje.
O micro-ondas apitou e eu peguei o prato, depois coloquei rapidamente na bancada quando queimou minha mão.
— Não se preocupe. — Peguei um garfo e comecei a comer. Eu estava com *muita* fome. A primeira garfada queimou minha boca, mas continuei mastigando.
— Está gostoso? — perguntou ela.
Engoli.
— Não tenho certeza. Acho que queimei minhas papilas gustativas. Estava gostoso ontem.
Ela não pareceu convencida.
— Você sente falta de comida? De sorvete? De creme de amendoim?
Ela balançou a cabeça.
— Nem me lembro direito de comida. Não saberia nem dizer quais eram as minhas favoritas. Não tem cheiro… comestível agora.
— Isso é meio triste.
— Não é um sacrifício tão grande — falou, com tristeza, como se houvesse outras coisas na mente, sacrifícios que eram *enormes*.
Usei o pano de prato para levar o prato até a mesa e me sentar ao lado dela.

— Você sente falta de outras coisas da vida de humana?
Ela pensou por um segundo.
— Não sinto *falta* de nada, porque eu teria que me lembrar para sentir falta, e, como falei, é difícil me lembrar da minha vida humana. Mas há coisas de que acho que gostaria. Acho que você poderia dizer que há coisas das quais sinto inveja.
— Como o quê?
— Dormir é uma delas. A consciência infinita fica tediosa. Acho que eu gostaria de um apagamento temporário. Parece interessante.
Comi um pouco e pensei no que ela disse.
— Parece difícil. O que você faz a noite toda?
Ela hesitou e repuxou os lábios.
— Você quer dizer em geral?
Eu me perguntei por que ela pareceu não querer responder. Era uma pergunta vaga demais?
— Não, não precisa falar de um modo geral. Tipo, o que você vai fazer hoje depois que for embora?
Foi a pergunta errada. Consegui sentir meu ânimo começar a murchar. Ela teria que ir embora. Não importava o quanto a separação seria breve, eu a temia.
Ela também pareceu não gostar da pergunta, e primeiro achei que fosse pelo mesmo motivo. Mas ela virou os olhos para o meu rosto e depois para longe, como se estivesse pouco à vontade.
— O quê?
Ela fez uma careta.
— Você quer uma mentira agradável ou uma verdade possivelmente perturbadora?
— A verdade — respondi, rapidamente, embora não tivesse certeza absoluta.
Ela suspirou.
— Vou voltar para cá depois que você e seu pai dormirem. Faz parte da minha rotina ultimamente.
Eu pisquei. E pisquei de novo.
— Você vem pra *cá*?
— Quase todas as noites.
— Por quê?
— Você é interessante quando dorme — disse ela casualmente. — Você fala.
Meu queixo caiu. Calor subiu pelo meu pescoço até meu rosto. Eu sabia que falava dormindo, claro; minha mãe pegava no meu pé por isso. Eu não achei que fosse uma coisa com a qual eu precisasse me preocupar ali.
Ela observou minha reação com apreensão debaixo dos cílios.

— Está com muita raiva de mim?
Estava? Eu não sabia. O potencial de humilhação era alto. E eu não entendia; ela ficava me ouvindo falar dormindo de onde? Da janela? Eu não conseguia entender.
— Como você… Onde você… O que eu…? — Eu não conseguia concluir nenhum dos meus pensamentos.
Coloquei a mão dela na minha bochecha. O sangue nos dedos dela pareceu ferver em comparação à mão fria.
— Não fique chateado. Eu não tive má intenção. Juro que fiquei muito controlada. Se eu achasse que havia perigo, teria ido embora na mesma hora. Eu só… queria estar onde você estava.
— Eu… Não é com isso que estou preocupado.
— Com o que você está preocupado?
— O que eu *disse*?
Ela sorriu.
— Você sente falta da sua mãe. Quando chove, o barulho o deixa inquieto. Você costumava falar muito da sua cidade, mas agora é menos frequente. Uma vez, você disse: “É verde demais.” — Ela riu baixinho para não me ofender ainda mais.
— Mais alguma coisa? — perguntei.
Ela sabia aonde eu queria chegar.
— Você disse meu nome — admitiu ela.
Suspirei, derrotado.
— Muito?
— Defina “muito”.
— Ah, não — resmunguei.
Como se fosse fácil, natural, ela passou os braços ao redor dos meus ombros e apoiou a cabeça no meu peito. Automaticamente, meus braços subiram e a envolveram. Para segurá-la ali.
— Não fique constrangido — sussurrou ela. — Você já tinha me dito que sonha comigo, lembra?
— É diferente. Eu sabia o que estava dizendo.
— Se eu pudesse sonhar, seria com você. E não tenho vergonha disso.
Acariciei o cabelo dela. Acho que, no fundo, eu não me importava. Eu não esperava que ela seguisse as regras humanas normais mesmo. As regras que ela criou para si mesma já pareciam bastar.
— Não tenho vergonha — sussurrei.
Ela fez um zumbido, quase um ronronar, a bochecha no meu coração.
Nessa hora, nós dois ouvimos o som de pneus na entrada de carros e vimos os

faróis lampejarem nas janelas da frente, descendo pelo corredor até nós. Dei um pulo e baixei os braços enquanto ela se afastava.
— Você quer que seu pai saiba que estou aqui? — perguntou ela.
Tentei pensar rapidamente.
— Hã…
— Em outra ocasião, então…
E eu estava só.
— *Edythe*? — sibilei.
Ouvi uma risada espectral, depois mais nada.
A chave do meu pai girou na porta.
— Beau? — chamou ele. Eu achava isso engraçado antes; quem mais poderia ser? De repente, não parecia tão despropositado.
— Aqui.
Minha voz estaria agitada demais? Comi outra garfada de lasanha para estar mastigando quando ele entrasse. Os passos soaram barulhentos demais depois de eu passar o dia com Edythe.
— Você pegou toda a lasanha? — perguntou ele, olhando para o meu prato.
— Ah, desculpe. Aqui, tome um pouco.
— Não tem problema, Beau. Faço um sanduíche.
— Desculpe — murmurei de novo.
Charlie fez uma barulheira na cozinha para pegar as coisas de que precisava. Continuei comendo meu prato gigantesco de comida com a maior rapidez humanamente possível sem morrer engasgado. Estava pensando no que Edythe tinha acabado de dizer: *Você quer que seu pai saiba que estou aqui?* Que não era a mesma coisa que *Você quer que seu pai saiba que* estive *aqui?*, no passado. Isso queria dizer que ela não foi embora? Eu esperava que sim.
Com o sanduíche na mão, Charlie se sentou na cadeira à minha frente. Era difícil imaginar Edythe sentada no mesmo lugar minutos antes. Charlie combinava. A lembrança dela era como um sonho que não podia ter sido real.
— Como foi seu dia? Fez tudo que queria?
— Hã, não exatamente. Estava… um dia bonito demais para ficar dentro de casa. Os peixes morderam a isca?
— Morderam. Eles também gostam do tempo bom.
Raspei o resto da lasanha em uma garfada enorme e comecei a mastigar.
— Tem planos para esta noite? — perguntou ele de repente.
Eu balancei a cabeça, talvez enfaticamente demais.
— Você parece meio agitado — comentou ele.
Claro que ele prestaria atenção logo esta noite.
Eu engoli.

— É mesmo?
— É sábado — refletiu ele.
Não respondi.
— Acho que vai perder o baile de hoje…
— Como eu pretendia.
Ele assentiu.
— Claro, dançar, eu entendo. Mas talvez semana que vem… você pudesse levar a garota Newton para jantar, quem sabe. Para sair de casa. Socializar.
— Já falei, ela está namorando meu amigo.
Ele franziu a testa.
— Ah, tem muitos outros peixes no mar.
— Não nesse ritmo que você anda pescando.
Ele riu.
— Eu me esforço… Então você não vai sair hoje? — perguntou ele de novo.
— Não tenho para onde ir — respondi. — Além do mais, estou cansado. Vou dormir cedo de novo.
Eu me levantei e levei o prato para a pia.
— Aham — disse ele, mastigando e pensando. — Nenhuma das garotas da cidade faz seu tipo, é?
Eu dei de ombros enquanto lavava o prato.
Consegui senti-lo olhando para mim e me esforcei para impedir que o sangue subisse ao pescoço. Eu não sabia se estava conseguindo.
— Não seja tão duro com uma cidade pequena — disse ele. — Sei que não temos a variedade de uma cidade grande…
— Tem bastante variedade, pai. Não se preocupe comigo.
— Tudo bem, tudo bem. Não é da minha conta mesmo. — Ele pareceu meio rejeitado.
Eu suspirei.
— Bom, acabei aqui. Vejo você de manhã.
— Boa noite, Beau.
Tentei fazer com que meus passos parecessem lentos e cansados ao subir para o quarto, como se eu estivesse exausto. Perguntei-me se ele tinha caído na minha atuação ruim. Eu não menti para ele nem nada. Não estava mesmo planejando sair naquela noite.
Fechei a porta com um barulho alto o bastante para que ele ouvisse, depois corri na ponta dos pés até a janela. Eu a abri e me inclinei para a noite. Não consegui ver nada, só as sombras das copas das árvores.
— Edythe? — sussurrei, sentindo-me um completo idiota.
A resposta baixa e risonha veio de trás de mim.

— Sim?
Eu girei tão rápido que derrubei um livro da mesa. Caiu com um baque no chão.
Ela estava deitada em minha cama, as mãos na nuca, os tornozelos cruzados, um sorriso enorme cheio de covinhas no rosto. Tinha a cor de gelo na escuridão.
— Ah! — sussurrei, esticando a mão para me apoiar na mesa.
— Desculpe — disse ela.
— Me dê um segundo para reiniciar meu coração.
Ela se sentou devagar, como fazia quando estava tentando agir como humana ou não me assustar, e passou as pernas pela beirada da cama. E bateu no espaço ao lado dela.
Andei oscilante até a cama e me sentei. Ela colocou a mão na minha.
— Como está seu coração?
— Me diga você, sei que o ouve melhor do que eu.
Ela riu baixinho.
Ficamos sentados ali por um momento em silêncio, os dois ouvindo meus batimentos desacelerarem. Pensei em Edythe no meu quarto… e nas perguntas desconfiadas do meu pai… e no meu bafo de lasanha.
— Posso ter um minuto como ser humano?
— Certamente.
Eu me levantei e olhei para ela, sentada toda perfeita na beirada da cama, e pensei que talvez estivesse tendo uma alucinação.
— Você vai estar aqui quando eu voltar, não vai?
— Não vou mexer um músculo — prometeu ela.
E ficou completamente imóvel, uma estátua de novo, empoleirada na beirada da cama.
Peguei meu pijama na gaveta e corri para o banheiro, batendo a porta para Charlie saber que estava ocupado.

***

Escovei os dentes duas vezes. Depois, lavei o rosto e troquei de roupa. Eu sempre usava uma calça de moletom furada e uma camiseta velha para dormir; era de uma churrascaria de que minha mãe gostava e tinha um porco sorrindo entre dois pedaços de pão. Eu queria ter uma coisa que fosse menos… a minha cara. Mas não esperava convidados, e devia ser besteira me preocupar. Se ela vinha para cá à noite, já sabia o que eu usava para dormir.
Escovei os dentes mais uma vez.
Quando abri a porta, tive outro pequeno ataque cardíaco. Charlie estava no alto da escada. Quase esbarrei nele.

— Ah! — falei.
— Ah, desculpe, Beau. Não queria dar um susto em você.
Eu respirei fundo.
— Estou bem.
Ele olhou para o meu pijama e pigarreou, como se estivesse surpreso.
— Também vai dormir?
— É, acho que vou. Vou sair cedo amanhã de novo.
— Tudo bem. Boa noite.
— Boa noite.
Entrei no meu quarto, feliz de a cama não ser visível de onde Charlie estava, depois fechei a porta com firmeza.
Edythe não havia se mexido nem um milímetro. Sorri, e seus lábios tremeram; ela relaxou e voltou a ser humana. Ou quase. Fui me sentar ao lado dela de novo. Ela se virou para me olhar, puxou as pernas e as cruzou.
— Não sei bem o que acho dessa camiseta — disse ela. A voz soou tão baixa que não precisei ter medo de Charlie nos ouvir.
— Posso trocar.
Ela revirou os olhos.
— Não de você estar usando. Da existência toda dela. — Ela esticou a mão e passou os dedos pelo porco sorridente. Minha pulsação disparou, mas ela ignorou educadamente. — Ele deveria ficar tão feliz de ser comida?
Eu tive que sorrir.
— Bom, a gente não sabe o lado dele da história, né? Pode ser que ele tenha um motivo para sorrir.
Ela olhou para mim como se duvidando da minha sanidade.
Estiquei a mão para segurar a dela. Parecia muito natural, mas, ao mesmo tempo, não consegui acreditar que tive tanta sorte. O que fiz para merecer aquilo?
— Charlie acha que você talvez vá sair escondido — disse ela.
— Eu sei. Aparentemente, pareço *agitado*.
— E está?
— Um pouco mais do que isso, eu acho. Obrigado. Por ficar.
— Era o que eu queria também.
Meu coração começou a bater… não exatamente mais rápido, porém mais *forte*. Por algum motivo que eu jamais entenderia, ela queria ficar comigo.
Movendo-se em velocidade humana, ela descruzou as pernas e as colocou ao redor da minha. Em seguida, se encolheu contra o meu peito de novo, da forma que parecia preferir, com o ouvido no meu coração, que estava reagindo provavelmente mais do que o necessário. Passei os braços em volta dela e apertei os lábios no seu cabelo.

— Humm — murmurou ela.
— Isso… — murmurei no cabelo dela — … é muito mais fácil do que eu achei que seria.
— Parece fácil para você?
Pareceu que ela estava sorrindo. Ela virou o rosto para cima, e senti seu nariz traçar uma linha fria pela lateral do meu pescoço.
— Bem — falei, sem fôlego. Os lábios dela estavam roçando meu maxilar. — Parece mais fácil do que esta manhã, pelo menos.
— Humm — disse ela.
Os braços deslizaram pelos meus ombros e envolveram meu pescoço. Ela se levantou até os lábios estarem roçando meu ouvido.
— E por que — minha voz tremeu, me deixando constrangido — você acha que é assim?
— A mente domina a matéria — sussurrou ela, no meu ouvido.
Um tremor percorreu meu corpo. Ela congelou, depois se afastou cuidadosamente. Uma das mãos roçou na pele debaixo da manga da minha camisa.
— Você está com frio — disse ela. Consegui sentir os arrepios surgirem debaixo das pontas dos dedos dela.
— Estou bem.
Ela franziu a testa e voltou à posição original. Meus braços não estavam dispostos a soltá-la. Quando ela deslizou para longe deles, minhas mãos ficaram em seus quadris.
— Seu corpo todo está tremendo.
— Acho que não é de frio — falei.
Nós nos olhamos por um segundo na escuridão.
— Não sei o que posso fazer — admiti. — O quanto preciso tomar cuidado?
Ela hesitou.
— Não está mais fácil — disse ela por fim, respondendo minha pergunta anterior. A mão passou pelo meu antebraço, e senti arrepios de novo. — Mas, hoje à tarde… eu ainda estava indecisa. Lamento, foi imperdoável me comportar como me comportei.
— Eu perdoo você — murmurei.
— Obrigada. — Ela sorriu, mas ficou séria quando olhou para meu braço arrepiado. — Sabe… eu não tinha certeza de que era forte o bastante… — Ela levantou minha mão e encostou na bochecha, ainda olhando para baixo. — E, enquanto ainda havia a possibilidade de eu poder ser… derrotada — ela inspirou o aroma no meu pulso —, eu estava… suscetível. Até eu tomar a decisão de que *era* forte o bastante, de que não havia possibilidade de eu… de que eu…

Nunca a vi lutar tanto com as palavras. Era tão *humano*.
— E não existe essa possibilidade agora?
Ela olhou para mim e sorriu.
— A mente domina a matéria.
— Parece fácil — falei, sorrindo para que ela soubesse que era provocação.
— Em vez de *fácil*, eu diria… *hercúleo, mas possível*. E assim… em resposta à sua outra pergunta…
— Me desculpe — falei.
Ela riu baixinho.
— Por que você pede desculpas? — Era uma pergunta retórica, e ela prosseguiu rapidamente, levando o dedo aos meus lábios para o caso de eu sentir a necessidade de explicar. — *Não* é fácil, e assim, se for aceitável para você, eu preferiria que você… seguisse minha deixa? — Ela baixou o dedo. — É justo?
— Claro — falei, rapidamente. — O que você quiser.
Como sempre, eu quis dizer literalmente.
— Se passar dos… limites, tenho certeza de que vou conseguir ir embora.
Eu franzi a testa.
— Vou cuidar para que não passe.
— Será mais difícil amanhã — disse ela. — Fiquei com seu cheiro na cabeça o dia todo e acabei ficando incrivelmente dessensibilizada. Se ficar longe de você por qualquer período de tempo, terei que começar de novo. Mas não do zero, imagino.
— Não vá embora nunca — sugeri.
O rosto dela relaxou em um sorriso.
— Está bom para mim. Pegue os grilhões. Sou sua prisioneira. — Enquanto falava, ela entrelaçou os dedos frios no meu pulso como uma algema. — E agora, se você não se importa, posso pegar um cobertor emprestado?
Demorei um segundo.
— Ah, hã, claro. Aqui.
Estiquei a mão para trás dela, peguei a colcha velha que estava dobrada no pé da minha cama e ofereci para ela. Ela soltou meu pulso, pegou o cobertor e o abriu, depois entregou para mim.
— Eu ficaria mais feliz se soubesse que você está confortável.
— Estou *muito* confortável.
— Por favor.
Rapidamente, joguei a colcha nas costas, como uma capa.
Ela riu baixinho.
— Não era bem o que eu estava pensando.
Ela já estava de pé, arrumando a colcha sobre as minhas pernas e puxando até os

meus ombros. Mas, antes que eu pudesse entender o que ela estava fazendo, ela tinha subido no meu colo e se aninhado contra meu peito. A colcha era uma barreira para qualquer ponto no qual nossa pele pudesse se encostar.
— Melhor? — perguntou ela.
— Não tenho certeza disso.
— Bom o bastante?
— Melhor do que isso.
Ela riu. Eu acariciei o cabelo dela. Pareceu um gesto cuidadoso.
— É tão estranho — disse ela. — Você lê sobre uma coisa… ouve sobre isso nas mentes das outras pessoas, vê acontecer com elas… e isso não prepara você nem um pouco para a experiência em si. A glória do primeiro amor. É mais do que eu esperava.
— Bem mais — concordei com fervor.
— E as outras emoções também. O ciúme, por exemplo. Eu achava que entendia claramente. Já li sobre isso umas cem mil vezes, vi atores o retratarem em mil peças e filmes, ouvi nas mentes ao meu redor diariamente. Até senti de forma superficial, desejando ter o que não tinha… Mas fiquei *chocada*. — Ela fez expressão de irritação. — Lembra o dia em que McKayla o convidou para o baile?
Assenti, embora me lembrasse do dia por um motivo diferente.
— Quando você começou a falar comigo de novo.
— Fiquei surpresa com o surto de ressentimento, quase de fúria, que senti. Inicialmente, não reconheci o que era. Eu não sabia que o ciúme podia ser tão poderoso… tão doloroso. E aí, você recusou, e eu não sabia por quê. Foi pior do que de costume não conseguir ouvir o que você estava pensando. Haveria outra pessoa? Foi por causa de Jeremy? Eu sabia que não tinha o direito de me importar nem com uma coisa, nem com outra. *Tentei* não me importar.
“E depois a fila começou a se formar.”
Eu grunhi, e ela riu.
— Eu esperei — prosseguiu ela —, mais ansiosa do que deveria para ouvir o que você diria a elas, para tentar decifrar sua expressão. Não pude negar o alívio que senti ao ver a irritação em seu rosto. Mas não podia ter certeza. Eu não sabia qual seria sua resposta se eu tivesse convidado…
Ela olhou para mim.
— Foi a primeira noite em que vim aqui. Eu lutei a noite toda, vendo você dormir, com o abismo entre o que eu sabia que era *certo*, moral, ético, honrado, e o que eu *queria*. Sabia que, se continuasse a ignorá-lo, como deveria, ou se me afastasse por alguns anos, até que você fosse embora, um dia você encontraria alguém que quereria, alguém humano como McKayla. Isso me deixou triste.

A voz dela baixou a um sussurro ainda mais baixo.
— E então, enquanto você estava dormindo, disse meu nome. Falou com tanta clareza que no começo pensei que estivesse acordado. Mas você se virou inquieto e murmurou meu nome mais uma vez, e suspirou. A emoção que me tomou depois foi enervante… perturbadora. E eu sabia que não podia mais ignorar você.
Ela ficou em silêncio por um minuto, provavelmente ouvindo o martelar irregular do meu coração.
— Mas o ciúme… é tão irracional. Agora há pouco, quando Charlie perguntou sobre aquela garota irritante…
— *Aquilo* deixou você com raiva. Sério?
— Sou nova nisso. Você está ressuscitando a humana em mim, e tudo parece mais forte porque é novidade.
— Mas, sinceramente, isso incomodar você, depois de eu ter que ouvir que Royal… Royal, o modelo do ano, o Sr. Perfeito, Royal era para ser seu. Com ou sem Eleanor, como posso competir com isso?
Os dentes dela brilharam e os braços envolveram meu pescoço de novo.
— Não existe competição.
— É disso que tenho medo. — Com hesitação, passei os braços ao redor dela. — Está bom assim? — Verifiquei.
— Muito. — Ela suspirou. — É claro que Royal *é* mesmo lindo à maneira dele, mas mesmo que não fosse como um irmão para mim, mesmo que o lugar dele não fosse ao lado de Eleanor, ele não exerceria nem um décimo, não, nem um centésimo da atração que você exerce sobre mim. — Ela agora estava séria e pensativa. — Por quase noventa anos, andei entre os meus, e entre os seus… o tempo todo pensando que eu era completa comigo mesma, sem perceber o que procurava. E sem encontrar nada, porque você ainda não estava vivo.
— Não parece justo — sussurrei no cabelo dela. — Não tive que esperar nada. Por que as coisas foram tão mais fáceis para mim?
— Tem razão — concordou ela. — Eu devia dificultar as coisas para você, sem dúvida. — Sua mão acariciou minha bochecha. — Você só tem que arriscar a vida a cada segundo que passa comigo, claro que não é muito. Tem que dar as costas para sua natureza, sua humanidade… que valor tem isso?
— Não me sinto privado de nada.
Ela virou o rosto para o meu peito e sussurrou:
— Ainda não.
— O quê…? — comecei a dizer, mas o corpo dela ficou imóvel de repente. Fiquei paralisado, mas ela sumiu, e meus braços ficaram abraçando o nada.
— Deite-se — sibilou ela, mas não consegui saber onde ela estava no escuro.

Deitei na cama de novo, abri a colcha e rolei para o lado, como costumava dormir. Ouvi a porta se abrir um pouco. Charlie estava dando uma espiada em mim. Respirei tranquilamente, exagerando o movimento.
Passou-se um longo minuto. Prestei atenção no barulho da porta se fechando. De repente, Edythe estava ao meu lado. Ela levantou meu braço e o colocou em cima dos ombros enquanto se aninhava em mim.
— Você é péssimo ator. Eu diria que é uma carreira vetada para você.
— Lá se vão meus planos — murmurei.
Meu coração estava sendo irritante. Ela devia conseguir *sentir* além de ouvir, pulando dentro das minhas costelas como se pudesse escapar dali.
Ela cantarolou uma melodia que não reconheci. Parecia uma cantiga de ninar. Mas parou.
— Quer que eu cante para você dormir?
— Certo. — Eu ri. — Como se eu pudesse dormir com você aqui!
— Você faz isso o tempo todo — lembrou-me ela.
— Não com você *aqui* — discordei, apertando o braço ao redor dela.
— Faz sentido. Então, se não quer dormir, o que quer fazer?
— Sinceramente? Muitas coisas. Nenhuma delas é cuidadosa.
Ela não disse nada; não parecia que estava respirando. Prossegui rapidamente.
— Mas, como prometi ser cuidadoso, eu gostaria de… saber mais sobre você.
— Me pergunte qualquer coisa. — Consegui ouvir que ela estava sorrindo agora.
Procurei a mais importante entre minhas perguntas.
— Por que você faz isso? — perguntei. — Ainda não entendo por que se esforça tanto para resistir ao que você… *é*. Não me entenda mal, é claro que fico feliz que resista. Nunca estive tão feliz de estar vivo. Só não vejo por que você se daria a esse trabalho.
Ela respondeu lentamente.
— É uma boa pergunta, e você não é o primeiro a fazê-la. Os outros, a maioria dos da nossa espécie que se satisfazem com o que são, eles também se perguntam como vivemos. Mas, veja bem, não é porque recebemos… um golpe do destino… que não podemos nos erguer acima disso, conquistar as fronteiras de um destino que nenhum de nós quis. Tentar reter a humanidade essencial que pudermos.
Fiquei deitado sem me mexer, meio impressionado. Ela era uma pessoa melhor do que eu seria na vida.
— Dormiu? — sussurrou ela, baixinho depois de alguns minutos.
— Não.
— Estava curioso só sobre isso?
Revirei os olhos.

— Não.
— O que mais quer saber?
— Por que você consegue ler mentes, e só você? E Archie, que vê o futuro… Por que é assim?
Senti que ela dava de ombros debaixo do meu braço.
— Não sabemos realmente. Carine tem uma teoria… Ela acredita que todos trazemos para esta vida algumas de nossas características humanas mais fortes, e que elas se intensificam, como nossa mente e nossos sentidos. Ela acha que eu já devia ser muito sensível aos pensamentos dos que me cercavam. E que Archie já tinha algumas premonições, onde quer que estivesse.
— O que ela trouxe para a nova vida, e os outros?
— Carine trouxe sua compaixão. Earnest trouxe sua capacidade de amar apaixonadamente. Eleanor trouxe sua força, Royal, sua… tenacidade. Ou você pode chamar de teimosia. — Ele riu. — Jessamine é muito interessante. Ela foi muito carismática em sua primeira vida, capaz de influenciar quem estivesse por perto a ver as coisas da maneira dela. Agora, ela é capaz de manipular as emoções dos que a cercam, acalmar uma sala cheia de pessoas irritadas, por exemplo, ou excitar uma turba letárgica. É um dom muito sutil.
Pensei nas impossibilidades que ela descreveu, tentando apreendê-las. Ela esperou pacientemente enquanto eu pensava.
— Então, onde tudo começou? Quer dizer, Carine transformou você e antes alguém deve tê-la transformado, e assim por diante…
— Bom, de onde você veio? Da evolução? Da criação? Não podemos ter evoluído da mesma maneira que as outras espécies, predador e presa? Ou, se não acredita que tudo neste mundo simplesmente aconteceu sozinho, o que eu mesma tenho dificuldade de aceitar, é tão difícil acreditar que a mesma força que criou o delicado peixe-anjo e o tubarão, o bebê foca e a baleia assassina, possa ter criado nossas espécies juntas?
— Me deixe ver se entendi… Eu sou o bebê foca, não é?
— É. — Ela riu, e seus dedos tocaram meus lábios. — Você não está cansado? Foi um longo dia.
— Só tenho mais um milhão de perguntas.
— Temos amanhã, e depois de amanhã, e o dia seguinte…
Uma sensação de euforia, de alegria pura, encheu meu peito, até eu achar que poderia explodir. Não conseguia imaginar que houvesse um viciado em drogas no mundo que não trocaria a droga favorita por aquela sensação.
Demorei um minuto para conseguir falar de novo.
— Tem certeza de que não vai desaparecer de manhã? Afinal de contas, você é mítica.

— Não vou deixá-lo — prometeu ela, solenemente, e aquela mesma sensação, ainda mais forte do que antes, tomou conta de mim.
Quando consegui falar, eu disse:
— Mais uma, então, esta noite… — E o sangue subiu pelo meu pescoço. A escuridão não ajudou. Eu tinha certeza de que ela conseguia sentir o calor.
— O que é?
— Não, deixa pra lá. Mudei de ideia.
— Beau, pode me perguntar qualquer coisa.
Não respondi e ela gemeu.
— Fico achando que vai passar a ser menos frustrante não ouvir seus pensamentos. Mas está ficando cada vez *pior*.
— Já é bem ruim que você me ouça falar dormindo — murmurei.
— Por favor, me fale — murmurou ela, com a voz aveludada assumindo aquela intensidade hipnotizante à qual nunca consegui resistir.
Eu tentei. Balancei a cabeça.
— Se não me disser, vou supor que é algo muito pior do que é na realidade — ameaçou ela.
— Eu não devia ter tocado no assunto — falei, e travei os dentes.
— *Por favor.* — Mais uma vez, a voz hipnótica.
Eu suspirei.
— Você não vai… se ofender?
— Claro que não.
Respirei fundo.
— Bem… obviamente, não sei muito o que é verdade sobre vampiros. — A palavra saiu acidentalmente. Eu estava tão concentrado em como fazer a pergunta, mas percebi o que disse e parei.
— Sim?
Ela parecia normal, como se a palavra não significasse nada.
Eu expirei de alívio.
— Tudo bem, quer dizer, só sei as coisas que você me contou, e parece que somos bastante… diferentes. Fisicamente. Você *parece* humana, só que melhor, mas não come nem dorme, sabe. Não precisa das mesmas coisas.
— É discutível em alguns níveis, mas há verdades no que você está dizendo. Qual é sua pergunta?
Eu respirei fundo.
— Me desculpe.
— *Pergunte.*
Eu falei de repente.
— Eu sou só um cara humano comum, e você é a garota mais bonita que já vi, e

fico… inebriado por você, e parte disso, naturalmente, vem do fato de eu estar *loucamente* atraído por você, o que tenho certeza de que já reparou, considerando que você é superciente do meu sistema circulatório, mas o que não sei é se é assim com você também. Ou se é como dormir e comer, coisas de que você não precisa e eu, sim, apesar de eu não *querer* essas coisas tanto quando quero você. Você disse que Eleanor e Royal se afastam e vivem como casados, mas isso quer dizer a mesma coisa para os vampiros? E essa pergunta é totalmente imprópria, inadequada para um primeiro encontro, e peço desculpas, não precisa responder.
Eu inspirei fundo.
— Humm… eu diria que é nosso segundo encontro.
— Você está certa.
Ela riu.
— Você está me perguntando sobre sexo, Beau?
Meu rosto ficou quente de novo.
— Estou. E não deveria ter perguntado.
Ela riu de novo.
— Eu *subi* na sua cama, Beau. Acho que torna sua linha de questionamento bem compreensível.
— Mas continua não precisando responder.
— Eu falei que você podia perguntar qualquer coisa. — Ela fez uma pausa, e sua voz ficou diferente. Meio formal, como uma professora dando aula. — Então… no sentido geral, Sexo e Vampiros nível básico. Todos nós começamos como humanos, Beau, e a maioria dos desejos humanos ainda está presente, só oculta por trás de desejos poderosos. Mas não sentimos sede o tempo todo e costumamos formar… laços muito fortes. Físicos e emocionais. Royal e Eleanor são como qualquer casal humano atraído um pelo outro, e com isso quero dizer que é muito, muito irritante para os que precisam morar com eles e ainda mais para quem consegue ouvir o que pensam.
Eu ri baixinho, e ela também.
— Constrangedor — murmurei.
— Você não faz ideia — disse ela de forma sóbria, e suspirou. — E agora, no sentido específico… Sexo e Vampiros, nível intermediário, Beau e Edythe. — Ela suspirou de novo, mais devagar dessa vez. — Acho… que não vai ser possível para nós.
— Porque eu teria que chegar… perto demais? — deduzi.
— Isso seria um problema, mas não o *principal*. Beau, você não sabe o quanto… você é *frágil*. Não falo como insulto à sua masculinidade, qualquer pessoa humana é frágil para mim. Tenho que calcular meus atos a cada momento em

que estamos juntos para não machucá-lo. Eu poderia matá-lo com facilidade, simplesmente por acidente.
Pensei nas primeiras vezes que ela me tocou, no quanto se moveu com cautela, como pareceu assustá-la. Que ela me pedia para mover a mão em vez de puxar a dela…
Agora, ela colocou a palma da mão na minha bochecha.
— Se eu me precipitasse demais… se estivesse distraída, poderia estender a mão querendo tocar seu rosto e esmagar seu crânio por engano. Você não percebe como é incrivelmente *quebradiço*. Não posso me dar ao luxo de perder o mínimo controle quando estou com você.
Se a vida dela estivesse nas minhas mãos assim, eu já a teria matado? Encolhi-me com a ideia.
— Acho que eu poderia perder a concentração com *facilidade* com você — murmurou ela.
— Eu nunca *não* perco a concentração com você.
— Posso perguntar uma coisa agora, uma coisa potencialmente ofensiva?
— É sua vez.
— Você tem alguma experiência com sexo e humanos?
Fiquei um pouco surpreso do meu rosto não ficar quente de novo. Parecia natural contar tudo para ela.
— Nem um pouco. Tudo isso é primeira vez para mim. Já falei, nunca senti isso por ninguém antes, nem perto disso.
— Eu sei. É que fico ouvindo o que outras pessoas pensam. Sei que o amor e o desejo nem sempre andam de mãos dadas.
— Para mim, andam.
— Que bom. Temos isso em comum, pelo menos.
— Ah.
Quando ela estava falando antes que *costumamos formar laços muito fortes, físicos e emocionais*, não consegui deixar de me perguntar se estava falando por experiência. Percebi que fiquei surpreendentemente aliviado de saber que não era esse o caso.
— Então você *perde* a concentração comigo?
— Sem dúvida. — Ela estava sorrindo de novo. — Você quer que eu diga o que me faz perder a concentração?
— Não precisa.
— Foram seus olhos primeiro. Você tem olhos lindos, Beau, como um céu sem nuvens. Passei a vida toda em climas chuvosos e costumo sentir falta do céu, mas não quando estou com você.
— Hã. Obrigado?

Ela riu.
— Não estou sozinha. Seis das suas dez admiradoras começaram com seus olhos também.
— *Dez?*
— Nem todas são tão desinibidas quanto Taylor e McKayla. Quer uma lista? Você tem opções.
— Acho que você está tirando sarro com a minha cara. E, de qualquer modo, não há opções. — E jamais haveria.
— Depois, foram seus braços. Eu gosto *muito* dos seus braços, Beau. Isso inclui seus ombros e suas mãos. — Ela passou a mão pelo meu braço, depois até o ombro e de volta até a mão. — Ou talvez tenha sido o seu queixo a segunda coisa… — Ela levou os dedos ao meu rosto, como se achasse que eu podia não saber o que ela queria dizer. — Não tenho certeza absoluta. Isso tudo me pegou de surpresa quando percebi que, além de achar você delicioso, também acho você lindo.
Meu rosto e meu pescoço ficaram quentes. Eu sabia que não podia ser verdade, mas, no momento, ela foi bem convincente.
— Ah, e eu nem falei do seu *cabelo*. — Ela passou os dedos pela minha cabeça.
— Tudo bem, agora eu *sei* que você está debochando.
— Não estou mesmo. Você sabia que seu cabelo é do mesmo tom de um teto coberto de teca em um monastério no qual fiquei uma vez? Acho que fica no que agora é o Camboja.
— Hã, não, não sabia. — Bocejei involuntariamente.
Ela riu.
— Respondi a sua pergunta satisfatoriamente?
— Er, sim.
— Então você devia dormir.
— Não sei se consigo.
— Quer que eu vá embora?
— Não! — falei, um pouco alto demais.
Ela riu, depois começou a cantarolar a mesma cantiga desconhecida. A voz dela era como a de um anjo, suave em meu ouvido.
Mais cansado do que tinha percebido, exausto de um dia de estresse mental e emocional que nunca sentira antes, resvalei para o sono com o corpo frio dela nos braços.

15. OS CULLEN

A LUZ SUFOCADA de outro dia nublado acabou me acordando. Fiquei deitado com o braço nos olhos, grogue e confuso. Algo, um sonho tentando ser lembrado, lutava para irromper em minha consciência. Eu gemi e rolei de lado, esperando que o sono voltasse. Mas o dia anterior inundou minha consciência.
— Ah! — Sentei-me tão rápido que minha cabeça girou.
— Seu cabelo tem a capacidade de desafiar a gravidade — A voz divertida vinha da cadeira de balanço no canto. — É como se fosse um superpoder só seu.
Automaticamente, levantei a mão para ajeitar o cabelo.
Ela estava sentada de pernas cruzadas na cadeira, com o sorriso perfeito no rosto perfeito.
— Você ficou. — Parecia que eu não tinha acordado, afinal.
— É claro. Era o que você queria, certo?
Eu assenti. Ela deu um sorriso maior.
— Era o que eu queria também.
Cambaleei para fora da cama, sem saber aonde ia, só que precisava chegar mais perto dela, que me esperou, e não houve surpresa no rosto dela quando me ajoelhei à sua frente. Estiquei a mão lentamente e coloquei a palma na lateral do rosto dela. Ela se inclinou na direção da minha mão, fechando os olhos.
— E Charlie? — perguntei. Nós dois estávamos falando em um volume normal.
— Ele saiu há uma hora, com uma quantidade absurda de equipamentos.
Ele ficaria fora o dia todo. Então só estávamos eu e Edythe, em uma casa vazia, sem necessidade de ir a lugar nenhum. Tanto tempo. Eu me sentia como um velho avarento maluco, vibrando com suas pilhas de moedas de ouro, só que, em vez de moedas, eram segundos que eu acumulava.
Só nessa hora, percebi que ela tinha mudado de roupa. Em vez do top de alcinhas, estava com um suéter pêssego.
— Você saiu? — perguntei.
Ela abriu os olhos e sorriu, levantando uma das mãos para manter a minha em seu rosto.
— Não podia sair com as roupas com que eu vim. O que os vizinhos iam pensar? De qualquer modo, fiquei fora só alguns minutos, e você estava dormindo profundamente na hora, então não perdi nada.
Eu grunhi.
— O que eu disse?
Seus olhos ficaram um pouco mais agitados e seu rosto, mais vulnerável.
— Você disse que me amava — sussurrou ela.

— Você já sabia disso.
— Mas ouvir as palavras foi diferente.
Eu olhei nos olhos dela.
— Eu te amo — falei.
Ela se inclinou e apoiou a testa com cuidado na minha.
— Agora, você é a minha vida.
Ficamos sentados assim por muito tempo, até que meu estômago roncou. Ela se empertigou e riu.
— A humanidade é *tão* supervalorizada — reclamei.
— Devemos começar com o café da manhã?
Coloquei a mão na jugular e arregalei os olhos.
Ela se encolheu; depois, apertou os olhos e fez cara feia.
Eu ri.
— Pare com isso, você sabe que foi engraçado.
Ela ainda estava de cara feia.
— Eu discordo. Devo reformular? É hora do café da manhã para o humano.
— Tudo bem. Preciso de outro minuto humano primeiro, se você não se importa.
— Claro.
— Fique.
Ela sorriu.
Eu escovei os dentes duas vezes de novo, depois tomei um banho correndo. Passei um pente no cabelo molhado para tentar fazê-lo ficar no lugar, mas fui solenemente ignorado. E aí, percebi a besteira. Eu tinha me esquecido de levar as roupas.
Hesitei por um minuto, mas estava impaciente demais para ficar muito tempo em pânico. Não tinha jeito. Prendi a toalha na cintura e andei pelo corredor com o rosto vermelho. Melhor ainda, o vermelho no meu peito também estava exposto. Coloquei a cabeça pelo batente da porta.
— Hã…
Ela ainda estava na cadeira de balanço. E riu da minha cara.
— Devemos nos encontrar na cozinha, então?
— Sim, por favor.
Ela passou por mim em um sopro de ar frio e desceu a escada antes de um segundo se passar. Eu mal consegui seguir o movimento; ela foi só uma mancha de cor clara e depois, nada.
— Obrigado — falei para o nada e corri até a cômoda.
Eu sabia que devia pensar no que vestir, mas estava com pressa para descer. Mas me lembrei de pegar um casaco, para ela não se preocupar de eu sentir frio.
Passei os dedos pelo cabelo para ajeitar de novo e desci a escada correndo.

Ela estava encostada na bancada, parecendo sentir-se em casa.
— O que tem para o café? — perguntei.
Isso a abalou por um minuto. Ela uniu as sobrancelhas.
— Não sei bem… O que você quer?
Eu ri.
— Tudo bem, eu me viro bem sozinho. Você pode *me* olhar caçar.
Peguei uma tigela e uma caixa de cereal. Ela voltou para a cadeira onde se sentou na noite anterior e ficou me olhando servir o leite e pegar uma colher. Coloquei a comida na mesa e parei. O espaço vazio na frente dela na mesa fez com que eu me sentisse grosseiro.
— Hã, posso… lhe servir alguma coisa?
Ela revirou os olhos.
— Apenas coma, Beau.
Sentei à mesa, observando-a enquanto começava a comer. Ela me fitava, analisando cada movimento. Isso me deixou constrangido. Engoli para falar, querendo distraí-la.
— Tem alguma programação para hoje?
— Talvez — disse ela. — Depende se você vai gostar ou não da minha ideia.
— Eu vou gostar — prometi ao comer uma segunda colherada.
Ela repuxou os lábios.
— O que diria de conhecer minha família?
Eu engasguei com o cereal.
Ela deu um pulo, com uma das mãos esticada na minha direção inutilmente, provavelmente pensando que poderia esmagar meus pulmões se tentasse fazer a manobra de Heimlich. Balancei a cabeça e fiz sinal para ela se sentar enquanto eu tossia para desengasgar.
— Estou bem, estou bem — eu disse quando consegui falar.
— Por favor, não faça isso comigo de novo, Beau.
— Desculpe.
— Talvez seja melhor conversarmos depois que você acabar de comer.
— Tudo bem. Preciso mesmo de um minuto.
Ela estava falando sério. E eu já tinha mesmo conhecido Archie, e nem foi tão ruim. E a Dra. Cullen também. Mas foi antes de eu saber que a Dra. Cullen era uma vampira, o que mudava as coisas. E, apesar de eu *ter* conhecido Archie, eu não sabia se ele tinha consciência de que eu sabia, e me parecia uma diferença importante. Além do mais, Archie era o mais *favorável*, de acordo com Edythe.
Havia outros que não eram tão generosos.
— Eu finalmente consegui — murmurou ela quando engoli o restinho do cereal e afastei a tigela.

— Conseguiu o quê?
— Deixar você com medo.
Pensei nisso por um momento, levantei a mão com os dedos abertos e balancei de um lado para o outro, o símbolo internacional do *mais ou menos*.
— Eu não deixaria ninguém machucar você — garantiu ela.
Mas isso só me fez ter mais medo de que alguém, Royal, fosse querer me machucar, e que ela fosse ter que entrar no meio para me salvar. Eu não me importava com o que ela dizia sobre cuidar dos que lhe pertenciam e não lutar de forma justa, a ideia realmente me apavorava.
— Ninguém tentaria, Beau. Foi brincadeira.
— Não quero causar problemas. Eles sabem que eu sei?
Ela revirou os olhos.
— Ah, eles já sabem de tudo. Não é muito fácil guardar segredos na minha casa considerando nossos truques variados. Archie já tinha visto que era uma possibilidade você dar uma passada lá.
Consegui sentir uma variedade de expressões surgindo no meu rosto antes de conseguir me controlar. O que Archie *viu*? Ontem… a noite de ontem… Meu rosto ficou quente.
Eu a vi apertar os olhos da forma que fazia quando estava tentando ler meus pensamentos.
— Só estava pensando no que Archie pode ter visto — expliquei antes que ela pudesse perguntar.
Ela assentiu.
— Pode parecer invasivo. Mas ele não faz de propósito. E vê tantas possibilidades diferentes… que não sabe qual vai acontecer. Por exemplo, ele viu mais de cem jeitos diferentes para como o dia de ontem *poderia* ter sido, e você sobrevivia em setenta e cinco por cento deles. — A voz dela ficou dura na última parte, a postura rígida. — Eles apostaram, sabe, se eu mataria você.
— Ah.
A expressão dela continuou rígida.
— Quer saber quem achou que sim e quem achou que não?
— Hã, acho que não. Me conte depois que eu conhecer todo mundo. Não quero ir com preconceito.
A surpresa apagou a raiva do olhar dela.
— Ah. Então você vai?
— Parece… a coisa respeitável a se fazer. Não quero que pensem que sou obscuro.
Ela deu uma gargalhada longa como o tinir de um sino. Não consegui evitar um sorriso.

— Isso quer dizer que posso conhecer Charlie também, então? — perguntou ela com ansiedade. — Ele já está desconfiado, e prefiro não ser *obscura* também.
— Claro, mas o que vamos dizer para ele? Como vou explicar…?
Ela deu de ombros.
— Duvido que ele tenha *muita* dificuldade com a ideia de você ter uma namorada. Embora seja uma interpretação livre da palavra.
— *Namorada* — murmurei. — Não parece… suficiente.
Basicamente, soava transitório. Uma coisa que não duraria.
Ela passou um dedo pela lateral do meu rosto.
— Bem, não sei se precisamos dar a ele todos os detalhes sórdidos, mas ele vai precisar de alguma explicação para o motivo de eu vir tanto aqui. Não quero o chefe Swan faça um mandado de segurança contra mim.
— Você vai mesmo estar aqui? — perguntei, ansioso de repente. Parecia bom demais para ser verdade, uma coisa com a qual só um tolo contaria.
— Enquanto você me quiser.
— Eu sempre vou querer você — avisei. — Estou falando de para sempre.
Ela colocou os dedos nos meus lábios e fechou os olhos. Quase parecia desejar que eu não tivesse dito aquilo.
— Isso a deixa… triste? — perguntei, tentando dar um nome à expressão no rosto dela. *Triste* pareceu perto.
Ela abriu os olhos devagar. Não respondeu, só olhou nos meus olhos por um tempo. Finalmente, suspirou.
— Vamos?
Olhei automaticamente para o relógio do micro-ondas.
— Não está meio ced… espere, esqueça que perguntei isso.
— Já esqueci.
— Isso está bom? — perguntei, mostrando minhas roupas. Eu devia me arrumar mais?
— Você está… — De repente, seu rosto exibiu as covinhas. — Delicioso.
— Então você está dizendo que devo mudar?
Ela riu e balançou a cabeça.
— Não mude nunca, Beau.
Ela se levantou e deu um passo na minha direção, até ficar com os joelhos encostando nos meus. Colocou as mãos dos dois lados do meu rosto e se inclinou até estar a dois centímetros de mim.
— Com cuidado — ela me lembrou.
Ela inclinou a cabeça para o lado e diminuiu a distância entre nós. Com a mais leve das pressões, tocou meus lábios com os dela.
Com cuidado!, eu gritei em pensamento. *Não se mexa.* Minhas mãos se

fecharam. Eu sabia que ela conseguia sentir o sangue pulsando no meu rosto.
E então, do nada, um apito vertiginoso e seco surgiu nos meus ouvidos. Primeiro, não consegui me concentrar em nada além dos lábios dela, mas aí comecei a cair pelo túnel, e os lábios dela foram ficando mais e mais distantes.
— Beau! Beau!
— Ei — tentei dizer.
— O que aconteceu? Você está bem? — O som da ansiedade dela ajudou a me trazer de volta. Não desmaiei completamente, então foi relativamente fácil. Respirei fundo duas vezes e abri os olhos.
— Estou bem — respondi. Ela estava inclinada para longe, mas os braços estavam esticados para mim; uma das mãos estava na minha testa, fria, e a outra, atrás do meu pescoço. O rosto dela estava mais pálido do que o habitual. — Só… meio que me esqueci de respirar por um minuto. Me desculpe. — Eu respirei fundo de novo.
Ela me olhou com dúvida.
— Você se esqueceu de respirar?
— Eu estava tentando ser cuidadoso.
De repente, ela ficou com raiva.
— O que devo *fazer* com você, Beau? Ontem, eu beijo você e você me ataca! Hoje, você desmaia!
— Desculpe.
Ela suspirou profundamente, depois deu um pulo para beijar minha testa.
— Que bom que é fisicamente impossível eu ter um ataque cardíaco — resmungou ela.
— Isso *é* bom — concordei.
— Não posso levar você em lugar nenhum assim.
— Não, estou bem, de verdade. Já voltei ao normal. Além do mais, sua família vai me achar maluco mesmo, qual vai ser a diferença se eu estiver meio abalado?
Ela franziu a testa.
— Você quer dizer mais abalado do que o habitual?
— Claro. Olhe só, estou tentando não pensar no que vamos fazer agora, então ajudaria se pudéssemos ir logo.
Ela balançou a cabeça, mas segurou minha mão e me puxou da cadeira.
Dessa vez, ela nem perguntou, foi direto para o lado do motorista da picape. Achei que não fazia sentido discutir depois do meu último episódio constrangedor, e, de qualquer modo, eu não fazia ideia de onde ela morava.
Ela dirigiu respeitosamente, sem reclamar sobre o que minha picape aguentaria. Levou-nos para o norte da cidade, passando pela ponte sobre o rio Calawah, e prosseguindo até termos passado por todas as casas e cercados de árvores

densas. Eu estava começando a me perguntar até onde iríamos quando ela entrou abruptamente em uma estrada sem pavimentação. Não tinha placa, mal era visível em meio às samambaias. As árvores se inclinavam dos dois lados, e só dava para ver poucos metros à frente antes de cada curva da estrada.
Seguimos assim por alguns quilômetros, quase sempre para o leste. Eu estava tentando encaixar o caminho ao mapa vago que tinha na cabeça, mas sem conseguir, quando a floresta começou de repente a ficar menos densa. Ela entrou em uma campina… ou seria um gramado? Mas não ficou muito mais claro. Havia seis cedros enormes, talvez as maiores árvores que já vi, cujos galhos encobriam meio hectare. Inclinavam-se na direção da casa no meio do gramado, escondendo-a.
Não sei o que eu esperava, mas definitivamente não era isso. A casa devia ter uns cem anos, tinha três andares e era meio… *graciosa*, se essa palavra pode ser usada para se referir a uma casa. Estava pintada de um branco delicado e desbotado, e todas as janelas e portas pareciam originais, mas estavam em condições boas demais para que isso fosse verdade. Minha picape era o único carro à vista. Quando Edythe desligou o motor, consegui ouvir o som de um rio ali perto.
— Caramba.
— Gostou?
— É… impressionante.
De repente, ela estava do lado de fora, na minha porta. Eu a abri devagar, começando a sentir o nervosismo que vinha tentando sufocar.
— Pronto?
— Não. Vamos nessa.
Ela riu, e tentei rir com ela, mas o som pareceu preso na minha garganta. Eu ajeitei o cabelo.
— Você está lindo — disse ela, e pegou minha mão casualmente, como se nem precisasse mais pensar. Não era uma coisa grande, mas me distraiu, me deixou sentindo um pouco menos de pânico.
Andamos pelas sombras densas até a varanda. Eu sabia que ela podia sentir minha tensão. Ela esticou a mão livre até meu antebraço por um segundo. Depois, em seguida, abriu a porta da frente e entrou, me puxando junto.
O interior era ainda menos parecido com o que eu esperava do que o exterior. Era muito iluminado, muito aberto e muito grande. Originalmente, devia ter tido muitos cômodos, mas a maioria das paredes do primeiro andar fora derrubada, criando um único espaço amplo. A parede de trás, voltada para o sul, fora inteiramente substituída por vidro, Para além dos cedros, o gramado era aberto e se estendia até o rio largo. Uma enorme escada em curva dominava o lado oeste

da sala. As paredes, o teto alto, o piso de madeira e os tapetes grossos eram de tons variados de branco.
Os pais de Edythe estavam nos esperando. Estavam um pouco à esquerda da porta em uma pequena plataforma em frente a um piano de cauda enorme. Também era branco.
É claro que eu já tinha visto a Dra. Cullen, mas me impressionei de novo com o quanto era jovem e o quanto era absurdamente linda. Estava de mãos dadas com Earnest, imaginei; Ele era o único da família que eu nunca vira. Parecia ter a mesma idade da Dra. Cullen, talvez alguns anos mais, e as mesmas feições pálidas e perfeitas do resto deles. Tinha cabelo ondulado da cor de caramelo, um pouco mais comprido do que o meu. Havia algo muito… *gentil* no rosto dele, mas não consegui identificar o que me fez pensar isso. Ambos estavam com roupas informais de cores claras que combinavam com o interior da casa.
Eles sorriram, mas não se aproximaram de nós. Achei que estavam tentando não me assustar.
— Carine, Earnest, este é Beau — disse Edythe.
— É muito bem-vindo aqui, Beau.
Carine deu um passo à frente, lenta e cuidadosa. Ergueu a mão com hesitação. Dei um passo à frente para cumprimentá-la, e fiquei meio surpreso com o quanto foi tranquilo fazer aquilo. Talvez fosse por ela me lembrar Edythe de muitas formas.
— É bom vê-la novamente, Dra. Cullen.
— Por favor, chame-me de Carine.
Eu sorri para ela, surpreso com minha súbita confiança.
— Carine — repeti. Edythe apertou minha mão de leve.
Earnest também se aproximou e estendeu a mão para mim. Seu aperto frio e pétreo era exatamente o que eu esperava.
— É muito bom conhecer você — disse ele com sinceridade.
— Obrigado. Fico feliz por conhecê-lo também. — E estava mesmo. A sensação era de coisa certa. Aquela era a casa de Edythe, a família dela. Era bom fazer parte daquilo.
— Onde estão Archie e Jess? — perguntou Edythe.
Ninguém respondeu, pois eles tinham acabado de aparecer no alto da escada.
— Ei, Edy está em casa! — gritou Archie, e correu escada abaixo, uma mancha de pele branca, vindo parar subitamente diante de nós. Vi Carine e Earnest lançaram olhares de alerta para ele, mas até que gostei. Era natural para ele, era como eles se moviam quando não tinham que se preocupar com estranhos olhando.
— Beau! — disse ele, me cumprimentando, como se fôssemos velhos amigos.

Ele esticou a mão e, quando fui apertar, me puxou para um daqueles abraços de um braço só e bateu de leve nas minhas costas.
— Oi, Archie — falei. Minha voz saiu sem fôlego. Fiquei chocado e também um pouco satisfeito de ele realmente parecer favorável. Mais do que isso, já *gostava* de mim.
Quando deu um passo para trás, vi que eu não era o único chocado. Carine e Earnest estavam olhando meu rosto com olhos arregalados, como se estivessem esperando que eu saísse correndo. O maxilar de Edythe estava travado, mas não consegui perceber se era preocupação ou raiva.
— Seu cheiro é mesmo bom, eu nunca tinha reparado — comentou Archie. Meu rosto ficou quente, e mais quente ainda quando pensei em como isso devia ser para *eles*, e ninguém pareceu saber o que dizer.
E então, Jessamine apareceu. Edythe tinha se comparado a um leão caçando, o que tive dificuldade de visualizar, mas consegui imaginar com facilidade Jessamine dessa forma. Havia alguma coisa de leoa nela agora, só parada ali. Mas, apesar disso, fiquei totalmente à vontade de repente. Parecia que eu estava em um lugar familiar e cercado de gente que conhecia bem. Era tranquilo, como quando Jules estava por perto. Era estranho sentir isso ali, mas me lembrei do que Edythe me contou sobre o que Jessamine podia fazer. Foi estranho pensar. Não *parecia* que alguém estava usando magia em mim.
— Olá, Beau — disse Jessamine. Ela não se aproximou nem ofereceu um aperto de mãos, mas não foi constrangedor.
— Oi, Jessamine. — Sorri para ela e depois para os outros. — É ótimo conhecer vocês todos. Vocês têm uma bela casa — acrescentei, convencionalmente.
— Obrigado — disse Earnest. — Ficamos felizes por você ter vindo. — Ele falava com sentimento, e percebi que me considerava corajoso.
Também percebi que Royal e Eleanor não estavam em lugar nenhum à vista e, apesar de estar aliviado, também fiquei decepcionado. Teria sido bom fazer logo isso com Jessamine ali, me deixando calmo.
Reparei em Carine encarando Edythe com intensidade. Pelo canto do olho, vi que Edythe assentiu de leve.
Senti que estava xeretando e afastei o olhar. Meus olhos vagaram novamente para o belo piano no tablado. De repente, me lembrei de uma fantasia de infância na qual, quando fosse mais velho e milionário, compraria um piano de cauda para minha mãe. Ela não era muito boa, só tocava para si mesma em nosso piano de armário de segunda mão, mas eu adorava vê-la tocar. Ela ficava tão feliz e absorta, parecia um ser novo e misterioso para mim. Ela me pagou algumas aulas, mas, como a maioria das crianças, eu choraminguei até que ela me deixou largar.

Earnest percebeu meu olhar.
— Você toca? — perguntou ele.
Eu balancei a cabeça.
— Nem um pouco. Mas é lindo. É seu?
— Não. — Ele riu. — Edythe não contou que gostava de música?
— Hã, ela não disse nada. Mas acho que eu devia ter percebido, não é?
Earnest ergueu as sobrancelhas, confuso.
— Tem alguma coisa que ela não faz bem? — perguntei retoricamente.
Jessamine deu uma gargalhada, Archie revirou os olhos e Earnest olhou para Edythe com expressão paternal, o que foi impressionante considerando o quanto parecia jovem.
— Espero que não tenha se exibido — disse ele. — É grosseria.
— Ah, só um pouco. — Edythe riu, e o som foi contagioso. Todo mundo sorriu, inclusive eu. Earnest deu um sorriso maior, e ele e Edythe trocaram um olhar rápido.
— Edythe, você devia tocar para ele — disse Earnest.
— Você acabou de dizer que me exibir era grosseria.
— Abra uma exceção. — Ele sorriu para mim. — Estou sendo egoísta. Ela não toca muito, e adoro ouvi-la.
— Gostaria de ouvir você tocar — falei.
Ela deu um olhar longo e exasperado para Earnest, depois para mim. Em seguida, soltou minha mão e foi até o banquinho. Bateu no lugar ao lado e olhou para mim.
— Ah — murmurei, e fui me sentar com ela.
Assim que me sentei, os dedos dela começaram a fluir pelas teclas, enchendo a sala com uma composição tão complexa e intensa que era impossível acreditar que só uma pessoa a tocava. Senti meu queixo cair e ouvi risinhos baixos atrás de mim.
Edythe olhou para mim casualmente, a música ainda em volta de nós sem pausa.
— Gostou?
Percebi na mesma hora. Claro.
— Você compôs.
Ela assentiu.
— É a preferida de Earnest.
Eu suspirei.
— Qual é o problema?
— Só estou… me sentindo meio insignificante.
Ela pensou sobre isso por um minuto, e a música mudou lentamente para algo mais suave… familiar. Era a cantiga de ninar que ela cantarolava para mim, só

que mil vezes mais complexa.
— Pensei nesta — disse ela baixinho — enquanto via você dormir. É a *sua* música.
A música ficou ainda mais suave e doce. Não consegui falar.
A voz dela voltou ao normal.
— Eles gostaram bastante de você, sabia? Especialmente Earnest.
Olhei para trás, mas agora a sala imensa estava vazia.
— Aonde eles foram?
— Nos deram privacidade. Sutis, não?
Eu ri, mas franzi a testa.
— É legal eles gostarem de mim. Eu gostei *deles*. Mas Royal e Eleanor…
A expressão dela ficou tensa.
— Não se preocupe com Royal. Ele é sempre o último a chegar.
— E Eleanor?
Ela riu.
— Ela acha que *sou* louca, é verdade, mas não tem problemas com você. Está tentando ponderar com Royal agora.
— O que eu fiz? — Eu tive que perguntar. — Quer dizer, nunca falei com…
— Você não fez nada, Beau, sinceramente. Royal é o que mais tem dificuldade com o que somos. É difícil para ele que alguém de fora saiba a verdade. E ele tem um pouco de inveja.
— *Rá!*
Ela deu de ombros.
— Você é humano. Ele também queria ser.
Isso me fez pensar.
— Ah.
Prestei atenção à música, a minha música. Ficava mudando e evoluindo, mas a base permanecia igual. Eu não sabia bem como ela fazia. Ela não parecia estar prestando muita atenção às mãos.
— Aquela coisa que Jessamine faz é bem… *não*, estranha, eu acho. Foi bem incrível.
Ela riu.
— Palavras não fazem justiça ao que ela faz, não é?
— Não mesmo. Mas… ela gosta de mim? Ela pareceu…
— A culpa é minha. Eu lhe falei que ela era a mais recente a tentar nosso jeito de viver. Alertei-a para ficar longe.
— Ah.
— Pois é.
Esforcei-me para não tremer.

— Carine e Earnest acham você maravilhoso — disse ela.
— Ah. Eu não fiz nada de empolgante. Só apertei algumas mãos.
— Eles ficam felizes por me verem feliz. Earnest provavelmente não se importaria se você tivesse três olhos e pés de pato. Em todo esse tempo, ele se preocupou comigo, com medo de que eu fosse jovem demais quando Carine me transformou, de haver alguma coisa faltando na minha constituição básica. Ele está aliviado. Cada vez que toco você, ele praticamente bate palmas.
— Archie está entusiasmado.
Ela fez uma careta.
— Archie tem uma perspectiva própria da vida.
Olhei para ela por um momento, avaliando sua expressão.
— O quê? — perguntou ela.
— Você não vai me explicar o que quer dizer com isso, não é?
Ela apertou os olhos enquanto me olhava, e um momento de comunicação sem palavras se passou entre nós, quase como vi entre ela e Carine antes, só que sem a vantagem da leitura de pensamentos. Eu sabia que ela não estava me contando alguma coisa sobre Archie, uma coisa que a atitude dela em relação a ele indicava havia muito tempo. E ela sabia que eu sabia, mas não ia soltar nada. Não agora.
— Tudo bem — falei, como se tivéssemos dito tudo isso em voz alta.
— Humm — disse ela.
E como eu tinha acabado de pensar no assunto…
— Então, o que Carine estava dizendo a você antes?
Ela estava olhando para as chaves agora.
— Você percebeu, não foi?
Dei de ombros.
— Claro que sim.
Ela me olhou pensativamente por um momento antes de responder.
— Ela queria me contar algumas novidades. Não sabia se era algo que eu quisesse partilhar com você.
— E você quer?
— Acho que seria uma boa ideia. Meu comportamento pode ficar… meio esquisito nos próximos dias. Ou semanas. Meio obcecado. Então é melhor eu me explicar logo.
— Qual é o problema?
— Não há nenhum problema, exatamente. Archie só vê alguns visitantes chegando logo. Eles sabem que estamos aqui e estão curiosos.
— Visitantes?
— Sim… como nós, mas ao mesmo tempo não. Seus hábitos de caça não são

como os nossos. Não devem entrar na cidade, mas não vou perder você de vista até irem embora.
— Uau. Não devíamos… quer dizer, existe algum jeito de avisar as pessoas?
O rosto dela estava sério e triste.
— Carine vai pedir que não cacem por aqui, como cortesia, e eles provavelmente não vão criar caso por isso. Mas não podemos fazer mais, por vários motivos. — Ela suspirou. — Eles não vão caçar aqui, mas vão caçar em algum lugar. É assim que as coisas são quando se vive em um mundo com monstros.
Eu tremi.
— Enfim, uma reação racional — murmurou ela. — Estava começando a pensar que você não tinha nenhum senso de autopreservação.
Deixei essa passar, virando a cara, meus olhos vagando novamente pela sala espaçosa.
Ela seguiu meu olhar.
— Não era o que esperava, não é? — perguntou ela, a voz divertida de novo.
— Não — admiti.
— Não tem caixões, nem crânios empilhados nos cantos; acho que nem temos teias de aranha… Que decepção deve estar sendo para você.
Ignorei o escárnio.
— Eu não esperava que fosse tão claro e tão… aberto.
Ela estava mais séria quando respondeu.
— É o único lugar em que nunca precisamos nos esconder.
Minha música chegou ao fim, os últimos acordes passando para um tom mais melancólico. A última nota pairou por um longo momento, e alguma coisa no som daquela única nota foi tão triste que um nó se formou na minha garganta.
Eu me recompus e disse:
— Obrigado.
Parecia que a música também a tinha afetado. Ela me olhou com atenção por um tempo, depois balançou a cabeça e suspirou.
— Quer ver o resto da casa? — perguntou ela.
— Vai haver crânios empilhados em algum canto?
— Lamento decepcionar.
— Ah, tudo bem, mas minhas expectativas estão bem baixas agora.
Subimos a enorme escada de mãos dadas. Minha mão livre acompanhou o corrimão, macio como cetim. O corredor no alto da escada era revestido de madeira da mesma cor clara do piso de tábua corrida.
Ela foi indicando conforme passávamos por portas.
— O quarto de Royal e Eleanor… O escritório de Carine… O quarto de Archie…

Ela teria continuado, mas estaquei no final do corredor, olhando com sobrancelhas erguidas o ornamento pendurado no alto da parede. Edythe riu ao ver minha expressão.
— Irônico, eu sei — disse ela.
— Deve ser muito antiga — conjecturei. Senti vontade de tocar, de ver se a pátina escura era tão macia quando parecia, mas consegui perceber que era bem valiosa.
Ela deu de ombros.
— Mais ou menos do início dos anos 1630.
Desviei os olhos da cruz para encará-la.
— Por que vocês têm isso aqui?
— Nostalgia. Pertenceu ao pai de Carine.
— Ele colecionava antiguidades?
— Não. Ele mesmo entalhou. Ficava pendurada na parede acima do púlpito da paróquia em que ele pregava.
Virei-me para olhar a cruz enquanto fazia uma conta de cabeça. A cruz tinha mais de 370 anos. O silêncio se prolongou enquanto eu lutava para apreender o conceito de tantos anos.
— Você está bem? — perguntou ela.
— Que idade tem Carine? — perguntei, baixinho, ainda olhando para cima.
— Ela acabou de comemorar o aniversário de 362 anos — disse Edythe. Ela observou minha expressão com atenção enquanto continuava, e tentei absorver a informação. — Carine nasceu em Londres por volta de 1640, segundo ela acredita. O tempo não era marcado com precisão na época, pelo menos pelas pessoas comuns. Mas foi pouco antes do governo de Cromwell.
O nome despertou alguns fatos desconexos na minha mente, de uma aula de história do mundo que tive no ano anterior. Eu devia ter prestado mais atenção.
— Ela era filha única de um pastor anglicano. A mãe morreu dando à luz. Seu pai era… um homem difícil. Acreditava fortemente na realidade do mal. Ele liderou perseguições a bruxas, lobisomens… e vampiros.
Era estranho como a palavra mudava as coisas, deixava a história menos com cara de aula de história.
— Eles queimaram muita gente inocente. É claro que não era tão fácil pegar as criaturas reais que procuravam.
“Carine fez o que pôde para proteger esses inocentes. Ela sempre acreditou no método científico e tentou convencer o pai a olhar além da superstição e procurar evidências reais. Ele desencorajou o envolvimento dela. Ele a amava, e quem defendia os monstros costumavam ser tratadas como eles.
“O pai dela era persistente… e obsessivo. Apesar de tudo, conseguiu encontrar

provas de monstros de verdade. Carine implorou para que ele tomasse cuidado, e ele ouviu, até certo ponto. Em vez de atacar cegamente, ele esperou e observou por um longo tempo. Espionou um esconderijo de vampiros de verdade que viviam nos esgotos da cidade, e alguns saíam à noite para caçar. Naquela época, quando os monstros não eram só mitos e lendas, era assim que muitos viviam.

"As pessoas reuniram seus forcados e archotes, é claro — Edythe riu de forma sombria —, e esperaram no local onde o pastor tinha visto os monstros saírem para a rua. Havia dois pontos de acesso. O pastor e alguns de seus homens jogaram um barril de piche em chamas em um enquanto os outros esperavam que os monstros emergissem pelo segundo."

Percebi que estava prendendo a respiração de novo e me obriguei a expirar.

— Não aconteceu nada. Eles esperaram muito tempo e foram embora, decepcionados. O pastor ficou muito zangado. Devia haver outras saídas, e os vampiros tinham fugido de medo. É claro que os homens com suas lanças e machados rudimentares não ofereciam perigo para um vampiro, mas ele não sabia disso. Agora que eles tinham sido avisados, como ele encontraria os monstros de novo?

A voz dela ficou mais baixa.

— Não foi difícil. Ele devia tê-los irritado. Os vampiros não podem se dar ao luxo da notoriedade, senão aqueles provavelmente teriam massacrado o grupo todo. Mas o que aconteceu foi que um deles o seguiu até em casa.

"Carine se lembra da noite com clareza, considerando que é uma lembrança humana. Era o tipo de noite que ficaria na memória. O pai voltou para casa bem tarde, ou melhor, bem cedo. Carine esperou acordada, preocupada. Ele estava furioso, reclamando e resmungando pelo que perdera. Carine tentou acalmá-lo, mas ele a ignorou. E apareceu um homem no meio da pequena sala deles.

"Carine diz que estava maltrapilho, vestido como um mendigo, mas o rosto era lindo e ele falava latim. Por causa da vocação do pai e de sua própria curiosidade, Carine tinha muita informação e estudo para uma mulher daquela época; ela entendeu o que o homem disse. Ele falou para o pai dela que ele era um tolo e que pagaria pelo mal que fez. O pastor se jogou na frente da filha na tentativa de protegê-la…

"Eu sempre penso nesse momento. Se ele não tivesse revelado o que mais amava, será que nossa história teria sido diferente?"

Ela ficou pensativa por alguns segundos, mas prosseguiu.

— O vampiro sorriu. Ele disse para o pastor: "Vá para o seu inferno sabendo do seguinte: o que você ama vai se tornar tudo que você odeia."

"Ele jogou o pastor para o lado e pegou Carine…"

Edythe parecera perdida na história, mas então, parou. Seus olhos voltaram para

o presente, e ela olhou para mim como se tivesse dito alguma coisa errada. Ou talvez tenha achado que me chateou.
— O que aconteceu? — sussurrei.
Quando ela falou, parecia que estava escolhendo cada palavra cuidadosamente.
— Ele quis que o pastor soubesse o que aconteceria com Carine, depois matou o pastor muito devagar com Carine olhando, se contorcendo de dor e horror.
Eu me encolhi. Ela assentiu em solidariedade.
— O vampiro foi embora. Carine sabia qual seria seu destino se alguém a encontrasse naquelas condições. Qualquer coisa infectada pelo monstro teria que ser destruída. Ela agiu por instinto, para salvar a própria vida. Apesar da dor que estava sentindo, rastejou até o porão e se enterrou em uma pilha de batatas podres por três dias. É um milagre ela ter conseguido ficar em silêncio e não ser descoberta.
“Depois de três dias, o processo acabou, e ela se deu conta do que tinha se tornado.”
Eu não sabia como estava meu rosto, mas de repente ela parou de falar de novo.
— Como está se sentindo? — perguntou ela.
— Estou bem. O que aconteceu depois?
Ela deu um meio sorriso por causa da minha intensidade, depois deu meia-volta no corredor e me puxou junto.
— Venha — disse ela. — Eu vou lhe mostrar.

16. CARINE

ELA ME LEVOU ao cômodo que me apontara como o escritório de Carine. Parou do lado de fora da porta por um instante.

— Entrem — convidou Carine lá de dentro.

Edythe abriu a porta de um cômodo de pé-direito alto com janelas longas que ocupavam toda a altura das paredes. Havia estantes até o teto em todos os lados, com mais livros do que eu já vira fora de uma biblioteca.

Carine estava sentada atrás de uma enorme mesa, colocando um marcador nas páginas de um livro que segurava. A sala era como sempre imaginei que seria um gabinete de reitor de universidade, só que Carine parecia jovem demais para o papel.

Saber tudo pelo que ela passou, depois de ter assistido na minha imaginação, mesmo tendo noção de que minha imaginação não era suficiente e que tudo devia ter sido bem pior do que visualizei, acabou me fazendo olhar para ela de um jeito diferente.

— O que posso fazer por vocês? — perguntou ela com um sorriso, levantando-se.

— Eu queria mostrar a Beau um pouco da nossa história — disse Edythe. — Bom, da sua história, na verdade.

— Não queríamos incomodá-la — falei, me desculpando.

— De forma alguma — disse ela para mim. E, para Edythe: — Por onde vai começar?

— Pelo cocheiro — respondeu Edythe. Ela me girou para ficarmos de frente para a porta pela qual tínhamos entrado.

Aquela parede era diferente das outras. Em vez de ter uma estante, era abarrotada de dezenas e dezenas de quadros emoldurados. Eram todos de tamanhos e estilos diferentes, alguns monocromáticos e opacos, outros de cores vibrantes. Procurei alguma lógica, alguma coisa que todos tivessem em comum, mas não consegui encontrar ligação.

Edythe me puxou para o canto esquerdo, colocou as mãos nos meus braços e me posicionou diante de um dos quadros. Meu coração reagiu da forma que sempre reagia quando ela tocava em mim, mesmo do jeito mais casual. Era mais constrangedor sabendo que Carine também era capaz de ouvir.

O quadro que ela queria que eu visse era uma pequena tela quadrada em uma moldura de madeira simples; não se destacava entre as peças maiores e mais brilhantes. Pintada em tons de sépia, retratava uma pequena cidade cheia de telhados escarpados. Um rio largo enchia o fundo, atravessado por uma ponte

coberta de estruturas que pareciam pequenas catedrais.
— Londres nos anos 1650 — disse Edythe.
— A Londres da minha juventude — acrescentou Carine, a pouca distância de nós. Eu levei um pequeno susto; não havia ouvido sua aproximação. Edythe segurou minha mão e apertou de leve.
— Você pode contar a história? — pediu Edythe. Eu me virei para ver a reação de Carine.
Ela encontrou meu olhar e sorriu.
— Eu contaria, mas estou um pouco atrasada. O hospital ligou esta manhã. O Dr. Snow tirou o dia de licença. Mas Beau não vai perder nada. — Ela sorriu para Edythe agora. — Você conhece as histórias tão bem quanto eu.
Era uma estranha associação a ser assimilada, a rotina de uma médica de cidade pequena no meio de uma discussão do começo de sua vida na Londres do século XVII.
Também era inquietante perceber que ela só devia estar falando em voz alta para que eu pudesse ouvir.
Com outro sorriso caloroso, Carine saiu da sala.
Olhei a pequena tela da cidade natal dela por um longo momento.
— O que aconteceu depois? — perguntei, de novo. — Quando ela percebeu o que havia lhe ocorrido?
Ela me fez andar meio passo, com os olhos em uma paisagem maior. Foi toda pintada em cores de outono e mostrava uma campina vazia em uma floresta sombria, com o pico de uma montanha negra à distância.
— Quando ela entendeu no que tinha se transformado — disse Edythe, em voz baixa —, entrou em desespero… e se rebelou. Tentou destruir a si mesma. Mas não é tão fácil fazer isso.
— Como? — Eu não queria dizer isso em voz alta, mas a palavra saiu devido a meu choque.
Edythe deu de ombros.
— Ela pulou de grandes alturas. Tentou se afogar no mar. Mas era jovem na nova vida, e muito forte. É incrível que tenha conseguido resistir… a se alimentar… enquanto ainda era tão nova. O instinto é mais forte nesse período, controla tudo. Mas ela sentia tanta repulsa de si mesma que teve forças para tentar se matar de inanição.
— Isso é possível? — perguntei, baixinho.
— Não, há poucas maneiras de nos matar.
Abri a boca para perguntar, mas antes disso ela falou.
— Então ela ficou com muita sede e por fim enfraqueceu. Afastou-se o máximo que pôde dos humanos, reconhecendo que sua força de vontade também se

enfraquecia. Durante meses, vagou à noite, procurando os lugares mais solitários, abominando a si mesma.
“Numa noite, um bando de cervos passou por seu esconderijo. Ela estava tão louca de sede que atacou sem pensar. Sua força voltou, e ela percebeu que havia uma alternativa a ser a monstra vil que temia. Já não tinha comido carne de veado na vida anterior? Nos meses seguintes, nasceu sua nova filosofia. Ela podia existir sem ser um demônio. Ela se reencontrou.
“Começou a fazer melhor uso de seu tempo. Ela sempre foi inteligente, ansiosa por aprender. Agora, tinha um tempo ilimitado diante de si. Estudava à noite, planejava durante o dia. Nadou até a França e…”
— Ela *nadou* até a França?
— As pessoas atravessam o canal a nado o tempo todo, Beau — lembrou-me ela, pacientemente.
— Acho que é verdade. Só pareceu engraçado no contexto. Continue.
— Nadar é fácil para nós…
— Tudo é fácil para *vocês* — provoquei.
Ela esperou com as sobrancelhas erguidas.
— Desculpe. Não vou interromper de novo, eu prometo.
Ela deu um sorriso sombrio e terminou a frase.
— Porque, tecnicamente, não precisamos respirar.
— Vocês…
— Não, não, você prometeu. — Ela riu, colocando o dedo de leve sobre meus lábios. — Quer ouvir a história ou não?
— Você não pode jogar uma coisa dessas em mim e depois esperar que eu não diga nada — murmurei, contra o dedo dela.
Ela levantou a mão e colocou no meu pescoço. A velocidade do meu coração reagiu, mas eu ignorei.
— Você não precisa *respirar*? — perguntei.
— Não, não é necessário. É só um hábito. — Ela deu de ombros.
— Quanto tempo você pode ficar… sem *respirar*?
— Indefinidamente, imagino; não sei. É um tanto desconfortável… ficar sem o olfato.
— Um tanto desconfortável — repeti.
Eu não estava prestando atenção à minha própria expressão, mas alguma coisa nela a deixou mais séria. Ela baixou a mão até a lateral do corpo e ela ficou imóvel, observando meu rosto. O silêncio se prolongou. Suas feições viraram pedra.
— Que foi? — sussurrei, tocando seu rosto congelado.
O rosto dela voltou à vida, e ela deu um sorrisinho fraco.

— Sei que, a certa altura, algo que direi a você ou algo que você verá será demais. E você vai fugir de mim, aos gritos. — O sorriso sumiu. — Não vou impedi-lo quando acontecer. *Quero* que aconteça, porque quero que você fique em segurança. E, no entanto, quero ficar com você. É impossível conciliar os dois desejos… — Ela hesitou e ficou olhando meu rosto.
— Não vou fugir para lugar nenhum — prometi.
— Veremos — disse ela, sorrindo novamente.
Eu franzi a testa.
— Voltando à história: Carine estava nadando para a França.
Ela parou, voltando para sua história. Por reflexo, seus olhos passaram a outro quadro, o mais colorido de todos, o de moldura mais ornamentada e o maior; tinha duas vezes a largura da porta ao lado da qual pendia. A tela transbordava de figuras de cores vivas em mantos rodopiantes, em volta de pilares longos e em sacadas de mármore. Eu não sabia se representavam a mitologia grega, ou se os personagens que flutuavam nas nuvens do alto deviam ser bíblicos.
— Carine nadou para a França e continuou pela Europa, nas universidades de lá. À noite estudava música, ciências, medicina… e descobriu sua vocação, sua penitência, isto é, salvar vidas humanas. — Sua expressão tornou-se reverente. — Não consigo descrever adequadamente a luta; Carine levou dois séculos de esforço torturante para aperfeiçoar o autocontrole. Agora, ela é imune inclusive ao cheiro de sangue humano e é capaz de fazer o trabalho que ama sem nenhum sofrimento. Ela encontra muita paz lá, no hospital…
Edythe olhou ao longe por um longo momento. De repente, pareceu se lembrar da história. Bateu o dedo na tela enorme diante de nós.
— Ela estava estudando na Itália quando descobriu os outros lá. Eram muito mais civilizados e mais instruídos do que os espectros dos esgotos de Londres.
Ela apontou para um grupo comparativamente sereno de figuras pintadas na sacada mais alta, olhando calmamente para o tumulto abaixo. Examinei o grupo com cuidado e percebi, com um riso de sobressalto, que reconheci a mulher de cabelo dourado mais para o lado.
— Solimena foi muito inspirado pelos amigos de Carine. Em geral, os pintava como deuses. — Edythe riu. — Sulpicia, Marcus e Athenodora — disse ela, indicando os outros três. — Os patronos noturnos das artes.
A primeira mulher e o homem tinham cabelo preto, a segunda mulher era pálida e loura. Todos usavam roupas muito coloridas, enquanto Carine estava pintada de branco.
— E aquela? — perguntei, apontando para uma garota pequena e comum com cabelo e roupas castanho-claros. Estava de joelhos, agarrada às saias da outra mulher, a que tinha cachos pretos elaborados.

— Mele — disse ela. — Uma… serva, acho que podemos chamar assim. A ladrazinha de Sulpicia.
— O que aconteceu com eles? — perguntei alto, a ponta do meu dedo pairando a um centímetro das figuras na tela.
— Ainda estão lá. — Ela deu de ombros. — Como sempre, por milênios. Carine ficou com eles apenas por um breve tempo, só algumas décadas. Ela admirava sua civilidade, seu refinamento, mas eles insistiam em tentar curar sua aversão à *sua fonte natural de alimento*, como diziam. Tentaram convencê-la, e ela tentou persuadi-los, sem proveito algum. Carine acabou decidindo tentar o Novo Mundo. Sonhava encontrar outros iguais a ela. Estava muito solitária, sabe.
"Não encontrou ninguém por um bom tempo. Mas, à medida que os monstros se tornavam tema de contos de fadas, ela descobriu que podia interagir com humanos alheios como se fosse um deles. Começou a trabalhar como enfermeira; embora seu aprendizado e habilidade fossem maiores do que dos cirurgiões da época, como mulher, ela não podia ser aceita no papel. Fazia o que podia para salvar pacientes de médicos menos capazes quando ninguém estava olhando. Mas, embora trabalhasse com humanos, a companhia pela qual ansiava lhe escapava; ela não podia se arriscar à familiaridade.
"Quando a epidemia de gripe atacou, ela trabalhava à noite em um hospital de Chicago. Revirava na mente uma ideia havia muitos anos, e quase decidira agir: como não conseguia encontrar uma companhia, criaria uma. Ela não sabia direito que partes da sua transformação eram necessárias e quais foram por prazer do criador sádico, então ficou hesitante. E relutava em roubar a vida de alguém como a sua fora roubada. Foi nesse contexto mental que ela me encontrou. Não havia esperanças para mim; fui largada em uma enfermaria com os moribundos. Ela tinha cuidado dos meus pais e sabia que eu estava só. Decidiu tentar…"
Sua voz, agora quase um sussurro, falhou. Ela olhou sem ver as janelas altas. Perguntei-me que imagens lhe enchiam a mente agora, as lembranças de Carine ou as suas próprias. Esperei.
Ela se virou para mim com um sorriso delicado.
— E assim, voltamos ao presente.
— Então sempre ficou com Carine?
— Quase sempre.
Ela segurou minha mão de novo e me puxou para o corredor. Olhei para trás, para os quadros que não conseguia mais ver, perguntando-me se um dia ouviria as outras histórias.
Ela não disse mais nada enquanto andávamos pelo corredor, então eu perguntei:
— Quase?

Edythe suspirou, repuxou os lábios e olhou para mim com o canto de olho.
— Você não quer responder isso, quer? — indaguei.
— Não foi minha melhor época.
Começamos a subir outro lance de escadas.
— Você pode me contar qualquer coisa.
Ela parou quando chegamos ao topo da escada e olhou nos meus olhos por alguns segundos.
— Acho que devo isso a você. Você precisa saber quem eu sou.
Tive a sensação de que o que ela estava dizendo agora tinha ligação direta com o que dissera antes, sobre eu sair correndo e gritando. Recompus o rosto e me preparei com cuidado.
Ela respirou fundo.
— Tive um ataque típico de rebeldia adolescente, uns dez anos depois que eu… nasci… fui criada, como quiser chamar. Não concordava com a vida de abstinência de Carine e me ressentia dela por restringir meu apetite. Então… me afastei para ficar sozinha por algum tempo.
— É mesmo? — Isso não me chocou como ela achava que chocaria. Só me deixou mais curioso.
— Isso não lhe dá repulsa?
— Não.
— E por que não?
— Acho que… parece lógico.
Ela soltou uma risada intensa e saiu me puxando de novo, por um corredor parecido com o de baixo, andando devagar.
— Desde a época do meu novo nascimento, tive a vantagem de saber o que todos em volta de mim pensavam, tanto humanos como não humanos. Foi por isso que precisei de dez anos para desafiar Carine. Eu conseguia ler sua sinceridade total, entender exatamente por que vivia daquela maneira.
“Precisei de poucos anos para voltar para Carine e me comprometer novamente com seu modo de viver. Pensei que estaria isenta da… depressão… que acompanha a consciência. Como eu sabia dos pensamentos das minhas presas, podia descartar os inocentes e perseguir somente os maus. Se eu seguisse um assassino por uma viela escura, onde ele atacaria uma jovem, e a salvasse, certamente eu não seria tão horrível.”
Tentei imaginar o que ela descreveu. Como ela estaria ao sair silenciosa e pálida das sombras? O que o assassino pensaria quando a visse, perfeita, linda, mais do que humana? Perceberia que deveria sentir medo?
— Mas, à medida que o tempo passava, comecei a ver o monstro em meus olhos. Não podia escapar da dívida de tantas vidas humanas roubadas, mesmo sendo

justificado. E voltei para Carine e Earnest. Eles me receberam de volta como a filha pródiga. Era mais do que eu merecia.
Paramos diante da última porta do corredor.
— Meu quarto — disse ela, abrindo-a e me puxando para dentro.
O quarto dava para o sul, com uma janela de parede inteira, como o salão embaixo. Toda a parte dos fundos da casa devia ser de vidro. A vista do quarto dava para o rio largo e sinuoso, que concluí que devia ser o Sol Duc, e para o outro lado da floresta intocada até a cadeia de montanhas Olympic. As montanhas ficavam muito mais perto do que eu achava.
A parede oeste era completamente coberta de prateleiras de CDs. O quarto era mais bem abastecido do que uma loja de música. No canto havia um aparelho de som sofisticado, do tipo que eu tinha medo de tocar porque tinha certeza de que quebraria alguma coisa. Não havia cama, só um grande sofá de couro preto. O chão era coberto de um tapete dourado grosso, e as paredes eram forradas com um tecido pesado num tom um pouco mais escuro.
— Acústica boa? — deduzi.
Ela riu e concordou.
Pegou um controle remoto e ligou o aparelho de som. Estava baixo, mas o jazz suave dava a impressão de que a banda estava no quarto conosco. Fui olhar a estonteante coleção de música.
— Como organiza tudo? — perguntei, incapaz de encontrar uma ordem nos títulos.
— Hmmm, por ano, e depois por preferência pessoal dentro dessa categoria — disse ela, distraída.
Eu me virei, e ela estava olhando para mim com uma expressão que não consegui identificar.
— Que foi?
— Eu estava preparada para sentir… alívio. Você, sabendo de tudo, sem que eu precise guardar segredos. Mas não esperava sentir mais do que isso. *Gosto* disso. Me faz… feliz. — Ela deu de ombros e sorriu.
— Que bom — falei, sorrindo também. Estava com medo de que ela se arrependesse de me contar aquelas coisas. Era bom saber que não era o caso.
Mas então, enquanto seus olhos dissecavam minha expressão, o sorriso desapareceu e sua testa se enrugou.
— Você ainda está esperando que eu fuja aos gritos, não é? — perguntei.
Ela assentiu, lutando contra um sorriso.
— Odeio romper sua bolha, mas você não é tão assustadora quanto pensa. Não consigo imaginar sentir medo de você — falei, casualmente.
Ela ergueu as sobrancelhas, e um sorriso lento começou a se espalhar em seu

rosto.
— Você não devia ter dito isso — disse ela.
E ela *rosnou*, um som baixo do fundo da garganta, que não pareceu nada humano. Seu sorriso cresceu até virar uma exibição de dentes. Seu corpo mudou, ela ficou meio agachada, as costas esticadas e curvadas, como um felino prestes a atacar.
— Hã… Edythe?
Eu não a vi atacar, foi rápido demais. Não consegui nem entender o que estava acontecendo. Por meio segundo, fiquei no ar, e o quarto girou ao meu redor, ficando de cabeça para baixo e voltando para a posição normal. Não senti o pouso, mas de repente eu estava de costas no sofá preto e Edythe estava em cima de mim, com os joelhos nos meus quadris e as mãos dos dois lados da minha cabeça, de forma que eu não conseguisse me mexer. Os dentes à mostra estavam a centímetros do meu rosto. Ela fez outro barulho baixo que era algo entre um rosnado e um ronronar.
— Uau — sussurrei.
— O que você estava dizendo? — perguntou ela.
— Hã, que você é um monstro muito, muito apavorante?
Ela sorriu.
— Bem melhor.
— E que estou completamente apaixonado por você.
O rosto dela se suavizou, os olhos se arregalaram e as defesas despencaram de novo.
— Beau — sussurrou ela.
— Podemos entrar? — perguntou uma voz suave no corredor.
Eu me encolhi e teria batido com a testa na de Edythe se ela não fosse tão mais rápida do que eu. Em outra fração de segundo, ela me puxou para que eu ficasse sentado no sofá com ela ao meu lado, as pernas sobre as minhas.
Archie estava na porta, com Jessamine atrás, no corredor. Meu pescoço começou a ficar vermelho, mas Edythe estava totalmente relaxada.
— Entrem — disse ela para Archie.
Archie pareceu não ter reparado que estávamos fazendo alguma coisa de incomum. Andou até o meio do quarto e se sentou no chão com um movimento tão gracioso que foi meio surreal. Jessamine ficou na porta e, ao contrário de Archie, parecia meio chocada. Ficou olhando para o rosto de Edythe, e eu me perguntei que sensação captava no quarto.
— Parecia que você estava almoçando o Beau — disse Archie —, e viemos ver se podíamos dividir.
Eu enrijeci até ver Edythe sorrir, embora não conseguisse saber se por causa do

comentário de Archie ou da minha reação.
— Desculpe — respondeu ela, passando um braço possessivo pelo meu pescoço. — Não estou a fim de dividir.
Archie deu de ombros.
— Tudo bem.
— Na verdade — disse Jessamine, dando um passo hesitante para dentro do quarto —, Archie disse que vai haver uma tempestade esta noite, e Eleanor quer jogar bola. Está dentro?
As palavras eram bem comuns, mas o contexto me confundiu. No entanto, parecia que Archie era um pouco mais confiável do que o meteorologista.
Os olhos de Edythe se iluminaram, mas ela hesitou.
— É claro que deve trazer Beau — disse Archie. Pensei ter visto Jessamine lançar um olhar rápido para ele.
— Quer ir? — perguntou Edythe. Sua expressão estava tão ansiosa que eu teria concordado com qualquer coisa.
— Claro. Hã, aonde vamos?
— Precisamos esperar os trovões para jogar bola. Você verá por quê — prometeu ela.
— Devo levar um guarda-chuva?
Todos riram alto.
— Deve? — perguntou Jessamine a Archie.
— Não. — Archie pareceu seguro. — A tempestade vai cair na cidade. Vai estar seco o bastante na clareira.
— Que bom — disse Jessamine, e o entusiasmo na voz dela foi contagiante, naturalmente. Eu me vi ansioso com a ideia, apesar de nem saber qual era.
— Vamos ligar para Carine e ver se ela está dentro — disse Archie, se levantando em outro movimento fluido que tive que ficar olhando.
— Como se você não soubesse — brincou Jessamine, e eles saíram.
— E então… o que vamos jogar? — perguntei.
— *Você* vai assistir — esclareceu Edythe. — *Nós* vamos jogar beisebol.
Olhei para ela com ceticismo.
— Vampiros gostam de beisebol?
Ela sorriu para mim.
— É o típico passatempo americano.

17. O JOGO

ESTAVA COMEÇANDO A chover quando Edythe entrou na minha rua. Até aquele momento, eu não tinha dúvidas de que ela ia ficar comigo enquanto eu passava algumas poucas horas no mundo real.

Mas vi o carro preto velho estacionado na entrada de carros de Charlie e ouvi Edythe murmurar alguma coisa ininteligível numa voz baixa e rouca.

Fugindo da chuva na pequena varanda da frente, Jules Black estava atrás da cadeira de rodas da mãe. O rosto de Bonnie era impassível como pedra enquanto Edythe estacionava minha picape junto ao meio-fio. Jules olhou para baixo com expressão mortificada.

A voz baixa de Edythe soou furiosa.

— Isso está passando dos limites.

— Ela veio alertar Charlie? — conjecturei, mais apavorado do que irritado.

Edythe limitou-se a assentir, respondendo ao olhar de Bonnie com os olhos semicerrados.

Pelo menos, Charlie ainda não estava em casa. Talvez o desastre pudesse ser evitado.

— Deixe que eu cuido disso — sugeri. O olhar de Edythe parecia… sério demais.

Para minha surpresa, ela concordou.

— Acho que é melhor. Mas tome cuidado. A criança não faz ideia.

— *Criança?* Sabe, Jules não é muito mais nova do que eu.

Ela olhou para mim, a raiva desaparecendo. Sorriu.

— Ah, eu sei.

Eu suspirei.

— Leve-as para dentro, para eu ir embora — disse ela. — Voltarei ao anoitecer.

— Pode ir com a picape — sugeri.

Ela revirou os olhos.

— *Andando* consigo ir até em casa mais rápido do que esta picape.

Eu não queria me separar dela

— Você não precisa ir embora.

Ela tocou na minha testa franzida e sorriu.

— Na verdade, preciso. Depois que se livrar delas — ela lançou um olhar sombrio na direção das Black —, você ainda terá que preparar Charlie para conhecer sua nova namorada.

Ela riu da minha cara. Acho que conseguia perceber o quanto eu estava animado com isso.

Não era que eu não quisesse que Charlie soubesse sobre Edythe. Eu sabia que ele gostava dos Cullen, e como poderia não gostar de Edythe? Provavelmente ficaria tão impressionado que chegaria a ser insultante. Mas parecia abusar da sorte. Tentar arrastar essa fantasia linda demais pela lama da vida comum e tediosa não parecia algo seguro. Como as duas coisas poderia coexistir por muito tempo?
— Volto logo — prometeu ela. Seus olhos voltaram à varanda, e ela se inclinou para me dar um beijo rápido na lateral do pescoço, embaixo. Meu coração quicou na caixa torácica e também olhei a varanda. A cara de Bonnie não estava mais impassível e suas mãos se fecharam nos braços da cadeira.
— *Logo* — falei enquanto abria a porta e saía para a chuva. Pude sentir os olhos dela nas minhas costas enquanto quase corria até a varanda.
— Oi, Jules. Oi, Bonnie. — Cumprimentei-as do modo mais animado que pude. — Charlie está passando o dia fora. Espero que não estejam aguardando há muito tempo.
— Não muito — disse Bonnie num tom de derrota. Seus olhos escuros eram penetrantes. — Eu só queria trazer isto. — Ela indicou um saco de papel pardo em seu colo.
— Obrigado — eu disse automaticamente, mas não fazia ideia do que podia ser.
— Por que não entram por um minuto e se secam?
Fingi não perceber sua análise cuidadosa enquanto eu destrancava a porta e acenava para que passassem na minha frente. Jules deu um meio sorriso ao passar.
— Deixe que eu leve isso — ofereci, virando-me para fechar a porta. Troquei um último olhar com Edythe. Ela estava perfeitamente imóvel enquanto esperava, os olhos solenes.
— Vai precisar colocar na geladeira — instruiu Bonnie enquanto me passava o pacote. — É peixe frito caseiro de Holly Clearwater. O preferido de Charlie. A geladeira o mantém mais seco.
— Obrigado — repeti, com mais emoção. — Eu estava ficando sem novas maneiras de preparar peixe, e ele deve trazer mais para casa hoje.
— Foi pescar de novo? — perguntou Bonnie. Ela ficou atenta de repente. — No lugar de sempre? Talvez eu passe por lá para vê-lo.
— Não — menti, rapidamente. — Ele ia a um lugar novo… Mas não faço ideia de onde fica.
Ela olhou meu rosto e apertou os olhos. Era tão óbvio quando eu tentava mentir.
— Julie — disse ela, ainda me olhando. — Por que você não vai pegar aquela foto nova de Aaron no carro? Vou deixar para o Charlie também.
— Onde está? — perguntou Jules. A voz soou meio desanimada. Olhei para ela,

mas ela estava olhando para a porta, as sobrancelhas pretas unidas.
— Acho que vi na mala — disse Bonnie. — Talvez tenha que procurar.
Jules voltou curvada para a chuva.
Bonnie e eu nos encaramos em silêncio. Depois de alguns segundos, a quietude começou a parecer estranha, então eu me virei e fui à cozinha. Pude ouvir suas rodas molhadas guinchando no linóleo enquanto ela me seguiu.
Coloquei o saco em um espaço na prateleira de cima da geladeira e me virei devagar para olhar os olhos que conseguia sentir grudados em mim.
— Charlie vai demorar a voltar. — Minha voz era quase rude.
Ela assentiu, concordando, mas não disse nada.
— Obrigado novamente pelo peixe frito — falei.
Ela continuou balançando a cabeça. Eu suspirei e me encostei na bancada.
— Beau — disse ela, e depois hesitou.
Esperei.
— Beau — falou, novamente —, Charlie é um dos meus melhores amigos.
— Sim.
Ela pronunciava cada palavra com cuidado com sua voz grave.
— Percebi que você anda passando seu tempo com a filha dos Cullen.
— Sim — repeti.
Seus olhos se estreitaram.
— Talvez não seja da minha conta, mas não acho que seja uma boa ideia.
— Tem razão — concordei. — Não *é* da sua conta.
Ela ergueu as sobrancelhas grossas ao ouvir meu tom de voz.
— Você não deve saber disso, mas a família Cullen tem uma fama ruim na reserva.
— Na verdade, eu sei disso — afirmei com voz dura. Ela pareceu surpresa. — Mas essa fama pode ser infundada, não é? Porque os Cullen nunca colocaram os pés na reserva, colocaram? — Pude ver que meu recado nada sutil do acordo que ambos fizeram para proteção da sua tribo a fez parar.
— É verdade — concordou ela, os olhos em guarda. — Você parece… bem informado sobre os Cullen. Mais do que eu esperava.
Olhei-a de cima.
— Talvez ainda mais bem informado do que você.
Ela repuxou os lábios grossos ao pensar no assunto.
— Talvez — admitiu ela, mas os olhos eram astutos. — Charlie também está bem-informado?
Ela encontrou uma brecha em minha armadura.
— Charlie gosta muito dos Cullen — observei. Ela entendeu minha evasiva. Sua expressão era infeliz, mas não trazia surpresa.

— Não é problema meu — disse ela. — Mas pode ser problema de Charlie.
— Mas seria problema meu pensar se é ou não problema de Charlie, não é?
Perguntei-me se ela entendeu minha pergunta confusa enquanto eu me esforçava para não dizer nada de comprometedor. Mas ela pareceu entender. Pensou no assunto enquanto a chuva batia no telhado, o único som que quebrava o silêncio.
— Sim. — Ela se rendeu, por fim. — Acho que também é problema seu.
Eu suspirei de alívio.
— Obrigado, Bonnie.
— Mas pense no que está fazendo, Beau — pediu ela.
— Tudo bem — concordei, rapidamente.
Ela franziu o cenho.
— O que eu queria dizer era: não faça o que está fazendo.
Olhei nos olhos dela, cheios apenas de preocupação por mim, e não havia nada que eu pudesse dizer.
A porta da frente bateu com um estrondo alto.
— Não tem foto nenhuma no carro. — A voz queixosa de Jules chegou a nós antes dela. Ela entrou na cozinha. Os ombros da camiseta estavam manchados de chuva e o cabelo pingava.
— Hmmm — grunhiu Bonnie, distante de repente, girando a cadeira para olhar a filha. — Acho que deixei em casa.
Jules revirou os olhos dramaticamente.
— Que ótimo.
— Bem, Beau, diga ao Charlie — Bonnie hesitou antes de continuar — que passamos por aqui.
— Vou dizer — murmurei.
Jules ficou surpresa.
— Já estamos indo embora?
— Charlie vai chegar tarde — explicou Bonnie ao passar por Jules.
— Ah. — Jules parecia decepcionada. — Bom, acho que a gente se vê depois, Beau.
— Claro — concordei.
— Cuide-se — alertou-me Bonnie. Não respondi.
Jules ajudou a mãe a sair pela porta. Dei um aceno breve, olhando rapidamente para minha picape agora vazia, e depois fechei a porta antes que elas tivessem ido.
E então, não tive nada para fazer além de esperar. Depois de alguns segundos olhando a cozinha vazia, eu suspirei e comecei a limpar as coisas. Pelo menos, minhas mãos ficaram ocupadas. Meus pensamentos, nem tanto. Agora que eu estava longe das alterações de humor provocadas por Jessamine, comecei a me

estressar pelo que tinha aceitado fazer. Mas não poderia ser difícil. Edythe disse que eu não teria que jogar. Tentei me convencer de que eu ficaria bem, mas esfreguei a louça que estava lavando com força demais.
Eu estava terminando o banheiro quando ouvi o carro de Charlie chegando. Arrumei os produtos de limpeza em ordem alfabética debaixo da pia enquanto o ouvia entrar pela porta. Ele começou a fazer barulho debaixo da escada, guardando o equipamento.
— Beau! — chamou ele.
— Oi, pai — gritei.
Quando cheguei no andar de baixo, ele estava lavando as mãos na pia da cozinha.
— Onde estão os peixes? — perguntei.
— Coloquei no freezer.
— Vou separar uns dois enquanto ainda estão frescos. Bonnie deixou um pouco do peixe frito de Holly Clearwater esta tarde. — Tentei parecer entusiasmado.
— Deixou, é? — Os olhos de Charlie se iluminaram. — São meus favoritos!
Charlie foi tomar banho enquanto eu preparava o jantar. Em pouco tempo, estávamos sentados à mesa, comendo em silêncio. Charlie gostou da comida. Eu me perguntava como tocaria no assunto da minha nova… namorada.
— O que fez hoje? — perguntou ele, arrancando-me dos meus devaneios.
— Bom, hoje à tarde só fiquei em casa… — Só a parte mais recente da tarde, na verdade. Tentei manter a voz tranquila, mas meu estômago estava oco. — E hoje de manhã fui à casa dos Cullen.
Charlie largou o garfo.
— À casa da Dra. Cullen? — perguntou ele, surpreso.
Fingi não perceber a reação dele.
— É.
— O que foi fazer lá? — Ele não pegou o garfo de novo.
— Bom, eu tenho uma espécie de encontro com Edythe Cullen esta noite, e ela queria me apresentar aos pais…
Ele ficou me olhando como se eu tivesse anunciado que passei o dia assaltando lojas de bebida.
— O quê, pai? Você não disse que queria que eu socializasse?
Ele piscou algumas vezes e pegou o garfo.
— É, eu disse. — Ele comeu outro pedaço de comida, mastigou devagar e engoliu. — Mas você não me disse que nenhuma das garotas da cidade faz seu tipo?
— *Eu* não disse isso, *você* disse.
— Não venha me enrolar, garoto, você sabe o que quero dizer. Por que você não

contou nada? Fui xereta demais?
— Não, pai, é que… é tudo meio novo, tá? Eu não queria estragar.
— Ah. — Ele pensou por um minuto enquanto comia mais um pouco. — Então você foi conhecer os pais dela, é?
— Er, é. Quer dizer, eu já conhecia a Dra. Cullen. Mas conheci o pai dela.
— Earnest Cullen é ótimo. É meio quieto, mas muito… gentil, eu acho que é a melhor palavra. Tem alguma coisa nele.
— É, reparei nisso.
— Mas conhecer os pais… não é meio sério? Isso quer dizer que ela é sua namorada?
— É. — Não foi tão difícil quanto achei que seria. Tive uma sensação estranha de orgulho de poder reivindicá-la assim. Coisa do meu eu neandertal, mas era bem isso. — É, ela é minha namorada.
— Uau.
— Nem me fale.
— Também vou ganhar uma visita?
Eu ergui uma sobrancelha.
— Você vai se comportar?
Ele levantou as duas mãos.
— O quê, eu? Já constrangi você alguma vez?
— Eu já trouxe alguma garota aqui?
Ele bufou e mudou de assunto.
— Que horas você vai buscá-la?
— Ah, ela vem me encontrar aqui. Sabe, você vai ter sua visita. Ela chega daqui a pouco, na verdade.
— Aonde você vai levá-la?
— Bom, acho que o plano é que vamos… jogar beisebol com a família dela.
Charlie ficou me olhando por um segundo e caiu na gargalhada. Eu revirei os olhos e esperei que ele terminasse. Ele acabou fingindo limpar lágrimas dos olhos.
— Espero que esse ataque já tenha acabado.
— Beisebol, é? Você deve gostar muito dessa garota.
Pensei em deixar isso de lado, mas achei que ele enxergaria de qualquer jeito.
— É — falei. — Gosto, sim.
Ouvi um motor nada familiar rugir na porta de casa e levantei o olhar com surpresa.
— É ela?
— Talvez…
Depois de alguns segundos, a campainha tocou e Charlie deu um pulo. Corri ao

redor dele e cheguei à porta primeiro.
— Dá para ser menos agressivo? — murmurou ele, baixinho.
Eu não tinha percebido como estava chovendo lá fora. Edythe estava parada no halo de luz da varanda, parecendo uma modelo de anúncio de capas de chuva.
Ouvi Charlie inspirar de surpresa. Perguntei-me se ele já a tinha visto de perto. Era meio tenso. Mesmo quando se estava acostumado.
Fiquei olhando para ela, estupefato.
Ela riu.
— Posso entrar?
— Pode! Claro. — Dei um pulo para trás e esbarrei em Charlie.
Depois de alguns segundos desajeitados, pendurei sua capa de chuva e fui com ela e Charlie me sentar na sala de estar. Ela estava na poltrona, então me sentei ao lado de Charlie no sofá.
— E então, Edythe, como estão seus pais?
— Muito bem, obrigada, chefe Swan.
— Pode me chamar de Charlie. Não estou de serviço.
— Obrigado, Charlie. — Ela exibiu as covinhas, e o rosto dele ficou atordoado.
Ele demorou um segundo para se recuperar.
— Então, hã, vocês vão jogar beisebol, hoje?
Não pareceu passar na cabeça de nenhum dos dois que os baldes e baldes de água que estavam caindo do céu no momento teriam algum impacto nos planos. Só mesmo em Washington.
— Sim. Espero que Beau não se importe de passar tempo demais com a minha família.
Charlie falou antes que eu pudesse responder.
— Eu diria que ele se importaria mais com o beisebol.
Os dois riram, e olhei de cara feia para o meu pai. Onde estava o bom comportamento que ele prometeu?
— Não devíamos ir? — sugeri.
— Não estamos com pressa — disse Edythe com um sorriso.
Eu cutuquei Charlie com o cotovelo. O sorriso de Edythe se abriu.
— Ah, hã, é — disse Charlie. — Podem ir, crianças. Tenho… um monte de coisas para…
Edythe se levantou em um movimento fluido.
— Foi ótimo ver você, Charlie.
— Sim. Venha nos visitar quando quiser, Edythe.
— Obrigada. Você é muito gentil.
Charlie passou a mão pelo cabelo, sem graça. Eu achava que nunca o tinha visto tão perturbado.

— Vocês vão voltar muito tarde?
Eu olhei para ela.
— Não, vamos ser razoáveis.
— Mas não espere acordado — acrescentei.
Entreguei a capa para ela e segurei a porta. Quando ela passou, Charlie me olhou com olhos arregalados. Dei de ombros e ergui as sobrancelhas. Eu também não sabia como tive tanta sorte.
Eu a segui para a varanda e parei.
Ali, atrás da minha picape, estava um Jeep monstruoso. Seus pneus eram da altura da minha cintura. Havia grades de metal sobre os faróis e as lanternas traseiras, e quatro refletores grandes presos no para-choque. A capota rígida era vermelho-vivo.
Charlie soltou um assovio baixo.
— Coloquem o cinto.
Fui até o lado do motorista para abrir a porta para Edythe. Ela entrou com um pulinho eficiente, mas fiquei feliz de estarmos no lado mais distante de Charlie, porque não pareceu totalmente natural. Fui até o meu lado e subi desajeitadamente. Ela já estava com o motor ligado, e reconheci o rugido que me surpreendeu antes. Não era tão alto quanto o da minha picape, mas parecia bem mais poderoso.
Por hábito (ela não começaria a dirigir enquanto eu não colocasse o cinto), estiquei o braço para o cinto de segurança.
— O que… er… o que é tudo isso? Como eu…?
— É um arnês de off-road — explicou ela.
— Ah.
Tentei encontrar os lugares certos para todas as fivelas, mas não estava sendo muito rápido. De repente, as mãos dela estavam ali, voando em velocidade quase invisível, e sumiram de novo. Fiquei feliz que a chuva estivesse pesada demais para que Charlie enxergasse com clareza da varanda, porque isso significava que também não conseguia me ver com clareza.
— Er, obrigado.
— De nada.
Eu sabia que não devia perguntar se ela não colocaria o arnês dela.
Ela se afastou da casa.
— Mas é um… hã… Jeep bem grande o que você tem.
— É de Eleanor. Ela me emprestou para a gente não ter que correr o caminho todo.
— Onde vocês guardam essa coisa?
— Reformamos um dos anexos da casa e fizemos uma garagem.

De repente, a resposta anterior voltou à minha mente.
— Espere. Correr o caminho *todo*? Querendo dizer que ainda vamos ter que correr parte do caminho? — perguntei.
Ela repuxou os lábios como se estivesse tentando não sorrir.
— Você não vai correr.
Eu grunhi.
— Vou vomitar na frente da sua família.
— Mantenha os olhos fechados e vai ficar bem.
Balancei a cabeça, suspirei e estiquei a mão para segurar a dela.
— Oi, senti saudade.
Ela riu, um som agudo, não exatamente humano.
— Também senti. Não é estranho?
— Estranho por quê?
— Era de se pensar que eu teria aprendido a ser mais paciente nos últimos cem anos. E aqui estou, com dificuldade de passar uma tarde sem você.
— Que bom que não sou só eu.
Ela se inclinou para dar um beijo na minha bochecha, e depois recuou rapidamente e suspirou.
— Você cheira ainda melhor na chuva.
— De um jeito bom ou de um jeito ruim?
Ela franziu a testa.
— Sempre os dois.
Não sei como ela encontrou o caminho no temporal, pois parecia que havia uma cortina cinza líquida ao redor do Jeep, mas de algum modo achou uma estrada vicinal que era menos uma estrada e mais uma trilha montanhosa. Foi impossível conversar por algum tempo, porque fiquei quicando no banco como uma britadeira. Mas ela parecia gostar da viagem, com um sorriso enorme o caminho todo.
E então, chegamos ao final da estrada; as árvores formavam muralhas verdes dos três lados do Jeep. A chuva era apenas um chuvisco, diminuindo a cada segundo, o céu mais claro através das nuvens.
— Desculpe, Beau, temos que ir a pé a partir daqui.
— Sabe de uma coisa? Vou esperar por aqui mesmo.
— O que aconteceu com toda a sua coragem? Você foi extraordinário hoje de manhã.
— Ainda não me esqueci da última vez. — Tinha sido mesmo só ontem?
De repente, ela estava do meu lado do carro e começou a me desafivelar.
— Eu cuido disso, pode ir em frente — protestei. Ela terminou antes que eu terminasse de dizer as primeiras palavras.

Fiquei sentado no carro olhando para ela.
— Você não confia em mim? — perguntou, magoada, ou fingindo estar magoada, pensei.
— Essa não é a questão, Confiança e enjoo não têm relação nenhuma.
Ela me olhou por um minuto, e me senti bem idiota sentado ali no Jeep, mas só conseguia pensar no passeio de montanha-russa mais nauseante que já fiz.
— Lembra o que falei sobre a mente dominar a matéria? — perguntou ela.
— Lembro…
— E se você se concentrasse em outra coisa?
— Tipo o quê?
De repente, ela estava no Jeep comigo, um joelho no banco ao lado da minha perna. O rosto estava a centímetros do meu. Tive um leve ataque cardíaco.
— Continue respirando — disse ela.
— Como?
Ela sorriu, e seu rosto ficou sério de novo.
— Quando estivermos correndo, e essa parte não é negociável, quero que você se concentre nisso.
Lentamente, ela se aproximou e virou o rosto de lado para que ficássemos bochecha com bochecha, os lábios dela no meu ouvido. Uma das mãos deslizou pelo meu peito até minha cintura.
— Só se lembre da gente… assim…
Os lábios dela puxaram o lóbulo da minha orelha de leve, depois se moveram lentamente pelo meu maxilar e pescoço.
— Respire, Beau — murmurou ela.
Eu inspirei profundamente.
Ela beijou debaixo do meu maxilar, depois minha bochecha.
— Ainda preocupado?
— Hã?
Ela riu. As mãos estavam segurando meu rosto agora, e ela beijou de leve uma pálpebra e depois a outra.
— Edythe — sussurrei.
Os lábios dela pousaram nos meus, e não foram tão delicados e cautelosos como sempre foram antes. Moveram-se com urgência, frios e firmes, e apesar de eu saber como eram as coisas, não consegui pensar de forma coerente para tomar boas decisões. Não mandei minhas mãos se moverem, mas meus braços envolveram a cintura dela, tentando puxá-la para mais perto. Minha boca se moveu com a dela e fiquei ofegante, inspirando o aroma dela a cada lufada.
— Caramba, Beau!
E ela sumiu, deslizou com facilidade para fora do meu abraço, já a três metros e

fora do carro quando pisquei e voltei à realidade.
— Desculpe — falei, arfando.
Ela olhou para mim com cautela, olhos tão arregalados que os braços apareciam ao redor do dourado. Eu meio que caí desajeitadamente para fora do carro, depois dei um passo na direção dela.
— Acho que você vai ser a minha morte, Beau — disse ela, baixinho.
Eu fiquei paralisado.
— O quê?
Ela respirou fundo e apareceu do meu lado.
— Vamos sair daqui antes que eu faça uma *grande* besteira — murmurou ela.
Ela virou as costas para mim e olhou por cima do ombro com uma expressão de *anda logo*.
— Fique de olhos fechados — alertou ela, e saiu correndo.
Apertei bem os olhos, tentando não pensar na velocidade do vento que pressionava a pele sobre meu crânio. Fora esse sinal, era difícil acreditar que estávamos mesmo voando pela floresta como antes. O movimento do corpo dela era tão suave que eu acharia que ela estava andando por uma calçada com um gorila nas costas. A respiração dela ia e vinha regularmente.
Eu não tinha certeza de que tínhamos parado quando ela estendeu a mão para trás e tocou meu rosto.
— Acabou, Beau.
Abri os olhos e realmente estávamos parados. Na minha pressa de sair de cima dela, perdi o equilíbrio. Ela se virou a tempo de me ver cair de bunda com os braços girando.
Por um segundo, ela ficou me olhando como se não tivesse certeza se ainda estava irritada demais para me achar engraçado, mas deve ter concluído que *não* estava irritada demais.
Ela caiu na gargalhada, com a cabeça virada para trás e os braços sobre a barriga.
Eu me levantei devagar e tirei a lama e as plantas da calça jeans o máximo que consegui enquanto ela continuava rindo.
— Sabe, seria mais humano você me largar agora — falei, com aborrecimento.
— Não vai ficar mais fácil para mim com o tempo.
Ela respirou fundo algumas vezes, tentando se controlar.
Eu suspirei e saí andando na direção que mais se assemelhava a um caminho.
Alguma coisa segurou a parte de trás do meu suéter, e eu sorri. Olhei por cima do ombro. Ela estava me segurando do mesmo jeito que me segurou em frente à enfermaria.
— Aonde você vai, Beau?
— Não tinha um jogo de beisebol acontecendo?

— É para o outro lado.
Eu me virei.
— Tudo bem.
Ela segurou minha mão e saímos andando devagar na direção de uma área escura da floresta.
— Me desculpe por ter rido.
— Eu também teria rido de mim.
— Não, eu fiquei só um pouco… agitada. Precisava da catarse.
Andamos em silêncio por alguns segundos.
— Ao menos me diga que deu certo, a experiência da mente domina a matéria.
— Bem… eu não fiquei enjoado.
— Ótimo, mas…?
— Eu não estava pensando sobre… dentro do carro. Estava pensando em depois.
Ela não disse nada.
— Sei que já pedi desculpas, mas… me desculpe. De novo. Vou aprender a me comportar melhor, eu sei.
— Beau, pare. Por favor. Você me faz sentir mais culpa quando pede desculpas.
Eu olhei para ela. Nós dois tínhamos parado de andar.
— Por que *você* devia sentir culpa?
Ela riu de novo, mas dessa vez havia quase histeria na gargalhada.
— Ah, realmente! Por que *eu* devia sentir culpa?
A escuridão nos olhos dela me deixou ansioso. Havia dor ali, e eu não sabia como ajudar. Coloquei a mão na bochecha dela.
— Edythe, não entendo o que você está dizendo.
Ela fechou os olhos.
— Não consigo parar de botar você em perigo. Eu *penso* que estou me controlando, mas aí chega tão perto… Não sei como não ser mais *isso*. — De olhos ainda fechados, ela apontou para si mesma. — Minha própria existência o coloca em risco. Às vezes, eu me odeio verdadeiramente. Eu devia ser mais forte, devia ser capaz de…
Coloquei a mão em sua boca.
— Pare.
Ela abriu os olhos. Afastou minha mão, mas a colocou na bochecha de novo.
— Eu te amo — disse ela. — É uma desculpa ruim para o que estou fazendo, mas ainda assim é verdadeira.
Foi a primeira vez que ela disse que me amava, com todas as letras. Como ela dissera de manhã, era diferente ouvir as palavras em voz alta.
— Eu *te* amo — falei para ela quando recuperei o fôlego. — Não quero que você seja diferente do que é.

Ela suspirou.
— Agora, seja um bom menino — disse ela, e se esticou nas pontas dos pés.
Fiquei muito parado enquanto ela roçava os lábios nos meus.
Ficamos nos olhando por um minuto.
— Beisebol? — perguntou ela.
— Beisebol — concordei, com bem mais confiança do que sentia.
Ela segurou minha mão e me levou alguns metros pelas samambaias altas ao redor de um abeto enorme e lá estávamos, na beira de um enorme campo aberto na lateral de uma montanha. Tinha duas vezes o tamanho de qualquer estádio de beisebol.
Todos os outros estavam ali. Earnest, Eleanor e Royal estavam sentados em um afloramento de rocha nua, talvez a uns cem metros. A uma distância muito maior pude ver Archie e Jessamine, pelo menos a quatrocentos metros de distância um do outro. Era quase como se estivessem jogando bola um para o outro, mas não consegui ver bola nenhuma. Parecia que Carine estava preparando as bases, mas não podia estar certo. Estavam muito distantes uma da outra.
Quando entramos em seu campo de visão, os três na pedra se levantaram. Earnest veio na nossa direção. Royal se afastou e foi na direção de Carine. Eleanor seguiu Earnest depois de olhar por um tempo para as costas de Royal.
Eu também estava olhando para Royal. Estava nervoso.
— Foi você que ouvimos, Edythe? — perguntou Earnest.
— Parecia uma hiena sufocando — acrescentou Eleanor.
Eu sorri hesitante para Earnest.
— Foi ela.
— Beau foi engraçado — explicou Edythe.
Archie tinha largado o jogo e corria na nossa direção. Parecia que os pés dele não tocavam no chão. Em meio segundo, ele estava ali, parando de repente na nossa frente.
— Está na hora — anunciou.
Assim que falou, um estrondo grave de trovão sacudiu a floresta atrás de nós e explodiu a oeste, na direção da cidade.
— Sinistro, não é? — comentou Eleanor. Quando me virei para olhar para ela, surpreso de ela estar agindo com tanta casualidade comigo, ela piscou.
— Vamos!
Archie segurou a mão de Eleanor, e eles saíram correndo para o campo gigantesco. Archie quase… saltitava, como um cervo, só que mais perto do chão. Eleanor era igualmente rápida e quase tão graciosa, mas parecia uma coisa bem diferente. Algum animal que *atacava*, não que saltitava.
— Está pronto para um jogo de bola? — perguntou Edythe, os olhos brilhantes.

Era impossível não sentir entusiasmo por uma coisa que a deixava tão feliz.
— Vai nessa!
Ela riu, passou rapidamente os dedos pelo meu cabelo e saiu correndo atrás dos outros dois. Sua corrida era mais agressiva do que a dos outros, como um guepardo atrás de uma gazela, mas ainda ágil e emocionantemente linda. Ela rapidamente os alcançou e ultrapassou.
— Vamos assistir? — perguntou Earnest com sua voz suave de tenor. Percebi que estava olhando todos eles boquiaberto. Rapidamente recompus minha expressão e assenti. Earnest mantinha uma distância entre nós maior do que o normal para duas pessoas andando juntas, e achei que ainda estava tomando cuidado para não me assustar. Ele acompanhou meus passos sem aparentar impaciência com meu ritmo.
— Você não joga com eles? — perguntei.
— Não, prefiro fazer a arbitragem. Gosto de mantê-los honestos.
— Eles trapaceiam?
— Ah, sim. Você devia ouvir as discussões em que se metem! Na verdade, espero que não ouça, você pensaria que foram criados por uma matilha de lobos.
— Você parece meu pai — falei, e ri.
Ele também riu.
— Bem, eu os vejo como meus filhos de muitas maneiras. Jamais consegui superar… Edythe lhe contou que perdi minha filha?
— Er, não — murmurei, atordoado, tentando entender de que vida ele estava se lembrando.
— Minha única filha, minha Grace. Não tinha nem dois anos quando morreu. Isso me destruiu. Foi por essa razão que pulei do penhasco, sabe — acrescentou ele calmamente.
— Ah, hã, Edythe disse que você caiu…
— Sempre tão educada. — Earnest sorriu. — Edythe foi a primeira dos meus novos filhos. Minha segunda filha. Sempre pensei nela desta forma, embora ela seja mais velha do que eu, pelo menos de certa maneira. E sempre me perguntei se minha Grace teria se tornado uma pessoa tão incrível. — Ele olhou para mim e sorriu calorosamente. — Estou muito feliz que ela tenha encontrado você, Beau. Ela está sozinha há muito tempo. Dói em mim vê-la tão só.
— Não se importa, então? — perguntei, hesitante de novo. — Que eu seja… completamente errado para ela?
— Não — disse ele, pensativo. — É você o que ela quer. Vai dar certo, de algum jeito. — Mas sua testa se franziu de preocupação.
Começou outro estrondo de trovão.
Earnest parou então; aparentemente, tínhamos chegado à beira do campo.

Parecia que tinham formado equipes. Edythe estava à esquerda, Carine, entre a primeira e a segunda bases, e Archie segurava a bola, posicionado no local que devia ser o montinho do lançador.
Eleanor girava um bastão de alumínio; sibilava quase invisível no ar. Esperei que se aproximasse da base do batedor, mas depois percebi, enquanto ela assumia a posição, que já estava lá — mais distante do lançador do que eu achava possível. Jessamine estava vários metros atrás dela, pegando para a outra equipe. É claro que nenhum deles estava usando luvas.
— Tudo bem — gritou Earnest numa voz clara, que eu sabia que até Edythe podia ouvir, embora estivesse muito longe. — Podem bater.
Archie se endireitou, imóvel como uma estátua. Seu estilo parecia ser cauteloso, e não um movimento circular intimidador. Ele segurava a bola com as duas mãos à altura da cintura e depois, como o bote de uma cobra, a mão direita voou e a bola bateu na mão de Jessamine. Com o som de um tiro.
— Foi um *strike*? — sussurrei para Earnest.
— Se não rebaterem, é *strike* — explicou ele.
Jessamine devolveu a bola à mão de Archie, que aguardava. Ele se permitiu um sorriso breve. E então, sua mão girou novamente.
Dessa vez, o bastão de algum jeito conseguiu girar a tempo de se chocar na bola invisível. O som do impacto foi estilhaçante, trovejante; ecoou nas montanhas, e imediatamente entendi a necessidade da tempestade.
Quase não consegui acompanhar a bola, que voava como um meteoro acima do campo e voava fundo na floresta ao redor.
— *Home run* — murmurei.
— Espere — disse Earnest. Ele estava ouvindo com atenção, a mão erguida. Eleanor era um borrão pelas bases, Carine lhe fazia sombra. Percebi que Edythe tinha sumido.
— Fora! — gritou Earnest.
Olhei, sem acreditar, enquanto Edythe disparava da margem das árvores, a bola na mão erguida, o sorriso grande visível até para mim.
— Eleanor é quem bate com mais força — explicou Earnest —, mas Edythe é a que corre mais rápido.
Era como ver super-heróis jogando. Era impossível acompanhar a velocidade com que a bola voava, o ritmo de seus corpos disparando pelo campo.
Entendi outro motivo para que eles esperassem uma tempestade com trovões para jogar quando Jessamine, tentando evitar a infalível defesa de Edythe, bateu uma bola para Carine. Carine correu para a bola e competiu com Jessamine para chegar à primeira base. Quando elas se chocaram, o som foi como o esmagar da queda de duas pedras enormes. Pulei de preocupação, mas elas de algum modo

estavam ilesas.
— Salva — gritou Earnest numa voz calma.
O time de Eleanor vencia por um ponto, pois Royal conseguiu flutuar pelas bases depois de seguir um dos longos voos de Eleanor, quando Edythe pegou a terceira bola fora. Ela correu para o meu lado, sorrindo de empolgação.
— O que está achando? — perguntou.
— De uma coisa eu tenho certeza, nunca mais vou conseguir ficar sentado vendo um jogo da liga principal de beisebol.
— Até parece que você já fez muito isso. — Ela riu.
— Estou meio decepcionado — provoquei.
— Por quê?
— Bom, seria ótimo se eu pudesse encontrar só uma coisa em que você não seja melhor do que todo mundo do planeta.
Ela exibiu as covinhas, deixando-me sem fôlego.
— Estou pronta — disse ela, indo para a base.
Ela jogava com inteligência, mantendo a bola baixa, fora do alcance da mão sempre preparada de Royal, conquistando duas bases como um raio antes que Eleanor pudesse recolocar a bola em jogo. Carine bateu uma tão longe do campo, com uma explosão que feriu meus ouvidos, que tanto ela quanto Edythe chegaram na bola. Archie os cumprimentou com tapas na mão.
O placar mudava constantemente com o decorrer do jogo, e eles implicavam uns com os outros como jogadores de rua enquanto se alternavam na liderança. De vez em quando, Earnest chamava a atenção deles. Os trovões continuaram ribombando, mas ficamos secos, como Archie havia previsto.
Carine estava com o bastão, Edythe pegando, quando Archie de repente ofegou. Meus olhos estavam em Edythe, como sempre, e vi sua cabeça virar para olhá-lo. Os olhos dos dois se encontraram e alguma coisa fluiu entre eles em um segundo. Ela estava ao meu lado antes que os outros pudessem perguntar a Archie o que havia de errado.
— Archie? — perguntou Earnest, tenso.
— Eu não vi — sussurrou Archie. — Não sabia.
Todos estavam reunidos a essa altura.
Carine estava calma e autoritária.
— O que é, Archie?
— Eles estavam viajando muito mais rápido do que eu pensava. Posso ver que tive a perspectiva errada antes — murmurou ele.
Jessamine passou o braço ao redor dele, a postura protetora.
— O que mudou? — perguntou ela.
— Eles nos ouviram jogando, e isso alterou seu rumo — disse Archie, pesaroso,

como se se sentisse responsável pelo que aconteceu.
Sete pares de olhos rápidos dispararam para mim e se desviaram.
— Quanto tempo? — perguntou Carine.
Um olhar de concentração intensa atravessou seu rosto.
— Menos de cinco minutos. Estão correndo. Querem jogar. — Ela fechou a cara.
— Acha que consegue? — perguntou Carine a Edythe, os olhos disparando para mim de novo.
— Não, não carregando… — Edythe se interrompeu. — Além disso, a última coisa de que precisamos é que eles sintam o cheiro e comecem a caçar.
— Quantos? — perguntou Eleanor a Archie.
— Três.
— Três! — zombou ela. — Que venham. — Os músculos se flexionaram em seus braços.
Por uma fração de segundo que pareceu muito maior do que era, Carine refletiu. Só Eleanor parecia relaxada; os demais fitavam Carine com os olhos ansiosos.
— Vamos continuar o jogo — decidiu por fim Carine. Sua voz estava fria e inalterada. — Archie disse que estavam simplesmente curiosos.
A conversa toda durou apenas alguns segundos, mas eu ouvi com atenção e achava que tinha captado a maior parte dela. Não consegui ouvir o que Earnest agora perguntava a Edythe só com um olhar intenso. Só vi o leve tremor na cabeça dela e o olhar de alívio no rosto dele.
— Você pega, Earnest — disse ela. — Agora eu sou a juíza.
Ela parou ao meu lado enquanto os outros voltavam ao campo, varrendo a floresta com os olhos intensos. Archie e Earnest pareciam orientados para onde eu estava.
Eu declarei o óbvio.
— Os outros estão chegando agora.
— Sim, fique muito parado, quieto e não saia do meu lado, por favor. — Consegui ouvir o nervosismo em sua voz, apesar de ela tentar esconder.
— Isso não vai ajudar — murmurou Archie. — Posso sentir o cheiro dele do outro lado do campo.
— Eu sei — disse Edythe rispidamente.
Carine se posicionou na base, e os outros se juntaram ao jogo sem muita disposição.
— O que Earnest perguntou a você? — sussurrei.
Ela hesitou por um segundo antes de responder.
— Se eles estavam com sede.
Os segundos se arrastaram enquanto o jogo continuava, agora de forma apática. Ninguém ousava rebater com força, e Eleanor, Royal e Jessamine pairavam pelo

campo. De vez em quando, eu percebia os olhos de Royal em mim. Estavam inexpressivos, mas alguma coisa em sua boca me fazia pensar que estava com raiva.

Edythe não prestou atenção ao jogo, os olhos e a mente vagando pela floresta.

— Desculpe, Beau — murmurou com ferocidade. — Foi idiotice, uma irresponsabilidade, expor você desta forma. Desculpe-me.

Ouvi sua respiração parar e os olhos estacaram no lado direito do campo. Ela deu um meio passo, postando-se entre mim e o que estava chegando. Isso me fez começar a entrar em pânico, como antes, imaginando-a entre mim e Royal: Edythe em perigo. Eu tinha certeza de que o que estava chegando agora era pior do que Royal.

18. A CAÇADA

UM POR UM, eles saíram da floresta, separados uns dez metros um do outro. A primeira mulher na clareira recuou de imediato, permitindo que outra tomasse a frente, ficando atrás da mulher alta de cabelos escuros que claramente parecia ser a líder do bando. O terceiro era um homem; daquela distância, só o que pude ver foi que seu cabelo era de um tom intenso de ruivo.

Eles se aproximaram uns dos outros antes de continuarem cautelosamente em direção à família de Edythe. Era como um programa de TV sobre a vida selvagem, um bando de predadores exibindo respeito natural ao encontrar um grupo maior e desconhecido de sua própria espécie.

À medida que se aproximavam, pude ver como eram diferentes dos Cullen. Seu andar era meio felino, um gingado que parecia constantemente prestes a mudar para um rastejar. Vestiam roupas comuns de mochileiros: jeans e camisas informais de tecido pesado e impermeável. Mas as roupas estavam puídas pelo uso e eles estavam descalços. Os cabelos estavam cheios de folhas e pedaços da mata.

A mulher na liderança analisou Carine quando ela deu um passo à frente, ladeada por Eleanor e Jessamine, para encontrá-los e empertigou-se da postura meio agachada. Os outros dois a imitaram.

A mulher na frente era sem dúvida a mais bonita. A pele era pálida, mas tinha um tom moreno, e o cabelo era de um preto acetinado. Não era alta, mas parecia forte, embora não como Eleanor. Abriu um sorriso tranquilo, expondo um lampejo de dentes brancos cintilantes.

O homem era mais selvagem. Os olhos vagavam de forma inquieta entre os Cullen, e sua postura era estranhamente felina. A segunda mulher ficou atrás deles sem atrapalhar, menor do que a líder, com cabelo castanho-claro e as feições comuns. Seus olhos eram os mais calmos, os mais imóveis. Mas tive a estranha sensação de que estava vendo mais do que os outros.

Eram os olhos o que os deixava mais diferentes. Não eram dourados nem pretos como eu estava acostumado, mas de um vermelho profundo e vívido.

A mulher de cabelos pretos, ainda sorrindo, aproximou-se de Carine.

— Pensamos ter ouvido um jogo — disse ela. Tinha um leve sotaque francês. — Meu nome é Lauren, e estes são Victor e Joss.

— Sou Carine. Esta é minha família, Eleanor e Jessamine, Royal, Earnest e Archie, Edythe e Beau. — Ela nos apontou em grupos, deliberadamente sem chamar a atenção para cada um de nós. Senti um choque quando ela disse meu nome.

— Tem vaga para mais alguns jogadores? — perguntou Lauren.
Carine acompanhou o tom amistoso de Lauren.
— Na verdade, estávamos terminando. Mas adoraríamos, em outra ocasião. Pretendem ficar na área por muito tempo?
— Nós vamos para o norte, mas ficamos curiosos para ver quem estava nos arredores. Não encontramos companhia há muito tempo.
— Não, esta região em geral é vazia, a não ser por nós e visitantes ocasionais, como vocês.
O clima tenso lentamente se amenizava em uma conversa despreocupada; imaginei que Jessamine estivesse usando seu dom peculiar para controlar a situação.
— Qual é sua área de caça? — perguntou Lauren casualmente.
Carine ignorou o pressuposto.
— A área do Olympic, aqui, a área costeira de vez em quando. Mantemos residência permanente aqui perto. Há outra base permanente como a nossa perto de Denali.
Lauren se moveu, inquieta.
— Permanente? Como conseguem isso? — Havia uma curiosidade sincera em sua voz.
— Por que não nos acompanham à nossa casa e poderemos conversar com mais conforto? — convidou Carine. — É uma história bem longa.
Victor e Joss trocaram um olhar de surpresa à menção da palavra “casa”, mas Lauren controlou melhor sua expressão.
— Parece muito interessante e receptivo. — Ela sorriu. — Estamos caçando desde Ontário e não temos chance de tomar banho há um tempo. — Ela olhou as roupas de Carine com apreciação.
— Não se ofendam, por favor, mas gostaríamos que não caçassem nesta região. Temos que ficar invisíveis, vocês compreendem — explicou Carine.
— É claro. — Lauren assentiu. — Não invadiríamos seu território. De qualquer forma, acabamos de nos alimentar nos arredores de Seattle. — Ela riu. Um tremor percorreu minha coluna.
— Mostraremos o caminho, se quiserem correr conosco. Eleanor e Archie, vocês podem ir com Edythe e Beau para pegar o Jeep — acrescentou ela casualmente.
Três coisas aconteceram simultaneamente enquanto Carine falava. Uma leve brisa agitou meu cabelo, Edythe enrijeceu e a segunda mulher, Joss, virou a cabeça de repente, examinando-me, as narinas infladas.
Todos ficaram rígidos enquanto Joss avançava um passo, agachando-se. Edythe mostrou os dentes, agachando-se defensivamente, um rosnado de fera rasgando sua garganta. Não era nada parecido com os sons de brincadeira que eu ouvira

dela naquela manhã; foi a coisa mais ameaçadora que já ouvi. Arrepios desceram do alto de minha cabeça até os calcanhares.
— O que é isso? — perguntou Lauren, chocada.
Nem Edythe nem Joss relaxaram sua postura agressiva. Joss fintou de leve para o lado, mas Edythe se mexeu em resposta.
— Ele está conosco — disse Carine diretamente para Joss, a voz fria.
Lauren pareceu captar meu cheiro nesse momento, mas de forma menos intensa do que Joss, e a compreensão iluminou seu rosto.
— Vocês trouxeram um lanche? — Ela deu um passo à frente.
Edythe rosnou com ferocidade ainda maior, o lábio se curvando por cima dos dentes à mostra. Lauren recuou de novo.
— Eu disse que ele está conosco — corrigiu Carine.
— Mas ele é *humano* — protestou Lauren. Ela não falou de forma agressiva, só surpresa.
Eleanor se inclinou para a frente, de repente muito *presente* ao lado de Carine.
— Sim. — Seus olhos estavam grudados nos de Joss.
Joss se empertigou devagar, mas não desviou o olhar de mim, com as narinas ainda dilatadas. Edythe ficou tensa na minha frente. Senti vontade de puxá-la, aquela vampira Joss não estava de brincadeira, mas consegui imaginar como seria um péssimo gesto. Ela me mandou ficar parado, então eu ficaria… a não ser que alguém tentasse machucá-la.
Quando Lauren falou, seu tom foi tranquilizador, tentando aquietar a súbita hostilidade.
— Parece que temos muito a aprender uns sobre os outros.
— De fato. — A voz de Carine ainda estava fria.
— Mas gostaríamos de aceitar seu convite. — Seus olhos dispararam para mim e de volta a Carine. — E é claro que não faremos mal ao garoto humano. Não caçaremos em seu território, como eu disse.
Joss olhou para Lauren com incredulidade e trocou um breve olhar com Victor, cujos olhos ainda disparavam de um rosto para outro.
Carine avaliou a expressão franca de Lauren por um momento antes de falar.
— Vamos lhes mostrar o caminho. Jess, Royal, Earnest? — chamou ela.
Eles se reuniram, bloqueando-me de vista ao convergirem. Archie apareceu imediatamente ao meu lado, enquanto Eleanor se movia mais devagar, os olhos grudados em Joss enquanto recuava na nossa direção.
— Vamos, Beau. — disse Edythe, com voz baixa e inexpressiva.
Ela segurou meu cotovelo e me puxou. Archie e Eleanor ficaram perto de nós, me escondendo de quem ainda poderia estar olhando. Cambaleei ao lado de Edythe, tentando acompanhar o ritmo que ela impôs. Não pude ouvir se o grupo

principal já tinha ido. A impaciência de Edythe era quase tangível enquanto seguíamos a um ritmo humano para a margem da floresta.
— Eu sou mais rápida — respondeu ela ao pensamento de alguém.
De repente, estávamos nas árvores, e Edythe botou meu braço ao redor do pescoço dela enquanto ainda estávamos andando rápido. Percebi o que ela queria e, chocado demais para sentir vergonha, subi nas costas dela. Estávamos correndo antes de eu ter terminado de me acomodar.
Não consegui fechar os olhos, mas a floresta estava bem preta agora mesmo. Não consegui ver nem ouvir Eleanor e Archie correndo ao nosso lado. Como Edythe, eles se moviam pela floresta como se fossem fantasmas.
Chegamos ao Jeep em segundos. Edythe mal reduziu a velocidade, só se virou e me atirou no banco traseiro.
— Prenda-o — ordenou ela a Eleanor, que deslizou para o meu lado.
Archie já estava no banco da frente, e Edythe ligava o motor. Ela deu meia-volta, girando para ficar de frente para a estrada sinuosa.
Edythe grunhia alguma coisa rápido demais para que eu entendesse, mas parecia uma série de obscenidades. A viagem sacolejante dessa vez foi muito pior, na escuridão. Eleanor e Archie olhavam pela janela.
Chegamos à estrada principal. O Jeep seguia rápido. Estava escuro, mas reconheci a direção para onde estávamos indo. Para o sul, para longe de Forks.
— Aonde estamos indo? — perguntei.
Ninguém respondeu. Ninguém sequer olhou para mim.
— Alguém vai me dizer o que está acontecendo?
Edythe manteve os olhos na estrada enquanto falava. O velocímetro marcava 160 quilômetros por hora.
— Temos que levar você para longe daqui, bem longe, agora.
— O quê? Mas preciso ir para casa.
— Você não pode ir para casa, Beau. — O jeito como ela falou pareceu bem permanente.
— Não estou entendendo. Edythe, o que você quer dizer?
Archie falou pela primeira vez.
— Pare, Edythe.
Ela lhe lançou um olhar severo e acelerou.
— Edythe — disse Archie. — Veja todos os caminhos diferentes que isso pode tomar. Precisamos pensar direito.
Havia um tom de aviso em sua voz, e me perguntei o que se passava em sua mente, o que estava mostrando a Edythe.
— Você não entende. — Edythe quase uivou de frustração. O velocímetro a quase 185. — Ela é rastreadora, Archie! Você *viu* isso? Ela é uma rastreadora!

Senti Eleanor se enrijecer a meu lado e me perguntei o que a palavra queria dizer. Significava para os três mais do que para mim. Eu queria entender, mas não havia espaço para eu perguntar.
— Encoste, Edythe. — A voz de Archie estava mais severa agora, firme.
O velocímetro passava um pouco dos 190 por hora.
— Pare — disse ele.
— Archie… escute! Eu vi a mente dela. Rastrear é a paixão dela, sua obsessão. E ela o quer, Archie. Especificamente a ele. Já começou.
— Ela não sabe onde…
— Quanto tempo acha que ela precisará para sentir o cheiro de Beau na cidade? Seus planos já estavam preparados antes que as palavras saíssem da boca de Lauren.
Foi como um soco no estômago. Não consegui respirar por um segundo, enquanto o que ela estava dizendo finalmente fazia sentido. Até o momento, tudo pareceu meio abstrato, como um problema de matemática. Não parecia ligado a mim de forma real.
Eu sabia aonde meu cheiro a levaria.
— Charlie! — falei, ofegante. E gritei. — Charlie! Temos que voltar. Temos que pegar Charlie!
Comecei a arrancar as fivelas que me seguravam, até que Eleanor segurou meus pulsos. Tentar soltá-los era como tentar tirar algemas presas em concreto.
— Edythe! Dê meia-volta! — gritei.
— Ele tem razão — disse Archie.
O carro reduziu um pouco.
— Vamos considerar nossas opções por um minuto — disse Archie, tentando persuadi-la.
O carro reduziu outra vez, mais perceptivelmente, e depois, de repente, paramos cantando pneus no acostamento da estrada. Eu voei de encontro ao arnês e bati de costas no banco.
— Não temos opções — sibilou Edythe.
— Não vamos deixar Charlie! — gritei.
Ela me ignorou completamente.
Eleanor finalmente falou.
— Precisamos levá-lo de volta.
— Não.
— Ela não é páreo para nós, Edy. Não vai poder botar um dedo nele.
— Ela vai esperar.
Eleanor deu um sorriso frio e estranhamente ansioso.
— Eu também posso esperar.

Edythe bufou de exasperação.
— Vocês não viram! Vocês não entendem! Depois que ela se compromete com uma caçada, é inabalável. Teríamos que matá-la.
Eleanor não pareceu se incomodar com a ideia.
— Sim.
— E tem o homem. Está com ela. Se houver uma luta, Lauren vai ficar do lado deles também.
— Nós estamos em número suficiente.
— Há outra opção — disse Archie em voz baixa.
Edythe virou-se para ele, furiosa, a voz rosnando ferozmente.
— Não… há… outra… opção!
Eleanor e eu a olhamos chocados, mas Archie não pareceu se surpreender. O silêncio perdurou um longo minuto enquanto Edythe e Archie se encaravam.
— Alguém quer ouvir minha ideia? — perguntei.
— Não — grunhiu Edythe. Archie a encarou com raiva.
— Ouça — pedi. — Me leve de volta.
— Não!
— Sim! Você me leva de volta. Eu digo a meu pai que quero voltar para Phoenix. Faço minhas malas. Esperamos até que essa rastreadora esteja observando e *depois* corremos. Ela vai nos seguir e deixar Charlie em paz. Aí, você pode me levar para a droga do lugar que quiser.
Eles me encararam com olhos arregalados.
— Na verdade, não é má ideia. — A surpresa de Eleanor foi tanta que chegou a ser um insulto.
— Pode dar certo, e não podemos deixar o pai dele desprotegido — disse Archie. Você sabe disso.
Todos olharam para Edythe.
— É perigoso demais. Não quero que ela chegue nem a cento e cinquenta quilômetros de Beau.
— Ela não vai passar por nós. — Eleanor estava muito confiante.
Archie fechou os olhos por um segundo.
— Não a vejo atacando. Ela é do tipo que contorna, não vai direto. Vai esperar que o deixemos desprotegido.
— Ela logo vai perceber que isso não vai acontecer — disse Edythe.
— Eu *tenho* que ir para casa, Edythe.
Ela colocou os dedos nas têmporas e fechou os olhos por um segundo. Em seguida, olhou para mim com cara feia.
— Seu plano é muito demorado. Não temos tempo para essa história de fazer malas.

— Se eu não der algum tipo de desculpa, ele vai causar problemas para sua família. Talvez chame o FBI se achar que vocês… sei lá, me sequestraram.
— Isso não importa.
— Sim. Importa. Tem um jeito de todo mundo ficar bem, e é isso que vamos fazer.
O Jeep ganhou vida, e ela deu meia-volta, cantando pneus. O mostrador do velocímetro começou a subir.
— Você vai embora esta noite — disse Edythe, e sua voz soou cansada. — Quer a rastreadora veja ou não. Diga para Charlie o que quiser, desde que seja rápido. Pegue o que estiver à mão e entre na picape. Não me importo com o que Charlie disser. Você terá quinze minutos. Ouviu? Quinze minutos a partir do momento em que passar pela porta, senão carrego você embora.
O Jeep rugiu e ela fez a volta, os pneus cantando. O ponteiro do velocímetro começou a disparar pelo mostrador.
Alguns minutos se passaram em silêncio, a não ser pelo rugido do motor.
— Eleanor? — perguntei, olhando sugestivamente para minhas mãos.
— Ah, desculpe. — Ela me soltou.
— É assim que vai acontecer — disse Edythe. — Quando chegarmos à casa, se a rastreadora não estiver lá, vou levar Beau até a porta. Ele terá quinze minutos. — Ela olhou para mim pelo retrovisor. — Eleanor, você fica na lateral da casa. Archie, você fica na picape. Eu vou ficar lá dentro pelo tempo que ele estiver. Depois que ele sair, vocês dois podem levar o Jeep para casa e contar a Carine.
— De jeito nenhum — interrompeu Eleanor. — Eu vou com você.
— Pense bem, Eleanor. Não sei quanto tempo vou ficar fora.
— Enquanto não soubermos até que ponto isso vai chegar, eu vou com você.
Edythe suspirou.
— Se a rastreadora *estiver* lá — continuou ela, de mau humor —, vamos continuar dirigindo.
— Vamos chegar lá antes dela — disse Archie, confiante.
Edythe pareceu aceitar isso. Qualquer que fosse seu problema com Archie, ela agora não duvidava dele.
— O que vamos fazer com o Jeep? — perguntou ele.
A voz de Edythe soou tensa.
— Você vai levá-lo para casa.
— Não vou, não — disse ele calmamente.
O fluxo ininteligível de blasfêmias recomeçou.
— Não cabemos todos na minha picape — sussurrei.
Edythe não pareceu me ouvir.
— Acho que devem me deixar ir sozinho — falei, num tom ainda mais baixo.

Ela ouviu.
— Beau, não seja burro — disse ela, entre os dentes trincados.
— Olhe, Charlie não é um imbecil — protestei. — Se você não estiver na cidade amanhã, ele vai ficar desconfiado.
— Isso é irrelevante. Vamos nos certificar de que ele esteja seguro, e é só o que importa.
— E essa rastreadora? Ela viu como você agiu esta noite. Vai pensar que está comigo, aonde quer que você vá.
Eleanor olhou para mim, ofensivamente surpresa de novo.
— Edythe, ouça o que ele diz — pediu ela. — Acho que ele tem razão.
— Tem mesmo — concordou Archie.
— Não posso fazer isso. — A voz de Edythe estava gelada.
— Eleanor deve ficar também — continuei. — Ela viu Eleanor muito bem.
— Como é? — Eleanor se virou para mim, parecendo traída.
— Você terá uma oportunidade melhor com ela se ficar — concordou Archie.
Edythe olhou para ele, incrédula.
— Acha que devo deixá-lo sozinho?
— É claro que não — disse Archie. — Jess e eu vamos levá-lo.
— Não posso fazer isso — repetiu Edythe, mas dessa vez pareceu derrotada. A lógica estava tendo seu efeito nela.
Tentei persuadi-la.
— Fique aqui por uma semana. — Vi a expressão dela no espelho e me corrigi: — Alguns dias. Deixe que Charlie veja você e leve essa caçadora em uma perseguição inútil. Cuide para que vá para o lado errado. Depois, vá me encontrar. Pegue um atalho, é claro, e então Jessamine e Archie poderão ir para casa.
Pude ver que ela começava a pensar no assunto.
— Onde encontro você?
— Em Phoenix.
— Não — disse ela com impaciência. — Ela vai ouvir que é para lá que você vai.
— E você vai fazer com que pareça um ardil, obviamente. Ela vai saber que *você vai* saber que ela está ouvindo. E não vai acreditar que realmente fui aonde disse que vou.
— Ele é diabólico. — Eleanor riu.
— E se não der certo?
— Há vários milhões de pessoas em Phoenix — informei-a.
— Não é tão difícil encontrar uma lista telefônica.
— Eu vou para um hotel, Edythe.

— Edythe, vamos estar com ele — lembrou-lhe Archie.
— O que *você* vai fazer em *Phoenix*? — perguntou-lhe ela com aspereza.
— Ficar entre quatro paredes.
— Eu até gosto disso. — Eleanor estava pensando em encurralar Joss, sem dúvida.
— Cale a boca, Eleanor.
— Olhe, se tentarmos pegá-la enquanto Beau ainda estiver por perto, há uma probabilidade muito maior de que alguém se machuque. Ele vai se machucar, ou você, tentando protegê-lo. Agora, se a pegarmos sozinha… — Ela se interrompeu com um sorriso baixo. Eu tinha razão.
O Jeep se arrastava lentamente agora, ao entrarmos na cidade. Pude sentir os pelos em meus braços se eriçando. Pensei em Charlie, sozinho em casa, e balancei o joelho com impaciência.
— Beau — disse Edythe com voz muito suave. Archie e Eleanor olharam pela janela. — Se alguma coisa acontecer com você, qualquer coisa, vou considerar você o responsável. Entende isso?
Olhei nos olhos dela pelo espelho.
— Idem, Edythe.
Ela se virou para Archie.
— Jessamine pode lidar com isso?
— Dê algum crédito a ela, Edythe. Ela tem se saído muito, muito bem, considerando todas as coisas.
— *Você* pode lidar com isso?
Archie repuxou os lábios em uma careta apavorante e soltou um rosnado gutural que me fez me encolher no banco.
Edythe sorriu para ele.
— Mas guarde suas opiniões para si mesmo — murmurou ela de repente.

19. DESPEDIDAS

PARECIA QUE CHARLIE estava me esperando. Todas as luzes da casa estavam acesas. Minha mente teve um branco quando tentei pensar numa maneira de resolver a situação.

Edythe parou a uma distância de um carro atrás da minha picape. Os três estavam empertigados em seus lugares, ouvindo cada som da floresta, vasculhando cada sombra ao redor da casa, procurando alguma coisa fora de lugar. O motor foi desligado e fiquei sentado, imóvel, enquanto eles escutavam.

— Ela não está aqui — sibilou Edythe. — Vamos.

Eleanor estendeu a mão para soltar o arnês.

— Não se preocupe, Beau — disse ela numa voz baixa embora animada. — Vamos resolver as coisas por aqui rapidamente.

Tive uma sensação estranha de tristeza ao olhar para o rosto lindo e apavorante de Eleanor. Eu mal a conhecia, mas, de certa forma, era angustiante não saber quando a veria depois dessa noite. Eu sabia que era a despedida mais fácil de todas que viriam em seguida, e a ideia provocou um nó no meu estômago.

— Archie, Eleanor. — A voz de Edythe era um comando. Eles deslizaram sem ruído para a escuridão e sumiram.

Saí atrás de Eleanor, e Edythe já estava lá.

— Quinze minutos — disse ela, entredentes.

Eu assenti e parei.

— Vá logo, Beau.

— Uma coisa. — Eu me inclinei e a beijei uma vez, com força. — Eu te amo. Independentemente do que acontecer, isso não vai mudar.

— Nada acontecerá a você, Beau.

— Mantenha Charlie seguro para mim.

— Pode deixar. Ande.

Eu assenti de novo, e, com um último olhar para ela, pulei na varanda e abri a porta com um estrondo. Entrei correndo e chutei a porta para fechá-la.

De repente, eu soube o que faria, e já estava horrorizado comigo mesmo.

O rosto de Charlie apareceu no corredor.

— Beau, é você?

— Me deixe em paz — falei, com rispidez.

Meus olhos estavam começando a ficar vermelhos e úmidos, e eu sabia que teria que me controlar se quisesse fazer aquilo direito: proteger Charlie, proteger os Cullen e fazer o plano dar certo. Seria mais fácil se eu não estivesse olhando para ele.

Eu me virei e corri escada acima, fechei a porta e tranquei-a. Joguei-me no chão para pegar minha bolsa de viagem debaixo da cama. Enfiei a mão rapidamente entre o colchão e o box para pegar a meia velha amarrada com minhas economias.
Charlie bateu na minha porta.
— Beau, você está bem? O que está acontecendo?
— Eu vou para casa! — gritei.
Eu me virei para a cômoda, e Edythe já estava ali, em silêncio, pegando roupas e jogando-as para mim. Peguei o que pude e enfiei na bolsa.
— Acho que seu encontro não foi bom. — Seu tom de voz estava confuso, porém mais calmo.
— Ugh, fique *fora* disso, Charlie — resmunguei.
— Ela terminou com você?
— Eu terminei com ela.
Edythe não reagiu ao que eu estava dizendo. Estava totalmente concentrada. Tirou minhas coisas de cima da cômoda e jogou na bolsa.
— Por quê? — perguntou Charlie, surpreso. — Pensei que você gostasse dessa garota.
— Eu gosto. Demais.
— Hã… não é assim que as coisas funcionam, filho.
Edythe fechou a bolsa; ao que parecia, o tempo de fazer as malas estava acabado. Ela pendurou a alça no meu ombro.
— Vou esperar na picape. Vá! — sussurrou ela, e me empurrou para a porta. Em seguida, sumiu pela janela.
Eu destranquei a porta e passei por Charlie. Minha bolsa derrubou uma foto da parede quando desci a escada.
Charlie correu atrás de mim e segurou a alça da minha bolsa, me puxando um degrau para trás.
— Você está usando drogas, Beau? — perguntou ele.
— Não!
— Vá devagar. Não estou entendendo. Me conte o que aconteceu.
Ele estava segurando a alça com força. Eu podia largar a sacola, mas isso deixaria um buraco na minha história. Eu teria que fazer do jeito mais difícil.
Eu me virei para olhar para ele, torcendo para que a vermelhidão dos meus olhos parecesse raiva.
— Vou contar o que aconteceu — falei, com a voz mais dura que consegui imaginar. — Tive uma noite maravilhosa com a garota mais bonita que já vi, e nós falamos sobre o futuro. A forma como ela vê as coisas… é como *você*. Ela vai ficar aqui o resto da vida. Vai se casar, ter filhos e não quer ir embora nunca.

E, por um segundo, isso até fez *sentido* para mim. Estou me perdendo aqui, estou sendo sugado. Se eu não fugir agora, não vou sair nunca!
— Beau, você não pode ir embora agora — sussurrou ele. — Está de noite.
— Vou dormir na picape se ficar cansado.
— Espere só mais uma semana — pediu ele, ainda chocado. — Renée já estará de volta.
Isso me tirou completamente dos trilhos.
— O quê?
O alívio ficou evidente no rosto de Charlie quando hesitei.
— Ela ligou quando você estava fora. As coisas não estão indo bem na Flórida, e se Phil não assinar um contrato até o final da semana, eles vão voltar para o Arizona. O assistente técnico dos Sidewinders disse que eles podem ter um lugar para outro jogador de segunda base.
Balancei a cabeça, tentando reorganizar os pensamentos agora confusos. Cada segundo que passava colocava Charlie num perigo maior.
— Tenho uma chave — murmurei, girando a maçaneta.
Ele estava perto demais, a mão ainda segurando minha bolsa, o rosto confuso. Eu não podia perder mais tempo discutindo com ele. Eu teria que magoá-lo ainda mais.
— Me deixe ir, Charlie — falei, entre dentes. E abri a porta. — Não deu certo, está bem? Eu realmente *odeio* Forks!
Minhas palavras cruéis fizeram seu trabalho: Charlie soltou minha bolsa. Sua boca se abriu de surpresa enquanto uma dor profunda surgia em seus olhos. Dei as costas para ele e saí. Eu não podia deixar que ele visse meu rosto agora.
Tentei passar a raiva no meu jeito de andar, mas senti vontade de correr. O jardim escuro parecia cheio de sombras adicionais que eu tinha *quase* certeza de que eram só minha imaginação. Mas não absoluta. Joguei a bolsa na caçamba da picape e abri a porta. A chave esperava na ignição.
— Ligo para você amanhã! — gritei.
Eu jamais conseguiria explicar aquilo tudo para ele, jamais poderia acertar as coisas. Liguei o motor e arranquei.
Edythe pegou minha mão.
— Encoste — disse ela quando Charlie e a casa desapareciam atrás de nós.
Mantive os olhos na estrada, tentando controlar o rosto.
— Posso dirigir.
De repente, ela se sentou no meu colo, as mãos no volante e o pé tirando o meu do acelerador. Ela entrou no espaço entre minha perna e a porta e empurrou com o quadril. A picape não oscilou um centímetro, e ela de repente estava no banco do motorista.

— Você não conseguiria encontrar a casa — explicou ela.
De repente, luzes brilharam atrás de nós. Dei um pulo e olhei pelo vidro traseiro.
— É só Archie — garantiu-me ela. Pegou minha mão de novo.
Quando fechei os olhos, só consegui ver Charlie na soleira da porta.
— E a rastreadora?
— Ela ouviu o final de seu teatro. Está correndo atrás de nós agora. Está um quilômetro e meio atrás.
Meu corpo ficou gelado.
— Podemos escapar dela?
— Não. — Mas ela acelerou enquanto falava. O motor da picape gemeu.
Meu plano de repente não parecia mais tão brilhante.
Eu estava olhando os faróis do carro de Archie quando a picape tremeu e uma sombra escura disparou do lado de fora da janela.
— E…!
A mão dela cobriu minha boca antes que eu pudesse terminar de gritar o aviso.
— É Eleanor!
Ela colocou a mão no meu joelho.
— Está tudo bem, Beau — prometeu ela.
Disparamos para fora da cidade, indo para o norte.
— Não percebi que você ainda estava tão entediado com a vida na cidade pequena — disse ela casualmente, e eu sabia que estava tentando me distrair. — Parecia que você estava se adaptando muito bem, em especial recentemente. Talvez eu só estivesse me iludindo que estava tornando a vida mais interessante para você.
— Isso foi golpe baixo — confessei, olhando meus joelhos. — Foi a mesma coisa que minha mãe disse quando o deixou. A dor teria sido menor se eu tivesse dado um soco nele.
— Ele vai perdoar você — prometeu ela.
Eu fechei os olhos.
— Beau, vai ficar tudo bem.
Olhei para ela.
— Mas não vai ficar tudo bem quando não estivermos juntos.
— São só alguns dias. Não se esqueça de que foi ideia sua.
— Isso piora tudo. Por que isso foi acontecer? Não entendo.
Ela ficou olhando para a estrada à frente, com as sobrancelhas contraídas sobre os olhos.
— A culpa é minha. Eu não devia tê-lo exposto desse jeito.
Eu segurei a mão dela.
— Não, não foi isso o que eu quis dizer. Tudo bem, eu estava lá. Grande coisa.

Os outros dois não ficaram incomodados. Por que Joss decidiu *me* matar? Tem gente em toda parte, pessoas bem mais fáceis de se pegar. — Olhei por cima do ombro, para a sombra de Eleanor. — Por que todo esse transtorno por mim?
Edythe hesitou, pensando antes de responder.
— Dei uma boa olhada na mente dela hoje — começou Edythe, numa voz baixa. — Não tenho certeza de que havia alguma coisa que eu pudesse ter feito para evitar isso depois que ela sentiu seu cheiro. A culpa *é* parcialmente sua. — Ela olhou para mim de rabo de olho por um segundo. — Se você não tivesse um cheiro tão absurdamente delicioso, ela podia não ter nem ligado. Mas, quando eu defendi você… Bom, isso piorou as coisas. Ela não está acostumada a ser contrariada, por mais insignificante que seja o objeto. Ela se considera uma caçadora, *a* caçadora. A existência dela é consumida com a caça, e tudo de que ela mais gosta na vida é um desafio. De repente, oferecemos um incrível desafio, um grande clã de lutadores fortes, todos determinados a proteger o único elemento vulnerável. Você não sabe como ela está eufórica agora. É seu jogo preferido, e estamos tornando o jogo ainda mais empolgante. — Sua voz estava cheia de repulsa. Ela respirou fundo. — Mas, se eu tivesse ficado de fora, ela o teria matado lá mesmo! — sibilou ela com frustração.
— Eu pensei… que não tinha o mesmo cheiro para os outros… que tenho para você.
— Não tem. Mas isso não quer dizer que ainda não seja uma tentação para todos eles. Se você *fosse* atraente para o rastreador ou para qualquer um deles como é atraente para mim, isso teria significado uma luta lá mesmo.
Eu estremeci.
— Não acho que tenha alternativa a não ser matá-la agora — murmurou ela. — Carine não vai gostar.
— Eu também não gosto — sussurrei.
Ela olhou para mim, surpresa.
— Você quer que eu a poupe?
Eu pisquei.
— Não… quer dizer, sim. Não ligo se ela… morrer. Seria um alívio, não seria? Só não quero que você… E se você se machucar?
O rosto dela ficou rígido.
— Não precisa se preocupar comigo. Eu não luto de forma limpa.
Pude ouvir os pneus atravessando a ponte, embora não pudesse ver o rio no escuro. Eu sabia que estávamos chegando.
— Como se mata um vampiro? — perguntei, em voz baixa.
Ela olhou para mim com os olhos inescrutáveis. Quando falou, sua voz soou ríspida.

— A única maneira de ter certeza é dilacerando-o e depois queimando os pedaços.
— E os outros dois vão lutar com ela?
— O homem vai. Não tenho certeza sobre Lauren. Eles não têm um vínculo muito forte, ela só está com os dois por conveniência. Ficou constrangida pelo comportamento de Joss na campina…
— Mas Joss e Victor, eles vão tentar matar você? — Minha voz saiu rouca, como se eu tivesse passado uma lixa no fundo da garganta.
— Pare. Concentre-se na sua segurança. E faça o que Archie mandar.
— Como posso não me preocupar com você? O que quer dizer quando você diz que não luta limpo?
Ela deu um meio sorriso. Mas seus olhos nem se moveram.
— Você já tentou agir sem pensar? Fora ações involuntárias como as musculares e a respiração, isso é muito difícil de fazer. Principalmente em uma briga. Vou ver tudo que ela planejar, cada buraco em sua defesa. O único que consegue usar isso contra mim é Archie, pois ele enxerga o que decido fazer, mas eu também posso ouvir como ele vai reagir. Costuma dar empate. Eleanor diz que é trapaça.
Ela parecia relaxada, como se a ideia de lutar com a caçadora e o amigo dela fosse a parte mais fácil dessa confusão. Meu estômago deu um nó e despencou.
— Então Archie não deveria ficar com você? — perguntei. — Se ele luta melhor do que os outros?
— Eleanor está ouvindo isso tudo, sabe. Ela está ofendida e não está empolgada com a ideia. Faz um tempo que ela não pode brigar sem restrição nenhuma. Ela planeja deixar eu e meu jogo sujo fora disso o máximo possível.
Isso me fez sentir um pouco melhor, o que não era justo com Eleanor. Olhei por cima do ombro de novo, mas não consegui ver a expressão dela.
— Ela ainda está nos seguindo? — perguntei.
Edythe sabia que eu não estava falando de Eleanor.
Ela pegou o caminho escondido. Os faróis de Archie foram atrás. Seguimos direto para a casa. As luzes lá dentro eram fortes, mas pouco faziam para abrandar a escuridão da floresta ao redor. O pátio continuava negro. Eleanor abriu minha porta antes que a picape tivesse parado. Ela me puxou do banco, se agachou por baixo do meu braço, passou o dela pela minha cintura e me levou correndo até a porta da frente com meus pés a trinta centímetros do chão, como se eu fosse uma boneca de pano gigante.
Ela irrompeu pela grande sala branca com Edythe e Archie nos ladeando. Todos estavam ali, já de pé. Lauren estava no meio do círculo. Pude ouvir rosnados baixos na garganta de Eleanor enquanto ela me baixou ao lado de Edythe.
— Ela está nos perseguindo — sibilou Edythe, olhando malignamente para

Lauren.
A expressão de Lauren era infeliz.
— Era o que eu temia.
Archie correu para o lado de Jessamine e cochichou no ouvido dela. Eles dispararam escada acima juntos. Royal os observou e passou rapidamente para o lado de Eleanor. Seus olhos estavam intensos e, quando se voltaram involuntariamente para o meu rosto, hostis.
— O que ela vai fazer? — perguntou Carine a Lauren.
— Eu lamento — respondeu Lauren. — Fiquei com medo, quando sua garota ali o defendeu, que isso fosse chamar a atenção de Joss.
— Pode impedi-la?
Lauren balançou a cabeça.
— Nada detém Joss depois que ela começa.
— Nós vamos detê-la — prometeu Eleanor. Não havia dúvida de suas intenções.
— Não podem derrotá-la — respondeu Lauren. — Jamais vi algo parecido com ela em meus 300 anos. Ela é absolutamente letal. Foi por isso que me juntei ao bando dela.
O bando *dela*, pensei, é claro. A exibição de liderança na clareira foi apenas isso, uma exibição.
Lauren estava balançando a cabeça. Olhou para mim, confusa.
— Tem certeza de que vale a pena?
O rugido enfurecido de Edythe encheu a sala; Lauren se encolheu.
Carine olhou para Lauren.
— Infelizmente, você vai ter que fazer uma escolha.
Lauren entendeu. Ela hesitou por um momento. Avaliou cada rosto e observou a sala iluminada.
— Estou intrigada com o modo de viver que vocês criaram por aqui. Mas não vou me intrometer. Não vejo um inimigo em nenhum de vocês, mas não me colocarei contra Joss. Acho que seguirei para o norte, para aquele clã em Denali. — Ela fez uma pausa. — Não subestimem Joss. Ela tem uma mente brilhante e sentidos incomparáveis. Parece selvagem, mas fica tão à vontade no mundo humano quanto vocês parecem estar. Ela não os enfrentará diretamente… Lamento pelo que foi desencadeado aqui. Eu realmente lamento. — Ela baixou a cabeça, mas eu a vi disparar outro olhar confuso para mim.
— Vá em paz — disse Carine.
Lauren lançou outro demorado olhar ao redor e desapareceu pela porta.
O silêncio durou menos de um segundo.
Carine olhou para Edythe.
— A que distância?

Earnest já estava se mexendo; sua mão tocou um teclado oculto na parede e, com um rangido, persianas de metal começaram a selar a parede de vidro. Fiquei boquiaberto.
— A uns cinco quilômetros depois do rio. Está rondando para se reunir ao homem.
— Qual é o plano?
— Vamos despistá-la, depois Archie e Jessamine o levarão para o sul.
— E depois?
A voz de Edythe ficou gelada.
— Assim que Beau estiver longe, vamos caçá-la.
— Acho que ela não nos deixou alternativa — concordou Carine, a expressão sombria.
Edythe se virou para Royal.
— Leve-o para cima e troquem as roupas.
Royal ficou olhando para ela, incrédulo.
— Por que eu faria isso? — perguntou ele. — O que ele é para mim?
— Roy… — murmurou Eleanor, colocando a mão em seu ombro. Ele a afastou.
Meus olhos estavam em Edythe, com medo de que aquilo a irritasse, mas ela me surpreendeu. Desviou os olhos de Royal como se ele não tivesse falado, como se ele não existisse.
— Earnest? — perguntou ela calmamente.
— É claro.
Enquanto falava, ele surgiu ao meu lado, se abaixando para me pegar no colo. Subimos a escada antes que eu pudesse registrar o que estava acontecendo.
— O que estamos fazendo? — perguntei quando ele me colocava no chão em um quarto escuro em algum lugar no segundo andar.
— Tentando confundir o cheiro. Não vai funcionar por muito tempo, mas pode dar certa vantagem. — A voz dele soou abafada enquanto ele puxava a blusa pela cabeça.
Arranquei o suéter e entreguei para ele, que me deu o dele. Tentei enfiar as mãos nos buracos certos, depois tirei a calça jeans. Nós trocamos. A calça dele ficou um pouco curta, mas deu em mim. Ele me empurrou para o corredor. Earnest parecia menor com as minhas roupas; tinha dobrado a barra da minha calça jeans. Archie apareceu de repente, uma bolsa de couro pendurada no braço. Cada um deles pegou um cotovelo meu, e me carregaram voando escada abaixo.
Parecia que tudo tinha sido resolvido. Edythe e Eleanor estavam prontas para partir, Eleanor com uma mochila grande no ombro. Carine entregou alguma coisa pequena a Earnest. Ela se virou para Archie e entregou para ele a mesma coisa, um pequeno celular prateado.

— Earnest e Royal levarão sua picape, Beau — disse ela enquanto passava. Eu assenti, olhando com cautela para Royal. Ele fitava Carine com uma expressão ressentida.
— Archie, Jess, peguem o Mercedes. Vão precisar do vidro com película no sul.
Eles também assentiram.
— Vamos levar o Jeep.
Carine parou ao lado de Edythe. Percebi que era o grupo de caça e senti vontade de vomitar. Como chegou a esse ponto? Por que eles ouviram minha ideia? Era tão obviamente errada.
— Archie, eles vão morder a isca?
Todos olharam para Archie enquanto ele fechava os olhos e ficava incrivelmente imóvel. Alguns segundos depois, seus olhos se abriram.
— Ela vai perseguir você. O homem seguirá a picape. Vamos conseguir partir depois disso. — Ele falou com segurança.
— Vamos — disse Carine, indo para a cozinha.
Mas Edythe voltou até mim. Ela me olhou de baixo, com os olhos dourados enormes e profundos e cheios de um milhão de palavras que ela não tinha tempo de dizer e levou as mãos ao meu rosto. Eu me inclinei para baixo, com as mãos já no cabelo dela. Pelo mais curto dos segundos, os lábios dela, gelados e duros, tocaram os meus.
E acabou. Ela empurrou meus ombros. Os olhos ficaram vazios, mortos, na hora que ela deu as costas para mim.
E eles partiram.
Ficamos ali, sem ninguém me olhar enquanto eu olhava o lugar onde eles estavam antes. Parecia que tinham arrancado a pele do meu rosto. Meus olhos estavam ardendo.
O momento de silêncio se arrastou. Os olhos de Archie estavam fechados de novo. O telefone de Earnest vibrou em sua mão, e Archie assentiu uma vez. Earnest levou o celular ao ouvido.
— Agora — disse Earnest. Royal saiu pela porta da frente sem olhar na minha direção, mas Earnest tocou meu rosto ao passar.
— Tenha cuidado. — Seu sussurro perdurou enquanto eles saíam. Ouvi minha picape trovejar e depois desaparecer.
Jessamine e Archie esperavam. O celular de Archie parecia estar em sua orelha antes mesmo de tocar.
— Edythe disse que o homem está na trilha de Earnest. Vou pegar o carro. — Ele desapareceu nas sombras, na direção na qual Edythe partira.
Jessamine e eu nos olhamos. Ela se postou entre mim e a entrada.
— Você está enganado, sabe — disse ela.

— Hã?
— Posso sentir o que está sentindo agora. E você *vale* tudo isso.
A sensação de estar sendo esfolado lentamente não diminuiu.
— Se alguma coisa acontecer a eles, terá sido em vão.
Ela deu um sorriso gentil.
— Está enganado — repetiu ela.
Archie passou pela porta da frente e veio na minha direção com um braço estendido.
— Posso? — perguntou ele.
— É o primeiro a pedir permissão — murmurei.
Archie me pegou no colo como Earnest tinha feito e, com Jessamine nos protegendo, saiu correndo pela porta, deixando as luzes acesas para trás.

20. IMPACIÊNCIA

QUANDO ACORDEI, ESTAVA confuso. Demorei mais tempo do que devia para lembrar onde estava.

O quarto era neutro demais para pertencer a um lugar que não fosse um hotel. Os abajures estavam presos às mesas de cabeceira e as cortinas eram feitas do mesmo tecido da colcha.

Tentei me lembrar de como tinha chegado ali, mas de início nada me ocorreu.

Lembrei-me do carro preto, o vidro das janelas mais escuro do que os de uma limusine. O motor era quase silencioso, embora disparássemos pelas estradas negras com o dobro da velocidade permitida.

E me lembrei de Archie sentado comigo em vez de na frente com Jessamine. Lembrei-me de perceber de repente que ele estava ali como meu guarda-costas, que o banco da frente não era perto o suficiente, ao que parecia. Devia ter feito o perigo parecer mais real, mas tudo parecia a um milhão de quilômetros. O perigo que eu corria não era o perigo com o qual me preocupava.

Fiz Archie montar uma vigília estranha de fluxo de consciência futura durante toda a noite. Não havia detalhes pequenos demais para mim. Ele me contou passo a passo como Edythe, Carine e Eleanor se deslocariam pela floresta, e apesar de eu não conhecer nenhum dos locais que ele mencionou, fiquei hipnotizado pelas palavras. Depois, ele voltava e descrevia a mesma sequência de outro jeito, conforme algumas decisões alteravam o futuro. Isso aconteceu várias vezes, e era impossível acompanhar, mas não me importei. Enquanto o futuro não colocasse Edythe e Joss no mesmo lugar, eu conseguiria continuar respirando.

Às vezes, ele mudava para Earnest para mim. Earnest e Royal estavam na minha picape, seguindo para o leste. O que queria dizer que o homem ruivo ainda estava atrás deles.

Archie teve mais dificuldade para ver Charlie.

— Os humanos são mais difíceis do que os vampiros — disse ele.

E lembrei que Edythe tinha me falado alguma coisa sobre isso uma vez. Parecia anos antes, mas foram apenas alguns dias. Eu me lembrava de ficar desorientado por não conseguir entender o tempo.

Eu me lembrava do sol surgindo acima de um pico baixo em algum lugar da Califórnia. A luz machucou meus olhos, mas tentei não fechá-los. Quando eu os fechava as imagens que piscavam por trás das minhas pálpebras como fotografias eram demais. Eu preferia que meus olhos queimassem a vê-las de novo. A expressão arrasada de Charlie… os dentes à mostra de Edythe… o olhar

furioso de Royal… os olhos vermelhos da rastreadora me encarando… o olhar mortal no rosto de Edythe quando ela deu as costas para mim…
Mantive os olhos abertos, e o sol se moveu pelo céu.
Eu me lembrei da cabeça ter ficado pesada e leve ao mesmo tempo conforme passávamos por uma montanha, e o sol, atrás de nós agora, se refletia nos telhados da minha cidade. Não me sobravam emoções para que eu sentisse surpresa de termos feito a viagem de três dias em um. Olhei sem expressão para a cidade que se espalhava à nossa frente, percebendo lentamente que era para significar alguma coisa para mim. O raquítico chaparral, as palmeiras, os campos de golfe, as manchas turquesa que eram as piscinas, tudo isso era para parecer familiar. Eu devia sentir que estava voltando para casa.
As sombras dos postes de luz formavam na estrada marcas mais agudas do que eu me lembrava. Tão pouca escuridão. Não havia lugar para se esconder naquelas sombras.
— Qual é o caminho para o aeroporto? — perguntou Jessamine, na primeira vez que falou desde que entramos no carro.
— Fique na I-10 — respondi, automaticamente. — Vamos passar já por lá.
Demorei mais alguns segundos para absorver as implicações da pergunta dela. Meu cérebro estava enevoado de exaustão.
— Vamos pegar algum avião? — perguntei a Archie. Eu não conseguia pensar no plano. Mas aquilo não parecia certo.
— Não, mas é melhor ficar perto, só por garantia.
Lembrei-me de começar o retorno para o Aeroporto Internacional Sky Harbor… mas não de terminá-lo. Acho que deve ter sido nessa hora que meu cérebro falhou.
Mas, agora que recuperara as lembranças, eu tinha uma vaga impressão de ter saído do carro, o sol atrás do horizonte, meu braço em torno do ombro de Archie, o dele me arrastando enquanto eu cambaleava pelas sombras quentes e secas.
Eu não tinha lembrança deste quarto.
Olhei o relógio digital na mesa de cabeceira. Os números vermelhos afirmavam que eram três horas, mas eu não tinha como saber se era noite ou dia. Nenhum fiapo de luz escapava ao redor das grossas cortinas, mas o quarto estava iluminado pela luz dos abajures.
Levantei-me com o corpo rígido e cambaleei até a janela, puxando as cortinas.
Estava escuro lá fora. Três da manhã, então. Meu quarto dava para uma parte deserta da rodovia e para o novo estacionamento de mensalistas do aeroporto. Senti-me um pouquinho melhor ao conseguir situar tempo e lugar.
Olhei para baixo. Eu ainda estava com a camisa e a calça curta demais de

Earnest. Olhei o quarto e fiquei feliz por encontrar minha bolsa de viagem em cima da cômoda baixa.
Uma leve batida na porta me fez pular.
— Posso entrar? — perguntou Archie.
Respirei fundo.
— Claro.
Ele entrou e me olhou.
— Você parece precisar dormir mais.
Eu balancei a cabeça.
Ele foi em silêncio até a janela e fechou as cortinas.
— Vamos precisar ficar aqui dentro — disse ele.
— Tudo bem. — Minha voz rouca falhou.
— Com sede? — perguntou ele.
Dei de ombros.
— Estou bem. E você?
Ele sorriu.
— Nada que não possa administrar. Pedi comida para você, está na sala da frente. Edythe me lembrou de que você precisa comer com muito mais frequência do que nós.
Imediatamente, fiquei mais alerta.
— Ela ligou?
— Não. — Ele observou minha expressão desmoronar. — Foi antes de partirmos. Ela me deu muitas instruções. Venha comer alguma coisa.
Ele saiu do quarto antes que eu pudesse protestar que não estava com fome. Pude ouvir um zumbido baixo de vozes vindo da TV. Jessamine estava sentada à mesa no canto, os olhos na TV, mas sem o menor sinal de interesse. Archie foi até ela e passou a mão pelo cabelo cor de mel dela.
— Qual é a notícia mais recente? — perguntei.
— Earnest e Royal estão de volta a Forks. O ruivo parou de caçá-los.
Abri a boca, mas Archie foi mais rápido.
— Eles estão vigiando seu pai. O ruivo não vai passar por eles.
— O que o ruivo está fazendo?
— Andando pela cidade, procurando você, pelo que consigo perceber. Ele passou um tempo na escola.
Meus olhos se esbugalharam.
— Ele machucou alguém?
Archie fez que não.
— Eles parecem bem comprometidos à caçada que começaram.
— E Edythe?

— Frustrada, ao que parece. Elas se viraram na direção da rastreadora, mas ela já estava fugindo. Está indo para o norte. Elas estão atrás dela.
Fiquei ali parado, sem saber o que fazer.
Edythe estava caçando Joss. É claro que ela estava com Carine e Eleanor, mas Edythe era a mais rápida…
— Coma alguma coisa, Beau. Edythe fica muito difícil quando acha que suas instruções não são seguidas ao pé da letra.
Havia uma bandeja na mesa de centro, com algumas tampas de aço inoxidável em cima dos pratos nela. Não consegui pensar em nada além de seguir a ordem de Archie. Sentei no chão ao lado da mesa e tirei a tampa do primeiro prato. Não olhei para a comida, só peguei e comecei a comer. Eu devia estar com fome. Não paramos para comer durante o percurso.
Eles ficaram em silêncio e imóveis enquanto eu comia. Olhei para a TV, mas não consegui entender o que estava acontecendo. Era um noticiário? Era um comercial? Eu não sabia. Comi até os pratos ficarem vazios. Não senti o gosto de nada.
Quando não havia mais nada para comer, olhei para a parede.
Só conseguia ver Edythe na floresta, mais rápida do que um guepardo, mais rápida do que uma bala. Era óbvio que ela alcançaria a rastreadora primeiro.
As palavras de Lauren ecoavam na minha cabeça. *Não podem derrotá-la. Ela é absolutamente letal.*
De repente, Jessamine estava de pé ao meu lado, mais perto do que de costume.
— Beau — disse ela numa voz tranquilizadora. — Você não tem motivos para se preocupar. Está completamente seguro aqui.
— Sei disso.
— Então por que está com medo? — Ela pareceu confusa. Podia sentir minhas emoções, mas não conseguia entender os motivos por trás delas.
— Você ouviu o que Lauren disse. Joss é letal. E se alguma coisa der errado e elas foram separadas? Se alguma coisa acontecer, se Carine ou Eleanor… ou Edythe… — Minha voz falhou. — Se aquele ruivo maluco machucar Earnest… Como vou viver sabendo que a culpa é minha? Nenhum de vocês devia estar arriscando a vida por…
— Pare, Beau, pare — interrompeu ela, as palavras jorrando tão rapidamente que era difícil entendê-las. — Você está se preocupando com as coisas erradas, Beau. Confie em mim, nenhum de *nós* está em risco. Você está sob uma tensão muito grande; não a aumente com preocupações imaginárias. Ouça o que eu digo! — ordenou ela, porque eu desviei os olhos. — Nossa família é forte. Nosso único medo é perder você.
— Mas por que vocês…

Archie se aproximou e passou o braço pela cintura de Jessamine.
— Faz quase um século que Edythe está sozinha. Agora, ela encontrou você. Você não consegue ver as mudanças que nós, que estamos com ela há tanto tempo, vemos. Acha que algum de nós vai querer olhar nos olhos dela pelos próximos cem anos se ela perder você?
Minha culpa começou a ceder. Mas, apesar de a calma que se espalhava por mim parecer totalmente natural, como se viesse de dentro, eu sabia que não era assim.
— Você sabe que eu faria isso de qualquer modo — acrescentou Archie. — Mesmo que Edythe não tivesse pedido.
— Por quê?
Ele sorriu.
— É difícil explicar sem parecer meio esquizofrênico… O tempo não significa para mim a mesma coisa que para você. Nem para Jess e nem para mais ninguém. — Jessamine riu e beliscou a orelha dele. — Então, isso não vai fazer sentido para você. Mas, para mim, é como se já fôssemos amigos há bastante tempo, Beau. No segundo que você se tornou parte da vida de Edythe, foi como se já tivéssemos passado centenas de horas juntos. Nós rimos das reações exageradas de Edythe juntos, irritamos Royal até ele sair de casa juntos, ficamos acordados a noite toda conversando com Carine juntos…
Fiquei olhando fixamente, e ele deu de ombros.
— É assim que eu vivencio o mundo.
— Nós somos amigos? — perguntei com a voz impressionada.
— Melhores amigos — disse ele. — Um dia. Foi legal minha irmã favorita se apaixonar por meu melhor amigo, você não acha? Acho que devo uma a ela.
— Hã — foi tudo que consegui dizer.
Archie riu.
Jessamine revirou os olhos.
— Muito obrigada, Archie. Eu tinha acabado de fazê-lo ficar calmo.
— Não, estou bem — jurei.
Archie podia estar mentindo para fazer com que eu me sentisse melhor, mas, fosse como fosse, funcionou. Não era ruim Archie também querer me ajudar. Se ele não estivesse fazendo só por Edythe.
— E o que fazemos agora? — perguntei.
— Esperamos que alguma coisa mude.
Foi um dia muito longo.
Ficamos no quarto. Archie ligou para a recepção e pediu que não mandassem mais a camareira. As janelas continuaram fechadas, a TV, ligada, embora ninguém estivesse assistindo. A intervalos regulares, a comida era entregue a mim.

Era engraçado como passei a me sentir à vontade com Archie de repente. Parecia que a visão dele da nossa amizade, depois de dita em voz alta, tornou tudo real. Ele ficava sentado na cadeira ao lado do sofá em que eu me deitava e respondia todas as perguntas que antes eu estava nervoso demais para fazer. Às vezes, respondia antes de eu perguntar. Era meio estranho, mas concluí que devia ser como as pessoas se sentiam com Edythe o tempo todo.
— Sim — disse ele quando pensei em perguntar isso. — É exatamente a mesma coisa. Ela se esforça para não ser chata por causa disso.
Ele me contou sobre quando acordou.
— Só me lembrei de uma coisa, mas nem tenho certeza de que *era* uma lembrança. Eu achei que me lembrava de alguém dizendo meu nome, me chamando de Archie. Mas talvez estivesse lembrando uma coisa que ainda não tinha acontecido, vendo que um dia alguém me *chamaria* de Archie. — Ele sorriu por causa da minha expressão. — Eu sei, é um dilema circular, não é?
Ele passou a mão pela cabeça num gesto inconsciente.
— O cabelo? — Estava tão curto que só dava para ver que o cabelo seria castanho-escuro, quase preto, como suas sobrancelhas. — Era um visual meio extremo para os anos 1920. Meio cedo para eu ser um skinhead, graças aos céus. Meu melhor palpite é doença ou mau comportamento.
— Mau comportamento? — perguntei.
Ele deu de ombros.
— Eu talvez estivesse na prisão.
— Você não podia ser muito mais velho do que eu — protestei.
Ele uniu os dedos, pensando.
— Gosto de acreditar que, se eu *era* criminoso, era ao mesmo tempo gênio do crime e um prodígio.
Jessamine, sentada à mesa e em silêncio, riu comigo.
— Não foi confuso do jeito que provavelmente *devia* ter sido — disse Archie quando perguntei como foram as primeiras visões. — Parecia normal, eu sabia que o que estava vendo não tinha acontecido. Acho que talvez já visse coisas antes de ser transformado. Ou talvez só me adapte com rapidez. — Ele sorriu, já sabendo a pergunta que eu estava esperando para fazer. — Foi Jess. Ela foi a primeira coisa que vi. — E então: — Não, eu só a conheci pessoalmente bem depois.
Alguma coisa no tom dele me deixou curioso.
— Quanto tempo?
— Vinte e oito anos.
— Vinte e oito… Você teve que esperar vinte e oito *anos*? Mas você não podia…?

Ele assentiu.
— Eu poderia tê-la encontrado antes. Sabia onde ela estava. Mas ela ainda não estava pronta para mim. Se eu tivesse chegado cedo demais, ela teria me matado.
Eu fiz um ruído de surpresa e olhei para ela, que ergueu uma sobrancelha para mim, e então olhei para Archie. Ele riu.
— Mas Edythe disse que você era o único capaz de enfrentá-la…?
Jessamine sibilou, não como se estivesse com raiva, mas sim irritada. Olhei para ela de novo, e ela estava revirando os olhos.
— Nunca vamos saber — disse Archie. — Se Jess estava mesmo tentando matar Edythe, e não brincando…? Bem, Jess tem muita experiência. Ver o futuro não é o único motivo de eu conseguir acompanhar Edythe, também é porque Jess me ensinou a lutar. O grupo de Lauren estava todo olhando para Eleanor, ela é espetacular, eu concordo. Mas, se aquilo virasse uma luta, Eleanor não teria sido o problema deles. Se eles tivessem olhado a minha querida melhor — ele jogou um beijo para ela —, eles teriam esquecido a garota forte.
Eu me lembrei da primeira vez que vi Jessamine, no refeitório com a família. Linda, como os outros, mas com um jeito ousado. Antes mesmo de eu formular em palavras ou em pensamento, senti que havia alguma coisa nela que batia com o que Archie estava dizendo agora.
Olhei para Archie.
— Pode perguntar para ela — disse ele. — Mas não vai rolar.
— Ele quer saber minha história? — conjecturou Jessamine. Ela riu uma vez, fazendo um som sombrio. — Você não está pronto para isso, Beau. Pode acreditar.
E, apesar de ainda estar curioso, eu acreditei nela.
— Você disse que os humanos eram mais difíceis… mas parece me ver com facilidade — observei.
— Estou prestando atenção, e você está bem aqui — disse Archie. — Além do mais, dois segundos de vantagem são mais simples. É o prazo mais longo que não fica parado. Até mesmo uma hora complica as coisas.
Archie me manteve atualizado sobre o que estava acontecendo com os outros, o que era praticamente nada. Joss era boa em fugir. Havia truques, Archie disse. Cheiros não podiam ser farejados pela água, por exemplo. Joss parecia conhecer os truques. Umas seis vezes, o rastro os levou de volta a Forks, para depois sair em uma direção diferente de novo. Duas vezes, Archie ligou para Carine para dar instruções. Uma vez foi por causa da direção na qual Joss tinha pulado de um penhasco, a outra vez foi onde eles encontrariam o cheiro dela do outro lado de um rio. Pela forma como descreveu, ele não estava vendo a caçadora, estava vendo Edythe e Carine. Achei que ele devia ver a família de forma mais clara.

Eu quis pedir o telefone, mas sabia que não era hora de ouvir a voz de Edythe. Elas estavam caçando.
Eu também sabia que devia estar torcendo para que Edythe e o resto do grupo tivesse sucesso, mas só consegui sentir alívio conforme a distância entre ela e Joss foi ficando maior, apesar da ajuda de Archie. Se significasse que eu ficaria preso ali naquele quarto de hotel para sempre, eu não reclamaria. O que a deixasse em segurança.
Havia uma pergunta que eu queria fazer mais do que as outras, mas hesitei. Acho que, se Jessamine não estivesse presente, eu talvez tivesse falado antes. Não me sentia tão à vontade na presença dela quanto na de Archie agora. E isso devia ser só porque ela não estava *tentando* fazer com que eu me sentisse assim.
Quando eu estava comendo… era o jantar? Talvez, eu não conseguia identificar qual era a refeição. Nessa hora, comecei a pensar em formas diferentes de perguntar. Então, vi uma expressão no rosto de Archie e soube que ele já sabia o que eu queria perguntar, e, diferentemente das minhas dezenas de outras perguntas, estava escolhendo não responder àquela.
Eu apertei os olhos.
— Estava na lista de instruções de Edythe? — perguntei com voz azeda.
Pensei ouvir um leve suspiro vindo do canto de Jessamine. Devia ser irritante ouvir meia conversa. Mas ela devia estar acostumada. Eu apostaria que Edythe e Archie não precisavam falar em voz alta quando conversavam.
— Ficou subentendido — respondeu Archie.
Pensei na briga deles no Jeep. Teria sido por isso?
— E nossa futura amizade não basta para você mudar sua lealdade?
Ele franziu a testa.
— Edythe é minha irmã.
— Mesmo você discordando dela quanto a isso?
Ficamos nos olhando por um minuto.
— Foi isso que você viu — percebi. Senti meus olhos se arregalando. — E ela ficou chateada. Você já viu, não foi?
— Foi só um futuro dentre muitos. Também vi você morrer — lembrou ele.
— Mas você viu. É uma possibilidade.
Ele deu de ombros.
— Você não acha que mereço saber? Mesmo só havendo uma pequena chance?
Ele ficou me olhando enquanto decidia.
— Merece — disse, por fim. — Você tem o direito de saber.
Eu esperei.
— Você não conhece fúria como a de Edythe quando é contrariada — avisou ele.
— Não é da conta dela. Isso é entre mim e você. Como seu amigo, eu imploro.

Ele hesitou e decidiu.
— Posso contar a mecânica, mas eu mesmo não me lembro, e nunca fiz nem vi ninguém fazer, então tenha em mente que só posso lhe contar a teoria.
— Como alguém vira vampiro?
— Ah, é só *isso*? — murmurou Jessamine atrás de mim. Eu tinha esquecido que ela estava ouvindo.
Eu esperei.
— Como predadores — começou Archie —, temos uma profusão de armas em nosso arsenal físico… muito, muito mais do que o realmente necessário. A força, a velocidade, os sentidos aguçados, para não falar daqueles de nós como Edythe, Jessamine e eu, que também têm sentidos a mais. E então, como uma planta carnívora, somos fisicamente atraentes para nossa presa.
Eu estava muito quieto, lembrando-me da clareza com que Edythe demonstrou o mesmo conceito para mim na campina.
Ela deu um sorriso largo e seus dentes brilharam.
— Temos outra arma bastante supérflua. Também somos venenosos. O veneno não mata, é apenas incapacitante. Age lentamente, espalhando-se pela corrente sanguínea de modo que, depois de mordida, nossa presa sente uma dor física forte demais para escapar de nós. Mas é supérfluo, como eu disse. Se chegamos tão perto, a presa não escapa. A não ser que a gente queira.
— Carine — falei, baixinho. Os buracos na história que Edythe me contou estavam se preenchendo. — Então… se o veneno vai se espalhando…?
— Leva alguns dias para que a transformação seja completa, dependendo da quantidade de veneno na corrente sanguínea e da proximidade entre o veneno e o coração. O criador de Carine a mordeu na mão de propósito, para tornar tudo pior. Desde que o coração continue batendo, o veneno se espalha, curando, transformando o corpo ao se movimentar por ele. Por fim o coração para e a conversão é concluída. Mas em todo esse tempo, em cada minuto dele, a vítima desejaria estar morta, gritaria pedindo isso.
Estremeci.
— Não é agradável, não.
— Edythe disse que era muito difícil fazer… mas isso parece bem simples.
— De certa forma, também somos como tubarões. Depois que sentimos o gosto de sangue, ou o cheiro dele, fica muito difícil evitar o alimento. Às vezes é impossível. Então entenda, morder alguém, sentir o gosto de sangue é o começo do frenesi. É difícil para ambas as partes. A sede de sangue de um lado, a dor medonha do outro.
— Parece uma coisa da qual você se lembraria — observei.
— Para todos os outros, a dor da transformação é a lembrança mais forte que

têm da vida humana. Não sei por que sou diferente.
Archie ficou olhando para trás de mim, em silêncio. Eu me perguntei como seria não saber quem você era. Olhar no espelho e não reconhecer a pessoa olhando para você.
Mas eu tinha dificuldade de acreditar que Archie podia ter sido um criminoso; havia alguma coisa intrinsecamente *boa* no rosto dele. Royal era o exibido, para quem as garotas da escola olhavam, mas havia alguma coisa melhor do que perfeição no rosto de Archie. Era totalmente puro.
— Há aspectos positivos em ser diferente — disse Archie de repente. — Não me lembro de ninguém que deixei para trás. Também pude não ter essa dor. — Ele olhou para mim e apertou um pouco os olhos. — Carine, Edythe e Earnest perderam gente que era importante para eles antes de deixarem a humanidade para trás. Portanto, houve dor, mas não arrependimento. Foi diferente para os outros. A dor física é uma coisa rápida em comparação, Beau. Há jeitos mais lentos de sofrer…
"Royal tinha pais que o amavam e contavam com ele, duas irmãzinhas que adorava. Jamais pôde vê-los depois que foi transformado. E viveu mais do que todos. Esse tipo de dor é muito, muito lenta."
Eu me perguntei se ele estava tentando fazer com que eu me sentisse mal por Royal, dar um desconto para o sujeito mesmo ele me odiando. Bem… estava dando certo.
Ele balançou a cabeça, como se soubesse que eu não estava entendendo.
— Faz parte do processo, Beau. Eu não vivenciei isso. Não posso dizer como é. Mas é parte do processo.
E então, eu entendi o que ele estava me dizendo.
Ele estava totalmente imóvel de novo. Coloquei o braço atrás da cabeça e fiquei olhando para o teto.
Se… se, um dia, Edythe me quisesse assim… o que significaria para mamãe? O que significaria para Charlie?
Havia tantas coisas em que pensar. Coisas que eu nem sabia que não devia pensar.
Mas algumas coisas pareceram óbvias. Por algum motivo, Edythe não me queria pensando nessas coisas. Por quê? Eu sentia uma dor no estômago quando tentava pensar em alguma resposta a essa pergunta.
De repente, Archie ficou de pé.
Eu olhei para ele, assustado pelo movimento repentino, mas fiquei alarmado ao ver o rosto dele.
Estava totalmente branco, vazio, com a boca entreaberta.
Jessamine foi para o lado dele e o empurrou delicadamente para a cadeira.

— O que você está vendo? — perguntou ela, a voz baixa e tranquilizadora.
— Alguma coisa mudou — disse Archie, a voz ainda mais baixa.
Eu me inclinei para perto.
— O que foi?
— Um quarto. É comprido, há espelhos em toda parte. O chão é de madeira. A rastreadora está na sala, esperando. Há uma listra vermelha nos espelhos.
— Onde fica a sala?
— Não sei. Falta alguma coisa… Uma decisão que ainda não foi tomada.
— Quanto tempo?
— Logo. Ela estará na sala de espelhos hoje, ou talvez amanhã. Depende. Ela está esperando alguma coisa. — O rosto dele ficou vazio de novo. — E agora, está no escuro.
A voz de Jessamine era calma e metódica.
— O que ela está fazendo?
— Está vendo televisão… não, está passando um vídeo, no escuro, em outro lugar.
— Pode ver onde ela está?
— Não, está escuro demais.
— E a sala de espelhos, o que mais há nela?
— Só os espelhos e o ouro. É uma faixa, em volta da sala. E há uma mesa preta com um aparelho de som grande e uma tv. Ela está tocando o vídeo ali, mas não assiste como faz na sala escura. Esta é a sala onde ela espera. — Seus olhos vagaram, depois focalizaram o rosto de Jessamine.
— Não há mais nada?
Ele balançou a cabeça. Eles se olharam, imóveis.
— O que isso significa? — perguntei.
Nenhum dos dois respondeu por um momento, depois Jessamine olhou para mim.
— Significa que os planos da rastreadora mudaram. Ela tomou uma decisão que a levará à sala de espelhos e à sala escura.
— Mas não sabemos onde ficam essas salas?
— Não.
— Mas sabemos que ela não vai estar nas montanhas ao norte de Washington sendo caçada. Ela vai enganá-los. — A voz de Archie era inexpressiva.
Ele atendeu o telefone na hora que vibrou.
— Carine — disse. E olhou para mim. — Sim. — Ele ouviu por um longo momento e disse: — Acabo de vê-la. — Ele descreveu a visão como tinha feito para Jessamine. — O que quer que a tenha feito pegar esse avião… está levando a essas salas. — Ele parou. — Sim.

Ele esticou o celular para mim.
— Beau.
Eu arranquei o aparelho da mão dele.
— Alô.
— Beau — sussurrou Edythe.
— Ah, Edythe — falei. — Onde você está?
— Perto de Vancouver. Me desculpe, Beau, nós a perdemos. Ela parece suspeitar de nós, fica longe o bastante para eu não poder ouvi-la. Ela sumiu agora, parece que roubou um pequeno avião. Achamos que está voltando a Forks para recomeçar.
Pude ouvir Archie informando Jessamine atrás de mim.
— Eu sei. Archie viu que ela fugiu.
— Mas não precisa se preocupar. Você não deixou rastro. Só precisa ficar com Archie e esperar até que a encontremos novamente. Archie vai ter alguma informação sobre ela em breve.
— Eu vou ficar bem. Earnest está com Charlie?
— Está. O homem estava na cidade. Foi até a casa, mas enquanto Charlie estava no trabalho. Não chegou perto do seu pai. Não se preocupe, Charlie está seguro com Earnest e Royal vigiando-o.
De certa forma, a presença de Royal não me consolou muito.
— O que você acha que Victor está fazendo?
— Tentando pegar o rastro. Ele andou por toda a cidade durante a noite. Royal o seguiu até o aeroporto de Port Angeles, por todas as ruas da cidade, pela escola… Ele está cavando, Beau, mas não há nada para ser encontrado.
— E tem certeza de que Charlie está seguro?
— Sim, Earnest não vai perdê-lo de vista. E chegaremos lá em breve. Se a rastreadora chegar perto de Forks, eu a pego.
Eu engoli em seco.
— Tome cuidado. Fique com Carine e Eleanor.
— Eu sei o que estou fazendo.
— Estou com saudade — falei.
— Eu sei, acredite. Parece que você levou metade de mim com você.
— Venha pegar, então.
— Assim que for possível. Primeiro *vou* consertar a situação. — A voz dela ficou seca.
— Eu te amo — lembrei.
— Você acreditaria que, apesar de tudo o que fiz você passar, eu também te amo?
— Sim, acredito.

— Vou buscá-lo em breve.
— Vou ficar esperando.
O telefone ficou mudo, e uma onda repentina de depressão desabou sobre mim. Jessamine ergueu o rosto com rapidez, e o sentimento se dissipou.
Jessamine voltou a observar Archie. Ele estava no sofá, inclinado sobre a mesa com a caneta do hotel na mão. Andei até lá para ver o que ele estava fazendo.
Ele estava desenhando em um papel de carta do hotel. Eu me inclinei nas costas do sofá e olhei por cima do ombro dele.
Ele desenhou uma sala: comprida, retangular, com uma parte mais fina e quadrada ao fundo. Fez linhas para mostrar as tábuas de madeira que compunham o piso e se estendiam pelo ambiente. Pelas paredes havia linhas denotando as interrupções nos espelhos. Eu não os estava visualizando dessa forma, cobrindo a parede toda daquele jeito. E depois, envolvendo as paredes, na altura da cintura, uma faixa comprida. A faixa que Archie disse ser dourada.
— É um estúdio de balé — falei, reconhecendo de repente as formas familiares.
Eles olharam para mim, surpresos.
— Conhece essa sala? — A voz de Jessamine parecia calma, mas havia alguma coisa disfarçada nela. Archie chegou mais perto do papel, a mão agora voando pela superfície. Uma saída de emergência ganhou forma na parede dos fundos, onde eu sabia que estaria; o aparelho de som e a TV ocupavam o canto direito na frente da sala.
— Parece um lugar onde minha mãe dava aulas de dança. Ela não ficou muito tempo lá. Tinha o mesmo formato. — Eu toquei o papel onde se destacava a parte quadrada, estreitando os fundos da sala. — Ali ficavam os banheiros, as portas davam para outra sala de dança. Mas o aparelho de som ficava aqui — apontei o canto esquerdo —, era mais antigo e não tinha uma TV. Havia uma janela na sala de espera, dava para ver a sala desta perspectiva se olhasse por ela.
Archie e Jessamine me encaravam.
— Tem certeza de que é a mesma sala? — perguntou Jessamine, com a mesma calma nada natural.
— Não, não tenho certeza. Acho que a maioria dos estúdios de dança deve ser parecida, os espelhos, a barra. — Inclinei-me no sofá e passei o dedo pela barra de balé junto aos espelhos. — É só o formato que me pareceu familiar.
— Você teria algum motivo para ir lá agora? — perguntou Archie.
— Não. Não vou lá desde que minha mãe parou de dar aulas. Deve ter uns dez anos.
— Então não há como relacionar este lugar a você? — perguntou Archie com atenção.
Eu balancei a cabeça.

— Acho que nem pertence mais ao mesmo dono. Tenho certeza de que é outro estúdio de dança, em algum outro lugar.
— Onde ficava o estúdio em que sua mãe dava aulas? — perguntou Jessamine, numa voz bem mais casual do que a de Archie.
— Bem na esquina da nossa casa. Foi por isso que ela aceitou o emprego, para eu me encontrar com ela lá quando voltasse a pé da escola… — Minha voz sumiu quando vi o olhar que eles trocaram.
— Aqui em Phoenix, então? — perguntou ela, ainda casual.
— É — sussurrei. — Rua Cinquenta e Oito com Cactus.
Todos olhamos o desenho em silêncio.
— Archie, este telefone é seguro? — perguntei.
— O número é identificado como de Washington — disse ele.
— Então posso usar para ligar para minha mãe.
— Ela está na Flórida, não está? Vai ficar em segurança lá.
— Está… Mas volta para casa logo, e não pode voltar para aquela casa enquanto… — Um tremor percorreu minha voz. Eu estava pensando em Victor procurando na casa de Charlie, na escola de Forks onde ficavam meus registros.
— Qual é o número dela? — perguntou Archie. Ele estava com o celular na mão.
— Eles não têm número permanente, a não ser o de casa. Ela deve verificar os recados regularmente.
— Jess? — perguntou Archie.
Ela pensou no assunto.
— Não acho que isso possa fazer algum mal, mas não diga onde está, é claro.
Eu assenti e peguei o telefone. Liguei para o número familiar e esperei tocar quatro vezes até a voz leve da minha mãe começar a dizer para deixar um recado.
— Mãe — falei, depois do sinal —, sou eu. Escute, preciso que você faça uma coisa. É importante. Assim que receber este recado, me ligue neste número — Archie apontou para o número, já escrito embaixo de seu desenho. Eu li com cuidado, duas vezes. — Por favor, não vá a lugar nenhum antes de falar comigo. Não se preocupe, eu estou bem, mas tenho que conversar com você imediatamente, não importa a hora que você receber esta mensagem, está bem? Eu te amo, mãe. Tchau. — Fechei os olhos e rezei com todas as forças para que nenhuma mudança de planos imprevista levasse minha mãe para casa antes de ela receber meu recado.
E assim, voltamos a esperar.
Pensei em ligar para Charlie, mas não sabia direito o que podia dizer. Vi o noticiário, concentrado agora, procurando matérias sobre a Flórida ou sobre a temporada de treinos, greves ou furacões ou ataques terroristas, qualquer coisa

que pudesse mandar os dois para casa antes da hora.
Parecia que a imortalidade concedia também uma paciência interminável. Nem Jessamine nem Archie pareciam sentir necessidade de fazer qualquer coisa. Por algum tempo, Archie desenhou o contorno vago da sala escura de sua visão, o máximo que podia enxergar à luz da TV. Mas, quando terminou, ele simplesmente se sentou e olhou as paredes vazias. Jessamine também parecia não ter o impulso de andar, nem olhar pelas cortinas, nem de abrir buracos na parede aos socos, como eu tinha.
Devo ter dormido no sofá, esperando que o telefone tocasse.

21. TELEFONEMA

QUANDO ACORDEI, PERCEBI que era cedo demais. Eu estava invertendo meus horários, trocando o dia pela noite. A TV estava ligada, a única luz no aposento, mas o som estava mudo. O relógio da TV dizia que eram duas e pouco da madrugada. Consegui ouvir o som de vozes baixas falando rápido demais e concluí que foi o que me acordou. Fiquei imóvel no sofá por um minuto, esperando meus olhos e ouvidos se ajustarem.

Percebi que era estranho eles estarem falando alto o bastante para me acordar e me sentei.

Archie estava inclinado sobre a mesa, com Jessamine ao lado com a mão nas costas dele. Ele estava desenhando de novo.

Eu me levantei e andei até eles. Nenhum dos dois olhou para mim, os dois absortos no trabalho de Archie.

— Ele viu mais alguma coisa? — perguntei baixinho para Jessamine.

— Algo levou a rastreadora de volta à sala com o videocassete, mas está iluminada agora.

Observei Archie desenhar uma sala quadrada com vigas escuras no teto baixo. As paredes eram revestidas de madeira, um pouco escura demais, fora de moda. O piso tinha um carpete escuro com uns desenhos. Havia uma janela grande na parede sul, e uma abertura na parede oeste levava à sala de estar. Um lado dessa entrada era de pedra, uma grande lareira de pedra caramelo que se abria para os dois cômodos. Dessa perspectiva, o foco da sala, a TV e o videocassete, equilibrados em um rack de madeira pequeno demais, estavam no canto sudoeste da sala. Um sofá modulado envelhecido se curvava em torno da frente da TV, uma mesa de centro diante dele.

— O telefone fica aqui — sussurrei, apontando.

Os dois me olharam.

— Essa é a casa da minha mãe.

Archie já estava do outro lado do aposento, o telefone na mão, teclando. Olhei o retrato exato da sala de estar da minha mãe. Jessamine, de forma nada característica, deslizou para mais perto de mim. Tocou de leve em meu ombro, e o contato físico parecia intensificar sua influência tranquilizadora. O pânico permaneceu sufocado, sem foco.

Os lábios de Archie tremiam com a velocidade de suas palavras, o zumbido baixo impossível de decifrar.

— Beau — disse Archie.

Olhei para ele, entorpecido.

— Beau, Edythe está vindo. Ela, Eleanor e Carine o levarão para algum lugar, para escondê-lo por algum tempo.
— Edythe está vindo?
— Sim, ela vai pegar o primeiro voo em Seattle. Vamos nos encontrar com ela no aeroporto e você partirá com ela.
— Mas… minha mãe! Ela veio atrás da minha mãe, Archie! — Apesar de Jessamine estar me tocando, consegui sentir o pânico tomando meu peito.
— Jess e eu ficaremos até que ela esteja segura de novo.
— Não podemos vencer, Archie! Você não pode proteger todo mundo que eu conheço para sempre. Não vê o que ela está fazendo? Ela não está mais me rastreando. Vai encontrar alguém, vai machucar alguém que eu amo! Archie, eu não posso…
— Nós vamos pegá-la, Beau.
— E se você se ferir, Archie? Acha que está tudo bem para mim? Acha que é só a minha família humana que ela pode usar para me atingir?
Archie ergueu as sobrancelhas para Jessamine. Fui dominado por uma névoa de letargia intensa e pesada, e meus olhos se fecharam sem minha permissão. Lutei contra a névoa, percebendo o que acontecia. Forcei meus olhos a se abrirem e me afastei da mão de Jessamine.
— Não preciso dormir — rebati.
Fui até o quarto e bati a porta. Archie não me seguiu, como eu meio que esperava que fizesse. Talvez conseguisse ver qual seria minha reação.
Durante quase quatro horas, fiquei sentado no chão olhando a parede, com as mãos apertadas. Minha mente andava em círculos, tentando encontrar uma saída daquele pesadelo. Não havia escapatória, só um final possível. A única pergunta era quantas outras pessoas seriam feridas antes que eu chegasse lá.
A única esperança que me restava era saber que veria Edythe em breve. Talvez, se pudesse apenas ver seu rosto novamente, eu fosse capaz de enxergar uma solução. As coisas sempre ficavam mais claras quando estávamos juntos.
Quando o telefone tocou, voltei à sala, um pouco envergonhado por meu comportamento. Eu esperava não ter ofendido ninguém. Esperava que eles soubessem como eu estava grato pelos sacrifícios que faziam por mim.
Archie falava rapidamente ao telefone de novo. Olhei ao redor, mas Jessamine tinha sumido. O relógio dizia que eram cinco e meia da manhã.
— Eles estão embarcando no avião — disse Archie. — Vão pousar às nove e quarenta e cinco.
Eu só precisava ficar controlado por algumas horas, até que ela estivesse aqui.
— Onde está Jessamine?
— Foi pagar a conta.

— Vocês não vão ficar aqui?
— Não, vamos ficar mais perto da casa da sua mãe.
Senti vontade de vomitar, mas o celular tocou novamente. Archie olhou para o número e esticou a mão para mim. Arranquei o aparelho da mão dele.
— Mãe?
— Beau? Beau? — Era a voz da minha mãe, aquele tom familiar que ouvi mil vezes em minha infância, cada vez que chegava perto demais da beira da calçada ou quando ela me perdia de vista em um lugar abarrotado. Era o som do pânico.
— Calma, mãe — falei na voz mais tranquilizadora que pude, afastando-me lentamente de Archie, voltando ao quarto. Não tinha certeza de que conseguiria mentir de forma convincente com os olhos dele em mim. — Está tudo bem, tá? Só me dê um minuto e vou explicar tudo, eu prometo.
Parei, surpreso que ela ainda não tivesse me interrompido.
— Mãe?
— Tome muito cuidado para não dizer nada até eu mandar.
A voz que ouvi agora era desconhecida e inesperada. Era uma voz de mulher, mas não da minha mãe. Era uma voz de contralto, genérica e agradável, o tipo de voz que se ouve ao fundo dos comerciais de carros de luxo. Ela falava com muita rapidez.
— Escute, não *preciso* machucar sua mãe, então faça exatamente o que eu disser e ela ficará bem. — Ela parou por um minuto enquanto eu ouvia, num pavor emudecido. — Muito bom — elogiou. — Agora repita comigo e procure parecer natural. Diga: “Não, mãe, fique aí onde está.”
— Não, mãe, fique aí onde está. — Minha voz mal passava de um sussurro.
— Estou vendo que será difícil. — A voz revelava diversão, ainda leve e amistosa. — Por que não vai para outro cômodo agora, para que sua cara não estrague tudo? Não há motivos para que sua mãe sofra. Enquanto estiver andando, diga: “Mãe, por favor, me ouça.” Diga isso agora.
— Mãe, por favor, me ouça — pedi. Andei muito devagar para o quarto, sentindo o olhar preocupado de Archie nas minhas costas. Fechei a porta depois de entrar, tentando pensar com clareza através do terror que imobilizava meu cérebro.
— E agora, está sozinho? Responda apenas sim ou não.
— Sim.
— Mas eles ainda podem ouvi-lo, tenho certeza.
— Sim.
— Muito bem, então — continuou a voz agradável —, diga: “Mãe, confie em mim.”
— Mãe, confie em mim.

— Isso foi melhor do que eu esperava. Eu estava preparada para esperar, mas sua mãe chegou antes do programado. É mais fácil assim, não acha? Menos suspense, menos ansiedade para você.
Esperei.
— Agora, quero que ouça com muito cuidado. Vou precisar que se afaste de seus amigos; acha que pode fazer isso? Responda sim ou não.
— Não.
— Lamento ouvir isso. Esperava que você fosse um pouco mais criativo. Acha que pode se afastar deles se a vida da sua mãe depender disso? Responda sim ou não.
Tinha de haver um jeito.
— Sim.
— Muito bem, Beau. O que você tem que fazer é o seguinte. Quero que vá para a casa da sua mãe. Ao lado do telefone, haverá um número. Ligue para ele e eu lhe direi aonde ir em seguida. — Eu já sabia aonde iria e onde isso terminaria. Mas seguiria suas instruções com exatidão. — Pode fazer isso? Responda sim ou não.
— Sim.
— Antes do meio-dia, por favor, Beau. Não tenho o dia todo — disse ela.
— Onde está Phil? — sibilei.
— Ah, cuidado agora, Beau. Espere até que eu lhe peça para falar, por favor.
Eu esperei.
— É importante que você não deixe seus amigos desconfiados quando voltar a eles. Diga-lhes que sua mãe telefonou e que você a convenceu a não voltar para casa por enquanto. Agora, repita comigo: “Obrigado, mãe.” Diga isso agora.
— Obrigado, mãe. — Era difícil entender as palavras. Minha garganta estava se fechando.
— Diga: “Eu te amo, mãe. A gente se vê em breve.” Diga isso agora.
— Eu te amo, mãe — falei, engasgado. — A gente se vê em breve — prometi.
— Adeus, Beau. Estou ansiosa para vê-lo novamente. — Ela desligou.
Segurei o telefone na orelha. Minhas articulações estavam congeladas de pavor, eu não conseguia desdobrar os dedos para largá-lo.
Eu sabia que precisava pensar, mas minha cabeça estava cheia do som do pânico da minha mãe. Os segundos passaram enquanto eu lutava para me controlar.
Devagar, lentamente, meus pensamentos começaram a furar o muro de dor. A planejar. Porque agora eu não tinha alternativa: precisava ir para a sala de espelhos e morrer. Eu não tinha garantias de que fazer o que ela queria fosse manter minha mãe viva. Só podia esperar que Joss se satisfizesse com a vitória no jogo, que derrotar Edythe fosse o bastante. O desespero parecia uma forca

apertando meu pescoço; não havia como barganhar, nada que eu pudesse oferecer ou esconder que pudesse influenciá-la. Mas, ainda assim, eu não tinha alternativas. Precisava tentar.

Sufoquei o terror ao máximo que pude. Minha decisão estava tomada. Não fazia nenhum bem perder tempo me torturando. Eu precisava pensar com clareza, porque Archie e Jessamine me esperavam, e enganá-los era absolutamente essencial e absolutamente impossível.

De repente fiquei grato por Jessamine ter saído. Se ela estivesse aqui para sentir minha angústia nos últimos cinco minutos, como eu poderia evitar que eles suspeitassem? Lutei com o medo, com o horror, tentei abafá-los. Agora eu não podia me permitir isso. Não sabia quando ela voltaria.

Tentei me concentrar em minha fuga, mas percebi na mesma hora que não podia planejar nada. Eu tinha que estar indeciso. Sem dúvida Archie veria logo a mudança, se já não tivesse visto. Eu não podia deixá-lo ver como aconteceu. *Se* aconteceu. Como eu conseguiria fugir? Principalmente quando nem podia pensar no assunto.

Eu queria conferir o que Archie entendera de tudo aquilo, se já tinha visto alguma mudança, mas sabia que tinha que lidar com mais uma coisa antes de Jessamine voltar.

Eu tinha que aceitar que não veria Edythe novamente. Nem mesmo um último vislumbre do seu rosto para levar comigo para a sala de espelhos. Eu ia magoá-la e não podia dizer adeus. Era como ser torturado. Fui consumido nessa sensação por um minuto, deixei que me arrasasse. Depois, tive que recompor as aparências para enfrentar Archie.

A única expressão que pude fazer foi um olhar apagado e vazio, mas achava que era compreensível. Entrei na sala com o roteiro pronto.

Archie estava inclinado sobre a mesa, segurando as beiradas com as duas mãos. O rosto dele…

Primeiro, o pânico quebrou minha máscara, e pulei ao redor do sofá para chegar a ele. Enquanto ainda estava em movimento, percebi o que ele devia estar vendo. Parei a pouca distância dele.

— Archie — falei com voz seca.

Ele não reagiu quando chamei seu nome. A cabeça se movimentou lentamente de um lado para outro. Sua expressão trouxe o pânico de volta; talvez não fosse por minha causa, talvez ele estivesse vendo a minha mãe.

Dei mais um passo para a frente e estiquei a mão para tocar o braço dele.

— Archie! — A voz de Jessamine soou na porta, e ela logo estava ao lado de Archie, as mãos sobre as dele, que soltavam a mesa. Do outro lado da sala, a porta se fechou com um clique baixo.

— O que foi? — perguntou ela. — O que você viu?
Ele virou o rosto vazio para longe de mim e olhou cegamente nos olhos de Jessamine.
— Beau — disse ele.
— Estou bem aqui.
Ele virou a cabeça e olhou nos meus olhos, ainda com expressão vazia. Percebi que não estava falando comigo, estava respondendo a pergunta de Jessamine.

22. ESCONDE-ESCONDE

— O QUE FOI? — eu tinha perdido o controle da voz. Estava sem inflexão, indiferente.

Jessamine ficou me olhando. Mantive a expressão vazia e esperei. Os olhos dela se desviaram do rosto de Archie para o meu, sentindo o caos. Eu sabia o que Archie tinha visto.

Uma atmosfera de paz surgiu ao meu redor. Eu não lutei contra. Usei-a para manter as emoções sob controle.

Archie também se recuperou. O rosto dele voltou à expressão normal.

— Nada — disse ele, a voz incrivelmente calma e convincente. — Só a mesma sala de antes. — Ele olhou para mim e se concentrou pela primeira vez. — Você quer café da manhã?

— Vou comer no aeroporto. — Eu também estava calmo. Quase como se estivesse pegando o sentido adicional de Jessamine, consegui sentir o desespero escondido de Archie para me tirar da sala para que ele pudesse ficar sozinho com ela. Para contar a ela que eles estavam fazendo alguma coisa de errado, que iam fracassar.

Archie ainda estava concentrado em mim.

— Sua mãe está bem?

Tive que engolir uma onda de bile. Eu só podia seguir o roteiro que planejei mais cedo.

— Minha mãe estava preocupada — falei, a voz monótona. — Queria voltar para casa. Tudo bem. Eu a convenci de ficar na Flórida por enquanto.

— Que bom.

— É — concordei roboticamente.

Eu me virei e andei lentamente até o quarto, sentindo os olhos deles me seguindo por todo o caminho. Fechei a porta e fiz o que podia. Tomei banho e me vesti com roupas que cabiam. Vasculhei minha bolsa até achar a meia cheia de dinheiro. Eu a esvaziei no meu bolso.

Fiquei ali por um minuto, olhando para o nada, tentando pensar em coisas que podia pensar. Tive uma ideia.

Eu me ajoelhei ao lado da mesinha de cabeceira e abri a gaveta de cima. Por baixo do exemplar da Bíblia, havia folhas de papel de carta e uma caneta. Peguei uma folha de papel e um envelope na gaveta.

“Edythe”, eu escrevi. Minha mão estava tremendo. As letras estavam quase ilegíveis.

Eu te amo.

Desculpe de novo. Desculpe.
Ela está com a minha mãe e eu tenho que tentar. Sei que pode não dar certo. Lamento tanto.
Não fique com raiva de Archie e nem de Jessamine. Se eu conseguir me livrar deles, vai ser um milagre. Diga a eles que agradeço. Principalmente a Archie.
E, por favor, não vá atrás dela. É o que ela quer. Não consigo suportar a ideia de mais alguém se machucar por minha causa, principalmente você. É a única coisa que posso pedir agora. Por mim.
Não lamento ter conhecido você. Nunca vou lamentar amar você.

Me perdoe.
Beau.

Dobrei o papel em três partes e guardei no envelope. Ela acabaria encontrando. Eu esperava que ela entendesse. Esperava que perdoasse. E, mais do que tudo, esperava que ouvisse.
Quando voltei para a sala, eles estavam prontos.
Fiquei sentado sozinho dessa vez no banco traseiro do carro. Jessamine me olhou pelo espelho quando achou que eu não repararia. Ela me manteve calmo, e gostei disso.
Archie estava encostado na porta do passageiro, o rosto virado para Jessamine, mas eu sabia que estava me olhando pela visão periférica. O quanto ele viu? Estava esperando que eu tentasse alguma coisa? Ou estava concentrado nos gestos da rastreadora?
— Archie? — perguntei.
Ele estava cauteloso.
— Sim?
— Escrevi um bilhete para minha mãe — falei, lentamente. — Você daria para ela? Deixaria na casa dela?
— Claro, Beau. — A voz dele estava cautelosa, da forma como se falava com alguém de pé em um peitoril. Os dois conseguiam me ver desmoronando. Eu tinha que me controlar melhor.
Chegamos ao aeroporto rapidamente. Jessamine estacionou no centro do quarto andar da garagem; o sol não chegava tão fundo do prédio de concreto. Não precisamos sair das sombras enquanto seguíamos para o terminal. Era no terminal quatro, o maior, o mais confuso. Talvez isso ajudasse.
Eu os conduzi pela primeira vez, por conhecer mais o ambiente do que eles. Pegamos o elevador para o terceiro pavimento, onde os passageiros desembarcavam. Archie e Jessamine passaram um longo tempo olhando o quadro de embarque. Eu podia ouvi-los discutindo os prós e contras de Nova

York, Atlanta, Chicago. Lugares que eu não conhecia. E jamais conheceria.
Tentei não pensar na minha fuga. Ficamos sentados em uma fila comprida de cadeiras perto dos detectores de metal, e meu joelho não parava de balançar. Jessamine e Archie fingiam olhar as pessoas, mas só estavam me olhando. Cada centímetro que eu me mexia na cadeira era seguido de um olhar rápido de canto do olho deles. Era impossível. Eu devia correr? Eles ousariam me deter fisicamente com tanta gente em volta? Ou só iriam atrás?
O que quer que eu fizesse, teria que decidir a hora certa. Se aguardasse até Edythe e Carine estarem perto, Archie teria que esperá-las, certo? Mas eu não podia deixar que chegassem perto demais. Eu tinha certeza de que Edythe não se importaria com as testemunhas humanas quando começasse a correr atrás de mim.
Parte de mim conseguiu fazer essas avaliações calculadas. A outra parte estava muito ciente de que Edythe estava quase chegando. Como se todas as células do meu corpo estivessem me puxando para ela. Isso tornou tudo pior. Vi-me tentando pensar em desculpas para ficar, para vê-la primeiro e depois fugir. Mas isso era impossível se eu quisesse ter chance de fugir.
Por várias vezes, Archie ofereceu-se para me acompanhar ao café da manhã. Mais tarde, eu disse. Agora não.
Olhei o quadro de chegadas, observando enquanto um voo depois de outro pousava no horário. O voo de Seattle se aproximava cada vez mais do alto do quadro.
E então, quando eu só tinha trinta e cinco minutos para escapar, os números mudaram. O avião dela estava dez minutos adiantado. Eu não tinha mais tempo.
Peguei o envelope em branco no bolso e entreguei para Archie.
— Você entrega isso para ela?
Ele assentiu, pegou a carta e botou na mochila.
— Acho que vou comer agora — falei.
Archie se levantou.
— Vou com você.
— Você se importa se Jessamine for comigo? — perguntei. — Estou me sentindo meio… — Não terminei a frase. Meus olhos eram turbulentos o bastante para transmitir o que não falei.
Jessamine se levantou. Os olhos de Archie estavam confusos, mas, como vi, para meu alívio, não havia suspeita neles. Ele devia estar atribuindo a mudança em sua visão a alguma manobra da rastreadora e não a uma traição minha. Ele não estava me observando, estava observando Joss.
Jessamine andou em silêncio ao meu lado, a mão na base de minhas costas, como se me guiasse. Fingi não ter interesse nas primeiras lanchonetes do

aeroporto, minha cabeça procurando alguma coisa, qualquer coisa. Tinha que haver uma janela, uma oportunidade que eu pudesse usar.
Vi uma placa e tive uma ideia. Inspirada no desespero.
Havia um lugar para onde Jessamine não me seguiria.
Eu tinha que ir rápido, antes que Archie visse alguma coisa.
— Importa-se? — perguntei a Jessamine, indicando a porta. — Volto logo.
— Estarei aqui — prometeu ela.
Assim que passei pela entrada sem porta e sumi, eu saí correndo.
Era uma solução ainda melhor do que a primeira em que pensei. Eu me lembrava daquele lugar. Meus passos aceleraram.
O único lugar para onde Jessamine não me seguiria: o banheiro masculino. Eles costumavam ter duas entradas, que normalmente eram próximas. Meu primeiro plano, entrar atrás de outra pessoa, jamais teria dado certo.
Mas aquele lugar, eu já estivera ali. E me perdi uma vez, porque a outra saída era do outro lado, em um corredor diferente. Eu não podia ter planejado melhor.
Eu já estava no corredor agora, disparando até os elevadores. Se Jessamine ficasse onde disse que estaria, eu nunca entraria em sua linha de visão. Não olhei para trás enquanto corria. Era minha única chance e, mesmo que ela estivesse atrás de mim, eu precisava continuar. As pessoas olhavam, mas não pareciam chocadas demais. Havia muitos motivos para alguém correr em um aeroporto.
Disparei até os elevadores e enfiei a mão entre as portas que se fechavam de um elevador cheio que estava descendo. Eu me espremi entre passageiros irritados e olhei para ter certeza de que o botão para o primeiro andar fora pressionado. Já estava aceso, e as portas se fecharam.
Assim que as portas se abriram novamente, eu saí, causando murmúrios irritados atrás de mim. Diminuí o passo enquanto passava pela segurança perto da esteira de bagagem e voltei a correr devagar quando as portas de saída entraram em meu campo de visão. Eu não tinha como saber se Jessamine já estava me procurando. Eu só teria segundos se ela estivesse seguindo meu cheiro. Pulei para as portas automáticas, quase me chocando contra o vidro quando elas se abriram devagar demais.
Junto ao meio-fio abarrotado de gente, não havia nenhum táxi à vista.
Eu não tinha tempo. Archie e Jessamine ou estavam prestes a perceber que eu sumira ou já haviam se dado conta disso. Eles me encontrariam num piscar de olhos.
Um micro-ônibus branco estava fechando as portas a pouca distância de mim.
— Espere! — gritei, correndo, acenando para o motorista.
— Este é o micro-ônibus para o Hyatt — disse o motorista numa confusão enquanto abria as portas.

— Sim — gritei —, é para lá que eu vou. — Subi correndo a escada.
Ele ergueu a sobrancelha para mim por causa da minha falta de bagagem, mas deu de ombros, sem se incomodar em perguntar.
A maioria dos lugares estava vaga. Sentei o mais distante possível dos outros passageiros e olhei pela janela primeiro para a calçada, depois para o aeroporto, que se afastava. Não conseguia parar de imaginar Edythe, onde ela pararia, na beira da estrada, quando descobrisse o final do meu rastro.
Não se descontrole ainda, eu disse para mim mesmo. *O caminho a percorrer é longo.*
Minha sorte continuava. Na frente do Hyatt, um casal que parecia cansado pegava a última mala no porta-malas de um táxi. Pulei para fora do micro-ônibus e corri para o táxi, deslizando para o banco de trás. O casal cansado e o motorista do micro-ônibus me olharam.
Dei o endereço da minha mãe à taxista surpresa.
— Preciso chegar lá o mais rápido possível.
— Isso fica em Scottsdale — reclamou ela.
Atirei quatro notas de vinte no banco da frente.
— Isso basta?
— Claro, garoto, sem problema.
Encostei no banco e cruzei os braços. A cidade começou a passar por mim, mas não olhei pela janela. Eu tinha que lutar para manter o controle. Não havia sentido em desmoronar agora, não ajudaria em nada. De forma improvável, eu fugi. Agora faria tudo possível pela minha mãe. Meu caminho estava determinado. Eu só precisava segui-lo.
Assim, em vez de entrar em pânico, fechei os olhos e passei a viagem de vinte minutos com Edythe.
Imaginei que eu estava no aeroporto para recebê-la. Visualizei como eu ficaria bem no limite da linha amarela, a primeira pessoa que ela veria quando entrasse no longo corredor depois dos portões. Ela andaria rápido demais no meio dos outros passageiros, e eles ficariam olhando porque ela era graciosa demais. Ela dispararia pelos últimos metros, de um jeito nada humano, e jogaria os braços ao redor da minha cintura. E eu não me daria ao trabalho de tomar *cuidado*.
Perguntei-me aonde nós iríamos. Para algum lugar ao norte, para que ela pudesse sair durante o dia. Ou talvez para algum lugar muito afastado, para que pudéssemos nos deitar ao sol juntos de novo. Imaginei-a na praia, sua pele cintilando como o mar. Não importaria por quanto tempo tivéssemos de nos esconder. Ficar preso em um quarto de hotel com *ela* seria o paraíso. Eram tantas coisas que eu ainda queria saber sobre ela. Eu podia ouvi-la falar para sempre, jamais dormir, jamais deixar de estar a seu lado.

Podia ver seu rosto com tanta clareza agora… quase ouvir a voz dela. E, apesar de tudo, por um segundo me senti feliz. Estava tão envolvido em meus devaneios escapistas que perdi a noção dos segundos.
— Ei, qual era mesmo o número?
A pergunta da taxista destruiu minha fantasia. O medo que controlei por alguns minutos voltou a assumir o controle.
— Cinquenta e oito, vinte e um. — Minha voz parecia estrangulada. A taxista olhou para mim como se estivesse com medo de que eu estivesse tendo um ataque ou coisa assim.
— Então, chegamos. — Ela estava ansiosa para me ver fora de seu carro, provavelmente esperando que eu não pedisse o troco.
— Obrigado — sussurrei. Não havia necessidade de ter medo, lembrei a mim mesmo. A casa estava vazia. Eu tinha que correr; minha mãe me esperava, apavorada, dependendo de mim.
Corri para a porta, pegando automaticamente a chave na calha. Estava escuro lá dentro, vazio, normal. O cheiro era tão familiar que quase me deixou incapacitado. Parecia que minha mãe devia estar perto, no outro aposento, mas eu sabia que não era verdade.
Corri até o telefone, acendendo a luz da cozinha ao passar. Ali, no quadro branco, havia um número de dez dígitos escrito com uma caligrafia pequena e elegante. Meus dedos se atrapalharam com o teclado, cometendo erros. Tive que desligar e discar novamente. Dessa vez, concentrei-me somente nos botões, apertando com cuidado cada um deles. Consegui. Segurei o fone no ouvido com a mão trêmula. Só tocou uma vez.
— Alô, Beau — atendeu a voz tranquila. — Que rapidez. Estou impressionada.
— Minha mãe está bem?
— Perfeitamente bem. Não se preocupe, Beau, não tenho problema com ela. A não ser que você não tenha vindo sozinho, é claro. — A voz leve, divertida.
— Estou sozinho. — Nunca estivera mais só em toda a minha vida.
— Muito bom. Agora, sabe o estúdio de balé bem na esquina da sua casa?
— Sim. Sei como chegar lá.
— Bem, então o verei em breve.
Eu desliguei.
Corri da sala, passei pela porta e saí para o calor matinal.
Pelo canto do olho, quase pude ver minha mãe de pé na sombra do eucalipto grande onde eu brincava quando criança. Ou ajoelhada junto ao pequeno trecho de terra em volta da caixa de correio, o cemitério de todas as flores que ela tentou cultivar. As lembranças eram melhores do que qualquer realidade que eu veria hoje. Mas corri para longe delas.

Eu me sentia lento, como se estivesse correndo em areia molhada; não parecia conseguir impulso suficiente no concreto. Tropecei várias vezes, caí uma vez, equilibrando-me com as mãos, arranhando-as na calçada, e depois me levantando e caindo de novo. Mas enfim consegui chegar à esquina. Só mais uma rua agora; eu corri, o suor escorrendo por meu rosto, arfando. O sol estava quente em minha pele, brilhante demais enquanto se refletia no concreto branco e me cegava.

Quando virei a última esquina e entrei na Cactus, pude ver o estúdio, como eu me lembrava. O estacionamento em frente estava vazio, as persianas das janelas, arriadas. Não consegui correr mais. Eu não conseguia respirar; o esforço e o medo levaram a melhor sobre mim. Pensei em minha mãe para manter meus pés em movimento, um à frente do outro.

À medida que me aproximava, pude ver a placa do lado de fora da porta. Era manuscrita num papel rosa-shocking; dizia que o estúdio estava fechado para as férias de primavera. Toquei a maçaneta, girando-a com cuidado. Estava destrancada. Lutei para tomar fôlego e abri a porta.

O saguão estava escuro e vazio, frio, o ar-condicionado zumbindo. As cadeiras de plástico moldado estavam empilhadas junto às paredes e o carpete estava úmido. O salão de dança a oeste estava escuro, pude ver pela janela de observação aberta. O salão de dança a leste, o maior, o da visão de Archie, estava iluminado. Mas as persianas estavam fechadas nas janelas.

O terror se apoderou de mim com tanta força que fiquei aprisionado nele. Não consegui fazer com que meus pés avançassem.

E então, a voz da minha mãe me chamou.

— Beau? Beau?

O mesmo tom de pânico histérico. Corri para a porta, para o som da sua voz.

— Beau, você me assustou! Nunca mais faça isso comigo! — A voz continuava enquanto eu entrava na sala comprida de teto alto.

Olhei à minha volta, tentando descobrir de onde vinha sua voz. Eu a ouvi rir e girei para a direção do som.

Ali estava ela, na tela da TV, afagando meu cabelo, aliviada. Era o Dia de Ação de Graças e eu tinha 12 anos. Tínhamos ido visitar minha avó na Califórnia, no ano antes de ela morrer. Um dia fomos à praia e eu me curvei demais na beira do píer. Ela viu meus pés agitados, tentando recuperar o equilíbrio. “Beau? Beau?”, gritou para mim, com medo.

E depois, a tela da TV ficou azul.

Virei-me lentamente. A rastreadora estava imóvel perto da saída dos fundos, então eu ainda não a havia notado. Na mão, tinha um controle remoto. Nós nos encaramos por um longo momento e ela sorriu.

Ela veio na minha direção, ficou a bem poucos metros e passou por mim para colocar o controle ao lado do vídeo. Virei-me com cuidado para observá-la.
— Desculpe por isso, Beau, mas não é melhor que sua mãe realmente não tenha que se envolver? — A voz dela era gentil.
E, de repente, eu entendi. Minha mãe estava segura. Ainda estava na Flórida. Não recebera meu recado. Nunca ficara apavorada por causa dos olhos vermelho-escuros que me encaravam agora. Não estava sofrendo. Estava segura.
— Sim — respondi, minha voz saturada de alívio.
— Não parece com raiva por eu tê-lo enganado.
— Não estou.
Meu súbito surto de adrenalina me deu coragem. O que importava agora? Logo estaria terminado. Charlie e minha mãe nunca seriam prejudicados, nunca teriam nada a temer. Eu me sentia quase tonto de alívio. Uma parte analítica de minha mente me alertou que eu estava perigosamente perto de surtar de estresse, mas enlouquecer parecia uma boa opção no momento.
— Que estranho. Você está mesmo falando sério. — Seus olhos escuros me avaliaram com interesse. As íris eram quase pretas, só com um toque de rubi nas bordas. Com sede. — Em uma coisa tenho que concordar com esse seu bando esquisito, vocês, humanos, podem ser bem interessantes. Acho que entendo o que é tão atraente em observar vocês. É incrível, alguns parecem não ter nenhum senso de egoísmo.
Ela estava parada a pouca distância de mim, os braços cruzados, me olhando com curiosidade. Não havia ameaça em seu rosto nem em sua atitude. Ela era de aparência muito comum, sem nada de extraordinário no rosto ou no corpo. Só a pele branca, as olheiras a que eu estava acostumado. Vestia uma camisa azul-clara de mangas compridas e jeans desbotados.
— Imagino que vá me dizer que seus amigos o vingarão, não é? — perguntou ela, com esperança, ao que me pareceu.
— Eu pedi para não fazerem isso.
— E o que sua garota achou disso?
— Não sei. — Era estranhamente fácil conversar com ela. — Eu lhe deixei uma carta.
— Mas que romântico, uma última carta. E acha que ela vai honrá-la? — Sua voz agora era um pouco mais dura, uma sugestão de sarcasmo desfigurando o tom educado.
— Espero que sim.
— Hmm. Bem, nossas esperanças então diferem. Veja bem, tudo isso foi meio fácil demais, rápido demais. Para ser franca, estou decepcionada. Esperava um desafio muito maior. E, afinal, só precisei de um pouco de sorte.

Esperei em silêncio.
— Quando Victor não conseguiu pegar seu pai, fiz com que descobrisse mais sobre você. Não tinha sentido correr pelo planeta perseguindo-o quando eu podia confortavelmente esperar em um lugar da minha preferência. Depois que Victor me deu as informações de que eu precisava, decidi vir para Phoenix para fazer uma visita à sua mãe. Eu tinha ouvido você dizer que ia para casa. De início, nunca imaginei que estivesse falando sério. Mas então pensei bem. Os humanos podem ser muito previsíveis; eles gostam de estar em lugares familiares.
“E não seria a trama perfeita ir para o último lugar que deveria quando estivesse se escondendo, para o lugar onde você disse que estaria?
“Mas é claro que eu não tinha certeza, era só um palpite. Em geral tenho uma sensação sobre a presa que estou caçando, um sexto sentido, se preferir assim. Ouvi seu recado quando fui à casa da sua mãe, mas é claro que eu não podia saber de onde você tinha ligado. Foi muito útil ter seu número, mas você podia estar na Antártida, pelo que eu sabia, e o jogo não daria certo a não ser que você estivesse por perto.
“Depois, suas amigas pegaram um avião para Phoenix. Victor os estava monitorando para mim, naturalmente; em um jogo com muitos participantes, eu não podia trabalhar sozinha. E então, eles me disseram o que eu esperava, o que senti, que você estava aqui, afinal de contas. Eu estava preparada; já tinha visto seus encantadores filmes caseiros. E assim, foi simplesmente uma questão de blefe.
“Muito fácil, entende, nada à altura dos meus padrões. Então, veja bem, estou esperando que você esteja errado sobre a garota. Edythe, não é?”
Não respondi. A bravata diminuía. Senti que ela estava chegando ao fim do monólogo, cujo objetivo não entendi. Por que explicar para mim? Qual era a glória em vencer um humano fraco? Eu não sentia necessidade de me vangloriar para cada cheesebúrguer que conquistava.
— Você se importaria muito se eu deixasse uma carta minha para Edythe?
Ela deu um passo para trás e tocou numa pequena câmera de vídeo digital equilibrada cuidadosamente no alto do aparelho de som. Uma luzinha vermelha indicava que já estava rodando. Ela a ajustou algumas vezes, ampliando o quadro.
— Acho que ela não vai resistir a me perseguir depois que vir isto.
Isso explicava a cena toda. Não era para mim.
Olhei para a lente da câmera.
Minha mãe estava em segurança, mas Edythe, não. Tentei pensar em qualquer coisa que eu pudesse fazer para impedir que isso acontecesse, para impedir que o vídeo chegasse às mãos dela, mas eu sabia que não era rápido o bastante para

chegar à câmera sem que ela me pegasse.
— Posso estar errada sobre o nível de interesse dela — prosseguiu Joss. Obviamente, você não é interessante o bastante para ela decidir *ficar* com você. Então… vou ter que tornar isso muito ofensivo, não vou?
Ela sorriu para mim e se virou para sorrir para a câmera.
Ela deu um passo na minha direção, ainda sorrindo.
— Antes de começarmos…
Eu sabia que ia morrer. Achei que estivesse preparado. Não considerei nenhuma outra versão além de que ela me mataria, beberia meu sangue e fim.
Havia uma versão diferente, afinal.
Senti-me entorpecido, congelado.
— Vou contar uma história, Beau. Uma vez, muito tempo atrás, minha presa fugiu de mim. Chocante, eu sei! Só aconteceu uma vez, então você pode imaginar o quanto isso me assombra. Foi uma situação parecida, de muitas formas. Havia um garoto humano delicioso, que tinha um cheiro até melhor que o seu, sem querer ofender, mas só uma vampira o protegia. Devia ter sido uma refeição bem fácil. No entanto, subestimei a protetora do garoto. Quando ela soube que eu estava atrás do amiguinho dela, roubou-o do sanatório onde trabalhava, você consegue imaginar a degradação? Ter um emprego humano para ter comida? — Ela balançou a cabeça, decrescente. — Como eu dizia, ela o tirou do sanatório, e quando o libertou, deixou-o em segurança. Ele era bem importante para ela, mas *era* muito especial por si só. Cem anos antes, teria sido queimado pelas visões que tinha. Nos anos 1920, esse tipo de gente era levado para sanatórios para tratamentos de choque. Pobre garoto, ele nem pareceu reparar na dor da transformação. Quando ele abriu os olhos, parecia que nunca tinha visto o sol. A velha vampira o tornou um novo vampiro forte, e então não havia mais motivos para que eu tocasse nele, não havia mais sangue para eu apreciar. — Ela suspirou. — Eu destruí a velha por vingança.
— Archie! — sussurrei.
— Sim, seu amigo. Eu fiquei *tão* surpresa ao vê-lo na clareira. Foi por isso que contei minha história, para dar conforto a eles. Eu vou ter você, mas eles estão com ele. A única vítima que me escapou, na verdade, uma honra.
“Ainda lamento nunca ter sentido o sabor...”
Ela deu outro passo na minha direção. Agora, estava a centímetros de distância. Inclinou o rosto para perto de mim, esticando-se na ponta dos pés para roçar o nariz na lateral do meu pescoço. O toque da pele fria me deu vontade de me encolher, mas eu não podia me mexer.
— Acho que você serve — disse ela. — Mas ainda não. Vamos nos divertir primeiro, depois ligo para os seus amigos e lhes digo onde podem encontrá-lo,

junto com meu recadinho.
Eu ainda estava entorpecido. A única coisa que estava começando a conseguir sentir era meu estômago, dando um nó de tanto enjoo. Olhei para a câmera, e era como se Edythe já estivesse assistindo.
A rastreadora recuou um passo e começou a circular, despreocupadamente, como se estivesse tentando ter uma visão melhor de uma estátua em um museu. Seu rosto ainda estava amistoso enquanto ela decidia por onde começar. O sorriso foi crescendo até a boca ser um rasgo cheio de dentes. Ela se inclinou para a frente e se agachou.
Não vi que parte dela me acertou, foi rápido demais. Ela virou uma mancha, houve um estalo alto e meu braço direito de repente ficou pendurado como se não estivesse mais ligado ao cotovelo. A última coisa foi a dor, subiu pelo meu braço um longo segundo depois.
A caçadora estava olhando de novo agora, mas o rosto não tinha voltado ao normal, era basicamente todo dentes. Ela esperou que a dor me atingisse, viu-me ofegar e me encolher ao redor do braço quebrado.
Antes mesmo que eu pudesse sentir todo o começo da dor, enquanto ainda estava aumentando, ela virou outra mancha, e, com mais estalos, alguma coisa me derrubou contra a parede; a barra oscilou nas minhas costas e os espelhos se estilhaçaram.
Um choramingo estranho e animalesco escapou por entre meus dentes. Tentei inspirar, e foi como se dez facas perfurassem meus pulmões.
— É um belo efeito, não acha? — perguntou ela, o rosto amistoso novamente. Tocou em uma das linhas que seguia do ponto onde bati na parede. — Assim que vi este lugar, eu soube que era o local certo para meu filme. Visualmente dinâmico. E com tantos ângulos; eu não ia querer que Edythe perdesse nada.
Não a vi se mover, mas houve outro estalo, e meu indicador esquerdo começou a latejar.
— Ainda de pé — disse ela, e riu.
O estalo seguinte foi bem mais alto, como uma detonação abafada. A sala parece voar por mim, como se eu estivesse caindo por um buraco. A dor me atingiu na mesma hora que bati no chão.
Engasguei com o grito que estava tentando sair pela minha garganta, lutando com a bile que inundava meu esôfago. Não havia ar suficiente, não consegui encher os pulmões. Um gemido estranho e sufocado pareceu vir do fundo do meu tronco.
Meu corpo cuspiu automaticamente o vômito para eu conseguir respirar, ainda que respirar parecesse estar rasgando minhas entranhas. A dor do meu braço quebrado latejava ao fundo agora; minha perna era o palco. Essa dor ainda

estava aumentando. Eu estava caído no chão em uma poça de vômito, mas não conseguia mexer nada.
Ela estava de joelhos ao lado da minha cabeça agora, e a luz vermelha brilhava na mão dela.
— Hora do seu close, Beau.
Eu tossi mais ácido da garganta, chiando.
— Agora eu gostaria de uma retratação. Você pode fazer isso por mim? Se me fizer um favor, eu acelero tudo. Parece justo?
Meus olhos não conseguiam se concentrar no rosto dela. A luz vermelha piscante parecia muito enevoada.
— Diga para Edythe o quanto dói — disse ela. — Diga que quer vingança. Você merece. Ela botou você nisso. De um jeito muito real, é ela quem está machucando você aqui. Tente convencê-la.
Meus olhos se fecharam.
Ela levantou minha cabeça com uma delicadeza surpreendente, embora o movimento tenha gerado pontadas lancinantes de tortura pelos meus braços e costelas.
— Beau — disse ela, suavemente, como se eu estivesse dormindo e ela, tentando me acordar. — Beau, você consegue fazer isso. Diga para Edythe vir atrás de mim.
Ela me sacudiu de leve, e um som como um suspiro vazou dos meus pulmões.
— Beau, querido, você ainda tem tantos ossos, e os grandes podem ser quebrados em *tantos* lugares. Faça o que quero, por favor.
Olhei para o rosto fora de foco dela. Não era realmente uma proposta. Nada que eu dissesse agora me salvaria. E havia tanto em jogo.
Com cuidado, balancei a cabeça uma vez. Talvez Edythe soubesse o que eu queria dizer.
— Não quer gritar — disse ela com uma voz cantarolada esquisita. — Devemos *fazer* com que grite?
Esperei o estalo seguinte.
Mas ela levantou delicadamente meu braço bom e levou minha mão aos lábios. A dor seguinte quase não foi dor em comparação ao resto. Ela poderia ter arrancado meu dedo, mas só mordeu. Os dentes nem foram fundo.
Eu nem reagi, mas ela deu um pulo e voou longe. Minha cabeça bateu no chão, e minhas costelas quebradas gritaram. Eu a vi, estranhamente alheia enquanto andava pelo outro lado da sala, rosnando e balançando a cabeça de um lado para outro. Ela tinha deixado a câmera ao lado da minha cabeça, ainda ligada.
A primeira dica do que ela tinha feito foi o calor. Meu dedo estava tão quente. Fiquei surpreso de conseguir sentir isso em comparação às dores maiores. Mas

me lembrei da história de Carine. Eu sabia o que já tinha sido começado. Eu não tinha muito tempo.
Ela ainda estava tentando se acalmar; o sangue, esse era o problema. Ela estava com um pouco do meu sangue na boca, mas não queria me matar ainda, então tinha que lutar contra o frenesi. Estava distraída, mas não seria difícil chamar a atenção dela.
O calor estava aumentando rápido. Tentei ignorar, ignorar a pontada no peito. Estiquei a mão e peguei a câmera. Levantei o mais alto que consegui e bati no chão.
E saí voando para trás, na direção dos espelhos quebrados. O vidro perfurou meus ombros, meu couro cabeludo. O impacto pareceu quebrar novamente todos os meus ossos. Mas não foi por isso que gritei.
Fogo ardia no meu dedo mordido; chamas explodiam na palma da minha mão. Calor subia pelo meu pulso. Era um fogo que era mais do que fogo, uma dor que era mais do que dor.
As outras dores não eram nada. Ossos quebrados não eram dor. Não assim.
O grito pareceu vir de algum lugar fora do meu corpo; era um uivo de animal de novo.
Meus olhos estavam fixos, grudados, e vi a luz vermelha piscando na mão da rastreadora. Ela foi rápida e eu falhei.
Mas não me importava mais.
Sangue corria pelo meu braço e se acumulava debaixo do cotovelo.
As narinas da rastreadora estavam dilatadas, os olhos, enlouquecidos, os dentes, à mostra. O sangue pingava no chão, mas não consegui ouvir em meio aos gritos. Aquele era meu último fragmento de esperança. Ela não conseguiria se controlar agora. Teria que me matar. Finalmente.
Ela abriu bem a boca.
Eu esperei, gritando.

23. A ESCOLHA

OUTRO GRITO ACIMA do meu, um grito como o de uma serra elétrica cortando ferro.
A caçadora atacou, mas os dentes se fecharam a dois centímetros do meu rosto porque uma coisa a puxou para trás e a fez voar para longe.
O fogo se acumulava na dobra do meu cotovelo, e eu gritei.
Eu não estava sozinho, havia outros gritando; o rosnado metálico foi acompanhado de um lamento agudo que ecoava nas paredes e parou de repente. Um rosnado grave soava por baixo dos outros sons. Mais metal se quebrando, sendo arrebentado…
— Não! — uivou alguém em uma dor tão intensa quanto a minha. — Não, não, não, não!
A voz significava alguma coisa para mim, mesmo pela queimação que era tão mais intensa do que isso. Embora as chamas tivessem chegado ao meu ombro, a voz ainda exigia minha atenção. Mesmo gritando, ela soava como um anjo.
— Beau, por favor! — Edythe chorou. — Por favor, por favor, por favor, Beau, por favor!
Tentei responder, mas minha boca estava desconectada do resto de mim. Meus gritos sumiram, mas só porque não havia mais ar.
— Carine! — gritou Edythe. — *Me ajude!* Beau, por favor, por favor, Beau, por favor!
Ela estava com minha cabeça no colo, e os dedos apertavam meu couro cabeludo com força. O rosto estava desfocado, como o da caçadora. Eu estava caindo em um túnel na minha cabeça. Mas o fogo estava indo comigo, tão intenso quanto antes.
Uma coisa fria entrou na minha boca e preencheu meus pulões. Meus pulmões reagiram. Outra respiração fria.
Edythe entrou em foco, o rosto perfeito contorcido e torturado.
— Continue respirando, Beau. Respire.
Ela colocou os lábios nos meus e encheu meus pulmões de novo.
Havia dourado ao redor das bordas da minha visão, outro par de mãos frias.
— Archie, faça talas para a perna e para o braço dele. Edythe, endireite as vias respiratórias dele. Qual é o sangramento pior?
— Aqui, Carine.
Olhei para o rosto dela enquanto a pressão na minha cabeça diminuía. Meus gritos eram só choramingos agora. A dor não tinha diminuído, estava pior. Mas gritar não me ajudava, e magoava Edythe. Enquanto eu mantivesse os olhos no

rosto dela, conseguiria me lembrar de alguma coisa além da queimação.
— Minha bolsa, por favor. Prenda a respiração, Archie, vai ajudar. Obrigada, Eleanor, agora saia, por favor. Ele perdeu sangue, mas os ferimentos não são profundos demais. Acho que as costelas são o maior problema agora. Encontre fita adesiva.
— Alguma coisa para a dor — sibilou Edythe.
— Aqui… Não tenho mãos. Você pode ajudar?
— Isso vai tornar tudo melhor — prometeu Edythe.
Alguém estava endireitando minha perna. Edythe estava prendendo a respiração, esperando, acho, que eu reagisse. Mas não doía como meu braço.
— Edythe…
— Shh, Beau, vai ficar tudo bem. Juro que vai ficar tudo bem.
— E… não… é…
Alguma coisa estava afundando no meu couro cabeludo e outra coisa puxava meu braço quebrado. Isso machucou minhas costelas, e perdi o fôlego.
— Aguente, Beau — implorou Edythe. — *Por favor*, aguente.
Eu me esforcei para inspirar de novo.
— Não… costelas — falei, engasgado. — Mão.
— Você consegue entender o que ele está dizendo? — A voz de Carine soou ao lado da minha mão.
— Descanse, Beau. Respire.
— Não… mão — tentei dizer, ofegante. — Edythe… mão direita!
Não consegui sentir as mãos frias dela na minha pele, o fogo estava intenso demais. Mas ouvi-a ofegar.
— *Não!*
— Edythe — disse Carine, assustada.
— Ela o mordeu. — A voz de Edythe quase não saía, como se ela também tivesse ficado sem ar.
Carine prendeu a respiração de horror.
— O que faço, Carine? — perguntou Edythe.
Ninguém a respondeu. A sensação de puxão no couro cabeludo continuou, mas sem doer.
— Sim — disse Edythe entredentes. — Posso tentar. Archie, bisturi.
— Há uma boa chance de você matá-lo — disse Archie.
— Me dê — disse ela rispidamente. — Eu consigo fazer isso.
Não vi o que ela fez com o bisturi. Não consegui sentir mais nada no corpo, nada além do fogo no braço. Mas a vi levar minha mão à boca, como a caçadora tinha feito. Sangue fresco saía pelo ferimento. Ela colocou os lábios ali.
Eu gritei de novo. Não consegui evitar. Era como se ela estivesse puxando o

fogo de volta pelo meu braço.
— Edythe — disse Archie.
Ela não reagiu, com os lábios ainda pressionados na minha mão. O fogo subia e descia pelo braço, indo e vindo. Gemidos escapavam pelos meus dentes trincados.
— Edythe — gritou Archie. — *Olhe.*
— O que foi, Archie? — perguntou Carine.
Archie esticou a mão e bateu na bochecha de Edythe.
— Pare, Edythe! Pare agora!
Minha mão caiu de perto do rosto dela. Ela olhou para Archie com olhos tão arregalados que pareciam ocupar metade do rosto. Ofegou.
— Archie! — gritou Carine.
— É tarde demais — disse Archie. — Chegamos aqui tarde demais.
— Você está vendo? — perguntou Carine, com a voz mais baixa.
— Só restam dois futuros, Carine. Ele sobrevive como um de nós ou Edythe o mata tentando impedir que aconteça.
— *Não* — gemeu Edythe.
Carine estava quieta. O puxão no meu couro cabeludo diminuiu.
Edythe levou o rosto até o meu. Beijou minhas pálpebras, minhas bochechas, meus lábios.
— Me desculpe, me desculpe.
— Não precisa ser lento assim — reclamou Archie. — Carine?
— Eu fiz um juramento, Archie.
— *Eu* não — rosnou ele.
— Esperem, esperem — disse Edythe, levantando a cabeça. — Ele merece uma escolha.
Os lábios dela estavam no meu ouvido. Trinquei os dentes para não gemer e me esforcei para ouvir.
— Beau, não vou tomar essa decisão por você. Não vou tirar isso de você. E vou entender, eu juro. Se você não quiser viver assim, não vou lutar contra você. Vou respeitar o que você quiser. Sei que é uma escolha horrível. Eu daria a você qualquer outra opção que pudesse. Eu morreria se isso pudesse trazer sua vida de volta. — A voz dela falhou. — Mas não posso fazer essa troca. Não posso fazer *nada*, só acabar com a dor. Se for isso que você quer. Você não tem que ser *isto*. Posso libertar você, se for o que precisa. — Parecia que ela estava chorando de novo. — Me diga o que quer, Beau. Qualquer coisa.
— Você — falei, entredentes. — Só você.
— Tem *certeza*? — sussurrou ela.
Eu grunhi. O fogo estava tocando com os dedos no meu peito.

— Tenho — eu disse, tossindo. — Só… me deixe ficar… com você.
— Saia do meu caminho, Edythe — rosnou Archie.
A voz dela soou como um chicote.
— Eu também não fiz nenhum juramento.
O rosto dela estava no meu pescoço, e não consegui sentir nada além do fogo, mas consegui ouvir o som baixo dos dentes dela rompendo minha pele.

24. MUDANÇA

ACABEI MUDANDO DE ideia.

O fogo no meu braço não foi tão ruim; a pior coisa que senti até aquele momento, sim. Mas não o mesmo que meu corpo todo em chamas.

Implorei para que ela fizesse tudo parar. Falei que era só isso que eu queria. Que a queimação parasse. Mais nada.

Ouvi Archie dizer para ela que todo mundo dizia a mesma coisa, lembrou que ela implorou que Carine a matasse também. Disse que minha primeira decisão era a que contava.

Eu me lembro de, em determinado momento, gritar para ele calar a boca.

Acho que ele pediu desculpas.

Mas, de um modo geral, era difícil prestar atenção ao que estava acontecendo fora do fogo. Sei que eles me deslocaram. Parecia que fiquei no chão coberto de sangue e vômito por muito tempo, mas era difícil julgar como os minutos passaram. Às vezes, Carine dizia alguma coisa e parecia que um ano se passava até que Archie respondesse, mas devia ser só o fogo que transformava segundos em anos.

E aí, alguém me carregou. Vi o sol por mais um segundo de um ano, parecia pálido e frio. Depois, tudo ficou escuro. Ficou escuro por muito tempo.

Eu ainda conseguia ver Edythe. Ela estava me segurando nos braços, com meu rosto perto do dela, uma das mãos na minha bochecha. Archie também estava perto. Acho que estava segurando minhas pernas.

Quando eu gritava, ela pedia desculpas, repetidas vezes. Tentei não gritar. Não ajudava nada. Não havia alívio nem libertação. O fogo não ligava para o que eu fazia. Só queimava.

Quando meus olhos entravam em foco, eu conseguia ver luzes fracas se movendo no rosto de Edythe, embora tudo estivesse preto ao redor da cabeça dela. Fora a voz dela e a minha, o único som era um zumbido grave e constante. Às vezes, ficava mais alto, depois ficava baixo.

Só percebi que estava de volta no carro preto quando parou. Não ouvi a porta ser aberta, mas o brilho de luz repentino foi cegante. Devo ter me encolhido, porque Edythe falou no meu ouvido:

— Estamos só parando para encher o tanque. Vamos chegar logo em casa, Beau. Você está indo muito bem. Isso vai acabar logo. Me desculpe.

Eu não conseguia sentir a mão dela no meu rosto; devia estar fria, mas nada estava mais frio. Tentei pegá-la, mas não conseguia saber o que meus membros estavam fazendo. Acho que eu estava me debatendo um pouco, mas Edythe e

Archie me seguravam. Edythe adivinhou o que eu queria. Pegou minha mão e levou aos lábios. Eu queria poder sentir. Tentei segurar a mão dela sem saber como fazer os músculos se moverem e nem conseguir senti-los. Talvez eu tenha acertado. Ela não soltou.

Foi ficando mais escuro. Chegou uma hora em que não consegui mais enxergar. Estava escuro como breu dentro do carro, não havia diferença entre ficar com os olhos abertos ou fechados. Comecei a entrar em pânico. O fogo tornava a noite uma câmara de privação de sentidos; eu não conseguia sentir nada além de dor. Nem o banco embaixo de mim, nem Archie segurando minhas pernas, nem Edythe segurando minha cabeça e minha mão. Eu estava sozinho com a queimação e estava apavorado.

Não sei o que devo ter arfado, minha voz estava totalmente falhando agora, rouca de tanto gritar ou queimada a ponto de não poder ser usada. Não consegui saber qual das duas coisas, mas a voz de Edythe soou no meu ouvido de novo.

— Estou bem aqui, Beau. Você não está sozinho. Não vou abandonar você. Vou ficar aqui. Escute minha voz. Estou aqui com você…

A voz dela me acalmou, fez o pânico sumir, ainda que não a dor. Eu ouvi, mantendo a respiração rasa para conseguir ouvi-la melhor. Não precisava mais gritar. A queimação só aumentava e nunca diminuía, mas eu estava me adaptando. Era a única coisa que eu conseguia sentir, mas não a única em que eu conseguia pensar.

— Eu nunca quis isso para você, Beau — continuou Edythe. — Eu daria qualquer coisa para interromper isso. Cometi tantos erros. Devia ter ficado longe de você desde o primeiro dia. Nunca devia ter voltado. Eu destruí sua vida, tirei tudo de você… — Pareceu que ela estava chorando de novo.

— Não — tentei dizer, mas não sei se cheguei a formar a palavra com os lábios.

— Ele deve estar em um ponto avançado o bastante para que se lembre disso — disse Archie delicadamente.

— Espero que sim — disse Edythe, a voz falhando.

— Só estou dizendo que você devia usar o tempo de forma mais produtiva. Tem tanta coisa que ele não sabe.

— Você está certo, você está certo. — Ela suspirou. — Onde começo?

— Você pode explicar sobre sentir sede — sugeriu Archie. — Foi a parte mais difícil quando acordei. E vamos esperar muita coisa dele.

Quando Edythe respondeu, parecia que estava cuspindo a palavra com os dentes trincados.

— Não vou cobrar isso dele. Ele não escolheu isso. É livre para se tornar o que quiser.

— Rá — disse Archie. — Você já o conhece bem, Edythe. O outro jeito não vai

ser bom o bastante para ele. Está vendo? Ele vai ficar bem.
O carro ficou silencioso enquanto ela se concentrava no que Archie estava vendo em pensamento. Embora eu entendesse o silêncio, ele ainda me deixava sozinho no fogo. Comecei a entrar em pânico de novo.
— Estou aqui, Beau. Estou aqui. Não tenha medo. — Ela respirou fundo. — Vou continuar falando. Tenho muitas coisas para contar. A primeira é que, quando isso passar, quando você estiver… novo, você não vai ser exatamente o mesmo que eu, não bem no começo. Ser um vampiro jovem quer dizer certas coisas, e a mais difícil de ignorar é a sede. Você vai sentir sede o tempo todo. Não vai conseguir pensar em muito mais por um tempo. Talvez um ano, talvez dois. É difícil para todo mundo. Assim que isso acabar, vou levar você para caçar. Você queria ver isso, não queria? Vamos levar Eleanor, para você ver a imitação de urso que ela faz… — Ela riu uma vez, um som desajustado. — Se você decidir, se quiser viver como nós, vai ser difícil. Principalmente no começo. Pode ser difícil demais, e entendo isso. Todos nós entendemos. Se você quiser tentar do meu jeito, vou com você. Posso dizer quem são os monstros humanos. Há opções. O que você quiser. Se… se você não me quiser com você, vou entender também, Beau. Juro que não vou seguir você se você me pedir para não…
— Não — respondi, arfando. Dessa vez, eu me ouvi, então soube que fiz certo.
— Você não precisa tomar nenhuma decisão agora. Há tempo para isso. Só saiba que vou respeitar qualquer decisão que você tomar. — Ela respirou fundo de novo. — Devo avisar sobre seus olhos. Eles não vão mais ser azuis. — Outro choro leve. — Mas não deixe que isso assuste você. Eles não vão ficar tão intensos por muito tempo.
“Mas acho que isso é uma coisa muito pequena… Eu devia me concentrar nas mais importantes. Nas difíceis, nas piores. Ah, lamento tanto, Beau. Você não pode mais ver sua mãe e nem seu pai. Não é seguro. Você os machucaria, não conseguiria se controlar. E… há regras. Regras que, como sua criadora, tenho que seguir. Nós dois seríamos responsabilizados se você perdesse o controle. Ah… — Ela ficou sem ar. — Tem tanta coisa que ele não sabe, Archie.”
— Temos tempo, Edythe. Relaxe. Vá devagar.
Eu a ouvi inspirar de novo.
— As regras — disse ela. — Uma regra com mil permutações diferentes: a realidade dos vampiros tem que ser mantida em segredo. Isso quer dizer que vampiros recém-nascidos têm que ser controlados. Vou ensinar você, vou mantê-lo em segurança, prometo. — Outro suspiro. — E você não pode contar para ninguém o que é. Violei essa regra. Achei que não poderia fazer mal a você, achei que ninguém descobriria. Eu devia ter percebido que só de estar perto de você acabaria fazendo com que fosse destruído. Eu devia ter percebido que

estragaria sua vida, que estava mentindo para mim mesma sobre qualquer outro caminho ser possível. Fiz tudo errado…
— Você está deixando que a autopunição atrapalhe a informação de novo, Edythe.
— Certo, certo. — Um suspiro profundo. — Beau. Você se lembra do quadro no escritório de Carine, dos patronos noturnos das artes de quem falei? Eles se chamam Volturi, e são… por falta de uma palavra melhor, a polícia do nosso mundo. Vou contar mais sobre eles daqui a pouco, você só precisa saber que eles existem, para que eu possa explicar por que você não pode contar a Charlie e nem à sua mãe onde está. Você não pode mais falar com eles, Beau. — A voz dela estava ficando mais aguda, como se estivesse prestes a se quebrar. — É melhor… não temos muita escolha além de deixar que pensem que você morreu. Lamento muito. Você nem pôde se despedir. Não é justo!
Houve uma longa pausa, durante a qual ouvi a respiração dela falhar.
— Por que você não volta para os Volturi? — sugeriu Archie. — Para deixar as emoções de fora.
— Você está certo — repetiu ela, em um sussurro. — Está pronto para aprender uma nova história do mundo, Beau?
Ela falou a noite inteira sem parar, até o sol nascer e eu conseguir ver o rosto dela de novo. Contou histórias que pareciam contos de fadas sombrios. Eu estava começando a vislumbrar o quão grande esse mundo era, mas sabia que demoraria para compreender totalmente o tamanho.
Ela me contou sobre as pessoas que vi no quadro com Carine, os Volturi. Que eles juntaram forças durante a civilização micênica e começaram uma campanha de um milênio para criar paz e ordem no mundo dos vampiros. Que havia seis no começo. Que traição e assassinato diminuiu o número para a metade. Alguém chamado Aro matou a irmã, a mulher do seu melhor amigo. O melhor amigo era Marcus, o homem que vi de pé com Carine. A mulher de Aro, Sulpicia, a que tinha o cabelo escuro e denso no quadro, foi a única testemunha. Ela o entregou para Marcus e seus soldados. Houve certa dúvida sobre o que fazer, pois Aro tinha um dom adicional muito poderoso, como o que Edythe tinha, porém *mais*, disse ela. E os Volturi não sabiam se conseguiriam se sair bem sem ele. Mas Sulpicia procurou uma jovem, Mele, a que Edythe chamou de serva e ladra, que tinha um dom próprio. Ela conseguia absorver o dom de outro vampiro. Não podia usar o dom roubado, mas podia *dar* para outra pessoa em quem tocasse. Sulpicia fez Mele pegar o dom de Aro, e Marcus o executou. Quando conseguiu ter o dom do marido, Sulpicia descobriu que o terceiro homem do grupo estava envolvido no plano. Ele também foi executado, e sua esposa, Athenodora, se juntou a Sulpicia e Marcus para liderar os soldados. Eles derrubaram os

vampiros que aterrorizavam a Europa e os que escravizavam o Egito. Quando estavam no comando, criaram regulações que mantiveram o mundo vampiro escondido e em segurança.
Escutei o máximo que consegui. Não era distração da dor, pois não havia fuga. Mas era melhor do que pensar no fogo.
Edythe disse que foram os Volturi que criaram todas as histórias sobre cruzes e água benta e espelhos. Ao longo dos séculos, transformaram todos os relatos sobre vampiros em mito. E agora, faziam as coisas continuarem assim. Os vampiros tinham que ficar nas sombras, senão haveria consequências.
Portanto, eu não podia ir até a casa do meu pai e deixar que ele visse os olhos que Edythe disse que seriam *intensos*. Eu não podia dirigir até a Flórida para abraçar minha mãe e dizer que eu não estava morto. Não podia nem ligar para ela e explicar a mensagem confusa que deixei na secretária eletrônica. Se houvesse alguma coisa no noticiário, se qualquer boato se espalhasse dizendo que uma coisa não natural estava envolvida, os soldados Volturi podiam começar a investigar.
Eu tinha que desaparecer *silenciosamente*.
O fogo doía mais do que ouvir essas coisas. Mas eu sabia que nem sempre seria como estava. Em pouco tempo, isso doeria mais.
Edythe seguiu em frente rapidamente e me contou sobre os amigos no Canadá que viviam da mesma forma. Os irmãos russos louros e dois vampiros espanhóis que eram a família mais próxima dos Cullen. Ela me disse que dois deles tinham poderes adicionais: Kirill conseguia fazer alguma coisa elétrica e Elena sabia qual era o talento de cada vampiro que conhecia.
Ela me contou sobre outros amigos por todo o mundo. Na Irlanda e no Brasil e no Egito. Tantos nomes. Archie acabou se metendo de novo para mandar que ela priorizasse.
Edythe me contou que eu jamais envelheceria. Que sempre teria dezessete anos, feito ela. Que o mundo mudaria ao meu redor, e eu me lembraria de tudo e não esqueceria um segundo.
Ela me contou como os Cullen viviam, que se mudavam de lugar nublado para lugar nublado. Earnest reformava uma casa para eles. Archie investia os bens com retorno incrivelmente bom. Eles escolhiam uma história que explicasse o relacionamento deles, e Jessamine criava novos nomes e passados documentados para cada um. Carine assumia um emprego em um hospital usando as novas credenciais, ou voltava para a universidade para estudar um campo novo. Se o local parecesse promissor, os Cullen mais novos fingiam serem ainda mais novos para ficarem mais tempo.
Quando meu tempo sendo vampiro novo acabasse, eu poderia voltar à escola.

Mas minha educação não teria que esperar. Eu tinha muito tempo à frente e me lembraria de tudo que lesse ou ouvisse.
Eu jamais voltaria a dormir.
Comida passaria a ser repugnante para mim. Eu jamais voltaria a sentir fome, só sede.
Eu jamais ficaria doente. Jamais sentiria cansaço.
Conseguiria correr mais rápido do que um carro de corrida. Seria mais forte do que qualquer outra espécie viva do planeta.
Não precisaria respirar.
Conseguiria ver mais claramente, ouvir ainda que os menores sons.
Meu coração pararia de bater no dia seguinte ou dois dias depois e jamais voltaria.
Eu seria um vampiro.
Uma coisa boa na queimação: permitiu que eu ouvisse tudo com um certo distanciamento. Deixou que eu processasse o que ela estava me contando sem emoção. Eu sabia que as emoções viriam depois.
Quando estava começando a escurecer de novo, nossa viagem acabou. Edythe me carregou para dentro de casa como se eu fosse uma criança e se sentou comigo na sala grande. O fundo por trás do rosto dela foi de preto a branco. Eu conseguia vê-la com bem mais clareza agora e achava que não era só por causa da luz.
Nos olhos dela, meu rosto se refletiu, e fiquei surpreso de ver que parecia um rosto e não um bloco de carvão, ainda que um rosto em sofrimento. Mesmo assim, talvez eu não fosse a pilha de cinzas que me sentia.
Ela me contou histórias para ocupar o tempo, e os outros se revezaram para ajudá-la. Carine se sentou no chão ao meu lado e me contou uma história incrível sobre a família de Jules: que a bisavó dela foi uma *lobisomem*. Todas as coisas de que Jules debochou eram verdade. Carine me contou que prometeu a eles que jamais morderia um humano. Era parte do acordo entre eles, o tratado que queria dizer que os Cullen não podiam ir a oeste do oceano.
Jessamine me contou a história dela. Acho que decidiu que eu estava pronto agora. Fiquei feliz, quando ela contou, de minhas emoções estarem enterradas debaixo do fogo. Ela também perdeu a família quando o homem que a criou roubou-a sem aviso. Ela me contou sobre o exército ao qual pertenceu, uma vida de carnificina e morte, e que depois se libertou. Contou-me sobre o dia que Archie deixou que ela o encontrasse.
Earnest me contou que a vida terminou antes de ele se matar, sobre a esposa instável e alcoólatra e a filha que ele amava mais do que à sua própria alma. Contou-me sobre a noite em que a esposa, em um surto alcoolizado, pulou de um

penhasco com a filhinha nos braços e que ele não pôde fazer nada além de ir atrás. Depois, me contou que, após a dor, houve a mulher mais bonita do mundo de uniforme, uma enfermeira que ele reconheceu de tempos mais felizes em outra época, quando não passava de um jovem. A enfermeira não tinha envelhecido nem um dia.
Eleanor me contou que foi atacada por um urso e que viu o anjo que a levou para Carine em vez de para o céu. Contou-me que achou primeiro que tinha sido mandada para o inferno, e de forma justa, ela admitia, mas que era o paraíso, afinal.
Foi ela que me contou que o ruivo escapou. Ele não chegou perto de Charlie depois da vez que revistou a casa. Quando todos voltamos a Forks, Royal e Jessamine seguiram o rastro do homem o mais longe que conseguiram; desaparecia no mar de Salish e eles não conseguiram encontrar o local onde saiu. Até onde eles sabiam, o homem podia ter nadado direto até o Pacífico até outro continente. Ele devia ter suposto que Joss havia perdido a luta e percebeu que era mais inteligente desaparecer.
Até Royal falou. Ele me contou sobre uma vida consumida pela vaidade, por coisas materiais, ambição. Contou-me sobre a única filha de um homem poderoso (mas não entendi que tipo de poder o homem tinha) e que planejou se casar com ela e se tornar herdeiro da dinastia. Que a bela filha fingiu amá-lo para agradar o pai e que ela viu quando seu amante de uma máfia criminosa rival espancou Royal quase até a morte, que ela riu em voz alta o tempo todo. Ele me contou sobre a vingança que executou. Royal era o menos cuidadoso com as palavras. Ele me contou como foi perder a família e que nada valia o que ele perdeu.
Edythe sussurrou o nome de Eleanor; ele grunhiu uma vez e foi embora.
Acho que deve ter sido quando Royal ou Eleanor estavam falando que Archie viu o vídeo de Joss feito no estúdio de dança. Quando Royal foi embora, Archie tomou o lugar dele. Primeiro, eu não sabia de que eles estavam falando, porque só Edythe estava falando em voz alta, mas acabei entendendo. Archie estava procurando no laptop, tentando diminuir as opções de onde ele ficou quando era humano. Fiquei feliz de ele não parecer mencionar mais nada sobre a fita, o foco foi só no passado dele. Fiquei tentando lembrar como usar a voz para impedi-lo se ele tentasse dizer qualquer coisa sobre o resto. Eu esperava que Archie fosse inteligente o bastante para ter destruído a fita antes que Edythe pudesse assistir.
As histórias me ajudaram a pensar em outras coisas, a me preparar, enquanto o fogo queimava, mas só consegui prestar atenção parcialmente. Minha mente estava catalogando o fogo, vivenciando-o de novas formas. Era incrível como cada centímetro da minha pele, cada milímetro, era tão distinto. Parecia que eu

conseguia sentir todas as minhas células queimando individualmente. Eu conseguia sentir a diferença entre a dor nas paredes dos pulmões e a sensação nas solas dos meus pés, dentro dos globos oculares e pela minha coluna. Todas as dores diferentes claramente separadas.
Consegui ouvir meu coração disparado; parecia tão alto. Como se estivesse ligado em um amplificador. Também consegui ouvir outras coisas. Principalmente a voz de Edythe, às vezes os outros falando, embora não pudesse vê-los. Ouvi música uma vez, mas não sabia de onde vinha.
Parecia que fiquei no sofá, com a cabeça no colo de Edythe, por vários anos. As luzes ficaram acesas, então eu não sabia se era noite ou dia. Mas os olhos de Edythe estavam sempre dourados, então eu achava que o fogo estava mentindo sobre o tempo de novo.
Eu estava tão ciente de cada terminação nervosa do meu corpo que soube imediatamente quando algo mudou.
Começou com meus dedos dos pés. Não consegui senti-los. Parecia que o fogo tinha finalmente vencido, que tinha começado a queimar partes de mim. Edythe dissera que eu estava me transformando, não morrendo, mas nesse momento de pânico achei que ela tivesse se enganado. Talvez essa coisa de vampiros não fosse dar certo comigo. Talvez a queimação toda tivesse sido só um jeito lento de morrer. O pior jeito.
Edythe sentiu que eu estava surtando de novo e começou a cantarolar no meu ouvido. Tentei olhar o lado positivo. Se estava me matando, pelo menos acabaria. E, se ia acabar, pelo menos eu passei o resto da minha vida nos braços de Edythe.
E, então, percebi que meus dedos dos pés ainda estavam lá, só não estavam mais pegando fogo. Na verdade, o fogo estava passando nas solas dos pés também. Fiquei feliz de entender o que estava acontecendo, porque as pontas dos meus dedos vieram em seguida. Não havia mais necessidade de pânico, talvez fosse motivo para ter esperanças. O fogo estava indo embora.
Só que parecia estar fazendo mais do que ir embora; estava… se movendo. Todo o fogo que se afastava das minhas extremidades parecia estar indo para o centro do meu corpo, abastecendo a brasa lá, que estava mais quente do que antes.
Eu não conseguia acreditar que existia uma opção *mais quente*.
Meu coração, já tão alto, começou a bater mais rápido. O núcleo do fogo parecia estar lá. Estava sugando as chamas das minhas mãos e dos meus tornozelos, deixando-os sem dor, mas multiplicando o calor e a dor no meu coração.
— Carine — chamou Edythe.
Carine entrou na sala, e o incrível nisso foi que eu a *ouvi*. Edythe e a família nunca faziam barulho quando se moviam. Mas agora, se eu prestasse atenção,

conseguia ouvir o som baixo dos lábios de Carine roçando um no outro quando ela falou.
— Ah. Está quase no fim.
Eu queria sentir alívio, mas a agonia crescente no meu peito tornava impossível que eu sentisse qualquer outra coisa. Olhei no rosto de Edythe. Ela estava mais linda do que em qualquer outra ocasião, porque eu conseguia vê-la melhor do que já tinha visto em qualquer outra ocasião. Mas não conseguia admirá-la. Tanta dor.
— Edythe — chamei, arfando.
— Você está bem, Beau. Está acabando. Me desculpe, eu sei. Eu me lembro.
O fogo se espalhou ainda mais quente pelo meu coração, puxando as chamas dos meus cotovelos e joelhos. Pensei em Edythe passando por isso, sofrendo assim, e tive uma perspectiva diferente da minha dor. Ela nem conhecia Carine na época. Não sabia o que estava lhe acontecendo. Não foi abraçada durante o tempo todo pelos braços de alguém que ela amava.
A dor tinha sumido de quase todas as partes, menos do meu peito. A única parte que sobrava era minha garganta, mas era um tipo de queimação diferente agora… mais seca… irritante…
Ouvi mais passos, e tive quase certeza de que conseguia perceber a diferença entre eles. O passo decisivo e confiante era de Eleanor, eu tinha certeza. O de Archie era um movimento mais rápido e mais ritmado. O de Earnest era mais lento, pensativo. Jessamine foi quem parou na porta. Pensei ter ouvido Royal respirando atrás dela.
E então…
— Aaah!
Meu coração decolou, batendo como hélices de helicóptero, o som quase uma única nota suspensa. Parecia que arrebentaria minhas costelas. O fogo subiu pelo centro do meu peito, sugando todas as chamas do resto do meu corpo para alimentar a queimação mais dolorosa de todas. Era suficiente para me deixar atordoado. Meu corpo se dobrou, como se o fogo estivesse me arrastando pelo coração.
Parecia que estava havendo uma guerra dentro de mim: meu coração disparado contra o fogo ardente. Os dois estavam perdendo.
O fogo apertou com mais força e se concentrou em uma bola do tamanho de um punho formada de dor, com uma força final e insuportável. A força foi recebida por um baque grave com som vazio. Meu coração pulou duas vezes, depois bateu silenciosamente mais uma vez.
Não havia som. Nem respiração. Nem a minha.
Por um segundo, só consegui processar a ausência de dor. A queimação seca na

minha garganta era fácil de ignorar, porque todas as outras partes de mim estavam com uma sensação incrível. A libertação era incrivelmente eufórica.
Olhei para Edythe, maravilhado. Parecia que havia tirado uma venda que usei toda a vida. Que visão.
— Beau? — perguntou ela. Agora que eu conseguia me concentrar, a beleza da voz dela era irreal.
— É desorientador, eu sei. Você se acostuma.
Eu poderia me acostumar a ouvir uma voz assim? A ver um rosto assim?
— Edythe — falei, e o som da minha voz me assustou. Era eu? Não parecia comigo. Não parecia… humano.
Nervoso, estiquei a mão para tocar na bochecha dela. No mesmo momento que o desejo de tocar nela entrou na minha mente, minha mão aninhou a lateral do rosto dela. Não havia meio-termo, não havia o processo de levantar a mão, vê-la se mover até o destino. Ela apenas apareceu lá.
— Hã.
Ela se inclinou para o meu toque, colocou a mão na minha e a segurou contra o rosto. Foi estranho porque foi familiar. Eu sempre adorava quando ela fazia isso, adorava ver que ela gostava de forma tão óbvia quando eu a tocava assim, que era importante para ela. Mas também não era nada parecido. O rosto dela não estava mais frio. A mão dava a sensação certa na minha. Não havia diferença entre nós agora.
Fiquei olhando nos olhos dela e depois olhei melhor para a imagem refletida neles.
— Ahh… — Um pequeno arfar escapou da minha garganta por acidente, e senti meu corpo travar de surpresa. Foi estranho, parecia a coisa natural a fazer, virar uma estátua porque eu estava chocado.
— O que foi, Beau? — Ela se inclinou mais para perto, preocupada, mas isso só trouxe o reflexo para mais perto.
— Os olhos? — sussurrei.
Ela suspirou e franziu o nariz.
— Depois muda — prometeu ela. — Eu me apavorei cada vez que me olhei no espelho durante seis meses.
— Seis meses — murmurei. — Depois vão ficar dourados, como os seus?
Ela afastou o olhar, por cima das costas do sofá, para alguém de pé atrás de nós, onde eu não conseguia enxergar. Eu queria me sentar e olhar ao redor, mas estava com um certo medo de me mexer. Meu corpo estava tão estranho.
— Depende da sua dieta, Beau — disse Carine calmamente. — Se você caçar como nós, seus olhos vão acabar ficando dessa cor. Se não, seus olhos vão ficar como os de Lauren.

Decidi tentar me sentar.
E, como antes, pensar foi fazer. Sem qualquer movimento, eu estava ereto. Edythe segurou minha mão quando a afastei do rosto dela.
Atrás do sofá, todos estavam reunidos, olhando. Acertei meus palpites em cem por cento: Carine estava mais perto, depois Eleanor, Archie e Earnest. Jessamine na porta que levava a outra sala com Royal olhando por cima do ombro dela.
Olhei nos rostos deles, chocado de novo. Se meu cérebro não estivesse… com tão mais espaço do que antes, eu teria esquecido o que ia dizer. Mas, como estava, me recuperei bem rápido.
— Não, quero fazer do seu jeito — falei para Carine. — É a coisa certa a fazer.
Carine sorriu. Teria tirado meu fôlego se eu precisasse respirar.
— Se fosse fácil assim. Mas é uma escolha nobre. Vamos ajudar o máximo que pudermos.
Edythe tocou no meu braço.
— É melhor caçarmos agora, Beau. Vai fazer sua garganta doer menos.
Quando ela mencionou minha garganta, a queimação seca foi de repente para a frente da minha mente. Eu engoli em seco. Mas…
— Caçar? — perguntei com minha nova voz. — Eu, hã, bem, nunca cacei antes. Nem mesmo do jeito normal com rifles, então acho que eu não poderia… quer dizer, não tenho ideia de como…
Eleanor riu baixinho.
Edythe sorriu.
— Vou mostrar a você. É muito fácil, muito natural. Você não queria me ver caçar?
— Só nós? — perguntei, para confirmar.
Ela pareceu confusa por uma fração de segundo, depois o rosto relaxou.
— Claro. O que você quiser. Venha comigo, Beau.
E ela estava de pé, ainda segurando minha mão. Eu também me levantei, e foi tão simples me mexer que me perguntei por que tive medo de tentar. Qualquer coisa que eu quisesse que aquele corpo fizesse, ele faria.
Ela correu até a parede de trás da sala grande, a parede de vidro que tinha virado um espelho agora porque era noite lá fora. Vi as duas figuras pálidas surgindo e parei. O estranho foi que, quando parei, o movimento foi tão repentino que Edythe seguiu em frente, ainda segurando minha mão, e apesar de ela ainda estar puxando, eu não me movi. Meu aperto na mão dela *a* puxou para trás. Como se não fosse nada.
Mas eu só estava reparando nisso com parte do meu cérebro. Eu estava mesmo era olhando para o meu reflexo.
Eu tinha visto meu rosto curvado no formato convexo dos olhos dela, só o

centro, sem beiradas. Só tinha mesmo visto meus olhos, brilhantes, quase cintilando em *vermelho*, e isso foi o bastante para me dar foco. Agora, eu vi meu rosto todo, meu pescoço, meus braços.
Se alguém tivesse cortado um contorno do meu eu humano, essa versão ainda caberia no espaço. Mas, apesar de eu ocupar o mesmo volume, todos os ângulos estavam diferentes. Mais duros, mais pronunciados. Como se alguém tivesse feito uma escultura de gelo de mim e deixado as beiradas afiadas.
Meus olhos… Era difícil olhar ao redor da cor, mas a forma deles também parecia diferente. Vagamente, como se eu estivesse me lembrando de uma coisa que só vi por água enlameada, eu me lembrei de como meus olhos eram. Indecisos. Como se eu nunca tivesse certeza de quem eu era. E então, depois de Edythe (ainda tão difícil de ver na lembrança, desconfortável de tentar), eles ficaram mais decididos de repente.
Esses olhos deram um passo além da decisão; eles eram *selvagens*. Se eu encontrasse esse eu em um beco escuro, ficaria morrendo de medo de mim.
Esse era o objetivo, eu acho. As pessoas deviam sentir medo de mim agora.
Eu ainda estava com a calça jeans suja de sangue, mas estava com uma camisa azul-clara desconhecida. Não me lembrei disso ter acontecido, mas eu conseguia entender; vampiro ou humano, ninguém queria andar por aí com uma pessoa encharcada de vômito.
— Opa — falei. Grudei o olhar no de Edythe pelo reflexo.
Isso também era estranho. Porque o Beau no espelho parecia… *certo* ao lado de Edythe. Como se ali fosse o lugar dele. Não como antes, quando as pessoas só podiam ficar imaginando que ela estava com pena de mim.
— É muita coisa — disse ela.
Eu respirei fundo e assenti.
— Tudo bem.
Ela puxou minha mão de novo, e fui atrás. Antes de um quarto de segundo ter passado, atravessamos as portas de vidro atrás da escada e fomos para o gramado dos fundos.
Não havia luar nem estrelas, as nuvens estavam densas demais. Devia estar preto como breu fora do retângulo de luz que passava pela parede de vidro, mas não estava. Eu conseguia ver *tudo*.
— *Opa* — repeti. — Isso é *tão* legal.
Edythe olhou para mim como se estivesse surpresa pela minha reação. Ela tinha esquecido como era a primeira vez que se via o mundo por olhos de vampiro? Eu achava que ela tinha dito que eu não esqueceria mais nada.
— Vamos ter que dar a volta pelo bosque — disse ela. — Só por garantia.
Eu me lembrei do essencial que ela me contou sobre caçar.

— Certo. Para que não haja pessoas perto. Entendi.
Mais uma vez, aquela expressão surpresa surgiu no rosto dela e sumiu.
— Me siga — disse ela.
Ela desceu pelo gramado com tanta rapidez que eu soube que ela seria invisível aos meus antigos olhos. Depois, na beira do rio, ela se lançou em um arco alto que a lançou por cima do rio até as árvores além.
— É sério? — gritei.
Eu a ouvi rir.
— Juro que é fácil.
Ótimo.
Eu suspirei e saí correndo.
Correr nunca foi meu forte. Eu ia bem em uma pista plana, se estivesse prestando atenção e mantivesse os olhos nos pés. Tudo bem, para falar a verdade, mesmo assim eu ainda conseguia embolar os pés e cair.
Isso foi diferente. Eu estava voando, *voando* pelo gramado, mais rápido do que já me movi, mas era simples demais colocar os pés exatamente onde deviam estar. Eu conseguia sentir todos os meus músculos, quase ver as ligações conforme eles trabalhavam juntos, mandá-los fazer exatamente o que eu precisava. Quando cheguei à beirada do rio, nem parei. Dei impulso na mesma pedra que ela usou, e aí voei *de verdade*. O rio passou por baixo de mim quando disparei pelo ar. Passei por onde ela caiu e desci no bosque.
Senti um instante de pânico quando me dei conta de quem nem considerei o pouso, mas minha mão já parecia saber como se apoiar em um galho grosso e virar o corpo para que meus pés batessem no chão quase sem som.
— Caramba — sussurrei, sem acreditar.
Ouvi Edythe correndo pelas árvores, e o gingado dela já era tão familiar para mim quanto o som da minha própria respiração. Eu sabia que conseguiria perceber a diferença entre o som dos passos dela e os de qualquer outra pessoa.
— Temos que fazer isso de novo! — falei assim que a vi.
Ela parou a poucos metros de mim, e uma expressão frustrada que eu conhecia bem surgiu no rosto dela.
Eu ri.
— O que você quer saber? Eu conto o que estou pensando.
Ela franziu a testa.
— Não entendo. Você está… de ótimo humor.
— Ah. Isso é errado?
— Você não está morrendo de sede?
Engoli mesmo com a queimação. Era ruim, mas não tão ruim quanto o resto do fogo que eu tinha acabado de deixar para trás. A queimação-sede estava sempre

presente e ficava pior quando eu me concentrava nela, mas havia tantas outras coisas em que me concentrar.
— Sim, quando eu penso nisso.
Edythe empertigou os ombros.
— Se você quiser fazer isso primeiro, tudo bem também.
Eu olhei para ela. Obviamente, eu não estava percebendo alguma coisa.
— Fazer isso? O quê?
Ela olhou para mim por um segundo, os olhos cheios de dúvida. De repente, levantou as mãos.
— Sabe, eu achava mesmo que quando sua mente estivesse mais parecida com a minha, eu conseguiria ouvi-la. Acho que isso nunca vai acontecer.
— Desculpe.
Ela riu, mas havia uma nota infeliz no som da risada.
— Sinceramente, Beau.
— Você pode me dar uma dica sobre o que estamos falando?
— Você queria que ficássemos sozinhos — disse ela, como se isso fosse uma explicação.
— Hã, é.
— Porque você tinha coisas que queria dizer para mim? — Ela firmou os ombros de novo, ficando tensa, como se esperasse uma coisa ruim.
— Ah. Bom, acho que há coisas a dizer. Ou melhor, tem uma coisa importante, mas eu não estava pensando nisso. — Ao ver o quanto ela estava frustrada pela confusão que estava acontecendo, fui totalmente sincero. — Eu queria ficar sozinho com você porque… Bom, eu não queria ser rude, mas também não queria fazer essa coisa de caçar na frente de Eleanor — confessei. — Achei que havia uma boa chance de eu fazer alguma coisa errada, e não conheço Eleanor tão bem ainda, mas tenho a sensação de que ela acharia bem engraçado.
Ela arregalou os olhos.
— Você estava com medo de Eleanor rir de você? Sério, é só isso?
— Sério. Sua vez, Edythe. O que achou que estivesse acontecendo?
Ela hesitou.
— Achei que você estivesse sendo um cavalheiro. Achei que preferisse gritar comigo sozinho e não na frente da minha família.
Eu congelei de novo. Perguntei-me se isso ia acontecer cada vez que eu ficasse surpreso. Demorei um segundo para descongelar.
— Gritar com você? — repeti. — Edythe… ah! Você está falando sobre todas aquelas coisas que veio falando no carro, certo? Me desculpe por aquilo, eu…
— *Me desculpe?* Por que *motivo* você está pedindo desculpas agora, Beau Swan?

Ela pareceu estar com raiva. Com raiva e tão linda. Não consegui imaginar por que estava tão tensa. Dei de ombros.
— Eu queria contar para você na hora, mas não consegui. Quer dizer, não conseguia nem me concentrar…
— É *claro* que você não conseguiu se concentrar…
— Edythe! — Atravessei o espaço entre nós em uma passada larga invisível e coloquei as mãos nos ombros dela. — Você nunca vai saber o que estou pensando se ficar me interrompendo.
A raiva no rosto dela sumiu enquanto ela se acalmava. E então, ela assentiu.
— Tudo bem — falei. — No carro… eu queria dizer naquela hora que você não precisava pedir desculpas, eu me senti péssimo por você estar tão triste. Isso não é sua culpa…
Ela começou a dizer alguma coisa, mas coloquei o dedo nos lábios dela.
— E nem é tão ruim — prossegui. — Estou… bom, minha cabeça ainda está girando e sei que há milhões de coisas em que pensar e estou triste, claro, mas também estou bem, Edythe. Estou sempre bem quando estou com você.
Ela ficou me olhando por um longo minuto. Lentamente, levantou a mão para afastar meu dedo da sua boca. Eu não a impedi.
— Você não está com raiva de mim pelo que fiz com você? — perguntou ela baixinho.
— Edythe, você salvou minha vida! De novo. Por que eu sentiria raiva? Por causa do *jeito* como a salvou? O que mais poderia ter feito?
Ela expirou, quase como se estivesse com raiva de novo.
— Como você…? Beau, você *tem* que ver que é tudo minha culpa. Eu não salvei sua vida, eu a tirei de você. Charlie… Renée…
Coloquei o dedo sobre os lábios dela de novo e respirei fundo.
— Sim. É difícil e vai ser difícil por bastante tempo. Talvez para sempre, certo? Mas por que eu colocaria a culpa disso nas suas costas? Foi Joss que… Bem, que me matou. Você me trouxe de volta à vida.
Ela empurrou minha mão.
— Se eu não tivesse envolvido você no meu mundo…
Eu ri, e ela olhou para mim como se eu tivesse perdido a sanidade.
— Edythe, se você não tivesse me envolvido no seu mundo, Charlie e Renée teriam me perdido três meses antes.
Ela ficou me olhando com a testa franzida. Era óbvio que ela não estava aceitando nada daquilo.
— Você se lembra do que eu disse quando você salvou minha vida em Port Angeles? Na segunda vez, ou terceira. — Eu quase não me lembrava. As palavras eram mais fáceis de lembrar do que as imagens. Eu sabia que tinha sido

mais ou menos assim. — Que você estava alterando meu destino porque minha hora tinha chegado? Bem… se eu *tinha* que morrer, Edythe… esse não é o jeito mais incrível de fazer isso?
Um longo minuto se passou enquanto ela me olhava, e depois balançou a cabeça.
— Beau, *você* é incrível.
— Acho que agora, sou.
— Sempre foi.
Eu não falei nada, e meu rosto me traiu. Ou ela era boa assim. Ela conhecia meu rosto tão bem, passou tanto tempo tentando me entender, que soube na mesma hora quando havia uma coisa que eu não estava dizendo.
— O que foi, Beau?
— Só… uma coisa que Joss disse.
Eu fiz uma careta. Apesar de ser difícil ver as coisas na minha memória antiga, o estúdio de dança era a mais recente, mais vívida.
O maxilar de Edythe se enrijeceu.
— Ela disse muitas coisas — sibilou ela.
— Ah. — De repente, senti vontade de socar alguma coisa. Mas também não queria me afastar de Edythe para fazer isso. — Você viu a fita.
O rosto dela ficou totalmente branco. Furioso e agonizante ao mesmo tempo.
— Sim, eu vi a fita.
— Quando? Eu não ouvi…
— Fones de ouvido.
— Eu queria que você não tivesse…
Ela balançou a cabeça.
— Eu tinha que ver. Mas esqueça isso agora. Em que mentira você estava pensando? — Ela cuspiu as palavras entredentes.
Demorei um minuto.
— Você não queria que eu fosse vampiro.
— Não. Não queria de jeito nenhum.
— Então essa parte não era mentira. E você anda tão chateada… Sei que se sente mal por causa de Charlie e da minha mãe, mas acho que estou com medo de parte disso ser porque, bem, você não esperava que eu ficasse por perto por muito tempo, não estava planejando isso… — Ela abriu a boca tão rápido que coloquei a mão toda em cima agora. — Porque, se for isso, não se preocupe. Se quiser que eu vá embora depois de um tempo, eu posso ir. Você pode me mostrar o que fazer para que eu não coloque nenhum de nós dois em situação problemática. Não espero que você me aguente para sempre. Você não escolheu isso, tanto quanto eu. Quero que você saiba que estou ciente disso.
Ela esperou que eu afastasse a mão. Fiz isso lentamente. Eu não sabia se queria

ouvir o que viria em seguida.
Ela rosnou baixinho e mostrou os dentes para mim, mas *não* em um sorriso.
— Você tem sorte de eu não ter mordido você — disse ela. — Na próxima vez que você colocar a mão na minha boca para dizer uma coisa tão idiota e *insultante*, eu *vou* morder.
— Desculpe.
Ela fechou os olhos. Os braços envolveram minha cintura e ela apoiou a cabeça no meu peito. Meus braços envolveram o corpo dela automaticamente. Ela inclinou o rosto para cima para olhar para mim.
— Quero que você me escute com muita atenção, Beau. Isto, ter você comigo, ficar com você aqui, é como se todos os meus desejos egoístas tivessem sido realizados. Mas o preço para tudo que quero era tirar exatamente a mesma coisa de você. Toda a sua vida. Estou com raiva de mim mesma, estou decepcionada comigo mesma. E queria tanto poder trazer a rastreadora de volta à vida para poder matá-la eu mesma, repetidas vezes, sem parar…
"O motivo para eu não querer que você fosse vampiro não era por você não ser *especial* o bastante, era por você ser tão especial que merecia mais. Eu queria que você tivesse o que todos nós sentimos falta, uma vida humana. Mas você tem que saber, se fosse só por minha causa, se não houvesse preço para você pagar, esta noite seria a melhor da minha vida. Venho olhando a cara da eternidade há um século, e esta noite é a primeira vez em que me pareceu bonita. Por sua causa.
"Nunca mais pense que não quero você. Eu vou sempre querer você. Não mereço você, mas sempre vou amá-lo. Está claro?"
Era óbvio que ela estava sendo sincera. A verdade ecoava em cada palavra.
Um sorriso enorme se abriu no meu rosto novo.
— Então está tudo bem.
Ela também sorriu.
— Eu diria que sim.
— Essa era a coisa importante que eu queria dizer, só que eu amo você. Sempre vou amar. Soube disso desde o começo. Então, sendo assim que as coisas estão, acho que conseguimos resolver o resto.
Segurei o rosto dela nas mãos e me inclinei para beijá-la. Como todo o resto, isso era fácil agora. Nada com que me preocupar, nenhuma hesitação.
Mas foi estranho meu coração não sair batendo loucamente, o sangue não estar disparando nas minhas veias. Mas *alguma coisa* estava zumbindo por mim como eletricidade, cada nervo do meu corpo vivo. Mais do que vivo, como se todas as minhas células estivessem comemorando. Eu só queria segurá-la assim e não precisaria de mais nada pelos cem anos seguintes.

Mas ela se soltou, e estava rindo. Dessa vez, a gargalhada estava cheia de alegria. Parecia um canto.
— Como você está *fazendo* isso? — Ela riu. — Você devia ser um vampiro recém-nascido, mas aqui está, discutindo o futuro comigo calmamente, sorrindo para mim, me *beijando*! Você devia estar com sede e mais nada.
— Estou com um monte de outras coisas — falei. — Mas estou com bastante sede, agora que você tocou no assunto.
Ela se ergueu nas pontas dos pés e me beijou uma vez, intensamente.
— Eu te amo. Vamos caçar.
Corremos juntos na escuridão que não era escura, e não senti medo. Isso seria fácil, eu sabia, como todo o resto.

EPÍLOGO:
UM ACONTECIMENTO ESPECIAL

— TEM CERTEZA DE que foi uma boa ideia? — perguntou ela.
— Eu tinha que estar aqui.
— Me avise se for demais para você.
Eu assenti.
Estávamos trinta metros no alto, nos galhos de um abeto enorme, sentados lado a lado em um trecho grosso. Eu estava com o braço ao redor dela, e ela estava segurando minha outra mão com suas duas. Eu conseguia sentir os olhos dela no meu rosto. Preocupada.
O galho oscilou debaixo de nós no vento.
A três quilômetros, uma caravana de carros dirigia pela Calawah Way com todos os faróis acesos, apesar de ser dia. Estávamos a sudeste e na direção contrária do vento, posicionados com cuidado para não ficarmos perto de pessoas. Era longe para Edythe conseguir ouvir o que as pessoas estavam pensando, mas não havia problema. Eu tinha certeza de que era capaz de adivinhar boa parte.
O primeiro carro era o rabecão. Logo atrás estava a viatura da polícia, já bem familiar. Minha mãe estava no banco do passageiro e Phil, atrás. Reconheci quase todo mundo nos carros que vinham em seguida.
Eu não pude assistir ao velório, pois aconteceu dentro de uma igreja. A cerimônia do enterro teria que ser suficiente.
O rabecão era só teatro. Não havia corpo suficiente dentro da picape queimada para que fosse necessário usar um caixão. Se eu tivesse podido conversar com meus pais, teria dito para não desperdiçarem dinheiro e comprarem uma urna. Mas acho que, se os fazia sentir melhor… Talvez eles quisessem ter um túmulo para visitar.
Eu já tinha visto onde eles me colocariam, ou o que achavam que era eu. O buraco foi cavado no dia anterior, ao lado de vovô e vovó Swan. Os dois morreram quando eu era pequeno, então não os conheci bem. Eu torcia para que eles não se importassem de ter um estranho ao lado.
Eu não sabia o nome do estranho. Não quis saber todos os detalhes de como Archie e Eleanor forjaram minha morte. Eu só sabia que alguém mais ou menos do meu tamanho que tinha sido enterrado recentemente fez uma última viagem. Supus que todos os identificadores tinham sido destruídos: dentes, impressões digitais, etc. Eu me sentia mal pelo cara, mas achava que ele não devia se importar. Ele não sentiu nada quando a picape desviou para uma ravina em

algum lugar de Nevada e explodiu em chamas. A família dele já tinha passado pelo luto. Havia uma lápide com o nome dele. Como meus pais tinham agora.
Charlie e minha mãe ajudaram a carregar o caixão. Mesmo de longe, eu consegui ver que Charlie parecia vinte anos mais velho e minha mãe andava como se fosse sonâmbula. Se ela não tivesse o caixão para se segurar, não sei se conseguiria andar em linha reta pelo gramado do cemitério. Reconheci o vestido preto que ela estava usando, ela tinha comprado para uma festa formal e concluiu que a envelhecia, então acabou indo à festa de vermelho. Charlie estava com um terno que eu nunca tinha visto. Eu achava que era velho, e não novo, pois não parecia que abotoaria, e a gravata era larga demais.
Phil também ajudou, e Allen e o pai dele, o reverendo Weber. Jeremy estava atrás de Allen. Até Bonnie Black estava segurando uma das alças de metal enquanto Jules empurrava a cadeira.
No meio das pessoas, vi quase todo mundo que eu conhecia da escola. A maioria estava de preto, e muitas pessoas se abraçavam e choravam. Fiquei um pouco surpreso, eu não conhecia muitas delas muito bem. Achei que só estavam chorando porque era triste de um modo geral quando uma pessoa morria aos dezessete anos. Devia fazer com que pensassem na própria mortalidade e tudo isso.
Um grupo de pessoas se destacou: Carine, Earnest, Archie, Jessamine, Royal e Eleanor, todos de cinza-claro. Eles estavam mais eretos do que qualquer outra pessoa, e mesmo de longe a pele deles era diferente… ao menos aos olhos de um vampiro.
Tudo pareceu demorar muito tempo. Baixar o caixão, o reverendo fazer uma espécie de discurso (um sermão?), minha mãe e meu pai jogando uma flor no buraco depois do caixão, todo mundo formando a fila constrangida obrigatória para falar com meus pais. Eu queria que deixassem minha mãe ir embora. Ela estava apoiada em Phil, e eu sabia que precisava se deitar. Charlie estava se segurando melhor, mas parecia maltratado. Jules levou Bonnie até lá na cadeira de rodas até ela ficar atrás dele, um pouco para o lado. Bonnie esticou a mão e segurou a de Charlie. Pareceu ajudar um pouco. Isso colocou Jules em uma posição em que pude ver bem o rosto dela e desejei que não pudesse.
Carine e o resto dos Cullen estavam perto do fim da fila. Nós os vimos se aproximar lentamente da frente. Eles foram rápidos com minha mãe, pois não a conheciam. Archie levou uma cadeira para minha mãe se sentar, e Phil agradeceu; eu me perguntei se Archie tinha visto que ela cairia.
Carine passou mais tempo com Charlie. Eu sabia que estava pedindo desculpas pela ausência de Edythe, explicando que ela estava abalada demais para ir. Isso era mais do que uma desculpa para Edythe estar comigo hoje, era criar uma

história para o ano letivo seguinte, quando Edythe continuaria tão abalada que Earnest decidiria dar aulas em casa para ela.
Vi Bonnie e Jules irem embora enquanto Charlie ainda estava falando com Carine. Bonnie lançou um olhar sombrio para os Cullen, depois olhou de repente na minha direção.
É claro que ela não podia nos ver. Olhei ao redor, tentando entender para onde ela estava olhando. Percebi que Eleanor também estava nos olhando; ela não tinha dificuldade em nos encontrar e estava se esforçando para não sorrir; Eleanor nunca levava nada a sério. Bonnie devia ter se perguntando para onde Eleanor estava olhando.
Bonnie afastou o olhar em poucos segundos. Disse alguma coisa para Jules. Elas seguiram para o carro.
Os Cullen foram embora depois das Black. A fila foi terminando, e finalmente meus pais ficaram livres. Phil levou minha mãe embora logo; o reverendo deu uma carona para eles. Charlie ficou sozinho enquanto os funcionários da funerária enchiam o buraco. Ele não olhou. Ficou sentado na cadeira que minha mãe usou, olhando para o norte.
Senti meu rosto funcionando, tentando encontrar a expressão que acompanhava minha dor. Meus olhos estavam secos demais; pisquei por causa da sensação desconfortável. Quando respirei em seguida, o ar saiu da minha garganta como se eu estivesse engasgado.
Os braços de Edythe abraçaram bem minha cintura. Afundei o rosto no cabelo dela.
— Sinto muito, Beau. Eu nunca quis isso para você.
Eu só assenti.
Ficamos assim por muito tempo.
Ela me cutucou quando Charlie foi embora, para que eu pudesse vê-lo se afastar.
— Quer ir para casa? — perguntou ela.
— Talvez daqui a pouco.
— Tudo bem.
Ficamos olhando para o cemitério praticamente vazio. Estava começando a escurecer. Alguns funcionários estavam limpando as cadeiras e recolhendo o lixo. Um deles levou minha foto grande, a foto da escola do começo do primeiro ano, ainda em Phoenix. Nunca gostei muito daquela foto. Eu quase não reconhecia o garoto com olhos azuis inseguros e sorriso desanimado. Era difícil me lembrar de como era ser ele. Difícil imaginar como ele devia ter olhado para Edythe no começo.
— Você nunca quis isso para mim — falei, lentamente. — O que você queria? Como você via as coisas acontecendo, considerando o fato de que eu sempre

estaria apaixonado por você?
Ela suspirou.
— O melhor cenário possível? Eu esperava que… eu ficasse forte o bastante para podermos ficar juntos enquanto você era humano. Que pudéssemos ser… mais do que namorado e namorada. Um dia, se você não me esquecesse, mais do que marido e mulher. Não poderíamos envelhecer juntos, mas eu ficaria com você enquanto você envelhecesse. Eu ficaria com você por todos os anos da sua vida. — Ela hesitou por um segundo. — E então, quando sua vida acabasse… eu não quereria ficar sem você. Encontraria um jeito de ir atrás.
Ela pareceu levar um susto quando eu ri. Não foi uma gargalhada muito robusta, mas fiquei surpreso porque a sensação foi boa.
— Era uma ideia muito, muito horrível — falei para ela. — Você consegue imaginar? Quando as pessoas achassem que eu era seu pai? Seu *avô*? Eu provavelmente seria preso.
Ela sorriu com hesitação.
— Isso não teria me incomodado. E, se alguém prendesse você, eu o tiraria de lá.
— Mas você se casaria comigo? — perguntei. — De verdade?
Agora, ela deu um sorriso maior.
— Ainda vou. Archie viu.
Pisquei algumas vezes.
— Uau. Estou… superlisonjeado. Você realmente se casaria *comigo,* Edythe?
— Isso é um pedido?
Pensei por meio segundo.
— Claro. Claro que é. Quer?
Ela passou os braços ao redor de mim.
— Claro que quero. O que você quiser.
— Uau — repeti. Eu a abracei e beijei sua cabeça. — Mas acho que eu me sairia melhor com a outra versão.
Ela se inclinou para trás para me olhar, e seu rosto ficou triste de novo.
— Qualquer outro caminho também acabaria aqui.
— Mas teria sido possível haver… uma despedida melhor. — Eu não queria pensar nas minhas últimas palavras para Charlie, mas elas ficavam surgindo na minha mente. Era meu maior arrependimento. Eu estava feliz por a lembrança não ser intensa e só podia torcer para que desaparecesse com o tempo. — E se tivéssemos nos casado? Você sabe, nos formado juntos, passado alguns anos na faculdade e feito um casamento enorme em que convidássemos todo mundo que conhecemos? Deixaríamos que todos nos vissem felizes juntos. Faríamos discursos melosos, teríamos motivo para deixar que todos que amamos soubessem disso. Depois, ir embora de novo, para estudar em algum lugar

longe…
Ela suspirou.
— Parece ótimo. Mas você acaba com um enterro duplo no final.
— Talvez. Talvez ficássemos muito ocupados por um ano, e quando eu fosse um vampiro maduro e sob controle, pudesse vê-los novamente…
— Ceeeerto — disse ela, revirando os olhos. — Aí todos teríamos que nos preocupar com a história de não envelhecermos nunca… e sermos malvistos pelos Volturi. Tenho certeza de que *isso* terminaria bem.
— Tudo bem, tudo bem, você está certa. Não há outra versão.
— Me desculpe — disse ela baixinho de novo.
— Mas, de qualquer jeito, Edythe. Se eu não tivesse sido burro o bastante para fugir e me encontrar com aquela rastreadora. — Ela sibilou, mas continuei falando. — Isso só teria atrasado as coisas. Ainda acabaríamos aqui. *Você* é a vida que eu escolho.
Ela sorriu, devagar primeiro, mas de repente o sorriso ficou enorme e com covinhas.
— Parece que minha vida nunca teve sentido até eu encontrar você. Você é a vida que eu estava esperando.
Segurei o rosto dela com as mãos e beijei-a enquanto os galhos oscilavam embaixo de nós. Eu nunca poderia imaginar uma vida assim. Havia um preço alto a se pagar, mas era um preço que eu escolheria pagar mesmo que tivesse todo o tempo no mundo para considerar.
Nós dois sentimos quando o celular dela vibrou no bolso.
Achei que seria Eleanor, perguntando sarcasticamente se nos perdemos no caminho de volta, mas Edythe atendeu:
— Carine.
Ela escutou por um segundo e arregalou os olhos. Consegui ouvir a voz de Carine falando muito depressa do outro lado. Edythe pulou do galho ainda com o celular na mão.
— Estou indo — prometeu ela enquanto descia, diminuindo a velocidade da queda com um galho aqui e ali. Fui rapidamente atrás dela. Ela já estava correndo quando bati no chão e não me esperou alcançá-la.
Devia ser muito sério.
Eu saí correndo atrás, usando toda a força adicional que tinha por ser novo. Foi o bastante para mantê-la à vista enquanto corria na rota mais direta até em casa. Meus passos eram quase três vezes mais longos do que os dela, mas, ainda assim, correr atrás dela era como correr atrás de um raio.
Só quando estávamos perto de casa foi que ela me deixou alcançá-la.
— Tome cuidado — avisou ela. — Temos visita.

E saiu correndo de novo. Forcei-me ainda mais para conseguir alcançá-la. Eu não tinha uma percepção positiva de *visitantes*. Não queria que ela os encontrasse sem mim ao lado.
Consegui ouvir rosnados antes de chegarmos ao rio. Edythe manteve o salto baixo e reto até o gramado. As persianas de metal tinham sido fechadas na parede de vidro. Ela correu pelo lado sul da casa. Fiquei atrás dela o tempo todo.
Ela pulou a amurada e parou na varanda. Todos os Cullen estavam ali, encolhidos em um grupo defensivo. Carine estava alguns passos à frente de todos, embora eu conseguisse perceber que ninguém estava feliz de ela estar ali. Ela estava inclinada na direção dos degraus, olhando para a frente, com expressão de súplica no rosto. Edythe correu até o lado dela, e alguma coisa rosnou na escuridão na frente da casa.
Eu subi na varanda, e Eleanor puxou meu braço quando tentei ir até Edythe.
— Deixe que ela traduza — murmurou Eleanor.
Pronto para fugir das mãos dela, pois nem Eleanor era forte o bastante para me impedir enquanto eu era tão jovem, olhei para além de Carine para ver os vampiros que estávamos encarando. Não sei o que eu estava esperando. Um grupo grande, talvez, já que os Cullen pareciam tão na defensiva.
Eu não estava preparado para ver três *lobas* do tamanho de cavalos.
Elas não estavam rosnando agora, todas as cabeças enormes estavam erguidas e os focinhos apontavam para mim.
A que estava na frente, preta e maior do que as outras duas, embora elas fossem três vezes maiores do que eu sonhava que um lobo podia ser, deu um passo para a frente, exibindo os dentes.
— Sam — disse Edythe com intensidade. A cabeça da loba se virou para olhar para ela. — Vocês não têm o direito de estar aqui. Não rompemos o acordo.
A loba-monstra rosnou para ela.
— Elas não atacaram — disse Carine para Edythe. — Não sabem o que querem.
— Elas querem que a gente vá embora. Estavam tentando expulsar você.
— Mas *por quê*? — perguntou Carine.
As lobas pareciam estar ouvindo cada palavra com atenção. Podiam entender?
— Elas achavam que violamos o acordo, que matamos Beau.
A loba grande rosnou, um som longo e baixo. Parecia uma serra sendo arrastada em uma corrente.
— Mas… — começou Carine.
— Obviamente — respondeu Edythe antes que ela pudesse terminar. — Elas ainda acham que violamos o acordo, que escolhemos transformá-lo.
Carine olhou para as lobas.
— Posso jurar que não foi assim que aconteceu.

A que Edythe chamou de Sam continuou rosnando baixo. Filetes de saliva escorriam dos dentes expostos.
— Beau — murmurou Edythe. — Você pode contar? Elas não vão acreditar em nós.
Eu estava paralisado o tempo todo. Tentei afastar a surpresa enquanto ia para o lado de Edythe.
— Não estou entendendo. O que elas são? De que acordo vocês estão falando? — Sussurrei as palavras rapidamente, mas ficou óbvio pelas orelhas alertas e pelos olhos observadores das lobas que elas estavam ouvindo. Lobas que entendiam o que dizíamos? Eleanor disse que Edythe estava traduzindo. Ela falava lobês?
— Beau — disse Edythe com voz mais baixa. — Essas são as lobas quileute. Você se lembra da história?
— As… — Fiquei olhando para os animais enormes. — Elas são *lobisomens*?
A loba preta rosnou mais alto, mas a marrom-escura atrás deu uma bufada engraçada que quase pareceu uma gargalhada.
— Não exatamente — disse Edythe. — Muito tempo atrás, fizemos um acordo com outra líder de matilha. Elas pensam que o violamos. Você pode contar como foi transformado?
— Hã, tudo bem… — Olhei para a loba preta, que parecia estar no comando. — Eu, hã, sou Beau Swan…
— Ela sabe quem você é. Você já conheceu Sam, na praia em La Push.
Ela. As lembranças humanas enevoadas me distraíram por um segundo. Eu me lembrei da mulher alta em La Push. E de Jules dizendo que as lobas eram irmãs dela. Que a tataravó fez um acordo com os frios.
— Ah — falei.
— Apenas explique o que aconteceu.
— Certo. — Olhei para a loba de novo e tentei imaginar a mulher alta que tinha que estar lá dentro. — Hã, algumas semanas atrás, houve uma rastreadora, er, uma vampira rastreadora, que passou por aqui. Ela gostou do meu cheiro. Os Cullen a mandaram pular fora. Ela foi embora, mas Edythe sabia que ela estava planejando tentar me matar. Fui para Phoenix para me esconder até os Cullen poderem… Bem, cuidar dela, sabe. Mas a rastreadora me encontrou. Era um jogo para ela, um jogo com os Cullen, e eu era só um peão. Mas ela não queria só me matar. Ela… Acho que pode-se dizer que ficou brincando com a comida. Os Cullen me encontraram antes que ela me matasse, mas ela já tinha me mordido. Ei, ainda temos aquela fita de vídeo? — Olhei para Edythe, que estava olhando para as lobas. Ela balançou a cabeça. Eu me virei para Sam. — Que pena. A rastreadora filmou tudo. Eu poderia mostrar exatamente o que

aconteceu.
As lobas se olharam. Os olhos de Edythe estavam apertados enquanto ela se concentrava no que elas estavam pensando. De repente, a loba preta estava olhando para ela de novo.
— Isso é aceitável — disse Edythe. — Onde?
A loba preta bufou, e as três se afastaram da casa. Quando chegaram à beirada das árvores, viraram-se e correram para a floresta.
Os Cullen convergiram até Edythe.
— O que aconteceu? — perguntou Carine.
— Elas não sabem o que fazer — disse Edythe. — Pediram que elas acabassem com a gente. Sam é a verdadeira chefe da tribo, mas só em segredo. Ela não é descendente direta da cacique com quem fizemos o acordo. Elas querem que conversemos com a cacique atuante, a verdadeira tataraneta da última chefe-loba.
— Mas… não seria *Bonnie*? — comentei, arfando.
Edythe me olhou.
— Sim. Elas querem um encontro em um local neutro, para que Bonnie possa ver você e tomar uma decisão.
— Me *ver*? Mas não posso chegar tão perto…
— Pode, sim, Beau — disse Edythe. — Você é o recém-nascido mais racional que já vi.
— É verdade — concordou Carine. — Nunca vi ninguém se adaptar tão facilmente. Se eu não soubesse, diria que você tinha uma década de idade.
Não era que eu achasse que elas estavam mentindo, só achava que não entendia a magnitude do que estavam propondo.
— Mas é *Bonnie*. Ela é a melhor amiga do meu pai. E se eu a machucar?
— Nós estaremos lá — disse Eleanor. — Não vamos deixar você fazer nenhuma besteira.
— Na verdade… — disse Edythe.
Eleanor olhou para ela, chocada.
— Me pediram para levarmos a mesma quantidade que a matilha delas, só três. Já aceitei. Beau, eu, e a outra tem que ser Carine.
Ficou claro que Eleanor ficou magoada.
— Isso é seguro? — perguntou Earnest.
Edythe deu de ombros.
— Não é uma emboscada.
— Ou elas ainda não decidiram fazer uma emboscada. Ainda — disse Jessamine.
Ela estava de pé de forma protetora ao lado de Archie, e havia alguma coisa

errada com ele. Ele parecia meio atordoado.
— Archie? — chamei. Eu nunca o tinha visto parecer que… que estava perdido na situação e não à frente dela.
— Eu não as vi — sussurrou ele. — Não sabia que estavam vindo. Não consigo ver agora… não consigo ver esse encontro. É como se não existisse.
Consegui ver que isso era novidade só para mim. Os outros já tinham ouvido antes de chegarmos, e Edythe já tinha lido na mente dele.
— O que quer dizer? — perguntei.
— Nós não sabemos — respondeu Edythe rispidamente. — E não temos tempo para descobrir agora. Queremos estar lá quando elas chegarem. Não queremos que tenham a chance de mudar de ideia.
— Vai dar tudo certo — disse Carine para os outros, com os olhos em Earnest. — As lobas só estão tentando proteger as pessoas daqui. Elas são heroínas, não vilãs.
— Elas acham que *nós* somos vilãos — observou Royal. — Heroínas ou não, Carine, ainda temos que aceitar que são nossas inimigas.
— Não precisa ser assim — sussurrou Carine.
— E não importa esta noite — disse Edythe. — Esta noite, Beau precisa explicar a Bonnie, para que não tenhamos que fazer a escolha entre ir embora de Forks e gerar desconfianças ou lutar com três lobas que mal passaram da maioridade e que só estão tentando proteger a tribo.
— Archie não consegue ver se vocês vão estar em perigo — lembrou Jessamine.
— Vamos ficar bem. Bonnie não vai querer machucar Beau.
— Não sei se isso é verdade agora. E sei que ela não vai ter o menor problema em ver *você* ser ferida.
— Eu consigo ouvir as lobas muito bem. Elas não vão nos atacar de surpresa.
— Nos diga para onde ir — disse Eleanor. — Vamos ficar longe e só nos aproximaremos se você chamar.
— Eu prometi. Não há motivo para voltar atrás na minha palavra. Precisamos que elas vejam que podem confiar em nós, agora mais do que nunca. Não! — disse Edythe quando Jessamine aparentemente pensava em outro argumento. — Não temos tempo. Voltaremos logo.
Eleanor resmungou, mas Edythe a ignorou.
— Beau, Carine, vamos.
Eu saí correndo atrás dela, e consegui ouvir Carine fazendo a mesma coisa. Edythe não correu tão rápido dessa vez, e nós dois a alcançamos com facilidade.
— Você parece bem confiante — disse Carine para Edythe.
— Dei uma boa olhada na mente delas. Elas também não querem essa briga. Nós somos oito. Elas não sabem se vão vencer se houver luta física.

— Eu não posso. Não vou machucá-las.
— Não discordo disso. Mas causaria problemas se fôssemos embora agora.
— Eu sei.
Eu escutei, mas meus pensamentos estavam distantes, pensando em Bonnie e Charlie e o fato de que eu não devia chegar perto de humanos agora. Eu tinha ouvido bastante dos outros sobre os anos de recém-nascido, principalmente Jessamine, e não estava pronto para tentar ser a primeira exceção à regra. Claro, eu não tive dificuldade para absorver a maioria das coisas e todo mundo estava surpreso com o quanto… eu estava *calmo*, mas isso era diferente. Edythe tomou muito cuidado para garantir que eu nunca fosse testado quando chegasse à coisa mais importante, não matar ninguém. E, se eu fizesse besteira hoje, além de destruir o mundo do meu pai, pois ele precisava de uma amiga agora como nunca antes, eu também deflagraria uma espécie de guerra entre os Cullen e as lobisomens gigantes.
Eu nunca me senti desajeitado no novo corpo, mas de repente aquela sensação de desgraça iminente tomou conta de mim. Ali estava minha chance de fazer besteira de um modo espetacular.
Edythe nos guiou para nordeste. Atravessamos a estrada na parte em que virava para leste, na direção de Port Angeles, e continuamos para o norte por um curto intervalo de tempo, seguindo uma estrada menor. Edythe parou em um terreno baldio na lateral da estrada escura, uma área onde as árvores foram cortadas recentemente por madeireiros.
— Edythe, não sei se consigo fazer isso.
Ela segurou minha mão.
— Estamos a favor do vento. Carine e eu vamos tentar segurar você se alguma coisa acontecer. Só se lembre de não lutar conosco.
— E se eu não conseguir me controlar? E se eu machucar *você*?
— Não entre em pânico, Beau, sei que você vai conseguir. Prenda a respiração. Saia correndo para longe se ficar ruim.
— Mas, Edythe…
Ela colocou o dedo nos lábios e seguiu para o sul.
Não demorou para um par de faróis aparecer.
Eu estava esperando que o carro passasse. Afinal, as lobas nem caberiam no pequeno sedã. Mas só parou não muito longe de onde estávamos esperando, e percebi que Bonnie estava dentro, com outra pessoa no banco do motorista.
De repente, duas das lobas apareceram, vindas da floresta do outro lado da rua. Elas se separaram para ficar de cada lado do carro; pareceu um gesto de proteção. A mulher no banco do motorista saiu e foi até Bonnie. Eu sabia que não era Sam, embora o cabelo também estivesse curto. Fiquei olhando para ela,

me perguntando se a tinha conhecido na praia também, mas ela não era familiar. Como Sam, ela era alta e parecia forte.
Ficou claro que ela não só parecia forte. Ela pegou Bonnie nos braços e carregou-a como se a mulher mais velha não pesasse nada. Um pouco parecido com a forma como os Cullen me jogaram de um lado para o outro, como se eu fosse um travesseiro de penas. Talvez as lobas (porque obviamente aquela era a loba cinza que não estava com as outras duas do trio) também fossem mais fortes do que os humanos normais.
Sam e a loba marrom-escuro vieram na frente enquanto a mulher alta carregava Bonnie. Sam parou a trinta metros de onde estávamos.
— Não consigo ver tão bem quanto vocês — disse Bonnie secamente. Sam andou mais dez metros.
— Oi, Bonnie — disse Carine.
— Não consigo ver, Paula — reclamou Bonnie de novo. A voz dela soou rouca e fraca para mim; eu só vinha ouvindo vampiros havia quase um mês. O bando de metade lobas e metade mulheres andou lentamente até ficarem a dez metros de nós. Prendi a respiração, apesar de o vento fraco ainda estar soprando de trás de mim.
— Carine Cullen — disse Bonnie friamente. — Eu devia ter juntado as peças antes. Só quando vi você no enterro foi que percebi o que tinha acontecido.
— Mas você estava enganada — disse Edythe.
— É o que Sam diz — respondeu Bonnie. — Não sei se ela está certa.
Bonnie desviou o olhar para mim, e ela tremeu.
— Só temos a palavra de Beau e a nossa. Você vai acreditar em alguma delas? — perguntou Edythe.
Bonnie limpou a garganta, mas não respondeu.
— Por favor — disse Carine, e a voz dela estava bem mais gentil do que a das outras. — Nós nunca fizemos mal a ninguém aqui. Não vamos começar agora. Seria melhor para nós não irmos embora imediatamente, senão iríamos sem discutir.
— Vocês não querem parecer culpados — concordou Bonnie com sarcasmo.
— Não, nós preferimos não — disse Carine. — E, na verdade, nós não violamos o acordo.
Bonnie olhou para mim.
— Então onde está Beau? Você espera que eu acredite que ele está dentro daquela coisa que tem uma leve semelhança com ele? — A mágoa estava forte na voz dela, mas o ódio também. Fiquei surpreso pela reação dela. Eu estava mesmo tão diferente? Como se *eu* não estivesse aqui?
— Bonnie, sou eu — falei.

Ela fez uma careta ao ouvir minha voz.
Eu estava sem ar. Segurei a mão de Edythe e respirei de leve. Ainda com o vento ao meu favor, foi tranquilo.
— Sei que pareço e soo meio diferente, mas ainda sou *eu*, Bonnie.
— É o que você diz.
Eu levantei a mão livre com impotência.
— Não sei como convencer você. O que falei para Sam era verdade, outra vampira me mordeu. Ela teria me matado, mas os Cullen chegaram lá a tempo. Eles não fizeram nada de errado. Sempre tentaram me proteger.
— Se eles não tivessem se metido com você, isso nunca teria acontecido! A vida de Charlie não estaria em pedacinhos, você ainda seria o garoto que conheci.
Eu já tivera essa discussão e estava preparado.
— Bonnie, tem uma coisa que você não sabe sobre mim… eu tinha um cheiro *muito* bom para vampiros.
Ela se encolheu.
— Se os Cullen não estivessem aqui, aqueles outros vampiros ainda teriam vindo para Forks. Talvez tivessem matado mais gente do que eu enquanto estivessem aqui, mas posso jurar que, se Charlie tivesse sobrevivido, estaria sentindo minha falta do mesmo jeito agora. E não haveria sobrado nada do garoto que você conhecia. Você pode não conseguir ver, mas eu ainda estou aqui, Bonnie.
Bonnie balançou a cabeça, mas com menos raiva, ao que pareceu. Com mais tristeza. Ela olhou para Carine.
— Vou concordar que o acordo continua intacto. Você pode me dizer seus planos?
— Vamos ficar aqui mais um ano. Vamos embora depois que Edythe e Archie se formarem. Vai parecer natural assim.
Bonnie assentiu.
— Tudo bem. Vamos esperar. Peço desculpas por nossa infração esta noite. Eu… — Ela suspirou. — Foi um erro. Fiquei… transtornada.
— Nós entendemos — disse Carine delicadamente. — Não houve mal nenhum. Talvez até tenha sido bom. É melhor nos entendermos o máximo possível. Talvez até possamos conversar de novo um dia…
— O acordo não foi violado — disse Bonnie com voz dura. — Não peça mais de nós.
Carine assentiu uma vez.
Bonnie olhou para mim de novo e seu rosto se transformou em tristeza.
A brisa mudou de direção.
Edythe e Carine seguraram meus braços ao mesmo tempo. Bonnie arregalou os

olhos, depois os apertou com raiva. Sam rosnou uma vez.
— O que vocês estão fazendo com ele? — perguntou Bonnie.
— Protegendo *você* — disse Edythe com rispidez.
O lobo marrom-escuro deu um passo à frente.
Eu respirei rapidamente e me preparei para sair correndo se fosse ruim.
Foi ruim.
O aroma de Bonnie foi como fogo descendo pela minha garganta, mas foi mais do que apenas dor. Foi mil vezes mais atraente do que qualquer um dos animais que eu tinha caçado, não ficava nem no mesmo nível. Era como alguém exibindo um filé mignon perfeitamente preparado na minha frente depois de eu passar um ano só comendo biscoito velho. Só que mais do que isso. Eu nunca tinha experimentado drogas, mas achei que a comparação de Edythe com heroína podia ser a versão mais próxima.
Mas, ao mesmo tempo que eu queria saciar minha sede… e muito… eu soube na mesma hora que não *precisava*. Eu não queria chegar mais perto dela, não, tinha certeza de que conseguiria segurar mesmo se precisasse. Eu achava que, quando essa coisa de recém-nascido viesse com tudo, eu não conseguiria pensar nem decidir. Que não seria mais uma pessoa, que seria um animal.
Eu ainda era eu. Um eu com muita sede, mas eu.
Só demorei meio segundo para entender isso tudo.
— Não, não se preocupe, Bonnie — falei rapidamente. — Sou novo nisso, e elas não querem que eu… me descontrole, sabe? Mas estou bem.
Edythe tirou lentamente a mão do meu braço. Carine olhou para mim com o rosto meio… impressionado.
Os olhos de Bonnie ainda estavam apertados, mas consegui ver que ela também estava confusa. Talvez não esperasse que eu agisse tanto como eu mesmo. Decidi tirar vantagem da oportunidade inesperada. Respirei novamente, e apesar de continuar doendo do mesmo jeito, eu soube que ficaria bem.
— Então parece que não vou ter chance de falar com você de novo — eu disse.
— E lamento que seja assim. Acho que não entendo todas as regras ainda. Mas, como vocês estão aqui, se eu pudesse pedir um favor…
O rosto dela ficou tenso de novo.
— O quê?
— Meu pai. — Minha respiração deu aquela travada esquisita de novo, e precisei de um segundo para continuar. Edythe colocou a mão nas minhas costas, mas foi para me consolar dessa vez. — Por favor, você pode… cuidar dele? Não deixe que fique muito sozinho. Eu nunca quis fazer isso com ele… nem com a minha mãe. É a parte mais difícil de tudo. Para mim, está tudo bem. Estou bem. Se houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer para melhorar as coisas para

eles, eu faria, mas não posso. Você cuida dele para mim?
O rosto de Bonnie ficou vazio por um minuto. Não consegui lê-lo. Eu queria conseguir ouvi-la como Edythe ouvia.
— Eu teria feito isso de qualquer jeito — disse Bonnie.
— Eu sei. Mas não pude deixar de pedir. Você acha… que pode me avisar se houver alguma coisa que *eu* possa fazer algum dia? Você sabe, de longe?
Ela assentiu lentamente.
— Acho que pode haver um pouco de Beau ainda aí dentro.
Eu suspirei. Ela não ia acreditar se eu contasse que eu estava aqui por inteiro, mas só havia mais coisa por cima.
— Tem algo mais que eu possa fazer por você?
Parei por um décimo de segundo, surpreso com a oferta. Consegui ver que Edythe e Carine também estavam surpresas. Mas *havia* uma coisa que eu queria.
— Você… — comecei. — Você vai contar para Jules sobre isso? — Eu olhei para as lobas enormes ao lado de Bonnie. — Ou vai sempre ser segredo?
Não entendi o olhar que surgiu no rosto dela.
— Jules vai saber em pouco tempo.
— Ah. Tudo bem. Bom, se ela puder saber sobre mim, você pode dizer que estou feliz? Não é tão ruim essa coisa de vampiro.
Bonnie tremeu.
— Vou dizer o que você falou.
— Obrigado, Bonnie.
Ela assentiu, olhou para a garota alta que a estava carregando e indicou com o queixo o caminho pelo qual elas tinham se aproximado.
Quando elas se viraram, vi uma lágrima escapar pelo canto do olho dela. As lobas também se afastaram de nós.
Eu esperava que não fosse a última vez que eu veria Bonnie. Torcia para que, quando Jules soubesse do segredo, eu também pudesse vê-la. Ou pelo menos falar com ela de novo. Esperava que talvez um dia as lobas vissem que os Cullen também eram heróis.
O carro de Bonnie se afastou. As lobas sumiram em meio às árvores. Esperei até Edythe terminar de ouvir a partida delas.
— Me conte tudo — falei.
Ela sorriu.
— Conto quando chegarmos em casa, para eu não ter que repetir. Houve muita coisa. — Ela balançou a cabeça como se estivesse impressionada.
Nós saímos correndo. Não tão rápido quanto antes.
— Nossa. Lobisomens de verdade. Esse mundo é mais esquisito do que eu achava — comentei.

— Concordo — disse Edythe.
— Isso mesmo, você achava que não existiam mais lobisomens. Isso deve ter sido um choque.
— Elas não foram a coisa mais chocante que vi hoje.
Olhei para ela e depois para Carine. Carine sorriu como se tivesse sido uma piada.
— Eu sabia que você era especial, Beau, mas aquilo foi impressionante. Jessamine não vai acreditar.
— Ah. Mas… — Eu fiquei olhando para ela. — Você disse que sabia que eu conseguiria.
Ela riu.
— Bem, eu tinha certeza de que o vento não mudaria de direção.
Carine riu e trocou um olhar com Edythe. Ela acelerou enquanto Edythe passou a ir mais devagar. Em um segundo, estávamos sozinhos.
Acompanhei o ritmo de Edythe e parei quando ela parou. Ela colocou as mãos dos dois lados do meu rosto.
— Foi um longo dia. Um dia difícil. Mas quero que saiba que você é extraordinário e eu te amo.
Puxei-a para bem perto de mim.
— Posso encarar qualquer coisa desde que você esteja comigo.
Ela passou os braços pelo meu pescoço.
— Então vou ficar aqui.
— Para sempre — falei.
— Para sempre — concordou ela.
Eu me inclinei até meus lábios encontrarem os dela.
O para sempre ia ser incrível.

POSFÁCIO

AQUI ESTAMOS DE novo, gentil leitor.

Sei que é muito esperar que você leia um prefácio e um posfácio, mas tem algumas coisas que eu queria dizer e que não podia incluir no começo sem estragar a diversão da leitura.

Obviamente, eu trapaceei. Não segui a história original na conclusão dessa minha experiência de trocar os gêneros, e não lamento. Foi empolgante, e adorei escrever um final alternativo.

Mas quero dizer rapidamente que o fato de Beau se tornar vampiro não teve nada a ver com o fato de ele ser garoto e não garota. Essa mudança também não quer dizer que seja esse o final que eu prefiro nem que eu ache que o original estava "errado". Esse sempre foi o grande *e se?*, e eu queria ver qual seria a *sensação* se *Crepúsculo* tivesse sido o fim da história. Se, como Beau, Bella tivesse saído do aeroporto cinco minutos antes.

Há muita felicidade na união de Beau e Edythe, em tirar a barreira que os separava mais cedo. Mas também há grande tristeza. Como humana, Bella teve que aguentar bem mais sofrimento do que Beau, mas, no final, sei que ela diria que valeu a pena. Beau vai ficar bem, mais do que bem, vai ser feliz, mas sempre terá um grande arrependimento. Bella pôde colocar a casa em ordem e está confiante que ficou com a melhor versão da história.

E esse é o final de Beau e Edythe. Você pode imaginar o resto, quando, onde e como eles se casaram… o que Victor poderá tentar para se vingar… o que Beau e Jules vão dizer um para o outro quando se reencontrarem… se Beau e Royal vão se tornar amigos… se os Volturi liderados por Sulpicia são uma organização mais benigna e menos corrupta (*eu* acho que sim)…

Espero que você tenha gostado de ter essa visão diferente de *Crepúsculo,* que não é tão diferente assim (exceto pelo final, pelo qual não peço desculpas).

Mais uma vez, agradeço por tudo que você foi para mim nos últimos dez anos.

Obrigada!
Stephenie

P.S. Não fiz uma playlist para este livro como costumo fazer porque as músicas que estou ouvindo agora não existiam em 2005, quando a história começa, e pareceram não combinar. Mas, se você estiver interessado na "trilha sonora" que está na minha cabeça para este livro, ela é basicamente formada pelos discos: *Royal Blood*, de Royal Blood, *Seeds*, de TV on the Radio, e *2.0*, de Big Data.

Table of Contents

Vida e Morte
PRÓLOGO
1. À PRIMEIRA VISTA
2. LIVRO ABERTO
3. FENÔMENO
4. CONVITES
5. TIPO SANGUÍNEO
6. HISTÓRIAS DE TERROR
7. PESADELO
8. PORT ANGELES
9. TEORIA
10. INTERROGAÇÕES
11. COMPLICAÇÕES
12. OSCILANDO
13. CONFISSÕES
14. A MENTE DOMINA A MATÉRIA
15. OS CULLEN
16. CARINE
17. O JOGO
18. A CAÇADA
19. DESPEDIDAS
20. IMPACIÊNCIA
21. TELEFONEMA
22. ESCONDE-ESCONDE
23. A ESCOLHA
24. MUDANÇA
EPÍLOGO: UM ACONTECIMENTO ESPECIAL